

Ana Vitola

Reticência...



Prólogo

Beatriz observou o seu reflexo no espelho do provador e reparou nas lágrimas grossas que escorriam pelas suas bochechas vermelhas. Alisou o vestido branco, impecável e perfeito, no seu corpo esguio, e tentou se acalmar.

Isto era só uma fase, pensou silenciosamente. Nada mais do que nervosismo pré-casamento. Faltava pouco mais de um mês para ela subir ao altar da igreja principal da cidade, ao qual estaria lotada e algumas cadeiras extras seriam colocadas para comportar todo os convidados.

Ela suspirou enquanto se encarava. Limpou, bruscamente, as lágrimas como se fosse uma menina mimada que não tinha ganhado o que queria e havia ficado brava. Tentou sorrir, mas não conseguiu o efeito esperado e mesmo assim virou-se para a sair do provador, onde a esperavam.

— Bia! — As sogra foi a primeira a se aproximar. — Tu está linda.

Beatriz agradeceu com um sorriso falso e focou-se na sua mãe, emocionada.

— Minha filha está uma princesa — disse a senhora, tocando-lhe o braço delicadamente e também com lágrimas nos olhos, mas diferente da filha, estas eram de emoção. — Eu sabia que tu iria ficar linda no vestido, mas não imaginava que seria tanto assim.

Realmente a sua mãe estava emocionada. E qual mãe não ficaria ao ver a sua única filha vestida de noiva?

As lágrimas de Beatriz voltaram com força total e as acompanhantes atribuíram a emoção de estar com o vestido pronto e perfeito. Champanhe chegou depois de um pedido para a sogra e a alegria tomou conta do lugar por completo.

Ao voltar para casa, Beatriz estava silenciosa no carro junto com a mãe e o seu pai, que também não resistiu à tentação de espiar a filha vestida de noiva. Realmente, Beatriz parecia uma princesa. E como tal, às vezes pensava que todos a sua volta sabiam mais da sua própria vida do que ela.

Havia conhecido Thiago no ensino médio. Ele era duas classes mais adiantada e arrancava sorrisos por onde passava. Já ela ficou completamente derretida pelo seu jeito cortês e delicado de tratar todos igualmente. Foi uma surpresa inesperadamente boa quando ele a chamou para sair, ir a uma lanchonete local e comer alguma coisa enquanto conversavam.

O namoro não demorou muito para engatar. E logo ficou sério. A mãe de Bia sempre foi muito cautelosa e conversava com a filha a importância daquela decisão adolescente. Seu pai estava otimista, Thiago vinha de uma família conhecida e respeitada da cidade, seu avô havia sido prefeito da cidade e seu pai um ótimo vereador. Uma família de posses e prestígio. Nada poderia ser mais perfeito para Beatriz do que isso que ela estava vivendo.

A única pessoa da cidade inteira que não gostava de Thiago era a sua melhor amiga, quase irmã, Liana. Gostar era uma palavra forte, Liana tinha uma birra interminável com o noivo da melhor amiga. Coisa do tempo de escola, onde Thiago implicava com Ricardo, um dos irmãos de Liana. Uma coisa boba, insignificante e de criança, Thiago dizia e ainda ria da situação. Mesmo depois de tanto tempo juntos, Bia ainda escutava Liana reclamando de seu noivo todas vezes que as duas se viam. Beatriz relevava. Amava o noivo e a melhor amiga, simplesmente não poderia

tomar um lado daquela situação.

Amar Thiago era fácil. Extremamente atraente e com um charme inconfundível, ele a tratava como uma rainha. Sua rainha. Moraram juntos quando estudaram na faculdade, ela farmácia e bioquímica e ele ciências políticas, no grande apartamento da família de Thiago. Era um pedaço de paraíso na Terra, por assim dizer. E sem contar a economia nos bolsos dos pais de Bia, que arcaram com muito suor a faculdade da filha.

Voltaram para casa logo depois que se formaram. E rapidamente marcaram a data do casamento. A mãe de Thiago tomou a frente de toda a organização da cerimônia, junto com uma cerimonialista da cidade e todas as decisões antes mesmo de Bia se acostumar com a ideia de que iria se casar. Sua mãe e ela ficaram apenas com a tarefa de escolherem o vestido, e mesmo assim a sogra se meteu e optou por outro modelo. Tudo tinha que estar perfeito, sem nenhuma coisa fora do lugar ou que não combinasse com a decoração.

Beatriz sempre teve vontade de se casar. Era o seu momento de princesa e sonhava com ele desde que começou a entender o que aquele dia significava. E quando chegou a sua vez, suas ideias foram descartadas sem direito a uma única coisa ao seu gosto. E isso a incomodava.

Era claro que ela falou com Thiago sobre a intromissão exageradamente da sogra no casamento deles. Seu noivo apenas a beijou delicadamente e disse que iria falar com a mãe. Semanas depois, na reunião com a cerimonialista, novamente foi deixada de escanteio, tanto que saiu para ir ao banheiro e ficou caminhando pelo jardim da casa dos sogros. Sua ausência nem foi notada.

Estava cansada de tudo aquilo. Ainda mais depois da última noite onde ela e Thiago estavam conversando sobre as suas respectivas carreiras. Thiago já tinha um plano em frente e executando-o conforme o planejado. Já era assessor de um deputado estadual influente, fazendo seu nome para as próximas eleições da cidade, onde o partido o lançaria como candidato à prefeitura da cidade. Thiago Gasperine, o mais novo e jovem prefeito da pequena cidade.

Já Beatriz queria continuar a vida acadêmica, fazer a pós-graduação e quem sabe um mestrado? Queria focar no seu aprendizado e se tudo desse certo, um dia repassaria ele a pessoas que estivessem na faculdade. Um sonho alto e especialmente caro.

— Aulas? — Thiago deixou a sua taça de vinho em cima da mesa enquanto eles jantavam. — Minha futura esposa uma professora universitária? — Soou com deboche e um certo riso no final. — Não, Bia, tu será a primeira dama da cidade. A perfeita para o cargo.

Thiago, charmoso como sempre, pegou a mão da noiva por cima da mesa e a beijou, sem tirar os olhos dos dela.

Bia ficou estarelecida com a resposta do noivo. Ainda mais na parte “perfeita para o cargo”. Era assim que Thiago via o relacionamento deles? Uma simples escolha de quem era melhor para o cargo de futura primeira dama da pequena cidade que eles moravam?

E sua carreira, aquela que ela sabia que os pais haviam se esforçado ao máximo para verem a filha formada foi por água abaixo?

— Mas e a minha formação? — Questionou ela ainda abismada.

— É ótimo ter uma formação acadêmica no currículo, Bia. Quando eu ganhar as eleições

posso te colocar em algum cargo específico, dizendo que minha querida esposa é capacitada engajada no nosso plano de governo. — Ele deu os ombros. — Tudo interligado, meu amor.

A fome de Bia cessou instantaneamente. Ela desculpou-se momentos depois e retirou—se da mesa. Aquilo tinha sido intenso e altamente questionador para ela. Será que a sua vida era apenas um papel representativo de primeira dama ao lado de Thiago? Bia era jovem, tinha toda a vida ativa pela frente, simplesmente não se via em cima de um palanque e sendo a esposa perfeita para o marido candidato.

Thiago leva a sua vida política muito a sério. Às vezes, ela pensava que o noivo estava pensando em concorrer para presidente da república e não da cidade em que nasceram. Eram inúmeros eventos, milhares de apertos de mãos e Bia sempre ao seu lado, impecável e calada. Apenas sorrindo e agradecendo a hospitalidade e pelo honrado convite para tal evento.

Seu auge foi quando foram a um evento no CTG da cidade. Um local onde Bia havia passado inúmeros dias ensaiando com a internada infantil e juvenil. Era quase como a sua segunda casa que ela teve que abandonar quando começou a faculdade e mudou-se com Thiago para a capital. Era claro que ela estava animada para ir a um evento no CTG. Era como voltar aos velhos tempos e relembrar todos os bons momentos que viveu ali com Liana, Ricardo, seu par dos treze aos dezessete, e a vez que ambos ganharam como o principal par de prenda e peão do estado. Sem contar os prêmios da internada, onde os participantes eram recebidos em cima do caminhão de bombeiros e saudado por todos os moradores que se aglomeravam na rua principal da cidade.

Vestiu o seu melhor vestido de prenda, com ajuda de Liana e a cunhada dela, Fernanda, arrumaram os cabelos e se maquiaram. Estava se sentindo bem mais bonita do que no seu próprio vestido de noiva naquela ocasião. E tudo foi em vão. Assim que Thiago e seus sogros a viram trajada à rigor, fizeram Beatriz se arrumar novamente.

— Somos convidados importantes, Bia. — Sua sogra falou firmemente. — Não podemos nos vestir assim e aparecer lá desse jeito. — Apontou para o vestido de prenda rosa com o decote coração e bordado com flores brancas.

Bia teve que subir as escadas engolindo o seu choro e mudado a roupa para calças sociais, sapato de salto e um terninho justo. Sentia-se completamente deslocada e nenhum pouco ela mesma naquelas roupas. Por aquela reação dos sogros, sabia que seria mais uma noite tediosa e sem graça. Ela queria dançar as músicas que estavam tocando, sentir o movimento do vestido que estava usando se esvoaçar pelo salão e ter alguém a sua altura para acompanhá-la na dança. Thiago tinha dois pés esquerdos e o sogro dois direitos. Ficou a noite toda sentada, ouvindo a sogra falar de todas as pessoas presentes, inclusive da família Chiarelli, a família de Liana, e de como Sérgio, seu irmão mais velho, havia colocado a sua vida fora ao assumir o filho da empregada como seu.

Aquilo doeu o seu estômago. Conhecia Sérgio antes mesmo de caminhar e sabia que o amor que ele sentia por Fernanda e Inácio, seu filho, era maior que todos. Os dois eram exemplos a serem seguidos por todos os casais. Era um amor como o deles que ela queria para si mesma.

Foi salva por um Chiarelli, avulso que falavam de sua família naquele momento. Ricardo apareceu, cumprimentou a família Gasperine com educação e estendeu a mão para Beatriz enquanto olhava para Thiago.

— Desculpa, Thiago, mas eu não posso resistir à tentação de tirar a Bia para dançar, principalmente vendo que ela está sentada aqui há um bom tempo. Conheço ela e sei como a Bia adora um baile.

Thiago abriu um sorriso político, como Bia chamava. Falso e completamente convincente e disse que não havia problemas em ceder a noiva para uma dança por alguns minutos. Desde que ela voltasse sã e salva, acrescentou com tom de brincadeira para Ricardo. Bia não esperou outra frase ser dita, colocou a sua mão na de Ricardo e foi para o meio do salão.

Dançou com Ricardo como eles sempre faziam. Espetacularmente bem. Não precisavam falar nada, apenas deixar que a música tradicionalista embalasse os dois. Faziam isso sem perceber e esquecendo-se dos outros pares ao redor.

Dançaram na sequência várias músicas e quando se despediram, Ricardo falou.

— Alguma chance de voltar para a internada adulta e ser meu par? Dançar chula é bom, mas nada comparado a isso.

Beatriz sorriu. Lembrou-se da paixão aguda que sofrera por Ricardo até Thiago aparecer na sua vida. O seu primeiro amor, como ela gostava de dizer para irritar Liana.

— Quem sabe um dia. — Disse por fim para não o decepcionar, pois sabia que Ricardo era sensível e volta e meia tinha crises depressivas horríveis a ponto de querer tirar a própria vida. — E com certeza, se eu voltar seria para fazer par contigo. Não existe outra opção para mim.

Ricardo sorriu, nada comparado ao modo falso e feito para agradar todas as pessoas as conquistando de vez. Ricardo não era assim, se não gostava de certa pessoa ou fato, simplesmente se afastava. Queria Bia ter esta capacidade que ele adquiriu depois de anos de terapia intensiva.

Voltou para sua mesa mais leve. A dança sempre a deixava assim, feliz e sentindo-se um pouco mais livre. Passou o resto da noite sentada no mesmo lugar, apenas sorrindo e agradecendo. Sendo a noiva perfeita para futuramente virar apenas a esposa troféu de Thiago.

O carro chegou na garagem de casa logo depois de Bia se despedir de Thiago pelo telefone dizendo que estava com dor de cabeça e que iria passar o resto da noite em casa. Não conseguiria ver o noivo aquele dia.

Entrou, tomou um banho e quando saiu do banheiro vestindo aquele pijama velho e reconfortante, levou um susto ao ver Liana deitada na sua cama e com os olhos vermelhos de chorar. Deveria ter acontecido alguma coisa muito grave para encontrar a amiga naquele estado. Liana era a pessoa mais dura e forte que Bia já tinha conhecido.

— Acabou. — Disse a amiga limpando as lágrimas. — Eu e o Richard...

— Li... — Bia abraçou a amiga fortemente. O relacionamento deles era quase perfeito. Namoraram desde o primeiro ano de faculdade de Liana até agora depois de formada. — O que aconteceu?

Liana saiu do abraço da amiga e limpou suas lágrimas.

— Ele conseguiu a bolsa no exterior para a especialização em pediatria cirúrgica. O Richard estava indeciso e quase não aceitando, mas é o sonho dele. Eu não posso pedir para ele

ficar. Não poderia fazer isso com a sua carreira e com tudo que ele se esforçou até agora. Ele vai depois que conseguir o passaporte e o visto, vai ficar um longo tempo longe.

— Vai dar tudo certo, Li.

— Eu sei, estou há tanto tempo com ele que me acostumei com a comodidade e sinto que o meu amor por ele é mais de amigo do que um casal mesmo. Estou mais triste por ficar longe dele do que realmente o namorado.

Bia e Liana deitaram na cama e começaram a conversar.

Realmente era o que Beatriz precisava escutar naquele momento. Sabia que depois que a amiga saísse de sua casa, sua vida também mudaria por completo.

Capítulo 1

Beatriz tocou a campainha da casa de Liana e logo escutou os passos acelerados de Inácio.

— Bia! — O menino sorriu e Beatriz teve o mesmo baque de sempre ao ver ele daquele tamanho. Realmente o tempo estava passando rápido demais!

— Oi, Inácio! Como tu está bonito todo pilchado. — Elogiou a vestimenta dele. — A tia Li está em casa?

— Inácio, quantas vezes a gente já te disse para ti não abrir a porta sem olhar antes? — Ricardo desceu as escadas correndo ainda fechando os botões da sua camisa branca e o lenço vermelho desamarrado no pescoço. Ele também estava trajado à rigor.

— Mas é a Bia. — O menino sorriu para o tio. — Para ela eu posso abrir a porta.

Ricardo tentou ralar com o afilhado, mas como sempre não conseguiu. Olhou para Bia e suspirou.

— Tudo certo, pode deixar que da próxima vez eu abro a porta, ok? Agora vai lá ver o que o teu pai e o tio Richard estão fazendo.

Inácio não precisou escutar duas vezes antes de sair correndo com as botas batendo no chão em alto som.

— Às vezes eu ainda me lembro de segurar ele no colo e eu e a Li apanhando para trocar as fraldas dele.

— Bons tempos aqueles — Ricardo concordou. — Agora ele passa o dia correndo pelo pátio, caindo de bicicleta e conversando.

— E aí, Kado? Como anda as coisas? Meus parabéns pelo emprego na faculdade. Ou agora tenho que te chamar de professor Ricardo?

Completamente sem jeito Ricardo sorriu, se prestasse mais a atenção, Bia veria que as bochechas dele assumiram um tom a mais.

— Sem essa de professor, por favor. Obrigado, eu não esperava o convite e muito menos antes de acabar o doutorado. Ainda falta um ano. E tu, — rapidamente ele mudou de assunto, pois não gostava quando o foco ficava somente nele. — Duas semanas?

Sim, duas semanas para o tão esperado casamento de Beatriz e Thiago. Se Ricardo não gostava de ser o alvo das conversas, Bia estava pegando receio em responder as inúmeras questões sobre o casamento do ano daquela cidade. Cada vez que ela pensava, era como se uma ânsia subisse a sua garganta a sufocando.

— Sim. Nem posso acreditar. — Respondeu de um modo que para Ricardo soou como felicidade e para ela o início do engasgo.

— Que ótimo! Não sabia que ia com a gente para o baile de hoje?

— Que baile?

Ricardo franziu o cenho como se a resposta fosse bem óbvia, já que ele e Inácio estava pilchados.

— Tem baile hoje? — Bia questionou percebendo que estava completamente por fora do calendário de eventos do CTG. Se fosse anos atrás teria todos eles em seu calendário da agenda e ainda contaria os dias para que a data chegasse.

Acostuma-te, Beatriz. Em duas semanas esses eventos no CTG serão banidos da tua vida por completo. Apenas comparecerá em época de eleição e Thiago for obrigado a participar para se mostrar um cidadão que se orgulha das tradições da sua terra.

— Esqueci completamente. — Admitiu. — Vim aqui conversar com a Li um pouco, mas eu volto outro dia. Ela deve estar se arrumando e...

— Capaz! — Ricardo a interrompeu. — Está ela e a Fernanda se arrumando, com certeza não vão se importar por ter companhia, até porque eu, o mano e o Richard vamos ter que sentar e esperar as duas mesmo.

A Liana não tinha terminado com o Richard?, questionou-se. Era esse o motivo da visita, ver como a amiga estava. E vendo que estava mais desatualizada do que imaginava, aceitou a sugestão de Ricardo e entrou na casa.

— Bia, será que eu poderia te pedir um favor? Se não for te incomodar, claro. — Ele apontou para o lenço na volta do pescoço.

Beatriz sorriu. Dançou durante anos com Ricardo, inúmeras apresentações, viagens para outras cidades, estados e país para se apresentarem e a história continuava a mesma. Ricardo não sabia dar um nó decente no seu laço.

Ela se aproximou dele, ficou na ponta dos pés, já que ele era mais alto que ela e com a maestria e rapidez de sempre, fez o nó perfeito e ajustou o colarinho da camisa.

— Pronto. Algumas coisas nunca mudam.

— Obrigado, Bia. É um saco ficar pedindo para alguém, o mano e a Li ficam tirando com a minha cara sobre isso.

— Sem problemas, quando precisar de algum nó é só me chamar.

— Por pouco tempo. — Adicionou Ricardo. — Em duas semanas eu perco a minha companheira de invernada para o Thiago.

Bia quase tonteou a escutar aquilo, mas disfarçou com um sorriso ansioso.

Tu está pronta, Beatriz, para perder tudo aquilo que gostava e se tornar a esposa exemplar de Thiago, com a pretensão de ser a futura primeira dama da cidade?

O som de algo caindo preencheu o silêncio de um segundo, mas que pareceu uma hora para Bia. Ela acordou do seu sonho e Ricardo baixou a cabeça.

— Bia, tu sabe onde é o quarto da Li, vou ter que lá ver o que o Inácio derrubou e rezar para que ele não esteja todo sujo. A Fernanda mataria qualquer um de nós quatro aqui de baixo se ele fizer alguma coisa.

— Tudo bem, Kado. Até mais....

Beatriz subiu as escadas e bateu na porta de Liana, nem dando tempo de se anunciar, já tinha visto Liana em todos os estados que poderia se imaginar e, pelo que Ricardo disse, Richard

estava no andar de baixo.

— Bia! — Liana quase pulou na amiga e a sufocou em um abraço.

— Oi, Li. Oi, Fernanda.

— Oi Bia, vai com a gente para o baile hoje também? — Fernanda a cumprimentou.

— Não, só passei aqui para dar um oi e...

— Vamos Bia! — Liana a atropelou. — Uma despedida de solteira! Já que não teve um chá de panela, uma despedida de solteira vai ter!

Bia abriu a boca para responder e lembrou do desastre que foi quando perguntou para a sogra sobre o chá de panela para a casa nova e sua despedida de solteira. Ambas negadas e ainda desdenhada com gosto pela mãe de Thiago.

— Chá de panela para quê? — Ela respondeu. — A casa de Thiago já tem tudo e isso é tão coisa de pobre.... E despedida de solteira é coisa de gente sem classe. Não é o teu caso, minha querida.

Só que Bia queria os dois, ou pelo menos um! Um dia, tarde ou noite com as amigas de infância, escola e faculdade. Nem que fosse no meio da praça para colocarem o papo fora e comerem algumas besteiras que a própria Bia e sua mãe fariam sem reclamar. Mas não. Novamente ela foi cortada dos próprios sonhos. E ela não ia chorar por isso na frente da amiga e de sua cunhada enquanto elas se arrumavam para um baile.

— Não tenho vestido limpo, tem um para me emprestar, Li?

Os olhos da amiga chegaram a brilhar intensamente com a resposta de Bia.

— É claro que temos — Fernanda foi até o guarda roupa de Liana e tirou um vestido vermelho com branco. — A Li pediu para lavarem dois porque ela ainda estava em dúvida. Espero que goste.

— É perfeito. — Bia tocou no tecido e sorriu.

— Agora é colocar a mão na massa. — Liana sorriu de forma maliciosa para a amiga e Bia respondeu o sorriso no mesmo tom.

Ela iria ter a sua despedida de solteira ao lado da melhor amiga. E nem Thiago e a sua mãe, e suas regras estúpidas a impediriam.

O trio começou a trabalhar, um pouco uma ajudava a outra e quando terminaram estavam lindas. O vestido vermelho de Liana serviu como uma luva de Beatriz. O cabelo trançado e direcionado para o ombro direito era uma especialidade de Fernanda nos anos em que acompanhava as meninas em todos os ensaios e apresentações, não poderia ficar de fora.

Saíram em dois carros, um das meninas e outro dos meninos. Sérgio, Fernanda sempre saíam mais cedo, geralmente com o Inácio caindo de sono no colo do pai de tanto correr pelo salão e brincando com as outras crianças na rua. Já Ricardo, Bia, Liana e Richard voltariam mais tarde, geralmente Liana era a última a sair, quando o pessoal da limpeza estavam já varrendo o salão.

Chegaram já com a música alta. Uma curiosidade sobre os bailes em CTG é que são de

luzes acesas. Nada de escuro e pessoas se esbarrando. Mesas ao redor do local de dança para as famílias se acomodarem, conversarem e muitos ainda levam um baralho de carteados, ou até mesmo de truco.

Bia respirou aquele ar tão nostálgico e instantaneamente sentiu-se em casa. Sentaram-se em uma mesa ótima, no meio do salão, bem em frente ao pessoal, que dançavam.

— Vamos abrir os trabalhos. — Richard comentou. — Uma rodada de cerveja, vinho e dois refrigerantes.

— Sim, vamos lá. — Sérgio e Richard saíram.

Outra música começou e Fernanda foi obrigada a tirar Ricardo para dançar, já que adorava a melodia, deixando assim Bia e Li sozinhas na mesa, já que Inácio deveria estar correndo pelo lado de fora com algum colega.

— E então... — Bia olhou para a amiga. — Tu e o Richard voltaram?

Liana ainda estava observando o movimento e vendo quem eram os conhecidos do ambiente.

— Não. Mas o mano e a Fernanda adotaram ele. E o Richard adotou eles também. E como ele já pediu o afastamento do hospital, vai ficar até o dia do embarque ali em casa. Nós somos a única família que ele tem e já consideramos ele dela também. Não vai ser essa mudança que vai acabar com isso.

— Ah, que legal. — Bia sorriu sabendo de toda a história de Richard e Liana.

— Mas é claro que ele ainda está dormindo no meu quarto e às vezes a gente esquece que estamos separados. — A amiga da os ombros. — São anos juntos e é cômodo, sabe? Ele ali, eu também e quando vemos estamos juntos de novo.

Li esticou o olhar até Richard na copa, pegando as bebidas e suspirou.

— Ele é um ótimo cara, mas não é “o” cara. Talvez esse tempo entre nós possa iluminar algumas coisas. Como a Fernanda e o mano disseram. Ainda somos novos demais para algumas coisas e essa é a chance dele de ser cirurgião pediátrico, com formação no exterior! Não é que nem eu que vou fazer a minha em Porto Alegre algumas vezes por mês. Se fosse isso a gente tentaria a distância e funcionaria bem. Mais fácil cair um meteoro na Terra do que o Richard me trair.

— Claro. — O peito de Bia se apertou.

Ver a amiga assim, tão firme da sua escolha lhe fez ver como sua situação era precária. Um curso na sua área seria como a de Liana, apenas algumas vezes por mês e a pouco menos de duas horas de distância. Não era uma especialização em outro país e a chance da sua vida.

Era o mínimo dos mínimos.

Thiago estava sendo radical demais. Não era justo e muito menos aceitável deixar ele comandar a sua vida daquela forma. Bia era inteligente, esperta e versátil. Conseguiria ir das calças jeans e tênis aos saltos altos e vestidos em menos de dez minutos. Poderia ser uma estudante a “futura” primeira dama da cidade.

Ela daria conta e Thiago teria que aceitar isso. De uma forma ou outra.

— E falando em especialização, está ocupada amanhã?

— Não. — Bia olhou para a amiga.

— Está afim de ir comigo até Poa para eu me matricular no curso de ortodontia? Vai ser rápido, e se quisermos podemos dar uma passada no cinema ou fazer alguma coisa juntas.

— Claro!

Beatriz sorriu e bem na hora as bebidas chegaram. Agradeceu a Richard pelo copo descartável com vinho e Liana pegou o dela e ainda ganhou um pastel gigante, daqueles que faz as pessoas salivarem só de verem. Ela não perdeu tempo em correr para o balcão e pegar um para ela também.

Capítulo 2

— Liana, me escuta, ok? — Ricardo impediu a irmã de entrar no carro ficando na frente da porta. Ele era alguns centímetros maior que ela e mais pesado. — Meu carro novo, um arranhão, amassado ou qualquer avaria e tu vai arrumar.

— Sai da minha frente, Ricardo! — Liana empurrou o irmão que nem se mexeu.

Bia assistia a mais uma briga épica entre os dois. Os anos nunca passavam quando se tratava de algum problema entre Ricardo e Liana.

— Estou avisando, e a Bia está de testemunha.

— Ok, agora pode sair para eu entrar? — E continuava a empurrar o irmão.

— Será que nem quando vocês vão se separar por algumas horas conseguem ficar sem brigar? — Fernanda apareceu para colocar cada um deles no seu lugar. — Qual o problema da vez? E sem rodeios que eu tenho mais o que fazer do que apartar briga dos dois.

Ela olhou séria para eles que recuaram. Fernanda era a única pessoa no mundo que conseguia fazer com que os dois parassem de brigar pelos cantos. Chegou naquela casa como a empregada, encarregada de organizar a casa e evitar que os dois se matassem, ganhou tanto o afeto deles que Sérgio não resistiu ao seu encanto e os dois se apaixonaram perdidamente.

— Só estou dando alguns recados para a Li sobre o meu carro. — Ricardo se defendeu e deu um passo liberando a porta para que a irmã entrasse. — Ele é novo e a Li estabana, não quero que ele chegue aqui amassado ou arranhando.

— Eu não comprei carteira, Ricardo!

— Teoricamente comprou sim, já que pagou por ela. — Bia supriu um sorriso, para não irritar a amiga e Liana revirou os olhos.

— Li, tu amassou o carro do Sérgio com menos de um mês de uso. Teu irmão quase te deserdou por isso. Te comporta com o do Kado, ok? Agora vão de uma vez e cuidem-se na estrada. Liguem quando chegarem.

As duas entraram no carro depois das recomendações e Liana saiu irritada de casa. Levou alguns minutos para ela conseguir voltar a si e começar a conversar com Bia.

— Deu coincidência que me ligaram antes de eu sair de casa, avisando que o meu diploma já está lá para eu pegar. — Comentou Bia. — E que eles querem conversar comigo sobre alguma coisa.

— Que ótimo! — Li ultrapassou um carro e Bia quase se segurou no banco. — Já vai aproveitar a viagem. Mas falando sério, o que está acontecendo contigo?

Bia olhou para a amiga que continuava a dirigir compenetrada.

— Como assim? — Disfarçou — Eu estou ótima.

— Ah, sim e eu não te conheço desde que nasci. Casar é teu sonho, Bia e não te vejo nenhum pouco radiante como tu sempre ficava quando falava disso.

— Está tudo bem. — Mentiu e Liana desdenhou, daquela forma que Bia era acostumada a

escutar e sabia que quando a amiga fazia isso significava que enquanto não ouvisse tudo não sossejava.

Liana era sua melhor e única amiga. Já que a sua sogra e noivo não faziam questão de se misturarem demais e cultivavam sempre as mesmas amizades. Bia conhecia as irmãs de amigos de Thiago, namoradas de primos e não conseguia criar laço com nenhuma delas.

— Às vezes eu me pergunto se estou fazendo a coisa certa. — Admitiu por fim. — Eu amo o Thiago, com todo o meu coração, mas....

— Ai, Bia... Esses “mas” são a pior coisa do mundo.

— Eu não sei o que fazer, ele quer que eu seja um tipo de pessoa que eu não sei se quero e se vou conseguir ser. Mulher perfeita, de um marido perfeito de uma família impecável. Esposa exemplar e cidadã correta. Com regras de etiqueta, ficar ociosa enquanto ele trabalha, cuidando da casa e estando ao lado dele como uma esposa modelo.

Bia teve que conter as lágrimas. Realmente não queria fazer aquele escândalo todo. Isso era só nervosismo pré-casamento, imaginava. Assim que entrasse na igreja e visse Thiago no altar a esperando, tudo iria passar.

Recompondo-se rapidamente, Bia respirou fundo pensando que Liana iria ficar novamente quieta e prestando atenção na estrada a sua frente.

— Bia, isso é complicado. — A amiga voltou a falar, para o desespero de Bia. — Todas essas dúvidas e regras. É um pouco insano, principalmente o que se refere àquela família. Tu sabe que eu nunca fui com a cara do Thiago. E coloco junto a família dele.

Liana estava sendo delicada, já que não ir com a cara do Thiago era eufemismo perto do que ela realmente sentia. Tanto que ela e Bia ficaram algumas semanas sem se falar quando o relacionamento dos dois começou. E também a recíproca era a mesma, Thiago não gostava de Liana e de sua família.

— E se o que ele está te pedindo é demais, pede um tempo para pensar. Eu sei que está em cima do laço, mas é mais válido atrasar o casamento do que forçar a alguma coisa que tu não queira e depois tu te arrepender.

— Não vou pedir um tempo. Principalmente agora, a mãe dele me mataria e pegaria mal para a publicidade do Thiago.

— Olha bem o que tu está falando, Bia! — Liana falava sem tirar os olhos da estrada. — A mãe dele vai te matar e não pegaria bem para a publicidade dele? Que merda é essa? Eles que se ralem com reputação e o Thiago que enfie a publicidade dele no meio do...

— Já entendi!

— Mas é verdade. As únicas coisas que importam é a tua segurança, certeza e felicidade. Nada menos do que isso.

Bia assentiu.

— Se tu quiser, eu mesmo vou lá e falo com a megera e com o engomadinho. Faço eles fugirem de casa em dois segundos.

— Ah, eu sei que tu faria isso mesmo, mas não precisa. Acho que é um nervosismo normal

pré-casamento. — Tentou Bia aliviar a tensão no ar.

— Será? Lembra do casamento do mano com a Fernanda, que nós duas estávamos na volta dela o tempo todo enchendo o saco?

— Sim.

— E de como ela estava radiante e certa do que estava fazendo?

— Sim... — Novamente Bia repetiu a palavra com a voz não muito alta que um sussurro.

— Acho que se tu quisesse mesmo casar estaria do mesmo jeito dela. Todas as mulheres deveriam se sentir como a Fernanda é o mínimo que a pessoa deveria ficar quando estiver prestes a se casar. Eu quero estar assim se um dia essa data chegar. E também espero que tu esteja, Bia.

— Eu vou estar, Li.

— Mas e se não estiver? E perceber isso depois de estar arrumada e com tudo pronto?

Bia não respondeu, ficou em silêncio, deixando o ambiente com o ar da dúvida dela tomando conta.

— Me promete isso, juramento de irmãs e tu sabe que não pode quebrar ele.

Liana tirou uma das mãos do volante e fechou a sua mão, deixando o minguinho de fora e esperando a promessa de Bia. Bia revirou os olhos, mas acabou cedendo e entrelaçando o seu mindinho no dela.

— Somos irmãs de sangue e se tu quebrar a promessa a gente morre.

— A gente não tem mais onze anos, Liana. — Lembrou Bia.

— E agora tu vai querer quebrar a promessa para ver se está certa ou não? Até hoje ela funcionou superbem, acho bom não arriscar. Vai que acontece alguma tragédia...

— Cala a boca, Li. Presta a atenção na estrada e vamos mudar de assunto!

As duas começaram a conversar e a rir dentro do carro como sempre faziam.

Chegaram à faculdade antes do meio dia. Entraram pelos corredores sentindo falta dos dias que passaram reclamando das aulas. Isso era um fato que todas as pessoas compartilhavam. Passam tempos reclamando de aulas, atividades e qualquer outra coisa aparentemente comum, mas no momento em que as perdem a reclamação vira saudade.

Foram até a secretaria onde Liana se inscreveria na especialização em ortodontia e Bia pegaria o teu sonhado, suado e batalhado diploma.

Seus pais não eram ricos como os de Thiago e nem com uma boa fonte de renda como a família de Liana tinha com o mercado em que seu irmão mais velho comandava, mas nem por isso os seus pais deixaram de dar uma ótima educação para a filha. Apesar do grande alívio em não se preocuparem com acomodações, pagar a mensalidade em dia era uma batalha diária, mas que foi vencida com louvor.

Bia tinha orgulho daquele pedaço de papel que dizia a sua formação com tanta glória e satisfação. Era uma conquista tanto para ela e para os seus pais, já que nenhum tem formação superior.

— Beatriz — a secretária entregou o diploma retirando antes um papel anexado com um simples cliques.

Bia assinou o protocolo de retirada e sorriu para a atendente.

— Tuas ótimas notas renderam um bom desconto em uma pós graduação na tua área. Gostaria de ver os disponíveis?

Beatriz olhou abismada para a atendente. Seria esse o sinal que estava faltando para que ela continuasse os seus estudos? Respondeu que sim para a funcionária e a primeira opção de curso era exatamente a que ela queria cursar.

Escutou o que a secretária dizia sobre os procedimentos e como funcionava as aulas. Admirou-se com as facilidades que a esperavam e contou com um pouco de sorte por ter todos os documentos necessários para fazer a inscrição naquela mesma hora.

Sairia de lá matriculada e pronta para enfrentar Thiago e sua família se eles ficassem contra a sua escolha de ter uma vida diferente da que eles levavam.

Eles teriam de entender.

Capítulo 3

Bia abriu a porta da casa de Thiago, também sua futura casa e o encontrou na cozinha jantando sozinho, acompanhando de uma garrafa de vinho, já com a metade do conteúdo bebido.

— Oi. — Ela se aproximou do noivo e o beijou de leve, não recebendo a mesma animação que deu.

— Finalmente lembrou o caminho de casa, Beatriz.

— Eu avisei que iria a Porto Alegre com a Li e que quando chegaria viria direto para cá. Estou doida por um banho e morta de fome, o que tem para jantar?

Ela estava eufórica. Havia tomado a sua decisão e estava certa de que nada iria atrapalhar o seu sonho de continuar a estudar. Melhor do que uma futura primeira dama graduada é uma com pós-graduação em uma área e quem sabe mais para frente com um mestrado? Daria mais prestígio e credibilidade.

— Só tinha comida para mim. — Respondeu mal-humorado.

— Sem problemas — ela sorriu — me viro com o que encontrar na geladeira.

Deu as costas para Thiago e abriu o eletrodoméstico para ver o que encontrava. Geralmente a geladeira dele era bem recheada e com várias opções saudáveis para um lanche no meio da noite.

Beatriz foi surpreendida quando Thiago apareceu ao lado dela e fechou a geladeira com uma força excessiva, fazendo com que algumas coisas até caíssem lá dentro.

— O que é isso, Thiago? — Assustou-se imaginando que alguma coisa havia acontecido com ele. Um engasgo forte ou até mesmo uma dor repentina que o fez perder o equilíbrio e se jogar em cima da geladeira para obter sua ajuda.

E quando foi tocar nele, Thiago segurou o seu pulso fortemente a fazendo sentir um pouco de dor.

— O que é isso? — Falou ironicamente. — Isso é a minha noiva chegando em casa depois de uma noite e um dia fora de casa!

— Tu está me machucando, Thiago! — Gemeu Bia.

— Aonde tu estava, Bia? Me responde!

— Já disse que em Poa com a Li, e ontem eu fui para a casa dela e fomos ao baile no CTG! Me solta, Thiago.

Empurrando Bia em cima da mesa, fazendo com que ela batesse em uma das cadeiras e se machucasse, Thiago a soltou. Enfurecido caminhou em direção dela, que foi até a parede e a encurralou.

— Então é assim? Dias antes do nosso casamento tu some e vai vadiar? Como vai ser depois, eu vou chegar em casa e encontrar um amante te comendo na nossa cama?

— Tu está bêbado, Thiago! Quando tu curar esse porre a gente conversa melhor.

Bia estava assustada demais. Sentiu o cheiro de vinho em Thiago e sabia que aquilo só poderia ser o álcool falando por ele. Iria para casa, dormiria lá e amanhã voltaria para encontrar Thiago de ressaca e com uma tremenda dor de cabeça.

— Tu não vai sair daqui, está me ouvindo? — Ele empurrou os ombros dela até a parede e se aproximou mais ainda. — Cheguei hoje no trabalho e era o assunto da repartição. A minha amada noiva estava em um baile naquele antro de putas e vestida como uma. Dançou com todos os machos da cidade e ainda não satisfeita passou o dia longe de casa. Só saiu quando te deram um cansaço, foi?

Beatriz começou a chorar. Todas aquelas mentiras que estava escutando de Thiago, mais a dor que estava sentindo no pulso e onde havia batido na mesa estavam sendo duras demais.

Ela não havia feito nada de errado. O CTG era um ambiente completamente familiar e cultural. Nenhuma ação desonrosa era feita sobre o teto do galpão. Os regimentos que o patrão do CTG empunhava eram claras e diretas. Não entravam peões e prendas a não serem vestidos à rigor e mesmo assim sem chapeis ou qualquer tipo de facas. Quem dirá comportamentos inapropriados para um ambiente como aquele. As leis eram respeitadas e seguidas naquele lugar.

— Não foi nada disso. — Ela soluçava. — Foi só um baile, dancei com o Ricardo, Sérgio e o Richard. Que eu conheço desde sempre e o namorado da minha melhor amiga. — Se justificou.

— Ah claro, — Thiago a soltou e eu um passo para trás. — Era óbvio que a família degenerada da cidade estava por trás disso. O corno que a esposa engravidou de outro e ele assumiu, o retardado suicida e o médico idiota. Pessoas maravilhosas para tu te misturar.

— Eles são ótimas pessoas, Thiago. E são meus amigos.

— Eram, meu amor. — Thiago colocou o dedo no rosto dela e gritou. — No momento em que tu se casar comigo nunca mais, NUNCA MAIS, — gritou exageradamente — vai ver essa gentinha.

Bia se encolheu no canto em que estava encurralada e se deixou levar pelas lágrimas de desespero. Thiago estava fora de controle e, pela primeira vez na vida, ela temeu pela sua vida.

— Era com ele que tu estava me traindo, não era? — Thiago olhava para a noiva enrolada, sentada no chão se abraçando. — Com o maluco do Ricardo. Por isso passou o dia fora, estava montada nele ou ele montado em ti.

Bia chorava e se abraçava para se proteger, mas nem isso foi suficiente para o chute que recebeu em uma das pernas.

— Eu não te trai, Thiago. — Choramingou sentindo a coxa doer fortemente. — Estava em Poa com a Li, fui buscar meu diploma que está ali dentro da minha bolsa e me inscrever na pós —graduação.

Recebeu outro chute mais forte.

— Que história é essa? O QUE EU DISSE SOBRE ESTUDAR? É uma forma de se encontrar com ele para treparem, é isso?

Recebeu mais um chute forte e bateu com a cabeça no chão. As lágrimas não escorriam mais, Beatriz só queria que a dor acabasse, de uma forma ou de outra. Nem que para isso sua

vida se acabasse por completo.

Mas não desmaiou antes de ver Thiago escancarando sua bolsa, pegando o seu diploma e o rasgando em milhares de pedaços....

Acordou alguns minutos depois. Seu corpo inteiro parecia quebrado em inúmeros pedaços. Com muita dificuldade conseguiu sentar no chão e situar o que havia acontecido.

Suas lágrimas começaram a brotar instantaneamente ao lembrar os minutos de tortura que sofreu nas mãos de Thiago. Seu noivo. Ao qual estaria se casando em pouco menos de duas semanas.

Cambaleou, se arrastando pelo chão da cozinha e conseguiu se apoiar na parede para conseguir se levantar. O medo com que Thiago aparecesse falava mais alto do que todas as dores que ela sentia. Encontrou a chave do carro em que veio em cima da bancada e ao passar pela sala, percebeu que Thiago estava atirado no sofá, felizmente dormindo. Teve que usar um pouco do seu instinto de sobrevivência para que fizesse aquela pequena travessia em silêncio evitando que ele acordasse e não voltasse para acabar com a sua vida de uma vez. Com uma força hercúlea chegou até a saída e abriu a porta do carro.

Sentada em frente ao volante, deixou seu mundo desabar por completo. Gritou e chorou as suas dores, físicas e emocionais até sentir a garganta doer.

Como ela havia se metido nessa roubada? Como Thiago poderia ter mudando tanto nos últimos meses?!

Ele não era assim. Um pouco ciumento, mas o aceitável! Nada de exagerado e sempre acabava em um tom de brincadeira. Bebia um pouco, aliás, ela também gostava de exagerar ao lado dele e sempre acabavam os dois rindo e com o desejo à flor da pele. Nada de brigas, xingamentos e muito menos agressão.

Aquele era um Thiago diferente de todas as facetas que ele poderia ter. E isso a assustou bastante.

Beatriz poderia ser nova, mas não era burra. Conhecia as histórias, sabia que se deixasse e perdoasse Thiago, aquilo poderia durar para sempre. Ou acabar morta nas mãos dele.

Conhecia alguns casos reais em uma palestra na faculdade sobre o tema. Tudo começava com uma agressão simples, as desculpas e a promessa viriam logo em seguida. Entrando em um ciclo sem fim e doloroso. Ela não queria isso para ela. E nem para a sua pior inimiga do mundo. Sonhava com um casamento feliz, filhos e muito amor.

Com muita dor, conseguiu colocar o carro em movimento, dirigiu sem imaginar como, já que a sua cabeça estava entrando em choque com a realidade que Thiago havia lhe preparado. Lembrou das palavras de Liana, fazendo com que promettesse em ser feliz. E nesse momento ela percebeu que nunca mais poderia ser feliz ao lado de Thiago, ainda mais com a dúvida, desconfiança e o medo de apanhar outra vez.

Isso não seria um casamento, seria uma prisão para Bia. Automaticamente tirou a aliança de noivado do dedo e deixou cair no chão do carro. Era a coisa certa a se fazer.

Não haveria mais casamento.

Beatriz nunca mais iria querer ver Thiago na sua frente. Não aceitarias desculpas e qualquer outra coisa que viesse dele. Simplesmente era inaceitável aquele comportamento por motivo nenhum. E se um dia eles brigassem por uma coisa que realmente aconteceu? Como ela sairia de casa? Dentro de um caixão?

O medo a perseguiu em todo o trajeto estranho que ela fazia no carro. Olhava para os retrovisores com medo de que ele aparecesse do nada e a tirasse a força de dentro do automóvel. Beatriz nunca havia apanhado na vida, sempre fora uma criança levada, mas não ao ponto de apanhar dos pais e a única vez que se machucou foi quando caiu na educação física e torceu o pulso. A dor que estava sentindo era uma novidade amarga e ela não queria sentir isso nunca mais na sua vida.

Estacionou o carro no meio fio e caminhou em direção à uma porta. A única que ela precisava bater naquele momento. Tocou a campainha e rezou para que alguém estivesse em casa. Precisava de um ombro amigo naquele momento, pois eles saberiam como agir.

Não queria chegar em casa daquele jeito. Seus pais teriam um ataque do coração ao verem a única filha espancada daquela forma brutal pelo próprio noivo. Seria demais para eles e Bia não queria que eles soubessem dos fatos em primeira mão, não antes dela se recompor e conseguir conversar com alguém que a apoiasse incondicionalmente.

E também havia a família de Thiago e ele próprio. Beatriz não queria ter contato nenhum com aquela gente. Nem com Thiago, sua mãe, seu pai ou qualquer pessoa que viesse diminuir o fato para o bem deles. A sua segunda família saberia intermediar os lados e saberiam como agir nesse momento.

A porta finalmente abriu e Ricardo apareceu nela timidamente.

Beatriz tentou falar alguma coisa em meio as suas lágrimas, mas novamente as forças se esvaíram do seu corpo danificado. Sentiu a visão escurecer e o corpo cair. O impacto esperado foi parado pelos braços de Ricardo enquanto ele chamava por ajuda.

O mundo de Beatriz escureceu e ela não sabia se queria voltar novamente para ele algum dia.

Capítulo 4

Ricardo não teve muito tempo de agir para segurar Beatriz de uma forma melhor. Gritou por ajuda e Richard foi o primeiro a aparecer. Assustado com o fato de Bia ter desmaiado em seus braços, nem escutou o ex-cunhado perguntar o que aconteceu pela primeira vez.

Ajudou Richard a carregar Bia até a sala e só assim, depois de chegada de Liana e Fernanda é que Ricardo voltou ao seu estado normal e ouvindo as pessoas a sua volta.

— O que aconteceu, Kado? — Fernanda perguntou delicadamente enquanto Liana fazia uma esparro sem fim ao lado de Richard.

— Não sei. Só abri a porta e quando disse oi ela caiu e foi o quanto eu a segurei para não se machucar no chão.

— E fez o certo. — Fernanda tentou sorrir, mas não conseguia.

Conhecia Bia desde os seus treze anos e a considerava da família também e estava preocupada com o que havia acontecido.

Por sorte é que Richard não havia saído com Sérgio e Inácio para buscarem alguma coisa para jantarem no mercado. Era médico pediatra, rumo ao exterior para uma especialização em cirurgia na sua área, e não era preciso chamar ele duas vezes para atender qualquer paciente que fosse, indiferente da idade.

— O que aconteceu, Richard? — Liana incomodava na sua volta enquanto ele checava os sinais vitais de Bia e até mesmo a reação da sua pupila que ele fazia com a sua sombra.

— Não sei. Mas isso está estranho. — Ele notou o lábio cortado, a marca de sangue na blusa e também o pulso arroxeadado. — Parece que ela foi espancada.

— Ou assaltada. — Ricardo disse e apontou para a mão de Bia. — A aliança de noivado está faltando.

— Meu Deus! — Liana foi a primeira voltando-se para Ricardo.

Os dois entendiam o que um assalto poderia acarretar, foi em um malsucedido que seus pais haviam morrido. Liana tinha oito anos na época e Ricardo onze, sendo ele uma testemunha do massacre.

— E aqui também está bem machucado, — Richard continuou a falar tocando a cabeça de Bia. — Acho que a batida desencadeou o desmaio.

— Levamos ela para o hospital? Ligamos para o Thiago, seus pais e... — Fernanda foi interrompida quando Bia gemeu e abriu os olhos lentamente.

— Bia. É o Richard, o que aconteceu contigo? — O jovem médico ainda segurava a cabeça de Bia, para dar mais firmeza e ainda analisava os ferimentos que ele descobria aos poucos.

Bia sabia que estava salva. Abriu os olhos, esperou tudo se focar na sua frente e percebeu que estava no único lugar que ficaria segura. Na casa de Liana e com a sua família.

— Quem foi que fez isso em ti, Bia? — Fernanda se aproximou dela e, como uma mãe, afastou os seus cabelos do rosto.

— O Thiago.... — Bia tentou ser forte, mas não conseguiu. Tudo estava desmoronando na sua volta.

— QUEM? — Liana gritou para toda a quadra ouvir. — Foi o Thiago? Eu vou lá bater nele agora mesmo.

Ela deu meia volta e saiu correndo da sala em direção ao pátio para pegar um carro e ir atrás do covarde do Thiago. Quem ele pensava que era para bater na sua melhor amiga daquela forma?

Liana nunca se enganava na vida, principalmente se o que estava em questão era o caráter de uma pessoa. E desde sempre havia avisado a amiga que Thiago não era flor que se cheirasse. Infelizmente ela estava certa e agora iria bater tanto nele que o mandaria direto para o hospital.

Ninguém tocaria um fio de cabelo de Beatriz e sairia impune, não quando Liana Chiarelli colocava na cabeça que iria matar aquele infeliz. A não ser se Ricardo a alcançasse e a barrasse.

— Liana, espera! — Ele a alcançou e a segurou pelo braço.

— Minha raiva está contida para o Thiago, Kado. Não quero desperdiçar ela em ti.

— Todos nós estamos com raiva — Ricardo acrescentou. — Minha vontade de ir lá e bater nele não é menor que a tua, mas antes de fazermos isso temos que cuidar da Bia. A Fernanda foi ligar para o mano e ele vai chegar aqui em qualquer momento, o Sérgio vai saber como agir, ele não tem a cabeça quente como tu e sabe mais sobre isso do que nós.

Liana ainda lutou com o irmão por alguns minutos até perceber que naquela história toda quem interessava era Beatriz. Ela ainda teria muito tempo para acertar as suas contas com Thiago.

Voltaram para dentro e encontraram Bia abraçada em Fernanda e chorando.

— Tu fez certo, Bia — Fernanda a consolava nos seus braços enquanto Richard buscava um pouco de gelo para as contusões. — Fez bem ter vindo para cá. Nós vamos cuidar de ti e isso não vai mais acontecer.

O coração de Fernanda estava em frangalhos. Gostava de Bia como se ela fosse sua filha também e vê-la daquela forma era duro demais.

— Ele me acusou de estar o traindo.... — Bia soluçava. — Eu nunca faria uma coisa dessa...

— A gente sabe, Bia. O errado foi ele e agora vai ter de pagar pelo que fez.

Ricardo observava tudo em silêncio enquanto Liana tomava o outro lado de Bia para ampará-la. Ele não sabia o que fazer, estava parado em um canto da sala observando as três e o ex-cunhado cuidando dos ferimentos.

Ele poderia tomar e ir até a casa de Thiago cobrar satisfações do cafajeste por ter feito aquilo com a sua amiga, mas Ricardo tinha medo. O medo dele era mais antigo que o relacionamento de Bia e Thiago. Fora Thiago um dos quantos que atormentou sua adolescência na escola. Ele mesmo já havia apanhado de Thiago algumas vezes e sempre ficara calado.

Ricardo, para quem o conhecia de perto, sabia de todos os problemas que ele tinha. Sua vida era marcada pelo assalto onde perdeu os dois pais, ele estava presente e viu a execução de ambos. A pouca idade e a imaturidade psicológica fizeram com que sua vida fosse diferente

desde então. Nunca conseguiu superar aquilo totalmente, ainda tinha dias que se culpava completamente pelo episódio que tinha acontecido. E isso ainda pesava na sua vida.

Aos dezesseis anos teve a primeira tentativa de suicídio, ao qual carrega a cicatriz no pulso com muita dor e a lembrança da batalha dura que travava consigo mesmo desde sempre. Fazia acompanhamento psiquiátrico com Miguel desde então, tomava os seus medicamentos e vivia um dia de cada vez. Uns melhores que os outros e quando menos se esperava o breu tomava conta da sua vida fazendo com que todas as perguntas voltassem com força total.

E ali estava ele, observando tudo de canto e vendo como nada mais fazia sentido, principalmente no ramo de sentimentos. Um assunto ao qual ele sempre quis entender, mas nunca compreendeu seus mistérios.

Quem amava não fazia aquilo. Bia era apaixonada por Thiago e, pelo que via, achava que ele era recíproco ao sentimento. Ontem mesmo Bia estava conversando com a irmã sobre os detalhes do seu casamento que aconteceria em tão poucos dias. E como ela poderia ter apanhado de alguém que amava e confiava cegamente como Bia fazia com Thiago?

Como compreender um sentimento que ao mesmo tempo que jura amor eterno, espanca e maltrata?

Seus devaneios foram cortados quando Sérgio apareceu na sala e encontrou Bia daquela forma. Sérgio, desde a morte dos pais, havido assumido o papel de responsável por Liana e Ricardo. E ele, conhecendo a amizade profunda entre Liana e Bia, esticava o sentimento de proteção e paternalismo para Bia. E ao constatar que não havia escutado errado, ficou furioso.

— Vou chamar a polícia agora mesmo. — Disse ele energicamente. — Vou colocar esse filho da puta na cadeia, ou fazer ele pagar muito caro pelo o que fez contigo, Bia.

Bia ainda não conseguia formular frases prontas, mas concordou com a ideia de Sérgio em chamar a polícia e registrar um boletim de ocorrência contra Thiago e a sua agressão.

— Mano, — Sérgio virou-se para Ricardo — pega o carro e avisa os pais da Bia, por favor. Traz eles aqui.

Finalmente sentindo-se útil, Ricardo saiu no primeiro carro que encontrou e foi até a casa de Bia, não muito longe. Ele estava nervoso e preocupado. Bateu na porta e logo foi recebido pela mãe de Bia.

— Ricardo, meu filho, quanto tempo eu não te via? — A senhora beijou a face de Ricardo e o apertou.

Ele sorriu e agradeceu o carinho. Ainda lembrava da época em que os pais morreram e como os pais de Bia os ajudaram nos primeiros meses a superarem a perda.

— O tio está em casa, tia? — O convívio era tão próximo que ele ainda os chamava carinhosamente dessa forma.

— Sim, claro. — A mãe de Bia chamou o esposo e ele apareceu rapidamente.

— Ricardo, meu rapaz. Cada vez mais parecido com o teu pai. — Recordou-se o senhor.

— Obrigado. — Tomou uma respiração profunda e começou a falar. — Eu preciso que vocês me acompanhem até lá em casa. A Bia apareceu e...

Faltavam palavras para a atrocidade que Thiago tinha feito. E o efeito era milhares de vezes pior quando o referido era sobre Bia. Se Ricardo sentia-se péssimo quando mais jovem e apanhava de graça dos colegas, ele não queria nem imaginar a dor que Bia sentia naquele momento. Sua vontade era fazer como a irmã quase fez: arrebentar a cara de Thiago.

Mas Ricardo era racional demais, pensava muito antes de fazer qualquer coisa e também sabia que não tinha chance nenhuma contra Thiago. Chegaria na frente dele e antes de deferir o primeiro soco já estaria no chão sendo massacrado. Sabia que era um covarde nesse quesito, mas a sua racionalidade o lembrou de que existem outras formas que poderia prejudicar Thiago. A inteligência vale mais do que a força bruta.

Sérgio daria um jeito de descobrir algumas delas e aplicar. O irmão era formado em advocacia e apesar de não exercer, ainda gostava de ter um livro sobre o assunto por perto e pagava todos os anos a ordem para quando precisasse usar.

— Não é fácil explicar — continuou ele vendo que estava assustando os pais de Bia. — Mas eles se envolveram em uma briga e a Bia se machucou. O mano pediu para que eu viesse, avisasse e levasse vocês lá para casa.

Capítulo 5

Beatriz saiu do banheiro ainda evitando de se olhar pelo espelho.

Estava com vergonha. E tinha inúmeros motivos para sentir-se daquela forma.

Primeiramente por ter se deixado apanhar daquela forma. Mas a absurdidade de que aquilo estava acontecendo era tanta, que ela não teve tempo para perceber o perigo chegando e assim se proteger e se defender com mais atenção. Em segundo lugar, também pelo fato de ainda não acreditar no que estava acontecendo, confiou em Thiago. Conhecía ele há tanto tempo que em nenhum momento do tempo em que passaram juntos imaginou que aquela agressão poderia acontecer um dia. E por último, pelo fato em si.

Além de fisicamente machucada, Bia estava dolorida na sua alma. Não se deixava de gostar de uma pessoa de um dia para o outro. Isto estava doendo mais do que os machucados. Tinha colocado boa parte do seu tempo e compartilhado de sonhos com Thiago para durarem o resto da vida. E agora ela se perguntava: o que iria fazer?

A única coisa que realmente sabia era que nunca mais queria olhar para a cara dele. A agressão que havia passado era humilhante demais para ser vivida pela segunda vez. Nunca mais queria passar pelo que estava passando. Não aguentaria conviver com a sombra de um Thiago pronto para espancá-la a qualquer momento rondando a sua casa.

Teria, daqui para frente, retomar a sua vida por completo. Uma vida nova, longe de Thiago, medo, humilhação e tantos outros sentimentos que a assombrariam todas as vezes em que se recordasse deste fato.

Por sorte ela estava sendo muito bem cuidada. Ainda não tinha coragem suficiente para voltar para casa, e continuava instalada na casa de Liana. Seus pais ainda estavam em um estado quase de choque por verem a filha daquela forma e na casa da amiga era mais fácil de ficar. Sua mãe estava sempre lá a visitando, só ia para casa dormir e voltava no outro dia cedo para ficar ao lado da filha. E seu pai sempre que tinha uma folga, passava lá para vê-la também.

Após a chegada deles e verem a filha, a polícia chegou e registrou a ocorrência da agressão. Foi um dos momentos mais vergonhoso da sua vida. Contar para pessoas estranhas que tinha apanhado, do até então noivo, por causa de um ciúme inexplicável. O policial escutou com uma profissionalidade que ajudou um pouco naquele processo. Registrou o ocorrido e saiu após conversar algum momento com Sérgio. Ele havia assumido para si àquela reponsabilidade de fazer justiça com o que havia acontecido com Bia. E não deixaria barato.

Bia desceu as escadas onde encontrou a família Chiarelli, junto com a sua, sentados conversando. Ela sabia que este momento se aproximaria mais cedo ou mais tarde, e não estava nenhum pouco pronta para encará-lo.

— Bia — Sérgio disse calmamente ao ver ela parada na porta. — Estávamos só te esperando.

Ela entrou na sala e Ricardo, educado como sempre, cedeu o seu lugar no sofá para que ela sentasse. Ela agradeceu com um sorriso fraco e Sérgio retomou a falar.

— O Thiago foi tão covarde que não teve nem cara de aparecer quando eu cheguei. Foi o

pai dele e um advogado da capital. — Desdenhou.

— Que cretino! — Liana exclamou exaltada, como sempre. — Se eu tivesse ido junto teria entrado naquela casa e procurado ele até encontrar. Aí quebraria a cara dele sem dó nem piedade.

Sérgio ignorou a irmã e seguiu falando.

— Eles acham que foi uma simples briga de casal, não viram tanta necessidade de boletim de ocorrência e o risco de um processo. Quiseram abafar o caso e pensaram que eu aceitaria isso.

— Meu Deus, e pensar que por pouco... — A mãe de Bia colocou levou a mão ao peito em sinal de surpresa. E não precisou terminar a frase para todos entenderem.

Por pouco Beatriz não tinha entrado para àquela família.

— Levei o laudo do Richard e, ainda bem que ele deu a ideia de levar outro atestado de um médico de fora, indicando as lesões da Bia, bem como as fotos que a Li tirou e revelou.

Bia queria se enterrar no sofá ao lembrar das fotos que a amiga tirou momentos depois que o policial tinha saído de lá. Um registro eterno do que Thiago havia feito com ela, contra estas provas não haveria argumentação. Um plano bem bolado por Sérgio. Essas seriam fotos que ela não gostaria de ver nunca.

— E quando eles viram as fotos e os laudos o discurso mudou por completo. O pai do Thiago ficou ensandecido com aquilo, queria ficar com elas, mas eu não sou burro e já disse que tinha outras cópias além daquelas. Por mais que eles tentassem destruir não adiantaria nada. E então eles me propuseram um acordo.

Todos falaram ao mesmo tempo, indignados com a sugestão.

— Um acordo? Isso é ultrajante! — Richard se manifestou.

— Ainda quero a cara dele! — Liana estava bufando de raiva.

— Como se dinheiro fosse mudar alguma coisa! — Até mesmo Ricardo não conseguiu ficar em silêncio perante o fato.

Os discursos de ódio continuaram por um bom tempo. Bia queria sumir da sala, do estado e até mesmo do país. Ficar esquecida em algum lugar mais esquecido ainda. Lá não teria dias como estes e muito menos as lembranças.

— Bom — Sérgio elevou a voz para que todos se calassem e voltassem a escutá-lo, como todo o bom chefe de família faz. — O que cada um vai fazer com o Thiago é problema seu. O que importa aqui é o que a Bia vai fazer. Ela é a vítima e tem o poder de abafar o caso ou expor tudo.

E para o seu desespero, todos voltaram os seus olhares para ela.

Bia não imaginava como aquilo era horrível!

Apesar de todos ali serem seus familiares e amigos, todos a olhando e esperando a sua decisão era uma sensação sufocante. E diante da possibilidade de expor o que havia acontecido com ela para todos, a apavorava demais.

A exposição seria centenas de vezes maior. A cidade pequena não conseguiria esconder segredo e logo todos os moradores saberiam que Beatriz havia apanhando do noivo. Seria

julgada em todas as conversas, indiferentemente se fosse a vítima ou não. Boatos de que ela estaria mesmo traindo Thiago ganhariam cada vez mais força, até a verdade perder completamente a sua razão. Fazendo com que de vítima ela passasse a culpada em um instante.

A mentalidade de uma cidade pequena era precária. Seguiam o ditado que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, deixando assim espaço livre para as agressões constantes. Com toda a certeza que casos, assim como o de Bia, ainda eram tratados com normalidade em algumas famílias. Mulher era feita para cuidar da casa, filhos e maridos, e se saísse da linha, era colocada de uma forma ou outra. Seja com brigas, agressões e até ameaças mais letais. Fazendo com que a esposa abaixasse a cabeça para todos os caprichos, devaneios e loucuras do marido e ficasse em casa como uma ótima esposa deveria ser.

Bia não tinha idade e nem força suficiente, infelizmente, para ajudar aquelas mulheres. Naquela hora era apenas uma criança assustada e com medo de que a humilhação e as agressões voltassem um dia. Beatriz era apenas mais uma vítima, e já tinha sido uma grande vitória para ela conseguir sair de casa e procurar ajuda. Não passava de criança tão protegida e amada que começava a conhecer a faceta mais escura da humanidade.

— Ninguém aqui vai decidir por ti, Bia. Nenhum de nós tem esse poder. Está todo na tua mão e todos nós vamos respeitar o que tu decidir.

— Só aceito enfiar ele na cadeia! — Liana interrompeu o irmão e ganhou um olhar em sua direção de Fernanda que a calou instantaneamente.

— Não, Bia. — Sérgio recuperou a palavra. — Não vamos fazer isso que a Liana disse. Sabemos o quanto tu está assustada e com medo. Mas essa decisão é tua. Aceitar o dinheiro, ficar quieta e nunca mais tocar no assunto, ou acabar com a vida dele metendo um processo que ele pode ser preso ou apenas pagando algumas cestas básicas, ou multa.

Sérgio estendeu um papel para Bia que pegou receosa.

— Eles ofereceram este valor, mas pelo estado que eles estão podemos pedir o valor que quisermos que eles vão pagar. Vão fazer de tudo para que a imagem do Thiago não seja manchada e o complique nas próximas eleições.

Bia pega o valor e nem presta a atenção no valor escrito ali.

— Isso é nojento! — Liana falou se sobressaindo. — Calarem a boca da Bia por causa de política!

— A vida dele é esta. — O pai de Bia comentou. — A política reina naquela família.

— Mas mesmo assim, a Bia nem deveria pensar em acordo e sim em expor ele para todo mundo realmente conhecer o Thiago e o cretino que ele é.

— Li, esta é uma decisão da Bia — Ricardo recordou o que o irmão mais velho havia falado há pouco tempo. — Somente ela pode decidir isso.

— E nós vamos apoiar-la em qualquer decisão. — Fernanda complementou o pensamento.

Bia estava novamente sob pressão. Olhou para o número no papel e percebeu que era uma ótima quantia. Porém uma quantia insignificante para o que ela havia passado nas mãos de Thiago.

Ela não queria exposição pública. Nem dela e nem a de Thiago. Sabia que se isso ocorresse, sua vida naquela cidade seria reduzida a cinzas. Seus pais cairiam nas rodas de fofocas e ela seria a mais prejudicada de tudo.

O que ela realmente queria era esquecer de todo aquele tormento. Aceitar o dinheiro era a opção que garantia aquela paz tão esperada por ela. Poderia simplesmente se mudar da cidade, alegando não estar pronta para assumir um compromisso tão sério como um casamento e recomeçar do zero novamente. Arranjaria algum emprego com o seu diploma de bioquímica e farmacêutica em algum lugar e lá estaria longe de toda essa confusão e dor que estava sentindo.

Olhou novamente para o papel que estava em sua mão e percebeu que aquela seria a sua escolha. A mais covarde, mas a única que lhe traria a paz e a distância de toda a situação, e, principalmente, ficaria longe de Thiago o suficiente para o resto da sua vida.

— Eu aceito ficar com o dinheiro em troca de esquecer tudo isto. — Murmurou por fim.

Liana teve que ser contida por Richard e Fernanda abraçou Bia pelos ombros.

— Certo, mas eu acho que a gente pode negociar esse valor, o que acha? — Sérgio falou certo de que aquele valor seria uma primeira parcela de muitas que viriam pela frente.

Ele não ia deixar barato, já que Bia optou por esse caminho. Ele estava louco para colocar Thiago atrás das grades, como Liana, mas respeitou a decisão de Bia.

— Por favor. E eu não quero mais envolvimento com casamento. — Acrescentou Bia.

— Mas é claro, filha — sua mãe apertou a sua mão fortemente.

E depois disso, Beatriz só queria ir para o quarto de Liana, chorar no travesseiro enquanto a amiga afagava os seus cabelos pela madrugada a dentro.

Capítulo 6

Ricardo abriu os olhos, no breu de seu quarto e virou-se na cama. O telefone ao longe tocava irritantemente. Gemeu e voltou a fechar os olhos quando o som cessou. Se concentrou na sua respiração e quando estava quase pegando no sono novamente o barulho recomeçou.

Levantou-se cambaleando e foi em direção a sala onde o aparelho clamava por atenção.

— Já acordei! — Bradou ao atender o telefone insistente.

— Bom dia, Kado! — Sérgio falava animadamente do outro lado da linha. — Esta era a terceira vez que eu ligava e nada de tu atender. Estava preocupado já.

— Talvez porque seja sete horas da manhã e eu estivesse dormindo. — Ricardo desabou em cima do sofá da sala com o telefone no ouvido.

— Então é hora de acordar, mano. Como foi a noite? Tomou os remédios antes de dormir?

Ricardo quase desligou o telefone naquele momento. Porém sabia que se fizesse isso o irmão seguiria ligando, e se ele não atendesse, era capaz de Sérgio e Fernanda aparecerem no meio da manhã ali a procura dele. Eles não hesitariam em fazer isso e já fizeram uma vez.

Então, para evitar brigas e preocupações exageradas desnecessárias, ele começou a responder ao questionário matinal do irmão. Isso já era de praxe, desde que Liana havia retornado para casa depois da sua formatura. E a situação toda gerou um stress na família Chiarelli.

Sérgio não queria deixar Ricardo sozinho no apartamento da família na capital. Por todo custo, quis subornar o irmão para que ele voltasse junto com Liana e ajustasse os seus horários na faculdade, tanto no seu doutorado em física, como as aulas que ele ministrava na faculdade, para que pudesse ir e voltar todos os dias. Uma coisa que Ricardo não aceitou de nenhuma maneira e nem por todos os atrativos que Sérgio, Fernanda, Liana e Inácio pudessem oferecer.

Ele já não era mais criança. Dotado de uma inteligência acima da média para exatas, tanto que concluiu faculdade, pós-graduação e mestrado em tempo recorde. Era o mais novo professor de física na faculdade e conseguiu o feito antes mesmo de acabar o seu doutorado, de tão prestigiado e inteligente que era. A faculdade não poderia perder aquela joia rara da física para as concorrentes.

Era um homem feito, como diziam na cidade em que nasceu. Ganhava um ótimo salário como professor, se sustentava e não precisava mais da ajuda financeira do irmão. Por isso não aceitou voltar para casa e ficar na barra das calças de Sérgio ou de sua cunhada. Queria ter aquela independência que tantos na sua idade almejavam.

Mas não. Ricardo tinha uma família relativamente pequena, um irmão mais velho, cunhada, seu afilhado e uma irmã mais nova. Quatro pessoas que poderiam ser bem insistentes quando se tratava do irmão do meio.

Claro que Ricardo dava muitos sustos para gerar tanta preocupação assim. Tudo começou no assassinato a sangue frio dos seus pais, ao qual ele estava presente e ainda se culpa por tal fato. Foi por causa de Ricardo que os pais ainda estavam no mercado, esperando que ele se decidisse em qual dos doces levaria para casa. Se tivesse pegado o primeiro que viu, o pai não

teria deixado o mercado da família por tanto tempo aberto e os ladrões não entrariam para assaltar. A mãe não o protegeria, causando a impressão de que estava pegando alguma coisa para se defender e não levaria aquele tiro fatal caindo por cima de um Ricardo de apenas dez anos. O pai não se assustaria e também não seria atingido daquela forma grotesca.

Naquele momento a vida de Ricardo mudou completamente. Sérgio teve que largar toda a sua vida de estudo e uma futura carreira brilhante como advogado para herdar o mercado, casa e os dois irmãos menores. Passaram alguns problemas até se adaptarem a nova realidade, Sérgio prosperou com o mercado e Liana continuou sendo a menina geniosa da família Chiarelli. Fernanda apareceu na casa, como a empregada e carregando Inácio dentro dela. A afeição entre os irmãos e Fernanda foi quase instantânea e gradualmente evoluindo para um amor puro e verdadeiro entre ela e Sérgio.

E neste meio do caminho estava Ricardo. Retraído demais para a sua idade, não tão aceito na escola por ser mais inteligente que a grande maioria e hostilizado por alguns colegas indesejados. Tudo culminou aos dezesseis anos, quando em um acesso de culpa, remorso e pressão pelas brigas na escola que ele fez o seu ato desesperado.

Cortou um dos pulsos dentro de uma banheira de água fria e esperou que a dor se esvaísse junto com o seu sangue que manchava a pureza da água. Foi encontrado por Sérgio inconsciente e por pouco não perdeu a sua vida no antigo banheiro do quarto dos seus pais, inutilizado naquela época.

Daquele momento em diante a vida de Ricardo mudou novamente. Sua vontade de continuar vivendo não era forte como a garra de Sérgio para salvá-lo. Para Ricardo a vida não tinha mais sentido nenhum, seus irmãos ficariam melhor se ele não estivesse por perto para atrasá-los. E tudo o que havia acontecido de ruim para eles, Ricardo era o responsável. Era muita carga para apenas um adolescente carregar sobre os seus ombros.

Contudo Sérgio, com a ajuda de Fernanda, apostaram suas fichas em Ricardo. O irmão não poupou um centavo que fosse na sua recuperação. Ricardo já saiu do hospital direto para uma clínica de recuperação. Nada parecida com um manicômio, como os colegas falaram no seu retorno às aulas. Uma casa em um campo verde com muitos casos de jovens com tendências suicidas e outros problemas psicológicos e psiquiátricos.

Lá Ricardo conseguiu respirar novamente mais calmo. Ouviu histórias como a sua, e até mesmo piores. E ao sair de lá, continuou com as visitas a Miguel, o psiquiatra responsável pelo seu caso.

Muitas coisas mudaram em Ricardo desde então. Apesar de ainda ser dependente de remédios para se equilibrar e as consultas que ainda faz com Miguel. A vida parece mais simples e menos complicada do que antes.

Claro que ele passou por recaídas. A mais forte foi quando se achou pronto para abandonar os remédios por conta própria e não avisar ninguém. Nem mesmo o seu médico. Ricardo já os usava há um bom tempo, e decidiu que não precisava mais deles, mesmo quando havia questionado com Miguel e ele vetado completamente a hipótese.

Este episódio foi conturbado a ponto de Ricardo não conseguir se livrar de alguns sintomas de abstinência, nem mesmo de sua cabeça lhe pregando peças com as dúvidas, a

responsabilidade pela morte dos seus pais e outros fatos. Miguel havia percebido o estranho modo de agir de Ricardo e temeu pelo pior. Ricardo ainda não tinha o suporte em si mesmo para aguentar a barra sozinho.

Miguel ligou para Sérgio, já que este sempre se manteve a par das consultas do irmão, e falou sobre o seu medo de Ricardo tentar alguma coisa novamente contra si mesmo. Sérgio, mais preocupado ainda, ligou para Liana, que estava no meio da aula e a pediu para que voltasse urgentemente para casa.

Ao chegar em casa, Liana encontrou o irmão desmaiado no chão do seu quarto e uma cartela inteira de medicamentos vazio ao seu lado. Desesperada e vendo a respiração fraca de Ricardo, ligou para emergência e esperou aqueles poucos minutos passarem como se fossem horas. Seu medo era de que não conseguissem chegar a tempo e socorressem Ricardo.

Novamente Ricardo, depois de recuperado do susto, voltou a escala zero do seu tratamento. Estava envergonhado do que havia feito e percebeu que sua vida sempre seria regada à remédios. Isto era quase como uma prisão, tão sem a possibilidade de reduzir a pena e sempre dependente de químicos para que conseguisse viver sem os pesadelos, a culpa e a pressão.

Para sua família, não importava se ele usasse medicamentos para o resto da sua vida, desde que Ricardo ficasse o maior tempo possível junto deles. Seja presencialmente ou por telefone. As preocupações de Sérgio, Fernanda e Liana eram constantes e um pouco sufocantes, para que o irmão nunca se sentisse sozinho ou emocionalmente afastado.

Por isso as discussões sobre os passos de Ricardo eram sempre tratadas em reuniões familiares. Ele não podia dar um passo diferente sem todos estarem a par e de acordo com o que aconteceria. E o fato de Ricardo querer morar sozinho, sem ninguém para observá-lo, ou até mesmo contar os medicamentos que tem no seu banheiro, como Liana fazia todos os dias quando moravam juntos, gerava muito estresse em ambos os lados da história.

Sérgio era um que ligava todos os dias pela manhã para saber como o irmão estava. Não falhava nenhum dia e Ricardo poderia contar como despertador particular. Fernanda não ficava atrás, quando não conseguia estar ao lado do marido nas ligações matinais, dava um jeito de ligar outro horário para escutar a voz de Ricardo e acalmar o seu coração de quase mãe que possuía por ele.

Liana era mais enfática e espalhafatosa. Ligava de duas a três vezes ao dia e agora, como estava em volta a montagem do seu consultório odontológico, passava alguns dias na cidade do irmão e sempre dava um jeito de vê-lo para almoçar, ou nem que seja ficar dois minutos na presença de Ricardo entre uma troca de sala e outra na faculdade.

Quando não aparecia de mala de cuia no apartamento, sem avisar ninguém pegando Ricardo de surpresa em casa. Estas eram as visitas favoritas da irmã. Ela sempre tinha a esperança de pegá-lo em alguma posição comprometedoras ou com alguém em casa. Um fato que nunca aconteceu.

Por seus problemas, Ricardo fechou-se em seu mundo particular. Sua vida social limitava-se aos seus alunos na faculdade, sua família e as idas ao CTG. Essa era uma das coisas que mais gostava e ainda participava de competições dançando chula. Todos eles já eram conhecidos de Ricardo e não despertavam nenhuma vontade de conhecer outros lugares ou outras pessoas.

As poucas garotas que teve na sua vida foi antes de tentar o suicídio pela primeira vez. Depois deste fato, todas as conversas que conseguia ter com algumas delas acabavam por ali mesmo. Nenhuma mostrava interesse em conhecer mais Ricardo e nem ele por encontrá-las novamente. Não era um cara animado e que chamava a atenção pelo seu senso de humor.

Liana até tentou arranjar alguns encontros para o irmão, mas ele negou todos. Não acreditava que a irmã fosse encontrar alguém que suportasse o fato dele ser um depressivo suicida sem atrelar os seus problemas a uma doença infecciosa e contagiosa. E por saber deste fato, ele se isolava cada vez mais no seu mundo e fazendo as suas coisas com a precisão e dedicação de sempre.

Ele era metódico. Metódico demais, como Liana sempre dizia. Morar com a irmã era um suplício, pecados extras que Ricardo estava pagando na Terra. Liana era a desorganização em pessoa. Ricardo tinha que ir atrás da irmã limpando o que ela fazia e ainda reclamava pelo modo dele agir.

Agora, morando sozinho, o apartamento brilhava em todos os cantos que alguém poderia olhar. Todas as coisas tinham o seu lugar e nada estava fora dele. Era uma satisfação chegar em casa depois de passar o dia na faculdade e encontrar tudo no seu perfeito estado de organização. Nada de pilhas de roupas espalhadas pelos cômodos, nada de louça suja na pia, só agradável cheiro de limpeza quando abria a porta.

Aquilo sim era uma boa vida, pensava quando chegava no apartamento silencioso.

— Ricardo, está me escutando? — Sérgio ainda continuava do outro lado da linha pelo telefone. — O que acha de dividir o apartamento com a Beatriz? Vocês dois passar quase o dia todo na faculdade e tu não fica sozinho mais. Ela não é tão desorganizada como a Li e quase não vai parar em casa também.

Aquilo havia despertado Ricardo novamente. Ele sentou no sofá e percebeu que estava encurralado. Se Sérgio estava perguntando isso, era porque já tinha resolvido tudo. E além do que, Ricardo não poderia negar este pedido para Bia. Eles foram criados juntos, praticamente como irmãos.

Ele não teria escapatória nenhuma.

Capítulo 7

Ricardo estava sentado na sala de espera de Miguel. Aquela visita era uma rotina que ele mantinha desde os dezesseis anos. Era um ambiente agradável até, a sala de espera com a mesma secretária de sempre, que logo veio a passar a ser esposa de Miguel, os mesmos quadros sem definições na parede e a cor sóbria. Dentro do consultório era a mesma coisa, o ambiente claro, o sofá ao canto, ao qual Ricardo demorou a conseguir sentar-se nele, preferindo sentar no chão mesmo. Um hábito herdado desde criança, quando sentava no chão da sala, perto da perna do pai e este ficava mexendo nos seus cabelos. Cargos esse que ficou para Liana depois de alguns anos.

Nem sempre Ricardo consultava com Miguel no seu consultório. Logo após a primeira tentativa de suicídio, foi encaminhado à clínica em que Miguel atendia, especializada em jovens e adultos com este traço psicológico. Um tempo que Ricardo tirou como férias da sua própria vida. Pode conhecer pessoas que sofriam do mesmo mal que ele e reavaliar a sua vida como ele estava vivendo.

No início era quase uma tortura, ficar frente a frente com o médico, um pouco excêntrico para os padrões dele, e ter que falar sobre a sua vida e sua rotina. Ricardo sabia que era uma coisa importante a ser feita, e achava tão tediosa como ir ao barbeiro e cortar o cabelo. Só que as consultas não poderiam ser adiadas até seu irmão o levar forçado para o médico. Mas em compensação, Ricardo teve uma fase com os cabelos mais compridos um pouco.

Anos de tratamento geraram uma amizade, por assim dizer. Afinal, já eram anos de atendimento contínuos, seguidos e em alguns momentos mais tensos do que outros. Ricardo era irreduzível em alguns momentos e nem mesmo Miguel conseguia o dobrar. Às vezes os dois brigavam feio. Como da última vez em que se encontraram.

— Olha, olha quem apareceu aqui novamente. — Miguel debochou de Ricardo. — Pelas minhas contas, e eu sou péssimo em matemática, essa foi a milésima vez que tu retornou ao meu consultório depois de dizer que não voltaria mais.

Ricardo sentou-se no sofá, agarrou uma almofada no colo e não respondeu.

— O filho pródigo sempre retorna à casa. — Vangloriava-se Miguel. — E como nós estamos, Ricardo.

— A mesma coisa de sempre. Pensando no porquê do meu irmão ainda gastar dinheiro contigo.

— Eu e o Sérgio temos uma relação de amor e ódio. Eu cuido de ti e ele gosta de mim, eu chego perto da Fernanda ele me odeia. E como eu não vejo ela há um bom tempo, neste momento o Sérgio gosta de mim. Até me ligou esses dias....

Ricardo bufou. Detestava quando o irmão se metia na sua vida mais do que precisava. Sérgio carregava a cruz de cuidar dos irmãos como se eles ainda tivessem a idade de Inácio e preocupação extrapolava exageradamente.

— Ele está preocupado pelo fato de tu estar morando sozinho.

— Acho que já tenho idade suficiente para morar sozinho, não acha? Trabalho, me sustento e faço todas as coisas normais. Até mesmo venho te visitar para pegar as receitas dos

remédios para agir como uma pessoa normal — Ricardo ironizou a sua condição. — O que mais falta para eu ter a minha independência?

Miguel observava Ricardo sem falar nada. Deixou que ele continuasse a reclamar da superproteção do irmão mais velho, da sua rotina na escola, dos alunos que o incomodavam por seus trabalhos, notas e todas as questões acadêmicas que possuíam. Isso durou alguns minutos e quando ele se calou, sentia-se mais estressado do que nunca.

— Acho que tu mesmo respondeu a tua pergunta inicial, Ricardo. Desde que tu sentou aqui só reclamou. Do Sérgio, da faculdade, dos teus alunos, e eu concordo neste ponto, pois também estou com uma turma de mestrando me tirando a paciência, mas o que vamos fazer para mudar isso?

Ricardo ficou em silêncio. Gostava da sua vida como ela era. Tinha seus percalços e dificuldades, mas qual vida que não tinha? A dele não precisava ser diferente só por causa dos seus remédios e a sombra de Sérgio na sua nuca todos os dias da sua vida.

— Meu irmão poderia me dar mais liberdade. Afrouxar um pouco a coleira que ele colocou em mim, meus alunos cumprirem a palavra de começarem os trabalhos mais cedo, não na véspera da entrega, estudarem com mais afinco e essas coisas. — Ele deu os ombros.

— Concordo. — Miguel respondeu. — Principalmente na parte dos alunos, mas isso não está nas tuas mãos, e sim nas deles. E quanto ao Sérgio.... Ele se preocupa contigo, tem medo de que as tuas ações resultem em outra tragédia. E ninguém quer isso, não é?

— Às vezes eu acho que vocês pensam que eu posso vir a me matar em qualquer suspiro que eu dê. Eu estou bem, já faz alguns anos que eu não tento nada e...

— E pode acordar um dia e ver que está no limite de novo. Eu te conheço, Ricardo. E queria conhecer todos os meus pacientes como eu te conheço. Sei o que se passa nesta tua cabecinha brilhante e cheias de números. Tu está chegando ao limite. Vivendo em uma zona de conforto bem conflitante. Reclamar de tudo é a melhor de todas. Tu faz tudo exatamente igual e nada para mudar. Quem sabe vamos ser mais cordiais com a preocupação do Sergio. Se ela existe é por causa de um motivo, ele não é assim com a Li, porque ela não dá motivos, e será que no fundo ele não sente que tu está enviando alguns sinais de alerta?

— Eu estou normal. — Ricardo começou a elevar a voz. — O que vocês querem de mim? Me falem de uma vez! Não sou adivinho e nem sei ler nas entrelinhas. Meu ramo é a matemática, tudo no preto e no branco, sem variações ou interpretações. Dois mais dois são quatro e sempre vai ser.

Miguel assentiu.

— Então vamos deixar a matemática de lado e focar em outros ramos. Isso aqui não é uma matéria da faculdade, é a tua vida.

— Minha vida. — Ele repetiu calmamente. — Minha e de mais ninguém. E eu faço dela o que eu quero. Se quiser continuar vivendo eu faço, se quiser me matar eu chego em casa e faço isso!

O silêncio reinou por alguns instantes.

Ricardo fechou os olhos e atirou o pescoço para trás no sofá em que estava. Abriu os

olhos e focou no teto do consultório de Miguel. Esperou o esporro de sempre e quando ele não veio, se permitiu endireitar o pescoço e olhar para o seu psiquiatra de anos.

Miguel observou Ricardo e se arrumou na sua cadeira.

— E é isso que eu estou falando. Parece que voltamos a um novo ciclo, Kado. Tu fala de te matar em um ataque de raiva, como fez na semana passada e há algumas consultas atrás. Trata a morte como uma opção para ti, novamente. Nós já estivemos nesta posição, já passamos por isso e vamos passar novamente. Só precisamos trabalhar novamente algumas questões.

A vontade de Ricardo era de chorar. Só não fez isto porque sabia que aí mesmo que Miguel não deixaria ele em paz. Já bastava o irmão o incomodando, não precisava do seu psiquiatra tendo o mesmo papel.

Ricardo não entendia o porquê de se preocuparem tanto com a porcaria da vida dele. A vida era de Ricardo, a única pessoa que ele deveria dar explicações era para ele mesmo. Mais ninguém para ficar no seu pé perguntando de cinco em cinco minutos se ele estava bem ou precisava de alguma coisa. Aquilo era irritante e uma pergunta que nem ele mesmo sabia responder.

Sua vida era basicamente uma rotina entediante. Acordar pela manhã, conversar com Sérgio, e quem mais estiver por perto do telefone, tomar banho, fazer a barba, tomar café e ir para a faculdade, onde se dividia entre as suas turmas e as aulas do doutorado que ele não via a hora de acabar. Gostava de dar aulas. Era gratificante pegar aqueles alunos e abrir a cabeça deles para o mundo maravilhoso que a física e a matemática proporcionavam. Intenso entrar em uma sala de aula lotada de adolescentes e conseguir atrair a atenção de quase todos eles para assuntos complexos e que englobavam o mundo todo.

Em sala de aula era o único lugar que ele se sentia vivo. Era lá que ele poderia falar e falar por horas do que gostava, sem ser taxado de chato, inteligente acima da média e muito menos estranho. Era o habitat que ele se deixava ser o Ricardo sem se importar no que os outros pensariam dele a respeito. Ninguém o julgava, não ficavam questionando sobre a sua vida e como ele a vivia. Não importavam se ele tomava os seus medicamentos, que o controlavam, ou se estava sem nada e paranoico a ponto de acabar com a própria vida. Se o seu psicológico estava bem ou alterado a ponto de ter que largar tudo ao seu redor e voltar para uma clínica de recuperação.

Não. A única coisa que importavam para os seus alunos era se aprenderiam a matéria e se conseguiriam a nota final na média para deixarem essa matéria para trás e avançar no curso.

Ricardo gostava de ser professor. E todos reconheciam que ele fazia o seu trabalho com maestria.

— Ricardo — Miguel quebrou o silêncio entre eles. — Vamos conversar mais, ok? Mas vamos com calma. A vida é uma dádiva, não se deve ser colocada fora por nada.

— Por nada. — Ele riu ironizando. — Só que ela é minha, por que não posso ter o controle de acabar com ela quando eu bem entender?

— E deixar todas as pessoas que te amam sofrendo? É realmente isto o que tu quer? Sérgio, Liana, Fernanda e Inácio. A tua família arruinada por uma decisão, um pouco egoísta ao

meu ver, de querer acabar com tudo antes de enfrentar o que está acontecendo.

— Egoísta? E quem pensa em mim. No Ricardo que é viciado em remédios para estar “equilibrado”, como tu chama? O que tem pesadelos horríveis durante as noites inteiras que tem medo de dormir à noite? Ou o que não consegue ser uma pessoa normal depois de tudo o que passou? Alguém pensa em tudo que eu passo para poder opinar sobre o que eu faço ou não?

— Realmente não, mas eles se preocupam com o Ricardo que é um ótimo professor, que ama a família que tem e é uma peça importante nela. Eles, e todos que te conhecem, querem te ajudar a lidar com esses problemas que tu relatou. Eles sabem o quanto tu sofre pelo que passou ou só eu que tenho acesso vip a estas informações? Tu acha que se a Liana soubesse que tu não dorme direito à noite hesitaria em entrar no teu quarto todas as noites para verificar como tu está? Ou que o Sérgio também não gosta de te ver viciado em remédios, mas entende que o “equilíbrio” que eles te dão compensa mais do que te ver alterado pelos cantos. Ou a Fernanda não sonha em te ver feliz, seja sozinho, com alguém ou simplesmente sendo feliz por ser, pelo o que tu conquistou e ainda vai conquistar.

Ricardo engoliu as lágrimas e Miguel continuou.

— O suicídio, por mais romantizado que seja desde Romeu e Julieta, não é a solução, Ricardo. É uma perda. Tu perde a oportunidade de viver uma vida, conhecer uma pessoa legal que possa te completar em alguns aspectos que tu nem sabe que poderia ter, é aprender mais sobre o que tu gosta, é ver o teu afilhado crescer e ser bem sucedido na vida. É ver a Liana se tornar uma dentista melhor a cada dia que se passa. Ver o Sérgio comandando aquele mercado com toda a paixão que ele possui e assistir ele e a Fernanda sendo felizes depois do que passaram para chegar ali. É ver as pessoas que gostam de ti estarem a teu lado, independente de como tu esteja. Seja em uma sala de aula ou na clínica comigo. Eles te compreendem melhor do que ninguém, Ricardo. É só deixar que eles entrem e compartilhem seus medos e angústias contigo. Ou tu escuta o medo e apreensões deles, assim como eles querem escutar os teus? Eu aposto que não.

Aquilo estava dando a Ricardo uma dor de cabeça imensa. E pelo visto ainda iria continuar.

— Não, Ricardo. Em nenhum momento eu vejo tu se abrindo com eles ou aberto a escutar o que eles passam. Lembra quando tu foi para a clínica a primeira vez, e escutou inúmeros casos de suicídios de pessoas da tua idade. Escutar aquilo te fez bem, não é? E quando eu achei que não te ajudariam mais, te afastei do grupo e te coloquei em outras terapias. Acho que agora está na hora de começarmos de novo. Quero que tu escute as pessoas, teu irmão, tua irmã e tua cunhada. Eles também têm problemas e sei que gostariam de serem escutados e não apenas ignorados por ti e fazendo com que eles tenham mais um que é se preocupar contigo.

O silêncio permaneceu até o ponteiro do relógio bater a hora em que a consulta acabava. Ricardo levantou, pegou a receita dos seus remédios e saiu porta afora do consultório de Miguel. Dizia para si mesmo que aquela seria a última consulta, mas quando passou pela secretária, pegou o papel onde o horário e o dia da próxima estavam marcados.

Capítulo 8

Sérgio abriu os olhos e percebeu que o quarto não estava mais completamente escuro pela noite. O dia já havia raiado. Virou-se na cama e sentiu Fernanda dormindo ao seu lado profundamente. A esposa, gemeu alguma coisa inexplicável e ele abriu um sorriso.

Pulou da cama rapidamente. Era domingo, e por este motivo poderia sair da cama um pouco mais tarde do que era habitualmente acostumado. Tomou um banho rápido e, como de praxe, e um dos momentos em que a família Chiarelli estava completa sob o mesmo teto, ele passou em todos os quartos para saber se tudo estava bem com as “crianças”, como ele e Fernanda ainda se referiam a Ricardo, Liana e Inácio, a única criança realmente naquela casa.

Ricardo dormia tranquilamente no meio da cama em seu quarto metodicamente arrumado, Liana espalhada como se fosse uma boneca de pano em um quarto com a sua “bagunça organizada” e Inácio descoberto no meio de uma cama cheia de brinquedos que ele carregava todas as noites.

Tudo estava bem na casa, todos os moradores dormiam e Sérgio poderia começar o seu dia em paz. Arrumou a mesa do café da manhã para todos, mesmo sabendo que Liana acordaria quando o almoço estivesse pronto, e tomou o seu enquanto lia o jornal dominical do estado. Este era o único dia da semana que ele poderia relaxar pela manhã, escutar um pouco de rádio, com aquelas programações mais antigas que o próprio pai de Sérgio e ele faziam questão de ouvir todos os finais de semana. Não se preocupava em ficar olhando para o relógio a cada cinco minutos para não se atrasar para abrir o mercado e tantos outros mais problemas que o trabalho poderia ter.

Sérgio carregava nas costas a responsabilidade de manter o mercado da família em pleno funcionamento, desde a morte dos pais há anos, quando Ricardo e Liana realmente de fato ainda eram crianças. Passou todos os trabalhos possíveis e impossíveis para conseguir dar conta de tudo, falhou diversas vezes com os irmãos e com ele mesmo. E finalmente havia aprendido que não poderia se dedicar tanta a uma coisa sem perder outra. Conheceu a lei de ação e reação de perto para perceber que o estresse que passava em alguns momentos não eram tão importantes assim. Dava toda a credibilidade a este fato pela chegada da Fernanda naquela casa e mostrado para ele o que realmente valia a pena viver.

E agora, mesmo com alguns anos juntos, ainda aprendia todos os dias com a esposa e o seu modo simples, frágil e ao mesmo tempo tão forte de ser.

Escutou os passos na escada e abriu um sorriso a ver que Fernanda estava ali com ele uma hora depois. Sérgio a caçou enquanto ela passava por ele e a colocou sentada no seu colo. Fernanda era minúscula perto do tamanho e força, adquirida com os anos levantando caixas no mercado, que Sérgio possuía. Ela nunca tinha chances quando ele fazia aquele tipo de coisa.

— Bom dia, Gorda. — O marido beijou o pescoço dela diversas vezes. — Dormiu bem?

A ansiedade na voz de Sérgio era notável para Fernanda, tanto que antes mesmo de dar bom dia ao marido já respondeu.

— Nada ainda. — Os dois se encararam por alguns instantes e Sérgio abriu um sorriso.

— Dezesete dias de atraso é um ótimo sinal. O Richard tinha dito que depois dos quinze já poderíamos cogitar a ideia de....

— Eu parei de tomar remédio não faz um mês, não creio que esteja grávida no primeiro ciclo, Sérgio. Seria muita sorte, ou azar demais, já que depois que tudo isso passar vou me regar mais no anticoncepcional.

Sérgio estava radiante. O plano de ter mais um filho havia surgido há alguns meses no quarto deles. Liana estava apenas esperando o apartamento ao lado do consultório novo dela estar finalizado para se mudar, Ricardo não tinha previsão de voltar para casa nunca mais e Inácio já estava com nove anos. Era a hora exata para a família Chiarelli se expandir um pouco mais.

— Vou à farmácia comprar um exame agora mesmo. — Sérgio beijou a esposa novamente e ela gemeu.

— Amanhã mesmo toda a cidade vai futricar na possibilidade de eu estar grávida então. — Ela revirou os olhos e saiu do colo de Sérgio. — Pelo menos vão dizer que o filho desta vez realmente é teu. Ou não.

— Como se isso fosse atingir alguém dessa família. As pessoas ainda falam sobre isso? — Ele riu.

— Falam, pelo menos eu escuto sempre algum comentário sobre o meu golpe do baú, agora pelo menos eu posso dizer que concluí ele.

— Parabéns, Gorda. — Sérgio riu da esposa e beijou os seus cabelos em divertimento. Logo após saiu correndo em direção à farmácia mais próxima que abrisse naquele dia.

Fernanda continuou a tomar o seu café em silêncio até Ricardo descer a escadas lentamente e murmurar um bom dia sem muito ânimo.

— Bom dia, Kado. Caiu cedo da cama.

— E quem consegue dormir mais depois da checagem do Sérgio nos quartos? Só a Li e o Inacinho mesmo. — Respondeu um pouco mal-humorado e começou a fazer o seu café.

— Ele faz isto sempre, não consegue deixar o hábito. Tudo em pleno controle do Sérgio. Nada na casa e no mercado sem a supervisão dele ou pedindo para eu ver como está. É uma coisa dele, que há anos eu tento mudar, ou a conviver como ele.

Ricardo não precisou responder que ele não acreditava que o irmão deixaria aquele hábito intransigente ou que abandonaria. Anos e mais anos sendo assim, não importando se a Liana estava sozinha, ou com o Richard no seu quarto, Sérgio não se importava. Enquanto os irmãos dormiam sob aquele teto, Sérgio iria entrar no seus quartos para a checagem diária.

Ele e Fernanda continuaram a conversar enquanto comiam. Fernanda sempre fora bem mais acessível que o irmão. Ela escutava com paciência, aconselhava quando era necessário e sempre perguntava coisas que faziam com que Ricardo pensasse mais. E desta vez não foi diferente.

— A Bia já vai contigo hoje? — Ricardo respondeu com um aceno de cabeça. — Vai ser bom para vocês dois. Ela ainda está muito assustada em voltar sozinha, principalmente depois do que o Thiago fez com ela. Nossa, não gosto nem de lembrar daquela situação toda. Meu coração ficou apertado. Sair do ambiente da cidade, onde todo mundo ainda comenta é o melhor para ela.

Ricardo entendia a indireta de Fernanda. Já que Ricardo sabia como era ser alvo de todas as rodas de conversa da cidade. Ambos ainda sofriam até os dias de hoje. Ricardo pelo seu passado traumático e as tentativas de suicídio e Fernanda por chegar naquela casa grávida de um estranho e hoje ser casada com o seu antigo patrão. E sabendo disso, não desejariam isso para nenhuma pessoa, principalmente uma tão querida para a família toda como Bia.

— Os pais dela ficaram bem mais aliviados em saber que a filha vai estar morando contigo, melhor do que sozinha, ou com um estranho que poderia fazer algum mal a ela.

— Não que eu seja referência para morar com alguém. — Ricardo comentou.

— Tu morou com a Liana. Ninguém pode ser pior do que a Li para se morar. A Bia é bem mais organizada do que ela. Acho que até o Inácio é mais organizado que.....

Fernanda parou de falar repentinamente e saiu correndo da mesa. Sérgio apareceu na porta e foi o quanto que ele não foi atropelado pela esposa. Ricardo viu os dois correndo e entrando no banheiro ao mesmo tempo. Ficou sem entender coisa nenhuma, mas nem deu bola. Coisas estranhas, como esta, sempre aconteciam naquela casa.

Terminou de tomar o seu café, lavou os pratos sujos que haviam ficado da noite passada, e os de hoje, e avaliou as suas opções para passar o resto do dia. Poderia se trancar no quarto, ligar o seu computador e adiantar alguma coisa do doutorado ou até mesmo responder alguns e-mails dos seus alunos, treinar um pouco de chula, o que não o chamava a sua atenção naquele momento, principalmente depois de tomar café, e ver que ainda estava com dor nas pernas do treino de ontem à tarde. E então optou em sair para o pátio e abrir o capô do seu carro antigo. Aquele mesmo que ganhou aos dezessete anos e andava nele nos finais de semana.

Era claro que Ricardo e Sérgio já gastaram bem mais o valor de um carro novo com peças e reformas. Mas não abriam mão dele, e oportunidade de vendas e trocas não foram poucas.

Viu a oxidação das peças e fez uma lista mental para recorrer as lojas de peças e até mesmo os ferros velhos perto do apartamento para consegui-las. Segundos depois o irmão apareceu, branco como um papel, e se apoiou no ombro de Ricardo.

— Está tudo bem? — Ricardo questionou. Sabia que o irmão não se abalava por qualquer coisa. Nunca tinha visto Sérgio daquela forma.

— Sim, sim.... — Ele limpou a garganta tentando disfarçar alguma coisa. — Peguei ele esta semana e ouvi um barulho estranho, acho que pode ser no carburador.

— Também acho.... — Ricardo respondeu sem tirar os olhos do irmão e resolveu seguir o conselho de Miguel. — Tem certeza de que está tudo bem? E a Fernanda, porque saiu correndo em direção a banheiro àquela hora?

— Está tudo mais do que perfeito. — Espontaneamente Sérgio abraçou o irmão

fortemente. — Só fui proibido de falar alguma coisa até todos estiverem acordados.

Conhecendo o irmão e Fernanda, sabia que a cunhada poderia proibir o seu irmão de falar alguma coisa se ela quisesse que fosse assim. E sabia dos investimentos de Sérgio em ampliar o mercado, comprar um terreno e estar construindo o consultório da Li e um apartamento para ela. Pelas conversas que tiveram com Sérgio, Ricardo e Liana sabiam que o irmão mais velho estava investindo dinheiro em bens para eles. O próximo da lista em ganhar algum imóvel era Ricardo. E por isto tinha quase certeza de que era esse o assunto em questão quando a família inteira estivesse acordada e pronta para o almoço de domingo.

Não demorou muito para a mãe de Fernanda aparecer. Inácio acordou com a corda toda, correndo e brincando pelo pátio, e Liana teve que ser arrastada da cama, por ter ficado até altas horas conversando pela internet com Richard, que já estava longe e estudando para a sua especialização em pediatria cirúrgica. E quando estavam reunidos, Fernanda e Sérgio anunciaram a notícia tão esperada.

— Eu estou grávida. — Fernanda sorria e Sérgio já secava as lágrimas que apareceram no meio da notícia.

— Finalmente ela conseguiu engravidar de um Chiarelli para dar continuidade ao golpe do baú! — Liana apressou-se em dizer, em comum brincadeira que ela e Fernanda tinham há anos.

— Não, — Sérgio meteu-se na conversa. — Ela tem um amante. Mais um filho de outro para eu cuidar.

— Ah, claro. — Liana começou a rir e abraçou os dois. — Mais um bastardinho para a tia Li ensinar a falar nome feio no meio das festas.

Ricardo assistiu a felicidade entrar na sua família novamente. Abraçou o irmão e a cunhada, com os melhores votos de amor e felicidade para eles. Realmente estava feliz com o aumento da família, uma criança sempre chegava para alegrar a casa. Foi assim com o Inácio e agora a história se repetiria novamente para Sérgio e Fernanda.

Apesar do sorriso que expressava para a família, ele não chegava ao fundo da sua alma. Fazia muito anos que Ricardo agia assim. A felicidade era superficial, quase que falsa, escondendo tanta coisa por trás dela. Uma coisa que ele nunca conseguia entender e muito menos sentida.

Será que algum dia ele sentiria a felicidade assim como o seu irmão estava sentido naquele momento?

Capítulo 9

Beatriz abriu os olhos e demorou a se acostumar com a claridade de intensidade diferente a que estava acostumada no seu quarto. Desligou o despertador e rolou na cama. Escutou os primeiros barulhos da casa e resolveu sair da cama.

Descalças e vestindo apenas um pijama simples, encontrou Ricardo apenas de cueca tomando o seu café. Ambos ainda não tinham se adaptado a morarem juntos e relevar alguns aspectos de vestuário. Principalmente Ricardo, já que a sua última companheira de quarto era sua própria irmã.

— Bom dia, Ricardo. — Murmurou ela e sentou-se em outra cadeira à mesa.

— Bom dia, Bia. Conseguiu dormir bem?

— Até que sim. — Ricardo era um bom anfitrião, pois havia posto a mesa para Bia também.

Ela começou a tomar o seu café na companhia dele enquanto conversavam. Bia tinha uma grande desconfiança de que a sua chegada ao apartamento de Ricardo não tinha sido bem aceita por ele. Ela mesmo havia argumentado com os pais e com Sérgio e Fernanda sobre isso. Poderia muito bem alugar uma coisinha simples para ela e ficar sozinha na capital enquanto estudava. O valor que Thiago estava pagando para manter a sua boca fechada era bem alto e bancaria a faculdade, estadia e alimentação.

Pensar nisso causava náuseas em Beatriz. Era como se seu estômago quisesse colocar qualquer coisa que ela havia ingerido há cinco anos para fora a qualquer custo. E evitava ao máximo em pensar na situação. Só que descobriu que era uma coisa impossível de se evitar completamente. Principalmente se estivesse em casa.

O cancelamento do casamento colocou a pequena cidade em estado de alerta máximo em todas as rodas de fofocas. Bia sentia os olhares sempre que saía de casa e sem contar as pessoas diretas que a atacavam na rua para perguntar o que havia acontecido. Estas eram as piores de todas. Bia não tinha palavras para explicar, e por causa de um papel que Sérgio e os advogados de Thiago haviam formulado, seu silêncio era fundamental. Se alguma palavra vazasse de sua boca, o “auxílio” que recebia era cortado na mesma hora.

Era completamente deselegante mentir sobre isso, ela admitia, mas como Sérgio havia falado: a escolha era dela e implicava em uma reação. Ou ficava de boca fechada e ganhava o dinheiro para poder estudar, como queria, ou não aceitava nada e enfrentava um processo longo, doloroso e mais escandaloso do que o falatório em si. E ainda tinha uma grande chance de sair de mãos abanando e Thiago completamente impune.

Inventar a história, e deixar todos que sabiam da verdade a par, foi desgastante. Todos chegaram à conclusão que Bia percebeu que se cassasse com Thiago teria uma grande responsabilidade perante o marido, e o cargo de prefeito que ele almejava, nas suas costas e ela não sentia-se preparada para tal responsabilidade.

Simple, práctico e uma mentira digna de uma pessoa política.

E para todas as pessoas que paravam Beatriz na rua, mercado, ou até mesmo batendo a

porta da casa dos seus pais, essa era a história padrão. Óbvio que a algumas pessoas não acreditaram e começaram a inventar as suas próprias histórias. Uma pior do que a outra. Fazendo com que Bia ficasse cada vez mais trancada em casa, deitada na sua cama e esperando o tempo passar para que ela viesse de volta para a capital estudar.

Finalmente o dia estava se aproximando, e quando ela chegou a levantar da cama, para olhar alguns classificados de casa de estudantes, os pais chegaram dizendo que tudo já estava resolvido. Beatriz iria morar com Ricardo na capital e conhecendo Sérgio, como ela conhecia desde que nasceu, não pagaria nem aluguel. Apenas dividiria a conta de água e luz com Ricardo e tudo estava acertado.

Bia tentou argumentar, mas tinha sido em vão. Os pais não iriam permitir que a filha morasse sozinha na capital. A cidade era grande demais e a violência estava em cada esquina. Não queriam passar por mais uma agressão a filha nas suas vidas. Ricardo era o exemplo de pessoa para morar com Bia. Se conheciam desde que nascera, por assim dizer, eram amigos, dançaram durante anos juntos e era mais fácil Beatriz bater em Ricardo do que ele levantar a voz para ela.

Era para ser um alívio para Beatriz. Ricardo era um amor de pessoa. Educado, inteligente e com uma ótima conduta. Trataria Bia como se fosse sua irmã.

E ali estava ela, sentada à mesa junto com Ricardo e dividindo um café da manhã com ele. Sabia que ele era educado demais para dizer que estava desconfortável com a situação. Por mais que tratasse ela como sua irmã, Bia ainda era amiga de Liana. Não dele.

Por este motivo, Bia foi a primeira a falar sobre a situação.

— Queria te pedir desculpas por esta invasão. Não estava nos meus planos vir morar contigo, e tenho certeza de que não estavam nos teus ter a tua privacidade invadida por mim.

Ricardo deixou a sua xícara repousar em cima da mesa e olhou para Bia.

— Privacidade é uma coisa que não existe muito na minha família. Minha irmã é a Liana, que eu passei por toda a faculdade dela andando sem roupa na minha frente, ou deitando na minha cama enquanto eu dormia. E o Sérgio não conhece essa palavra. Ele entra no meu quarto sem nem se anunciar. Só abre a porta e vai entrando.

Beatriz não pode deixar de sorrir. Conhecia a amiga e o modo nada convencional que Liana agia. Para ela, desfilar sem roupa na presença dos irmãos era tão normal como andar de roupa mesmo. E Sérgio nunca deu bola para essas coisas. Antes a Liana passar sem roupa na frente da família do que de desconhecidos, ele sempre dizia.

— E sobre dividir o apartamento, eu sei que isso é ideia do Sérgio. Ele não queria que eu ficasse sozinho aqui. — Ele deu os ombros. — Ele deve ter ficado com olhos brilhando de felicidade quando percebeu que poderia nos juntar aqui. E com certeza quando tu chegar em casa ele vai fazer um questionário imenso sobre mim.

— Pode ficar tranquilo que eu não vou falar nenhuma palavra que for. Todos os teus segredos estarão guardados.

— Meu único segredo que eu tenho é o armário do banheiro cheio de medicamentos que derrubam um leão e me fazem estar “equilibrado”. — Ricardo olhou para Bia. — Espero que tu

saiba que eu sou maluco, Bia. Se não tomo os meus medicamentos posso surtar e fazer coisas estranhas.

O olhar brincalhão de Ricardo a fez rir. Era claro que Bia sabia de tudo que se passava na vida dele. Liana sempre foi sua confidente e muito Bia teve que dar forças para a amiga quando Ricardo passava pelas suas crises. Li poderia ser um pouco estabana, mas tudo mudava quando o foco era Ricardo. Ela movia céus e terras para ver o irmão feliz, não importando o que custasse. Como bater em colegas do Ricardo na escola, que caçoavam dele, ou até mesmo as palestras que o irmão participava. Ela sempre estava na primeira fila, aplaudindo Ricardo com entusiasmo. A história não era diferente com Ricardo. Liana era a princesa da casa, tanto Sérgio como Ricardo se rendiam a todos os seus caprichos.

— E tenha mais medo do interrogatório da Liana. — Ricardo voltou a falar. — Ela consegue arrancar coisas da gente que nem sabemos.

— Com a Liana eu já estou vacinada. — Ela sorriu. — Tenho segredos dela que deixariam tu e o Sérgio de cabelo em pé. Ela não pode me cobrar nada.

— Isso muito me interessa. Mas confesso que tenho medo de saber dos segredos da Li.

Aproveitando o fato de que nenhum deles tinha compromissos pela manhã, conversaram e dividiram as tarefas. Coisa que Ricardo até se animou, pois com Liana não tinha conversa. Era tudo nas costas de Ricardo, até mesmo dobrar as roupas de Liana e arrumar o seu guarda-roupa. Ela sempre dava um jeito de fazer com que o irmão fizesse tudo dentro de casa e o recompensava com alguma coisa. Até mesmo Ricardo se achava o maior idiota de todos quando a irmã passava a perna nele elegantemente.

Bia não era uma exímia dona de casa, como o seu companheiro de quarto era. Antigamente morava com Thiago e ele mantinha uma empregada em casa que limpava e organizava tudo. Mas nem por isso ela era uma desorganizada como a amiga. Em casa sempre ajudava a sua mãe com as tarefas de casa e como o apartamento deles era pequeno, seria fácil demais manter limpo e organizado.

— Eu não sou tão metódica como tu, Ricardo. — Admitiu Bia sabendo que o quarto de Ricardo deixava qualquer suíte de hotel com vergonha do modo em que arrumavam os seus quartos. Tudo tinha o seu devido lugar e enquanto não chegasse a esse patamar, Ricardo não sossegava.

— Não tem problema, Bia. Eu geralmente relevo a área de convivência e deixo os meus vícios de organização para o meu quarto mesmo. Senão eu já teria pirado bem mais do que eu sou morando com a Liana aqui.

A confirmação deixou Bia mais aliviada em saber que poderia conviver com Ricardo sem perturbar o seu método de organizar as coisas.

Dividiram as tarefas e Ricardo saiu logo após terminar de se vestir. Agora ele precisava se lembrar de quem morava com ele era Beatriz, não Liana. Não poderia sair de cueca pela casa como se fosse a coisa mais normal do mundo. Mas pelo menos poderia dormir em paz, sem roupa como sempre sonhou quando a irmã morava com ele. Liana e sua mania insuportável de invadir as camas alheias no meio das noites!

Ricardo deixou o seu carro no estacionamento da faculdade e quase gemeu ao ver Jonathan deixando o seu carro um pouco mais adiante. Ele era um cara legal e assim como Ricardo, pirado, só que em proporções bem mais astronômicas que ele. Miguel havia apresentado os dois quando descobriu que trabalhariam no mesmo lugar. Jonathan era um renomado professor, já com doutorado em química. Prato perfeito para esquisitice. E juntando com Ricardo, os dois ficam com o posto de professores loucos da faculdade. Os alunos adoravam isso, mas os colegas os excluíaam de todos os assuntos acadêmicos.

— Bom dia, Ricardo. — Jonathan se aproximou mais rápido que ele imaginava. — Como foi o final de semana? O meu foi a mesma coisa de sempre. Fiquei em casa, tomei uma garrafa de vinho e joguei o novo jogo que saiu para o meu vídeo-game.

A única coisa que distanciava os dois era que Ricardo era domesticado. Tomava os seus remédios, mesmo contra vontade e tentava se socializar. Jonathan era o contrário, Miguel nunca quis entrar com medicamentos e deixava que ele bebesse. Uma coisa social, dizia Jonathan, desde os primórdios os humanos bebiam vinho e isso era uma coisa a ser levada em consideração.

Realmente pirado.

Ricardo relevava. Jonathan vivia no mundinho dele e ele apreciava isso, já que não era todas as vezes que ele vinha animado para o seu lado. E quando Ricardo estava com vontade até mesmo respondia as suas questões. Se não respondesse, Jonathan não cairia em si e se afastaria, conversaria pelos dois com os assuntos mais sem conexão de todos.

— Eu fui para casa. — Respondeu Ricardo depois de entrarem no prédio da faculdade.

— E a nova colega de quarto, já chegou?

— Sim. A Bia, amiga da minha irmã desde que nasceram.

Jonathan seguiu Ricardo e falando sobre os artigos que havia lido sobre as amizades que iniciavam com as crianças pequenas. Ricardo ficou em silêncio enquanto ele seguia falando em termos técnicos que nem Miguel chegava a usar com eles.

Boa segunda, Ricardo. A semana será comprida.

Capítulo 10

— Como é que é? — Ricardo não conseguiu segurar o riso ao olhar para os seus alunos, na primeira aula do semestre.

Alguns rostos conhecidos, do semestre passado de outra turma, a grande maioria alunos novos e a empolgação daqueles adolescentes que não haviam crescido tanto assim.

— Uma festa de início de semestre no bar ali perto. O senhor conhece, não é? — Um dos alunos novos falou e turma toda começou a rir.

— Senhor está no céu, meu filho. — Ricardo encenou uma cena. — Minha idade, apesar de parecer tão avançada assim, não é tão diferente da de vocês. Um ponto a menos a cada aluno que me chamar de senhor. E eu falo sério.

— É verdade! — Gritou outro aluno conhecido de Ricardo.

— Eu sou professor, mas ainda não sou aqueles que, por onde passam, deixam poeira de giz, mesmo que o giz tenha sido abandonado há muito tempo. — O riso foi geral, pois eles conheciam alguns professores que ainda viviam na idade pré-histórica da educação. Slides, PowerPoint e cópias ainda não existiam no vocabulário deles.

— E aí, professor. Sexta a tua última aula é com a gente. Saímos todos de bando daqui e vamos para o bar! Bebidas, música e garotas!

Ricardo balançou a cabeça. Ele não era dado a festas, nenhum pouco. No se tempo de faculdade, tolerava elas por Liana. Era a irmã que o arrastava para o bar e ficava bebendo até Ricardo e Richard carregarem ela para casa novamente. Ou mesmo quando a Liana se juntou com a banda que tocava regularmente e cantava para eles. Ricardo gostava de ver a irmã cantar e sempre via as suas apresentações.

Mas ir sem a irmã era um tédio sem fim. Ele era antissocial ao extremo, não conseguia se encaixar em um ambiente ruidoso, cheio de gente e caótico sem ninguém com que confiasse ao seu lado. Ele tentou algumas vezes, mas o pânico falava mais alto e rapidamente voltava para casa, o seu silêncio, paz e sossego.

— Vamos, professor! Vai ser ótimo para encerrar a primeira semana de aula.

— Vocês comemoram todas as semanas, conheço vocês! Se eu ceder uma vez na sexta, vão querer sempre.

— O que é isso, professor! Ano passado tu era mais legal. O melhor professor de todos. A gente fez até uma eleição.

Sim, ele lembrava da eleição de melhor professor de todos. Seus colegas do departamento de exatas ficaram muito felizes em saber que Ricardo havia ganhado este posto. Sua influência na sala dos professores havia passado de ruim para inexistente. A única pessoa que havia gostado do título era Jonathan, que tinha ficado em segundo lugar. E ainda prometeu que esse ano iria passar Ricardo.

Realmente Ricardo precisava conversar com Miguel e dar algum medicamento para ele, ou então aumentar a medicação de Ricardo para ele aguentar mais um semestre que se iniciava.

— Professor! Professor! Professor! — Algum aluno ao fundo começou a puxar o coro junto com palmas.

E isso foi o início de um pandemônio de palmas, batidas de pés no chão e aclamando Ricardo.

Ele se viu em um beco sem saída completo. Detestava quando aos seus alunos faziam estas bagunças sem motivo nenhum. Porém, percebeu que não tinha como escapar dessa “comemoração de início de semestre”. Era de praxe, ou como dizia Jonathan, uma convenção social que se realizava há séculos, e precisava ser feita.

Mas aceitar não significava abaixar a cabeça por completo para eles. Uma dura lição que ele aprendia cada vez mais com as turmas e alunos novos que recebia.

— Ok! — Ele sobrepuja a voz para que a bagunça acabasse. — Eu vou, — novamente os alunos gritaram e ele se manteve em silêncio até acabarem —, mas com uma condição.

Ricardo sorriu, daquela forma que fazia um aluno estremecer na sua cadeira. Todo o professor tem um modo de expressar que iria acabar com a vida acadêmica dos alunos. O de Ricardo era aquele sorriso cheio de significados que faziam os seus alunos engolirem em seco.

E realmente, muitos deles fizeram tal ato. E o sorriso de Ricardo aumentou consideravelmente.

Finalmente o semestre havia iniciado.

Ricardo saiu da sala de aula triunfante. E para o seu desespero encontrou Jonathan o esperando no final do corredor.

— Turma agitada? Escutei o barulho daqui e imaginei: só pode ser a turma do Ricardo.

— Comemoração de início de semestre — lamentou-se. — Eles querem me levar ao bar perto da faculdade para comemorar.

E Ricardo lamentou-se novamente por ver que Jonathan levaria a conversa como um convite.

— Que ótimo! Uma maravilha começar o semestre com uma festa com os alunos. Não é à toa que eles te idolatram, Ricardo.

Ele ignorou o comentário. Estava cansado, e recém era a primeira semana de volta às aulas. Queria chegar em casa, tomar um banho para tirar toda aquela sujeira acumulada pela faculdade, não de giz, e deitar na sua cama.

Despediu-se de Jonathan, com a promessa que leria algum artigo que interligava a física e química, que ele queria discutir com Ricardo, mas nem prestou a atenção no nome ou no autor. Provavelmente Jonathan enviaria por e-mail para que ele não esquecesse.

Chegou em casa e a luz da sala acesa. Por alguns instantes esqueceu que Bia morava ali com ele. Realmente tinha apagado aquela informação da sua cabeça em meio a tantos alunos perguntando sobre algumas coisas idiotas e apresentações de novas turmas.

Bia estava sentada no sofá, com as mãos sobre o rosto e abafando o choro incessante que havia lhe acometido de uma hora para outra.

Seu dia havia sido péssimo na nova faculdade. Ficara em uma turma onde praticamente todos se conheciam e eram bem mais inteligentes que ela. Demonstravam isso ao entrar na sala e ao debaterem com o professor algum assunto da área que ela nem imaginava o que significava.

E depois de chegar em casa ela começou a pensar em tudo o que havia se transformado a sua vida. Era como se ela tivesse saído de controle total e outra pessoa tivesse a guiando. Sentia-se como uma marionete na mão de um titeriteiro. Um manipulador de fantoches inexperiente e que estava fazendo uma bagunça por onde passava.

Se nada tivesse acontecido, era para ela estar casada naquele momento. Sabia que a birra de Thiago com o seu estudo seria momentânea, reclamaria nos primeiros dias, mas depois esqueceria por completo e começaria a incentivá-la. Era isso que um marido faria com a esposa, a ajudaria a enfrentar aqueles momentos de crise e estaria ao seu lado, até mesmo riria das pessoas inteligentes da sua turma e diria que ela seria melhor de todas.

A insegurança com o casamento seria passageira, apenas um nervosismo dado a importância do evento. Assim que colocasse o seu vestido e encontrasse Thiago no altar a sua espera, tudo passaria. Tudo melhoraria. Tudo perderia a significância e voltaria ao normal.

Mas não. A realidade de Beatriz era outra.

Thiago mostrou a sua face antes mesmo de casarem oficialmente. Mostrou a Bia que a sua ilusão de um casamento perfeito era impossível. E a fazia duvidar que realmente existia uma coisa dessas. Era tudo fachada. A felicidade em casal não existia.

E agora ali estava Bia. Se martirizando por ter perdido as rédeas da própria vida. Ela sabia que não poderia culpar ninguém a não ser ela mesma. Fora ela que aceitava que Thiago se intrometesse na sua vida, que deixou ele tomar algumas decisões importantes para os dois e assim iniciando com ele a manipulando. Ela era apaixonada por ele, achava que era um cuidado extra, protetor além do necessário e acreditava que era uma coisa normal.

Não. Não era nenhum pouco normal. Thiago tirou toda a autonomia da vida de Bia. E agora ela não sabia mais o que fazer. Sentiu medo ao entrar no ônibus que a levou para a faculdade. Medo de que alguém sentasse ao seu lado e a agredisse por qualquer coisa que falasse.

Gelou ao entrar em sala de aula e ficar isolada em um dos cantos. Sentiu todos os olhares em cima de si e não soube como agir. Por alguns milésimos de segundos até tinha esquecido de como se caminhava em linha reta. Thiago sempre sabia como quebrar aquele gelo e incluía Bia nas conversas para que ela se sentisse à vontade, ou a ignorava deixando de lado e invisível para as pessoas. Ele entendia analisava o ambiente e decidia se incluía ela ou não. Bia nunca reclamava destes momentos.

— Bia? — Ela escutou o barulho de alguma coisa caindo no chão, a bolsa que Ricardo carregava com os seus livros. — Está tudo bem?

Nada elegantemente, ela limpou as lágrimas que escorreram e tentou se arrumar.

— Sim é... — Tentou buscar algumas palavras para explicar tudo aquilo, mas não conseguia pronunciar nada sem se esvair em lágrimas novamente.

Maldito Thiago!

Como Bia o odiava naquele momento. Era tudo culpa dele!

Ele que dominou a sua vida aos poucos até ela perder o controle por completo. Ele que havia pedido ela em casamento e inundado sua mente com a história de um casamento perfeito. Uma primeira dama perfeita para a cidade em que moravam. Thiago que era o culpado pela agressão, que fez com que todos os planos que ela sonhava irem por água abaixo.

E principalmente. Era Thiago o culpado por tudo. Bia tinha a plena consciência que não havia feito nada de errado. Era uma vítima de alguém manipulador, covarde e que não conseguia enxergar além do próprio mundo.

Talvez estes fatos falassem mais alto pela indignação de Bia. Aumentando o fato de que ela passou anos ao seu lado e não tinha percebido estes aspectos nojentos que no ex tinha.

Tudo tinha virado em uma bola de neve gigante. O seu tamanho já estava acima do suportável. Era a hora deixar ela desmoronar e Beatriz retomar o rumo da própria via. Tirar das mãos do titeriteiro as cordas que moviam o seu fantoche e começar ela mesma a fazer o trabalho.

Ela havia dado o primeiro, e vacilante, passo. Tinha conseguido se livrar de Thiago e mudado de vida novamente. Ela sabia que não seria fácil. Haveria momentos, como esse, que choraria por tudo que havia perdido, mas era apenas uma fase.

Logo limparia as lágrimas que escorreram e começaria tudo novamente.

Era isso que ela realmente precisava.

Capítulo 11

Ricardo estava imóvel ao ver a cena de Bia chorando, sentada no sofá da sala. Ele nunca tinha lidado muito bom com estas situações. Geralmente quando a irmã chorava, Ricardo dava um jeito de conseguir o que ela queria de um modo ou de outro, ou então, quando não era relacionado a nada material, deixava que Fernanda assumisse a situação. Ela sempre fora mais diplomática e a mediadora entre os irmãos Chiarelli.

Mas ao ver Beatriz naquele estado o deixou em pânico. Realmente ele não tinha ideia nenhuma do que fazer, ou se devia se aproximar. Liana geralmente ameaçava jogar alguma coisa caso se aproximasse demais. E ela tinha uma mira excepcionalmente perfeita.

Bia limpou as lágrimas ao escutar que ele havia chegado e disse que estava tudo certo, porém Ricardo não acreditou na palavra dela.

Rompendo a barreira segura, que Liana sempre impusera, Ricardo se aproximou de Bia. Sentou ao seu lado no sofá e a abraçou de lado. Gostava de Beatriz, conhecia ela desde que nascera, por assim dizer. Se olhar nos antigos álbuns de fotos, da época em que eram pequenos, Bia sempre estava no meio, ou Ricardo e Liana nas fotos dela. Sem contar naquela icônica foto que ambas as famílias tinham com os três tomando banho de mangueira e pelados. Aquela foto era o motivo de vergonha dos três e sorrisos nostálgicos dos pais de Bia.

— Está tudo bem, Bia. — Falou calmamente, assim como toda a sua família falava para ele.

Era clichê, mas altamente funcional em momentos de desespero como aquele. Toda a pessoa que está triste, por qualquer motivo que seja, se sente melhor ao ser abraçada e escutar que tudo estava bem. As palavras tinham um poder quase que instantâneo, e se não funcionasse na hora, abria um caminho melhor à frente.

— Eu sei, — ela tentou se recompor e não conseguiu. — Eu sei. Só que às vezes... — Ela suspira e se escora no ombro de Ricardo.

Ok, isso não era nada assustador. Ricardo já tinha ficado encostado em Bia por um bom tempo nos ensaios do CTG. Mas aquilo era para dançar, ensaios e mais ensaios para terem uma apresentação perfeita e sem erro nenhum.

Só que essa situação era completamente diferente de todas. Não havia música envolvida, ou até mesmo a conversa, risos dos outros casais repetindo o mesmo passo. Era somente os dois, na penumbra da sala do apartamento com Beatriz em um estado de choro.

Realmente muito estranho para Ricardo entender.

— Às vezes eu sinto como se tivesse perdido o rumo da minha própria vida. — Ela voltou a falar.

Ricardo estava parado, praticamente sendo um poste para que Bia se escorasse.

— Há poucos dias eu estava com a minha vida com um rumo certo. Apesar do medo do casamento, sabia que iria me casar, teria a minha casa, começaria a minha família. Thiago decidia tudo por mim e na minha vida. E agora eu vejo que fui uma idiota em deixar ele me comandar dessa forma e ficar em segundo plano na minha própria vida. É como se eu não fosse

realmente eu.

Ricardo, ainda se acostumando com a proximidade tão íntima de Bia, conseguiu esboçar um sorriso fraco.

Sim, ele entendia mais do que ninguém a expressão de não ser realmente ele. Sentia-se assim quase todos os dias. Como se vivesse uma vida artificial e programada.

Tudo no seu exato lugar, no minuto exato e sem margem para nada fora do programa. Por mais que gostasse do exímio compromisso por cada coisa, às vezes sentia como se fosse um programa de computador com outra pessoa o manipulando.

Miguel havia falado que aquilo era um sentimento comum para ele. E que o poder de mudança não estava em uma pessoa atrás de uma tela de computador, e sim com ele mesmo. Ricardo tinha o poder na sua mão, só faltava sair da sua zona de conforto para realiza-la.

E esse era o maior problemas de todos. Não é à toa que se chama “zona de conforto”. Tudo que está nela pode nos gerar o mais profundo desespero, raiva ou desgosto, mas o ato de sair dela pode trazer sentimentos inesperados e pendendo para os dois lados. O lado que dá tudo certo e o contrário, causando mais desespero, raiva ou desgosto. E como diz o velho ditado, mas vale um diabo conhecido do que um santo desconhecido.

Porém, ao contrário de Ricardo, Bia estava saindo da sua zona de conforto habitual. Havia rompido o noivado, com todo o apoio possível, estava tentando viver novamente e comandar a sua vida. Aproveitar todos aqueles anos desperdiçado ao lado de Thiago e investindo na sua carreira. Já Ricardo estava acomodado na sua zona de conforto permanentemente. Não gostava dela, mas também não fazia nenhum esforço para sair. O medo de se machucar no caminho era mais temido do que o ostracismo.

E ele reconhecia isso. De tanto Miguel bater na mesma tecla durante tantas consultas, Ricardo conseguia perceber em outras pessoas. Via isso em Bia e tinha um pouco de inveja do que ela estava fazendo.

— Tu vai retomar o rumo da tua vida, Bia. Eu tenho certeza disso. O que tu passou foi bem intenso e problemático, mas tudo vai dar certo no fina, tu vai ver. Já está dando. Tu está aqui, longe dele e daquela vida que ele te prendia.

Ela suspirou, ainda sendo amparada por Ricardo.

— Eu sei, mas é que eu ainda me assusto em ver onde eu estou e o que eu estou fazendo. Parece que foi tudo muito rápido, recente e cada vez que eu abro os olhos estou diferente.

— É melhor do que acordar e ver que tudo ainda está na mesma. Nesse aspecto eu realmente te invejo.

Ricardo pensou alto e logo se arrependeu.

Bia não precisou pensar muito em entender o que ele havia se referido. Apesar de ser mais amiga de Liana, Beatriz assistiu todas as quedas e o trabalho que ele teve para se reerguer. Ainda se lembrava da sensação que teve quando seus pais a chamaram para conversar e falaram que Ricardo havia tentado suicídio quando adolescente. Ela tinha quatorze anos e assistir a tudo aquilo havia ficado marcado na sua mente.

Ao longe, e narrado por Liana, Bia ficou a par de todos os processos que Ricardo passou. O tempo que ficou internado em uma clínica para se restabelecer, as consultas semanais que frequentava, o efeito que os medicamentos causavam, até a adaptação completa e todos os percalços no meio do caminho.

Ela tinha a plena consciência que o problema dele era pior que o seu. Não foi de um dia para o outro, ou no espaço de pouco mais de um mês que a vida dele havia tomado outro rumo, como a dela neste momento. Foram anos e mais anos e continuarão por muitos mais.

Ricardo convivia com uma sombra extra desde então. Uma companheira amarga e que o espreitava sempre que havia oportunidade. Bastava um tempo em que Ricardo não ficasse em completa sintonia para que ela aparecesse e começasse a sussurrar coisas descabíveis para ele.

Realmente eles formavam um par e tanto, para quem visse de fora.

— Se teve uma coisa que eu aprendi, nesses longos anos.... É que as coisas podem levar um tempo, ou muito tempo, mas elas passam. Sei que pode parecer que nunca vai passar. Acordar todos os dias e se lembrar do que aconteceu, do que está acontecendo a sua volta e de tudo que pode acontecer. Mas vai chegar um dia em que tu vai olhar para trás e a situação toda parece que aconteceu há uma eternidade.

Ricardo olhava para frente, sem focar em nada. Apenas parado, abraçando Bia pelos ombros e sendo um apoio que ela precisava naquele momento.

— Eu sei que não sou parâmetro para muitas coisas. Todo mundo me considera maluco ou no mínimo estranho. No fundo eu já me aceitei assim. Prefiro ser desse modo a não ser realmente o Ricardo. Não sou muito de dar conselhos, já que tem um bom tempo que escuto vários e tenho uma tremenda dificuldade em aceita-los. Mas se pudesse te dizer alguma coisa, seria isso. Primeiro pensamos no hoje. O amanhã ainda está muito longe para se preocupar, e o ontem já passou. Não tem como voltar mais para se incomodar em poder mudar alguma. Não tem jeito de isso acontecer. Nem mesmo a física consegue tal ato.

As lágrimas de Bia haviam parado. Ela estava escutando com toda a atenção que tinha e aconchegada no ombro de Ricardo. Percebeu que era um bom lugar para se ficar e que poderia aprender com o amigo a superar aquela fase, já que ele já havia passado por algumas bem piores que a dela. E lá estava ele, firme, forte e ainda tendo que conviver com o seu passado daquela forma em que o aceitava plenamente. Apenas focava no hoje para que não repetisse os mesmos erros amanhã. E mal ela sabia que Ricardo, apesar de falar assim, tinha grandes inclinações em repetir o passado naquele momento em que estava vivendo.

— Vou ter que aprender a conviver com isso, não é?

— Infelizmente. Mas se serve de consolo, logo quando eu voltei para casa depois de.... — Ele não precisava colocar em palavras o que Bia sabia o que significava. — O Miguel me disse que chorar sempre melhorava as coisas. Por um tempo, até os remédios estarem ajustados, eu deitava na cama e chorava até dormir. Se ajudava, não sei te dizer, mas me cansava e eu dormia mais rápido. — Brincou.

Bia riu e saiu do seu abraço.

— Obrigada, Kado. Já disse que não sou a melhor colega de quarto nesse momento, mas eu

prometo que vou melhorar.

Ricardo se arrumou no sofá. Apesar de ter sido um momento diferente para ele, não podia reclamar que havia sido desconfortável. Talvez se Liana não fosse tão agressiva ele pudesse fazer isso com a irmã.

— Não foi nada, Bia. Também não sou o exemplo de colega de quarto. Tenho uns dias que nem eu mesmo aguento, quem dirá as pobres pessoas que convivem comigo. Quando esses dias chegavam a Liana dizia que eu estava com espírito de porco, mas vou tentar me comportar. Eu juro.

— Então vamos torcer para que nenhum de nós fique com esses espírito junto, pois aí podemos nos ajudar quando estivermos nele.

Ricardo sorriu concordando. Levantou-se do sofá e pegou a sua bolsa esquecida no chão com os seus livros da faculdade.

Caminhou em direção ao seu quarto, quando se lembrou de uma coisa que poderia fazer com que Bia saísse daquele estado de espírito.

— Sexta uns alunos me convenceram a ir ao bar. Aquele mesmo que a Li cantava e a gente ia quando vocês vieram para cá.

Bia lembrava do bar, era um ambiente legal. Ela frequentou algumas vezes com Bia e Elis, uma amiga das duas e que acabou se distanciando das duas, por estudar em uma faculdade diferente. No final, Bia também acabou se afastando pelo fato que Thiago não gostava daqueles ambientes. Mais uma perda na vida de Bia em função dele.

— Eu não bebo, tu sabe, mas eu vou para eles não me incomodarem e só vou ficar lá por pouco tempo. Pensei que seria legal ter alguém para conversar enquanto eu fico lá. O que acha?

Bia hesitou. Não sabia se era a hora certa em sair de casa para um bar.

— Vai um colega meu, o Jonathan, ele é mais estranho que eu. E eu digo realmente estranho. E inofensivo. Aguentar ele sozinho é uma coisa, mas com outra pessoa junto pode ser que não fique tão insuportável.

— Eu não sei, Kado....

— Ah.... – Ele tentou soar indiferente, mas não sabia se tinha conseguido fazer este feito. — Tudo bem. O convite está feito e não tem perigo de acabar. Se te sentir à vontade, a mesa dos esquisitos estará à disposição.

— Obrigada, Kado. — Agradeceu Bia de coração.

Ricardo foi para o seu quarto nem imaginando o quanto Bia estava grata.

Capítulo 12

Bia estava entediada em casa. Nada chamava a sua atenção, nem mesmo o livro que estava em sua mão, uma recapitulada nas matérias do tempo de faculdade. Uma lembrada para não se sentir tão ignorante perante os seus colegas de pós.

A semana havia passado lentamente. Sua via havia se tornado uma rotina. Acordar, tomar café acompanhada de Ricardo, limpar a casa na parte que lhe cabia no rodízio e sair para a faculdade. Almoçava por lá mesmo e voltava para casa no final da tarde. Sexta era o único dia que ela tinha a tarde disponível, até poderia pegar um ônibus e voltar para casa, mas preferiu esperar por Ricardo e voltar de carona na manhã seguinte.

Bia já tinha feito tudo. Lavado a roupa, secado, dobrado e até mesmo guardado. Fez até com as roupas de Ricardo, já que não tinha mais o que fazer para se entreter. Chegou até mesmo limpar o banheiro, que pela escala, era a vez de Ricardo.

Completamente entediada.

Deitou-se no sofá que tinha na sala e ligou a TV, o sono veio quase instantaneamente, uma ótima distração, já que sempre nestes horários de ócio era que o perigo morava. As lembranças, os medos, exageros e todos os sentimentos que Bia poderia ter em relação a tudo. A conversa com Ricardo no início da semana havia amenizado muitos pontos, mas não por completo.

O telefone tocou ao fundo, dando um susto tremendo em Bia, que atendeu rapidamente, como se o barulho fosse um veneno para os seus ouvidos.

— Bia! Não sabia se ia te pegar em casa! — Liana soava alegre do outro lado da linha.

— E onde mais eu estaria, Li, se não fosse em casa?

— Se lá, hoje é sexta e já é noite, se eu morasse na capital e tivesse o dinheiro do meu ex para gastar como quisesse, com certeza não estaria em casa agora. E muito menos trancada no consultório arrumando as coisas que chegaram. Hoje até consegui fazer uma limpeza na Nanda lá, era um dente limpo e uma pausa para ela se recuperar da ânsia de vômito da gravidez. Ela disse que está bem diferente da gravidez do Inacinho, o mano já está babando em cima dela, mais do que o normal e dizendo para todo mundo que uma menina agora. Mas e aí, como foi a primeira semana? — Finalmente ela havia parado de falar.

Bia suspirou e começou a narrar para a amiga a semana. Ela e Liana tinham uma conexão especial, desde que nasceram não se desgrudaram mais. Se consideravam irmãs de pais diferentes. Em nenhum momento Bia hesitou em pular alguma parte da sua semana, Li não precisava de rodeios sobre a sua vida, já tinha visto a amiga nas melhores e piores situações. E a recíproca era verdadeira. Depois que Bia terminou de narrar sua semana, foi a vez de Liana falar.

— E se vocês, sei lá... encontrarem pessoas novas onde estão? — Bia comentou após Li dizer que sentia falta de Richard e os dois se falavam diariamente

— Já disse que o que eu sinto por aquela praga é amizade agora. Ele é um deus grego e eu não posso monopolizar o cargo. Quando ele embarcou naquele avião a única coisa que restou entre nós foi isso. Tu sabe como a vida dele é um caos, a única família que ele realmente teve, desde que nasceu foi a minha. O mano e a Nanda tratam ele como eu e o Kado. Aliás, cadê o

retardado do meu irmão?

Bia já nem ligava mais pelas mudanças de assuntos repentinos de Liana. Anos de amizade já faziam com que Bia esperasse isso sempre que as duas conversavam.

— A essa hora deve estar saindo da faculdade e indo para aquele bar que tu te apresentava com os alunos dele. Uma festa de início de semestre.

— Coisa boa! Saudade dessas bebedeiras, o Kado e o Richard sempre me arrastavam de volta para casa nesses dias. — Ela escuta a risada da amiga. — E tu, por que não está num bar enchendo a cara?

— Acho que não estou preparada ainda. Gosto de ficar em casa sem ter nada para fazer e....

— Vai te catar, Beatriz! Para não te mandar para um lugar pior. Vai aproveitar a vida, gurua! Já basta todos aqueles anos sendo o bichinho de estimação do Thiago!

— Li.... Não sou como tu que trocava de namorado até conhecer o Richard como quem trocava de roupa. Eu ainda estou me sentindo mal por tudo que aconteceu e...

— Quando tu chegar aqui amanhã eu juro que vou te xingar de tudo que é coisa. Tu já te escapou de um casamento infeliz, agora vai viver a tua vida, aproveitar os anos de juventude e enfiar o pé na jaca no bar. O Kado não pode beber por causa dos remédios, ele te traz sem problema nenhum.

— Ah, claro. Teu irmão vai adorar ser babá de mim, ele já não gostou muito da minha invasão, quem dirá me cuidar bêbada.

— Aquele retardado te falou alguma coisa por tu está aí? — Bia chegou a afastar o telefone do ouvido pelo grito de Liana. — Eu mato ele.

— Não, Liana! O Ricardo é educado demais para me falar uma coisa dessas. Nunca que ele iria me dizer alguma coisa desse tipo! Mas convenhamos que nós somos bem grandinhos para dividir um apartamento. Eu tiro toda a liberdade e privacidade dele. E imagina se ele convida alguém para vir aqui e eu me enfio onde?

— Até parece que tu não conhece o Ricardo, né? Eu tenho uma aposta com o Sérgio de que ele é virgem ainda. O mano diz que não é possível, mas eu vivi com o meu irmão por toda a minha vida. Ele até gosta de ir no bar, conhecer algumas meninas, mas nunca vi ele agarrado com nenhuma ou alguma delas querendo conversar mais do que no bar. O mano corre tudo que é mulher da volta dele por ser maluco e quando elas veem a cicatriz no pulso dele já ligam o alerta. Só continuam a conversa por pena mesmo.

Bia ficou estática ao escutar aquilo de Liana. Sabia que Ricardo era especial, em todos os sentidos da palavra. Porém um sonho de rapaz para qualquer sogra. Até mesmo a sua própria mãe fala isso aos quatro ventos. Se ela tivesse outra filha, além de Beatriz, não iria ficar preocupada se o namorado dela fosse o Ricardo.

— Eu não acredito nisso, Li. O Kado é um amor de cara. Qualquer mulher ficaria louca por ele num instante.

A risada de Liana dava para ser escutada até mesmo sem telefone, de tão alta que foi.

— Ai, Bia, tu fala isso porque sempre teve uma queda pelo Kado, desde sempre e não

adianta negar. Te aguentei suspirando por ele uns bons anos!

Bia ficou em silêncio, isso ela não poderia negar mesmo. Tivera uma paixãoite adolescente pelo irmão da melhor amiga. Quem nunca teve uma dessas?

— Indiferente disso, — Beatriz retornou a falar, ignorando o fato que a amiga havia mencionado delicadamente. — Acho que o Ricardo é um ótimo partido. A cicatriz dele não é motivo de alarme nenhum!

— Claro.... — Desdenhou Liana. — Quero ver um cara chegar em ti e tu notar o rasgo no pulso, sinal clássico de uma tentativa de suicídio. Tu vai abraçar ele e levar para casa enquanto ele chora as pitangas no teu ombro. Santa Beatriz, psicóloga dos suicidas.

Beatriz se ajeitou no sofá. Até parecia que ela não conhecia o modo de Liana de ser e ainda se dava ao luxo de ficar desconfortável quando ela falava daquela forma. As únicas pessoas que realmente não davam bola para o comportamento de Liana era a sua família. Anos tentando mudar o jeito dela de ser e nunca conseguiram. Até que por fim aceitaram e ainda fazem os mesmos trocadilhos irônicos e, visto por muitos, como maldoso.

Os piores de todos, e um dos motivos de muitas conversas nas rodas de fofocas na cidade, é o fato de Liana chamar a cunhada Fernanda de golpista, o Inácio de bastardinho e, desde sempre, Ricardo de retardado. Fernanda e Inácio nunca deram bola para os apelidos amigáveis de Liana. Bem pelo contrário, ainda incentivavam e Ricardo, principalmente, achava graça no apelido e não discordava dele.

Sim, Liana era excêntrica. Um furacão em forma pessoa, por assim dizer. Mas a melhor pessoa possível. Não media esforços para realizar qualquer coisa que fosse pelos seus. Brigava pelo que queria e não se contentava com coisas pela metade. Bia gostaria de ter um pouco da audácia da amiga. Nem que fosse o mínimo possível para passar por algumas barras que vinha enfrentando.

— Ai, Li... Não fala assim...

— Mas é verdade. Mulher já é bicho complicado e quem vai querer um cara mais complicado ainda? Coisa boa não iria sair daí. A não ser que a mulher for mais louca que o Kado, aí já não duvido de nada.

— Pois eu não acredito nisso! — Desafiou Bia. — Tenho certeza de que se eu chegasse no bar agora, encontraria o Ricardo em um canto dando uns amassos numa garota que não merece nem o chão que ele pisa.

Liana teve que segurar a risada. Seu sonho era que o irmão fosse um lascivo. Que se grudasse em qualquer mulher que desse bola para ele, mas não. Ricardo tinha algum bloqueio que barrava qualquer envolvimento emocional.

— Por um acaso ele mencionou algum colega de faculdade na ida ao bar? — Li questionou como quem não queria nada.

Bia pensou um pouco e lembrou a menção de um colega professor.

— Sim, não lembro o nome dele...

— Jonathan, por acaso?

— Isso. — Bia recordou-se. — Esse mesmo, conhece ele?

— Claro. É paciente do Miguel também, foi ele que juntou os dois. O Ricardo tem uma relação de amizade e ódio com o Jonathan, mas os dois são uma dupla imbatível. — Desdenhou. — Ficam sempre na mesa dos esquisitos do bar.

Novamente Bia sentiu-se desconfortável com as palavras da amiga.

— E não adianta me repreender por falar essas coisas. Conheço os dois. Aposto que se tu chegar lá vai encontrar os dois, sentados em um canto conversando sobre as atualizações da tabela periódica ou qualquer outro assunto que ninguém entende. Vai lá, Bia. Vai lá e me conta amanhã quando tu chegar aqui.

— Isso não é justo, Liana!

— Não é justo, é a realidade. Amanhã, concordar comigo será a tua primeira reação quando me ver. Nos falamos amanhã...

E Liana desligou o telefone, não dando nem chance para Bia argumentar alguma coisa ou se despedir corretamente.

Bia voltou a olhar TV, mas a pulga atrás da orelha falava mais alto. Não acreditava que Ricardo fosse assim mesmo. Conhecia ele desde sempre, tivera a paixonite e ele sempre a tratou como uma irmã. Com certeza ele não tinha aquela intimidade, como Bia e Liana tinham, para chegar nela e contar sobre as suas aventuras amorosas.

E agora Bia estava na dúvida. Aquilo era verdade, ou um truque baixo de Liana para que ela saísse de casa? Até poderia ver a amiga rindo da sua cara amanhã quando chegasse em casa, não acreditando que Bia havia caído na história em que Ricardo era supostamente virgem.

Aquilo não poderia ser verdade. Como um cara como ele, cabelos castanhos na medida certa, olhos de um marrom hipnotizante, alto e com um belo corpo, de quem carregou muitas caixas pesadas no mercado e dançou por muitos anos no CTG, poderia ser imune às mulheres? Bia tinha certeza que elas se atiravam nele como peixes nas redes. Muitas alunas com o coração despedaçado por ter acabado o semestre com um professor como aquele.

Se Bia não tivesse namorado Thiago desde aquela época, com certeza ainda teria uma queda gigantesca, para desespero de Liana.

A dúvida a corroía por dentro. Maldita Liana! Agora Bia teria que se arrumar, chamar um táxi e conferir se o que ela havia falado era verdade ou a maior mentira de todas!

Capítulo 13

A música era alta. As pessoas se encostavam ao passar de um lugar ao outro. As filas para pegar bebida, pagar e banheiro eram gigantes, a ponto de as pessoas quase desistirem de irem ao banheiro, não de comprarem bebidas.

E alheio a tudo que acontecia na volta de festa, estavam Ricardo e Jonathan em uma briga épica.

— Super Mário ganha de Sonic em todos os cenários. — Ricardo falou e Jonathan olhou para ele e desdenhou.

— Nunca! A supervelocidade do Sonic acaba com o encanador!

— Um ouriço? Olha o tamanho de um ouriço para um encanador italiano! — Ricardo começou a se exaltar.

Jonathan bebeu um pouco e desviou o olhar com um sorriso no rosto.

— Nunca, meu amigo! É humanamente impossível ganhar do Sonic por qualquer pessoa. Olha o vilão do Sonic!

— E o Bowser é o que? — Ricardo simplesmente não acreditava na blasfêmia de Jonathan.

— Nada muda a minha opinião!

— Vamos aos fatos então, Mário quebra blocos com as mãos, não precisa ficar caçando ar em fases embaixo d'água. Salva a princesa e tem um dinossauro companheiro que sacrifica a vida dele pelo Mário.

Jonathan revirou os olhos.

— Sonic é muito rápido, ao encostar os espinhos nos vilões mata eles, pode virar uma bola de espinhos e ninguém chega perto, salva os animais e....

O silêncio de Jonathan faz com que Ricardo se vire rapidamente e olhe ao redor para ver quem se aproximava.

Era de praxe que Jonathan escolhesse a mesa em que eles ficariam. Como um bom químico, e com um medo patológico de germes, Jonathan nunca reclamava em aplicar uma boa camada daquele composto, criado por ele mesmo, para que deixasse a mesa mais higienizada. Aquilo sempre deixava Ricardo aflito, todos já sabiam que os dois eram estranhos, Jonathan não precisava esfregar (literalmente) que os dois eram piores do que se imaginavam.

Seus alunos conheciam as peculiaridades dos dois. Se Jonathan era excêntrico, Ricardo era mais calmo, mas também não era considerado completamente normal. Por Ricardo conhecer há mais tempo o bar em que frequentavam, o pessoal que ali trabalhavam já não achavam estranho o fato dele, e de seu amigo, serem daquela forma. Sempre sentados ao fundo do bar, Jonathan bebendo alguma coisa de álcool e Ricardo uma água, sem gás, enquanto compartilhavam um petisco.

Não davam mais bola quando Jonathan limpava a mesa e as cadeira, ou quando as bebidas e comida chegavam e ele limpava os copos, pratos e talheres. Havia muito mais trabalho para ser feito do que reparar em costumes de pessoas diferentes.

E o tempo em que passava ali, os dois conversavam sobre assuntos aleatórios. Ricardo havia mesmo recebido o artigo que Jonathan tinha indicado, quase convocado ele a ler, para que discutissem e com uma mudança drástica, no momento discutiam sobre os seus videogames favoritos como se isso fosse um assunto altamente complicado.

Gostavam do isolamento. Ficarem sentados, conversando, bebendo e comendo. Não iam para o bar com outras intenções ou procurarem mulheres, assim como a grande maioria dos homens que ali estavam. Ricardo mesmo via seus alunos, já alterados pelas bebidas, trocaram de companhia mais rápido do que ele levava para comer uma batata-frita.

Se ele já achava aquilo meio nojento, por assim dizer, quem dirá Jonathan que nem cumprimentava as pessoas com um simples aperto de mão, sem tirar um lenço umedecido do bolso e limpar as suas, bem na frente da pessoa em questão.

Realmente era uma mesa estranha a quem olhasse pela primeira vez.

E mais estranho ainda seria ver alguém se aproximando. Muitas garotas até faziam isso, Ricardo e Jonathan não eram de colocar fora, como elas comentavam com as amigas. Um era o oposto de outro, enquanto Ricardo era alto e tinha os cabelos e olhos escuros, Jonathan era de estatura mediana, loiro e com os olhos azuis tão claros que poderia chegar a branco em algumas partes.

Bonitos, inteligentes, bem-sucedidos como professores em uma faculdade ótima da cidade, um doutorado e o outro doutorando. Faltava apenas conseguirem se relacionar com outras pessoas.

E quando Bia chegou ao bar, arrumada às pressas, ainda com a esperança de ter sido enganada por Liana e encontrar Ricardo com alguma mulher, não percebeu os olhares atentos de alunos e funcionários do bar em verem ela se aproximando da mesa onde Ricardo estava.

Algumas pessoas até cochicharam sobre o quanto tempo ela levaria para perceber que nenhum deles estava disponível para algum encontro. E não acreditaram quando Ricardo abriu um sorriso e beijou de leve a bochecha dela.

— Bia! — Ricardo alegrou-se em a ver. — Por que não me avisou que viria, eu teria te buscado.

— Decidi na última hora — tentou soar indiferente. — Desculpa não ter avisado antes.

Bia olhou para Jonathan, tão abismado com a sua presença como as pessoas que os olhavam do resto do bar.

— E tu deve ser o Jonathan. — Beatriz sorriu e esticou a mão em sua direção.

— Olá, Bia. Ouvi muito falar de ti nesse tempo que conheço o Kado.

Ricardo supriu um gemido. Jonathan apertou a mão de Bia e logo quando a soltou, puxou um lenço umedecido do bolso e limpou as mãos. Como se fosse a coisa mais normal de todas.

Bia arregalou os olhos, mas se manteve quieta. Sabia da excentricidade de Jonathan, fora advertida por Ricardo enquanto conversavam alguns dias atrás. Mas mesmo assim, era surpreendente ver ao vivo. Sentou-se em meio aos dois e começou a sentir-se bem.

— Seja bem-vinda a mesa dos estranhos. — Ricardo começou a falar e foi interrompido

por um Jonathan apressado.

— E então, Bia, Super Mário ou Sonic? O Ricardo tem uma mania, irritante digamos, de escolher sempre o encanador comedor de massa. Um ouriço é bem mais interessante, não acha?

— Jonathan... — Ricardo advertiu, para ver se ele se tocasse e terminasse o assunto, Bia nunca se importaria com isso.

— E quem iria apostar em um ouriço que corre? Eu com uma vassoura acabaria com ele.

Ricardo e Jonathan, ao mesmo tempo se viraram para Bia.

— Mas como...? — Jonathan estava incrédulo quanto a resposta e Ricardo começou a rir.

— E é isso, meu amigo. — Ricardo riu. — Ninguém falaria uma coisa melhor do que essa nesta noite.

Bia riu e suspirou aliviada. Era bom estar acompanhada e sem medo de estar fazendo alguma coisa de errado para Thiago a repreendê-la no final da noite. Coisa que sempre acontecia quando saíam juntos.

No meio da noite, depois de algumas doses com Jonathan e rindo como nunca na presença dos dois, Bia não lembrava de nada. Não havia Thiago, agressão, o silêncio em troca de dinheiro e muito menos o que ela havia passado para chegar até ali.

Sentia-se viva, como em muitos anos não conseguia. Talvez o que Jonathan havia dito sobre a bebida ser forte tivesse sido verdade e agora tudo o que estava sentindo era fruto de estar levemente bêbada.

Mas ela se importava com isso? Nenhum pouco.

Era livre para fazer o que quisesse. Não tinha nada para que se preocupar. Nenhuma eleição a frente para ser a nova futura dama. Nenhum evento chato onde ela não poderia se atirar para trás de tanto rir, ou que não pudesse nem falar. E muito menos dançar.

Como Bia sentia falta de dançar! Deixar a música embalar o seu corpo enquanto outra pessoa a leva pelo salão. Ricardo! Sim, seu par tem que ser sempre o Kado! Eles se dão muito bem em uma pista de dança, com mais ninguém conseguia.

Mais bebida, Jonathan estava encantado por ter uma mulher bebendo com ele na companhia do seu melhor amigo. Liana era chata, ele havia falado, tão arrastado como ela. Ela ria de Jonathan e brigava com ele quando estavam juntos. Bia concordava, Liana era chata e não sabia de nada!

Amanhã Beatriz iria falar com a chata e dizer isso na cara dela. Liana não sabia de nada!

A música havia mudado de ritmo. O bar era eclético e não tinha preconceito com nenhum tipo de música, qualquer um que pedisse iria ser atendido. E Bia não aguentou quando uma música gaúcha começou a tocar.

Arrastou Ricardo, incentivado por Jonathan, já que ele estava muito sóbrio e não se divertindo.

— Tu está bêbada, Bia. — Ricardo disse ao levar ela até a pista de dança.

Bia sorriu.

— Sabe há quantos anos eu não fico bêbada, Kado? Muitos. Acho que a última vez foi quando eu a Li estávamos no primeiro ano da faculdade. — Ricardo colocou a mão na cintura dela e Bia se aproximou mais.

— Vai lá, professor! — Algum aluno de Ricardo gritou ao fundo.

— Pegando todas! — Outro falou.

Ricardo só balançou a cabeça e se deteve em dançar com Bia.

Beatriz percebeu ali que Liana estava com a razão. Ricardo não se envolvia com ninguém. A amiga estava certa. E aquilo feriu Bia.

Ricardo e ela dançaram as músicas que se seguiram. Não precisavam conversar ou se verem para saberem como dançar. Era automático. Bia e Ricardo, primeiro casal de prenda e peão do estado. Título reverenciado na cidade em que viviam. Bia sabia a importância dele.

Thiago não. Achava a dança ridícula. Tudo que ela fazia era ridículo. Dançar, ir ao CTG, estudar e até mesmo conversar com pessoas.

Ricardo não.

Ricardo ainda dançava no CTG, passava boas horas ensaiando e se pudesse ficava mais. Ainda estudava e Bia sabia que era bem mais do que o seu doutorado pedia, ele não se contentava em saber o mínimo, Ricardo queria saber tudo.

Era uma inspiração para Beatriz. Ela queria ser como ele. Inteligente, professor de uma renomada faculdade e cheiroso.

Bia sorriu. Ricardo era cheiroso. Alto, um corpo firme e bonito. Bem bonito, ela via Ricardo andando de cueca em casa todas as manhãs. Ele o considerava como uma irmã, tanto que nem se importava por aparecer quase nu na sua frente.

Ela não era cega, apesar de Ricardo realmente ser como um irmão para Bia. Mas nem por isso era cega.

Beatriz queria gritar para todas aquelas mulheres no bar que elas não sabiam o que estavam perdendo. Ricardo era um ótimo cara, e seria o melhor namorado de todos.

Ele não impediria ninguém de estudar. Não a escolheria por ser a melhor opção para ser a primeira dama da cidade, visando a sua carreira maldita de político. Nunca a impediria de dançar ou fazer qualquer coisa que gostasse. E principalmente, nunca a bateria, nem esconderia seus problemas com dinheiro.

Ricardo era perfeito. Mais do que qualquer homem que Bia já tivesse conhecido, e nem conseguia comparar ele com Thiago.

Liana acertara por ele ser diferente, mas Bia gostava dele assim mesmo. Não trocaria nada em Ricardo. Nenhuma grama que fosse, nenhum dos fios de cabelo castanho dele e muito menos a sua boca.

Boca aquela que Bia grudou na sua.

Capítulo 14

Bia abriu os olhos e não reconheceu o lugar em que estava. Levantou, rapidamente e a dor de cabeça a fez voltar para o travesseiro macio. Ela gemeu. Era como se uma marreta tivesse batendo na sua cabeça incessantemente.

Virou para um lado e novamente abriu os olhos e se deparou com uma foto inconfundível. Ele mesma havia recebido uma foto daquele estilo da amiga formanda em odontologia. Ricardo, Sérgio, Fernanda, Inácio e Richard, juntos com uma Liana vestida de toga e com o canudo do diploma para cima.

Isso só significava uma coisa: o sonho estanho em que ela estava aos beijos com Ricardo e vindo para o quarto dele, depois que chegaram do bar, era real.

Seu primeiro instinto foi levantar as cobertas e perceber que estava parcialmente vestida com uma camiseta de Ricardo, sem sutiã e com a mesma calcinha que havia colocado ontem à noite. Era um bom sinal, já que não estava sentindo nenhum incomodo em outras partes do seu corpo.

Aos poucos a dor de cabeça começou a cessar, mas não completamente. Bia percebeu que estava em uma enrascada daquelas. Havia bebido mais do que o seu corpo conseguia metabolizar e ficou em um estado deplorável de bêbada. Jonathan havia avisado que a bebida era forte, mas a liberdade que ela desencadeava em Beatriz falava mais alto que ele.

E olha aonde toda essa liberdade havia lhe levado? Direto para a cama de Ricardo! Ainda bem que era a cama, literalmente ela. Nada a mais do que isso. Pelo menos era o que Beatriz esperava. Não poderia confiar na sua memória nublada pelo álcool.

E agora teria que fazer a caminhada da vergonha e encarar Ricardo, já que não poderia ficar na cama dele para sempre. Levantou, tentando ignorar a dor de cabeça e quando olhou para a cadeira da escrivaninha de Ricardo, encontrou as suas roupas dobradas, com o bônus do seu sutiã na pilha, como se fosse uma cereja de um bolo delicioso.

— Meu Deus! — Gemeu e a sua vontade era de sair pela janela do quarto, que dava para a saída de incêndio, entrar no primeiro ônibus e nunca mais sair de casa.

Porém essa era uma saída idiota, mais idiota do que as atitudes dela na noite passada. Pegou a sua pilha de roupa, abraçou ela em frente ao peito e caminhou em direção à cozinha.

E lá estava Ricardo, não muito diferente dela, vestindo apenas uma camiseta e cueca, sentado à mesa e arrumando a erva mate dentro da cuia de chimarrão.

Tentou passar por ele sem ser percebida. Assim como tudo a sua volta, Ricardo não sossegava enquanto não deixava o seu chimarrão em perfeito estado.

— Bom dia, Bia. — Ele sorriu para ela. — Estava terminando aqui para te acordar. Espero que tenha dormido bem.

Bia queria que um buraco abrisse sobre os seus pés. De preferência, que atravessasse toda a Terra, para que ela seguisse passagem quando aparecesse na outra extremidade e voasse em direção ao espaço. Ao infinito. E nunca mais precisasse voltar.

— É... dormi... eu acho. — Foi as únicas palavras que saíram da sua boca.

Ricardo largou a cuia, com o monte de erva perfeito, em cima da mesa e apontou para o copo a sua frente.

— Jonathan me ligou apavorado hoje pela manhã, preocupado contigo e a tua ressaca. Me fez prometer que eu faria essa coisa e te desse quando acordasse. E realmente eu prefiro não dizer o que coloquei aí dentro. — A cara de nojo de Ricardo era perceptível.

Beatriz hesitou, mas a pontada na cabeça fez com que ela pegasse o copo e não desse bola para o gosto estranho quando ingeriu o conteúdo.

— Tenho certeza que o Jonathan vai me ligar em breve e pedir para que tu confirme que bebeu.

Ela sorriu de leve e virou para o banheiro, dizendo que iria tomar um banho. Ricardo viu ela entrar no quarto, pegar uma roupa, se trancar no banheiro e escutar o barulho do chuveiro ligado.

Ele se ajeitou na cadeira, pegou a cuia novamente e encheu com a água quente para tomar o chimarrão.

Era claro que a noite havia sido muito estranha. Mais das que ele havia passado com Liana na sua cola. A começar com a chegada de Bia no bar, Ricardo tinha convidado Bia para se juntar a eles, mas ela havia declinado e do nada apareceu por lá. Era uma ótima coisa, claro. Sabia da guinada na vida de Bia como ninguém, e queria ver a amiga feliz novamente. Sorrindo como ela fazia quando eles eram mais jovens e dançavam juntos.

Aquela era a Bia que Ricardo gostava de ver todos os dias. Assim como todos que a conheceram antes dela se relacionar com Thiago, sabia que uma parte dela havia ficado anulada por ele. E esperava que agora a Beatriz de sempre voltasse ao convívio deles.

O convite era para tirá-la de casa e dos pensamentos rotativos, como Ricardo chamava quando estava em uma espécie de situação como a dela. Os pensamentos ruins faziam rodízio por sua mente, o pessimismo era acompanhado da desilusão e tantas outras coisas que faziam todo o ciclo e recomeçavam. Ricardo detestava ficar assim e sabia como tentar sair dele por conta própria era desesperador, tanto que.... Bom ele não precisava se lembrar agora da sua primeira tentativa de suicídio nesse momento.

A questão era que Ricardo queria ajudar Bia a perceber que ficar em casa pensando não ajudaria. Por isso a convidou para sair de casa com ele e Jonathan. Sabia que a companhia não era tão agradável, estimulante ou até mesmo interessante, mas Bia apareceu e provou o contrário.

Jonathan até tinha dito que havia gostado dela. Uma coisa que Ricardo nunca tinha ouvido do amigo. Bia se enturmou com eles como ninguém mais havia conseguido. Conseguia manter uma conversa com Jonathan a ponto dele mesmo rir. E isso encantou Ricardo.

Sim, ela bebeu. E muito. Por não beber, Ricardo havia ficado abismado ao ver o quanto Bia bebeu, Jonathan já o surpreendia no copo, ele tinha parado e Bia ainda pedia mais para o garçom.

Ricardo estava acostumado a lidar com a irmã bêbada, e não foram poucas as vezes em que teve que carregar ela no colo, ou ajudar Richard a arrastar Liana para casa. Mas Bia havia

extrapolado todos os recordes de Liana.

A sua mente estava ainda atordoada por tudo aquilo, especialmente pelos beijos que trocaram. Bia não o deixou com escolha. Grudou a sua boca na dele sem que ele pudesse evitar o contato. Não, ele não era um germofóbico como Jonathan, mas não esperava tal ação de Bia.

E quando aconteceu, Ricardo percebeu que não foi de todo ruim. Claro que sentia vergonha por isso. Bia era praticamente sua irmã! O que a mãe dela pensaria dele se descobrisse? E se Sérgio e Fernanda ficassem sabendo? Sabia que a bronca seria dupla.

Como ele conseguia se sentir tão bem, um pouco encantado com o que havia acontecido, sabendo que era errado? Sim, na visão de Ricardo, os beijos que trocou com Bia eram errados. Era quase a mesma coisa que beijar Liana. Repulsivo ao extremo!

E antes do sentimento o atingir por completo, ele se aproveitou da fragilidade dela. Ricardo poderia ser diferente em um amplo aspecto, mas acima de tudo era humano e tinha sangue correndo nas suas veias. Já que Bia estava empolgada, ele ficou receptivo.

Puxando pela sua cabeça, Ricardo conseguia se lembrar da última vez em que havia beijado uma garota. Com dezesseis anos. Um dia na praia com a família e uma menina desconhecida que estava com sua família ao lado da dele. Ela estava de olho nele, a ponto de o deixar desconfortável, e quando seu irmão percebeu, fez questão de empurrar Ricardo para algum lugar isolado com ela. No final da tarde, acabou acontecendo o beijo. Um pouco tímido e desajeitado pela adolescência dos dois, mas Ricardo ainda tinha boas lembranças dela e do momento em si.

E depois.... Depois a vida de Ricardo virou uma montanha russa de emoções, confusões e ele ficou totalmente focado nos seus estudos. E também um pouco de vontade da parte dele, era claro. Ele mesmo sabe que é um fardo demais para alguém compartilhar com alguém, já bastava sua família e a sua preocupação constante com Ricardo. Nenhuma pessoa aguentaria passar por aquilo e ainda ter um companheiro instável emocionalmente e que tinha tendências suicidas.

Era consciente desse fato e já havia discutido a situação com Miguel diversas vezes. O médico tentava provar o contrário para ele, deu exemplos e mostrou como uma relação afetiva poderia ser benéfica para Ricardo. Um algo a mais que o fizesse pensar em um futuro a longo prazo e um motivo relevante para qualquer decisão errada que ele tomasse.

Mas de nada adiantava.

Ricardo gostava da sua “solidão”. Se dava melhor com ele mesmo do que com outras pessoas do seu convívio normal, quem dirá com estranhos que viessem a ficar ao seu lado boa parte dos dias.

E, por mais que já tivesse a sua opinião formada e concretizada em mente, Ricardo não havia sido forte o suficiente para burlar os ataques de Beatriz. Deixou ser levado por uma parte do seu cérebro muito precária e que precisava ser mais exercitada.

Se arrependia amargamente de ter feito aquilo. Percebeu que tinha cometido um erro quando Bia e ele chegaram em casa. Mesmo ainda bêbada e trôpega, Bia arrastou Ricardo para o seu quarto enquanto tentava tirar a camisa dele.

Tinha sido tentador. Ricardo sabia como tinha sido difícil parar Bia e de resistir à tentação.

Teve que dizer para ela que esperasse no seu quarto enquanto ele tomava um banho rápido. Realmente ele tomou um banho demorado, bem mais demorado do que os que estava acostumado. Ficou embaixo da água com nojo dele mesmo, do que havia acontecido, esperando que Bia dormisse e esquecesse aquela coisa quase incestuosa.

Funcionou. Bia dormia no seu quarto, em cima da sua cama com a metade da sua roupa espalhada pelo chão. Novamente Ricardo teve que respirar fundo, ajudar ela a colocar uma camiseta velha dela e a juntar o que ela havia espalhado.

Deitou ao seu lado e não conseguiu dormir decentemente. Estava tenso e com a consciência pesada demais. Apenas fechou os olhos por alguns minutos, e quando acordou, Bia estava enroscada nele, para piorar mais a sua situação.

Mas nada foi tão explícito quanto a ligação de Jonathan e ele curioso quanto a noite do amigo. Chegou a perguntar, descaradamente, se os dois haviam tido relações sexuais. Ricardo queria achar um buraco e se enfiar dentro, ou melhor, enfiar Jonathan e as suas perguntas sem cabimento àquela hora da manhã.

Porém agora não era de pensar no que fazer com Jonathan, e sim com a situação em si. Enquanto preparava o seu chimarrão, metodicamente, pensou em como lidar com aquilo que estava acontecendo, e principalmente em como se desculpar pelo seu jeito indecente durante ontem à noite.

O único problema foi que Ricardo ficou sem palavras ao ver Bia usando somente a sua camiseta surrada e os cabelos desregrados. Era uma sensação como se estivesse tento um ataque cardíaco, mas ao mesmo tempo queria que ela nunca mais saísse do seu corpo.

Capítulo 15

Bia se encarou no espelho do banheiro que acabara de desembalar com a sua toalha. Respirou fundo e precisou de um tempo extra para conseguir sair de dentro do banheiro.

Ao sair, percebeu que a cozinha estava vazia, caminhou até seu quarto e esbarrou em Ricardo que voltava do seu com sua mala. Ela até já tinha esquecido que eles teriam que enfrentar duas horas dentro de um carro, sozinhos em direção à cidade natal deles.

Fantástico!

Seria a viagem mais embaraçosa de todas.

— Desculpa. — Ricardo apressou-se em dizer.

— Capaz.... — Bia murmurou e tomou uma respiração forte. — Eu que deveria te pedir desculpas depois de ontem à noite.

Ricardo colocou a sua mala no chão e encarou Bia, vendo o arrependimento nos seus olhos.

— Eu bebi demais de fiz coisas que não devia. Nunca vou me perdoar por isso, Ricardo. Tu deveria ter me empurrado ou me dado um banho de água fria para eu acordar.

— Minhas ações foram repulsivas. Acho que fiquei bêbado só de ver vocês dois. A culpa não foi só tua, Bia, tenho grande parcela nela e reconheço isso. Um pedido de desculpas é o mínimo que eu posso fazer. Além da promessa de nunca mais repetir eles.

A boca de Ricardo secou instantaneamente após falar as frases. Bia estava tão perto dele que sentia o cheiro do seu shampoo e do sabonete rosa que ela sempre deixava no banheiro, ao lado do branco dele.

Sentiu-se um completo mentiroso ao focar os seus olhos nos dela e o desejo de querer repetir a dose de ontem à noite o atijando com toda a força. Uma força que nem a própria física conseguia explicar.

E ainda para piorar a situação, e o seu constrangimento, Bia o abraçou e beijou a sua bochecha amigavelmente.

Ricardo passou a viagem toda sentido aquele beijo inocente enquanto dirigia ao lado dela. Chegaram na cidade pequena em que nasceram no meio da manhã. O trajeto havia sido tranquilo e com conversas mais amenas. Coisas ligada à rotina dos dois, as aulas de Ricardo, o rumo do seu doutorado e os estudos de Bia.

Ricardo ia direto levar Bia para sua casa, mas o seu plano foi burlado por uma Liana caminhando na calçada do mercado e quase se atirando na frente do carro do irmão. Bia suprimiu um gemido quando percebe que Ricardo não tinha opção, a não ser estacionar o carro e falar com a irmã.

Liana não esperou nem o irmão desligar o carro para abrir a sua porta e quase o tirar lá de dentro.

— Kado!!!! — Liana abraçou o irmão e quase o quebrou no meio. Tudo graças a academia que fazia. Dizia ela que fazia para conseguir extrair os dentes com mais facilidade. Ricardo não

queria colocar a palavra da irmã em prova.

— Chegaram cedo! — Fernanda e Sérgio apareceram na porta e juntaram-se ao bolinho que se formou no estacionamento do mercado.

— Oi, Fernanda. — Bia a abraçou. — Como está?

— Me sentindo como se um caminhão tivesse passado em cima de mim e ainda não me deixar comer nada diferente de chá e bolachas.

— Ou me deixar dormir à noite. — Sérgio abraçou Bia e a beijou na bochecha.

— Qualquer mexida que eu dou na cama ele pula e pensa que eu estou entrando em trabalho de parto. Sendo que eu nem tenho dois meses de gravidez ainda.

— Já disse que estou treinando para quando a hora chegar.

— E o Inácio? — Ricardo questionou depois de cumprimentar o irmão e a cunhada.

— Dormindo, ou colocando a casa abaixo. Quando eu penso que vou me livrar da Liana desarrumando tudo, chega o Inacinho para terminar o serviço.

Liana estava ao lado de Ricardo, como sempre. Os dias que passavam longe eram como incontáveis meses. Ela estava olhando para ele conversando e notou uma coisa estranha.

— O que é isso? — Nada delicada, Liana enfiou a mão ao pescoço de Ricardo, quase o derrubando.

— O que?

— Esse roxo aqui. — A conversa paralela de Bia, Sérgio e Fernanda cessou quando os dois começaram a brigar entre si.

Ricardo se esquivava e Liana estava quase montando no irmão.

— Não é nada, Li. Devo ter batido em algum lugar e....

— Isso aqui é um chupão! — A rua toda escutou o grito dela.

— Liana! — Ricardo conseguiu se livrar de Liana. — Para com isso. Não é nada! Já disse que bati em algum lugar.

— Ricardo, o retardado dessa família é tu, não eu. Conheço um chupão no pescoço quando eu vejo um e esse, decididamente, é um chupão. Daqueles bem chupados e...

— Li.... — Fernanda a chamou calmamente, para que ela percebesse que todos os clientes do mercado estavam cientes da sua conversa.

— É tão bom estar com a família unida.... — Sérgio suspirou e teve que intervir para que ela não montasse novamente em Ricardo.

Ricardo arrumou a sua camiseta, que Liana quase rasgou para conseguir ver melhor o roxo no seu pescoço e o olhar dele cruzou com o de Bia, que estava parada assistindo tudo. Se não soubesse que tinha uma pequena queda por pescoços, morder e deixar marcas, poderia concordar com Ricardo que ele havia se machucado em algum lugar.

E aquilo tudo significava que a amnésia dela havia iniciado antes mesmo do que ela pensava. Aquele era o sinal claro que a investida de Bia para Ricardo não tinha sido apenas

simples beijos, como ela se lembrava. Para ter chegado naquele estágio, tinha sido mais quente.

Sérgio conseguiu chamar a atenção de Liana para outro assunto e Bia aproveitou o momento para se despedir e ir para casa. Abriu a porta do carro para pegar a sua bolsa e a pequena mala que tinha trazido e antes que pudesse escapar, Fernanda repreendeu Ricardo por não ter oferecido uma carona para ela.

Quando ela iria conseguir ficar a sós com os seus pensamentos sem a presença constante de Ricardo ao seu lado? Até ele já estava desconfortável com a situação, mas ele nunca negaria nada para Fernanda. Apenas sentou no carro, esperou Bia largar as suas coisas no mesmo lugar de antes e começou a dirigir em silêncio.

— Eu realmente me superei ontem à noite. Se tivesse visto o estrago que eu fiz poderia ter te avisado e evitado esse constrangimento todo. — Murmurou quando já não eram ouvidos por ninguém.

Ricardo sorriu para o nada.

— Nem eu tinha percebido.

— Espero que eu não esteja com nenhum.

— Não, eu não te deixei nenhuma marca. — Ricardo estacionou o carro no meio fio. — A animação nessa história era tua e...

Ele calou antes que falasse demais. E começasse a contar a triste história dos seus não relacionamentos, de como fazia anos que não beijasse uma garota e outras coisas mais.

Ricardo levantou os olhos e fitou os de Bia. Ela estava próxima, e ele percebendo todas as feições de Beatriz. Seus olhos, de irmão protetor dela e de Liana haviam sido perdidos desde a noite passada. Sua boca secou novamente, suas mãos queriam ser livres para tocar nos cabelos dela, sua coluna inclinar o seu corpo para frente e a beijar novamente. Demorou a entender o que o seu corpo queria, mas finalmente havia desbloqueado o seu desejo.

Ricardo queria beijar Beatriz. Fazer do mesmo modo que ela havia feito com ele, deixar suas pernas bambas, o coração batendo mais forte no seu peito e a última fibra de auto controle que ele não tinha tido coragem de romper noite passada.

Porquê para ele tudo tinha que ser tão complicado? Por que simplesmente não poderia dar ouvidos ao seu corpo e se desligar por completo da sua mente conturbada por milhões de pensamentos ao mesmo tempo? Por que tinha que ser daquela forma?

O medo o segurou novamente, deixando Ricardo um pouco irritado com o seu próprio jeito de agir e pensar. E o deixando alheio ao que se passava na mente de Beatriz.

Flashes da noite passada começaram a pipocar na sua cabeça. O modo como Ricardo segurou a sua cintura, daquela mesma forma quando eles dançavam no CTG, firme e a deixando ciente da sua presença. O perfume que ele usava sempre quando saía de casa, misturado com o seu próprio cheiro. O modo em que os beijos no escuro da boate eram mais nítidos na sua mente. O jeito como ela descia e subia no pescoço dele, distribuindo beijos ardentes e algumas mordidas. E, principalmente, o quanto ele havia ficado enfeitiçado por aquilo.

Bia sentia que ele era inexperiente e que estava gostando da situação. E ela, bêbada e sem

conseguir discernir o que era certo e errado, julgou aquilo tudo como muito bom.

E realmente estava.

Agora, sentindo a proximidade com ele, e o seu perfume, sua memória completou-se de uma vez.

Ricardo, inexperiente, mas empolgado no que fazia com Bia. Não foi à toa aquele machucado no pescoço, Bia estava em estado de ebulição e não via a hora de arrancar as roupas dele ali mesmo. Teve que convencer ele a continuarem em casa, no quarto dele, com nenhuma roupa ou pessoa esbarrando neles.

Ela queria aquilo. Estava sentindo-se poderosa em conseguir causar aquele efeito em Ricardo, mal poderia esperar para realmente abalar o mundo certinho dele.

E como Beatriz ainda queria fazer aquilo! Estava se contorcendo para encostar em Ricardo novamente, beijar até ele começar a se soltar nos seus braços e fazê-lo feliz.

Era só uma questão de centímetros, poucos, não muitos. Uma leve inclinação e estaria colada nele. Bastava um empurrão e...

— Bia!

Ricardo e Beatriz chegaram a pular de susto ao verem a mãe de Bia na frente do portão acenado para eles.

— Ricardo, meu querido! Que bom que tu veio junto, acabei de fazer um bolo de laranja e sei que a Fernanda está louca por um pedaço! A encontrei no mercado esses dias e ela disse que estava com desejo! Não poderia deixar a coitadinha nesse estado.

Com o clima quebrado, cada um com os seus pensamentos e confusões, desceram do carro e foram cumprimentar a mãe de Bia.

Eles ainda tinham muitos momento a sós....

Capítulo 16

— Por que o Jonathan não faz uso de medicamentos como eu?

Miguel estranhou a pergunta e olhou para Ricardo como se a resposta fosse bastante óbvia para qualquer pessoa que conhecesse os dois.

— Talvez porque ele não tenha o hábito de tentar se matar às vezes?

— Mas ele é tão antissocial e outras coisas até piores que eu, mas só eu que sigo tomando os amansa leão.

— Bom, quem sabia o psiquiatra dele, que por coincidência sou eu, não ache o caso dele merecedor de remédios como o teu. Deixa que quem se preocupa com ele sou eu.

— Não é isso, pode se preocupar com ele à vontade, só curiosidade. — Ricardo dá os ombros e limpa o joelho da sua calça, que não estava nenhum pouco sujo.

Miguel observava Ricardo em silêncio. Conhecia seus pacientes melhor que eles mesmos, e sabia que Ricardo estava escondendo alguma coisa, ponderando nos seu pensamento se contava ou não para Miguel. E de uma coisa o médico sabia, se eles hesitassem assim, era sinal de que era uma coisa importante. Ainda mais quando se tratava de Ricardo. Ele era certinho demais para esconder por muito tempo certos assuntos que o incomodavam.

— Tenho certeza que essa consulta não é sobre a tua preocupação com o Jonathan. Vai me dizer o que te aflige ou vamos brincar de paciente e médico por alguns minutos? Confesso que não estou no clima hoje, estou louco para sair do consultório e ir ao cinema ver aquele filme novo que estreou.

Ricardo olhou para Miguel, era um saco quando ele estava com esse humor. Ele não agia sem rodeios, não começava uma conversa aleatória para incentivar Ricardo a falar e quando ele visse, estavam em um assunto completamente diferente e chegando ao “x” da questão. Era um feito que Ricardo admirava e ficava dizendo que na próxima rodada ele ganharia e não se abriria com Miguel daquela forma, mas nunca conseguia. O médico sabia como driblar como ninguém.

— E aí, Ricardo. O que vai ser? Pensamentos noturnos sobre as vantagens de acabar com a própria vida, a vontade de querer sumir do mapa, mas ao mesmo tempo o medo de fazer isso.

— Nenhum desses. — Admitiu por fim.

Ricardo se arrumou na cadeira, como se ela estivesse cheia de pregos e o machucando profundamente. Era um assunto forte e que lhe causava um pouco de repulsa. Externar ele era quase como admitir um erro horrível. E ele sabia que somente Miguel poderia o ajudar naquela hora. Não ousaria contar para Sergio, o irmão sempre ficava sem jeito quando eles conversavam, Ricardo sabia que não era de propósito, Sérgio nunca fora bom em dar conselhos. Fernanda seria compreensiva até demais, ficaria feliz em saber o que tinha acontecido e sairia do assunto pensando no casamento entre Ricardo e Beatriz. Já Liana mataria Ricardo com aqueles alicates de extrair dentes, entre outros instrumentos, que ela manuseava. Ricardo achava um perigo a irmã poder manuseá-los. Jonathan também estava fora de questão por motivos óbvios.

Sobrava apenas Miguel. O bom, velho e confiável médico de Ricardo, que já o viu na melhor e na pior. Teria uma opinião sensata e diria para Ricardo como se livrar daqueles sonhos,

constrangedores, e toda aquela situação absurda.

— Ok. — Novamente se endireitou na cadeira e tomou uma respiração profunda. — Sexta passada, eu e o Jonathan fomos ao bar, acompanhados pelos nossos alunos para uma festa da início de semestre. Até aí tudo ótimo, aguentei o Jonathan limpando a nossa mesa, cadeiras e até mesmo os copos que usamos, escutei ele falando sobre as últimas descobertas da nossa área acadêmica e até tivemos um debate acalorado sobre o Super Mário e Sonic.

— Clássico de vocês. Ainda espero a revanche daquele do Harry Potter, quanto tempo vocês ficaram sem se falar mesmo?

— Uns dois meses. Mas a questão não é essa, Miguel. A Bia apareceu, lembra dela?

— A amiga da Liana que está dividindo o apartamento contigo, como esquecer, tu passou quase uma consulta inteira reclamando disso.

Ricardo ignorou o comentário.

— Eu a convidei para se juntar a nós. Ela está ainda se adaptando a nova vida. Acabou um noivado, dias antes de se casar porque o ex dela fez uma atrocidade indescritível.

— Sim, tu me disse que foi a primeira vez que quis socar a cara de alguém. Gostei daquele Ricardo raivoso que conheci.

— Enfim, — ele retomou a palavra novamente. — Ela apareceu, começou a entornar bebida alcoólica com o Jonathan e ela ficou bêbada. Muito bêbada. Ela me puxou para dançar e nos beijamos no meio da pista de dança.

Miguel chegou a deixar a caneta que estava segurando cair no chão. E por lá ficou, enquanto Ricardo ainda narrava os fatos.

— Nos beijamos, diversas vezes e fomos para o apartamento onde ela queria continuar aquilo no meu quarto.

— E aí tu foi e...

— E a parei, claro! — Ricardo respondeu e a frustração de Miguel ficou evidente. — A luz da consciência me iluminou e eu vi o que estava fazendo.

— O que tu estava realmente fazendo, Ricardo? — Aquela era a pergunta de um milhão de dólares para Miguel.

— Beijando a Beatriz, minha quase irmã! Bêbada e que estava confusa com o que estava acontecendo com ela. Por mais que estivesse receptiva, não poderia fazer uma coisa dessas.

Miguel pediu uma trégua e pegou a caneta esquecida no chão. Escreveu algumas coisas no prontuário de Ricardo, que mais parecia uma pasta de tão grande que já era.

— Certo, mas tirando o fato dela estar bêbada e a tragédia da vida dela, o que tu realmente sentiu. E estou falando desde o momento em que vocês começaram a se beijar. Melhor ainda, — ele se exaltou — vamos enumerar os sentimentos da noite.

— Primeiro eu me senti estranho, pois não consegui perceber a intenção da Bia, tentei relutar um pouco, mas foi em vão. Ela me dominou por completo. Depois do susto inicial eu percebi que conseguia participar ativamente do beijo, não tenho tanta experiência assim, mas a

pouca que tinha me ajudou a conseguir manter o ritmo.

— Ok, pausa. Nesse momento o que mais passou dentro de ti. Alegria, raiva, curiosidade...

— Raiva não. Alegria e curiosidade sim. Eu não beijava há uns bons anos, a última vez foi antes da tentativa de suicídio. Mas lá com a Bia era como se fosse diferente. Não havia essa sombra me seguindo, era um Ricardo diferente, que poderia ser ele mesmo, sem o medo das pessoas se afastarem por eu ter uma tendência suicida, ou todos os meus outros problemas psicológicos.

— Todos gostam desse Ricardo. Todos eles merecem ter a oportunidade de conhecê-lo mais a fundo.

— Mas eu só consegui trazer ele à tona quando estava com a Bia. E depois de passada a nuvem que estava na minha frente...

— Que nuvem?

Ricardo revirou os olhos. Miguel adorava fazer essas perguntas sobre as metáforas que ele usava.

— A nuvem do desejo, luxúria ou excitação. Sim, eu fiquei entusiasmado demais antes de perceber que estava com a Bia.

— Uma reação normal, devido às circunstâncias.

— Mas aí que está! — Ricardo exclamou e Miguel percebeu que estava ali mesmo o problema. — Era com a Bia. Se fosse com qualquer outra pessoa não tinha problemas. Eu fui criado junto com ela, de ser acostumado com ela e a Li andando sem blusa quando eram crianças e brincando na piscina durante as tardes de verão. Tenho até aquelas fotos ridículas que nossos pais tiraram com a gente pelado. Ela sempre foi como uma irmã para mim. Cuidava dela nas excursões do CTG, junto com a Li. Nunca vi nela mais do que isso.

Miguel observou Ricardo, o modo como ele havia ficado nervoso com os novos sentimentos e a agitação em que se encontrava. Agora cabia a ele interpretar os sinais de Ricardo e ajudá-lo da melhor forma possível.

Claro que não era um trabalho fácil. Olhar para uma pessoa, escutar suas falas, olhar seus gestos e tentar encaixar em alguma solução possível. Miguel não era psicólogo, mas para ajudar um paciente tão problemático, confuso e perdido, como Ricardo, ele se tornava o mais experiente no assunto.

Acompanhava o Ricardo há quase dez anos. Conhecia cada trejeito ou cacoete que ele poderia ter para expressar algum sentimento. O que ele via naquele momento era novo. Sentia-se até um pouco animado com toda aquela emoção que estava sentindo. Ou até mesmo orgulhoso.

— Ela não é tua irmã. Biologicamente falando. — Acrescentou rapidamente. — Ela é uma mulher, um pouco vulnerável pelo que passou, solteira e mora contigo.

Ricardo assentiu.

— O que tu sentiu é um pouco aceitável, mas não nessas proporções, certo? O sentimento fraternal no caso dela vai até um certo ponto. Não te sinta mal em se sentir atraído, excitado por ela. Faz alguns anos que não vejo a Bia, acho que foi na tua formatura da faculdade, mas me

lembro dela ser bonita. Tua reação foi normal e completamente aceitável, ela estava ali, receptiva e pronta para dar um passo a diante, mas tu te afastou, pelo fato dela estar bêbada e vulnerável, porém não porque ela é tua irmã.

Ricardo fez menção de se intrometer e Miguel continuou a falar antes que ele interrompesse.

— Gostaria de ter ouvido uma história diferente, em um mundo paralelo onde a Bia não estivesse bêbada e vocês tivessem transado. Mas ficar empolgado, como um adolescente, é normal. Não vejo nada de estranho nisso. Acharia estranho se tu não tivesse ficado excitado. — Miguel dá os ombros de leve, e Ricardo começa a ficar irritado.

— Não! Absolutamente não, sinto nojo de mim, asco pelo que eu fiz e extremamente enjoado. E para me deixar mais confuso ainda eu olho para ela com a vontade de

— De... — Miguel se intrometeu na hora certa. Sabia que agora teria a revelação principal da tarde. Aquilo estava se tornando mais interessante do que a ida ao cinema para ver o tão esperado filme.

Ricardo entendo que havia chegado ao final do caminho, e ainda por cima, não tinha como voltar. Novamente Miguel havia o encurralado de jeito. Como ele conseguia aquela façanha?

Ficou em silêncio, como se fosse uma criança pega no flagra enquanto roubava alguma bolacha do pote proibido.

— Do que, Kado? — Miguel só o chamava assim quando estava perto do seu ápice. — E o que aconteceu depois? Tu e a Bia se beijaram, beijaram muito pelo visto e tu parou, mas e depois, Ricardo? O que aconteceu? Tu está tendo alguns sonhos mais quentes com a Bia? Olhou para ela, chegou perto dela e quis repetir a dose?

Ricardo ainda ficou em seu silêncio acusatório. Um prato cheio para Miguel que começou a bater palmas.

— Parabéns, Ricardo, tu é humano. Com sangue e hormônios correndo nas veias. Pensei que nunca veria essa reação tão primitiva em ti.

— Primitivo e repulsivo. — Resignou-se a dizer em sua defesa.

— Não concordo. Como eu disse a Bia não é tua irmã e se atirou em cima de ti. Provando que ela não tem esse pensamento fraterno contigo. Qual os motivos que levaram ela a fazer isso? Não sei. Pode ser pelo fato de estar vulnerável, carente ou vendo que tu é um cara legal que nunca iria fazer mal a ela. Agora uma coisa é fato, Ricardo. O que está feito, está feito. Nós já trabalhamos com esse conceito, batemos fundo nessa tecla. E nada vai mudar isso. Contudo...

Ricardo levanta os olhos e fita nos de Miguel, um Miguel bem animado e demonstrando um sorriso com a situação.

— Tu não é germofóbico como o Jonathan, ou tem medo que as pessoas te toquem. Sexo não mata, bem pelo contrário, todas as pessoas que nasceram nesse mundo vieram através desse ato. Tu é homem, grandinho e tem toda a anatomia para transar. Se a vontade vir, a pessoa que estar contigo não estiver bêbada e vulnerável, não há desculpa para fugir da raia.

— Eu não vou transar com a Bia.

— Para de colocar palavras na minha boca. Não citei nomes. Se for com a Bia, ótimo. Melhor ainda. Vocês se conhecem e vai ser mais tranquilo do que tu com uma desconhecida que conheceu há pouco tempo.

Ricardo ouvia aquilo um pouco nauseado, mas ao mesmo tempo com imagens invadindo a sua mente. Bia o beijando, lucidamente, Bia ajudando ele a tirar a roupa, ele tirando a blusa dela e vendo aquele sutiã que dobrou aquele dia preenchido, Bia...

— Vamos fazer o seguinte, Ricardo. Uma promessa. Lembra de quando a gente fazia essa promessas? Uma semana sem pensamentos obscuros, sem pensar em coisas tristes e afins?

Kado acordou do seu início de sonho e olhou para Miguel e acenou que sim.

— Vamos manter isso em mente, como eu disse sexo é bom e não vai te fazer mal. Se a Bia der em cima de ti novamente e pintar a vontade de ambos, desde que estejam afim, deixo isso bem claro, deixa de pensar demais. A vida é agora, Ricardo. A Bia é adulta e pode não te ver como um irmão e sim como um homem. Sabia que um dia uma paciente entrou depois de ti e disse que tu era bem bonito, e se Bia também acha isso e que está afim de ti?

— Mas....

— Sem essa, Ricardo! Para de te auto infligir por causa de um pensamento que não é verdadeiro. Tu e a Bia não são irmãos, podem ter sidos criados como, mas biologicamente não tem nenhum parentesco. Então não é errado. Não é nojento. Não é feio. E principalmente, não será ruim.

Ricardo fechou os olhos. Queria acabar com aquela consulta mais do que qualquer coisa nesse dia. Mas Miguel estava empolgado e se deixasse ficaria até o ano que vem falando e falando sem parar.

— Não estou dizendo para ti sair daqui e quando ver a Bia arrastar ela para o teu quarto. Só que tu te deixe permitir. Se permitir viver o momento. Se permitir viver as sensações de estar com outra pessoa junto contigo. Se permitir viver além do que a tua vida te reserva até então. Não pensa em ter filhos daqui alguns anos? Uma família, casamento e afins?

— Não. Não consigo nem cuidar de mim sem ter milhares de pessoas a minha volta, quem dirá manter um relacionamento, sexo e filhos. Impossível.

Miguel fitou Ricardo e sorriu.

— Só te permite, Ricardo. A única coisa que eu te peço e quero que tu me prometa é que vai te permitir. E depois que tu te permitir, romper esse lacre — Miguel riu do próprio trocadilho — vai ver que tudo vai se arrumar.

Capítulo 17

Bia estava tão entretida, olhando para a TV da sala, suspirando e chorando que nem percebeu a porta se abrindo, Ricardo entrando e a observando. Levou um susto tão grande ao encontra-lo ali, parado, olhando para ela que quase derrubou todo o pote de pipoca que estava no seu colo.

— Boa noite. — Ele falou, com um pouco de receio dela ter ficado com medo da sua intrusão.

Beatriz começou a limpar os rios de lágrimas que ela havia deixado escorrer por conta da gravidade e tentou se arrumar no sofá, sair daquela posição que não poderia ser enquadrada como sentada e nem deitada.

— Oi, Kado. Nem vi o tempo passar e nem tu chegar.

— Percebi. — Ele deixou a bolsa transversal pendurada e passou por ela.

Segui até o banheiro, lavou as mãos, e voltou até o sofá e sentou-se ao lado de Bia. Ele não era tão germofóbico como Jonathan, mas depois de tanto escutar ele falar, e mostrar fotos, da sujeira que trazemos da rua para casa, que Ricardo adquiriu o hábito.

— O que estamos vendo?

— Uma coisa triste. — Bia comeu uma pipoca e ofereceu para Ricardo, que aceitou de bom grado. — Nem o nome eu sei. Fiz a pipoca no intervalo agora.

Ela suspirou e colocou as pernas em cima do sofá, encostando a lateral do seu corpo no de Ricardo. Ricardo segurou a respiração por uns dois segundos antes de fingir uma tosse e voltar a respirar novamente.

As palavras de Miguel ainda ressoavam na mente. E ele estava fazendo o que podia para se distanciar dela. Só que Bia não ajudava nenhum pouco. Qualquer ato dela era uma explosão em Ricardo.

— E como foi o teu dia? — Ela perguntou educadamente, sem tirar os olhos da tela.

— Ótimo. — Ricardo se encheu de pipoca. — Dando graças que amanhã eu não trabalho pela manhã. Vou poder dormir um pouco mais.

— Isso é uma coisa que eu não posso me queixar, posso acordar a hora que quiser, já que só tenho aula à tarde. Estou pensando em procurar algum estágio de meio período para não ficar tanto tempo em casa.

— É uma boa. — Ricardo concordou, o filme era estranho, não estava entendendo nada. Pensou que era melhor ir direto para o banho e depois dormir. Mas por outro lado estar ali ao lado de Bia parecia mais agradável que a escuridão de seu quarto.

— Pois é. — Ela seguia olhando para o filme e comendo pipoca. — Vou começar a olhar os quadros de aviso lá da faculdade. Sempre tem umas vagas de estágio, quem chega primeiro pega as melhores. E mudando de assunto, a Fernanda ligou e disse que ela e o Sérgio vão vir amanhã para a consulta dela e querem almoçar com a gente.

— O mano me ligou e avisou. Tenho a ligeira impressão de que ele está surtando um

pouco com a gravidez da Fernanda.

— Um pouco? A Fernanda disse que não aguenta mais o Sérgio na volta dela.

Isso era uma coisa boa ao pensamento de Ricardo. Com o irmão por perto, ele poderia se concentrar em outras coisas. Coisas que não envolviam Bia.

E por falar nela, quanto mais Ricardo rezava, mais ela se aproximava dele. Será que estava fazendo de propósito? Tudo isso para testar o seu estado de sanidade mental? Implorava para que alguém avisasse Bia de que ele não era nenhum pouco são mentalmente, tinha atestados de Miguel para confirmar isso!

E falando em Miguel...

Ricardo iria matar o médico. Onde ele estava com a cabeça de colocar mais lenha naquela fogueira em que Ricardo já estava se queimando? Como ele ousava fazer uma coisa daquelas? Será que não tinha medo dele enlouquecer de vez?

Bia suspirou olhando o filme, e Ricardo aproveitou a brecha para fazer a mesma coisa. Só que o seu suspiro não tinha nada a ver com o filme maluco que Bia olhava ao seu lado, mas sim com a sua situação atual.

Os sonhos, pensamentos e dúvidas sobre Bia o assombrava o resto do dia, e agora um dos quadros que a sua imaginação fértil desenhou estava acontecendo. Chegar em casa, depois de um dia cansativo e encontrar Bia no sofá esperando por ele para um momento de paz.

Até no pensamento mais inocente de todos, de apenas dividir um sofá com um filme rodando, Bia conseguia transformar em perfeito. Aquilo tudo era demais para os sentimentos frágeis de Ricardo.

Ele nunca tinha sido apresentados a eles, e muito menos conseguia diferenciar atração de qualquer outra coisa. Sua época em pensar em namoros, garotas e paixões avassaladoras, foram extirpadas pelo único sentimento de sobreviver mais um dia. Um de cada vez. Olhar para o amanhã e enxergar alguma coisa que fosse além de tristeza, depressão e a sua sombra constante: o suicídio.

Enquanto seus colegas contavam suas conquistas, Ricardo contava os dias que havia passado sem o medo tomar conta do seu corpo. Aquele medo que aterroriza a pessoa mais forte. De chegar ao final do corredor e não encontrar saída. A dor tomar conta do seu corpo, o cegar a ponto de querer acabar com tudo e todos a sua volta. Explodir.

O medo de enfrentar tudo aquilo novamente dominava Ricardo naquela época. E hoje em dia ainda boa parte do seu ser teme por uma nova recaída.

Ele sabe que o momento em que vive não está tão favorável a ele. Conhecia os sinais de que alguma coisa se aproximava, temia o amanhã e acima de tudo, temia ele mesmo.

Por isso que relutava tanto a vinda de Bia para cá. Não queria que ela fosse a portadora de notícias ou que presenciasse um episódio traumático. Bia já estava enfrentando a própria barra, não merecia acordar todos os dias e lembrar que havia encontrado Ricardo despedaçado pela casa.

Ricardo nunca se perdoava pelos dois episódios em que Sérgio e Liana o encontraram

daquela forma. Queria que, se acontecesse algum dia, que fosse fácil para eles aceitarem. Sabia que sofreriam, mas só o fato de não presenciarem já era uma grande coisa para ele.

Por isso que toda essa reviravolta deixava Ricardo mais ansioso do que nunca. Bia havia lhe mostrado uma faceta dele mesmo que o deixou curioso. E agora com Miguel colocando mais adubo na sua cabeça tão complexa e conturbada, tudo se transformava em uma bola de neve cada vez maior. Restava saber aonde ela iria passar, levar pela frente e especialmente destroçar.

Bia estava cansada. O filme estava destroçando o seu psicológico, mas do que ele já andava destroçado. E ficar ao lado de Ricardo assim, não ajudava nenhum pouco.

Ela estava se sentindo ainda um pouco culpada, mas logo o sentimento a abandonava e ela se pegava pensando em Ricardo. Era uma tortura, uma ótima tortura, mas mesmo assim perigosa de se andar ao lado.

O que mais a passava a rasteira, eram as comparações. De como ele e Thiago eram completamente diferentes. Quando seria que Thiago chegaria em casa à noite e sentaria ao lado dela para ver um filme que não estava entendendo nada? Nunca.

Nunca ele ficaria ao seu lado no sofá, dividiria um pote de pipoca e olharia um filme romântico, dramático e cheio de lágrimas. Aliás, ele detestava lágrimas, bastava Bia pensar em derrubar uma que ele se afastava e mandava ela se recompor. Detestava fiasco e papelão, como dizia.

Quando iam ao cinema, sempre ele escolhia o filme, já para não ter perigo de Bia desatar a chorar e envergonhá-lo em público.

Ridículo.

Bia estava ali, desmantelada, cabelo desgrenhado, usando um pijama velho e furado, comendo pipoca até se sufocar, chorando as pitangas com o filme e Ricardo ainda continuava ali. Ao seu lado, roubando sua pipoca e ainda sendo uma escora muito cheirosa.

Bia se xingava mentalmente por essas comparações. Não havia nem parâmetros para tal absurdo. Thiago não chegava nem aos pés de Ricardo. Em todos os sentidos. Era até desleal fazer tal comparativo.

Mas ali estava ela, comparando os dois e vendo como era idiota por fazer isso. Sentia-se novamente com os seus 13 para 14 anos e imaginando o Ricardo ao seu lado quando tivessem uma casa só para eles. Ela não se enganara em nenhum momento, Ricardo agia igualmente ao que ela imaginava naquela época tão inocente.

E as lembranças daquela época fazem com que novas se criem. Como seria um relacionamento com Ricardo? Não que ela quisesse um, estava muito bem com a sua solteirice e começando a gostar dela cada vez mais. Porém a mente é uma arma traiçoeira. Imagens e mais cenas dos dois se relacionando pipocavam na sua mente cada vez mais seguidamente.

Como ela se esquivava delas? Uma tarefa impossível, já que ele fazia tudo que ela esperava! Ricardo estava estragando Bia para que futuramente encontrassem um novo par. Nenhum deles teria o padrão Ricardo de ser.

E aquele sentimento trazia uma dor ao seu peito.

O filme acabou e ambos perceberam que o filme era só um pretexto para ficarem ali. Até mesmo Bia, que estava olhando no início, se perdeu em seus pensamentos e esqueceu de prestar atenção no final. Nem descobrira o que aconteceu com o mocinho, ou se ele reencontrou a mocinha no final.

Os créditos subiram e a tela mudou rapidamente para uma propaganda brilhante e colorida. Ricardo engoliu em seco. As palavras de Miguel estava fazendo um estrago e tanto dentro dele.

Se permitir viver aquilo. Se permitir deixar os pensamentos de lado e agir por conta própria, sem pensar nos prós e contras da sua ação. Ele percebeu que estava desesperado por aquilo. Desesperado por experimentar sensações até então desconhecidas para ele.

Bia estava respirando com uma certa dificuldade, o seu coração estava agitado e batendo descompassado. Ela sabia que Ricardo não era um cara igual aos outros, não brincaria com os seus sentimentos e nem Bia teria coragem de fazer uma maldade dessa. Ricardo era todo coração e merecia alguém que o tratasse como devia.

Mas ao mesmo tempo, a imagem dele sendo feliz com outra pessoa a atingiu em cheio. Ela sabia que não tinha propriedade sobre ele, mas assim como na sua adolescência, apaixonada em segredo, a menção de Ricardo com outra pessoa era esmagadora.

Simplemente inaceitável.

Ninguém saberia dizer qual dos dois se mexeu primeiro. Só lembravam dos olhares se cruzarem e o entendimento cair sobre eles instantaneamente. As bocas se encontraram delicadamente, como um primeiro beijo de verdade deveria ser. Se conhecendo aos poucos e começando de leve a se provocarem.

Talvez se o filme acabasse com um beijo dos mocinhos, não teria sido tão perfeito quando ao de Ricardo e Beatriz naquela sala.

Capítulo 18

Um beijo.

O único beijo que Ricardo queria ter dado em toda a sua vida. Aquele que poderia dividir águas e até mesmo curar a sua alma, como ele tanto queria.

Bia estava completamente entregue. Enquanto os dois se beijavam não havia mundo lá fora. Nenhum sinal de Thiago a sua sombra, nada de agressão, dinheiro envolvido e um plano de casamento colocado fora.

Era apenas duas pessoas, ambos com suas dores, medos e temores, dividindo a experiência única de um beijo.

O tempo parou naquele momento. Nada mais havia importância. Apenas o momento em si e tudo o que ele representava. Ou deixava de representar.

Em algum momento, se afastaram. Os olhos se cruzaram e o sorriso leve de ambos era o mais genuíno de todos. Ricardo colocou as mãos ao lado do rosto de Bia e distribuiu alguns beijos doces e castos. Ela nunca havia se sentido tão querida por alguém como estava naquele momento com Ricardo.

— Qual é o nosso problema? — Ricardo colocou a sua testa junto da dela e o seu perfume o embriagava.

— Não sei. — Bia sentia-se trôpega e ao mesmo tempo com todas as suas células nervosas a deixando sua pele milhares de vezes mais sensível. — Só consigo perceber que está começando a ficar interessante.

Ela se inclinou e beijou Ricardo novamente. Ele, completamente sem ação, tombou no sofá e Bia assumiu o controle por completo. Ela sentia-se poderosa naquela situação toda. Ricardo era um adolescente inexperiente na sua mão, e aquilo era um prato cheio para que ela pudesse ensiná-lo.

Ao contrário de Ricardo, Bia queria tudo que tivesse direito. Sem pensar em muito além do que as sensações que seu corpo emanava. E eram muitas, intensas e completamente inspiradoras para os próximos passos.

O único obstáculo dela era o bom senso de Ricardo.

Ele, mesmo relutando e seu corpo traindo seu cérebro, conseguiu conter os avanços frenéticos e um pouco intimidante de Bia. Desacelerou os beijos e conseguiu inverter a posição deles no sofá. Uma tarefa um quanto difícil sem que os dois caíssem no chão.

Ele era mais alto e bem mais pesado que ela. Bia, sentindo toda aquela extensão sobre si, já tinha desligado o seu bom senso novamente e estava tentando tirar a camiseta de Ricardo.

— Bia... — Ele segurou as mãos de Bia e o olhar dela em sua direção era altamente sedutor. Bastava um deslize para que Ricardo caísse por completo para o abismo cheio de promessas no olhar de Bia. — Para onde nós estamos indo fazendo isso?

Ricardo sentou-se no sofá e Bia ficou em cima dele.

Ela arrumou os cabelos desgrehados e tomou uma respiração profunda. Sua sanidade

voltava aos poucos. Colocou as mãos em frente ao rosto fazendo com que Ricardo risse e a abraçasse.

— Acho que estou ficando louca.

— Bom, eu não posso dizer que estou ficando, teoricamente eu já sou. Talvez a convivência comigo e isso seja uma coisa transmissível.

Bia olhou para Ricardo e se aproximou dele.

— Nunca mais repete isso, ok? Principalmente na minha frente. Tu pode ser tudo, Kado, mas não maluco.

E foi a vez de Ricardo a beijar de leve. Pela primeira vez estava se sentindo vivo o bastante para aproveitar o que a vida lhe dava. Se ela estava dando uma Bia receptiva e que não se esquivava dos seus beijos, e muito menos o achava um maluco fugido do hospício, ele estava aproveitando e se permitindo.

Maldito fosse Miguel, mas aquela sensação era mais entorpecente do que qualquer droga ilícita e fatal que alguém já tivesse experimentado na sua vida. Ricardo estava tão enfeitiçado que não pensava nos efeitos colaterais, muito menos na dependência que ela poderia causar, ou a sua desintoxicação.

Ele estava se permitindo. E gostando do que estava fazendo.

— Nunca aceitei e nem vou aceitar alguém falando isso de ti. Briguei muito com a Li quando ela começava a te chamar dessas coisas. E brigarei contigo se for o caso também.

Ricardo sorriu. De uma forma que fez Bia estremecer em cima do seu colo. Sorria com os olhos, como uma criança que acabou de ganhar um doce inesperado e tão sonhado. Era hipnotizante.

Bia não sabia, mas estava começando a assinar a sua carta de rendição total. Ela não tinha escapatória nenhuma se ele voltasse a sorrir daquela maneira. Era mais um sonho de adolescência se realizando. Muita coisa para a sua cabecinha enevoada por tantos sentimentos misturados.

— Ok. — Ricardo disse docemente. — Eu não me chamo mais de louco na tua frente.

Ele estava se divertindo. E queria ficar com aquela sensação para sempre. Aquencia o seu coração, e principalmente, a sua alma tão remendada e que clamava por uma manta reparadora.

— Mas mudando de assunto, — ele voltou a falar e fez um carinho no rosto de Bia. — O que está acontecendo com a gente? Isso nunca aconteceu antes, e por que agora veio com uma força tão irresistível?

— Acho que a culpa é minha. — Bia deixou os ombros caírem em sinal de culpa. — Tudo começou naquele dia do bar e uma coisa muito feia que eu fiz.

— Beber não é feio. Como diz o Jonathan, é uma tradição social que existe há séculos. O problema é passar do limite, mas eu sei que tu não é alcoólatra nem nada. Então não é feio ou errado.

A vontade de Bia era de beijá-lo novamente, porém não arriscou. Sua sanidade já andava por um fio.

— Não estou falando de beber, Kado. Isso também contribuiu, mas não é o fator principal. Eu comecei a te comparar com o Thiago. Em todos os aspectos, sei que vocês são incomparáveis, mas eu não consegui resistir.

Ricardo piscou algumas vezes, como quem pensava no assunto e tentasse assimilar o que Bia estava lhe contando. Alguns instantes se passaram até ele voltar a falar com um dar de ombros singelo.

— Pelo menos eu acho que estou em vantagem, não é?

O modo inocente dele fez o coração de Bia pulsar e ela sorrir. Se aproximou e o beijou delicadamente, mesmo que seu corpo quisesse o dele por cima dela, com menos roupa os separando e sem previsão que ambos saíssem dela.

— Sim, Ricardo. Infinitamente em vantagem. E eu peço desculpas por isso. Meio que se tornou uma obsessão para mim fazer essas comparações e eu percebi que isso é errado. Ninguém no mundo deve ser comparado com outra pessoa, principalmente se ela for o Thiago, ou alguém que faça as mesmas coisas que ele.

Ricardo assentiu em silêncio. Bia abriu o seu coração e ele percebeu que era apenas um fruto de uma comparação infantil e altamente aceitável para o estado em que ela se encontrava. Depois de tantos anos convivendo com Miguel e suas teorias malucas, Ricardo já adquirira o hábito de conseguir encaixá-las em momentos como esses.

O problema todo naquela questão era onde Ricardo se encaixava ali. Ele não tinha um passado a dois para comprar Bia com ninguém. Nunca na sua breve vida ele havia ficado tão perto de outra pessoa como era dela. E esse era o mistério que o rondava naquele momento.

— Agora quem ficou sem explicação para o que fizemos fui eu. — Lamentou-se um pouco sem jeito.

— Como assim?

Ricardo evitou o contato visual. A vergonha novamente subia-lhe e o consumia por completo. Era a queda que o barato que a droga que Bia o apresentou. Uma queda grande, dolorosa e que ele levaria para sempre dentro de si.

Ele havia se envolvido por completo. Poderia ter sido apenas duas vezes, mas que para Ricardo havia abrido portas dentro dele que sempre estiveram lacradas e sem acesso nenhum. Com ele não havia meio termo. Ou se atirava de cabeça ou se trancava no seu mundo recluso e povoado por seus medos, sua zona de conforto permanente e protegida.

— Eu me deixei levar. — Admitiu por fim. — Disse que não tinha dado bola, mas na verdade.... Nem eu sei mesmo explicar. O Miguel me disse para eu me permitir, pelo menos uma vez, e eu fiz isso. Passei todos esses dias pensando em coisas. Coisas que eu nunca havia pensando, me martirizando por ser contigo, quase uma segunda irmã minha e tudo que isso implicava.

De camarote, Bia via os olhos de Ricardo perder o brilho que há poucos minutos a havia encantando. Como aquilo bateu fundo no seu peito, já tão dilacerado por acontecimentos passados. Teria ela capacidade para aguentar aquele olhar de Ricardo por um bom tempo? Pois sabia que estava presa a ele pelo tempo em que ficasse na sua casa.

E como os pais haviam lhe dito, aquela era a única opção para que ela estudasse. Não tinha opção: ou morava com Ricardo, ou voltava para casa e procurava um emprego na cidade pequena em que moravam. Não existia muitas perspectivas no horizonte de Bia, a não ser encarar o fato de que havia feito uma bagunça enorme não somente na sua vida, mas na de Ricardo também.

E o fato de bagunçar a vida dele doía mais do que a esculhambação que estava a sua.

— Acho que me atirei de cabeça em um poço sem fundo e descobri que ele era raso demais. — Ricardo riu sem jeito da piada que havia feito para a situação.

Outra faca atravessou o peito de Bia. Uma dor nada comparada à que ela sentiu quando apanhou de Thiago. Era diferente em todos os aspectos que poderia imaginar. Ela não poderia deixar que a dor continuasse, seria covardia demais. Era como negar conforto a alguém que passou anos nadando contra a correnteza em um mar agitado e encontrou um rio calmo, limpo e seguro para se estabelecer.

Sabia que era um jogo difícil. Poderia dar errado e machucar Ricardo mais do que ela realmente queria ou gostaria de fazer. Porém, a esperança de que tudo se resolvesse, e aquele rio de águas límpidas e atrativas fosse a sua redenção e promessa da vida que ela sempre sonhou.

Bia havia tomado uma decisão, mesmo com medo, iria tentar novamente. Não haveria mais comparações, até porque elas eram impossíveis de serem feitas. Haveria apenas Ricardo. O mesmo que ela havia nutrido uma paixonite aguda por toda a sua adolescência quase. Conhecía ele perfeitamente, sabia de todos os seus defeitos e problemas e aceitaria cada um deles.

Ricardo era especial. Mais especial do que qualquer outro cara que ela haveria de conhecer um dia na sua vida. Era até egoísmo de sua parte, tentar alguma coisa com ele. Ricardo era areia demais para o caminhãozinho de Bia. Mas ela queria tentar. Queria saber qual o gosto teria em ficar com ele por ser ele quem era.

Ela esperou Ricardo levantar aqueles olhos castanhos, tão feridos e confusos, aproximou-se e o beijou de leve.

— Apesar da minha comparação estúpida. Percebi que prefiro o Ricardo a qualquer outro que possa aparecer um dia. Não sei onde essa função toda pode nos levar, mas eu gostaria muito de saber qual será o final.

Abriu o seu coração com poucas palavras. Ricardo a fitou e Bia começou a notar a diferença no olhar dele. Aquilo era um ótimo sinal e um promessa que ela fazia a si mesma. Nunca mais deixaria no olhar de Ricardo se apagar novamente.

Capítulo 19

Ricardo esperava sentado ao lado do telefone com uma cuia na mão. Já sabia que não iria tardar muito para que o telefone tocasse. E ao acabar de tomar o primeiro chimarrão ele tocou.

— Bom dia, Sérgio. — Disse sabendo que a única pessoa que ligava as seis e quarenta e cinco da manhã era ele.

— Acordou cedo para limpar a casa para nós esperar? Aposto que ela já deve estar bem limpa, Kado.

Sim, ele havia saído cedo da cama para limpar a casa, mas esse não foi o principal motivo. Limpava aquele apartamento todo, perfeitamente, em menos de uma hora. A sua insônia tinha outro nome e estava dormindo na sua cama.

— Liguei só para avisar que vamos sair daqui as sete e meia e a consulta da Gorda está marcada para as dez e meia. Perto do meio dia chegamos por aí.

— Já espero vocês como almoço pronto então. E a Li? Vem junto?

— Não, ela vai ficar aqui. Trabalhar um pouco não vai fazer mal nenhum, e um dia ela vai ter que ressarcir o valor que gastou naquele consultório de alguma forma.

Ricardo sentiu-se aliviado. Liana era uma raposa esperta, qualquer passo fora da linha que Ricardo ou Bia dessem, seria um prato cheio para que Li se deliciassem e importunassem os dois até a exaustão.

— Certo, até mais tarde.

— Até. — Ricardo desligou o telefone e suspirou.

Pegou a térmica com água quente e serviu-se com mais uma cuia. Como já dizia o seu pai anos atrás, Sérgio e agora Ricardo, nada melhor do que começar o dia com um chimarrão bem cedo. Ele adquirira o hábito com Sérgio, mas não ficara viciado como o irmão, que virava o dia tomando. Ricardo já era mais moderado, tomava pela manhã e no máximo duas térmicas no final de semana ou nos dias que não trabalhava pela manhã. No resto dos dias, se via bem com apenas uma garrafa.

Começou a tomar em silêncio, enquanto pensava nos últimos acontecimentos da sua vida. Especialmente no que havia o envolvimento de Bia. Beatriz, a mesma guriiazinha que ele brincava na infância, tomava banho juntos e brigavam com frequência, apenas para irritar ela e Liana.

Ricardo nunca foi malvado. Bem pelo contrário, defendia a irmã contra qualquer coisa que fosse. Bastava uma reclamação de Liana para que ele largasse o que estava fazendo para acudi-la. Mas apesar de tudo, eram irmãos, e como tais, brigavam como cães e gatos. E a predileção de Ricardo sempre era ter essas rixas quando Bia estava junto. Era engraçado ver as duas correndo atrás dele para baterem, ou procurarem aquela boneca que estava escondida em um lugar completamente inusitado.

O sorriso no seu rosto se alastrou.

Ambos abriram os seus corações perante a situação em que se encontravam, Estavam

cientes dos riscos que corriam, e se queria correr o risco de se envolverem.

Ricardo, pela primeira vez, estava se permitindo. Precisava se preparar para quando enfrentasse Miguel, ele ficaria mais insuportável que já era. Kado teria que ter toda a paciência do mundo para aguentar o seu psiquiatra surtando sobre essa conquista.

Tudo estava acontecendo muito rápido. Mais rápido do que os pensamentos de Ricardo conseguiam acompanhar. E por mais que ele tentasse ver por outro ângulo, não conseguia. Tudo a sua frente estava com uma névoa diferente, que deixava as coisas de uma forma que ele não conseguia decifrar. Uma sensação ótima e que o deixava em paz.

Bia acordou e se viu novamente na cama de Ricardo. A diferença desta vez era que ela lembrava-se de como havia ido parar ali. O sorriso chegou rapidamente ao seu rosto. Pulou da cama e encontrou Ricardo sentado no sofá e tomando o seu chimarrão tranquilo.

Pé por pé, ela se aproximou e o abraçou pelas costas.

— Bom dia!

— Bom dia, Bia! — Ela fez a volta e sentou ao lado dele.

Ricardo a abraçou pelos ombros e beijou a sua testa.

Começaram a dividir o chimarrão e a conversarem.

— Os dois vão chegar aqui por volta do meio dia. Pelo menos a Liana não vem para incomodar.

Bia assentiu.

— Encarar ela vai ser um problema, principalmente agora que encaramos o fato de que vamos ficar juntos.

Ricardo encarou Bia e não se conteve. Por ser o seu primeiro relacionamento, tinha muitas dúvidas de como se portar. Principalmente sabendo que seu irmão e cunhada estavam vindo para o apartamento deles.

— E como vai ser isso? — Questionou.

O furor de hormônios da última noite falou mais alto do que todos as outras questões que eles tinham que conversar. Como sempre, Ricardo, o cérebro da relação, pelo visto, que tocou no assunto. Um assunto que Bia não tinha a menor ideia de como abordar.

— Não sei. Eu acabei de sair de uma relação longa e que acabou despedaçada. Nem sei se o que eu estou fazendo é certo para mim, e principalmente para ti. Estou sendo egoísta e escutando o que o meu coração e desejo estão gritando, ao invés da minha razão.

— Se tu está falando isso, quem dirá o que se passa na minha cabeça. Para mim ainda parece um sonho. — Ricardo pegou na mão de Bia e a beijou delicadamente. — Meu caso é um pouco parecido. E eu tenho medo de me sabotar, como sempre eu faço.

A voz dele ficou mais vacilante que antes. Ricardo sabia que Bia era ciente de todos os seus problemas, mas será que ela tinha noção do que eles realmente significavam?

— Bia, eu não tenho nenhuma noção de como é manter um relacionamento. Na verdade, antes de tu chegar aqui em casa eu nem pensava em tais coisas. Eu sou.... — ele faz uma cara

estranha, tentando procurar a palavra certa para se descrever, e ao mesmo tempo, não falar nada de pejorativo, já que Bia o proibiu. — complicado, digamos assim. — E riu sem jeito. — Eu tenho meus altos e baixos. Bem mais baixos do que altos. Não sei se tu vai me aguentar nesses dias, nem eu mesmo me aguento. A Liana dizia que ia me bater sempre quando eu entrava em parafuso e...

Ele deu os ombros.

— Tu, mais que ninguém, sabe o que são os meus medicamentos. Eles me mantem estáveis, com os pensamentos ruins longe de mim, mas nem sempre eles funcionam e às vezes...

Bia colocou a mão no rosto de Ricardo, a barba cerrada já começava a aparecer e a deixar o rosto dele áspero. Ela se aproximou e o abraçou. Não queria escutar nenhuma palavra mais. Era demais para Bia escutar Ricardo falando aquelas coisas depois de uma noite tão boa que eles tiveram.

Nem tudo se tratava de sexo. Era claro que isso não estava entre eles ainda. Ricardo era inexperiente, e por mais que Bia estivesse a ponto de querer ir com tudo para cima, algo a segurava. Ricardo não merecia que sua primeira vez fosse com uma devassa Beatriz. Ele merecia bem mais do que isso.

E em todos os aspectos que envolviam os dois. Bia já tinha passado por todas aquelas experiências e até mesmo um pouco arrependida por ter apressado alguns passos. Agora, vivendo o seu sonho com Ricardo, queria que tudo fosse diferente. Principalmente na relação mais íntima dos dois. Ela seria paciente e saberia qual a hora certa para cada ação.

Ainda mais pelo fato de que Ricardo sabia da sua condição. Bia percebeu as caixas de medicamento deles. Nenhum deles era comprado livremente em uma farmácia sem uma receita especial de um médico apropriado. E sabia, mais ainda, como ele se comportava, tinha anos de experiência escutando Liana falar do estado do irmão para ela.

Aquilo tudo era uma confusão só. Não sabiam se iam durar, aguentar ou principalmente suportar. Principalmente Bia. A relação com Thiago era fácil, por assim dizer, ele decidia tudo e Bia apenas o acompanhava. Com Ricardo a diferença seria nítida e muito mais turbulenta.

Sim, ela sabia que não seria nada fácil. Pacientes como Ricardo tendiam a se sabotar, se acharem indignos de sentimentos tão puros, de não se acharem merecedores de afeto por parte de outra pessoa, e principalmente, o ato de se achar um fardo grande demais para o companheiro dividir.

Aquilo doía dentro de Bia. Não sabia se estava pronta, ou se tinha capacidade para lidar com o tempo e as condições de Ricardo. Mas o sentimento, que há tantos anos estava adormecido dentro dela, começava a acordar com toda a disposição que tinha. Aquela era a motivação que ela precisava para acolher Ricardo dentro de si.

— Não podemos nos dar garantias de como vamos ser, Kado. Eu sei disso e também sei que tu tem essa certeza. Mas vamos aos poucos, ok? Nossa vida deu uma virada e tanto e ainda temos um passado recente em rumos diferentes do que estamos agora. Não precisamos nos expor a todo mundo antes de termos certeza de que queremos que as pessoas saibam de nós. A Liana

vai surtar por diversos motivos, o Sérgio vai ficar com o pé atrás, assim como o meu pai e a minha mãe e a Fernanda já vão começar a pensar em casamento no segundo seguinte. Eu não quero outra dose de casamento para mim por um bom tempo.

Ela sorriu e novamente tocou a face dele.

— Sim, a Liana surtaria por completo, a ponto de vir atrás de mim com uma faca afiada e a Fernanda já começaria a pensar em casamento. Não me vejo casando. — Ele franziu o cenho de um modo diferente, fazendo Bia rir um pouco mais.

— É um inferno na terra. Mil e umas preocupações com as coisas mais ridículas que alguém pode imaginar. Acho que não compensa todo aquele estresse por apenas algumas horas de diversão. Talvez a parte de comidas e doce, que vão sobrar, porque na hora da festa mesmo os noivos não têm tempo nem de comer.

— Se for por salgados e docinhos de um dia para o outro, te levo ao depósito do mercado e consigo aos baldes para nós trazermos para cá.

— Bem melhor então.

Ricardo suspirou um pouco aliviado. Pela primeira vez em anos ele sentia-se um pouco mais confiante em si mesmo. Era uma façanha e tanto. Não estava pensando em tudo acabar errado e ele despedaçado. Bastava apenas Bia ter essa mesma confiança nele. Este sentimento era o que poderia fazer toda a diferença na relação em que eles começavam a formar.

Capítulo 20

— Sinceramente, — Ricardo pegou a imagem de Sérgio para analisá-la melhor — ainda só enxergo um borrão aqui.

Passou a imagem para Bia, que também não conseguia distinguir muita coisa naquela ecografia.

— Um belo borrão. — Arrematou ela para amenizar os ânimos.

— Vocês são cegos? — Sérgio pegou a ecografia novamente e a fitou por alguns segundos.

Fernanda, atrás do marido, revirou os olhos para Ricardo e Bia que seguraram os risos.

— Dá para ver que é a minha cara. Não é, Gorda?

— Claro, Sérgio. — Fernanda respondeu encorajando-o. — Dá para ver até as impressões digitais.

E dessa vez os três não seguraram o riso, para o desespero de Sérgio. Só de birra, ele guardou a ecografia. Quando chegassem em casa, iria colar na geladeira com aquele imã especial que Inácio fez do dia dos pais há anos. Ele guardava, dentro de uma das gavetas do seu guarda-roupa todos os presentes escolares que Inácio fez.

— O médico disse que está tudo ótimo com a gente. — Fernanda sentou ao lado de Sérgio. — As mesmas recomendações de sempre, não fazer esforço, não me estressas e me alimentar bem.

— Ou seja, — Sérgio passou o braço pelo ombro da esposa e a puxou para mais perto. — Tudo o que a minha Gorda não faz.

— Mentiroso. — Fernanda olhou para tentando fazer um ar de séria, mas falou. — Essa gravidez vai ser bem mais tranquila do que a do Inacinho. Pelo menos não vou ter os guarda-roupas da Liana para arrumar.

— E por falar no Inácio. — Bia falou. — Como ele está reagindo a chegada do irmãozinho ou irmãzinha.

— Irmãzinha. — Sérgio informou e Fernanda revirou os olhos novamente. — Sofia.

— Melhor do que eu esperava. Está até animado com a possibilidade de ter um irmão — Sérgio fez menção de interromper, mas Fernanda acrescentou rapidamente — ou irmã.

Ricardo sorriu.

Estava feliz por ver Sérgio e Fernanda contando as novidades do bebê. Fernanda estava mais radiante do que nunca. Com aquele brilho no rosto e olhar que só uma mãe conseguia carregar. Ele lembrava das feições dela quando chegou a sua casa anos atrás. Uma pequena e frágil Fernanda, carregando Inácio dentro dela e trabalhando para os três irmãos. Um trabalho nenhum pouco fácil, já que Liana sempre foi uma peste que detestava toda e qualquer tipo de empregada que ousasse entrar em sua casa. Sérgio mais perdido do que cego em tiroteio para conseguir conciliar a vida dentro de casa com a responsabilidade do mercado, e tantas outras coisas mais que ele se preocupava. E Ricardo naquela transição entre o que havia acontecido com os seus pais e o declínio da sua vida.

Ricardo elegia Fernanda como a total responsável pelo crescimento da família. Não apenas matematicamente em membros. Mas sim no desenvolvimento de Sérgio em conseguir dar conta de tudo, sem se sobrecarregar de responsabilidades, a Liana se comportar mais como uma pessoa normal, e a ajudar Ricardo no momento em que ele mais precisava. Ele sabia que se Fernanda não estivesse naquela casa, com certeza o seu suicídio teria tido sucesso completo.

Fernanda era uma das peças principais para que a paz voltasse a reinar dentro daquele pátio e em parte dentro de cada um dos Chiarelli. Sérgio tinha sido o mais recompensado de todos, além de conseguir centrar-se na vida, perceber que certas coisas não valia a pena gastar seu precioso tempo, havia ganhado uma família completa. A melhor família de todas.

Bia ria de algum comentário bobo de Sérgio sobre Fernanda. Olhar os dois juntos era a inspiração para qualquer pessoa que sonha com o seu final feliz. Sérgio e Fernanda estavam vivendo o deles e todos a sua volta sabiam disso. Ambos tinham histórias passadas, sofreram na vida e batalharam mais ainda para chegarem onde estavam.

E que história os dois tinham. Sérgio perdendo os pais, assumindo os irmãos pequenos, o mercado e todas as responsabilidades da casa. Fernanda, saindo de casa cedo, vindo para a capital em busca de um sonho e ter ele despedaçado na metade do caminho. Voltou para casa grávida e com o desejo de procurar um trabalho para conseguir sustentar o seu filho. Para a mãe de Bia, foi a falecida mãe deles, onde que ela estivesse, que havia juntado Fernanda com os seus filhos. Somente uma mão divina para unir duas pessoas tão desesperadas de uma forma tão encantadora.

Bia via o sorriso dos dois e como refletia em Ricardo ver toda aquela felicidade em serem pais novamente. Nem ela conseguia esconder o seu sorriso e a fé na humanidade renovada em ser testemunha do que acontecia com eles. Era como um sopro fresco em um dia abafado e sufocante. Renovava qualquer esperança.

Ricardo fechou a porta depois que Sérgio e Fernanda saíram e se virou para Bia.

— Acho que não vai o mano animado assim desde a inauguração da expansão do mercado. Chegar a estar rindo sozinho. Coitada da Fernanda por ter que aguentar ele.

— Ela não está atrás. Dá para ver nos olhos que tudo é emocionante para ela. É tocante. E tu também, dá para ver que ficou todo animado com as notícias do bebê.

Ricardo sorriu e se aproximou de Bia.

— E quem não ficaria? Eles já estavam pensando há algum tempo e um bebê sempre é bem-vindo.

— A família de vocês é grande. Estão sempre acostumados com casa cheia.

— Sim, tanto que estranhei um pouco ficar aqui sozinho. Era um misto de paz, por não ter ninguém gritando por perto, e o pânico do silêncio absoluto.

Bia se aproximou mais e ficou na ponta dos pés para focar nos olhos de Ricardo. Ele passou as mãos sobre a sua cintura e a segurou.

— Prometo fazer umas bagunças então. Não como a Li, mas só para não deixar a casa tão silenciosa.

Ela se aproximou dele e o beijou. Estava com vontade de fazer aquilo desde que Sérgio e Fernanda chegaram. Talvez lá no fundo, queria mostrar como Ricardo estava feliz naquele momento. Um exibicionismo aceitável.

O beijo se prolongou além do que ela esperava. Ricardo era intenso e se doava por completo em qualquer situação. Ela gostava daquele toque mais pesado que ele dava a todo instante. Quase que como se ele deixasse de ser o Ricardo certinho de sempre e outro mais selvagem tomava o seu lugar. Sem temor nenhum. Já Bia não era santa. Estava caminhando na corda bamba há um tempo, quase caindo por completo.

O fervor dos dois apagou qualquer outro sentido sensorial além do tato. Principalmente a audição, no momento em que a porta se abriu e Sérgio e Fernanda entraram novamente dentro do apartamento e encontrou os dois se beijando fervorosamente.

A primeira reação de Sérgio foi rir. Fernanda teve que segurar o marido para não atrapalharem o casal. Os dois tiveram uma briga de olhares, coisa que casais em completa sincronia e anos de convivência conseguiam ter sem trocar nenhuma palavra. Sérgio sempre perdia.

Fernanda, delicadamente, limpou a garganta e chamou a atenção dos dois.

Ricardo levou um susto e Bia quase caiu no chão, se não fosse ele a agarrar pela cintura e a segurar no lugar. Ele arregalou os olhos para os dois e não sabia onde se enfiar. O rubor de vergonha de ser pego no flagra subiu à face de Ricardo enquanto Bia se arrumava e procurava palavras.

— Bom saber que vocês dois estão se dando bem. Muito bem, aliás. — Comentou Sérgio e ainda levou uma cotovelada de Fernanda no estômago.

— Esquecemos a chave do carro. — Fernanda amenizou o estrago. — Não sabíamos que vocês estavam... ocupados. Já estamos indo e....

— Vocês dois... Eu sempre soube que tinha alguma coisa entre vocês. — Sérgio voltou a falar para o desespero de Fernanda. — Aqueles anos dançando juntos não poderia resultar em outra coisa.

O cotovelo de Fernanda no estômago de Sérgio não seria eficiente naquele momento. Ele precisava de uma coisa mais forte, como por exemplo uma bigorna na cabeça.

— Não quero nem ver o que a Liana vai fazer com você. — Sérgio apontou para Ricardo. — E tu, meu velho, quando ia nos contar?

— Para ti fazer esse escândalo todo? Acho que nunca... — Fernanda murmurou.

— Na verdade, — Bia tomou a dianteira, vendo que Ricardo estava paralisado no lugar. — Nós nem sabemos o que contar e muito menos para quem. Está sendo uma loucura aqui, nós conversamos um pouco e....

— Vamos ver onde pararemos. — Ricardo conseguiu abrir a boca para falar alguma coisa. — Não temos garantias nenhuma, a Bia acabou de passar por uma experiência ruim e eu sou a experiência ruim em pessoa. Talvez estejamos apenas medindo qual dos dois está mais na pior.

Sérgio riu do comentário de Ricardo.

Fernanda aproveitou a brecha para achar a chave do carro e sair dali o mais rápido possível, antes que Sérgio abrisse a boca e...

— Ah claro. Conheço os dois, e em breve vocês estarão casando no CTG. Vou começar a comprar a mais carne no açougue do mercado. O churrasco vai ser grande.

... falasse alguma besteira como essa.

— Ok, senhor casamenteiro e churrasqueiro, vamos deixar os dois em paz e vamos para casa. Alguém me prometeu uma cuca daquela restaurante no posto de gasolina da estrada. A Sofia está doida por uma cuca de chocolate e outra de banana.

Fernanda empurrou o marido porta afora enquanto Sérgio ria sem parar. Saíram pela porta e Ricardo a fechou, dessa vez dando uma volta na chave.

Bia desabou no sofá com ele ao seu lado e quando se encararam, começaram a rir descontroladamente. Bia caiu por cima de Ricardo e ele o abraçou por completo.

— Que flagra perfeito. Acho que não ficava sem jeito desde que o meu pai pegou eu e a Li treinando beijos com um copo com gelo.

— Nunca fui pego no flagra desse jeito. Olha o meu coração. — Ricardo pegou a mão de Bia e colocou por cima do seu peito sobre a camiseta.

— Um susto desse é bom para testar o coração dos desavisados. Agora não precisa ir ao cardiologista por um bom tempo. Tu fica bonitinho envergonhado assim. — Bia apertou as bochechas, ainda vermelhas de Ricardo.

— Vamos pensar pelo lado positivo, foram eles que nos pegaram. Se fosse a Li teria pulado nos nossos pescoços.

Bia suspirou e se aproximou mais de Ricardo. Ele estava cheiroso demais....

— Ela é capaz de pegar o último ônibus de lá para cá só para fazer isso.

Ricardo ponderou e acabou respondendo rapidamente.

— A Fernanda não vai contar para ela e muito menos deixar o mano fazer isso. Ela controla ele melhor do que ninguém. Ela vai deixar para nós contarmos quando estivermos preparados para isso.

— Menos mal. Não quero enfrentar a Li agora. Muito menos meus pais e toda a sociedade da cidade. Vou ser taxada de muitas coisas se descobrirem de nós. Nem um mês depois de romper um noivado, Beatriz ataca Ricardo.

— Ex-noiva ataca retardado da cidade para não ficar sozinha. É meio desesperador. Tu está tão desesperada assim, Bia? — Brincou Ricardo rindo.

Ela saiu do seu abraço e sentou no seu colo. Sorriu ao se aproximar de Ricardo e o beijou. Ele nem imaginava o quanto ela estava desesperada.

Capítulo 21

Ricardo estava concentrado corrigindo algum trabalho de aluno. Provavelmente um trabalho de algum aluno que esqueceu de entregar na data correta e agora estava torrando a paciência de Ricardo para que aceitasse. O que mais encantava Ricardo nessas horas era a criatividade de cada um deles em inventar desculpas esfarrapadas para conseguirem entregar em datas diferentes das programadas.

Teve um ano que Ricardo contou sete doenças na família e três parentes mortos. Tudo de um mesmo aluno.

Enquanto se concentrava e corrigia o trabalho, não percebeu a porta se abrindo e muito menos Jonathan entrando como se a casa fosse dele.

— Bom dia, Ricardo! — Ricardo de um pulo da cadeira tão grande, que quase caiu de bunda no chão.

— Caramba, Jonathan! Não tem mais o que fazer do que me assustar, não?

Jonathan, nem dando bola para o esporro do amigo, puxou um lenço umedecido do pacote que sempre levava no bolso da calça, e limpou uma cadeira para sentar-se ao lado de Ricardo.

— Corrigindo trabalhos em horas vagas, só tu mesmo.

— Ao contrário de outras pessoas, eu não gosto de levar trabalho para casa, e o que levo é o mínimo possível. Tenho que ficar aqui, então nada melhor do que matar o tempo corrigindo eles do que escutando os professores falando besteira na sala dos professores.

— Eu também não gosto de ficar lá naquela sala, com aquela gente estranha. Não que nós sejamos muito normais, mas eles são piores do que nós. Geralmente eu passo o meu tempo livre arrumando o laboratório de química, mas estou impossibilitado no momento de entrar nele.

Ricardo deixou a caneta vermelha, ao qual riscava sem dó nem piedade em todos os erros do aluno atrasado.

— E por falar em laboratório de química, só se fala nisso na faculdade toda. Não me inventa de criar moda, Jonathan! Meus alunos estão loucos para colocarem fogo no laboratório de física também.

Jonathan ignorou a frase de Ricardo.

— Alunos iniciantes.... — Jonathan fechou o rosto em um semblante sério. — Ficam todos empolgados para conhecer o laboratório, mas ficam surdos como uma porta quando eu estou explicando as boas condutas de laboratório. Acabam fazendo uma desgraça e eu tenho que arrumar tudo.

Ricardo não conseguiu segurar o riso. Todo o início de semestre era a mesma coisa. Um laboratório incendiado, um aluno que não prestava atenção na hora da explicação para os principais cuidados e assim por diante... E nunca deixava de ser engraçado.

Jonathan seguiu reclamando dos seus novos alunos, de como não sabiam a diferença básica dos conceitos de química e que não havia futuro para a sua profissão se os alunos continuassem naquele nível. E Ricardo sentia-se um idoso ao perceber que na sua época de faculdade ele e seus

colegas levavam ela bem mais a sério do que os dias de hoje.

O assunto deu voltas e mais voltas até chegarem a Ricardo e Bia.

— Então quer dizer que vocês dois estão....

— Não temos um nome para o que estamos sendo, ok?

— Não entendi. — Jonathan falou sem conseguir compreender.

Ricardo suspirou. Nem ele mesmo entendia, e como explicar para alguém tão maluco como ele? Porque se Ricardo é estranho e confuso, Jonathan pode ser considerado um pouco pior.

— Escuta, — Ricardo chamou a atenção de Jonathan para si, já que ele estava com aquela cara de quem tentava entender alguma incompreensível. — A Bia é minha amiga de infância, e acabou de passar por uma coisa traumática. A gente já passou por isso e sabe como é complicado se encontrar depois disso.

Jonathan confirmou.

— E eu... bom, eu sou eu. — Jonathan concordou, pois não precisava de explicação. — Parece que tem uma atração entre nós. Da parte dela por causa da confusão e de mim, ainda não sei. Talvez pela carência ou achar que realmente possa se interessar por mim algum dia. Então, em comum acordo, resolver “ver aonde vai dar”. — E fez o sinal de aspas com os dedos.

— Ainda não entendi.

Ricardo revirou os olhos e fez um gesto para Ricardo deixar para lá. Se ele mesmo não sabia como explicar, não tinha como o coitado do Jonathan entender mesmo.

— Que seja, — Jonathan deu os ombros. — Então vocês estão namorando, por assim dizer.

— Namorando não é bem a palavra e...

— Ou como dizem os meus alunos, ficando, se pegando, se traçando ou simplesmente foden....

— Ok, Jonathan, assunto encerrado, certo? Eu continuo sendo o Ricardo de sempre e a Bia a Bia de sempre. É isso que interessa para todos os efeitos.

— E o Sérgio e a Fernanda pegaram vocês no flagra. — Jonathan riu. — Queria ter visto a tua cara. O certinho Ricardo pego em uma situação comprometedora. Seria hilário.

— A é? E como seria o Jonathan sendo pego em flagrante? Gaguejando pelos cantos, se escondendo atrás da pessoa em questão ou... Ah, lembrei.... Se eu sou o certinho, o que sobra para o Jonathan?

— Para a tua informação, eu sou bem mais sociável que o senhor!

— Ninguém está falando de sociabilidade e sim de reações ao serem pegos no flagra e sobre a seriedade de cada um aqui!

Jonathan revirou os olhos....

— Não esqueçamos o meu passado, meu caro amigo recluso. Aprontei algumas coisas bem mais piores do que ser pego com a namorada no sofá.

Ricardo bufou irônico.

— Aquilo não foi nada e — o sinal com o final do intervalo soou e a folga de Ricardo e Jonathan também. — Isso não acabou aqui, Jonathan. Continuaremos de onde paramos.

— Com certeza, meu amigo. Agora eu vou lá enfrentar mais uma turma de iniciantes e espero que eles não coloquem fogo no laboratório improvisado.

Ricardo juntou as suas coisas e foi para a sala de aula. Sua mente se fechou para assuntos externos por completo. Ele se transportava para outra dimensão enquanto estava ministrando alguma aula. Era o que ele gostava de fazer e sentia-se bem por estar vivendo aqueles momentos de docência.

O tempo sempre passava rápido demais para o seu gosto quando estava ensinando alguma coisa que ele gostava para seus alunos. Nem sempre eles gostavam da aula, e Ricardo apenas fazia o seu melhor e tentava instigar eles a pegarem gosto pelas matérias.

Encontrou Jonathan na saída novamente e a discussão recomeçou até cada um entrar no seu carro. Perceberam que havia um empate entre os dois, mas para si, cada um era o vencedor. O trajeto para casa foi tranquilo, trânsito fluído e alguns poucos minutos parados. Ricardo chegou em casa e tudo estava no mais absoluto silêncio.

Largou a sua bolsa e tomou um banho rápido. Puxou pela memória o horário de Bia e sabia que ainda tinha uma meia hora até ela chegar. Então o estômago falou mais alto e ele pôs a mão na massa. Não era um expert na cozinha, mas aprendeu o básico para a sobrevivência.

Bia entrou no ônibus e quando sentou, era como se o peso do mundo tivesse saído parcialmente de cima das suas costas. O resto sairia quando chegasse em casa e tomasse um banho demorado e quente.

Ela havia saído pela parte da manhã, na noite passada havia impresso alguns currículos e munidos com eles distribuiu por algumas farmácias, laboratórios e qualquer coisa que chamasse a sua atenção. Sua formação era básica e ela queria mesmo naquele momento era experiência. Até mesmo como atendente de balcão de farmácia ou na limpeza de tubos de ensaio. Só o fato de ter mais uma experiência, além de caixa de mercado, ao qual ela e Liana passaram os meses de férias de “castigo”, por terem ido a uma festa escondidas, já era alguma coisa a mais.

A baldeação do ônibus era gigantesca, e quando desceu na parada em frente ao apartamento em que morava o cansaço começou a bater. Cumprimentou o porteiro da noite, agradeceu quando ele abriu a porta do elevador para ela e subiu até o andar. Colocou a chave na fechadura e seu estômago respondeu primeiro pelo cheiro de comida que estava saindo da cozinha.

— Boa noite, Bia. — Um Ricardo alegre a recebeu em frente ao fogão. — Espero que esteja com fome, assim como eu, pois eu acho que exagerei na dosagem e vamos comer massa pelo resto da semana.

Bia quis rir, mas não conseguiu. Estava com fome e nem tinha percebido. Se não fosse Ricardo ser um anjo, ela teria ido para a cama direto e só comeria na outra manhã. Só por isso ele merecia um beijo.

Ela se aproximou dele e o beijou fazendo com que Ricardo quase derrubasse a panela quente sobre os dois.

— Obrigada, eu amo massa e vou amar mais ainda depois de um bom banho. Tenho tempo.

— Uns quinze minutos para o molho ficar pronto, e reza para a massa não ficar com consistência estranha.

Bia o beijou novamente e saiu correndo para o banho, em menos de dez minutos já estava de pijama ao lado dele pondo a mesa.

Conversaram, riram e brincaram enquanto jantavam. Bia lavou toda a louça enquanto Ricardo enxugava e guardava. Uma cena tão normal, mas que para ela era mágica. Nunca que dividiria uma tarefa destas com Thiago. Ele tinha empregada em casa e não sabia nem acender um fogão para colocar uma água para esquentar.

Aquilo tudo estava encantando Beatriz de uma forma única. O modo em que Ricardo recepcionava ela, o jeito como ele a tratava, como riam, conversavam desde besteiras a assuntos sérios e principalmente como Ricardo se preocupava com ela pegando ônibus tão tarde para voltar para casa.

— Nunca cotou em mudar a tua pós lá para a minha faculdade? Aí podemos ir e voltar juntos para casa, sem ônibus e perigo de andar sozinha na rua. Já que tu está sempre falando sobre o ensino da tua, pode ser que te adapte melhor lá.

Bia ponderou. Ela até havia pensando em mudar de faculdade, para uma mais próxima de casa e que a deixasse mais feliz na escolha que fez. Tinha percebido que o seu curso, o ensinamento dele não estava a agradando e os colegas muito menos. Uma mudança de ares seria mais interessante. Porém tinha uma questão...

— E como é a política de envolvimento entre professores e alunos lá?

Capítulo 22

Ricardo nunca foi vaidoso a ponto de ficar se encarando em frente ao espelho. Fazia isso por mera formalidade ao fazer barba sempre que achava necessário, como hoje. E ao notar o seu reflexo, ele suspirou.

As manchas escuras embaixo dos seus olhos eram visíveis. Até mesmo para ele que não notava e nem dava bola para isso. O vapor do banho embaçou o espelho e ele o limpou com uma toalha, olhando para o seu pulso e vendo a cicatriz que havia lhe infligido anos atrás.

O que era mais um sinal em uma pessoa que já tinha tantos?, pensou enquanto se encarava.

Saiu do banheiro após colocar a sua roupa e foi para o seu quarto, intocável. Pegou o que queria e voltou para a cozinha. Preparou o seu chimarrão e suspirou ao sentar-se e ficar em silêncio.

Ricardo não estava realmente bem. Havia esquecido, novamente de tomar seus remédios, e os pesadelos tinham retornados. Aquele mesmo pesadelo de sempre. A mesma cena do mercado, seus pais conversando pela última vez e os ladrões chegando, anunciando o assalto.

Era sempre os últimos minutos de vida. Aquela única cena transcorrendo em *looping*, trazendo os suores, o medo preso no peito e a sensação de que aquilo nunca vai acabar e Ricardo estava preso naquele momento do tempo.

Eles sempre vinham em momentos diferentes. Estresse na faculdade, seja com o seu doutorado ou com seus alunos, esquecimento dos medicamentos ou alguma data em especial que traziam alguma carga emotiva com elas.

Porém acordar às vezes se tornava um pesadelo maior ainda. Acordava com o seu próprio grito, no breu, com o corpo ensopado, a respiração ofegante e a certeza de que tudo aquilo aconteceu de verdade. Era uma sensação horrível. Ricardo sentia como se estivesse preso dentro do seu próprio corpo. Se mexer era uma dor insuportável, os olhos injetados no escuro e a certeza de que nunca vai acabar a sensação.

Ele detestava ficar daquela forma. Já questionou com Miguel quando aqueles pesadelos horríveis acabariam, e o médico nunca pode dar certeza para isso.

Ontem à noite a história foi a mesma. Tirando o fato de que estava deitado ao lado de Bia na cama dela. Haviam jantado e levado a TV para o quarto dela e dormiram no meio do filme que estavam assistindo. O pesadelo veio no meio da noite, o pegou despreocupado e indefeso. Ao acordar no escuro, ficou preso no seu corpo e pela primeira vez, sentiu medo de Bia o ver daquele estado.

Agradeceu por não ter acordado gritando desesperado. Já era humilhante demais quando estava em casa e a família toda entrava no seu quarto e o tentava tirar daquele estado quase catatônico e preso nele mesmo. Ricardo detestava quando isso acontecia.

Queria apenas curtir a sua dor em paz, sozinho e esperar que aquele tormento passasse. Mas não, Sérgio, Fernanda, Liana e até mesmo o Inacinho apareciam no seu quarto e não o deixavam sozinho um minuto que fosse. Liana era sempre a mais dramática de todas, já chegava

carregando o travesseiro dela e deitava ao lado do irmão pelo resto da noite. Sérgio era o desesperado, ficava falando com Ricardo, com uma certa urgência na voz para que tudo passasse de uma vez e Fernanda era a mais tranquila de todas. Junto com Inácio ela o abraçava e esperava em silêncio ao lado de Ricardo. Se fosse preciso, esperaria ele dormir novamente e deixava a luz do quarto acesa para que Ricardo não acordasse no escuro novamente.

Mas e Bia? O que ela faria numa situação como aquela? Acordar no meio da noite com Ricardo gritando e esperneando como o louco que era ao seu lado. Com um perigo real dele a atingir sem querer, como já havia feito com Liana algumas vezes. Se ele nunca se perdoava quando acontecia com a irmã, quem dirá com Beatriz.

Com toda a certeza do mundo, ela se afastaria por completo. Como dormir ao lado de alguém que poderá a machucar no meio da noite enquanto estivesse indefesa? Ela já tinha escapado de Thiago e não iria entrar novamente na mesma situação.

Claro que ela seria sutil ao dizer que nada daquilo importaria. Não era sempre que os sonhos de Ricardo o acordavam esperneando e gritando, boa parte deles era como tinha sido naquela noite. Apenas o desespero de sempre e o banho de suor gratuito.

Era patético.

Ricardo queria saber como agir naquele momento. Ser corajoso o bastante em enfrentar todos os seus problemas e poder jurar para si, e qualquer outra pessoa, que nunca mais os pesadelos iriam o atormentar novamente. Que apenas tomar os seus remédios o fariam melhorar e tudo desapareceria num passe de mágica. Não haveria mais perigos noturnos e, principalmente, os pensamentos de acabar com tudo ao seu redor

Apesar de toda o acompanhamento que fazia, eles ainda o perseguem, de uma longa e controlada distância. Miguel um dia havia dito que ela nunca sairia do seu lado. Como um alcoólatra nunca se livrava de querer tomar uma dose. Estava encrustado no seu ser e cabia a eles controlarem a sede que o levava a querer experimentar novamente.

Ricardo levantou-se da cadeira, deixou o chimarrão pela metade e foi até o banheiro. Novamente o seu reflexo o assustou, mas a sua aparência não era o motivo principal de estar ali. Abriu o armário e virou o pulso com a cicatriz para deixar os comprimidos caírem na palma da sua mão. Os observou por alguns segundos e os tomou de uma vez.

Se ele não pudesse ficar curado completamente, pelo menos poderia reduzir os danos que eles causavam. Com os princípios ativos dos medicamentos percorrendo no seu corpo, poderia ter uma vida normal e equilibrada. A química do seu cérebro seria reorganizada e os pensamentos, estresse e o sentimento de culpa que o acompanhava desde aquele fatídico dia, diminuía ao ponto de ficarem toleráveis.

Era o mínimo que ele poderia oferecer para Beatriz naquele momento. Um Ricardo estável, calmo e controlado por medicamentos. Pelo menos ele sabia que quando estava medicado e de bem com ele mesmo, poderia ser bem mais agradável de ficar ao seu lado. Quando estava em crise, nem ele mesmo aguentava estar ao seu lado, por assim dizer....

Voltou à cozinha e escutou a porta do apartamento abrindo. Não teve tempo de pensar muito em quem poderia ser, pois um mar de braços e pernas se atirou em cima dele quase o derrubando no chão.

— Meu retardadinho do coração!

Liana se agarrou em Ricardo e o fez ela o agarrar pela cintura para que ambos não caíssem no chão. Ela adorava fazer aquilo com Ricardo, e gostava mais quando o irmão não conseguia a pegar no ar e acabavam caindo e quase se machucando.

— Liana! O que está fazendo aqui? Não deveria estar na especialização?

Ela largou o irmão, não antes de beija-lo em todas as superfícies possível do seu rosto e sorrir para ele.

— O professor cancelou a aula da manhã e trocou para amanhã. Adivinha quem vai passar o dia aqui com vocês? Cadê a preguiça da Bia?

— Dormindo ainda. — Ricardo disse no automático e lembrando que foi uma ótima ideia terem dormido no quarto dela e não dele. Se Liana entrasse no quarto do irmão e visse a cama arrumada, não daria importância, Ricardo sempre mantinha o seu quarto em ordem. E também sabia que Bia não deixava a sua cama como se fosse a de um hotel de luxo.

— Bem característico dela! Estou seca por um chimarrão e quero saber o que vocês vão fazer hoje para eu incomodar os dois.

Ricardo sorriu. Serviu um chimarrão e entregou para a irmã. Ele e Liana tinham uma cumplicidade única e desde sempre eram confidentes um para o outro. Sérgio nem sonhava da metade dos segredos que Ricardo sabia de Liana.

— Eu estou saindo daqui a pouco, tenho aula hoje à tarde e à noite dou aula. A Bia acho que tem aula só no meio da tarde.

— E o que vamos fazer à noite? — Ricardo conhecia aquele olhar da irmã, sabia que ela tinha todo o plano pronto na sua cabeça brilhante.

Deu os ombros e os olhos de Liana chagaram a brilhar com o seu plano dando certo.

— Vamos para o bar. Os guris vão tocar e me mandaram uma mensagem para saber se eu posso passar lá e cantar uma ou duas músicas com eles. O que acha?

Nunca que Ricardo iria negar um pedido de Liana, principalmente quando ela se iluminava com alguma ideia brilhante que só ela poderia ter. O plano inicial de Ricardo era voltar para casa cedo, talvez encontrar a Bia no shopping perto da faculdade e eles olharem algum filme decente. Mas nenhum plano é viável quando a motivação de Liana falava mais alto.

— Bar e te ouvir cantando então! Posso convidar o Jonathan?

— Ele ainda vai limpar a nossa mesa, os copos e dar lição de moral contra germes para o garçom?

— O garçom já nos conhece, mas de resto...

— Ok, chama o retardadinho dois. Pelo menos dessa vez eu vou ter a BIA...! — Liana saiu gritando ao ver a amiga chegando, meio sonolenta e foi em sua direção.

Bia estava trôpega ainda. Escutou as conversas e sabia que não eram as diárias de Sérgio para Ricardo. Levantou-se e seguiu para a cozinha, só não contava encontrar uma parede na sua frente chamada Liana.

— Por que tu está usando uma camiseta do Kado?

— Que?

— Eu emprestei porque ela esqueceu um pijama em casa, Li. — Ricardo, mais acordado de Bia, respondeu sem hesitar.

Liana aceitou bem a desculpa e se pendurou novamente na amiga. Bia retribuiu o abraço e quando olhou para Ricardo ele fez uma cara de que também não estava esperando Liana aparecer naquele momento.

Tomaram café juntos, escutando as maluquices de Liana o seu consultório que cada dia tinha uma história diferente e o chamamento para o concurso da cidade que havia prestado no ano que tinha passado.

— Agora sou concursada — gabou-se. — Já tenho um salário fixo e um vale alimentação que posso usar no mercado.

— Vá vai dar um lucro para o mercado ao invés de todo a despesa. — Ricardo brincou.

— Foi exatamente o que o mano disse quando eu falei no vale. Ele está mais louco que tu, mano, principalmente agora com a gravidez da Fernanda. Sem contar no falatório da cidade.

— Finalmente ela conseguiu dar o golpe perfeito? — Bia comentou.

— Sim! Finalmente a empregada conseguiu chegar a casa grande e fincar as suas garras em cima do herdeiro principal da família Chiarelli. — Liana dramatizou, usando a mão como uma garra de felino no ar. — A golpista e o bastardinho estão com a vida feita.

O silêncio entre os três durou alguns segundos, o tempo suficiente para todos explodirem em uma risada conjunta.

Capítulo 23

A cama de Bia era uma bagunça de roupas espalhadas e maquiagens jogadas por todos os lados. Ela e Liana estavam desfilando dentro do quarto e parcialmente maquiadas. Uma bagunça generalizada e elas não estavam dando importância para ela no momento.

Bia estava usando apenas uma camiseta comprida e Liana com menos do que isso.

— O Richard está saindo com uma enfermeira que ele conheceu por lá. — Liana falou enquanto analisava uma blusa rosa da amiga.

— E como tu está lidando com isso? — Bia voltou a se encarar no espelho para voltar a se maquiar.

Liana deu os ombros e pegou outra blusa.

— Ele está lá, é solteiro, está sozinho e gostoso. Se caso aparecer alguém hoje eu também posso me divertir, não?

Beatriz se virou para a amiga, um olho delineado e outro não.

— Estou falando sobre se sentir sobre o fato do Richard estar com outra pessoa, não o fato de vocês estarem solteiros, livres e desimpedidos.

— É a mesma coisa, Bia e...

— Não. Não é a mesma coisa, Liana. Vocês ficaram juntos por um bom tempo, se separaram porque ele foi aceito na bolsa no exterior.

Bia piscou e uma blusa estava voando em sua direção.

Liana levantou-se e caminhou pelo quarto, exibindo sua quase nudez para a amiga que já nem dava bola para quando isso acontecia.

— Não é de total verdade, Bia. Eu e o Richard ficamos sim por um bom tempo juntos, mas já não era a mesma coisa. Aquela paixão inicial já tinha acabado e o que restou era amizade. Sim, eu sinto falta dele me acordando todos os dias para me contar como havia sido o plantão dele, ou de xingar ele toda a vez que esquecia de fazer alguma coisa que eu pedia. Mas só isso que eu sinto falta, entendeu?

Bia olhou para a amiga e notou o semblante diferente de Liana.

— Eu tentei. Tentei mesmo, voltar a sentir aquele frio na barriga quando eu olhava o Richard, e olha que o Richard não é nada feio e todo gostoso. Mas não dava... Era um sentimento diferente que eu sentia por ele, quase a mesma coisa que eu sinto pelo Kado e o Sérgio. Quero a felicidade deles, cuidar, ajudar, brigar e estar lá para quando eles precisassem. E só....

Bia olhou para a amiga e percebeu que nunca tinha visto Liana tão vulnerável.

— Simplesmente não dava mais. Estávamos no ostracismo do dia a dia. E antes que nós brigássemos e nunca mais tivéssemos contato, decidimos acabar e cada um seguir o seu rumo. Não é a mesma coisa que aconteceu contigo, Bia...

— É claro! — Apressou-se em dizer. — Nunca que imaginaria uma coisa daquelas para o Richard e tu... É que é estranho te ver falando essas coisas dele. Pensei que fosse ser madrinha de

casamento de vocês. — Bia sorriu.

— Casamento, eu? Não... esse sempre foi o teu sonho. Mas não te preocupa, quando o Richard voltar para cá ele vai abrir consultório junto comigo lá e tu vais ver ele seguido. Mas eu não quero falar de mim, minha vida está bem chata e familiar, quero saber de ti...

Bia se virou para o espelho novamente e tentou desconversar.

— Minha vida está a mesma coisa desde que nos vimos da última vez. — Ela deu os ombros para uma Liana de costas e tirando mais uma parte do seu guarda roupa do lugar.

— E eu finjo que acredito. Tu tem cara de quem logo vai estar com alguém de novo, Bia. Ao contrário de mim, que estou adorando essa minha solteirice, tu eu não dou muito tempo para te juntar com outra pessoa.

Bia parou o que estava fazendo e olhou para amiga pelo espelho.

— Da onde tu tirou isso, Li? — Bia tentou soar como se não estivesse acreditando no que a amiga falava.

— Te conheço Beatriz, tu tem uma carinha de quem não consegue ficar sozinha e muito menos pulando de galho em galho. Em breve tu vais estar com aquela cara de apaixonada pelos cantos, suspirando e quando menos imaginar entrando na igreja e casando.

Bia ficou sem reação nenhuma, e Liana aproveitou para falar mais ainda.

— Eu sei que isso vai acontecer em breve. Tu não és uma pessoa de ficar sozinha, gosta da monotonia de dormir e acordar sempre com a mesma pessoa. Uma estabilidade sem fim — Liana revirou os olhos — chega a ser enjoativo te ver assim, Bia. Mas te conheço e sei que funciona melhor com outra pessoa do teu lado do que sozinha. Porém, te prefiro nesse momento solteira do que casada com o Thiago. Acredita que vi ele na prefeitura esses dias?

Bia engoliu em seco. Evitava ao máximo pensar em Thiago, principalmente depois que havia começado a se relacionar com Ricardo. Compara-lo ao que estava vivendo hoje. E escutar o nome dele por outra pessoa causava em Beatriz o sentimento de asco extremo misturado com a vergonha. Principalmente se a pessoa em questão estava tão a par do que havia acontecido com eles.

— Queria ter me avançado no pescoço dele no meio da prefeitura, seria épico, mas o mano me segurou pelo braço quando o Thiago me encarou. Até o Sérgio, que não é de negar de cumprimentar ninguém, virou a cara quando ele passou por nós. Ah, como eu queria meia hora com ele e todos os fórceps, alavancas e sondas. Ia fazer um estrago bem bonito. E está sabendo da última?

Bia ainda estava atordoada em saber sobre Thiago. Sua nova vida, principalmente agora, estava tentando colocar o passado com Thiago em uma área em que o passado se misturava com a imaginação e tudo não passava de uma época distante e que nem existiu na realidade. Quase como uma fuga mental para não recordar-se dos piores momentos da sua vida.

— Dizem as fofocas do corredor do mercado que ele está de caso com uma assessora da câmara de vereadores. Mas a verdadeira fofoca é que ela foi para a casa dos pais do Thiago e quase saiu no tapa com a mãe dele. Como eu queria ter um superpoder de ser uma mosquinha e pousar bem em cima da comida dele e assistir a tudo.

— Essas fofocas não são confiáveis, Liana.

— Que se dane se é verdade ou não, mas alguma coisa ele deve ter com a tal assessora lá. Lembra da Vanessa? A ex do Sérgio que eu chamava ela de vaca loira? A guria essa é uma Vanessa puxa saco de vereador. Agora ela achou o saco certo para puxar, lamber e afins... E conhecer a maior vaca de todas, a mãe do Thiago. Que mulher insuportável! Nunca vou esquecer aquela vez, lá na tua casa e aquela mulher olhando para a Fernanda e o Inacinho com cara de nojo.

Bia sentiu-se um pouco constrangida com o que Liana falava. Para ela, naquela época apaixonada por Thiago, não percebia como a família dele, e ele, eram na verdade. Hoje, com os olhos abertos e outra realidade à sua frente, conseguia perceber como eles tratavam as pessoas com desgosto, quase um preconceito. E era claro que Fernanda seria alvo.

— Tenho que me desculpar com as pessoas pelo tempo que passei com o Thiago e elas foram desdenhadas dessa forma.

— O mundo tem que desculpar por deixar que pessoas como a Vanessa, Thiago e os pais dele viverem no mesmo planeta que nós. Agora sai do espelho que eu quero me maquiar também.

Liana empurrou Bia com uma delicada “bundada” e a quase derrubou no chão. As duas começaram a se empurrar, como se ainda tivessem seus quinze anos e testavam maquiagem uma na outra em frente ao espelho. Terminaram de se maquiar rindo e conversando sobre besteiras e a coisa ficou séria quando foram escolher as roupas.

Liana optou por um vestido grudado no corpo, preto, para fugir um pouco do branco e repudiou a calça jeans e blusa simples de Bia.

— Amiga, o teu ex está com uma assessora gostosa, tu precisa dar a volta por cima e tirar essa cara de Maria Abandonada em casa. Vamos lá conhecer o futuro senhor Beatriz.

— Não tenho cara de Maria Abandonada e nem quero conhecer o senhor Beatriz, Liana!

As duas se encararam por alguns instantes, e para o desespero de Bia, Liana começou a ter um ataque de gritos e risos.

— Eu sabia! Ganhei a aposta com o Richard! Já existe o senhor Beatriz! Não sei se fico feliz ou te bato até esse teu rostinho de boneca ficar todo ensanguentado. Como assim existe um senhor Beatriz e eu não estou sabendo disso? Tu está me traindo com alguma nariz empinado, riquinha da capital?

Bia deu um passo para trás e Liana um para frente. A parede foi a que impediu de sair correndo e bater a porta na cara da amiga.

— Não existe ninguém, Li! — Mentiu descaradamente. — Estou bem com a minha solteirice e quero curtir ela o....

— Sua mentirosa deslavada! Conheço essa cara — Liana apontou o dedo bem no nariz de Bia — essa carinha bonitinha de quem está mentindo descaradamente. Tu não me engana, Beatriz! Desembucha de uma vez!

Bia saiu do encurralamento que Liana havia imposto. Começou a juntar todas as roupas

espalhadas pelo seu quarto e as jogou, embolada, dentro do seu guarda roupa. Se Ricardo visse aquilo teria um ataque do coração instantâneo.

Pensou nas duas opções que tinha naquele momento. Seguir mentindo para Liana, sabendo que não ia adiantar em nada, porque a amiga era pior do que um detetive com más intenções. Alternaria a verdade para que a sua teoria se encaixasse perfeitamente. Ou contava parcialmente a verdade.

— Ok. Existe alguém, mas nada de senhor Beatriz, ok? Estamos indo com calma e nos conhecendo aos poucos. — Tentou acalmar a amiga que a encarava com um sorriso no rosto.

— Que coisa mais clichê e sem noção, Bia. A vida é curta demais para a gente conhecer a pessoa e ir aos poucos! Liga para ele e mandar ir lá para o bar! Vamos encher a cara. O Jonathan é um chato, tipo o Kado, mas quando bebe fica mais sociável. Já viu ele tomar um porre e depois recitar a tabela periódica de trás para frente? Hilário....

— Não vou ligar para ninguém! — Até porque não precisava mesmo, Ricardo iria sair da faculdade e encontrar elas lá. Só que Liana não precisava ficar sabendo deste pequeno grande detalhe.

Ainda não.

A cabeça de Bia já estava rodando só de ter Liana na sua volta, agora com essa novidade ela vai ficar insuportável. Quem dirá se descobrir que Ricardo estava metido no meio do rolo todo.

— E por que não? Preciso dar alguns toques no coitado e me certificar que ele não seja tão asqueroso e idiota como o Thiago. Tu vai me escutar dessa vez, não é? Eu falei desde o início que o entojó não prestava, mas ninguém escuta a tia aqui!

Bia se aproximou da amiga e beijou a sua bochecha, deixando a marca do seu batom no rosto dela.

— Sim, tia Liana. Vou te escutar em todos os conselhos dessa vez, só que não vou ligar para ninguém. Quando chegar a hora, e se ela chegar, vou te apresentar ele e todos vamos ser muitos felizes.

— Acho bom que essa hora chegue logo! E vamos de uma vez que os caras da banda já estão lá e eu quero que vocês peguem uma mesa boa.

Bia sorriu para Liana e as duas saíram rindo como duas adolescentes.

Capítulo 24

Ricardo observava Jonathan esfregar a mesa com aquele composto fabricado por ele mesmo. O amigo tinha todo um ritual para fazer o serviço e não se contentava enquanto não estivesse perfeitamente limpo.

No fundo, sabia que os dois tinham suas obsessões acima da grande maioria das pessoas. Ricardo era metódico, gostava de manter tudo no seu devido lugar, seu quarto o mais limpo possível e toda a casa perfeitamente impecável. Porém Jonathan era considerado um quadro bem mais peculiar do Ricardo.

Jonathan era focava apenas no que lhe chamava a atenção. Era normal ele abandonar uma roda de conversa quando não lhe importava o assunto. Não entendia certos tipos de ironia e levava as coisas literalmente a pé da letra, deixando, muitas vezes, outras pessoas sem graça a sua volta. Vivia praticamente em um mundo alheatório e que somente pessoas que sabiam como Jonathan se portava eram aceitos.

Com os anos de convivência, Ricardo aprendeu a decifrar Jonathan e suas esquisitices. Quando ele estava perdido no seu mundo particular, não era qualquer coisa que o tirava de lá.

Ele esperou a minuciosa limpeza de Jonathan e esperou que ele liberasse a mesa, depois de secar um pouco. Sentaram e logo pediram as bebidas, uma água para Ricardo e uma dose de vodka para Jonathan, que pediu para a garrafa ficar. Ele acertaria na saída. Limpou o copo e se serviu tomando rapidamente.

— Está tudo bem? — Ricardo questionou.

Jonathan tomou mais uma dose, fez uma careta e sorriu.

— Agora vai ficar. — Serviu mais uma e deixou descansando em cima da mesa. — E tu, como está com a Liana em casa?

Jonathan virou a terceira dose e Ricardo percebeu que o foco daquela conversa seria ele, não adiantaria insistir com o amigo. Se a porta fechasse, estava lacrada por ora.

— Ela chegou e quase nos pegou no flagra, mas a sorte que estávamos no quarto da Bia. Decidimos ainda não contar por enquanto, até porque não sabemos aonde vamos parar. Então já sabe, nenhum comentário sobre nós e....

— Posso ir para a casa de vocês sábado?

Jonathan virou outra dose e antes que pegasse a garrafa de novo, Ricardo se intrometeu e a puxou para o seu lado, a protegendo de Jonathan, antes que ele chegasse a um coma alcoólico antes da Bia e Liana chegarem.

— Meus pais querem me ver e eu disse que estaria na casa de um amigo. Meu irmão se meteu na conversa, me dizendo que eu não tinha amigo nenhum. — Jonathan vomitou a explicação para Ricardo de uma vez.

O amigo nunca foi de se abrir completamente, e Ricardo acreditava que também nunca tinha falado abertamente com Jonathan sobre seus problemas mais profundos. Apenas sabiam que ambos tinham grandes cargas por cima dos seus ombros, que os moldaram para o que eram

hoje em dia. Não precisavam cavocarem mais o que Miguel já mexia com maestria.

— Acho que sim. Mas tu sabe que a minha família não é bem tradicional. Não somos todos corretos e completamente limpos, ao teu parâmetro, pelo menos.

— Não me importo. Dou aulas para adolescentes que não sabem algumas normas básicas de higiene, como escovar os dentes pela manhã ou ao menos tomarem um banho depois da última noite de bebedeira.

Ricardo não poderia deixar de discordar. Esse era um fato notado por toso o corpo docente da faculdade. Principalmente dos primeiros semestres de curso.

— E caso a coisa for inaceitável demais, eu fico em um hotel. Deve ter algum aceitável na tua cidade.

— Se for assim, — Ricardo assentiu não conseguindo evitar o sorriso — não tem problema nenhum de ir lá para casa. Minha cunhada vai adorar, a mãe dela vai te fazer comer até não aguentar mais, como ela faz comigo e o Inácio vai ficar na tua volta te fazendo mil e uma perguntas. Sabe como é, retorno para casa da família é sempre uma confusão.

— Aceitável. Estudei em colégio interno, nunca voltei para casa nos finais de semana, apenas nas férias e me mandavam para aqueles acampamentos horríveis. Voltar para casa nunca foi agradável. Mas acredito que ficar com a tua é melhor do que com a minha. Por favor, me passa a garrafa?

Ricardo, depois desse pouco, mas revelador relato do amigo, alcançou a bebida e Jonathan tomou mais duas doses na corrida. Finalmente ele pareceu relaxar e ainda pegou o cardápio dizendo que para a bebida não bater tão fundo, precisava comer alguma coisa.

Bia e Liana chegaram momentos depois que a comida chegou à mesa. Jonathan já tinha alguns sinais mais claros do álcool afetando o seu corpo. Sorrindo e falando com Liana, ou melhor, com os dois brigando como duas crianças. Ricardo sentiu-se em casa em rever a velha cena de tempos atrás, onde tinha que aguentar os dois batendo de frente todas as semanas. Às vezes, ele ficava em dúvida se preferia os dois bêbados ou sóbrios.

— Eles ficam o tempo todo brigando assim? — Bia questionou e se aproximou mais de Ricardo.

— Sim. Tem que ver quando a Liana atendia a gente na clínica da faculdade. Eu era cobaia nato e levei o Jonathan uma vez, ele queria corrigir a Liana nos procedimentos, e ela arrancar os dentes dele sem anestesia.

— E ela conseguiu fazer isso! — Jonathan se meteu na conversa dos dois.

— Que mentira! Eu disse que estava vendo o siso e não ia parar para dar mais uma anestesia. O dente estava debochando da minha cara e eu ia tirar ele de uma forma ou outra.

— Quinze dias eu fiquei parecendo o Fofão. — Liana riu com gosto.

— Ficou parecendo mesmo. Agora eu preciso de cobaias para ortodontia, aparelho de graça para arrumar os dentes com a tia Li. Quem topa?

— Chega de falar de dentes — Bia foi a primeira a se anunciar. — Quero saber quando a banda vai chegar e começar a cantar.

Ricardo viu a transformação de Liana acontecer bem na sua frente. Bastava falar em cantar que ela era a primeira a se levantar e tomar a iniciativa, principalmente longe de casa. Ele acompanhou toda a trajetória de Liana no bar cantando sempre que podia. Era como se uma Liana diferente tomasse a dianteira.

O sonho dela sempre foi cantar, mas Sérgio nunca incentivou o gosto da irmã. Preferia oferecer cursos de línguas, defesas e claro, o amado CTG. Foi apenas quando Liana se mudou para a capital junto com Ricardo que ela pode deixar a sua predileção pelo canto falar mais alto.

Não demorou muito para ela encontrar um grupo de colegas e amigos de colegas que gostassem de tocar e precisavam de uma cantora. Liana não pensou duas vezes ao se oferecer e ser recebida de bom grado. Os ensaios eram um desastre acústico, mas que aos poucos foram tomando forma e conseguiam alguns palcos em bares para cantarem.

Ricardo esteve em cada um dos shows de Liana. Aplaudiu cada música que a irmã estava e aplaudirá sempre. Adorava ver a alegria de Liana e a energia dela quando saía de algum palco.

E era exatamente o que ele via naquele momento.

Bia se aproximou de Ricardo, aproveitando a brecha que Liana havia lhe dado. Ela tinha visto algumas apresentações da amiga, e tinha a certeza de que aquelas não chegavam aos pés do modo que estava hoje. Liana estava linda, cantando com o coração e fazendo com que os casais apaixonados suspirassem ao entender a melodia da música.

Ela, como romântica de natureza, não pode ficar de fora. Por baixo da mesa, escondido de todos, inclusive um certo Jonathan, que ainda lutava para acabar com aquela garrafa de vodca, encontrou a mão de Ricardo e a apertou.

De lado, viu o sorriso de Ricardo surgir e isso fez com que o seu coração batesse mais rápido. A música acabou e enquanto Liana conversava com a banda, Ricardo puxou a mão de Bia e a beijou rapidamente. Furtivamente. Como se aquilo fosse um delito inafiançável.

— Vocês dois vão ficar como dois namorados de colegial? — Jonathan resmungou através da garrafa.

— É uma fase muito boa, Jonathan. Deveria experimentar. — Comentou Ricardo.

Ele sorriu e bebeu mais uma dose.

— É sim, Jonathan. Eu e o Kado vamos encontrar uma garota perfeita para ti, o que acha? Assim vamos poder sair em casal.

Novamente ele riu e acabou em um soluço altamente bêbado. Liana começou a cantar outra música e novamente o tema era um amor perfeito e a felicidade sem fim.

Sim, Liana tinha razão, Bia não conseguiria ficar sozinha por muito tempo. Por gestos tão simples ela estava completamente derretida por Ricardo aquela noite. Bem mais do que ela poderia imaginar que pudesse ser. Seu coração era um desgraçado mesmo, não poderia ver alguém na sua direção que ele se abria todo e se enchia de amor.

Droga, Beatriz! Porque tu faz isso contigo? O que custava dar um tempo maior para ti mesma. Sair mais. Conhecer pessoas novas. Esperar um tempo para depois começar a olhar para as pessoas com mais emoção. Não se atirar de cabeça na primeira pessoa que aparecer na tua

frente!

Liana cantava e embalava os pensamentos de Bia com uma força e velocidade acima da média. A vontade dela era de pegar a garrafa de Jonathan, terminar com ela em um único gole e atirar o casco na cabeça da amiga e suas músicas perfeitas para o que ela sentia.

Beatriz odiava Liana com toda a sua força naquele momento.

Ricardo tentava manter a compostura. Estava emocionado em ver a irmã tão linda no palco e fazendo o que gostava. Mas além disso, precisava se manter firme para não dar vexame ao lado de Bia. Estava cada vez mais envolvido com ela, de uma forma que ele nunca imaginou que pudesse ficar. Ela era perfeita, se encaixava com perfeição nas imperfeições dele. E ele queria ser bem mais do que ela precisava.

E além de tudo, queria estar com ela naquela noite. Apenas mãos dadas escondidas não eram o suficiente perante a toda a carga emocional que Liana colocava naquelas palavras que os embalavam. Era preciso mais do que aquele contato ínfimo e quase fraternal.

Ricardo queria sentir tudo que Bia estava pronta para dar. Assim como ele também queria se doar para ela naquele mesmo instante.

O show demorou uma eternidade para acabar. E ao mesmo tempo, estava tão perfeito que não queriam que acabasse. Os casais apaixonados estavam infestando o salão, dançando juntos, emocionados pelas músicas escolhidas pelo repertório.

— Pelo amor de Deus, — Jonathan gemeu, já quase em um estado de coma alcoólico — vocês dois estão péssimos. Inventem uma desculpa esfarrapada e vão para casa. Eu fico aqui sozinho. Chego em casa da mesma forma.

Bia e Ricardo se entreolharam. Era a chance perfeita para encerrarem a noite juntos. Poderiam até dar uma esticada em algum outro lugar para ficarem realmente à sós.

Não precisou darem outra explicação. Bia foi em direção de Liana, que conversava animadamente com algum expectador do seu show e disse que estavam indo.

— Eu me viro. E não me espera, ok?

— Te cuida. — Bia advertiu e saiu ainda observando a amiga sorrir para o estranho.

Encontrou Ricardo na saída do bar. Não precisaram de muitas palavras para entenderem o que queriam.

Capítulo 25

O mundo tinha parado. Os ponteiros congelados e todos os problemas que haviam na volta dos dois havia ficado estáticos. Nada mais importava do que aquela pequena bolha em que Ricardo e Beatriz fizeram no pequeno sofá que existia no meio da sala do apartamento.

Eles estavam deitados, Bia por cima de Ricardo e bem confortável descansando sobre o seu peito e sentindo as batidas fortes do seu coração. Havia chegado em casa há algum tempo, tempo suficiente para perderem a noção do quanto tinha transcorrido.

Ricardo tinha um quê inocente que fazia Bia suspirar cada vez mais pelos cantos. Nada com ele era rápido e atropelando etapas. Sua educação e boas maneiras nunca faziam nada pela metade ou que deixasse a desejar. Ele era paciente, bem mais que ela própria, e sabia exatamente o momento de parar.

Estavam assim, perdidos um nos braços do outro, imersos neles mesmos e esquecendo de tudo que estava atrás da porta do apartamento. Um momento de paz e tranquilidade que Bia não sentia há muito tempo.

Ricardo a abraçava, com toda a extensão dos seus braços e Bia sentia-se protegida e aquecida. Sensações que ela não lembrava qual foi a última vez que as combinou. Era mágico. Na sua cabeça, ficaria ali para o resto da sua vida.

Ricardo flutuava sobre as nuvens. Exibia um sorriso fraco no rosto e sentia-se um pouco anestesiado por ter Bia tão próxima de si. Se com apenas alguns beijos e o carinho incessante ele já se sentia assim, o que seria dele quando dessem um passo a mais.

Era claro que Ricardo estava muito satisfeito com o que já tinha com Bia. Na sua cabeça, eles não ficariam nesse esquema complicado por mais do que alguns dias, e não semanas como já estavam. Estar com alguém era uma coisa bem mais além do que ele imaginava. Era reconfortante chegar em casa e encontrar Bia o esperando com um sorriso no rosto e perguntando sobre o seu dia. Era mais reconfortante ainda saber que alguém se preocupava com ele simplesmente pelo fato de estar. Não apenas por ser um familiar desesperado por notícias incessantes e sufocantes.

Bia era diferente. A amizade dos dois já era um marco e tanto, mas esta mudança de nível era além do esperado. Ricardo chegava a contar as horas para que suas aulas acabassem e ele voltasse para a companhia dela. Planejar saídas no meio da semana, cinema e até mesmo para as compras diárias era uma coisa esplêndida para ele.

— Conversei com o coordenador do teu curso. — Disse ele, baixinho, como se falar mais alto fosse prejudicial ao momento em que estavam.

— E aí ele disse que ter relacionamentos com os professores e alunos é proibido. — Bia se virou e o encarou sorrindo daquela forma que fazia com que Ricardo se perdesse nos seus pensamentos.

— Bem pelo contrário — ele retirou uma mecha de cabelo do rosto dela, a fazendo sorrir mais um pouco. — Nossos departamentos são completamente diferentes. A política é mais centrada entre alunos e professores da mesma área e, principalmente, nos que tem contato direto

em sala de aula. Entre nós não tem problema, ainda mais comigo avisando antes.

Bia se aproximou mais dele e o beijou demoradamente.

— E também — Ricardo continuou a falar enquanto analisava o rosto dela e gravava cada uma das expressões de Bia — o curso é mais rápido e bate com o meu horário. Uma carona constante. Já deixei o teu nome na secretaria e estão te esperando por lá.

— Obrigada. — Ela voltou a beijá-lo.

— De nada. E sabendo que tu és minha protegida, pode ser que role algum estágio na área também. Estão sempre com falta de estagiários na parte de reforços e no laboratório. Se quiser seguir a área académica é uma ótima chance.

Bia não sabia com agradecer a Ricardo. Seus beijos eram insuficientes para o que ela gostaria de demonstrar. Aquilo tudo era um sonho... mais do que isso, a realização de um. Um sonho tão utópico, que Bia tinha quando estava com Thiago, que por alguns instantes, ela estava com medo de acordar e perceber que realmente estava sonhando com toda aquela liberdade que estava tendo.

— Primeiro tenho que falar com o Sérgio para ele acertar com o pessoal. Espero que eles não coloquem complicações na transição.

— O mano vai dar um jeito. Ele sempre consegue, de uma forma ou de outra. E sem contar que ele vai amar a ideia, aí tu vai poder ser a informante número um de todos os meus passos. — Desdenhou Ricardo.

— E eu vou ser, cada um dos teus passos vigiados por mim, de perto. Qualquer aluna que ousar chegar perto do professor Ricardo vai conhecer a minha ira. — Bia brincou e Ricardo a abraçou mais forte, como quem quisesse fundir o seu corpo ao dela para nunca mais soltar.

E Bia queria a mesma coisa. A garantia de uma vida calma e tranquila ao lado de Ricardo. Sem precisar pensar nos problemas dos outros e até mesmo nos seus. A liberdade de poder ser quem ela quisesse e ter o apoio de quem ela precisava e apoiar Ricardo em todas as decisões que ele poderá ter daqui para frente.

O barulho no corredor fez com que a bolha em que eles estavam estourasse de repente. Bia deu um salto gigante de cima de Ricardo e ele levantou em uma velocidade extraordinária.

— E tu cala a tua boca, antes que eu te bata. — Ouviram a ameaça de Liana e se entreolharam.

Ricardo deu os ombros e Bia foi para a porta para receber a amiga e o acompanhante. Abriu a porta e se deparou com Liana brigando com um Jonathan escorado na parede, procurando um ponto de equilíbrio.

— O que acontece... — Bia começou a questionar.

— O pau d'água do teu amigo — Liana apontou para Ricardo — resolveu fazer escândalo no bar e eu tive que encerrar a minha noite porque ninguém o conhecia.

Ricardo e Bia se apressaram para irem ao encontro de Jonathan para ajuda-lo e assim que ele viu os dois se aproximando, soltou a parede e deu alguns passos vacilantes.

— E... eu estou ó... ótimo! Não me toquem. — Jonathan se afastou deles e quase caiu para

trás.

Bia e Ricardo se afastaram e deixaram o trôpego caminhar até o apartamento.

— Eu disse que queria ir para a minha casa! — Jonathan falou olhando enviesado para Liana. — O que eu vou fazer aqui?

— Vai dormir no sofá. — Ricardo fechou a porta depois que Bia passou.

— Eu juro que não quero ver a tua cara nem pintada de ouro na minha frente, Jonathan! — Liana se virou para Bia. — Eu estava quase me dando bem com o carinha lá e o pudim de álcool estragou tudo!

— Shiiiiuu — Jonathan colocou o dedo na frente dos lábios e pediu silêncio. Tirou um lenço do bolso, estendeu em cima do sofá e largou-se em cima dele como um peso morto. Beatriz teve que colocar as mãos nos ombros de Liana para não se avançar em Jonathan.

— Shiuu é o cacete! Ele ainda me fez limpar a porcaria do táxi em que viemos!

— Sabe quanta sujeira deve ter em um táxi comum?

— Não tanto como tem na tua própria bunda!

— Ok — Ricardo se intrometeu antes que a briga começasse realmente. — Liana, vai para o quarto com a Bia, eu me viro com o Jonathan.

— Acho bom tu te virar com ele, não quero ver ele na minha frente nunca mais e...

— Vem, Li. Vamos dormir.... — Bia puxou a amiga que ainda queria proferir algumas coisas para Jonathan. — Me conta como foi com o carinha.

— Que carinha? — Bia a puxou e começaram a caminhar em direção ao quarto de Bia. — Teria algum carinha se o idiota do Jonathan não tivesse bebido tanto e feito escândalo.

A porta do quarto de Bia lacrou-se ao modo Liana de fechar uma porta quando estava estressada.

Ricardo balançou a cabeça e se virou para Jonathan, que começava a ter um aspecto esverdeado.

— E o que eu faço contigo?

Jonathan tentou levantar, mas cambaleou e acabou caindo de novo no mesmo lugar.

— Vou chamar um táxi e ir para casa. — Ele tomou uma respiração profunda e tentou novamente sair do sofá.

Sem sucesso nenhum. Caiu por cima de Ricardo e ali ficou, com os olhos fechados e gemendo.

— Acho que podemos descartar essa opção. — Ricardo murmurou e saiu de baixo de Jonathan. — Vai ficar no sofá ou...?

— Trocou os lençóis hoje? — Ricardo tentava segurar o riso.

— Sim. E também estou usando aquele sabão em pó que tu me deu.

Porque não bastava apenas Jonathan ter o seu próprio sabão em pó, de fabricação do

químico, ele tinha que fazer o bastante para dividir com Ricardo. Assim como quase todo o produto de limpeza que Ricardo tinha em casa....

— Nenhuma troca de fluídos entre tu e a Bia lá, não é?

— Eu juro. Quer ajuda para levantar? — Ricardo estendeu a mão e Jonathan a pegou.

— Preciso passar no banheiro para me desinfetar. Vai saber o que vocês dois fizeram no sofá, ou até mesmo com essas mãos.

— Nada, meu amigo. Eu juro que nada. Agora vamos lá que a noite vai ser longa para mim no sofá.

Ricardo colocou Jonathan dentro do banheiro e ficou do lado de fora da porta esperando para ver se ele não caía ou se machucava no banheiro. Teve que catar uma escova de dentes nova na maleta de atendimento de Liana e sabia que a irmã sempre tinha várias para distribuir para os pacientes.

Ajudou Jonathan a cair na cama e suspirou de alívio quando ele dormiu rapidamente. Pegou um cobertor e o levou para a sala, esperando que Jonathan só acordasse no outro dia.

Se arrumou para dormir, tirou as calças e a camiseta que estava vestindo e percebeu que ela ainda estava com o cheiro de Bia impregnada por ela ter deitado em cima dele.

Vestiu a almofada com a camiseta e fechou os olhos para tentar dormir. Sabia que acordaria sob mal tempo, principalmente quando Liana descobrir que Jonathan voltaria para a casa com eles.

Capítulo 26

Ricardo acordou com o barulho do chuveiro sendo acionado. Tentou voltar a dormir, mas foi impossível. Conhecia demais a irmã para saber que em breve ela viria o acordar, daquela forma delicada de Liana de ser.

Levantou do sofá do jeito que estava, apenas de cueca e começou a preparar o café, em silêncio e ainda acordando aos poucos. Não demorou muito para uma Liana, vestindo uma camiseta que Ricardo reconheceu como sua, aparecesse na cozinha e abraçando o irmão por trás. Ela tinha se acostumado a não tomar seu café vestida de branco, que a faculdade e o curso exigiam, a combinação nunca resultava positivamente.

— Por isso que eu te amo, meu retardadinho. — Liana distribuiu beijos ao longo do pescoço de Ricardo.

— Ama nada, se amasse faria tu mesma o teu café e não cogitaria me acordar, como sempre fez.

Liana o soltou e sentou-se à mesa, já posta.

— Teu café é o melhor de todos, Kado. Todo mundo sabe disso. — Ricardo entregou uma caneca cheia para a irmã, pegou a sua e sentou-se a sua frente.

Liana tomou um pouco e gemeu de felicidade.

— Viu só, eu até acordo de bom humor quando sei que vou tomar um café teu. — Ricardo revirou os olhos para o nada.

— Pelo menos acordou assim, melhor do que a de ontem à noite. Já perdoou o Jonathan?

Liana deu de ombros.

— Fazer o que, não é? Parece que ele tem mais uma fã, a Bia ficou me xingando por ter gritado daquela forma com o Jonathan. Queria saber qual é a dela com os retardados. É uma fixação, tipo o Sérgio com bastardos. Depois de adotar o Inacinho, ele não sossegou até adotar o Richard.

Ricardo não pode deixar de segurar o riso. Liana às vezes exagerava nos adjetivos, fazendo com quem olhasse de fora visse com maus olhos e achasse extremamente ofensivo a forma que ela se dirigia ao irmão e ao sobrinho. Porém, só quem conhecia a verdadeira Liana, e como o seu coração era, sabia que esses eram os apelidos mais carinhosos que ela poderia dar a quem realmente gostasse.

Inácio era um mesmo que adorava aquela tia desbocada. E chegou todo orgulhoso em casa, nos primeiros dias de aula, dizendo que a professora tinha perguntado o apelido de cada aluno em casa, e ele respondeu bastardinho com todas as letras. Já Ricardo, sempre foi chamado de Retardadinho do Coração pela irmã, primeiro pensava que fosse apenas implicação adolescente, mas também confessa adorar ser o retardadinho de Liana.

— E por falar em bastardo, tem falado com o Richard? Esses dias mandei um e-mail para ele para saber como estava a vida por lá.

— Falo com ele todos os dias. É fácil perder um namorado, difícil é perder o amigo —

confidenciou Liana. — O mano também fala com ele direto e também ajuda com o que pode para o Richard.

Ricardo assentiu. Sabia que Sérgio, além de impulsionar a ida de Richard para o exterior, ainda ajudava financeiramente ele a se manter por lá. Ele e Liana não achavam nenhum absurdo o tal incentivo. Sérgio e Fernanda, como bem Liana havia mencionado, se apegaram ao jovem médico e por tabela o adotaram também. Sempre cabia mais um na casa e no coração dos Chiarelli, ainda mais se fosse uma pessoa como Richard. Além de salvar a vida de Ricardo uma vez, no episódio dos medicamentos a mais, trouxe um paz ao Sérgio, ao ver ele junto com Liana. A irmã havia passado de uma boêmia, garçonne no bar estudantil, para conhecer gente e se divertir, para uma namorada bem mais comportada e responsável.

— Estamos com planos, para depois que ele voltar e eu acabar o curso de orto. O Richard vai morar na casa atrás do consultório e vai trabalhar ali, junto comigo.

— E o hospital aqui? Vai abandonar? Depois de investir tanto na carreira vai acabar numa cidade pequena e com um hospital que não tem a capacidade dele fazer as cirurgias em crianças?

Liana respirou fundo. Detestava quando Ricardo colocava a vida profissional acima da pessoal. Toda a vez que o irmão fazia isso, a vontade de Liana era de pegar um bisturi, uma broca cirúrgica de ossos, abrir o crânio e colocar algumas ideias naquele cérebro danificado pelos anos enfiados nos livros de física.

— Ele vai continuar fazendo o que estudou. Não é porque ele saiu da cidade grande que vai deixar de atender. Pode muito bem ficar no interior e fazer alguns plantões aqui. Tudo que o Richard quer é paz. Ficar longe de toda essa loucura de hospital daqui e atender sem ninguém na sua volta todos os dias. Nossos planos são sólidos e vai dar certo.

Ricardo recuou ao escutar o tom de Liana. Se ela sonhava em fazer uma lobotomia em Ricardo, ele também tinha as suas inclinações para realizarem uma no cérebro dela e tirar aquela parte que deixava a cabeça dela dura. E principalmente a parte em que as ideias se fixavam e não desgrudavam mais até ela conseguir realiza-las.

— E temos outros planos também. — Ela focou no irmão por cima da caneca em que tomava o seu café.

— Por favor, que não seja a mesma história do bar. O Sérgio já descartou isso dos planos de investimento da família. Agora é a minha vez de ganhar um imóvel.

— Não estou dizendo que vai ser agora. — Liana soava como aquelas crianças implicantes de onze anos. — O Richard tem que voltar, eu acabar meu curso, ser mais conhecida na cidade como dentista e — ela desviou o olhar — outras coisas mais.

Aquela olhada para o lado alertou todos os sentidos de Ricardo perante a irmã. Ele conhecia muito bem aquele disfarce que Liana tinha. Significava que alguma coisa bombástica estava por vir.

— Liana, o que vocês estão planejando além da loucura do bar e o Richard morar lá?

Liana hesitou, disfarçadamente, enquanto degustava o seu café sentada a mesa com o seu irmão, usando nada mais do que a camiseta de Ricardo enquanto ele estava só de cueca na sua frente. Uma cena comum nos anos em que dividiram aquele apartamento.

— Ainda estamos pensando. — Novamente ela hesitou. — O assunto surgiu depois de uma noite de nós trocando e-mails enquanto bebíamos. Ele lá e eu aqui. Nada de mais.... besteira e pode ser que até ele voltar a nossa vontade mude....

— Liana. — Ricardo lançou um olhar para a irmã que a fez arregalar os olhos.

— Um filho. — Falou tão rápido e colocou a xícara na boca para não dizer nenhuma outra palavra.

Ricardo apenas piscou em direção a irmã diversas vezes.

— Sim, isso mesmo o que tu escutou. Um bebê. Mas como eu disse, é uma coisa que a gente tocou no assunto e falamos da boca para fora. Não sabemos se eu vou estar com alguém ou até mesmo o Richard quando voltar não vai estar acompanhado por alguma americana falsa e peituda.

Ricardo queria assimilar o que estava escutando para falar alguma coisa, mas as palavras simplesmente não apareciam na sua mente.

— Eu sei que é uma coisa grande e completamente maluca, mas vai por mim, mano.... Eu estou naquela casa como uma intrusa no meio da felicidade do Sérgio, Fernanda, Inacinho e agora com o bebê novo. Não tem como não se sentir estranha e com um pouco de inveja. Eu sei que sou nova e que posso mudar de opinião daqui há dois dias. Mas no fundo eu estou sozinha e quando a minha casa estiver pronta eu vou ficar mais sozinha ainda. Isso é apavorante para mim.

— Mas, Li....

— Lembra quando a Fernanda dizia que não via a hora do Inácio nascer, porque assim ela nunca mais iria ficar sozinha? Acho que eu guardei essas palavras comigo e agora elas fazem mais sentido do que nunca.

— Tu nunca vai estar sozinha, Li. Tem o mano e a Fernanda ao teu lado e eu também.

Liana soltou a caneca em cima da mesa e segurou as mãos de Ricardo. Como ela queria que o irmão entendesse o tipo de solidão que ela se referia. Não a que Ricardo gostava tanto, aquela que mais significava independência do que solidão mesmo. Com Richard ela havia sentido um pouco do gosto do que Sérgio e Fernanda compartilhavam e ela tanto desdenhou por alguns anos. E também, aquela que Liana havia zombado de Bia na noite passada. Ela era rainha em expressar os seus sentimentos em brincadeiras que faziam Bia se irritar. Liana entendia qual era a necessidade da amiga em encontrar o Senhor Beatriz. Só que ela mesma, não tinha a capacidade da amiga em procurar outra pessoa para se firmar tão rapidamente. Bia sempre tinha sido mais carente de Liana.

— Eu sei que não vou estar sozinha, Kado. Mas o que eu falo é de uma coisa mais certa do que tudo. A garantia de que meu futuro vai ser melhor e acompanhada pela coisa mais certa de todas.

Ricardo apertou a mão de Liana. Ainda não entendia perfeitamente o que ela queria dizer. Suas habilidades de entender sobre sentimentos tão profundos ainda não eram tão exatos. Seu relacionamento com Bia era tão recente, novo e inocente que ele ainda não podia se dar ao luxo de ter experimentando o que Liana falava, ou tentava falar para ele.

— Tu e o Sérgio, são meus irmãos, sendo que o Sérgio deixou de ser isso para ser o nosso

pai, e a Fernanda, além de cunhada, quase nossa mãe. Eles possuem uma coisa que quase todas as pessoas do mundo correm atrás. E tu, como matemático, sabe que a probabilidade de se encontrar a pessoa certa para estar ao teu lado pelo resto da vida é mínima. Nós tivemos sorte de termos dois casais na nossa vivência, nossos pais e eles. Qual a probabilidade de que o raio caia três ou quatro vezes na mesma família? Tu já parou para pensar nisso, Kado?

A expressão de Ricardo confirmou o que Liana já suspeitava. Ele nunca havia parado para pensar nesses pormenores. A cabeça de Ricardo já era atordoada demais para que se ocupasse de pensamentos daquele tipo.

— Nunca parei para pensar. — Admitiu.

— É claro que não. — Liana sorriu e não precisou colocar em palavras o que estava pensando naquele momento. — É claro que não tinha pensando.

Ricardo estava mais focado em viver o dia seguinte, sem o medo da assombração do seu passado o trair novamente e querer leva-lo para o outro lado da vida. E Liana sabia que aqueles pensamentos do irmão, já tinham grande e importante valia. Assim como a probabilidade deles conseguirem o amor era pequena, ela tinha a grande convicção de que a tragédia se manifestar novamente sobre eles eram mínimas. Principalmente com ela, Sérgio e Fernanda acompanhando de perto Ricardo todos os dias.

Liana não tinha vergonha nenhuma em admitir que sabia o estoque de remédios de Ricardo em mente. E não prestou atenção quando Ricardo a xingou enquanto ela contava a cartela de medicamentos no armário do banheiro. Se fosse o caso das suas contas tiverem uma discrepância notável, não hesitaria em ligar para Sérgio e armar uma intervenção para Ricardo junto com Miguel.

Ela queria que o irmão fosse feliz. Porém, agora, entendia das limitações de Ricardo e esperava, do fundo do seu coração de irmã, que ele encontrasse a felicidade do modo dele. Tinha aceitado que ele era daquele jeito, dependia dos seus remédios e sentia-se à vontade com a sua solidão.

E, principalmente, supriria todas as necessidades dele, quanto à solidão que ela se referia. Se Ricardo achava que a sua presença fosse suficiente para suprir o que Liana queria preencher com uma família, ela estaria lá.

Capítulo 27

Bia estava contente por estar chegando em casa. Era reconfortante ser recebida pelos pais depois de uma semana cansativa e produtiva. A viagem de ida transcorreu na maioria do tempo tranquila. O único problema foi a Liana incomodando o pobre, e com muita ressaca, Jonathan que estava tentando se recuperar.

Chegaram já para o almoço, e foi complicado Fernanda deixar que Bia voltasse para sua casa. Por ela, Bia almoçava com toda a família Chiarelli e ainda chamava seus pais para participarem. Até por que, já considerava Bia como sua nova cunhada. Desde que pegaram os dois aos beijos, não tinham tocado no assunto, mas não precisava. Os olhares de Fernanda e Sérgio denunciavam o segredo entre os quatro. O mais tranquilo de todos era Ricardo, sabia que o irmão e a cunhada não se meteriam. E que todos evitavam o embate com Liana.

— Te esperamos aqui para almoçar então — Fernanda apressou-se em dizer ainda abraçada em Bia. — Traz os teus pais para ser um grande almoço em família. — Os olhos dela se iluminaram de uma forma que só poderia ser explicada pela gestação.

Bia havia saído sem confirmar nada, pois sabia que ela e seus pais, gostavam de ficar mais quietos em casa, principalmente depois de um tempo longe. Mais ainda agora que Bia era exclusiva deles, não havia Thiago para roubar a filha de casa e nem deixar que ela ficasse muito tempo com eles.

Ricardo a deixou no portão de casa quando ela conseguiu se desvencilhar de Fernanda.

— Ainda bem que tem o Jonathan para ela se entreter, senão tu não conseguiria sair de lá tão cedo. Teus pais teriam que te buscar e ainda corriam o risco de ficarem presos lá.

— A Fernanda é um amor. Não sei qual dos dois está exibindo aquela grande barriga que ela está. — Ricardo concordou com a ironia de Bia com um aceno.

— Acho que o mano é o pior de todos. Quando o Inácio nasceu e eles começaram a namorar ele já quase surtou de felicidade, imagina agora com outro bebê à caminho.

— Eles merecem. — Bia pegou na mão de Ricardo e eles se encararam por alguns instantes. — Triste vai ser dormir sozinha agora.

— Com a sorte que eu tenho, vou acabar dormindo e sendo chutado pela Liana a noite toda.

— Eu fui noite passada e não reclamei. — Bia se aproximou e beijou Ricardo lentamente.

— Acho que vou sentir mais falta disso. — Ele se inclinou e beijou Bia novamente enquanto ela sorria.

Aquilo era um pedaço de paraíso para ambos. Depois de todos os problemas que cada um passou, a paz que remetiam valia mais do que qualquer coisa que eles poderiam imaginar. Ricardo estava sentindo-se de uma forma que ele nunca conseguia sentir. Leve. Com os pés um pouco acima do chão e a cabeça tão perto das nuvens quanto se era permitido. Era como se um peso nas suas costas, o peso de viver, estivesse finalmente se estabilizado e dando para ele suportar.

Já Bia não estava tão distante. Sua condição era tão problemática quanto a de Ricardo, só que seus medos e receios mais rasos. Mas nem por isso, deixava de se sentir feliz por estar vivendo uma coisa tão simples, leve e despreocupada com Ricardo. Ela tinha uma ideia completamente diferente sobre relacionamentos, que a que estava vivendo no momento lhe trazia mais felicidade do que antes.

E ela queria aquele momento só para ela. Não dividir com ninguém aquele gosto de felicidade e segredo que estava sentindo e se viciando cada vez mais.

— Acho bom eu entrar antes que alguém apareça e nos pegue no flagra. — Ela sorriu e limpou uma mancha de batom em Ricardo. — Se isso acontecer aí mesmo que eu não entro em casa.

— E nem eu. — Apressou-se em dizer. — Já basta o Jonathan lá em casa, aguentar a Liana me xingando não vai ser fácil.

Se despediram depois de alguns instantes e Ricardo arrancou o carro depois de ver ela entrando pelo portão. Bia chegou gritando os seus pais, bateu na porta, fez a volta e percebeu que eles não estavam e as suas chaves haviam ficado em Porto Alegre. Pelo horário, imaginava que eles deveriam ter ido ao mercado para comprar alguma coisa, ou então ao restaurante mais próximo para comprarem o almoço.

Sentou nas cadeiras que haviam nos fundos da casa e esperou. Quando percebeu o barulho de passos, levantou-se, sorriu e quando viu a pessoa que estava ali, deu um passo para trás e o seu sorriso morreu no mesmo instante.

— O que tu está fazendo aqui, Thiago? — Perguntou na defensiva.

Thiago a encarava seriamente. Bia estremeceu de medo por dentro. Ainda não tinha reencontrado ele depois do episódio que acabou com o seu espancamento gratuito. Ainda havia muito medo em ver aqueles olhos tão focados nos seus.

— Estava passado e vi o carro parar aqui na frente. — Disse Thiago calmamente, se aproximando mais ainda. — Pensei em passar para dar um oi.

— Oi. Agora já pode ir embora. — Respondeu na defensiva e evitando o olhar.

Thiago se aproximou mais ainda e Bia se viu sem escapatória. Sentiu se encontrar na parede da casa e Thiago segurou o seu braço nada delicadamente.

— Então eu estava certo.... — Thiago colou o corpo dele ao de Beatriz e falou baixo ao seu ouvido.

— Me solta, por fav — Choramingou.

O aperto ficou mais forte e as lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Bia.

— Estava me traindo com o retardado do Ricardo! Logo com quem, Bia? Um idiota e maluco. Me traindo com ele, Bia! Eu fiquei tão decepcionado contigo por causa disso. Te ensinei tanta coisa na cama para ir usar com ele?

Bia sentiu o vômito subir à garganta. Thiago estava excitado e ela sentia sobre suas roupas. A mão que não segurava o seu braço apertado, começa a subir a sua cintura por baixo da camiseta, que ela estava usando, até chegar por cima do seu sutiã e apertar o seu seio.

— Tantas diversões entre nós. — Thiago encostou a boca na pele abaixo do seu ouvido e suspirou. — Já peguei putas melhores que tu, Bia, mas sempre gostei do nosso básico.

Ricardo estacionou o carro em casa e percebeu que o circo estava armado. Jonathan estava limpando a mesa, com aquele seu produto, que ele fez questão de pegar um galão de cinco litros e trazer junto. Inácio estava encantando com o amigo de Ricardo e Sérgio perguntava as propriedades do produto de Jonathan e se ele não queria deixar um pouco para usarem na cozinha do mercado.

Jonathan chegou a brilhar os olhos com a possibilidade de deixar a cozinha de preparações do mercado estéril. Era como se fosse uma manhã de natal antecipada. Ricardo sabia que havia perdido seu amigo para seu irmão. Fernanda estava conversando alguma coisa com Liana, que descarregava os seus materiais de odonto do carro e se virou para Ricardo.

— A Bia esqueceu a mala dela. Vai lá levar antes que ela volte e a Fernanda grude nela novamente.

— Ei... — Fernanda colocou a mão na minúscula barriga, como que aquilo desse algum poder incontestável. — Ela sempre foi bem vinda aqui. — E terminou olhando fixamente para Ricardo. — Bia é de casa.

Ricardo teve que disfarçar e entrar no carro rapidamente.

— Vou levar a mala dela e já volto.

Bia estava com medo e aceitando o inevitável: ela seria estuprada por Thiago no meio do pátio dos seus pais. Lutava, mas era em vão. Thiago era mais alto, forte e pesado que ela, suas investidas não faziam diferença nenhuma.

A única esperança de Bia era que alguém chegasse em casa. Poderia ser seus pais, os vizinhos ou qualquer coisa que pudesse livrar aquela tortura que Bia estava passando.

Pensou em Ricardo. Como ela queria ter aceitado o convite de Fernanda e Sérgio para ficar para o almoço. Como ela queria estar com ele agora. Ele não a prensaria na parede, como um predador pronto para devorá-la. Nem em sonho Ricardo seria capaz de fazer qualquer coisa que deixasse Bia desconfortável ou que a fizesse chorar.

Ele era gentil, educado, sabia seus limites e respeitava os de Bia. Não a xingaria de inúmeras coisas, humilharia ou a machucaria. E muito menos a estupraria no meio do dia.

Engoliu o choro e aceitou o seu destino. Thiago já tinha machucado a sua boca tentando entrar sem ser convidado. Sua blusa estava rasgada e o sutiã fora do lugar. Bia fechou os olhos e apenas rezava para que fosse rápido.

Ricardo estacionou o carro e pegou a mala de Bia. Tocou a campainha, mas lembrou que Bia havia comentado que ela estava quebrada. Abriu o portão e bateu à porta. Esperou e ninguém veio abrir.

Estranhou. Caminhou até a janela da frente e espiou, curioso, para ver se conseguia enxergar algum movimento. Não percebeu nada e resolveu dar a volta para o pátio.

Thiago, ainda segurando Bia fortemente, conseguiu abrir as calças dela e abaixar um pouco. Novamente a bile subiu e Bia lutou para engolir novamente.

— Aposto que o retardado deve ficar louco quanto tu te abaixa ou fica de quatro. Ele nem se pagasse conseguiria uma vadia como tu. — Ele forçou o pescoço de Bia para que ela olhasse para ele. — Com certeza tu deve estar dando uma alegria para ele. O que custa dar uma para mim, já que eu te ensinei tudo o que tu sabe?

Bia conseguiu virar o rosto e cuspir na cara de Thiago.

Ele riu, limpou rapidamente e começou a abrir as próprias calças.

Bia começou a rezar. Pediu perdão a todas as pessoas que conhecia por deixar que Thiago fizesse parte da sua vida e tivessem convivido com ele. Pediu perdão para Ricardo, por não ser mais forte e conseguir frear Thiago. Para os seus pais, por isso ter acontecido no meio do seu pátio e a si mesma, para que consiga sobreviver a mais esse ataque.

Fechou os olhos ao sentir a mão dele pelas suas coxas.

Só um milagre a salvaria naquele momento.

Capítulo 28

Ricardo conhecia aquele pátio como se fosse o seu. Muitas tardes brincando, correndo pelado e tomando banho de mangueira com Liana e Bia por entre aqueles muros. Enquanto caminhava despreocupado, recordava até do cheiro do bolo de chocolate da mãe de Bia.

Dobrou a esquina da casa e levantou a cabeça. Sua mente demorou a entender o que estava acontecendo a sua frente. Não era possível que Bia tivesse o traindo com Thiago. Principalmente depois do que ele havia feito com ela. Ricardo acompanhou de perto a recuperação de Bia e sabia como ela havia sofrido.

Ele ficou confuso. Sabia que seu relacionamento com Bia era superficial e que se fosse o caso, aceitaria que ela não quisesse nada com ele, mas não conseguia entender como ela seria capaz de ficar novamente com Thiago. Sabia que a sua “felicidade” duraria pouco. Já tinha escutado muitas e inúmeras vezes que era um retardado de marca maior e ficaria sozinho para o resto da sua vida. Thiago mesmo era um que sempre repetia constantemente no tempo de escola.

Era simples, sair de fininho e deixar Bia ser feliz com quem ela realmente quisesse. E Ricardo.... Bom, Miguel apenas ajustaria seus remédios para a sua vida não cair num poço sem fundo e muito menos retorno.

Porém, uma coisa alertou a sua mente pensante. Bia não seria capaz de fazer isso. Não. Ele conhecia ela e sabia que a sua educação não deixaria um absurdo daqueles acontecer. E foi só quando deu um passo a mais, é que sua percepção para o que estava acontecendo mudou completamente.

Ao aproximar-se, viu o rio de lágrimas que escorria pelos olhos de Bia. A blusa rasgada nos ombros e o modo como ela tentava se debater sobre o corpo gigante de Thiago, que a prensava contra uma parede.

Ricardo nunca foi violento. Seus únicos ataques de raiva que teve na vida, foi quando estava na primeira fase do seu tratamento com Miguel e o médico tinha tocado em pontos muito doloridos, o fazendo romper o seu limite por completo.

Ele sentiu o corpo assumir o seu controle sobre a sua mente brilhante. Correu até onde estavam os dois, e com um puxão no colarinho da camisa de Thiago, o puxou com toda a força que tinha. Até que aqueles anos perdidos em aulas de defesa pessoal e diversas lutas da moda, que ele e Liana fizeram quando menores, serviria para alguma coisa.

Bia sentiu o corpo tombar para frente, não entendeu o que tinha acontecido, pois seu estômago se revirou de uma tal forma que ela despejou o conteúdo dela ao seu lado. Limpou a boca com as costas da mão e se virou para ver o que estava acontecendo.

A cena que viu foi estarrecedora. Ricardo estava montado em cima de Thiago e o socando violentamente. O sangue, de um nariz quebrado respingava na camiseta de Ricardo.

O choro de Bia logo acometeu de uma forma desesperadora por inúmeros motivos: a agressão que havia recebido de Thiago, o nojo que sentia de si mesmo, e da situação, e também a percepção que Ricardo iria matar Thiago a socos.

— Ricardo! — Ela tentou se aproximar, mas ficou com medo de que ele se voltasse para

ela. Sabia que o seu Ricardo nunca faria uma coisa assim, mas aquele que estava ali na sua frente, socando a rosto de Thiago, não era o seu companheiro de dança. — Por favor, para!

Sua voz saíra fraca.

O mundo havia parado a sua volta. Thiago não se debatia e nem se ouvia algum barulho vindo dele, somente dos punhos de Ricardo batendo no sangue que estava empoçado. Era uma cena aterrorizadora e Bia precisava fazer alguma coisa para acabar com aquilo.

Tocou em Ricardo, na esperança de que ele recobrasse a consciência e não a atacasse com aquela raiva que estava sentindo. E como um toque mágico, ao tocar no ombro dele, Ricardo se assustou e percebeu o que estava fazendo.

Simplemente saiu de cima de Thiago, ou o que havia sobrado dele e se assustou com o estado em que as suas mãos estavam. Vermelhas do sangue de Thiago. Uma cor viva e quente.

Olhou para Bia e o choque foi maior ao ver o estado em que ela estava. Ela se aproximou e o abraçou pela cintura enquanto ele estava lá estático, parado e assimilando o que havia feito.

— Obrigada. — percebeu Bia sussurrar por baixo dos seus soluços de choro. — Eu... Eu...

Bia começou a falar, mas Ricardo não escutava. Apenas ficou parado.

Para ele, havia matado Thiago. Tirado sua vida com as suas próprias mãos, que estavam sujas com o sangue dele. A percepção de Ricardo havia caído totalmente, na sua cabeça, que era um assassino. E pelas suas contas, esse era a terceira vida que era ceifada por causa dele. Primeiro seus pais e agora Thiago.

Naquele momento não havia anos e mais anos de tratamento psiquiátrico. Todos os temores, visões, culpa e, especialmente, o fardo de ter feito o que fez.

Movimento na volta de Ricardo fez o sair um pouco da sua redoma e ver os pais de Bia chegarem e se depararem com a cena. Ricardo não sabia o que fazer, novamente sentiu-se como uma criança de onze anos, escutando os tiros que o assaltante tinha disparado contra os seus pais e estava lá, deitado no chão, embaixo de sua mãe, com o sangue dela o manchando. Ficou naquela posição não sabe por quanto tempo, até alguém perceber que ele estava vivo ali escondido.

Novamente não viu o tempo transcorrer. Apenas ficou parado no meio do pátio enquanto Sérgio chegou, a ambulância chamada e Thiago removido para o hospital, ou quando Bia o carregou para o seu quarto e o colocou embaixo do chuveiro de roupa e tudo. Somente acordou quando a água morna tocou a sua pele e o rastro vermelho de sangue sujava os azulejos brancos do banheiro.

— O Sérgio está cuidando de tudo. Vou deixar algumas roupas do pai aqui e te espero lá em baixo.

Ricardo ficou sozinho no banheiro, tirou as roupas manchadas e enquanto a água caía sobre o seu corpo, ele chorou.

Bia desceu as escadas de Sérgio estava conversando com o seu pai.

— O que aconteceu, Bia? — Seu pai foi o primeiro a questionar.

Foi preciso Beatriz tomar uma respiração profunda para começar a narrar o que realmente

havia acontecido. Falou das palavras agressivas, das ideias em que ela estava o traindo com Ricardo e todas as baixarias que Thiago havia proferido. Foi doloroso demais falar, e para o seu pai, escutar.

Mostrou o lábio machucado as investidas e a blusa rasgada. Sérgio não precisou mais nada, apenas acompanhou Bia até o policial que estava ali averiguando o ocorrido. Não havia dúvida o quanto ela estava abalada e demonstrando os sinais de um abuso.

— Bia, isso tornou proporções gigantes. Acho que seria bom denunciar. Até para ajudar o Ricardo na situação toda. — Sérgio falou quando os dois ficaram sozinhos.

Bia olhou para ele sem entender.

— O Kado acabou com o rosto do Thiago. E ele pode infernizar a vida dele por causa disso. Não quero te pressionar nem nada, mas se o Thiago foi capaz de te atacar, mesmo com aquele acordo que temos, quem dirá o que pode fazer depois. Se denunciarmos, podemos pegar uma ordem de restrição e acabar com tudo de uma vez, pois se ele for pego burlando a ordem, as coisas ficam bem feias para ele depois. Não vai ser um acordo entre cavalheiros com o pai dele que vai resolver. Não precisa me responder agora, mas o quanto antes tu decidir, melhor vai ser.

O policial voltou e começou a falar com Sérgio.

Bia queria ir para o seu quarto. Deitar na sua cama e dormir até esse segundo pesadelo acabar. Se já não bastasse o primeiro com a agressão, agora teria aqueles momentos de pânico novamente para relembrar durante o resto da sua vida.

Sentiu-se suja. Não só fisicamente, como mentalmente também. Enjoada e também um pouco preocupada com Ricardo que ainda não havia descido as escadas. Esperou um pouco mais e disse ao Sérgio que precisava tomar um banho urgentemente, ou vomitaria tudo novamente.

Liberada, subiu as escadas rapidamente e quando abriu a porta viu Ricardo sentado na sua cama, ainda estático e olhando para a parede a sua frente.

Bia não quis tocar nele, ainda mais suja daquela forma e em todos os sentidos possíveis. Tomou o banho mais rápido da sua vida, por alguns segundos pensou em pedir aquele produto que Jonathan inventou para ajudar com a sua germofobia e quando se vestiu, encontrou Ricardo na mesma posição.

Aquilo cortou o coração dela em milhares de pedaços. Ricardo, seu salvador. Se não fosse ele chegar naquela hora decisiva, Bia não sabia o que seria dela naquele momento. As lágrimas ficaram presa na sua garganta novamente, chegou perto de Ricardo, tão perdido no seu próprio mundo, que nem notou a chegada dela.

Bia o abraçou por completo. Seu coração estava completamente naquele abraço. Ricardo acordou do seu devaneio e vendo que Bia estava a sua frente, a correspondeu o abraço com o mesmo sentimento que ela.

— Obrigada. — Disse em meio às lágrimas que escorriam pelo seu rosto. — Eu não sei o que seria de mim agora se tu não tivesse aparecido.

As lágrimas de Ricardo se misturaram com as delas. Bia agarrou a face dele e beijou as marcas que se formaram. Beijou-o de leve na boca diversas vezes. Ricardo era o seu salvador. Aquele que sempre aparecia nos momentos em que ela mais esperava e precisava de ajuda.

Ele era o seu anjo da guarda em forma de pessoa.

Naquele momento, Bia percebeu que nunca mais deixaria Ricardo sair da sua vida. Precisava dele para os momentos que precisasse e estaria lá para as horas que ele necessitasse.

E Bia entendeu que aquele seria um desses momentos em que ambos se apoiariam e seriam a sua âncora para deixá-los firmes.

Capítulo 29

Fernanda conhecia sua família melhor que ninguém, principalmente o marido Sérgio. Sabia quando ele escondia alguma coisa dela, para Sérgio não havia meio termo, ou ele contava tudo, ou sua cara o denunciava.

E por esse motivo que Fernanda caminhava pela casa, com a pequena barriga começando a aparecer, de um lado para outro. A demora de Ricardo com Bia já a deixou preocupada. Por mais que soubesse que os dois poderiam estarem se “despedindo” mais entusiasmadamente, nada chegava aos pés daquela demora toda. E agora, com a saída repentina de Sérgio e o modo como ele a desconversou, seu tino para os problemas da família Chiarelli estava mais aceso do que nunca.

Liana desceu as escadas, deixou Jonathan se instalando no quarto de Ricardo e antes mesmo de descer o último degrau, já perguntou.

— O que aconteceu?

— A demora do Kado e a saída repentina do Sérgio sem me falar nada. Conheço os dois para saber que aconteceu alguma coisa. Agora, comigo grávida, que o Sérgio evita ao máximo de me falar o que está acontecendo. Como se a gravidez me deixasse inválida e não pudesse ajudar em nada.

— Como se o mano conseguisse resolver alguma coisa sem tu ao lado dele. — Liana concluiu e Fernanda concordou.

— Vou lá ver o que está acontecendo e...

— Não. — Liana postou-se na frente de Fernanda. Pegou a chave do carro dela da mão de Fernanda e avisou. — Eu vou, quando chegar lá e achar o três comendo alguma coisa que a mãe de Bia preparou eu trago um pedaço para ti.

Liana entrou no carro e deu partida em seguida. Fez o caminho todo amaldiçoando os irmãos por serem uns idiotas de marca maior por comerem tudo antes dela e Fernanda. Dobrou a esquina que dava para a casa de Bia e um arrepio subiu ao seu corpo quando percebeu uma ambulância e carros da polícia. Deixou o carro estacionado de qualquer maneira e encontrou Sérgio conversando com um dos policiais da cidade, ex-colega de aula de Sérgio e cliente assíduo do mercado da família.

— O que aconteceu? — Liana já tinha a voz embargada.

O policial se afastou e deixou os dois sozinhos. Sérgio abraçou Liana e silenciosamente fez uma oração de agradecimento por sua irmã nunca ter se envolvido com nenhum namorado violento. Se fosse Sérgio na posição do pai de Bia, ele não saberia como agir ao ver Liana naquela situação toda.

Fez um breve resumo do aparecimento de Thiago e como Bia ficou frente a frente com o perigo real de um estupro. Narrou a investida de Ricardo sobre Thiago e como a situação dos três estava a um fio de se tornar pública e percorrer toda a cidade.

— Que se foda o que a cidade pensa! — Bradou Liana enfurecida. — Quero esse monstro dentro das grades e que nunca mais chegue perto da nossa família. Onde está o Kado e a Bia?

— O Ricardo subiu para tirar o sangue do Thiago dele e a Bia também. Vai lá ver como eles estão e apressar um pouco as coisas. Precisamos registrar a queixa antes que o pai de Thiago se intrometa e faça a cabeça do policiais que ficaram na delegacia.

Liana não precisou escutar outra vez, entrou na casa e foi direto até o quarto de Bia onde encontrou os dois abraçados.

Bia estava inconsolável nos braços de um Ricardo quase inerte. Ele apenas respirava e encarava o vazio a sua frente. Liana não precisou de cerimônia para interromper a cena, simplesmente entrou e se intrometeu entre os dois.

Ricardo ainda tinha a lembrança do seu ataque de fúria diante de Thiago repassando na sua mente sem interrupção. Simplesmente o seu mundo particular resumia-se a aberração que ele havia se transformado. Desde sempre, Ricardo tinha medo dele mesmo. Sabia que era uma pessoa instável e suas facetas o assustava mais do que ninguém.

E agora ele havia materializado outra personalidade que o assustava mais do que as outras, a de um ser violento a ponto de se avançar em pessoas e as machucar de verdade e não conseguir parar. E se aquela nova faceta, desbloqueada agora, ficasse mais presente? Como Ricardo se controlaria daqui para frente?

Percebeu o movimento ao seu lado e se apavorou ao constatar Liana e Bia na sua presença. Ele era um quase assassino, tinha sangue novamente nas suas mãos e tinha medo de não conseguir se controlar e se avançar nas duas repentinamente.

— Kado. — Liana se aproximou do irmão que se afastou. — Temos que descer, o Sérgio está te esperando lá em baixo.

Ele movimentou a cabeça com um não quase imperceptível e Bia o tocou no braço. Era como se Ricardo tivesse levado um choque gigantesco, se recuando de uma forma tão rápida que Bia assustou-se.

Ela sabia que estava marcada com a agressão de Thiago, mas não imaginava que isso causaria repulsa de Ricardo a ponto de não querer tocar nela. Bia não entendia que o medo de Ricardo era diferente do que ela achava que ele sentia. A maior vontade de Ricardo naquele momento era de ser consolado por Bia e abraçar, dizer que nunca mais ninguém iria a machucar, porém o medo do que poderia fazer com ela, falava mais alto.

— Vamos descer, mano. — Liana voltou a falar e a notar o modo diferente, assustado em que Ricardo se encontrava. — O Sérgio vai resolver tudo o mais rápido possível.

Ricardo não se movimentou. Suas pernas estavam travadas naquele lugar. Ele queria sair correndo para algum lugar isolado de qualquer pessoa que pudesse vir a machucar sem querer.

— Vou descendo. — Bia falou tentando evitar ao máximo as lágrimas. Simplesmente não poderia acreditar que o porto seguro que Ricardo tinha oferecido para ela de todo o seu coração pudesse ser afetado daquela forma por Thiago. Era injusto demais.

Porém ela não poderia julgar Ricardo. Entendia que Thiago havia destruído e marcado a sua vida para sempre. Bia nunca mais seria normal, a sombra de Thiago a perseguiria por todas as ruas que ela entrasse. Toda a vez que a noite chegasse, ela olharia para trás com medo que ele possa aparecer e tentar força-la novamente a fazer o que não queria.

— Onde está o Ricardo? — Sérgio a encontrou no pé da escada. — O policial está aqui para colher o depoimento dele. E tu, Bia, já decidiu o que vai fazer?

Ela não tinha a ideia do que fazer naquela situação novamente. Já tinha deixado para lá da primeira vez, mas pelo visto, o acordo de pagar o seu curso de pós graduação em troca do seu silêncio sobre a primeira agressão, não a tinha protegido de nada. Agora, Sérgio tinha lhe dado a opção de denunciar tudo a polícia, um aviso claro de que aquilo nunca mais poderia acontecer e sair ileso para Thiago e sua família prestigiada perante a população da cidade.

E também, para a proteção de Ricardo. Ele não tinha culpa nenhuma nesta história toda, apenas a protegeu da maneira que achou mais conveniente e que afastasse Thiago de Bia. Kado não tinha que pagar por aquela situação toda e ainda ser acusado de uma coisa que não era verdade.

Bia teria que engolir o seu medo enfrentar aquilo com a cabeça erguida. Não por ela, que já estava despedaçada demais por dentro para se preocupar com alguma coisa. Mas sim por Ricardo, aquele que tinha entrado no furacão e sua única intenção foi proteger Bia.

Avisou Sérgio que queria fazer a queixa e percebeu o semblante de alívio nele. Sérgio a acompanhou até um policial próximo e ficou ao seu lado enquanto Bia relatava o que tinha acontecido naquele quintal e como Thiago tinha acabado dentro de uma ambulância ensopado no próprio sangue.

Do lado de fora de casa, ela tentava, discretamente, observar a janela do seu quarto para saber o que estava acontecendo com Ricardo e Liana que ainda não tinham descido as escadas.

Ricardo estava parado, evitando o olhar de Liana em sua direção. Ele tentava se controlar, respirar pausadamente e mudar os seus pensamento para outras coisas, para burlar todos as imagens que sua mente teimava em projetar novamente. E também, evitar conversar com Liana, para não piorar a sua situação. Tudo que ele menos queria naquele momento era explodir novamente e acabar atingindo Liana em cheio.

— Fala alguma coisa, Ricardo! — Ela insistia e tentava pressioná-lo. — Dá para abrir a boca e me dizer o que aconteceu aqui?

Ricardo fechou os olhos. Sentiu as lágrimas escorrerem dos seus olhos, mas evitou limpá-las. Estava assustado demais, nervoso demais e, principalmente, temeroso demais com o que pudesse fazer se mexesse-se.

Liana simplesmente não conseguia entender o que acontecia com Ricardo quando ele ficava daquela forma, para ela, sempre tão expansiva e que fazia questão que todos soubessem como ela se sentia, a introspecção de Ricardo a tirava do sério.

Desistiu de força-lo depois de alguns minutos, percebeu que não seria daquela forma que faria Ricardo falar, e muito menos atirando o abajur de Bia na cabeça do irmão. Deixou ele sozinho e desceu as escadas se encontrando com Sérgio rapidamente.

— O Kado entrou em parafuso de novo. Simplesmente não fala e se afasta quando alguém chega perto. — Sérgio suspirou e passou por Liana apenas pedindo uma coisa para a irmã.

— Liga para o Miguel agora e pede para ele vir para cá o mais rápido possível.

Sérgio sabia que somente o psiquiatra de Ricardo para tirá-lo daquele transe inerte e

afundado nos seus pensamentos problemáticos naquele momento. Por mais que tivesse uma rixa interna com Miguel, Sérgio sabia que Ricardo só responderia a ele. Só rezaria para que o médico chegasse a tempo e que o pai de Thiago não fosse mais esperto e revertisse a situação contra Ricardo.

Entrou no quarto de Bia e encontrou Ricardo. Aquela cena doeu o seu coração de irmão e que virou um pai para um perdido Ricardo anos atrás. Sérgio abandonou a sua vida por seus irmãos e vê-los sofrerem era o que causava mais dor em si.

Aproximou-se devagar, sabendo que não era da forma espalhafatosa de Liana que faria Ricardo se abrir. Foram anos e mais anos observando como Ricardo ficava a cada crise para encontrar a melhor forma de aproximar-se dele e ajuda-lo com o que ele podia.

— Se te serve de consolo, — começou Sérgio a falar mansamente — eu achei foi pouco o Thiago ser tirado daqui dentro de uma ambulância. Ele merecia uma surra bem maior.

A menção de Thiago e a sua situação chamou a atenção de Ricardo momentaneamente. Se Sérgio estava falando aquilo, era um sinal de que Thiago não tinha sido morto pelas mãos de Ricardo. E aquilo era um bom sinal, não era?

— Apesar de eu não ser um cara que apoia a justiça com as próprias mãos, — Sérgio se aproximou mais ainda de Ricardo e tocou-lhe o ombro — eu estou muito orgulhoso de ti, Kado, e sei que nossos pais também estão de onde eles nos veem. Para eles a Bia era como uma filha também, nossa irmãzinha de coração.

Ricardo sentiu as lágrimas o invadindo novamente. O seu olhar chocou com o de Sérgio e o irmão o abraçou daquela forma que tanto o consolou anos atrás. E ainda consolava.

Capítulo 30

Fernanda queria matar o marido. E nem adiantava Sérgio olhar para ela com aquela cara de cachorro pidão, pedindo perdão, nada ia fazer Sérgio sair ileso daquela situação toda.

Coração de mãe emprestada para aqueles irmãos, nunca se enganava, e quando Fernanda cansou de ficar em casa sozinha e apareceu na casa de Bia, acompanhada de Jonathan, percebeu que tinha sido deixada de escanteio de propósito.

— Não quero que tu te exalte, Gorda! — Sérgio tentava apaziguar a situação. — A Fifi...

— Eu estou grávida e não inválida ou com algum problema grave. Agora o senhor está em maus lençóis comigo, Sérgio. Nunca mais me esconde nada o que acontece com essa família, ok?

Sérgio tentou responder alguma coisa, mas seria em vão. Sua cabeça estava mais focada em Ricardo, que estava se explicando para o policial que colheu o relato de Bia. Aquela era a hora mais importante de todas, se fazer ser o mais claro possível e não esquecer de nenhum detalhe que fosse. Qualquer vírgula no lugar errado poderia ser interpretada de uma forma errônea.

Bia estava sentada na sua cama com Liana ao seu lado. Desde que a amiga largou o irmão, estava ao lado de dela. Bia já tinha chorado tudo o que o seu corpo poderia permitir. Agora ela só esperava que Thiago aprendesse a lição e deixasse ela e Ricardo quietos para sempre.

E também, que Ricardo a perdoasse. Não que ele tivesse algo a perdoar Bia, mas para ela, era como se tivesse feito uma coisa tão horrível quanto uma traição a Ricardo. E aquilo estava a machucando por dentro, acumulando mais dor do que ela podia carregar dentro de si.

Tudo que Bia queria na vida, desde que se separou de Thiago, era ser feliz. E ela estava conseguindo isso ao lado de Ricardo. Era tão tranquilo e sereno estar com ele, que tinha vezes que nem se lembrava que um dia esteve noiva e prestes a subir ao altar com Thiago. Ricardo tirava toda a problemática de Bia em um piscar de olhos, ou com um sorriso no meio de uma conversa sem sentido nenhum. Era de uma passividade tão acolhedora que só a presença dele já era suficiente.

E agora, tudo o que eles construíram naquele pequeno espaço de tempo em que estiveram juntos, estava machado pela sombra inoportuna de Thiago. Bia nunca foi uma pessoa rancorosa na vida, mas daquele momento em diante ela sentia a maior raiva do mundo dentro de si.

— O mano disse que vai dar tudo certo — Liana acordou Bia dos seus pensamentos. — O Thiago não vai conseguir escapar dessa vez. Sem contar no estrago que o Kado fez no rosto dele. Quero ver um santinho com a foto dele sem a assinatura do Ricardo agora. — Liana riu.

— Por mim, nem santinho dele quero receber na minha porta. — Defendeu-se Bia. — Nunca mais quero ter o desprazer de ter que frequentar algum lugar que ele esteja ou que passou perto. — Bia se abraçou, protegendo-se.

— Sorte que ele encontrou o Ricardo, se fosse eu.... Preciso contar isso para o Richard, com certeza ele vai apoiar o Ricardo e perguntar para ele por que não bateu mais ainda.

E sem cerimônia nenhuma, Liana ligou o computador velho de Bia para começar a mandar um e-mail para o ex namorado que morava fora do Brasil. Para Bia, era até um alívio, um

sossego enquanto Ricardo não voltava.

Ricardo limpou o suor das mãos nas calças do pai de Bia que estava usando. Não foi fácil Sérgio conseguir tirar ele de onde estava, foi necessário Fernanda chegar e dar um apoio a mais. O impulso que ele precisava.

Fernanda tocou no ponto principal de toda aquela história: Beatriz. Nada daquilo era sobre ele, a agressividade em que o acometeu e a brutalidade em que agrediu Thiago, a ponto de achar que tinha o matado. E sim sobre Bia. Era ela que importava naquele momento, sua segurança e principalmente seu bem estar. Era com ela que Ricardo tinha que se preocupar naquele momento, e não com a sua reação violenta. Se fosse o caso, poderia ficar até mais violento para protegê-la.

Por este motivo que Ricardo saiu o quarto em que estava, desceu as escadas e concordou conversar com o policial. Não foi uma tarefa fácil. Ricardo estava nervoso, era claro, nunca teve que explicar as suas ações para ninguém, salvo Miguel naquelas sessões que ele tanto detestava no início. E agora ele ficou frente a frente com um policial, que não expressava nenhuma reação a cada palavra que ele dizia, ou pergunta que respondia.

Foi um momento da vida de Ricardo que esteve mais nervoso. Depois da chamada de atenção de Fernanda, ele percebeu que a vida de Bia estava um pouco nas suas mãos, as mesmas que começavam a doer pelos socos distribuídos no rosto de Thiago.

Ao sair da sala, encontrou-se com Sérgio já apreensivo.

— Como foi lá dentro? — Sérgio questionou, já que por ele, teria entrado junto com Ricardo.

— Acho que bem. Narrei o que aconteceu e respondi as perguntas que me fizeram.

— E o nervosismo? Isso é um fator que conta sempre.

— Fui bem, ok? — Ricardo se exaltou e Sérgio percebeu que era a hora de dar um passo para trás.

— Vai para casa que eu sigo por aqui.

— E a Bia? — A preocupação tomou conta da voz de Ricardo.

Sérgio se compadeceu da preocupação de Ricardo. Sabia do envolvimento dos dois e como o irmão se doava a quem gostava.

— Ela está bem, com a Liana. Vai para casa, Kado. O Miguel já deve estar quase chegando.

— O que o Miguel vem fazer aqui? — Kado ficou perplexo. Ainda mais pelo fato de nem ter sido questionado para a vinda do médico.

— Eu chamei ele. — O tom de Sérgio indicava que a conversa tinha encerrado. — Vai para casa, certo? O Inácio deve estar sozinho e eu já mando a Fernanda junto e o Jonathan. Qualquer coisa eu ligo.

Ricardo se deu por vencido e aceitou a sugestão de Sérgio. Ao lado de Fernanda e Jonathan, que estava quieto e sendo uma ótima companhia para Fernanda, que ainda estava nervosa, foram para casa em silêncio. Ignorando as pessoas que se amontoavam na rua e os questionamentos que faziam quando passavam.

Como o previsto por Sérgio, ao chegarem em casa, Inácio estava sozinho e minutos depois Miguel chegou.

— É aqui que tem um cara pensando que é lutador de boxe? — Miguel já chegou amenizando os ânimos. — E olha só, quando eu vejo que vou lidar com um paciente só, encontro dois no mesmo lugar. Que lindo final de semana vou ter.

Jonathan cumprimentou o médico e ainda entregou um lenço umedecido para Miguel, como ele sempre fazia nas suas consultas.

— A Fernanda vai nos dar licença, mas eu vou subir com eles. Os dois, — olhou para Ricardo e Jonathan. — Vamos ter uma agradável conversa.

Jonathan subiu as escadas antes mesmo de entender o porquê de estar incluído no meio dos dois. O chamado não tinha sido para Ricardo? Era claro que Jonathan havia ficado nervoso e teve que tomar algumas respirações profundas para se acalmar e ainda ficar ao lado de Fernanda. Mas não a ponto de ser chamado para conversar com Miguel.

Estava um pouco espantado.

Chegaram ao quarto de Ricardo em silêncio. Miguel não precisou de cerimônia para sentar-se na cadeira da escrivaninha de Ricardo. Pegou um papel e uma caneta e começou a tamborilar ela na mesa. Jonathan, por ter que se sentar na cama, não podendo limpar o tecido do sobre lençol como gostaria, apenas o alisou e sentou-se ereto. Já Ricardo, escorou-se na parede com os travesseiros.

— Gosto de ver a amizade de vocês dois. Dois certinhos, tão parecidos e ao mesmo tempo tão diferentes um do outro. — Miguel sorriu. — E os dois com uma queixa de agressão. Isso é mais interessante ainda. Será coincidência ou o Jonathan andou te falando alguma coisa, Ricardo?

Jonathan e Ricardo se entreolharam assustados. E Miguel soltou uma gargalhada.

— É brincadeira. — Sorriu para os dois. — Eu estava só brincando, sei que o Jonathan não faria isso e que o Kado não aceitaria. Mas a questão aqui é o modo de encarar a raiva dos dois. Jonathan, tenho certeza de que tu nunca narrou para o Ricardo a tua experiência com a agressividade, não é?

Jonathan se remexeu desconfortável. Fazia um bom tempo em que não pensava naquela situação toda. A raiva domando o seu corpo, o barulho dos gritos da sua mãe e seu irmão tentando apartar a briga entre ele e o seu pai. Lembranças que junto com Miguel, Jonathan tentava esquecer.

— Eu tive um surto de raiva. Um ano antes de assumir a faculdade. Foi o pior momento da minha vida.

— A raiva é um sentimento de protesto. — Iniciou Miguel calmamente. — O modo como a gente externa a nossa insegurança e frustrações da vida. E quando nos deparamos com ela, ficamos com muito medo. Um medo maior do que qualquer outro.

Ricardo prestava a atenção e Jonathan concordava levemente com a cabeça.

— Às vezes que tu lidou com ela, Ricardo, era controlado. Até mesmo o modo quando tu

extravasava era contido. Mas agora o tu passou o teu ponto de ruptura total. Colocou em risco a vida de outra pessoa, por mais que ela merecesse apanhar, pelo que escutei. E eu posso dizer que fico feliz em saber o que aconteceu. Por inúmeros motivos.

Ricardo estranhou as palavras de Miguel.

— Primeiro de todos, claro, é sobre a situação da Bia. O cara merecia uma boa surra mesmo. E segundo, é saber que tu estás te importando com outra pessoa fora do teu convívio familiar. Extravasou em quem merecia e ao mesmo tempo, libertou um pouco da raiva que sente de tudo ao teu redor.

— Mas eu... — Ricardo fez a menção de interromper, mas Miguel não deixou.

— Por mais que estejamos há anos em tratamento, tu ainda sente e guarda muita raiva em ti, Ricardo. Principalmente pela morte dos teus pais, tua depressão e o modo como lida com a tua vida. Finalmente estamos lidando com isso agora. Esperei um bom tempo para te ver perder o controle assim.

Ricardo estava confuso. Bem mais do que ele deveria estar. Miguel estava contente com a agressão de Ricardo a Thiago.

— Eu acabei de bater em uma pessoa, quase a matei e tu estás feliz com isso?

— Sim. — Insistiu Miguel. — Isso é um ótimo sinal, Kado. Tu protegeu a Bia de uma coisa horrível. Salvou a vida dela e quem sabe estás dando uns passos grandes para mudar a tua.

— Eu não sei se a Bia vai querer continuar comigo. Se eu sou capaz de fazer uma coisa daquelas com o Thiago, o que eu posso esperar de mim quando perder a cabeça novamente?

Miguel riu novamente.

— Tu teve um surto de raiva, e por um bom motivo. Não foi uma discussão qualquer, Ricardo. O cara estava tentando estuprar a tua namorada. Esse é um motivo bem aceitável para o que tu passou, ok? O Jonathan levou o pai dele para a UTI e nem por isso anda com uma camisa de força todos os dias, ou se bota em qualquer pessoa que diz uma coisa contrária ao que ele pensa. Não é?

Jonathan limpou a garganta antes de começar a falar.

— Sim. Dá medo no início, como se qualquer coisa fora do lugar fosse uma fagulha para explodir tudo ao meu redor, mas conforme o tempo vai passando, a gente percebe que não é bem assim que as coisas acontecem.

Ricardo observou o amigo e o médico, que ainda estava com um sorriso no rosto. Ele esperava que ambos estivessem certos. Era a única coisa que ele pedia naquele momento.

Capítulo 31

Ricardo entrou no seu carro, depois de se despedir de Jonathan, no estacionamento da faculdade e fez o caminho mais curto até chegar em casa. O início da semana havia sido a pior possível e ele não via a hora de chegar em casa e encontrar tudo na normalidade que ele esperava desde que tinha saído na sexta passada.

Ele, Jonathan e Miguel, que se escalou a ficar na cola dos dois pelo resto do final de semana, voltaram no domingo à noite. Neste meio tempo todo, Ricardo não conseguiu ter nenhum contato com Beatriz. As únicas notícias que tinha eram através de Sérgio e Liana. O irmão por estar sendo o advogado dela e ser o mensageiro entre as partes, e Liana por ser a melhor amiga e a única pessoa, fora seus pais, que ela queria estar naquele momento.

Ricardo respeitou a decisão de Bia. Sabia o quanto o silêncio e a solidão eram ótimos companheiros. Queria ele estar na mesma posição isolada que Bia aqueles momentos, o problema era que Miguel não era nenhum pouco solidário, Jonathan estava sempre na volta e a sua família.... Bom, era a sua família, todo mundo sabia como eles se portavam.

Ao chegar em casa no domingo à noite, depois de despachar as malas Miguel e Jonathan, foi que Ricardo conseguiu a sua paz. A paz que ele tanto sonhou naqueles últimos dois dias. E foi então que teve uma revelação que o fez mudar completamente. A solidão que ele tanto ansiava era ao contrário do que ele esperava. O silêncio era mais torturante do que ele se imaginava. E percebeu, naquele momento, que queria Beatriz ao seu lado.

Lembrou do modo como ela dava vida àquelas paredes sem graça do apartamento. Como o seu cheiro de perfume inundava o ar que ele respirava e os seus sons deixavam qualquer cômodo aconchegante. Ricardo queria Bia ao seu lado. Precisou tomar algumas respirações profundas para perceber que as paredes da casa não estavam se movimentando e o prendendo à força.

Foram duas noites horríveis para ele. Chegar em casa e encontra-la vazia era torturante. Preencher o tempo ocioso, que antes de Bia chegar em sua vida, era o que ele mais queria e sonhava, tornou-se um dilema. Ricardo nunca esteve tão adiantado com seus planos de aula como ficou nesta última semana....

Porém, finalmente o telefone havia tocado. Como era de se esperar, Sérgio estava do outro lado da linha, acompanhado de Fernanda, em outra extensão, para averiguarem como ele estava e também das as últimas notícias no caso que havia mexido com a cidade inteira.

Beatriz não tinha ficado calada desta vez. Denunciou a tentativa de estupro, junto com a agressão, de Thiago. Aquilo tinha sido a chama em uma fogueira de pólvora na pequena cidade em que moravam. Claro que no mais absoluto sigilo que a justiça poderia firmar, então todos os moradores sabiam cada vírgula do que Bia e Ricardo haviam falado em suas versões dos fatos.

Ricardo não ficou impune no meio de tudo isso. Thiago o havia denunciado por agressão, como se ele fosse um santo e não tivesse merecido cada um dos socos, e o nariz quebrado, que Kado tinha dado de presente. Sérgio nem comentava sobre isso, bastava a versão de Bia para contradizê-lo, ainda taxado de mentiroso e Ricardo ser o novo herói da cidade.

Mas, para falar bem a verdade, nada disso importava ao Ricardo. Sabia que sua consciência estava tranquila quanto ao seu ato de raiva. As suas únicas preocupações momentâneas era o

retorno de Bia para o apartamento e se ela ainda o aceitaria, depois de presenciar aquela cena intensa de briga e barbárie.

Sérgio foi o portador das boas notícias, após passar o relatório diário das situações, Fernanda narrar as notícias da gravidez e das peripécias de Inácio naquele dia na escola. Somente depois de todo aquele relatório, é que finalmente a notícia que Ricardo tanto ansiava era anunciada: Beatriz estava voltando.

O alívio no coração de Ricardo foi imediato. Instantâneo e fulgaz. Foi como se toda a sua vida tivesse uma nova certeza, e era a volta de Bia. A casa não ficaria mais silenciosa, Ricardo não acordaria no meio da noite, suando, com medo de dormir novamente e um pesadelo o atormentar. A certeza de chegar em casa, depois de um dia cheio na faculdade, e ter ela sorrindo ao abrir a porta.

E foi isso que aconteceu quando Ricardo empurrou a velha porta do apartamento.

Lá estava Bia, usando um pijama velho, pés descalços e um nó mal feito no cabelo.

Quando os olhares se chocaram, foi como se a calma de uma tempestade que tivesse chegado. Ambos se abraçaram, e logo as lágrimas começaram a aparecer nos respectivos olhos.

Ricardo sempre se afastava quando Sérgio bebia e começava a filosofar sobre a Fernanda ao seu lado. De como era gratificante ter a esposa nos seus braços depois de um dia estressante e toda lenga-lenga que estava acostumado a escutar e nunca entendido perfeitamente.

Somente agora era que algumas palavras começavam a fazer sentido. Principalmente aquela em que o irmão dizia de ter o mundo inteiro nos seus braços. Ricardo agora começava a entender o que isso significava e o poder que traria a sua vida.

Uma sensação inesperada e ao mesmo tempo renovadora. Era como se os dias de angústia sozinho naquele apartamento fossem reduzidos a nada. Apenas uma lembrança, um sonho ruim em que ele nem se lembrava da metade da história. Agora ele estava acordado e vendo a realidade a sua frente. Uma realidade chamada Beatriz.

Bia estava cansada. Não via a hora de chegar ao apartamento e encontrar as coisas como eles haviam deixado da última vez que estiveram aqui. Longe de todo aquele drama, processos, conversas com Sérgio sobre leis, acusações e termos que ela não entendia.

Era uma normalidade, previsível e até mesmo clichê. A sala organizada, a cozinha sem divisória com o cômodo, o cheiro do quarto com as roupas de camas limpas, o banheiro minúsculo e o pequeno varal com algumas peças de roupas esquecidas de serem recolhidas pela pressa de saírem.

E principalmente, Ricardo. Seu Ricardo. O que havia a protegido no momento em que ela tinha desistido de lutar e começava aceitar o destino terrível que Thiago a apresentava.

Ficar em casa, como a mãe havia dito, para descansar, foi a pior ideia possível que Bia poderia ter tomado. Ou melhor, ela não teve voz ativa para a decisão, sua mãe havia imposto e seu pai assinado embaixo. Ela estava presa dentro da sua casa, como que se ao sair de casa, a primeira pessoa que visse, seria um novo agressor. Aqueles dias haviam sido piores do que os que passou no quarto de Liana, na primeira ocasião.

Se antes ela tinha o espelho para a lembra-la da agressão, agora ela tinha todo o cenário no

seu pátio sempre que saía. E estava sentindo-se sozinha, isolada e fechada dentro do seu próprio corpo.

Apenas hoje que conseguiu a liberação para retornar a sua vida novamente, vida essa que estava a segurando nos seus braços. Sentia falta de Ricardo, de acordar no meio da noite com ele se mexendo ao lado, o jeito metódico como ele guardava as coisas depois do café e como a sua presença trazia paz para ela.

Era essa normalidade que ela precisava naquele momento. A certeza de chegar em casa, encontrar Ricardo fazendo alguma coisa e parando suas atividades para observar e sorrir quando ela entrar.

O abraço se perdeu no tempo. Não havia Thiago, processos, fofocas nas esquinas... Simplesmente nada para impedir Ricardo e Beatriz de ficarem no lugar onde sentiam-se mais seguros. Nos braços um do outro.

— Senti tanto a tua falta aqui. — Ricardo foi o primeiro a murmurar alguma coisa.

Bia o apertou mais, sentiu outras lágrimas escorrendo e sussurrou.

— Eu também.

O abraço acabou, mas ainda estavam colados. Ricardo e Bia se encararam e aproximaram o rosto em um beijo delicado. Era tudo o que Beatriz queria desde que todo aquele turbilhão começou a se desenvolver. A maciez, delicadeza e os sentimentos que Ricardo entregava em cada beijo que os dois trocavam. Era a esperança pura de um futuro feliz, quente e promissor.

Separaram-se, mas continuaram perto o suficiente no sofá onde sentaram.

— Esses dias foram horríveis para mim. — Bia choramingou enquanto Ricardo limpava as lágrimas dela delicadamente. — Não consigo dormir direito sem lembrar daqueles minutos. O Sérgio toda hora aparecendo lá em casa e conversando com o pai.... Não tenho nada contra o teu irmão, mas quando ele chegava lá em casa eu me escondia no quarto. Não queria escutar uma palavra que fosse.

— Sei bem como é. Também fico assim, tenso e querendo me esconder quando ele começa a falar. Mas é bom ficarmos atento para saber o que vai acontecer agora.

— Não quero saber de nada, Kado. — Bia se encolheu e ele a abraçou pelos ombros, a puxando mais para o seu lado.

Ricardo beijou sua cabeça e seus cabelos até Bia se acalmar novamente e o encarar.

No olhar dele, viu coisa tão bonitas que nunca na sua breve vida havia percebido. Porém, a dúvida ainda falava mais alto. Bia precisava de certezas na sua vida, e a principal delas naquele momento em que ela se encontrava era saber se ainda tinha Ricardo ao seu lado. Principalmente agora.

— Eu preciso saber, Ricardo. — Ela endireitou-se e se afastou um pouco, para o tormento dele. — Se ainda estamos juntos, ou o que o Thiago fez em mim foi tão repulsivo a ponto de tu não me querer mais.

Ricardo não a entendeu no primeiro instante depois que Bia havia falado. E vendo este a hesitação dele como um receio, continuou a falar, cada vez mais rápido.

— Eu entendo se tu ficar com nojo de mim. Eu também estou com muito asco. Por mais que eu me limpe, tome banho troque de roupa, parece que eu sempre estou suja com as mãos do Thiago sobre o meu corpo. Vou entender se tu quiser que eu vá embora ou coloque qualquer barreira entre nós.

As palavras atropeladas de Beatriz fizeram Ricardo levantar. Novas lágrimas caíram sobre os olhos estralados dela. E ele sentiu o seu coração sangrar e chorar junto.

— Nunca. — Foi a primeira palavra que ele disse, depois da explicação sem nexo de Bia.

Beatriz não estava imunda para ele. Bem pelo contrário, ela estava vulnerável. Ricardo sabia como era sentir-se assim. Tão dependente de pessoas ao seu redor para ficar bem. E ele faria aquele papel para Bia por quanto tempo ela precisasse. E se fosse para a vida toda, ele não iria reclamar.

— Olha para mim, Bia. — Por ser alto demais, Ricardo ajoelhou-se na frente dela, pegou suas mãos e as beijou repetidamente. — Quem deveria estar falando essas coisas sou eu. Tu nunca esteve suja para mim. O sujo foi o Thiago, mas em nenhum momento ele te contaminou. Olha a minha vida, Bia. O que eu tenho até aqui? Diplomas acadêmicos e uma ficha psiquiátrica maior do que o necessário para mandar alguém para o hospício só com passagem de ida.

Ricardo sorriu e apertou mais as mãos de Bia.

— Era eu quem deveria te perguntar se ainda temos alguma coisa. Meu rompante de raiva, me assustou tanto que o meu psiquiatra veio me atender e ficou o resto do final de semana ao meu lado, com medo que eu fizesse alguma coisa. Não pensa que o Miguel é um amigo, ele é médico e me conhecendo, sabia que eu poderia pensar em algumas coisa e querer acabar com a minha própria vida quando eu bem entender.

— Não... — O choro de Bia aumentou consideravelmente com aquelas palavras de Ricardo.

Ninguém entendia, ou aceitava, o fato de que ele tinha um passado, recente, com o suicídio. Sua família ignorava os números, taxas, estudos e estatísticas, e Ricardo não queria incluir Bia naquele círculo que fechavam os olhos para certos aspectos.

Ele sorriu e beijou novamente as mãos de Bia, tão geladas.

— É verdade, Bia... Eu sou assim e sempre vou ser. É um jeito meu que vai me acompanhar até a morte realmente chegar. Seja ela infligida por mim ou por idade mesmo. E então, ao invés de tu me perguntar essas coisas, que para mim não faz diferença nenhuma, quem questiona sou eu. Não precisa me responder hoje ou amanhã. Quando tu estiver com condições e pensar sobre isso, eu vou estar aqui. Do teu lado, pronto para te ajudar em tudo o que quiseres.

Ricardo largou as mãos de Bia e antes de levantar, beijou a testa dela demoradamente. Saiu e entrou no banheiro. Na frente do espelho, seu reflexo o encarou e lhe disse o que já sabia. Era um fardo a mais estar na vida de Bia. Ela já tinha os seus próprios problemas e não seria agora que ela escolheria estar ao lado de um suicida com rompantes de raiva.

Chegava a ser irônico.

Como de praxe, tomou um banho demorado, colocou as roupas sujas dobradas no cesto, passou um pano no chão para não deixar molhado, escovou os dentes e antes de sair, fez o ritual

dos seus remédios para dormir. Colocou os comprimidos na mão e tomou uma respiração profunda aos engolir. Era a sua sentença, o que ditava a sua vida como ela era. Seu humor e o modo como encarava a vida. Sem aqueles compostos era uma casca vazia, sem sentimentos, amor próprio ou qualquer coisa.

Saiu do banheiro, e a escuridão da sala não o abalou. Sabia que Bia tinha se recolhido para o seu quarto. Ricardo tinha jogado a bomba para cima dela e como um covarde se escondido no banheiro. Ele deveria ter ficado ali, a amparando e dando motivos para que ela ficasse com ele. Mas não, ele era mais realista do que fantasioso. Sabia da encrenca que era e que nenhuma mulher bonita, com a vida toda pela frente e tão cheia de alma se prenderia a uma vagarosa e desprendida como a dele.

Havia sido duro, mas necessário. Se ela tinha ressalvas quanto a sua “condição”, que para Ricardo é inexistente, ele tem as suas bem mais nítidas e reais. Antes saber da resposta agora a se apegar mais do que pensava e sofrer depois. E isso servia para os dois lados da história. Para Bia também. Ele ainda continuaria seu amigo, o ombro amigo que ela precisava naquele momento.

Abriu a porta do seu quarto e ligou a luz. Bia estava sentada na cama o esperando. As lágrimas já haviam secado e ela estava recomposta. Levantou-se e caminhou em direção de Ricardo em silêncio. Pegou as mãos dele, e assim como Ricardo fez, as beijou diversas vezes.

Os olhares se chocaram novamente e Bia encontrou as palavras que estava procurando desde que ele saiu e entrou no banheiro.

— Minha resposta é sim. Não preciso pensar. Tu é único Ricardo, e eu egoísta demais para te dividir com alguém. Se tu me aceita como eu sou, eu te aceito com todos as tuas qualidades. Eu sei que elas se sobrepõem a qualquer problema que tu tem.

Ele engoliu em seco. Se aproximou de Bia e a beijou novamente.

Capítulo 32

— Tenho a impressão que vocês dois não vão me deixar quieta aqui nesta faculdade, não é? — Bia olhou para Ricardo e Jonathan seriamente.

Nenhum dos dois ousou desviar o olhar dela, e o divertimento era notável.

— Só preciso saber como se chega à minha sala, onde são os banheiros e o refeitório. Não preciso saber de mais nada.

— Nem a sala onde os alunos do Jonathan quase colocaram fogo na faculdade inteira? — Ricardo não perdeu a piada pronta.

Bia sorriu e voltou a comer o seu almoço.

Era exatamente aquilo que ela precisava. Um ambiente novo, tranquilo, confiável e que estivesse com as pessoas certas. No caso, Ricardo e até mesmo Jonathan a tira colo.

O que aconteceu depois daquela noite de revelações era o esperado. Bia e Ricardo finalmente acertaram, e aceitaram, os percalços um do outro. Estavam em terreno conhecido, avisados e bem cientes do que encontrariam pela frente. Ricardo era a parte mais segura de toda esta história, os medos que Bia apresentava eram inexistentes e só existiam na cabeça dela. Já Bia, levava toda a história sem considerar o seu verdadeiro significado.

Era claro que isso perturbava Ricardo. Mesmo colocando as coisas em pratos limpos, ele ainda tinha o pé atrás. Chegou até a comentar com Miguel na última consulta que tiveram. Palavras sábias que Ricardo guardaria com carinho no coração.

— Dessa vez quem vai apanhar é tu, Ricardo. — Miguel o ameaçou. — Gosto quando meus pacientes sabem o real risco que eles correm. Mas tu extrapola qualquer um deles. Chega a ser autodepreciativo, e aí eu já não gosto nenhum pouco. Não é porque tu tenha um passado suicida e às vezes tem umas recaídas que não merece ser feliz, amar e ser amado. Tenho um bom números de pacientes que passaram pelas mesmas coisas que tu e tem hoje uma família feliz. A Bia é crescida e não está fazendo tanto drama como tu. Respira, Ricardo, larga a mão de ser nervosinho e aproveita a vida. Temos uma só e ela é curta. Relaxa, meu querido. Tua vida não é rodada em torno das tuas tentativas de suicídio.

Ricardo ficou em silêncio e Miguel não perdeu a oportunidade de continuar a falar.

— Sim, o teu histórico é horrível. Só eu mesmo para te aguentar, e estou adorando essa divisão de cargo com a Bia. Ela também está passando por uma coisa trágica e precisa de alguém para apoiá-la. Seja esse cara, Ricardo. Apoie a Bia e deixa ela te apoiar, ninguém sai perdendo. Bem pelo contrário. Por favor, eu te imploro, vamos ser mais positivos. A vida não é só essa merda toda aí, ainda tem coisas boas para vocês dois viverem. Pensa nisso, ok?

Ricardo saiu de lá com aquelas palavras na cabeça. E o bom era que ele sempre levava em consideração o que Miguel o aconselhava. Se fosse qualquer outra pessoa falando, ele não daria ouvidos. Mas vindo do médico, que sempre acertou com ele, a história era diferente.

Naquele mesmo dia, ao chegar em casa, encontrou Bia bem mais feliz do que quando saiu. Era um alívio na sua alma ver ela sorrindo daquela forma, esperançoso para as palavras que Miguel havia dito horas atrás.

Como haviam conversado, Bia tinha o interesse de mudar de faculdade para continuar seus estudos. E Ricardo tinha dado a ideia dela mudar para a sua. Era o plano perfeito. Os dois sobre o mesmo teto e se encontrando na mesma faculdade. Ele mexeu os pauzinhos, que o seu nome poderia influenciar, e Bia foi aceita com todo o louvor possível.

Sobre a mensalidade, tudo por conta de Sérgio fazendo os ajustes. O processo da agressão de Bia ainda rolava, e ele ainda conseguiu fazer com que o primeiro acerto entre cavalheiros valesse. Como disse Fernanda, se o mercado falir, Sérgio poderia se virar muito bem advogando sem problemas.

Bia adorou a mudança. Só de entrar na faculdade percebeu que os ares seriam melhores. Ainda mais acompanhada de Ricardo de um lado e o Jonathan no outro, os dois animados mostrando todas as salas, alunos personalidades, como aquele que mais bebe sem ficar bêbado, o mais inteligente e o problemático. Ela estava adorando aquela apresentação VIP, mesmo que dissesse que estava entediada.

— E quando tu sai daqui e dobra à direita, vai encontrar o cantinho do amasso. — Disse Jonathan dando os ombros. — Todos os anos as histórias que aquele canto são cabulosas.

— E também, — comentou Ricardo — reza a lenda que as crianças feitas ali, voltam para cá sendo gênios.

— Óbvio que nenhum de vocês conheceu ele pessoalmente, não é?

Ambos olharam para Bia e fizeram uma cara de nojo.

— E também existe o cantinho paz e amor e da química forte — Jonathan fez o sinal com os dedos e ironizou a última parte. — Engraçado que no internato que eu estudava, tinha esses mesmos cantos. Em nenhum deles eu participei.

— Na outra faculdade, com a Liana, nós participávamos do canto da bebida, logo quando entramos. Não tão forte assim, mas tomávamos algumas. Depois perdeu a graça.

Em resumo, Richard apareceu na vida de Liana e Bia se escondeu atrás de Thiago e frequentava as mesmas festas esquisitas e certinhas dele.

— Algumas? — Ricardo se virou para Bia. — Cansei de resgatar a Liana, antes dela conhecer o Matz, dela subir as escadas do prédio de quatro.

— Bons tempos. — Suspirou Bia ao abraçar Ricardo pela cintura.

Chegaram ao prédio de Ricardo e se despediram. Ricardo tinha alguns períodos de aula para dar e à noite, mais uma aula do seu doutorado e a terrível tese, que em breve começaria a deixar ele ansioso. O esquema estava todo na sua cabeça brilhante, só faltava a pior parte de todas: colocar no papel.

Despediram-se com um beijo tímido e Ricardo viu Bia se distanciar acompanhada de Jonathan, já que o prédio dos dois era o mesmo. Entrou dentro da sala de aula e logo foi ovacionado pelos seus alunos. Um bando de jovens adultos com os hormônios em ebulição.

— GRANDE PROFESSOR RICARDO! — Gritou um do fundão se sobressaindo dos outros.

— Boa tarde, pessoal....

— Atenção garotas, o charmoso professor de física da faculdade está indisponível!

— Ou não! — Do outro lado da turma, mais um aluno se manifestou. — Preparem a fila que a distribuição de senhas vai começar!

Ricardo começou a abrir sua pasta, tirar seus livros e cadernos enquanto escondia o rubor lhe subindo a face.

— Isso é injusto! — Uma garota desconhecida — Todos os professores bonitos devem continuar solteiros para a esperança de todas as alunas péssimas!

Ricardo teve que rir da situação.

— Ok, pessoal... — Ele tentou começar a aula, mas foi interrompido.

— É a mesma do bar, professor? Aquela que estava sentada contigo e com o professor Jonathan.

— Sim.

— E ela é aluna daqui? — Alguém no meio dos alunos questionou.

— Agora sim, mas está começando hoje — explicou antes que alguns rumores comesçassem a aparecer. Tudo que ele e Bia menos precisavam naquele momento. — Ela é melhor amiga de infância da minha irmã mais nova, e minha também. No início do ano veio dividir o apartamento comigo para estudar em outra faculdade e não gostou de lá, eu a trouxe para cá. O curso dela não tem nada a ver com física, então está tudo bem. Agora...

— Professor não perdoa nem as amigas da irmã, virou meu ídolo.

Ricardo percebeu que seria impossível dar aula aquele dia.

Bia e Jonathan seguiram para o prédio de química. Era uma caminhada pequena, mas o suficiente para eles conversarem um pouco. Jonathan era uma figura, Bia tinha vontade de apertar as bochechas dele às vezes de tão fofo que era.

Ele a deixou na porta da sua sala, conversou com alguns ex alunos e entregou Bia para o professor que chegava. Ela sentiu-se bem naquele novo ambiente. Fora bem recebida pelos colegas, professor e percebeu que agora tudo entraria para os seus eixos.

Era a promessa de uma nova vida. Aquela que ela sonhou desde que saiu de casa no início do ano. Sentia isso, e necessitava daquelas mudanças. Precisava mudar a página, apontar um lápis e começar um novo capítulo na sua vida.

Junto com Ricardo, principalmente. Sabia dos receios dele, eles ficaram bem explícitos naquela última conversa séria entre eles. Porém, ao contrário de Ricardo, ela não se preocupava com isso. Confiava no seu potencial em conhecer Ricardo mais do que ele imaginava. Não escutou Liana falando dele por anos a toa, para alguma coisa esse tempo todo deve ter servido.

Ela estava tranquila. O mal estava longe dela e sentia-se uma pessoa diferente quando estava com Ricardo por perto. Sabia que se acontecesse algo, ele viria ao seu socorro. E isso era o que ela mais tinha certeza.

Agora era só uma questão de tempo.

Tempo para a situação toda com Thiago se resolver e ele pagar o que fez com ela.

Tempo para as emoções e sentimentos de Ricardo se assentarem e ele perceber que o que estava acontecendo com eles não era apenas momentâneo.

Tempo para o tempo passar e tudo se resolver.

Era isso que Bia sonhava. E era isso que ela iria conseguir.

Capítulo 33

Ricardo segurou na mão de Bia e percebeu o sorriso dela se abrir para o nada e suspirar. Aquilo era a realização de quase um sonho que há muitos anos ele nem sabia que sonhava.

Haviam acabado de sair do cinema, uma comédia romântica para deixar o clima em que estavam mais meloso possível. Causavam diabetes a quem se aproximava.

Devido aos acontecimentos, Sérgio achou melhor os dois passarem um tempo sem aparecerem na pequena cidade. Até mesmo para a segurança de Bia. Thiago havia percebido a dor de cabeça que toda aquela história tinha trazido para a sua vida pessoal e, a que ele mais gostava, política. Isso o havia irado de uma forma além do imaginado. Liana, que sempre sabia das fofocas da cidade, por causa do seu trabalho no posto de saúde central, havia dito que uma reunião com todos os funcionários da família, e que quem falasse uma vírgula do que tinha acontecido, seria demitido.

Até então ninguém tinha sido colocado para rua e toda a cidade comentava mais ainda.

Tinha histórias que algumas organizações, principalmente aquelas que envolviam mulheres, que tiraram completamente o apoio a qualquer político que ousasse usar o nome de Thiago e a sigla do partido dele. Sem contar no problema que os vereadores, partidários, estavam enfrentando na câmara e o com a população em si.

Bia tentava se alegrar com aquelas fofocas que Liana fazia questão de contar e ainda rir da desgraça pública de Thiago. Ela realmente se esforçava, mas não conseguia. Ainda era muito recente para ela nutrir sentimentos, além da indiferença e a vontade de ficar imune a toda aquela história.

Sérgio era outro que ligava todos os dias, além de saber notícias de Ricardo, para conversar com Bia e a deixar a par de como andava as coisas. Lentamente, a passos de formigas e sem vontade, como diz a música, mas que não era para Bia desanimar. Ele ainda faria Thiago pagar por tudo aquilo e ainda tirar as acusações contra Ricardo.

Era claro que Thiago tentava reverter a situação toda contra Kado. Disse, em um pequeno pronunciamento oficial, que estava apenas tentando reatar seu noivado com Bia e quando estavam perto de se acertarem, Ricardo apareceu e bateu nele covardemente. Acusou ele ser insano, instável e que sempre nutriu sentimentos por Bia imaginados além do aceitável.

Bia sugeriu que também fizesse uma, já que seu nome estava no meio e ela sentia-se difamada e pessoalmente afetada por aquelas declarações. Sérgio não deixou, disse que seria colocar mais lenha na fogueira e que era exatamente o que Thiago queria. Quem muito se explica é sinal de que está mentindo, afirmou por fim. Aquilo não agradou a Bia e muito menos a Ricardo. Mas tiveram que acatar a decisão de Sérgio.

O irmão mais velho de Ricardo tentou amenizar os ânimos, principalmente quando disse que vários clientes do mercado estão apoiando ele e Bia. Conheciam a índole de Ricardo, seus problemas, e que ele não era todas aquelas coisas que Thiago havia pronunciado. Ainda tinha princípios naquela cidade pequena, e a honra dos Chiarelli era inquestionável a todos que ali moravam.

Aquela ligação no início da manhã, havia estragado o resto do dia deles, principalmente o de Ricardo. Sentiu-se humilhado em todos os sentidos da palavra. Injuriado e taxado como maluco. Uma das coisas que mais tinha receio de se concretizar. De ficar tão instável novamente e ponto de ter que voltar para uma casa de repouso e não conseguir mais sair.

Era claro que seu ânimo, sua energia vital, havia ficado abaixo do que qualquer nível que Bia já tinha presenciado. Ficou preocupadíssima, principalmente por saber que teria o dia longe dele. Até sugeriu para os dois ficarem em casa aquele dia, como um dia de férias, mas Ricardo não aceitou. Tinha aula para dar e uma apresentação de trabalho para o seu doutorado. Bia insistiu, e acabou tendo que se contentar com um cinema no final da noite.

Era melhor que nada, pensou por fim, antes de aceitar.

Lembrou quando Liana falava que a rotina era a melhor coisa para Ricardo. Deixar tudo organizado, perfeito e sem imprevistos. Aquilo o acalmava e o colocava em um estado automático que não deixava pensar em certas coisas que não eram bem-vindas.

Saíram de casa juntos, foram até a faculdade e cada um seguiu para dentro do seu prédio. Bia encontrou com Jonathan no meio do caminho e conversaram sobre amenidades. Na hora do almoço, os três encontraram-se no refeitório, com ela e Jonathan mais falantes e um Ricardo mais distante do que eles estavam acostumados.

Jonathan questionou Bia enquanto voltavam para o seu prédio e ela explicou a situação toda. Jonathan era amigo de Ricardo e ele poderia auxiliá-la, dando alguns conselhos para como lidar com Ricardo. Só que ela esqueceu de um pequeno detalhe, Jonathan era tão mais delgado sobre sentimentos do que o próprio Ricardo. Frustrou-se ao perceber aquilo e que teria que descobrir por si mesma como fazer aquilo.

Até pensou em ligar para Fernanda, mas imaginou que era capaz da cunhada largar o que estava fazendo para ir até lá e se certificar de que ele estava realmente bem. E contatar Liana seria uma dor de cabeça que ela pretendia dispensar por ora. Amava a amiga, mas devido aos últimos acontecimentos, evitaria em esclarecer sua vida amorosa com a amiga. Pensaria nisto mais tarde e quando a poeira abaxasse de vez.

Beatriz estava adorando as novas aulas que estava tendo, os colegas, professores e como todo o sistema da faculdade funciona, mas naquele dia ficou mais contente ainda quando as aulas acabaram de vez.

Encontrou Ricardo no meio do caminho e esperou ele resolver mais alguns assuntos de professor, como Kado denominou. Foi apresentada às secretárias que ali estavam que, finalmente, conheceram a famosa Bia, que ele e Jonathan falavam pelos cantos. Aquilo a fez sorrir.

Saíram minutos depois e quase chegaram atrasados para a sessão do cinema, foi o tempo de um ir comprar os ingressos e o outro a pipoca. Entraram naquela sala escura e Bia pode suspirar aliviada ao saber que ele estava ali ao seu lado e ficaria até o final de semana acabar por completo.

Ricardo, ao segurar a mão de Bia e ver a sua reação, enquanto saiam do cinema, pode perceber que suas angústias também se esvaíam aos poucos. O dia tinha sido um inferno na terra. Principalmente depois daquela ligação de Sérgio.

Aquelas palavras que escutou, havia trazido para ele sentimentos conflitantes para dentro de si. Aqueles velhos, antigos e péssimos pensamentos que o acometiam em situações de estresse constante.

Detestava ficar com aquela sensação de que sua vida não era nada. Apenas um maluco que não conseguia se controlar como uma pessoa normal. O aperto no fundo do peito, como se carregasse o mundo inteiro em cima de si mesmo, o sufocamento e o sentimento de impotência a tudo que acontecia na sua volta.

Ricardo nunca gostou de ser taxado de maluco e inconsequente. Era tolerável ele se autodenominar assim, ou aguentar Liana gritando pela casa. Sabia que a irmã nunca gostou de que o rotulassem, e muito já saiu na briga quando escutou isso de terceiros. Somente os familiares poderiam chamar Ricardo daquela forma, nunca ninguém de fora. Uma espécie de apelido caseiro.

Ser apontado por seus erros, ou melhor, por seu ato impulso de salvar Bia, e ser acusado formalmente de instável, era a ruína de Ricardo. Agora, bem mais consciente do seu quadro psiquiátrico, compreendia que não era um maluco, apenas alguém com distúrbios químicos e diversos fatores externos que o levaram a fazer suas ações. Ele se tratava para corrigir isso, e fazia com o maior esmero de todos, e nem era tanto por causa dele mesmo.

Confiava em Sérgio, sabia que se fosse o caso, ele mesmo entraria em uma briga, judicial, claro, em prol de Ricardo contra aquelas falsas acusações. Ricardo não era instável e nem maluco, muito menos inventava sentimentos por Bia e o atacou por causa disso. Tinha uma razão palpável e fundamentada para ser aceita por qualquer pessoa que realmente conheça a história certa.

Sabia que não adiantava nada ficar daquela forma. Nada mudaria o que aconteceu. Não seria em um piscar de olhos que aquela situação seria deixada para trás, e muito menos Ricardo deixaria de ser quem ele realmente era. Miguel já o tinha feito entender e aceitar, moderadamente, a sua realidade e a conviver mais harmoniosamente possível.

O que ele poderia fazer era respirar fundo e aproveitar o final de dia que estava tendo ao lado de Bia. A questão toda sempre fora ela e ele, mais do que necessário, sabia que todas as atenções deveriam ser exclusivamente para Bia.

— O que acha de aproveitarmos e jantarmos por aqui? Melhor do que chegar em casa e ter que catar alguma coisa na geladeira. Acho que nem deve ter nada por lá. — Bia comentou com Ricardo caminhando ao seu lado.

— Acho ótima ideia, vamos aproveitar e ir ao mercado comprar algumas coisas, já que não vamos para casa. — Lamentou-se Ricardo, já que Sérgio sempre carregava o carro do irmão com mercadorias do mercado. Era um bom gasto a menos com tudo a preço de custo para Ricardo. Não que Sérgio fosse cobrar alguma coisa.

Jantaram em um restaurante comum, o que tinha menos movimento até, e conversaram sobre o filme e o que aconteceu com eles durante a semana. Gastaram um pouco de dinheiro para sustentar a geladeira durante a semana e voltaram para o apartamento logo depois.

Estavam cansados. Ricardo tomou seus remédios para ajudá-lo a dormir mais tranquilo e Bia se recostou ao seu lado.

— Obrigada por ter ido ao cinema comigo. — Ela o beijou de leve.

Ricardo, envolveu Bia nos seus braços e puxou ela para mais perto.

— Fiquei preocupada contigo hoje, o dia todo. — Ele suspirou e a abraçou mais forte. — Foi tudo por culpa do que o Thiago falou, não é?

Ricardo não queria falar sobre aquilo, porém, entendia a necessidade de Bia em comentar. Assim como Sérgio, Liana e Fernanda tinham e ele não conseguia escapar, agora teria Bia para acrescentar na sua pequena lista.

— Sim. — Respondeu monossilábico.

Bia voltou a beijá-lo e Ricardo sentiu-se bem com o gesto. Ao contrário da sua família, que queria que ele falasse, custe o que custasse, a comoção de Bia era diferente. Ele podia sentir aquilo e como ela gostaria que compartilhasse os seus sentimentos. Era diferente. Era novo. Era único.

— Não precisa ficar assim. O Thiago está atirando para todos os lados, quanto mais gente ele atingir, menos focam nele.

— Eu sei — Ricardo não pode deixar de sorrir, era um novo jeito de consolá-lo —, mas isso vai além do que ele disse ou inventou. É sobre o que eu sou.

— A melhor pessoa do mundo para mim — Bia o interrompeu.

E para Ricardo aquelas palavras bastaram, naquele momento. Novamente movimentou-se na cama a ponto de deixar Bia embaixo dele. Ela sorriu, o abraçou e aceitou o beijo que lhe dava.

Capítulo 34

O suor escorria pela testa de Ricardo. Ele limpou com a manga da camiseta que estava vestindo e tomou um pouco de água que havia trazido de casa. O sol já estava baixo, nem estava tão calor assim, mas treinar chula não era uma coisa agradável, principalmente para ele que treinava de bombacha e botas na garagem do prédio.

Seria um pouco barulhento para o vizinho de baixo se Ricardo inventasse de treinar no apartamento, e como ele não gostava de importunar as pessoas, não hesitou quando Bia o viu descendo com um cabo de vassoura, o rádio e vestido daquela forma.

— Coloca a música de novo, por favor?

— Acho que tu vai derreter, já treinou bastante, Kado. Amanhã tu continua. — Bia comentou, sentada dentro do carro de Ricardo e sendo a DJ particular dele.

— Estou apenas fazendo o tempo que faço todas as semanas, só que aqui consegue ser mais quente que o CTG.

Bia revirou os olhos e deu o play no cd, que já deveria estar furado, de tantas vezes que tocou a mesma melodia para o ensaio de Ricardo.

Havia alguns anos que ele tinha saído da internada principal, ao qual dançava com Bia desde sempre. Ela, por estar vivendo outra vida naquele momento, abandonou o grupo de danças a pedido de Thiago e até hoje se arrepende do tal ato. Ricardo, assim como toda a sua família, tinha paixão pelas tradições do estado em que vivem e quando ficou sem par, Ricardo teve que expandir seus dotes artísticos para outros ramos. Um em que ele ficaria sozinho e não dependesse de um par.

Por alguns dias pensou nas gineteadas, mas logo de cara percebeu que montar um cavalo xucro e incentiva-lo a corcovear com ele em cima, não era nada agradável e muito menos seguro. Depois, pensou no laço, mas nunca teve coordenação motora para montar, girar o laço e ainda tentar pegar a pobre vaca que está correndo em disparada. Descartou também.

Sérgio o incentivou a experimentar o violão, uma coisa que o irmão sempre gostou e frequentemente ainda praticava. Sempre que faltava algum violonista nos bailes, Sérgio tomava a frente, e muitas vezes, tocou para a internada infantil dançar, acompanhava Inácio aos ensaios e participava junto.

Ricardo até ponderou, teve algumas aulas para pegar as noções básicas e percebeu que se fosse o caso de tocar como o irmão, teria que ter começado há muitos anos atrás. Deixou de lado a ideia em poucas semanas de treino e briga com Sérgio, que era um péssimo professor.

Sobrou, novamente, as danças. Achar alguém interessado em entrar na internada adulta já era difícil, imagina dançar com Ricardo, que era mais experiente que o próprio coreógrafo que estava com o CTG atualmente. Era um cargo que todas as mulheres queriam, mas não tinham o nível que Ricardo e Bia compartilhavam. Eles eram um casal perfeito no salão. Ricardo nunca conseguiria a substituir e nem sentir-se-ia à vontade em fazer isto.

Então, depois de muito pensar e conversar com o coreógrafo, chegou à conclusão que a

única coisa que supriria aquele desejo de estar dentro de um CTG, se apresentando e até mesmo competindo, era a chula.

A chula é uma dança, especialmente masculina, que se constitui de desafios entre oponentes. Com uma lança de madeira no centro, ou com agora, um cabo de vassoura, cada peão sapateia em diversos níveis de dificuldade, sem poder olhar para o cabo e muito menos tocá-lo. Quanto mais reto e passos mais difíceis o gaudério fazer, mais bonita e difícil fica a competição.

Gestos, gritos e até mesmo coreografias faziam parte da apresentação. Ricardo já tinha perdido o tesão por competir pesado quando saiu da adolescência. Porém, depois de ser incentivado pela família, e o patrão do CTG, ele estava começando a amadurecer a ideia. Participou do rodeio que acontece no outono e na Semana Farroupilha da cidade. Chegou até as finais em ambos os casos e foi classificado para a competição regional e se esforçasse mais, poderia até mesmo ganhar dos competidores que ali apareciam. Alguns deles, também dançavam em invernadas quando eram mais jovens, e conheciam a “fama” que Ricardo cultivou por dentro daqueles galpões e os concursos de invernadas.

Apesar de dançar ainda ser o seu favorito, ele gostava da chula. Gostava da organização dela. Do modo sistemático e perfeito que cada passo tinha que ser dado, calculado e medido com precisão. Um prato cheio para os TOC's que ele cultivava com tanto fervor.

Bia o observava e sorria de leve ao ver Ricardo suando daquela forma e tão obcecado por um movimento perfeito que buscava. Sabia o quanto ele gostava de tudo perfeito a sua vida, e na dança não seria diferente.

Ele ficou encarnado naquilo a tarde toda, Bia subiu, dormiu um pouco e acordou com o barulho do chuveiro ligado. Se espreguiçou e foi para a cozinha catar alguma coisa para comerem. Ricardo não demorou a sair do banheiro, com o cabelo molhado e ainda esbaforido do exercício intenso.

— Acho que alguém vai precisar de algum remédio para dor nas pernas amanhã. — Brincou quando ele se aproximou e pegou uma garrafa de água na geladeira.

— Acho que não. Quando eu estou com o coreógrafo ele me puxa bem mais. E eu sei que em breve ele vai começar a me tirar o couro.

— Vai começar o circuito de apresentações em breve, não é?

— Sim, ontem a Fernanda foi levar o Inacinho para experimentar a pilcha do ano — Ricardo sorriu. — Eu adorava quando a mãe me levava na loja para experimentar a minha. Bons tempos. — Ele suspirou e continuou. — Se bem conheço ela e o mano, já devem ter tirado milhares de fotos dele.

— Saudades dos meus vestidos de prenda. A mãe ainda guarda todos eles no quarto de hóspedes.

— A Li também. As minhas coisas estão misturadas com as do Sérgio, em algum lugar. Junto com as do pai. Para o desespero de Fernanda, ocupa quase uma parte inteira do guarda-roupa e ela tem até medo de abrir e sair uma cobra lá de dentro, de tanto tempo que não mexe.

— A mãe sonha quando eu tiver uma filha e colocar os vestidos nela. Pobre criança.

— O Inácio sofreu isso. E ainda sofre. Mas ele está bem animado para as apresentações.

Lembra de como a gente ficava tão elétrico e errávamos tudo a coreografia no último ensaio?

— Nós? — Bia olhou para Ricardo, como se não acreditasse no que ele falava. — Eu e o resto do grupo, tu quer dizer, não é? Tu nunca errou nada, Ricardo, bem pelo contrário, ficava corrigindo a gente e brigando.

— Eu brigando? — Ele espantou-se com o comentário. — Nunca. Só dava umas dicas de como deveria ser.

— Dicas? — Bia sacudiu a cabeça e passou por ele. — Ok, se tu chama aquilo de dicas — debochou rindo. — Mas confesso que sinto muita falta daquele tempo todo. — Suspirou.

Os olhos de Ricardo se acenderam. Naquele momento viu a possibilidade do seu antigo sonho se realizar.

— Vamos voltar para a internada adulta? — Ele convidou e esticou a mão em direção à Bia.

— Voltar? Acho que não tenho mais pique para ensaios.

Ela aceitou a mão dele e Ricardo os direcionou para o meio da sala do apartamento. Colocou a mão na cintura de Bia e aproximou o seu corpo ao dela.

Mesmo sem música ao fundo, e um olhando para os olhos do outro, Ricardo começou a conduzir a dança. Bia não precisava se preocupar, Ricardo era a pessoa perfeita para conduzir uma dança sem ela precisar pensar em correr o perigo de se atrapalhar ou até mesmo pisar no seu pé. Ele sabia e planejava toda a dança para que a sincronia fosse perfeita. E ela adorava cada segundo que ficava nos seus braços.

A paixonite aguda de Bia por Ricardo na adolescência começou exatamente assim. Uma música lenta tocando ao fundo, os dois compartilhando o mesmo ar, de tão perto que estavam. Bia tinha quase certeza de que Ricardo escutava o seu coração palpitar quando ele chegava perto dela.

Bia estava totalmente entregue a Ricardo, principalmente quando ele encostou o rosto no seu pescoço. Aquilo era uma tortura deliciosa para ela. Ricardo, começou a beijá-la por ali mesmo, e Bia estava indo à loucura. Conforme o tempo passava entre eles, Ricardo começava explorar outros pontos importantes a serem levados em consideração.

Já Bia, impulsiva, queria tudo e um pouco mais com ele. Realmente ela sabia que os sentimentos que sentia por Ricardo, iam além daquela paixonite de adolescência que, secretamente, ela cultivava em silêncio e negação para si mesma.

Enlaçou os seus braços sobre ele, atrapalhando qualquer plano de que Ricardo tinha em seguir a dança. Acabaram se desequilibrando e caindo deitados no sofá.

Era realmente aquilo que Bia queria sentir. Descobrir que não era uma maníaca e que Ricardo também tinha um pouco de sangue percorrendo nas suas veias e não exatamente um santo inabalável quanto ela o via. Sim, ele poderia estar muito bem vivo sobre Beatriz.

E quando ele percebeu, a soltou e arregalou os olhos. Ficou vermelho e completamente sem ação. Quando começou a se desculpar com Bia, ela o puxou novamente.

Sim, ela queria ir para a cama com ele. E também entendia que avançar este passo era uma

barreira complicada de se passar. Ricardo era mais velho que ela e virgem. Bia sabia que a condição era existente e que o apavorava o fato dela ser bem mais experiente. Era óbvio que o único contato que ela teve foi com Thiago, e Bia realmente gostaria de esquecer de todos eles.

Sonhava com aquilo já tinha alguns dias. E em como poderia ser diferente. Ricardo era bem mais carinhoso e atencioso no básico, quem saberia como ele seria em um contato mais íntimo.

Bia tinha um plano na sua cabeça e pretendia colocá-lo em prática o mais rápido possível.

Capítulo 35

Ricardo estava sentindo-se ansioso e nervoso ao mesmo tempo.

Sim, ele estava excitado também, mas não queria pensar naquilo naquele momento. A apreensão e a vergonha de estar naquela situação falava mais alto que tudo. Até mesmo que o seu desejo.

Era claro que Ricardo não era tão ingênuo assim, poderia ser virgem e sem nenhum contato mais íntimo com outra pessoa do que Bia, mas não era tão burro. Sabia que o terreno que caminhava com Bia levaria para aquele final em algum dia. Só não imaginava que seu corpo o trairia daquela forma tão rapidamente.

Tirando o fato também que, com o uso dos seus medicamentos fortes, era sabido que sua libido era bem menos constante do que homens normais na sua idade. Ricardo passou a faculdade inteira, e agora escutava seus alunos, falando de todas as suas conquistas, namoros e encontros de uma noite que tinham quase todas as semanas. Já Ricardo não conseguia entender como eles conseguiam. Ele mal conseguia lidar com a sua, pequena e solitária, quem dirá com uma tão abundante como as deles. Ricardo agradecia os seus remédios inibidores de libido. Era uma coisa a menos para se incomodar, uma ansiedade que passava livre por ele.

Era claro que ele queria. E muito. Só não saberia dizer se estava preparado para tal avanço. Poder realizar isto com Bia era mais que um sonho.

— Eu não sei o que fazer. — Admitiu enquanto Bia lutava para tirar a camiseta dele.

— Não te preocupa com isto. — Ricardo fechou os olhos para a camiseta passar por sua cabeça e quando reabriu os olhos Bia estava o olhando de uma forma diferente.

Era como se ele fosse a coisa mais bonita que ela tinha visto em toda a sua vida. Dentro do peito de Ricardo, uma ânsia apertou seu peito e pensamentos de uma natureza que ele não compreendia lutava para se libertar. Ele estava apavorado.

Bia, sem perder mais tempo, retirou e largou a sua blusa pelo chão da sala, a descartando completamente. Sua pele estava arrepiada e pedindo, calorosamente, por qualquer toque de Ricardo. Que parecia estar encantado com o que via na sua frente.

Ela, delicadamente, pegou a sua mão e encostou na sua pele. Foi como se um choque a tivesse acometido. Uma eletricidade que a deixou completamente sedenta por mais.

Hesitante, Ricardo começou a explorar aquele território novo para ele. Era novo, era bom, era inexplicável. Toda a sua vida certinha e correta estava por um fio e ele com medo de ver o que poderia acontecer dali para frente. Principalmente estragar o relacionamento entre os dois.

Bia era experiente. Mais do que ele poderia imaginar, supunha. E que o desastre que ele poderia ser, causaria o afastamento dela. Ricardo queria ser o melhor, principalmente no que dizia a respeito de Beatriz. Ele já era tão falho em tantos aspectos, não queria incluir esse item, que tornaria a relação deles mais problemática.

Sem contar que não fazia muito tempo que Bia quase tinha sido violentada pelo ex-namorado. E se ele não se controlasse a ponto de violá-la assim como Thiago quase fez? Apesar de nunca ter experimentado o sexo em si, Ricardo conhecia histórias e conversava com Miguel

quanto ao histórico de pacientes suicidas que usavam o sexo como uma forma vazia de sobrevivência e como certas atitudes, como até mesmo o sexo desprotegido, era uma saída para acabar com a própria vida indiretamente, ainda mais com tantas doenças andando a solta.

Aquilo o preocupava de uma forma assustadora. Além do alto índice de contato íntimo, aquela faceta Ricardo não estava muito convencida a conhecer e se deparar com mais um problema psiquiátrico para o seu longo histórico.

Bia não merecia mais este fardo sobre ela.

— Não sei se estou pronto para isso, Bia. — Sussurrou quando ela descia a mão sobre o seu corpo tenso em direção a suas bermudas velhas.

— Por que? — A voz dela o fez sentir coisas que nunca tinha sentido. — Não precisa ficar com medo, Ricardo. Tu não vai me machucar.

Ele gemeu baixinho.

Queria creditar naquilo. Queria que a sua primeira vez fosse com Bia, ali, naquele sofá que ele já dormiu inúmeras vezes. Mas o seu medo falava mais do que qualquer sensação de prazer que ele poderia sentir. Não era uma questão só dele, envolvia Bia em todos os sentidos.

— Eu sou virgem. — Admitiu e ouviu Bia sorrir.

— Eu imaginei. — Para o seu alívio, ou desespero, Bia se afastou um pouco e o encarou.

Ela era linda. Ricardo não conseguia desgrudar os seus olhos e mentalizava todos os centímetros que ela expusera.

— Não quero te desvirginar assim, Ricardo. Quero que seja uma coisa para nós dois. — Bia tocou-lhe o rosto de leve. — E nós vamos conseguir. — Sorriu confiante.

Ricardo tentou retribuir o sorriso, mas foi falho. Realmente ele queria mesmo que Bia falasse a verdade e ela realmente acontecesse. Porém, seu medo, suas reticências e temores ainda falavam mais alto do que qualquer palavra que Bia dissesse, mesmo com a maior convicção de todas.

— Qual é o problema? — Ela questionou quando ele desviou os olhos dela.

Ele deu os ombros. Se a situação já era constrangedora por si só, confessar suas falhas soavam ridículo.

— Vamos lá, Kado. Se eu não souber não vou poder te ajudar. — Ela se inclinou e o beijou de leve. — É porque eu sou mais experiente, é isso?

Ricardo continuou em silêncio e hesitante.

— Posso ser, mas hoje, aqui contigo, sou mais novata que tu. A minha vontade é de apagar qualquer momento que eu tive com o Thiago, incluindo o sexo. Perdi a minha virgindade cedo, por pressão dele, e daria tudo para voltar aqueles anos e não ter me deixado levar. Se eu soubesse que um dia estaria contigo, teria entrado para um convento.

Ela riu alto e arrancou um pequeno sorriso tímido dele. Um avanço e tudo.

— Não sei se a proposta seria a mesma.

— Claro que seria, e ainda vai ser. — Ela se aproximou. — Eu sei que tu me quer, posso sentir isso. — Novamente as bochechas de Ricardo se ruborizaram e Bia achou bonitinho e o encheu de beijos. — Toda a menina sonha em perder a sua virgindade com o primeiro amor. Perdi a minha, mas acho que a recuperei quando te beijei pela primeira vez. Tudo é diferente contigo, é melhor, mais carinhoso e mais intenso.

— Não sou um deus, Bia.

— Não mesmo, mas é o meu Kado.

Ricardo sentia-se tão bem quando escutava aquelas palavras. O modo como Bia enfatizava o quanto ele era único e especial. Se escutar aquilo era ótimo, demonstrar então era o paraíso. Meses e mais meses de tratamento psiquiátrico e remédios amenizados por simples frases.

— Eu tenho medo de te machucar. Não vou me conhecer quando acontecer e isso me assusta. — Falou depois de instantes de silêncio entre eles. — Não sou burro, Bia, e sei a minha condição quanto aos remédios que tomo e o que eles fazem comigo. Tu, mais do que ninguém sabe disso também.

Ela concordou com um aceno de cabeça simples. Era de conhecimento básico o quão limitado era a sua libido. Era um problema? Claro que não! Bia era consciente e mais ainda para saber que qualidade não era quantidade. Assim poderia transformar o momento mais único do que ele realmente poderia ser. Ambos aproveitariam a experiência bem mais.

— Não tem problema, Kado. — Novamente ela tocou-lhe a face.

— Tem que ser perfeito, e eu não vou conseguir.

Aquilo tocou o coração de Bia. Um misto de pena e ao mesmo tempo felicidade. Era nítido que o problema de Ricardo mais refletia nela do que nele propriamente dito.

— Não precisa ser perfeito. E tenho certeza de que as primeiras vezes não vão ser. — Ele soltou uma risadinha. — O que realmente importa é que vai ser contigo. E só isso para mim já é a perfeição.

Ricardo comoveu-se. Pegou as mãos de Bia e as beijou. Ela o abraçou e ficaram assim por alguns segundos.

— Não vou ser a louca, maníaca e tarada que vai arrancar a tua virgindade, Ricardo. Apesar de eu querer muito fazer isso nesse momento.

— Eu também — admitiu — mas creio que não seria apropriado. Tu acabou de passar por um trauma e...

— Não quero que o que aconteceu comigo interfira entre nós. — Bia soou até um pouco ríspida demais do que necessitava e logo se arrependeu. — Desculpa. — Saiu de cima de Ricardo e procurou a sua blusa atirada em algum canto esquecido.

Passou as mãos sobre o rosto, tomou uma respiração profunda e continuou a falar.

— Desculpa, Kado. Mas é sério, não quero que o Thiago seja alguma coisa entre nós. Eu faço o máximo para me esquecer todos os segundos que tive ao lado dele, principalmente estes últimos que tivemos agora. Não quero trazer ele para o nosso meio — repetiu ao se aproximar de Ricardo novamente. — São duas coisas completamente diferentes e sem comparação.

— Ok. — Ricardo limitou-se a dizer, enquanto caçava a sua camiseta, tão esquecida como a de Bia.

— Não pensa nele e no que eu vivi com o Thiago. — Apelou. — Não vai fazer bem para ti, e nem para mim. O que eu vivi com ele foi um passado, quase um pesadelo, mas eu acordei e agora meu futuro é contigo.

Ricardo conseguiu vestir-se e levantar lentamente.

— Não é fácil. Tu já teve um relacionamento normal, apesar dos pesares. Foi com ele que tu viu tudo e eu não conheço nada. Isso me assusta demais. Tenho medo que um dia tu acorde e veja que eu sou um zero à esquerda e cheio de problemas que tu não precisa te envolver.

— E eu, Ricardo...? — Ela sorriu tristemente. — E quando tu perceber que eu sou um zero à esquerda e que tu merece uma pessoa melhor? Como eu vou lidar com isso?

— Não existe outra Bia para mim. Tu é única e sempre vai ser.

Ricardo fechou o espaço entre eles e a puxou para os seus braços. Sentia-se com medo ainda. Tinha se apegado à Bia de uma forma indescritível. O pensamento de perdê-la era recorrente e o que ele faria numa situação daquela o perturbava.

— E tu sempre vai ser o meu Ricardo.

Já Bia não ficava tão atrás. A felicidade simples que encontrou ao lado de Ricardo era a melhor que ela poderia esperar para si mesma. Até espantava-se como o sentimento entre eles era tão calmo e tranquilo. Nada de turbilhões e movimentos bruscos.

Ambos estavam começando a se apaixonarem um pelo outro, da forma mais bonita e perfeita de todas. Atravessando os percalços que a vida colocava na frente deles e se apoiando quando precisavam.

Simples. Tranquilo. Calmo.

Capítulo 36

Ricardo estava sentindo-se um nada.

Realmente um nada. Por ele, passava o resto do dia deitado na sua cama, no seu quarto escuro e ficaria dormindo. Dormir era a única saída que ele via para melhorar o seu estado. De olhos fechados, o tempo passaria, levaria com ele o tormento e tudo melhoraria conforme ele passasse.

Ou era assim que ele pensava que iria acontecer.

Ricardo estava cansado. Tão cansado que não tinha ânimo nem para arrumar a sua bolsa para a faculdade. Atirou tudo como estava em cima da sua mesa em casa e saiu sem motivação nenhuma.

Saiu de casa antes mesmo de Bia acordar. Ela estava na sua cama belamente dormindo enquanto tudo que ele mais queria era nem ter acordado e muito menos saído de casa.

Tudo no seu corpo doía, desde piscar a respirar. O mal-estar era geral, a vontade de fazer nada pesando mais que o seu corpo em si e tudo ao seu redor não existia. Era como se Ricardo estivesse em um mundo paralelo e todos não passassem de hologramas que passavam por ele sem se importar com o que estava acontecendo aos seus redores.

Aquilo tudo o deixava completamente indiferente aos seus afazeres. Sua pilha de prova dos alunos acumulava-se em sua mesa, a cobrança dos alunos idem, a preparação para o seu trabalho de doutorado estava perto de um dos prazos de revisão e tudo mais que era de responsabilidade de Ricardo estava acumulando e ele sem ânimo nenhum para começar a se organizar.

Seu TOC por organização estava mais acentuado do que nunca, tanto que chegou até a pedir um frasco daquele produto que Jonathan usa para limpar seu apartamento. Uma coisa gosmenta e que, depois de muita briga entre os dois, Jonathan começou a adicionar na mistura um pouco de essência perfumada.

Passou um dia inteiro trancado no seu quarto o organizando, tirando tudo de dentro, limpando e deixando milimetricamente perfeito. Era a única coisa, além de dormir, que ele conseguia e queria fazer. Depois de tudo estar impecável, a sensação de calma tomava o seu corpo.

Era anestesizador.

Bia não estava indiferente a mudança de Ricardo. E era claro que a preocupava com a condição que ele estava. Nunca tinha visto o Ricardo sem fazer a barba por mais de três dias. Ou agarrar-se nela como ele andava fazendo. Como se Bia fosse a única coisa real no seu mundo indiferente.

E para piorar a situação, ela não tinha a menor ideia de fazer ele se abrir ou pelo menos conversar alguma coisa que pudesse ajudá-lo. Então ela tomou uma decisão, e nem pensou em anunciar ela para Ricardo. Era uma coisa que ela precisava fazer sozinha.

Acordou pela manhã, sem encontrá-lo na cama. Se arrumou e antes de ir para a faculdade, entrou em um prédio comercial e com vários consultórios médicos, incluindo o de Miguel, psiquiatra de longos anos de Ricardo.

Era claro que Bia não tinha consulta marcada quando a secretária questionou. E muito menos dinheiro para pagar uma, quando foi informada do valor que era uma consulta particular. Agora entendia o porquê de a Liana “reclamar” que o irmão mais velho gastava rios de dinheiro com Ricardo e não com ela, mesmo com a montagem do seu consultório odontológico novinho em folha.

Bia começou a explicar a situação. Disse que era conhecida de Ricardo e que gostaria de conversar com Miguel a respeito de alguns comportamentos que ele vinha tendo nos últimos dias. Por sorte, o médico abriu a porta do seu consultório e escutou boa parte da história.

— E tu, quem seria? — Ele a cumprimentou educadamente.

— Beatriz — respondeu.

— Beatriz.... — Miguel testou a palavra e logo teve um estalo. — A Beatriz, Bia?

Ela deu os ombros se saber o que realmente responder. Nunca tinha visto realmente Miguel, apenas ouvido falar dele e de como atendia Ricardo.

— Acho que sim...?

Miguel sorriu. Avisou a secretária que estaria ocupado por alguns minutos e convidou Bia para entrar. Entraram e Miguel fechou a porta, sempre sorrindo. Agora ela percebia qual era o problema entre Sérgio e Miguel, principalmente quando o médico, de sorriso fácil, tocava no nome de Fernanda.

— É um prazer te conhecer, Bia. Pode sentar e vamos conversar um pouco mais.

Bia ficou um pouco envergonhada com a situação toda, mas acabou aceitando a oferta de Miguel.

— O prazer é meu, ainda mais por conhecer uma pessoa que há tanto tempo eu só ouço falar.

Miguel sentou-se atrás de sua mesa e focou em Bia.

— Eu que o diga, Bia. Ultimamente mais escuto o teu nome nas consultas do Ricardo do que qualquer outra coisa. É muito bom te ter aqui e para conversarmos sobre ele um pouco. Eu sei que vocês se conhecem há muito mais tempo do que eu, mas pode ser que o nosso papo acrescente detalhes a mais na nossa biografia do Ricardo.

Bia assentiu e tentou ficar mais confortável na presença de Miguel.

— Sim. — Concordou e arrumou uma mecha invisível dos cabelos atrás dos ouvidos. — Eu estou notando ele estranho, nos últimos dias, recluso demais e eu fiquei preocupada.

— O Ricardo está bem, Bia. Eu posso apostar que ele não está em surto ou coisa parecida. Se ele estivesse tu já teria vindo bem antes. Mas mesmo assim, aprecio a preocupação com ele. O Ricardo é um ótimo guri, porém, passa por alguns períodos mais difíceis que os outros.

Miguel continuou a olhar para Bia.

— Ele está passando por um destes agora. Tudo é novo para o Ricardo, ficar contigo, ter sentimentos por alguém fora do convívio familiar, aceitar o fato de que tu é mais experiente e querer ser o melhor em tudo. Esse é um traço que ele esconde de todo mundo, mas o Kado busca

a perfeição em tudo para compensar a suas falhas. E por mais que eu converse com ele, não consegui fazer ele entender que as pessoas são falhas. Todo mundo erra e vai errar um dia. É normal, aceitável e previsível.

Bia concordou. Ela mesmo já tinha errado tantas vezes na sua pouca idade. Ainda pagava por muitos deles.

— Ele me conta a relação de vocês, e quero deixar bem claro que é assunto confidencial entre nós, não posso te dizer o que o Ricardo me fala e muito menos falar para ele o que tu me dizer hoje. — Bia concordou sabendo que isso era de praxe e nem poderia pedir alguma coisa assim a Miguel. — Contudo, eu estou muito satisfeito com a evolução dele de um tempo para cá. Isso é maravilhoso! Ver o modo como ele está agindo, pensando e, principalmente, não fugindo do que ele sente e quer. Apesar dos seus medos, receios e limitações, o Ricardo está se esforçando muito, Bia.

Bia se emocionou com as palavras do médico. O medo dela era de estar levando ele de volta para o fundo do poço. De trazer para ele uma carga tão grande que ele não possa segurar. E ainda estragar com tudo no final.

— Já posso classificar o Ricardo antes e depois da Bia. E confesso que fico mais tranquilo com a estabilidade dele. Esta reclusão que ele está passando, ou pequena depressão, é normal. É o medo do que vai vir amanhã e ao mesmo tempo a ansiedade para que tudo chegue ao mesmo tempo. É uma fase de transição, ele vai sentir, vai se retrair e vai passar.

Miguel deu um sorriso confiante para Bia. Foi como se um peso de uma tonelada tivesse saído de cima das suas costas.

— Eu fico muito feliz em escutar isso. — Bia sentiu-se leve. — Para mim já estava sendo tudo errado e eu prejudicando mais o Ricardo do que ajudando. Ainda mais no que nós passamos nos últimos dias.

— Aquela agressão dele o deixou muito transtornado, mas não pelas ações dele e sim por tua causa. Foi a primeira vez que vi o Ricardo daquela forma. Apesar de começar conturbada a relação de vocês está fazendo muito bem para ele. Queria eu que todos os meus pacientes tivessem alguém como tu, Bia. Que se preocupa e quer saber como está o andamento do parceiro. A grande parte dos meus pacientes, que já tiveram um passado suicida, ou muito depressivo, são deixados pelos parceiros quando as crises começam, ou desacreditados, a ponto de não compreenderem o que se passa com a outra pessoa ao se lado.

Miguel desabafou.

— Muitas pessoas ainda veem com certo preconceito, tanto o suicídio como a depressão. Não sabem o quanto atrapalham o nosso andamento com o tratamento, principalmente os familiares. Eu não tenho queixas do Ricardo e a família dele é o sonho de qualquer psiquiatra que se preocupe com seus pacientes. Posso pegar o telefone, ligar para o Sérgio que ele, a Fernanda e a Liana, largam tudo o que estão fazendo para atendê-lo. E isso é a coisa mais importante de todas. A presença constante da família, mesmo com o Ricardo achando que é excessiva. E eu te digo, não é, Bia.

— Ele sempre reclama da intromissão deles, mas no fundo gosta de ser o alvo deles.

— É claro que gosta — brincou Miguel — só é muito teimoso para admitir.

Bia saiu do consultório bem mais alegre e confiante do que entrou. As palavras de Miguel a encorajaram para continuar fazendo o aquilo que achava que era o melhor. Apoiar e estar ao lado de Ricardo em todas as fases que ele se encontrar.

Chegou atrasada à faculdade e encontrou Ricardo na hora do almoço, sentado, sozinho em uma das mesas do refeitório. Se aproximou dele sorrindo e o abraçou pelas costas, sem se anunciar. Beijou seu rosto até ele a reconhecer e a beijar de verdade. Era uma coisa tão carinhosa e boa que Bia nem se deu conta de onde estavam.

— Pelo amor de Deus, — ouviram uma voz ao longe — vocês não cansam de estarem juntos e se agarrando sempre?

Bia largou Ricardo e olhou para Jonathan, que largava as suas coisas em cima da mesa para limpar o seu acento no banco.

— Não cansamos, e quando chegar a tua vez, de encontrar alguém para te aturar, eu vou falar as mesmas coisa, Jonathan.

O químico nem se deu o trabalho de olhar para Bia, apenas seguiu desinfetando o lugar em que sentaria em silêncio.

— Vamos sair esta sexta? — Jonathan finalmente sentou, puxou a sua bandeja e começou a limpar os talheres e copo com outra solução feita por ele.

— Não. — Ricardo respondeu. — Não estou a fim.

— Bia? — Jonathan olhou para ela com uma certa expectativa.

— Desculpa, mas se um não vai, o outro também não. — Ela se abraçou em Ricardo pelos ombros e ele suprimiu um suspiro aliviado. Queria ficar em casa, quieto, com Bia ao seu lado.

— Vocês são péssimos amigos. — Jonathan resmungou e finalmente começou a comer, começando a falar de outro assunto, completamente diferente do inicial.

Capítulo 37

Ricardo virou-se na cama, mas a sua vontade de sair dela era absolutamente zero. Tantas coisas para fazer. Tantos problemas para resolver. Mas a sua cama o chamava mais do que qualquer outra coisa que tivesse que fazer.

Sentiu alguma coisa se movimentar ao seu lado e Bia se aproximar das suas costas.

— Bom dia, Kado. — Bia começou a distribuir alguns beijos nas suas costas nua. — Dormiu bem? Eu capotei como uma pedra, nem vi nada.

— Bom dia — respondeu se virando e vendo Bia sorrindo no seu travesseiro, com os cabelos cobrindo parte do seu rosto e sonolenta.

Realmente era uma cena que Ricardo gostaria de guardar para o resto da sua vida. Vendo Bia ao seu lado, era como se todos os seus problemas sérios acabassem.

— Vamos fazer o que hoje? — Ela se aproximou mais e deitou em cima dele, escutando as batidas fortes do seu coração calmo.

Era mais um final de semana deles sozinhos. A barra na cidade pequena onde nasceram ainda estava pesada demais. Então para amenizar os ânimos, e conciliar com a consulta de Fernanda ao obstetra, toda a trupe Chiarelli estava vindo para o domingo.

— Tenho mil e uma coisas para fazer — Ricardo lamentou-se. — Provas, adiantar o trabalho do doutorado e outras coisas.

Bia gemeu baixinho e olhou para ele.

— Hoje é sábado. Nada de trabalhos, por favor. No meio da semana é feriado e tu pode fazer as tuas coisas. Vamos passar um dia juntos, ir ao shopping, tomar chimarrão na praça, mas sair.

Bia deu um pulo da cama, que até assustou Ricardo pela rapidez. O pijama que ela usava mal cobria suas coxas, nuas, e o contorno dos seus seios bem nítido através do tecido fino. Aquela cena também valia a pena ver todos os dias pela manhã.

— Vou tomar banho, quando sair do banheiro quero te ver na porta esperando para entrar, ok?

Bia se virou e no movimento, Ricardo conseguiu ter um vislumbre da parte de trás dela. Realmente sua manhã estava sendo interessante, se for olhar por este lado lascivo que ele estava aprendendo a controlar, ou não. Ele ainda algumas dúvidas sobre esse quesito, ainda mais quando Bia fazia certas coisas com ele que o quase levava à loucura.

Levantou, não por vontade própria, mas por livre e espontânea pressão de Bia. Por ela Ricardo faria até o que estivesse fora do seu alcance, ou até mesmo da sua vontade.

Levantou fazendo uma força acima do normal. Sentia-se cansado. Corpo doido, costas tensas e uma pressão na cabeça que não era relativamente normal. Saiu do quarto quase cambaleando, chegou à cozinha e respirou fundo. Mais um dia começava, mais um dia que passaria com aqueles sintomas e as horas demorariam a passar.

Respirou fundo. Não tinha que ir para a faculdade, nada de aguentar seus alunos falando

junto com ele na hora de explicação, nada do seu orientador falando sobre coisa imperceptíveis no seu trabalho de conclusão. Nada das secretárias cobrando as notas de alunos e os cadernos de aula para conferirem se estava tudo em ordem. Como se Ricardo fosse um idiota, como muito dos seus colegas professores, que deixavam seus cadernos de turma atirado por onde passavam, derramavam café ou perdiam os seus.

Tudo pela Bia. Ela merecia todo aquele esforço que Ricardo fazia, tentando esconder que não queria fazer nada daquilo. Só queria ficar em casa, de preferência, deitado com ela ao seu lado.

Começou a preparar o café e colocar água no chimarrão para que eles levassem ao sair. Escutou o chuveiro fechar e depois de alguns minutos, Bia abriu a porta.

Ricardo estava de costas, somente usando uma cueca solta nos seus quadris. Era uma boa visão para Bia. Longas pernas e definidas, um quadril magro, músculos das costas evidentes e ombros mais largos. Realmente Ricardo era um pedaço de mal caminho. Um caminho que com toda a paciência ela iria conseguir conquistar e se perder em cada curva que ele possuía.

Bia era paciente. Ela precisava ser paciente, principalmente depois que escutou as palavras de Miguel. Ir com calma e dar tempo para que ele não sofresse com o baque era a melhor coisa que ela poderia fazer. Seria ótimo esta espera. Até mesmo para ela. Bia estava sentindo-se um pouco impulsiva e poderia acabar se machucando, ou machucando Ricardo se continuasse no mesmo ritmo. Como se começando realmente a se relacionar com Ricardo, no âmbito mais íntimo possível, tirasse de vez todas as lembranças de Thiago da sua vida.

Não era assim que as coisas aconteceriam e nem deveriam acontecer. Bia não precisava arrastar Ricardo para o redemoinho que estava a vida dela. Bem pelo contrário, queria que ele a resgatasse e trouxesse para a sua tranquilidade de sempre.

Por isso que ela pisou no freio. Reduziu a marcha e manteve o ritmo que não prejudicaria os dois. Seria o melhor para ela e Ricardo. Sabia que valeria a pena e transformaria a suas vidas.

Se aproximou, nas pontas dos pés, o abraçou pelas costas e beijou o seu pescoço, sentindo Ricardo se arrepiar todo. Ele largou o que estava fazendo, virou-se, abraçou a sua cintura e a beijou com gosto de café.

— Não estou na porta do banheiro, mas resolvi fazer o café. Conta? — O sorriso dele a fez sorrir.

— Conta. Agora deixa eu terminar e vai de uma vez! — Brincou e os olhos de Ricardo brilharam.

Sim, todo o trabalho que passavam valeria muito a pena para ambos.

Saíram no meio da manhã em direção ao centro histórico de Porto Alegre. A cidade em si, não tem todo aquele brilhantismo que as grandes capitais possuem, mas o seu charme chama a atenção. Porto Alegre é tratada com carinho pelos seus moradores, para eles não há cidade melhor para se viver. Dotada de um ar misterioso e romântico, seus parques convidam casais enamorados para caminharem de mãos dadas pelas suas extensões. Exatamente como Ricardo e Bia fizeram.

Sentaram em um banco, Ricardo serviu um chimarrão para Bia e ficaram olhando as

crianças brincando com seus pais, atletas com seus exercícios diários, estudantes sonolentos indo para as faculdades virados da noite e pessoas caminhando focadas em seus destinos. O sol acariciava quem por ali passava e deixava o clima agradável para estarem ali.

Ricardo deixava o sol bater no seu rosto, e como a música já dizia, que aí o desgosto se vai. Realmente Bia sabia o que estava fazendo ao tirá-lo de casa. Estava ótimo ficar ali, sentado, com ela o acompanhando e os dois fazendo coisas normais, como pessoas normais. Como um casal normal. Talvez fosse esta normalidade que faltava à sua vida.

Normalidade que realmente ele nunca teve, ou se teve, foi quando seus pais eram vivos.

Era claro que Ricardo não poderia culpar Sérgio. O irmão tinha feito o que estava ao seu alcance na época e, assim como Ricardo, estava destroçado também. Tinha recebido um mercado e dois irmãos mais novos para cuidar. Ninguém imaginava o fardo que Sérgio tinha carregado nas costas por longos anos. O tempo passou, Fernanda chegou com todo o seu amor e carinho pela família e ajudou o irmão no que podia para dar a normalidade que eles precisavam.

Agora, já “homem feito”, Ricardo estava livre para encontrar a sua própria normalidade. Aquele estado de espírito em que poderia relaxar, esquecer da vida e dos problemas por alguns momentos e somente aproveitar os prazeres simples. Depois de muito procurar, ele começava a encontrar sinais de que quem poderia trazer aquilo tudo que ele sempre sonhou.

— Tu está quieto demais. — Bia entregou a cuia vazia para Ricardo, que acordava do seu devaneio momentâneo.

Ele encheu a cuia e começou a tomar.

— Só pensando um pouco. Nada de mais. — Deu os ombros.

— Dou um chocolate e um beijo pelos teus pensamentos. — Ricardo riu baixinho, se aproximou e a beijou de leve.

— Meus pagamentos são uma parte adiantados. O chocolate eu cobro depois.

Bia sorriu para ele e Ricardo começou a falar.

— Eu penso várias coisas ao mesmo tempo. O Miguel diz que eu tenho que parar com este hábito. — Sorriu culpado. — Mas no momento, é sobre a normalidade que tu me traz.

Bia o encarou sem entender o que ele queria dizer. E vendo o ocorrido, Ricardo voltou a falar.

— Minha vida nunca foi normal. Isso é um fato incontestável. Desde que meus pais morreram, principalmente. Com o mano cuidando do mercado, o que sobrava para eu fazer quando estava parado, era trabalhar no mercado. Depois que eu voltei da clínica do Miguel foi o que eu mais fiz, trabalhar, descarregar caixas de mercadoria, compras e afins. Depois sai de casa e me enfurnei estudando, como eu faço até agora. E desde que tu chegou e está comigo, me faz estas coisas, como estar em uma praça num sábado pela manhã ao invés de estar trancado estudando, corrigindo provas ou qualquer outra coisa. Esta normalidade que eu falo. De me tirar do repetitivo. Do modo automático que eu sou e simplesmente viver.

Ele suspirou e continuou a olhar para a frente. Bia percebeu, naquele instante, que o que Ricardo falava era a mais pura verdade de todas. Se ela fazia aquilo com ele, a reciprocidade era

a mesma.

Bia pegou a mão dele e apertou forte.

— Minha vida também não foi normal, Kado. Quando estava com o outro, — evitou de falar o nome de Thiago — vivia em um mundo paralelo ao meu que eu não tinha apreço nenhum. Ficava deslocada e com um sorriso falso para todos que vinham falar comigo. Como eu detestava aqueles eventos e as falsidades que era obrigada a falar e a ouvir. Agora... Contigo — Ricardo a observava sorrir enquanto falava — é tão fácil, tranquilo...

— Normal.... — Ambos falaram juntos e se pegaram rindo.

Bia se aproximou de Ricardo e o beijou lentamente. Seu coração disparou alegremente dentro do seu peito. Era amor, ela sabia. Não apenas aquele amor platônico que sentiu por quase toda a sua adolescência por Ricardo. Era o sentimento pleno, com todo o seu sentido, forma e contexto.

Amava Ricardo com toda a sua força. Aquilo a queria fazer chorar, mas ela segurou as lágrimas. Ricardo não entenderiam o porquê delas e ainda ficaria confuso. Ela não queria estragar o momento. Era uma tão intensa e bonita que ela não conseguiria explicar para ele.

Ainda não era o momento. Ele chegaria, em breve e quando tudo estivesse realmente bem.

Ricardo pegou a mão de Bia e apertou, levantaram e seguiram caminhando pelas praças de Porto Alegre.

Capítulo 38

Ricardo observava atônito o jeito de Jonathan e Sérgio se comportarem em um estádio de futebol. Principalmente Jonathan, era como se outra pessoa estivesse no seu lugar e deixado uma completamente diferente.

— O juiz está comprado, já contabilizei três faltas que ele inverteu e... olha aquilo ali! — Jonathan passava as mãos nos cabelos quase desesperado.

— Eu não acredito que eu estou vendo isso na minha frente. É inadmissível um jogador fazer uma falta daquelas e não levar nenhum amarelo que seja.

Ricardo até entendia o que estava acontecendo no campo, realmente era uma atrocidade e claramente roubado para o time adversário. Porém o que mais lhe chama a atenção era na reação de Jonathan mesmo, aquilo iria contra todos os princípios do amigo.

Tudo começou cedo, com a chegada de Sérgio, Fernanda e Inácio ao apartamento. Liana havia decidido ficar em casa, já que na outra semana estaria na capital para o seu curso de ortodontia. E como já se era de esperar, os três chegaram como um furacão. Fernanda já começava a apresentar cada vez mais a barriga onde Sofia (até então, já que a ecografia para saberem exatamente seria no outro dia) se desenvolvia, Inácio estava crescendo cada vez mais e Sérgio sendo o irmão, pai e marido mais bobo de todos. Nada de diferente até então. Logo quando começaram a fazer os planos do dia, Fernanda pediu para convidarem Jonathan a se juntarem à família.

Como sempre dizem Liana e Ricardo, Sérgio e Fernanda têm uma quedinha pelos amigos desajustados deles. Começou com Richard, sua história de vida rendia um livro de drama cheio de lágrimas, e agora tinha se estendido a Jonathan, com todos os seus TOC's, indiferenças e realmente um ou dois parafusos soltos.

Ricardo tentou argumentar que Jonathan não era assim tão social como Richard, mas foi vencido por Fernanda e aqueles sorrisos simples que ela dava e todo mundo se rendia. Ligou para o amigo e que, por um espanto, aceitou o convite. Não demorou muito para chegar. Prevendo e conhecendo sua família, Ricardo havia reservado a churrasqueira junto ao salão de festas do prédio junto a garagem. Um domingo na família Chiarelli sem um belo churrasco feito por Sérgio não era a mesma coisa.

E depois de almoçados, estufados e com quase toda a louça limpa, veio a dúvida, o que fazerem para terminarem o dia? Inácio teve a melhor ideia de todas, irem ao estádio de futebol e assistir ao jogo do time de todos ali envolvidos: o Grêmio.

Ricardo nunca foi fã de futebol, de olhar todos os jogos, comentar e até mesmo ir ao estádio, simplesmente acompanhava Sérgio quando estava passando na TV ou indo aos jogos com o irmão quando era mais novo. Era divertido e com o tempo foi perdendo a graça, por assim dizer. Levou um susto ao escutar Jonathan se escalando e ainda puxando a carteira de sócio do time, aquela mesma que Sérgio também carregava na carteira. Até mesmo Liana, Fernanda e Ricardo tinham as de dependentes de Sérgio, mas quase nunca usavam.

Inácio era o mais animado de todos, principalmente quando ganhou a camiseta oficial de Sérgio e a sujou com um cachorro quente que se estraçalhou todo depois de algumas mordidas.

Mas nada superava a empolgação de Jonathan, xingando de todos os nomes possíveis os jogadores, juiz e técnico.

— Realmente eu não te conheço hoje. — Contou Ricardo para Jonathan, no intervalo enquanto Sérgio tentava tirar da cabeça de Inácio outra rodada de cachorro quente.

Eles estavam em pé no meio da arquibancada. Muitas pessoas haviam sentado, mas Jonathan já estava diferente demais para abrir mão de um hábito tão higiênico assim. Simplesmente ignorou as outras pessoas sentando e continuou em pé. Sérgio já tinha desabado logo depois do apito e ficou ao lado de Inácio, Ricardo acompanhou o amigo.

— Vinha com o meu avô em quase todos os jogos. Um dos últimos pedidos dele em vida era vir a um jogo e eu trouxe. Foi mágico. Acho que nunca vou me esquecer a felicidade dele naquele dia. Dois dias depois ele faleceu no hospital, ainda segurando a bandeira da sorte.

Ricardo assentiu. Sabia da história de Jonathan com o seu avô, que o criara com um filho e com bem mais afeto que seu próprio pai.

— Comecei a vir antes mesmo de caminhar. Quando era pequeno uma vez, menor que o Inácio, jogaram um copo cheio de urina em nós. Estávamos embaixo da torcida adversária. — Ele deu os ombros e franziu o cenho lembrando-se da história e seu final trágico.

— Eu estou morrendo de fome, pai! — Inácio ainda tentava ganhar Sérgio pela barriga. — Olha isso, — a criança apontou para a própria barriga — ela está murcha e eu estou escutando daqui o ronco dela.

— Deve ser aquela lombriga que tu e a Liana cultivam. Não sei onde vai para tanta comida dentro de vocês. O tio Kado tinha uma quanto tinha a tua idade, se deixar comia até as paredes. Principalmente depois que a tua mãe e a tua avó foram lá para casa.

— Então o tio Kado sabe da fome horrível que eu estou sentindo. — Inácio virou-se para Ricardo, e assim como Fernanda, aqueles olhos e o sorriso simples não deixavam ele negar nada.

— Ok, fui vencido por uma lombriga gigante na tua barriga. — Ricardo deu a mão para Inácio e o levou até a lanchonete mais próxima dentro do estádio.

Pegou o máximo de papeis de boca que conseguia e trouxe um Inácio que nem sabia se caminhava ou comia aquele cachorro quente gigante.

— Se de uma dor de barriga nele, tu vai te entender com a Fernanda. — Avisou Sérgio quando voltaram.

— Eu assumo a culpa.

O apito para o início do segundo tempo soou e o jogo recomeçou. Inácio derruba boa parte do cachorro quente nele e os papeis que Ricardo pegou foram em vão. Teve que apelar para os lenços umedecidos que Jonathan trazia sempre consigo nos bolsos. Uma luta e tanto para conseguir limpar o guri, principalmente quando depois de muitos xingamentos o Grêmio finalmente havia feito um gol.

Ricardo ficou perplexo com a cena de Jonathan se abraçando em Sérgio e ambos pulando em comemoração. Realmente aquele não era o seu amigo de sempre.

Perto do estádio, caminhando entre lojas de roupas, Fernanda arrastava Bia para começar o

enxoval de Sofia. Era claro que Fernanda ficava bem mais à vontade com Bia comprando as roupinhas do bebê do que com Sérgio ou Liana. Pelo menos Beatriz entendia que o exame amanhã poderia dizer que Sofia na verdade era um menino e que não adiantava comprar roupinhas rosas, enfeites de cabelos e todos aqueles bibelôs que Liana e Sérgio catavam em todas as lojas que eles passavam.

— Realmente eu às vezes eu tenho vontade de deixar os dois sozinhos, mas aí me lembro que o Sérgio e a Liana são iguais e quando colocam uma coisa na cabeça — Fernanda revira os olhos — é impossível tirar.

Bia concordava, já que conhecia Liana a mais tempo que a própria Fernanda, e havia sofrido muito com as teimosias da amiga.

Caminharam por mais algumas lojas, Fernanda comprou um pouco de coisas, como roupinhas unissex, com cores claras e sem muita estampa. Era o mais sensato a ser feito. Cansaram de percorrerem e carregarem sacolas que resolveram ir para o ponto de encontro com os rapazes. Em frente a uma lanchonete. Bia e Fernanda aproveitaram para comerem um sorvete, único desejo que Fernanda tinha em todas as suas gravidezes.

— E aí, como está a situação por lá? — Bia criou coragem para perguntar.

Ela falava com sua mãe e pai todos os dias, eles sempre ligavam, mas perguntavam como ela estava e evitavam tocar no assunto Thiago. E com toda a razão, Bia não fazia questão nenhuma de saber. Porém, conversar com Fernanda, era mais calmo e não trazia toda aquela carga emocional que Bia sempre passava quando escutava alguma coisa relacionada a ele.

— Ainda na mesma. — Ela confidenciou entre uma colherada e outra no doce gelado. — Tu sabe como é a cidade, para muitos eu sou a empregada que deu sorte e que ainda está dando o golpe do baú. — Bia balançou a cabeça em negação, mesmo sabendo que isso realmente ainda acontece. — E agora a cidade está dividida em achar o Thiago culpado e inocente. Já escutei os dois lados da história. Mas quer saber a minha opinião de tudo isso?

Bia fez que sim com a cabeça. Fernanda foi praticamente a mentora dela e de Liana na adolescência, tudo que sua mãe achava proibido para a sua idade, seja para conversar, ou até mesmo aquelas revistas adolescentes, era Fernanda quem ela e Liana recorriam. E quase sempre ela dava um jeito de conseguir o que as duas queriam. Ou então guardar aquele segredo que ninguém poderia ficar sabendo. Quem ficou sabendo que Bia e Liana deram os seus primeiros beijos? Fernanda. Para quem elas contaram quando perderam a virgindade com os respectivos namorados? Fernanda...

Ela era a amiga mais velha que toda a adolescente sonhava em ter. E sempre que Fernanda precisava puxar as orelhas delas, Bia e Liana escutavam. Ou um conselho, como agora.

— Todo mundo vai falar, é normal. Sem os assuntos de esquina, acabaria a graça de morar numa cidade sem atrativo nenhum. Não dá bola Bia, eu deixei de dar há muito tempo. Somente nós sabemos o que passamos e o porquê das nossas ações. O Sérgio pediu para vocês se afastarem não por causa disso, e sim porque o Thiago estava incontrolável... Bom, para ti ter uma não, Sérgio quase se avançou no Thiago um dia. E olha que para tirar o Sérgio do controle não é fácil, nem a Liana consegue este feito tão seguido.

— Meu Deus...

— Pois é.... — Fernanda comeu mais um pouco do seu sorvete e sentiu Sofia se mexer de felicidade dentro dela. — Então para evitar um problema maior, dele indo atrás de ti, ou até mesmo do Kado, pedimos para vocês ficarem aqui.

— Era o melhor mesmo. A situação toda já me abalou demais, e indiretamente o Ricardo também. Não quero piorar as coisas, principalmente para ele.

Fernanda pegou a mão de Bia e a consolou.

— O Ricardo está ótimo, pude perceber nele quando pus meus olhos no seu sorriso e nos brilhos dos olhos dele. Eu fico tão feliz por vocês dois se encontrarem neste momento. Apesar dos pesares foi perfeito. Uma das longas conversas antes de dormir minha e do Sérgio foi sobre o futuro do Ricardo, Liana e Inácio. Mas o do Kado sempre foi um ponto de interrogação gigante para o nosso desespero.

Bia deixou o resto do seu sorvete em cima da mesa, mas não ficou por muito tempo, já que Fernanda o resgatou e misturou com o seu.

— Ele sozinho naquele apartamento, apenas estudando e trabalhando, dava aflição em nós lá em casa. Sei que somos grudentos e que ele reclama disto o tempo todo. Mas que opção nós tínhamos? O Ricardo nunca foi namorado, assim como a Liana que nos dava dor de cabeça pela quantidade que teve antes do Richard. Sempre foi sozinho, quieto e com aqueles pensamentos de tirar a própria vida. Nem gosto de lembrar daquela época que passamos por isso. Foi uma luta diária para todos lá em casa.... Bom, tu lembra, não é?

— Sim, a Li ia lá para casa e me contava o que acontecia.

— Graças aos céus que a Li te tinha para desabafar. Adolescência não é uma idade fácil, nem sei se eu estou preparada para viver isso com o Inácio. Ainda mais na condição dele, de não ser filho legítimo do Sérgio. Agora ele nem entende o que significa, mas deixa ele crescer mais e entender, não sei como vou fazer. — Desabafou Fernanda.

— O Inácio é um bom menino, ele vai entender. O Sérgio nunca vai fazer diferença entre ele e a Sofia. Estou para ver um pai mais dedicado que ele.

— Não posso me queixar do Sérgio, ele assumiu o Inácio junto comigo desde o primeiro momento mesmo. Mas voltando ao Ricardo. Ele vive no mundo dele desde sempre. É torturante para um pai, irmão ou até mesmo cunhada ver que ele nunca quis se relacionar com outra pessoa, por puro medo. Medo dele e do que a pessoa vai achar dele. É doloroso ver como ele se autodepreciava daquela forma. Por mais que a gente tentasse, e olha que a Liana empurrou ele para todas as meninas que conheceu na faculdade e no bar quando cantava. Nenhuma nunca chamou a atenção dele, e as que chamava ele ficava receoso sobre o seu problema e não queria ser um fardo para a pessoa.

Bia entendia o que Fernanda falava. Via todas aquelas características em Ricardo.

— Eu vejo isso nele. O medo de querer alguma coisa comigo e ao mesmo tempo de se machucar e me machucar. Uma vez ele me disse que tinha medo que um dia eu acordasse e visse que ele não tinha nada para me oferecer. Aquilo me doeu tanto que eu fiquei quase sem reação. Quem deveria falar estas coisas era eu, o que eu tenho para oferecer ao Ricardo? Um ex namorado que quis me estuprar e me bateu? Experiências que eu quero a todo custo esquecer?

Ele possui bem mais qualidade que eu.

— Deixa de ser boba, Bia. E para de agir como ele. Vocês dois estão ótimos juntos, foi a realização de um pedido meu aos céus, todas às noites. Vocês se conhecem desde que nasceram, sabem o que cada um passou e como aquilo afeta ou não a vida de vocês. Que mulher iria querer ficar com o Ricardo se não conhecesse o seu passado tão bem e soubesse o quanto ele é especial e perfeito ao seu modo? Somente quem o conhece bem, no caso eu, Liana e tu.

Bia sorriu. Realmente aquilo que Fernanda fazia um certo sentido. Nenhuma outra mulher na face da terra estaria a altura para conviver com Ricardo. Nenhuma delas saberia o que ele passou, suas lutas internas, diárias e constantes, suas inúmeras qualidades e, principalmente, aquele coração de ouro que somente Ricardo possuía.

Somente Beatriz poderia ocupar aquele posto. Era seu e de mais ninguém.

Apenas ela conhecia Ricardo tão bem ao ponto de saber quando agir e mostrar para ele que todos aqueles medos e receios que ele sente, são apenas frutos da sua imaginação e ele merece ser feliz pelo resto dos seus dias.

Capítulo 39

Sérgio observava o modo como Ricardo estava olhando suas cartas e imaginou que o irmão era um péssimo jogador, passou a observar Jonathan e viu ali um adversário. Realmente o químico sabia como disfarçar uma mão perfeita, ou estava roubando as cartas do baralho de uma forma inexplicável.

Olhou a sua mão tentou não transparecer nada. Se perdesse aquela partida, teria que levar o lixo até o estacionamento. Sérgio daria um pedaço do seu fígado para ver a cara de Jonathan descendo as escadas com os sacos de lixos e como ele ficaria depois que voltasse ao apartamento. Quantos banhos ele tomaria em questão de cinco minutos?

— Espero que tenha trazido roupas limpas dentro do teu carro, Jonathan. — Sérgio tomou outro gole da sua bebida e o fitou.

— Eu sempre trago uma muda de roupa limpa, para onde eu vá.

— Nunca abra o escaninho da faculdade dele. — Falou Ricardo, ainda com uma cara de quem sabia que nunca ganharia aquela partida, mas indiferente, pois estava em vantagem em ter lavado a louça do jantar. — Fora os inúmeros compostos químicos. Tenho medo que a faculdade exploda pelas coisas que existem ali dentro.

Jonathan dá os ombros e foca na sua mão de cartas.

Sérgio esboça um sorriso sarcástico. Ele estava contente com o dia que havia passado com Ricardo, Jonathan, Bia, Inacinho e Fernanda. Tinha brincado, rido, conversado, xingado o jogo de futebol com vontade, quase apanhado de Fernanda por entregar Inácio naquela sujeira e visto Ricardo com seus próprios olhos.

Sim, Ricardo poderia ser um homem completo, mas nunca deixaria de ser seu irmãozinho, aquele que Sérgio assumiu com pouca idade e terminou de ensiná-lo como seu pai havia feito com ele. Ricardo tinha se desenvolvido como se era esperado. Honesto, bom coração, fiel à família e aos amigos, e acima de tudo, continuava o mesmo Ricardo de sempre.

Sérgio notava apenas algumas diferenças sutis no irmão. Era de fato que aquele olhar triste e carregado que sempre o acompanhou, principalmente mais acentuado depois da morte dos pais, estava mais aliviado. Era sabido que Ricardo tinha suas fases, mas naquele momento, os sinais eram bem menos visíveis do que eles estavam acostumados. Sérgio e Fernanda, ao notarem, ficaram nas nuvens. Suas preces de anos estavam sendo atendida.

Ricardo finalmente havia encontrado a pessoa certa para estar ao seu lado. Bia. Quem diria que aquela menina que se criou com ele e Liana, correndo só de calcinha pelo pátio enquanto eles brincavam com a água da mangueira no verão, seria a mesma que traria felicidade ao Ricardo?

Nem mesmo Sérgio imaginaria isso, por mais que os seus pais brincassem e Ricardo tivesse casado de brincadeira com Bia inúmeras vezes.

Realmente a vida ainda poderia surpreender Sérgio de formas espetaculares. Ele pensou que a maior surpresa da sua vida tinha sido naquele dia em que Fernanda apareceu no seu

escritório ao mando do padre Simas para cuidar dos seus irmãos e o modo como a história tinha acabado. Ou melhor, transcorrido e ainda continuava a rolar.

Era um fato incontestável que Sérgio e Fernanda ainda se preocupavam com Ricardo e Liana. Os cabelos brancos, cada vez mais presentes na cabeça de Sérgio confirmavam. As preocupações sempre eram as mesmas. Se Liana iria parar de fazer suas loucuras, principalmente agora que o Richard estava longe. Com o Richard por perto, Sérgio conseguia até mesmo dormir mais despreocupado, mas agora, com ela livre, leve e solta, o “medo” voltava com força.

Era claro que Liana não era nenhuma delinquente, mas Sérgio conhecia a irmã e as coisas que ela poderia aprontar. Como na fase pré-Richard que a cada semana era um namorado diferente, ou a vez que ela bateu o carro dele e ainda quase saiu de soco no outro motorista. Agora, pelo menos, ela tinha o seu consultório, que já começava a ter uma clientela, e até mesmo o seu trabalho no posto de saúde. Sérgio teve que segurar as lágrimas quando Liana chegou em casa, gritando como uma louca, dizendo que havia passado no concurso da cidade e já tinham a chamado para se apresentar. Sem contar o alívio no final do mês, com ela tendo um salário fixo.

Óbvio que Sérgio não tinha problema nenhum em sustentar Ricardo e Liana, mas era muito bom ver a independência deles. Trabalhando para terem suas coisas, sua liberdade e sem aquela função de ter que pedir dinheiro para o irmão todas as vezes. Sérgio nunca negava, era claro, os dois tinham a mesma participação no mercado que ele, mas também não deixava os dois tão soltos assim. Se dependesse de Liana, ela já tinha gastado o seu dinheiro em um bar, ao invés de montar o seu consultório. Algumas coisas tinham que ter limites.

Já as preocupações com Ricardo sempre eram as mesmas. Se ele estava bem, tomando seus remédios, consultando com Miguel nas datas certas e principalmente, se ele não estava estressado, cansado ou até mesmo triste demais. Miguel já tinha falado para Sérgio e Fernanda não ficarem tão em cima, pressionando, instigando e passando dos limites. Sérgio nunca conseguiu seguir este conselho.

Afinal, não tinha sido Miguel quem tinha socorrido Ricardo dentro de uma banheira coberto com o seu próprio sangue por tentar tirar a sua vida. Uma imagem que Sérgio nunca conseguiu esquecer e os sentimentos de perda e desespero ainda continuavam bem nítidos na sua mente.

Quando Liana estava na faculdade, ficava de olho em Ricardo todos os dias, e mesmo assim, em um momento de descuido ele havia tentado tirar a vida com seus próprios remédios para se manter bem. Uma coisa altamente irônica, já que os mesmos remédios que o ajudavam, quase o mataram. E graças ao Richard, Ricardo havia sido salvo novamente.

Mas agora, com a chegada de Bia a vida do irmão do meio, Sérgio poderia relaxar um pouco mais. Via que Ricardo estava bem, não totalmente, mas mais diferente do que Sérgio tinha visto em todos estes anos. Era um milagre, ele quase o chamava assim.

— Sinto muito, Jonathan, mas o lixo é contigo hoje. — Sérgio sorriu e mostrou suas cartas para os dois.

— Não pode ser! — Jonathan exclamou atordoado.

— Veja e confira. — Sérgio apontou para as cartas. — Elas não vão mentir.

Jonathan suspirou pesadamente. Conferiu as cartas três vezes e percebeu que realmente tinha perdido. Ricardo pegou as suas, arrumou perfeitamente e começou a arrumá-las.

— Eu sabia que não deveria ter jogado com vocês dois. — Sérgio riu de Jonathan, ainda desacreditado com o seu azar.

— Sorte no jogo azar no amor, Jonathan. — Sérgio comentou ainda se vangloriando. — Agora não adianta chorar. O lixo é contigo.

Jonathan levantou como um adolescente emburrado. Sacou um lenço umedecido do bolso da calça e com uma cara de nojo pegou o saco preto contendo o lixo.

— Depois dessa até vou para casa. Nós vemos amanhã à noite na faculdade.

— Certo. — Ricardo o acompanhou até a porta enquanto Sérgio se despedia de Jonathan.

Depois de fechar a porta, olhou para o irmão e ambos começaram a rir da cara de Jonathan. Realmente estava impagável.

Sérgio se aproximou do sofá e ficou olhando e pensando em como levaria Inácio para cama. Fernanda e Bia já tinham ido dormir há tanto tempo que Inácio tinha acabado dormindo enquanto olhava TV. Agora as costas de Sérgio pagariam o pato. Sorte que o guri já tinha tomado banho e escovado os dentes, senão a briga seria ferrenha.

Ricardo voltou para terminar de arrumar as cartas e o que tinha fora do lugar. Sérgio se escorou no sofá, bocejando e observando o irmão. Quando Ricardo acabou e se aproximou, Sérgio o prendeu em um abraço gigante.

— Me solta, Sérgio. Não tenho mais a idade do Inácio para tu fazer isso.

— Cala a boca e me abraça, tchê. Tu e a Liana e essa birra de não quererem me abraçar mais. Só porque cresceram esqueceram de quem eu sou? Nada disso.

Ricardo revirou os olhos, mas acabou cedendo por alguns segundos. Sérgio não o largou quando o tempo de um abraço comum tinha se esgotado. E ao largá-lo ainda focou nos seus olhos, iguais aos seus.

— Está tudo bem? — Era visível que estava, mas Sérgio gostava de escutar da boca do irmão.

— Sim. Um pouco de estresse pelo semestre na faculdade, aproximação de um dos prazos para o doutorado e essas coisas normais de sempre. — Ricardo respondeu sem hesitar. Sérgio gostou do que escutou.

O irmão tinha o péssimo hábito de esconder detalhes da sua vida.

— E tu e a Bia, como estão? Quando vão contar para a Liana, sabe que ela vai surtar, não é?

Ricardo se afastou um pouco de Sérgio.

— Estamos bem e, sinceramente, não estou nenhum pouco a fim de contar para a Li. E acredito que a Bia também.

— Por que? — Sérgio questionou querendo encontrar o “x” da questão.

Ricardo deu os ombros e se afastou mais, foi até a pia novamente e começou a guardar as coisas nos seus devidos lugares, ignorando a pergunta do irmão. Como se fosse adiantar alguma coisa....

Sérgio o seguiu.

— Por que, Kado? Vocês brigaram? Não percebi isso hoje, vi os dois bem juntos até.

— Não brigamos, bem pelo contrário, só que é surreal demais. Eu e a Bia, alguém algum dia pensou nesta possibilidade acontecer?

— O pai e a mãe brincavam com a possibilidade, mas nada de mais.

— Exatamente. — Ricardo se virou para o irmão mais velho. — Se ninguém cogitava, devia ter um significado.

— Ou não esperavam porque vocês foram criados como irmãos, mas eu não vejo nada de errado. Bem pelo contrário, antes um diabo conhecido do que um anjo desconhecido, já dizia o pai anos atrás. — Sérgio concluiu o ditado com um sorriso no rosto.

A piada não havia chegado até Ricardo como ele imaginava que seria.

— Tu gosta dela, mano. Percebemos isso de longe e não é de hoje. Já a Bia sempre teve uma queda por ti, só tu que era cego demais na época e...

— Não era cego, era suicida mesmo.

Sérgio detestava quando Ricardo começava a zombar do seu passado daquela forma desdenhosa.

— Tu sabe que eu não gosto quando tu fala assim! — Ralhou com Ricardo que abaixou os olhos. — E o que eu estava falando era que naquela época tu estava com problemas e não conseguia observar os sinais, agora a história é outra.

Ricardo escutou o irmão ainda sem focar nos seus olhos.

— Todos nós só queremos te ver feliz, Kado. Estamos vendo isso acontecer com a Bia ao teu lado e porque não espalhar de vez? A cidade toda já está comentando mesmo, só a Liana que pensa que sabe da verdade. Se assumam e acabem com os falatórios de vez, ou então deem razão a eles. Adorava ver a cara das pessoas quando viam eu e a Fernanda pela primeira vez juntos, era estimulante. — Sérgio lembrava-se com um olhar distante e nostálgico. — Vai ser melhor para vocês e especialmente para ti.

Ricardo levantou os olhos para o irmão.

— Te conheço e sei que esta cabecinha brilhante e cheia de números deve ficar se perguntando o que a Bia faz contigo. Acredite, meu irmão, muito eu me fiz essa mesma pergunta sobre a Fernanda comigo. Até que eu simplesmente aceitei o fato de que eu sou um baita sortudo e tirei o maior prêmio de todos. Quando os questionamentos pararem e tu perceber isso, vai ver que tudo vai ser bem melhor e mais prazeroso ainda. — Sérgio parou um pouco e voltou a falar. — Falando em prazer, vocês já...

— Sérgio! — Ricardo se afastou um pouco, espantado com a pergunta tão direta do irmão.

— Que foi? Prefiro perguntar isso para ti do que a Liana, não foi nenhum pouco agradável

ter esta conversa com ela. Mesmo com a Fernanda me proibindo de falar uma palavra que fosse. Era meu dever como irmão mais velho orientar e...

— Certo. Vamos parar por aqui — Ricardo queria ir para o seu quarto e só sair de lá quando Sérgio fosse embora para a cidade deles. — Para o teu governo, eu sou bem grandinho e sei me cuidar, e acredito que a Bia também saiba. Não que seja um assunto do teu interesse.

— No momento em que tiver uma criança correndo lá por casa e me chamando de tio, tenho todo o direito de me meter sim. Mas pela tua resposta percebi que ainda não aconteceu nada ainda.

Sérgio se afastou e caminhou em direção a Inácio adormecido, para levar o peso até o meio dele e Fernanda.

— Não sabe o que está perdendo. — Sérgio concluiu ao passar por Ricardo.

Aquele assunto o deixou transtornado, tanto que acabou o que estava fazendo e correu para o seu quarto. E para o seu desespero ficar completo, Bia estava descoberta na sua cama. Aquele mesmo pijama velho e curto de sempre, que deixava suas coxas praticamente nuas encostadas nele. Sem contar que Bia não usava sutiã quando ia dormir, e se encostava nele a noite toda.

Talvez Sérgio estivesse com razão. Ricardo não sabia o que estava perdendo.

Capítulo 40

Bia olhou para o que tinha nas mãos e atestou que seria covardia usar aquilo. Ricardo estava cada vez mais no seu limite de tensão quando estavam juntos. Usar aquele conjunto que ela havia comprado semana passada seria um misto de prazer e ousadia.

Ela sentia, em todos os sentidos da palavra, que Ricardo estava querendo mais do que ela mesmo. O tempo que passavam juntos, especialmente aqueles em que dividiam a cama, estavam cada vez melhores. Ricardo poderia ser inexperiente, mas Bia não poderia reclamar do entusiasmo dele em certas ocasiões.

Faltava apenas um pouco de autoconfiança por parte de Ricardo, ela sabia disso. E então estava dando um empurrãozinho a mais para que ele parasse de pensar muito e se entregasse de uma vez por todas. Beatriz sabia que Ricardo não ia se arrepender, ela ensinaria tudo que pudesse para ele com o maior prazer de todos.

Decidiu colocar assim mesmo. Deixou a *lingerie* ao lado da roupa que colocaria após o banho e a carregou para dentro do banheiro. Se olhou no espelho e sorriu. Aquelas seria uma noite especial.

Por diversos motivos, ela se recordava. Ela e Ricardo estavam comemorando três meses juntos. Vivendo aquele pouco tempo, Bia já podia se considerar outra pessoa, e completamente mais feliz e satisfeita com a sua vida. Ricardo finalmente tinha conseguido colocar a sua vida acadêmica nos eixos, depois dos dias que havia passado na penumbra, estava mais ativo, com aquele brilho no olhar e o sorriso tímido de sempre aparecendo mais frequentemente. E pelas últimas notícias que tinha escutado dele no intervalo de almoço, seu orientador do doutorado havia aprovado a prévia que ele passou quase dois dias inteiros na frente do computador, vidrado na tela e nas suas anotações.

Um passo a mais para o doutor em física, Ricardo Chiarelli, chegar!

Se bem conhecesse Ricardo, quando chegasse em casa estaria feliz e eufórico. Um bom motivo para comemorarem. Bia tomou um banho demorado, vestiu-se e foi para a cozinha dar os últimos toques no jantar que estava preparando.

A porta abriu e Ricardo entrou. Como sempre, no *timing* perfeito.

— O cheiro está lá na recepção. — Ele se aproximou e a abraçou pela cintura. — Meu estômago chegou a roncar alto e eu ainda pensei, bem que poderia ser lá em casa.

— Pois teus desejos se realizaram, futuro Dr. Ricardo. — Ela se virou e Ricardo aproveitou a oportunidade para beijá-la profundamente.

— Olha como é a vida, vou ser doutor antes do Richard. — Comentou ainda nos braços de Bia.

Era ótimo chegar em casa e encontrá-la sorrindo a sua espera. Revigorante, estimulante e encorajador.

Sim, Bia estava se tornando uma encorajadora particular de Ricardo. Ela que o acordava todos os dias, distribuindo beijos doces pelo seu rosto, pescoço e quando ele estava virado, nas suas costas. Não tinha jeito melhor de acordar, ter um dia excelente sem estas dádivas que ela

fazia por ele.

O dia começava com uma energia acima do normal cada vez que Bia fazia estes pequenos gestos. Ricardo era outra pessoa, acordava mais disposto, estimulado e focado nos seus objetivos. Enquanto ele se organizava na sua pequena bagunça que alguns dias de desleixo deixou formar, Bia estava lá, o apoiando, incentivando, o estimulando como ninguém mais conseguiria fazer.

Quando via que ele empacava em algum ponto, de cansaço, lá vinha ela, para o distraí-lo por alguns minutos para que Ricardo respirasse, espairecesse com ela sentando no seu colo enquanto entregava uma caneca de café quente, ou até mesmo água, para que a sua energia e foco voltasse com força total.

E aquilo funcionou tão bem que Ricardo tinha conseguido até mesmo adiantar seus trabalhos.

— Não quero nem ouvir falar do Richard hoje, passei quase uma hora no telefone com a Liana falando sobre ele! E te prepara, porque a briga entre o Sérgio e a Liana foi bem intensa. Depois que desliguei o telefone com ela, a Fernanda me ligou desesperada.

Ricardo gemeu e deitou a sua cabeça na curva do ombro de Bia, a abraçou fortemente e gemeu.

— Nem quero saber e nem me meter na briga deles. São todos adultos e donos de si mesmos.

— Acho bom. — Ricardo saiu do abraço de Bia, mas não sem antes a beijá-la novamente.
— Agora vai para o banho que está quase pronto aqui.

— Sim, senhora. — Ele saiu rapidamente para o seu quarto para pegar uma muda de roupa.

Bia voltou a olhar para panela que estava a sua frente e sorriu.

Seu plano estava correndo o planejado. Ricardo estava com um excelente humor e não queria estraga-lo, pois se não estivesse feliz, teria dado continuidade ao assunto de Liana. Um teste que ele havia passado com louvor.

Jantaram em perfeita harmonia. A sintonia perfeita, aos olhares de Bia. Ricardo era encantador, desde sempre, e somente agora que ela poderia notar aquele jeito sem se sentir culpada. Era tão libertador que se tivesse prestado atenção nos seus sentimentos, nunca teria outra pessoa na sua vida.

Porém a vida tem seus percalços, e se Bia demorou tanto para escutar o seu coração, com certeza tinha algum motivo específico. Talvez ela mesmo não estivesse pronta para um sentimento tão forte como sentia por Ricardo. Ou até mesmo ele não estava pronto o suficiente para viver aqueles momentos de paz que Ricardo tanto almejava.

Contudo, o que mais importava naquele momento era que ambos estavam em sintonia. Como uma música perfeita em uma cena em um filme antigo e romântico.

Ricardo lavou e arrumou a cozinha enquanto Bia se arrumava para dormir. Agora seria a hora. Se Ricardo bebesse, Bia iria dar um jeito de tomar meia garrafa de vinho sozinha para se acalmar e colocar o seu plano em ação. Ela tinha a certeza que estava mais nervosa do que

quando perdeu a sua virgindade com Thiago há anos.

Está certo que aquela vez foi completamente desconfortável, dolorida e sem nenhuma graça. Ela só foi conseguir a sentir alguma coisa, além de dor, depois de muitas tentativas. Agora Bia tinha a certeza de que situação seria outra e completamente diferente.

Ricardo era diferente. Tudo com ele tinha um gosto a mais que ela nunca tinha experimentado com Thiago. Na cama seria a mesma coisa, era apenas o fato de que Ricardo precisava deixar de ser inseguro consigo mesmo.

E por falar nele, quando Ricardo entrou no quarto e tirou a camiseta, Bia se contraiu por completo. Se ele soubesse o que causava nela quando fazia aquilo...

— Está tudo bem? — Ricardo notou a expressão diferente dela, porém não escutou resposta, pois Bia já tinha o alcançado e o beijava com toda a paixão que ela tinha dentro dela.

E com certeza não era pouca.

Ricardo caiu na cama sem nem tempo para reagir ou pensar. Bia o atropelou de uma forma inexplicável e ele estava cada vez cedendo mais aos seus encantos e, principalmente, aos desejos que ele estava tendo.

Bia o deixava completamente maluco e com a cabeça fora do ar, realidade e principalmente desligada. Sem contar as vezes em que ele explorava o corpo dela, delicadamente, e escutava o modo como ela se entregava sem medo nenhum. Aqueles gemidos abafados e sussurros eram a sua perdição por completo.

Ricardo beijava Bia com a mesma fervorosidade que ela. E quando trocaram de posição, com ela por cima, Ricardo percebeu que aquela noite mudaria muitas coisas entre eles.

Bia, lentamente, tirou a sua camiseta estampada de algum personagem de desenho infantil, um contraste notável, devido ao sutiã branco, com uma renda fina e quase transparente. Ela viu o modo como Ricardo reagiu ao vê-lo e vibrou por dentro.

— Tu é linda. — Sussurrou Ricardo ao encostar na pele dela e subir sua mão em direção ao sutiã, contornando a barra dele. — Mais bonita do que uma equação de três folhas que eu fiz esses dias em aula.

Bia jogou a cabeça para trás e riu alto.

— Acho bom escutar isso mesmo.

Bia referiu-se ao fato quando Ricardo estava fazendo uma conta complicada para o projeto do doutorado e mencionou que não havia nada mais bonito do que uma conta gigante daquelas.

— Tu faz eu me sentir a mulher mais linda de todas. — Se aproximou dele e começou a beijar o seu pescoço em direção ao seu peito e mais abaixo ainda.

Fechou os olhos e a respiração de Ricardo ficava cada vez mais rápida e superficial. Bia gostava do que estava vendo e sentindo. Sentada em cima dele, desceu o máximo que podia, até encontrar o cós da bermuda velha que ele usava.

Ricardo abriu os olhos e levantou a cabeça para olhar dentro dos olhos de Bia. Brilhantes, sedutores e com um significado malicioso além do que ele já tinha visto no semblante dela.

Tentador demais.

Ele estava em um bom dia. A levantada de ego que o seu orientador havia lhe dado tinha conferido um ótimo humor. O transformado em um Ricardo mais confiante do que o normal, que no caso dele já era uma grande mudança. Será que o dia além da média, ensolarado na sua vida e quase perfeito poderia se transformar em perfeito de fato?

O cérebro de Ricardo dava milhares de ordens ao mesmo tempo para o seu corpo, e principalmente para ele continuar o que estava fazendo. Seria recompensador, o fechamento de um dia excepcional. Ele daria conta do recado...?

Bia continuava parado olhando para ele, esperando o comando para continuar o que estava fazendo. Ricardo se aproximou mais e a puxou para um beijo longo e tentador, pois ele a tocava em vários pontos ao mesmo tempo, a levando à loucura.

Estava perfeito demais, era apenas um detalhe que o preocupava e sua racionalidade, pensamento além da conta, o fez abrir a boca e mencionar.

— Eu não sei o que fazer. — Confidenciou e logo se arrependeu. A sua insegurança ainda era o seu maior inimigo.

— Faz o que tu quiser, Ricardo. — Bia sorriu e o beijou novamente. — Meu corpo é teu para explorar ele do modo que tu quiser.

A proposta era tentadora demais.

— E se eu te machucar? — Novamente ela sorriu.

— Tu nunca faria isso, Ricardo. — Bia tocou-lhe a face delicadamente. — Confio em ti e te digo que estou mais nervosa do que tu imagina. Se para ti é a primeira vez, a minha vai ser também. Somos dois virgens aqui, Kado. Mas tenho certeza de que será perfeita. Eu quero e tu também. Não tem nada que nos impeça, vamos aprender juntos a descobrir o que cada um gosta e do que os dois gostam.

Ricardo absorveu as palavras dela e novamente atestou, Bia era uma ótima motivadora e incentivadora. Depois daquelas palavras, ele não tinha mais dúvidas: Bia era a mulher perfeita para ele.

Em todos os sentidos.

Capítulo 41

Liana estalou os dedos na frente de Ricardo, para ver se o irmão acordava e retornava ao mundo em que ela e Bia estavam, não no paralelo ao qual ele tinha viajado.

— Acorda, Ricardo! Qual é o teu problema?

Ela pensou em soletrar aquelas três letras que tinham feito sua vida sem graça, pacata e quase inexistente em um furção de emoções: Bia. Porém fechou a boca, já que Liana tinha retomado a falar sobre os grandes problemas da sua vida.

Ricardo estava pensando no tempo que ficaria longe de Bia, principalmente dividindo a cama com ela. Liana havia chegado de supetão, um dia antes do esperado, data que Ricardo e Bia tinham planejado mais uma “aula” para Ricardo. O aluno mais exemplar e dedicado que uma professora poderia ter. Era claro que Bia estava empenhada em ensinar tudo que sabia a Ricardo e ainda aprender mais.

Finalmente Ricardo tinha conhecido os prazeres da vida, dividido com Bia e gostado demais. Contava os minutos para chegar em casa, encontrar Bia na sua cama, usando aqueles pijamas minúsculos e....

— E aí, o Sérgio disse que é para eu pegar as minhas coisas e sair de casa. — Liana interrompeu a linha de pensamento de Ricardo e falava como se aquilo fosse o cúmulo. A ingratidão em forma de ação.

Na verdade, tanto Bia como Ricardo entendiam a questão que Sérgio estava querendo abordar. Realmente ele gostaria de ver a irmã bem longe da sua casa e que começasse a viver a sua vida independente, sem a proteção de Sérgio e Fernanda em todos os momentos. E também um pouco de privacidade, sem a sombra de Liana todos os dias na vida deles, interferindo na criação de Inácio, na vida do casal e em outras coisas mais. Ricardo agora entendia o que aquilo significava...

— Agora me diz, o que eu faço com isso? Estou com vontade de marcar uma consulta com o Miguel para o mano, o que acha Ricardo?

Ricardo levantou os olhos para a irmã e percebeu que estava em uma sinuca de bico.

— Tu não concorda comigo? — Liana pressionava. — O Sérgio só pode estar louco, me expulsar de casa e ainda fazer a Fernanda apoiar ele na decisão. Ela veio falar comigo com aquele jeito manipulador dela, apaziguando o lado do mano, mas eu conheço ela e sei o que está fazendo.

— Acho que não é bem assim, Li... — Bia tentou se intrometer, e desesperadamente a pedir ajuda a Ricardo.

— Claro que é! Onde já se viu...

— Uma mulher da tua idade, formada, concursada e ainda morando com eles. — Ricardo abriu a boca, finalmente. — Os dois são casados e querem uma vida longe dos teus problemas, Liana!

Pode ser que com ele falando, Liana começasse a mudar de opinião.

— Aquela casa é tão minha como tua e deles! Não vou sair da minha casa por causa deles! Os incomodados que se retirem.

Ricardo revirou os olhos. Queria estrangular a irmã.

— Aquela casa é do Sérgio, assim como era dos nossos pais, ou tu ia morar com eles até agora? Pelo amor de Deus, Liana! Pensa! O Sérgio abandonou tudo por nós, Fernanda passou os primeiros anos de casada com o mano conosco na sombra deles. Agora é a oportunidade de dar uma folga para os dois. O mano já não comprou aquele prédio onde fez o teu consultório e disse que o prédio ao lado, com o apartamento atrás e aquele outro quarto e deu tudo para ti? Pensei que tu fosse mais inteligente e tivesse sacado que era para ti te mudar para lá por definitivo. Eu já moro aqui, longe deles, agora é tua vez de vazar de casa!

Bia até chegou a arregalar os olhos para a resposta de Ricardo. Gostava quando ele ficava agressivo, era interessante ver ele perder a cabeça. Um dia ele brigou com um aluno em sala de aula e quando chegou em casa....

— Como é que é? — Liana chegou a se levantar e encarar Ricardo. — Eu não acredito que tu está do lado dele! Se ele quer tanto se livrar de mim, por que não deixou eu ir para fora do país?

Ricardo riu e balançou a cabeça. Realmente Liana se superava na burrice quando queria. Era impossível afirmar que ambos tinham os mesmos fornecedores genéticos.

— Por que será? — Debochou, deixando a irmã mais furiosa ainda. — Talvez, talvez, porque ele gastou uma nota preta naquele consultório, que tu disse que tinha que ser das melhores marcas que existiam? Tu disse, quando o Richard foi embora, que finalmente poderia viver a tua vida, sem ninguém para te incomodar, sendo que na verdade, quem incomodava na história era tu o coitado do Richard?

Ricardo viu a irmã atingir uma nova cor na escala de vermelho. E aí mesmo que alfinetou.

— Cresce, Liana. Deixa de viver neste teu mundinho onde tu estala os dedos e o Sérgio vai fazer os teus desejos. Tu já é bem grandinha para te virar sozinha, na tua casa e pagando as tuas contas. Ou tu pensa que eu não sei que as lojas andam ligando para o mercado cobrando as coisas que tu compra?

— Olha quem fala, o mano gasta rios de dinheiro contigo nas tuas consultas com o teu psiquiatra. — Liana rebateu, Bia ficava olhando para os dois como em uma partida de ping-pong e não sabendo para qual lado torcer.

— E só! — Ricardo também levantou mesmo sendo uns bons centímetros mais alto que Liana, fato que não a intimidou por nada. — Faz muito tempo que o mano não paga nada para mim, a não ser isso que ele fez questão de continuar pagando.

— Claro, vá que o preferido dele enlouqueça de novo, não é? Desta vez não tem a Li para acudir o coitadinho que gosta de tentar se matar.

— Liana! — Bia interferiu se levantando também. Sentiu-se uma formiga em uma disputa de gigantes.

— E tu — Liana se virou para a amiga. — Não pode falar um ai que for. Vive aqui de graça e ainda toma partido por eles! O Sérgio sempre te usou como um exemplo para eu seguir, e olha onde tu está agora. Morando com o retardado do Ricardo, de favor, e agindo como ele!

Ricardo respirou forte. A vontade era de quebrar os dentes de Liana com aquele comentário, sorte que ele se segurou. Contou até trinta de trás para frente e apertou as mãos junto ao corpo. Ele não era um Thiago da vida que descontaria a sua raiva em uma mulher. Por mais que a mulher em questão fosse Liana e realmente estivesse precisando naquele momento.

Mas ele a faria engolir cada uma daquelas palavras sobre Beatriz.

— Ok, chega vocês dois. — Bia colocou a mão sobre o peito de Ricardo, como se pudesse impedir ele de se avançar no pescoço da irmã. — Acho bom cada um ir para os seus quartos e dormirem. Li, tu tem aula amanhã cedo e Kado, tu precisa arrumar a tua mala para irmos para casa.

Ela estava tentando ser forte, mas as palavras de Liana haviam tocado na sua alma. Falou a última frase quase engasgando com o próprio choro. Liana virou-se e saiu em direção ao seu antigo quarto. Bateu a porta com toda a força que tinha e só depois daquilo era que o choro de Bia veio à tona.

Foi o tempo de Ricardo a amparar nos seus braços.

— Eu juro que vou fazer a Liana engolir cada uma daquelas palavras. — Ricardo falou enquanto beijava os seus cabelos diversas vezes. — Ela me paga!

Bia tentou se recuperar, tomou algumas respirações profundas, ainda agarrada em Ricardo e conseguiu recuperar o controle do seu corpo. Saiu do abraço dele, limpando as lágrimas nada delicadamente.

— Não precisa, ela está só confusa com a situação toda e...

— Vocês precisam parar de passar a mão em cima de tudo o que a Liana faz. Ela já é bem grandinha para saber que pode magoar as pessoas com o que pensa.

Bia sabia disso, mas também conhecia Liana melhor do que ninguém. Ela não tinha papas na língua, principalmente quando estava passando por algum problema.

— O Sérgio está acordando para isso. Já disse que quando a Liana chegar, vai colocar ela na parede para ir para o apartamento ao lado do consultório. Vai ajudar ela nos primeiros meses e depois ela que se vire sozinha. E sobre o que ela falou de ti, eu mesmo vou conversar com ela e mandar vir se desculpar.

— Não precisa... Aguento a Li desde que nasci, e já conheço o seu gênio. Ela não fala por mal.

— Só para magoar mesmo. — Bufou Ricardo.

Bia se aproximou e deixou Ricardo a beijá-la de leve. A carregou para o seu quarto, ignorando os pedidos dela para que a deixasse dormir com Liana, assim como seria antes da briga. Ricardo disse para a irmã ir para longe, com uma palavra que Bia não era acostumada a ouvir ele dizer. Depois de muita insistência, acabou cedendo.

Ricardo a ajudou a sair das roupas que vestia e auxiliou a entrar naquele pijama que ele tanto gostava. Bia deitou ao lado dele, sentindo o peito dele se movimentar enquanto respirava, enquanto pensava nas palavras de Liana.

Sim, realmente a sua vida tinha dado uma reviravolta, desde que abandonou Thiago quase no altar. Claro que ela não se arrependia nenhum pouco de tal ato. Foi o seu grito de liberdade para sua vida tomar forma, mas o custo tinha sido alto, principalmente para Ricardo. Para ele, simplesmente foi imposto a sua presença naquela casa.

— A Liana tem razão. — Confessou depois de alguns instantes em silêncio. — Moro aqui de favor.

— Não. — Ricardo se limitou a responder apenas isso.

— E que o Sérgio me usava de exemplo....

— Isso é verdade, tu sempre foi independente e o mano te usava de exemplo para a Li.

— Que belo exemplo me tornei. — Bia ironizou.

Ricardo se virou a abraçou a puxando para mais perto do seu corpo.

— O melhor exemplo para mim. Pelo menos tem fazendo um trabalho excelente na minha vida. — Ele a puxou para perto de si. — Não escuta o que a Liana disse, ela só fala besteira quando quer chamar a atenção. Não mudaria nada da tua vida, principalmente neste momento. — Beijou-a novamente

Bia suspirou, abraçada em Ricardo e sentindo o seu coração bater no mesmo compasso do dele. Ela também não mudaria nada.

Capítulo 42

Aquela tinha sido a viagem de volta para casa mais estranha de todas. Liana havia saído pela manhã, cedo para a especialização em ortodontia, antes mesmo de Ricardo e Bia acordarem. Era melhor assim, disse Ricardo ao ver a casa vazia, não estava nenhum pouco com vontade de ver a irmã tão cedo pela manhã.

Ele e Bia passaram as últimas horas ao lado um do outro e conversando sobre o que poderiam encontrar em casa quando voltarem. Bia estava tensa demais, e não era por menos, só a suposição de poder encontrar Thiago em qualquer esquina era aterrorizante.

Ricardo a acalmou e prometeu que a deixaria em casa, entraria junto com ela e se seguraria de que aquele traste não estava à espreita, como da última vez. E ainda complementou de que se ela quisesse ir a qualquer lugar, que ligasse para sua casa que ele parava o que estava fazendo para acompanhá-la. Seria seu guarda-costas particular.

Ela agradeceu e aceitou com carinho a proteção que Ricardo oferecia. Ela não poderia contar com melhor segurança do que ele. Aquelas palavras dele foram de boa ajuda para com o seu medo repentino.

Arrumaram as malas, pegaram Liana na saída da faculdade e em silêncio os três voltaram para casa. Primeira parada foi na casa da família Chiarelli, Liana desceu do carro, carregando suas coisas e se trancou no seu quarto em seguida.

— Pelo visto, a fera ainda não foi domada. — Sérgio comentou logo após beijar o rosto de Bia a cumprimentando.

— Não quero nem escutar a voz da Liana na minha volta. Quase perdi a paciência com ela ontem e cometi um fratricídio.

— Se não fosse eu me intrometer... — Bia falou reticente.

— E ainda foi xingada por tabela. — Ricardo revirou os olhos.

— Eu não acredito! — Fernanda lamentou-se. — Nem eu sei mais o que fazer com a Liana. Ela anda rebelde demais.

— A rebeldia dela vai acabar cedo. Segunda vou começar a mobiliar a casa ao lado do consultório. Aí vai poder se rebelar à vontade, desde que seja na casa dela.

Bia despediu-se de Fernanda e Sérgio, e Ricardo a levou para casa. Estacionou o carro em frente ao portão e suspirou.

— Quem sabe a gente foge e volta para casa.

— Minha mãe me mataria. — Bia sorriu. — Amanhã voltamos, e aí temos a casa toda para nós. — Ela soltou seu cinto de segurança e o beijou de leve.

— Vou me trancar no meu quarto para não encontrar a Liana no corredor e terminar o trabalho de ontem. Ainda estou furioso pelo o que ela te disse. Não dou bola quando ela me xinga de retardado, maluco e tudo mais que eu escutei durante toda a minha vida, no fundo sei que é verdade, mas não vou tolerar ela falar de ti.

— Esquece, Kado. Eu nem me lembro mais o que a Li falou. Ela fala da boca para fora e

eu conheço a minha amiga. Amanhã vai me ligar como se nada tivesse acontecido. — Bia deu os ombros. — Não te preocupa com isso. Vai para casa, descansa que quando voltarmos temos trabalhos a serem feitos.

— E tu também. — Ricardo soltou o seu cinto e beijou Bia novamente e bem mais livre.

Saíram e Ricardo fez questão de acompanhar Bia até a porta da frente para se certificar que seus pais estavam em casa. A entregou em segurança e voltou para casa. Inácio o encontrou no meio do caminho e seus planos de ir para o quarto dormir foram descartados. Acabou na praça em frente ao mercado da família, andando de bicicleta com o afilhado, até o tempo começar a ficar feio e ameaçar chover.

Aproveitaram a brecha para assaltarem a padaria do mercado. Ricardo ainda tinha uma pequena queda pelos doces que sempre haviam ali, não pensou duas vezes antes de pegar um pouco de cada. Subiram para o escritório de Sérgio e Fernanda para que ele e Inácio pudessem comer em silêncio, sem ninguém desconfiar do pequeno assalto.

Liana dormiu a tarde toda. Acordou com a chuva leve batendo na janela e pelo horário, percebeu que era a hora certa de ligar o seu computador e acessar aquele programa de troca de mensagens em tempo real. Não importando se a pessoa estava perto, ou até mesmo em outro país.

Se conectou e logo uma janela se abriu revelando uma nova conversa.

Richard: Oi, Li, pelo horário, deve ter dormido até agora. Está tudo bem?

Liana: Oi, Matz, estava dormindo mesmo. Está tudo uma bosta, mas e aí, saiu com a guria ontem?

Richard: Saímos, fomos ao cinema ;)

Liana: Hummmm... Cinema, sei... e depois? Levou ela para o teu apartamento?

Richard: Liana... não começa. Não fiquei fazendo questionamentos quando tu saiu com aquele cara....

Liana: Ok... É curiosidade mesmo, não tem nada a ver com ciúmes (pelo menos eu não fiquei mandando mensagens dizendo para eu me cuidar...)

Richard: Apesar de não estarmos mais juntos, me preocupo contigo. Uma coisa é sair com uma colega de trabalho, que eu vejo todos os dias, outra é com uma pessoa que tu nunca viu na vida. Os riscos de acontecer alguma coisa são altos.

Liana: Sei me defender, Matz, e tu sabe disso!

Richard: Sei, Li, temo mais pelas outras pessoas do que por ti. E por falar em outras pessoas, falei com a Fernanda ontem...

Liana: Maldita hora em que o mano colocou internet no escritório do mercado e a Fernanda descobriu este programa. Era claro que ela iria atrás do desamparado favorito dela. O que ela te falou? Que eu sou a pior pessoa do mundo?

Richard: Ainda bem que sou o favorito e não perdi o posto para o Jonathan. Sei que nossas histórias de vida são um mar perfeito para a Fernanda e o Sérgio resgatarem no acolhedor reduto Chiarelli.

Liana: Sim, os dois adoram um desamparado. Não podem ver alguém com problemas que adotam. Agora chega de me enrolar e fala de uma vez!

Richard: Ok, sua apressada. Ela me contou da tua discussão com o Sérgio, e a tua relutância em sair de casa. Já tive na tua posição, Li, e tu lembra que a minha não teve nenhum pouco de conversa amigável. Tu e o Ricardo que me ajudaram a carregar as caixas com as minhas coisas que o meu “pai” ordenou os empregados a me entregarem pelo portão dos fundos da casa dele. Nem entrar para arrumar eu pude.

Liana: aff, para de drama, Matz!

Richard: Ok, só estou te lembrando disso. Sérgio fez tudo por ti, Li. Tudo mesmo. Meu pai tem muito mais dinheiro que vocês e nunca me pagou uma escola particular, um curso pré-vestibular, faculdade ou até mesmo esta especialização que eu estou fazendo. O Sérgio e a Fernanda me ajudaram mais que ele. E, pelo que noto e conheço de vocês, ele está pedindo uma coisa totalmente aceitável. A melhor coisa que me aconteceu foi ter “saído de casa”, ter o meu próprio lugar, apesar de tudo. Acho que é muito válido a experiência, Li. Se eu morasse por aí, te ajudaria na mudança, até passaria uns dias contigo para te acostumar....

Liana: Gosto de ficar aqui. Fui criada nesta casa, tudo que eu tenho está aqui!

Richard: Li.... Minha marrenta favorita.... A vida é assim, chega uma hora em que temos que deixar algumas coisas para trás. Tu não é mais criança (eu sei disso em todos os sentidos das palavras 3:)) e está na hora de ter a tua própria vida. Eu conheço o local em si, duas quadras de distância da casa de vocês, ao lado do consultório e do mercado. Um pulo e está perto do Sérgio, Fernanda, Inácio e até mesmo da Sofia que está por vir. Eu sei que é assustador, é o único elo que sobrou entre tu e os teus pais, e agora ver que a tua casa vai ser outra é aterrorizante, mas é natural, aceitável. Se eu estivesse aí te abraçaria neste momento.

Liana: Sinto tua falta aqui, Matz. Queria largar tudo e ir para aí, ficar contigo, mas nem isso me deixam fazer! O Sérgio e o Ricardo disseram que eu não vou! Como se eles tivessem algum poder sobre o que eu decido!

Richard: Li... Eu só estou aqui porque a oferta era imperdível. Se não fosse isso eu estaria aí no meio de vocês. Vocês são a coisa mais próxima de uma família que eu tenho. Tu tem o teu consultório pronto, está fazendo o curso que sempre quis e tem toda a mordomia do mundo aos teus pés. O Sérgio nunca vai te deixar desamparado na rua. Não coloca na cabeça que quer vir para cá, a não ser nas férias passar uns dias comigo. Constrói a tua vida e a tua carreira aí na tua cidade, nem que seja por alguns anos. Se não der certo aí tu pensa em ir para outro lugar. Espera eu voltar e a gente colocar nossos planos em prática ;)

Liana: Ok. Não demora, Matz...

Richard: Passa rápido, Li. Quando eu chegar, tu vai ficar até enjoada de me ver por perto. Tenho que ir, amanhã tenho um plantão de 12h e preciso dormir. Acalma essa cabecinha iluminada aí, para de brigar com o Sérgio e o Kado, isso só faz com que a Fernanda fique nervosa e a Fifi também. Te cuida.

Liana: Tu também, bom plantão.

Liana fechou a janela da conversa e suspirou. Gostava de morar ali, na sua casa de

infância, todas suas lembranças estavam naquele lugar mágico. Pensar em não se referir àquela casa como lar era dolorido demais.

Desligou o computador quando a chuva começou a apertar e aproveitou para tomar um banho demorado. Ao sair, escutou o barulho e o movimento no andar de baixo. Todo mundo já tinha retornado para casa. Inácio gritava e ria de alguma coisa enquanto subia as escadas e escutou Sérgio caminhando atrás dele. As batidas na sua porta não demorou a surgirem.

— O Inácio decidiu que ele fazer cachorro-quente esta noite. Vai querer ou vai comer outra coisa.

— Vou querer sim. — Respondeu.

— Ok, e depois de jantarmos quero ter uma conversa séria contigo. E não quero saber de gritos, portas batendo ou outra extravagância que tu possa fazer por raiva. A Fernanda está cansada e com dor de cabeça, vai jantar e deitar, e o Ricardo me disse que ontem tu deu escândalo por lá. Minha paciência tem limite e estou chegando perto dela....

Sérgio se virou e saiu em direção ao quarto de Inácio, já deixando Liana advertida e bem consciente dos seus atos.

Realmente, Liana precisava crescer e ser independente, ser dona do seu próprio nariz. Ela só não esperava que a responsabilidade estivesse tão perto assim.

Capítulo 43

Ricardo estava deitado no escuro, escutando o barulho dos trovões que caíam em algum lugar ao longe e apreciando o clarão que entrava pela janela aberta propositalmente para este fim. Ricardo ainda se recordava de quando era pequeno e com toda aquela curiosidade que a sua idade comportava. Foi o seu pai, da mesma janela que estava aberta hoje, que o explicou a origem dos raios. Foi uma experiência tão marcante, que Ricardo ainda se lembrava das palavras que ele havia dito.

Anos mais tarde, já na faculdade, ao explicar para seus alunos, percebeu que tinha usado o mesmo exemplo que o pai havia lhe dado.

Outro clarão iluminou seu quarto, acompanhado pelo barulho alto, fazendo estremecer os vidros. E logo após, a batida fraca na sua porta.

— Kado... — Liana sussurrou atrás da porta fechada.

— Está aberta.... — Respondeu ele.

Era óbvio que a porta estava aberta, Sérgio não tolerava portas trancadas à chaves. Principalmente depois que ele teve que derrubar uma para encontrar Ricardo no banheiro submerso no seu próprio sangue. Sérgio não pensou duas vezes em arrecadar todas as chaves das portas da casa e colocá-las fora. Apenas duas portas tinham chaves, e eram a de entrada e saída da casa.

E sem contar que no meio da noite, ou antes de sair para trabalhar, Sérgio sempre acordava e dava uma conferida em Ricardo, Liana e Inácio. Um hábito que, por mais brigas por parte de Liana, principalmente depois que o Richard começou a dormir no quarto dela, ele nunca abandonou e nem faz questão de abandonar.

Liana não pensou duas vezes antes de abrir a porta e se enfiar na cama ao lado de Ricardo, que se afastou um pouco dela.

— Muita chuva e trovões, não consigo dormir... — Liana tentou dar motivos para a sua aparição.

Mas na verdade, e Ricardo sabia, era que a irmã tinha um medo irracional de chuvas fortes, raios e trovões. Não precisava chover muito para que ela entrasse em pânico no seu quarto e entrasse no primeiro que encontrasse. E convenhamos que ela já era bem grandinha para invadir a cama de Sérgio e Fernanda. Inácio preenchia o seu lugar naquele momento. Sobrava para o coitado de Ricardo....

— Não vai falar mais comigo? — Ela tentava puxar assunto com o irmão do meio sem sucesso nenhum. — Para o teu governo, o Sérgio me prensou contra a parede e eu não tive escolha a não ser aceitar o buraco que ele quer me enfiar.

Ricardo sabia, era claro. Assim que saiu do ensaio do CTG, quase a hora do mercado fechar, encontrou Sérgio e os dois conversaram. Ricardo não era um fofoqueiro, mas sabia que a irmã tinha passados dos limites, e a única pessoa no mundo para conseguir freá-la era Sérgio. Por mais que Liana se dissesse independente, dona do seu próprio nariz e decisões, ela tinha um medo e respeito por Sérgio quase que paterno.

Sérgio havia dito que Liana não tinha escolha naquele momento. Ela iria para a sua casa, independente se gostasse ou não. E sobre o que ela falou sobre Bia, Ricardo pediu para ele mesmo cuidar da questão.

— O meu apartamento está mais para buraco que aquele para o que tu vai, é o dobro. Sem contar que o mano vai te entregar mobiliado, tudo novinho. — Respondeu ríspidamente. — Só acho que tu não tem o direito de reclamar de nada, Liana.

— É claro que eu reclamo. Não quero sair daqui! Onde mais eu vou encontrar alguém para dormir comigo nos dias de chuva forte? Vou ter que sair de lá e vir para cá no meio do temporal?

— Se tu não fosse tão arredia, poderia... sei lá, encontrar alguém para te aguentar.

Liana riu baixinho.

— E fala a pessoa com mais pretendentes por metro quadrado.

Ricardo ignorou o que a irmã lhe disse.

— Se fosse fácil.... Acho que perdi o jeito depois que namorei o Matz, antes parecia mais descomplicado, sair, encontrar alguém e se relacionar.

— Ou talvez, tu tenha crescido e percebido que não vale a pena se aventurar por qualquer coisa que aparece na tua frente.

Liana levantou um pouco e olhou para o irmão.

— Está dizendo que eu era uma vadia antes do Richard?

— Se tu entendeu isso — Ricardo deu de ombros levemente. — Ai!

Liana o bateu no ombro.

— A Bia é um et, isso sim! — Ela voltou a falar e Ricardo teve que se segurar para impedi-la de tocar no nome da amiga. — Mal saiu do traste do Thiago, e já está com outro. Queria saber o que ela tem de ouro que eu não possuo. Ela sim que é uma vadia e...

— Se tu falar mais alguma coisa da Bia, eu te joga da janela aqui. — A respiração de Ricardo ficou tensa instantaneamente.

— Credo, Kado. Só estava brincando com a Bia. Liguei hoje para ela e...

— Tu teve a cara de pau para ligar para ela?

Ricardo sentou na sua cama e, iluminado por mais um raio, olhou para a irmã abismado. Liana precisava apanhar muito da vida ainda para aprender a não mexer com os sentimentos dos outros.

— Qual é o teu problema, Ricardo? Só porque agora convive com a Bia está se achando mais amigo dela do que eu? — Ela elevou um pouco a voz.

Ricardo riu ironicamente.

— Sabe por que tu está sozinha, Liana? Porque ninguém te aguenta, teve milhares de namorados, mas o único que te aguentou todos estes anos foi o coitado do Richard, isso porque ele é mais carente de atenção do que eu e o Jonathan juntos. Só ele para te aguentar mesmo. Olha o que tu falou para a Bia ontem.

Liana olhou para o irmão sem entender o que ele queria dizer. Ricardo realmente não podia acreditar que teria que lembrar a irmã do episódio em questão.

— Dizendo que ela está morando de favor comigo! Pelo amor de Deus, Liana!

— Eu estava brincando, bem capaz que ela acreditou numa coisa daquelas.

— Acreditou tanto que quando tu saiu da cozinha ela começou a chorar nos meus braços.

— TPM, como sempre. Ela sempre fica chorosa nestes dias.

Ricardo estava perdendo a paciência, assim como Sérgio. E isto não era uma boa coisa, a última vez que tinha perdido a sua, tinha colocado Thiago no hospital e com o rosto desconfigurado. Acreditava que este quadro não ficaria bem na irmã.

— Liana, eu não quero mais te ver falando assim da Bia, ou qualquer outra pessoa.

Liana olhou para o irmão e riu da sua cara. Aquilo bastou para que Ricardo perdesse mais um pouco da sua paciência e agarrasse o braço da irmã com força.

— A tua sorte, é que eu estou controlado, Liana. A minha vontade é... — Ricardo não tinha nem coragem de proferir aquelas palavras.

— Tu está me machucando!

— É bom mesmo, assim tu aprende que as palavras também machucam. — Ele a soltou. — Passei a minha vida toda escutando tu me chamar de inúmeras coisas, e eu nunca dei bola, mas não vou tolerar uma vírgula sobre a Beatriz, estamos entendidos?

Liana olhou para o irmão e não o reconheceu. Aquele não era o Ricardo que relevava tudo o que ela falava. Não dava bola e se deixasse, Liana ficava falando nos seus ouvidos por horas. Somente depois de alguns instantes, ligando os pontos soltos naquela conversa estranha, que Liana começou a traçar um quadro na sua mente.

— Por que esta preocupação adicional com a Bia, Ricardo?

— Porque ela está passando por um momento difícil e...

— Como eu fui burra, — ela riu incrédula com a sua estupidez tão aparente. — Vocês dois estão juntos! Eu não acredito!

Ricardo ficou em silêncio observando a irmã.

— Era claro que isso ia acontecer, a carente e o retardado. O casal perfeito da cidade!

— Não fala assim, Liana, eu já te pedi! Pode me chamar de qualquer coisa, mas não vou aceitar rótulos para a Bia ou qualquer coisa maldosa que tu possa falar!

Liana começou a rir de uma forma histérica.

— Não quero nem estar aqui quando a coisa toda explodir no ventilador. — Sorriu com mil e uma más intenções. — Ou tu acha que isso realmente vai durar, Ricardo? Sério... Tu e a Bia?

Ricardo queria se manter forte no que falava, mas a persistência de Liana era maior naquele momento.

— Ela sempre teve uma queda doentia por ti quando éramos crianças, só começou a namorar com o Thiago porque tu nunca deu bola para ela. Estava ocupado demais tentando não se matar. Agora, depois da merda toda que aconteceu, a Bia tem uma crise existencial e se atira nos braços do primeiro amor adolescente dela...

Ricardo engoliu em silêncio.

— Estamos juntos porque gostamos um do outro, não por causa disso, Liana. Tu não sabe o que se passa entre nós.

— E nem quero. Vai te divertindo, maninho, porque quando tu menos esperar... — Liana levantou o braço e deu um tchauzinho para Ricardo, que tentava se manter firme naquelas palavras maldosas da irmã.

Aquela era para ser uma conversa definitiva, ao qual Ricardo mostraria para a irmã que estava em pleno poderes de mandar na sua vida e não para o que os outros falavam. E pelo visto, estava saindo pelo contrário do que imaginava.

— Não vai me dizer que tu te apaixonou pela Bia, Kado? Sério, maninho? — Ricardo tentava manter o olhar fixo em Liana, mas a vontade de expulsá-la do seu quarto para ele remoer aquelas palavras era mais forte.

No fundo, ele sabia que Liana tinha razão, mas estava vivendo e se deixando viver pelo momento em que estavam. Aquilo para ele estava bastando, apenas passando um dia de cada vez, sem pensar muito e aproveitando cada momento. Amanhã era um dia muito distante de hoje para se preocupar.

Capítulo 44

Bia havia escutado o barulho de gente chegando em casa, mas imaginava que era uma das amigas da sua mãe. Não demorou muito para que os passos nas escadas chegassem e alguém entrasse no seu quarto, sem nem se dar ao trabalho de bater à porta.

— Liana! — Bia colocou a mão sobre o seu coração acelerado, havia levado um susto e tanto. — Aconteceu alguma coisa para tu chegar aqui deste jeito?

Liana entrou, fechou a porta e encarou a amiga.

— Que história é essa de estar com o Ricardo? De todas as pessoas do mundo que poderiam estar contigo, nunca imaginei que seria o meu irmão!

Beatriz sorriu. Era ótimo tirar aquela apreensão de que os dois estavam às escondidas. Com Ricardo revelando o segredo para a irmã, era um passo a menos para que os dois ficassem juntos perante todos. Era o que Bia mais queria, sair daquela clandestinidade e realmente ser feliz ao lado de Ricardo.

— Foi acontecendo e quando vimos....

Liana não acreditava no que estava escutando e vendo. Será que ela era a única percebendo que aquilo tudo era uma loucura sem fim?

Ontem, quando ouviu aquelas palavras de Ricardo, previu o futuro do irmão em segundos. Bia era motivada pelo seu amor de adolescência, aquela coisa utópica e quase platônica, onde ela amava todos os aspectos de Ricardo. Sua inteligência, educação perfeita com qualquer pessoa, sua alma pura e até mesmo a inocência e ingenuidade. Aquilo deixava Liana louca, só ela mesma sabia o que era conviver com Ricardo. Principalmente naqueles anos pós tentativa de suicídio.

O Ricardo em casa era uma pessoa completamente diferente da idealizada por Bia. Não existia nem comparação entre os dois. E quando foi morar com ele, durante a faculdade, percebeu que o irmão iria morrer solteiro e virgem, nenhuma mulher suportaria as manias e como ele levava a sua vida completamente organizada.

Era por este motivo que Liana tinha falado aquelas coisas para o irmão ontem. Queria saber a sua reação ao escutar aquilo e o que viu a deixou com o coração apertado. Ricardo estava completamente apaixonado pela sua melhor amiga. E ela faria de tudo para que ambos recobrissem a consciência e vissem a loucura que era aquela situação toda.

Será que Bia não percebia que estava apenas sentindo um reflexo daquele amor platônico de anos? Que estava brincando em um terreno em brasa quente? No momento em que Bia visse que estar com Ricardo era um erro e o largasse de qualquer jeito, como ele reagiria?

Liana sabia da resposta e não ficaria de expectadora para ver o declínio de Ricardo ao ponto de ele voltar à estaca zero no seu tratamento contínuo. Principalmente agora que ele estava morando sozinho e não tinha ninguém de casa para controlar os seus remédios, dosagens e se ele estava realmente seguindo à risca o modo como Miguel tinha prescrito.

— Como tu pode ser tão mesquinha a ponto de brincar com os sentimentos dele?

Bia piscou algumas vezes para entender o que Liana estava querendo dizer ali na sua

frente.

— Como...?

— Não te faz de idiota, Beatriz. Tu ainda não percebeu que estás brincando com os sentimentos dele? O Ricardo está completamente apaixonado por ti, e quando tu cair na realidade e perceber que o que estás sentindo é apenas um reflexo daquela paixãoite idiota de adolescência, o que tu acha vai acontecer com ele?

Liana deu um passo para frente, quase que ameaçando Beatriz.

— Liana, não estou entendendo! Quem disse que os meus sentimentos por ele são reflexo daquela paixãoite? Quem é disse isso e quem é tu para falar o que eu sinto?

— Está na cara, Bia. Só não vê quem não quer! Tu estás carente, pelo o que aconteceu contigo e o Thiago, e o Ricardo foi o que apareceu na tua frente!

Bia chegou a ficar tonta com o que Liana estava dizendo. Não era para ela ter ido para a sua casa e as duas estarem conversando sobre a saída dela de casa? Esse assunto sim faria bem mais sentido do que ela estava ouvindo naquele momento.

— Liana, acho bom tu te acalmar um pouco. — Bia queria desacelerar a amiga para entender todo aquele contexto problemático que Liana estava a apresentando. — Vamos conversar sobre o início de tudo, que o Sérgio quer te mobiliar uma casa...

— Isso já é passado. Ele já resolveu e não vai mudar de ideia, que fique com a casa toda para ele de uma vez.

— Li... — Bia se aproximou da amiga e a tocou no braço. — Vai ser melhor para ti e para ele. Tu vai ver que ter a tua própria casa, teu lugar, vai ser melhor, vai te dar mais independência e....

Liana se afastou da amiga rapidamente.

— Já disse que isto está resolvido. O que vim resolver agora e tu sendo uma vadia e brincando com os sentimentos do meu irmão. Só te digo uma coisa, Beatriz, se tu fizer o meu irmão sofrer, ou se matar, eu juro que...

Naquele momento, Liana se segurou na cadeira que tinha próximo a escrivaninha de Bia e desatou a chorar. Bia olhou para a amiga sem entender o que estava acontecendo.

Se aproximou dela, a carregou para a sua cama, onde as duas sentaram.

— Está tudo bem, Li. — Bia afagava os cabelos de Liana calmamente. — Estar com o Ricardo é além dos sonhos. Se eu soubesse que seria bem mais feliz com ele nestes últimos meses do que fui em anos com o Thiago, nunca teria aceitado o namoro com ele. Ficaria esperando o Kado até agora.

Liana limpava as suas lágrimas nada delicadamente. Senta-se uma inútil naquele momento, com saudade do ex namorado, sem uma casa para chamar de sua e vendo o seu irmão se perder de amores pela sua melhor amiga.

O que estava acontecendo com a tua vida, Liana?

Realmente ele gostaria de saber a resposta para o dilema. Queria chegar na sua casa, deitar

na sua cama e saber que tudo estava no seu devido lugar. Richard estudando para voltar e ambos começarem a colocarem os planos em prática, nenhum deles tinha envolvimento amoroso, mas implicava em uma parceria para a eternidade. Ricardo continuava o seu irmão, sem ser iludido por Bia e com risco de surtar quando ela resolvesse o largar. E Sérgio... Bom, Sérgio continuaria o mesmo, seu irmão mais velho, mandando e desmandando na sua vida a ponto de decidir onde ela moraria pelos próximos anos.

Aquela situação toda estava a deixando maluca!

— Não precisa te preocupar com ele, eu prometo. Vou cuidar do Ricardo e te digo que nunca brincaria com os sentimentos dele. — Beatriz voltou a falar.

— Falar é fácil. E quando tu perceber que tudo não passou de uma ilusão adolescente? Ele é uma pessoa, apesar dos seus problemas, não merece ser um brinquedo nas tuas mãos.

— Jesus, Liana! Olha para mim! Eu não estou brincando com o Ricardo! Nesta história toda quem teria mais chance de brincar com alguém seria ele. Olha quem eu sou perto dele! Uma desajustada! Que foi espancada pelo noivo dias antes do próprio casamento e a poucos dias também. O Ricardo se quisesse teria corrido longe de mim na primeira oportunidade. Mas ele não fez isso, bem pelo contrário, me deu a melhor chance de todas. De acreditar novamente que eu posso amar alguém e ser amada na mesma intensidade. Ele me faz feliz, ele me deixa ser feliz com as minhas escolhas. Coisa que o Thiago nunca iria fazer por mim.

Bia falava com o coração aberto para a amiga. Era a mais pura verdade de todas.

Liana levantou-se da cama de Bia e foi embora sem falar mais nenhuma palavra. Bia até chegou a ir atrás dela, mas não adiantou. Liana já estava arrancando o carro de Ricardo quando ela chegou ao portão. Sua mãe veio logo atrás, questionando o que tinha acontecido.

— Liana dando uma de Liana. — Bia deu os ombros. — Ela está sofrendo pela falta do Richard, o Sérgio quer que ela saia de casa e ela descobriu um segredo meu e do Ricardo.

— Que segredo, Beatriz? — Seus pais ainda estavam às cegas sobre o novo relacionamento da filha. Bia achou que esta era a hora perfeita para acabar com todos os segredos.

— Vamos atrás do pai que eu conto de uma vez para os dois.

Ricardo estava sentado na sua escrivaninha do quarto, lendo um dos trabalhos de alunos que trouxe para dar uma olhada. A porta abriu de leve e Sérgio entrou, sentando-se na sua cama.

— Acho que vou internar a Liana, posso?

— Ela te impediu de me internar aquela vez? — Sérgio negou com a cabeça. — Então pode fazer o que quiser com ela.

Sérgio riu.

— Ela veio me questionar se eu sabia que tu e a Bia estavam juntos, disse que tinha pegado vocês no flagra há um tempo e que gostava da relação. Aí ela veio me dizer que isso tudo era loucura que vocês eram uma bomba-relógio e que poderiam explodir a qualquer momento. Ela tem medo que a Bia te deixe e tu tente te matar de novo. — Ricardo só escutava, nem tirava a caneta de cima do papel, onde fazia correções no trabalho. — Aí eu disse que vocês dois eram

bem grandinhos para arcarem com as consequências dos seus atos. Ela quase surtou com isso, acho que saiu com o teu carro em direção à casa da Bia para tirar a história à limpo.

Ricardo largou a caneta, no seu específico lugar e olhou para o irmão mais velho.

— Eu contei ontem e ela fez a questão de me jogar tudo isso na cara. Como se eu não soubesse dos riscos. Realmente não preciso escutar isso de todo mundo, estou bem ciente que a Bia pode se cansar de mim de uma hora para a outra e me largar. Só que eu decido me arriscar e ver onde isso vai dar, é errado?

— Nenhum pouco, se não fosse a vontade da Fernanda em se arriscar, acha que ela estaria comigo até hoje? Claro que não. Ela tinha medo demais do que poderia acontecer e que eu a largasse como o cara lá fez com ela e o Inácio. Arriscar é bom, dá uma adrenalina a mais na vida. Fico muito feliz em saber que tu está fazendo isso.

Sérgio desviou o olhar e levantou-se rapidamente.

— Bom, era isso mesmo. Vou te deixar em paz com as tuas coisas.

A porta fechou e Ricardo ficou olhando para ela. Talvez não fosse só o caso de Liana ser internada por loucura naquela casa, Sérgio às vezes dava alguns indícios também. Como estes rompantes inesperados, numa tentativa bem falha em manter algum tipo de conversação com o irmão sobre a sua condição psicológica sem realmente tocar o assunto em si.

Ricardo sorriu para o nada e voltou a pegar a caneta.

Capítulo 45

Ricardo acariciava as costas nuas de Bia, deitada em cima dele. A pele macia, as saliências da sua coluna vertebral, imaculada, enquanto ela repousava ali.

— Eu estou preocupada. — Bia murmurou sobre o peito de Ricardo. Ele pensava que ela estava dormindo, de tão quieta e serena que estava.

Ele também estava calmo e sereno naquele momento. Ambos não tinham nem colocado as malas no chão do apartamento e já estavam engalinhados, tateando nas paredes até encontrarem o caminho do quarto. Aqueles dias em casa haviam sido estressantes, os dois não viam a hora de chegarem em casa, ficarem finalmente sozinhos e outras coisas.

— Eu fechei a porta do apartamento, me lembro do som dela batendo antes de tu me atacar. — Ricardo respondeu no mesmo tom dela a fazendo rir.

— Não é isso. Mas fico contente em saber que alguém lembrou-se de fechar a porta do apartamento. Acho que não teria forças para ir até lá fechar agora.

Ricardo a abraçou mais forte e beijou os cabelos de Bia. Aquele era um lugar e uma paz de espírito que ele gostaria de compartilhar para sempre ao lado dela.

— Mas não é com isso que estou preocupada. — Bia voltou a falar. — Estou preocupada com a Liana.

— Por que? Ela está muito bem plantando a discórdia por onde passa e sem remorso nenhum. Não me preocupo nenhum pouco com a Liana. Ela sabe se cuidar sozinha.

— Tu pensa que ela sabe se cuidar sozinha. Naquela casa, só eu e a Fernanda que realmente conhecemos a verdadeira Liana. Acho que posso incluir o Richard no meio também. Três pessoas que realmente a conhecem.

— Conheço a minha irmã desde que ela nasceu. Sei que ela gosta de mandar, que todos façam as suas vontades e se não fizerem, ela dá um jeito de que as coisas saem do modo que ela realmente quer. O único problema da Liana foi ter eu e o mano fazendo todas as vontades dela quando era menor. Criamos um monstro. — Ricardo suspirou culpado.

Bia revirou os olhos para o nada. Ricardo não imaginava o que se passava com a sua irmã. E muito menos Sérgio. Fernanda e Bia eram as únicas os tormentos que Liana passava e Richard conhecia alguns.

— Realmente a Li adora mandar em tudo e ter todos fazendo suas vontades, e principalmente tu e o Sérgio. Vocês dois são a única coisa que ela tem de família. E ver os dois querendo se distanciar dela é o maior medo de todos. Pensando agora, eu entendo do porquê aquela cena lá em casa.

Bia levantou a cabeça, segurou o lençol sobre os seios nus e olhou para Ricardo.

— Ela morre de medo que aconteça alguma coisa contigo. E te falou aquelas coisas para que tu não sofresse, caso viesse acontecer alguma coisa entre nós. E depois foi até a minha casa dizer as mesmas coisas, mas em outras palavras. Na cabeça dela, o que estamos vivendo é superficial e um reflexo da minha paixonite adolescente, que um dia eu vou acordar e te colocar

para fora da minha cama.

— E tu vai? — Ricardo questionou sedutoramente, fazendo com que Bia sorrisse.

— Acho que não, tu pode ser inexperiente, mas compensa na empolgação e entusiasmo. Aprende rápido. Deixa eu te calibrar ao meu ponto e aí mesmo que eu não saio daqui.

Ricardo sentiu-se triunfante pela resposta.

— Mas, a Liana não sabe disso e quer proteger o irmão dela das garras da malévola Bia.

— A Liana não precisa se meter na minha vida. Não quero ela na minha volta enchendo o meu saco. Já aguentei por bons anos.

— Tu pode pensar assim, Kado, mas para ela não é a mesma coisa. Tu sofreu com a perda dos pais de vocês, e sei que sofre até hoje, mas a Liana também. Ela foi a que menos teve contato com eles. Então voltou tudo o que tinha de família para ti e o Sérgio. Ela pensa que perder vocês vai ser o fim da vida dela. Uma parte disso mudou quando ela começou a namorar o Richard, e ele fazia a vida dele em volta da Li. Agora que ele foi embora...

— Ele não foi embora, vai voltar e a Li já me disse que tem inúmeros planos com ele, inclusive engravidar. Ela está é louca, isso sim.

— Ela me disse isso também. Comentou dizendo que ter um filho era a única coisa que ela queria mesmo. Só assim não ficaria sozinha para sempre. Fiquei até triste em escutar aquelas palavras dela.

— Mas que sozinha? A Fernanda e o mano estão sempre na volta dela, o Inacinho é a paixão da Li também. E ela está sempre se enfiando na minha cama para qualquer coisa. Chega a ser insuportável.

— Sim, ela tem todos vocês, mas analisa bem. O Sérgio tem a Fernanda, Inácio e agora a Fifi. O Richard a milhares de quilômetros. Tu mora em outra cidade, e agora nós estamos juntos. Sou a única amiga dela. Ela está se sentindo sozinha.

Ricardo analisava o que Bia falava.

— Está apavorada em morar sozinha no apartamento aquele. Parece eu quando estava prestes a me casar com o Thiago. Quando experimentei o meu vestido de noiva me senti estranha em muitos aspectos e um deles era ter a minha própria casa, ser responsável por tudo e deixar de ser apenas a Bia para ser outra pessoa. Isso nunca te aterrorizou?

— Teoricamente não. Sempre idealizei morar sozinho. Ter as minhas coisas, ser responsável por elas e tudo mais. Confesso que fiquei um pouco chateado quando o mano impôs que tu iria morar comigo. E olha só onde a história terminou.

Bia tentou não sorrir, mas não conseguiu.

— Então, meu querido. Eu também não estava nenhum pouco à vontade e vir para cá. E olha onde eu estou agora. Nua na tua cama.

— É um ótimo lugar para estar. — Ricardo puxou Bia pelos braços, fazendo com que o lençol fosse descartado por completo e a trouxe para o mais perto de si que conseguia.

Começou a beijando de leve e a colocar o seu corpo pesado sobre o dela. Bia era receptiva,

mas também ardilosa.
dele do seu e falou:

Quando Ricardo já estava em um ponto sem volta, afastou o rosto

— Promete para mim que não vai brigar com ela.

— Quem...? — Ricardo não lembrava nem mais do seu nome naquele momento.

— Liana.... Estou com medo que ela faça alguma coisa.

— O único suicida naquela casa sou eu, Bia. E se tu me pedir o céu neste momento eu te alcanço.

Bia sorriu e o puxou para um beijo.

Sim, ele levaria ela até o céu brevemente.

No outro dia, antes mesmo de Sérgio ligar para saber como estava Ricardo, o telefone tocou. Para seu desespero, era Liana. Impaciente e decidida como sempre.

— O que tu quer, Liana. Eu estava dormindo.

— Não tem aula hoje? E na verdade nem é contigo que eu quero falar, é com a Bia.

— A Bia está dormindo, Li. Liga mais tarde para ela...

— Não dá, é um babado que ela vai querer ficar sabendo por mim! Acorda ela, Kado! Agora!

Ricardo xingou baixinho no telefone. Poderia mandar a irmã para um lugar bem longe, mas as palavras de Bia ontem à noite, fazendo com que ele promettesse não brigar com Liana falavam mais alto. Ricardo teria que começar a cuidar mais as promessas que fazia à Bia, principalmente quando era pego em um momento como aquele.

Bia levantou da cama como um zumbi, pegou o telefone e logo foi avisando.

— Se for algum tipo de brincadeira eu te mato, Liana.

— O Thiago me atacou hoje cedo no posto. — Liana se atropelava nas palavras. — Tanto que eu estou trancada, dentro do consultório e te ligando.

Bia sentou no sofá ao lado do telefone e Ricardo começou a observar o modo como ela reagia ao que Liana falava, enquanto começava a fazer o café.

— Não me interessa por nada que o Thiago tenha te falado, Li. — Falou rispidamente.

— Eu sei, e se tu não me respondesse isto iria até aí te bater, nem o Kado iria me segurar enquanto eu arrebento a tua cara. Mas mesmo assim preciso te falar, para tu não dizer que ninguém te avisou.

Bia sentiu aquilo bater no fundo do seu estômago, que se embrulhou automaticamente ao escutar o que a amiga falava.

— Ele ainda está possesso com a briga entre ele e o Ricardo. A situação dele com o partido está por um fio. Ninguém mais está querendo que ele seja o candidato à prefeito. E isso eu fiquei sabendo por fora, o que ele me disse é que vocês dois acabaram com a vida dele.

— Ele mesmo acabou com a vida dele, não fiz nada para que isso acontecesse.

— Eu sei, mas para o Thiago a culpada de tudo isso é tu, Bia. Realmente eu tive que me segurar para não quebrar aquela cara dele de novo. Uma vez no ensino médio não foi o suficiente. Fala com o Sérgio, e se ele voltar a te incomodar, não deixa, pede para o mano fazer alguma coisa contra ele. Ou até eu mesma faço.

— Para, Liana. Não faz nada e nem te mete, isso é problema do Thiago. Ele está fazendo para me amedrontar, não vou cair na lábia dele, ok? Estou bem aqui e protegida de qualquer coisa que ele possa fazer.

— Eu sei, mas mesmo assim queria te advertir. E olha só.... — Liana tomou uma respiração profunda, como se as palavras que iria dizer fossem desagradáveis. — Desculpa pela cena ontem.

Bia, mesmo longe, assentiu para a amiga.

— Tu sabe como eu sou com o Kado... Ele é meu irmãozinho e...

— Eu sei, Li. Até falei isso para o Kado, está tudo bem. Eu sabia desde o início que tu estava agindo como era de esperado. Iria surtar sobre a nossa relação e pensar que iria dar errado.

— É, foi exatamente isto que eu pensei e falei aquelas coisas todas. Tudo está estranho aqui, eu estou me sentindo péssima, e isolada de todos. Parece que por onde eu ando as pessoas me evitam. Até mesmo o Sérgio...

— Ele só está estressado com a tua reação perante a mudança. Ele é teu irmão e te ama, apesar de tu dar uma enorme dor de cabeça ainda.

— E tu parece a Fernanda falando.

— Sinal que temos razão. Tu vai ver que vai dar certo, Li. O Richard vai voltar quando tu menos esperar e vocês vão dar seguimento aos planos e serem felizes.

— Mesmo que seja separados. — Ela complementou.

Bia se despediu da irmã e evitou o assunto com Ricardo, ela estava feliz demais para lembrar do seu passado com Thiago e muito menos das ameaças vazias que ele poderia fazer.

Capítulo 46

Liana era uma ótima mentirosa, especialmente quando estava ao telefone. Ela havia mentido descaradamente para Beatriz, e não se envergonhava nenhum pouco.

Era mais que claro que Thiago não havia a ameaçado daquela forma, se isso realmente tivesse acontecido, Thiago estaria naquele momento entrando em uma sala de cirurgia para colocarem os ossos dele no lugar. Liana ainda lembrava de muitos golpes da época em que fazia artes marciais na infância e adolescência. Sem contar na faculdade e os grupos de apoio e defesa pessoa que fez só por estar entediada. E a academia que ainda frequentava.

A história verdadeira tinha sido a seguinte....

Liana havia levantado cedo, como era de costume quando trabalhava pela manhã no posto de saúde. Acordava quando Sérgio entrava no seu quarto para a checagem diária. Os dois tomaram café juntos e ainda conversaram.

— Então quer dizer que o retardado do Ricardo está namorando com a Bia e ninguém pensou em me dizer nada.

— Para que? Para ti fazer um escândalo, como realmente fez?

Liana ignorou a alfinetada certa de Sérgio.

— Tu sabe como o Kado dá um braço dele para não criar atritos. Acho que para esta questão ele daria até os dois. Não te mete onde não te diz respeito, Li. Por favor.

Liana continuou a tomar o seu café, mas não se demorou muito quieta.

— Não sei se é um casal que eu aprovo assim de cara. O mano já é todo problemático, aí vem a Bia com mais os problemas dela e...

— E nada, Liana. Deixa os dois. O Ricardo está feliz, a Bia está feliz e não vai ser tu, ou ninguém, que vai impedir isso. Ambos têm seus problemas, mas estão encontrando juntos uma forma de superá-los. Querendo tu ou não.

Liana fez menção de falar alguma coisa, mas Sérgio continuou a falar.

— Anos atrás, ninguém colocava fé em um relacionamento como o meu e o da Fernanda. E olha que eu tinha tu e o Ricardo como mala sem alças junto comigo. Nós dois, juntos, apesar de sermos bem taxados na cidade, superamos cada um dos obstáculos. Fizemos o mercado crescer, pagamos as faculdades de vocês e ainda estamos prosperando. Só quero que tu deixe os dois em paz, ok? Vamos deixar eles se resolverem, ambos são adultos e sabem o que é melhor para eles.

Sérgio acabou seu café, levantou da mesa, passou por Liana e beijou os cabelos molhados da irmã. Apesar de, às vezes, querer grudar a cabeça de Liana na primeira parede que encontrar, sabia que ela tinha um bom coração e que toda aquela preocupação exagerada era fruto dele.

Liana ficou sentada à mesa, remoendo as palavras que o irmão mais velho tinha falado. Por fim, teve que concordar com elas. Precisava parar um pouco de se preocupar com Ricardo

daquela forma excessiva e fraternal. O irmão era mais velho que ela e precisava curtir um pouco da sua vida.

Era claro que ela preferia que outra pessoa ocupasse o lugar de Bia. Beatriz era certinha demais e ela preferiria alguém que bagunçasse a vida de Ricardo por completo. Porém, se contentaria por ora com Bia mesmo. Antes ela do que uma estranha para a primeira namorada do irmão.

O fato era curioso até demais. Quem diria que, depois de anos escutando Bia suspirar por Ricardo pelos cantos, finalmente o retardado tinha se tocado e dado uma chance para a sonhadora Beatriz. Parecia coisa de livro.

Bia terminou de se arrumar, pegou sua bolsa e saiu em direção ao posto de saúde. Chegou junto com os outros funcionários, se trancou na sala odontológica e começou a arrumar a sua bancada da forma que realmente gostava. Os instrumentos à mão, materiais bem a vista e tudo mais que a precária unidade de saúde poderia oferecer.

Realmente gostava de trabalhar ali. Era bem tratada pelos funcionários e pacientes, praticamente todos que entravam no seu consultório tinham alguma história antiga para contar, e quase todas elas envolviam os seus pais, ou o mercado da família.

Aquilo emocionava Liana de uma forma espantosa, até mesmo para ela. Como é a filha mais nova, foi a que menos teve contato com seus pais. Pouco se recordava daqueles oito anos em que conviveram. Muitas das lembranças que Liana tinha daquela época, era fruto da sua imaginação enquanto escutava histórias como aquelas.

Ela sempre soube que os pais, como até mesmo Sérgio e Fernanda, eram bem vistos na pequena cidade em que moravam. Mas só depois que começou a escutar aquelas histórias, hilárias, trágicas e de gratidão, por algum mês que o paciente se apertou de dinheiro e o mercado esperou o pagamento, que Liana pode perceber a verdadeira face da sua família.

Era mágico, surpreendentemente, emocionante fazer parte de uma família como a sua. Apesar de todos os problemas que ela tinha, Liana sabia que ninguém mexia com um Chiarelli sem sentir o peso dela.

E foi este pensamento que ela teve ao avistar Thiago do outro lado da rua, quando acabou os atendimentos da manhã.

A raiva tomou conta do seu corpo. Pensamentos homicidas pela manhã sempre davam um ânimo a mais para Liana. E ela estava pronta para encarar aquela situação de frente, como sempre fez.

Não era novidade nenhuma Liana sair no braço com qualquer pessoa que implicasse com a sua família. Na escola, este problema aparecia com certa regularidade na diretoria. Em sua defesa, Liana dizia que o seu adversário estava falando coisas que não eram verdades sobre a sua família. E aquilo a irritava a um ponto que ela explodia e batia na pessoa que espalhava tais boatos.

Um deles foi Thiago, ex-colega de aula de Ricardo. Ele e sua turma ficavam caçoando de

Ricardo de uma forma que irritava Liana. Colocaram apelidos maldosos, desenhos dentro da sua mochila debochando da morte dos pais e rindo cada vez que Ricardo passava por eles. Resultado de tudo isso: três dias de suspensão para Liana e os dois olhos roxos para Thiago.

Aquilo tinha sido um belo recado para Thiago, tanto que depois de apanhar de Liana, nunca mais ela escutou uma piada que fosse, referente ao seu irmão. A lição tinha sido bem dada.

E agora, Liana pretendia repetir a dose.

Vestida de branco dos pés à cabeça, ela saiu do posto de saúde e foi de encontro, completamente decidida, de Thiago. Ele não teve nem tempo de prever o ataque ou de se esquivar.

— Quero falar contigo. — Segurou o ombro dele fortemente, como se usasse a sua força para extrair um molar superior com quatro raízes.

Thiago era um frouxo. Apenas demonstrava sua “macheza” quando percebia que estava em vantagem. Era óbvio que Bia não tinha o porte físico de Liana e nem se defenderia como a amiga. Bia era um bichinho amestrado perto da arredia Liana.

— Se quiser falar comigo, fale com o meu advogado! — Ele se defendeu querendo se esquivar.

Sua vida na política já estava arruinada por causa de Beatriz, ele não precisava de um escândalo com Liana Chiarelli em plena segunda pela manhã e em frente ao posto de saúde.

— Seu frouxo! — Ela gritou chamando a atenção de alguns pacientes que ainda aguardavam por uma ficha sobrando.

Thiago teve que manter a compostura, a pouca que ainda lhe sobrava.

— Minha vida está arruinada por causa da tua família! Não quero mais uma cena contigo, Liana!

— Por causa da minha família?! — Liana estava incrédula com o que escutava daquele imbecil. — Foi tu que arruinou tudo, Thiago! E eu te advirto mais...

Liana não perdeu tempo em levantar o dedo na frente da cara de Thiago.

— Se eu souber de alguma coisa tua para a Bia, ou ao Ricardo — ameaçou com todo o poder e imponência que a sua altura e porte possuía, sem contar o olhar ameaçador que lançava em direção ao Thiago — eu que vou acabar com a tua raça. O que o Kado fez contigo vai ficar parecendo brincadeira de criança.

— Sua maluca! Meu advogado vai ficar sabendo deste nosso encontro!

— Ele que vá para o inferno! Meu problema é contigo e sempre foi. Avisei a Bia desde sempre que ela não merecia um traste como tu e, infelizmente, ela ficou sabendo da pior maneira possível.

Thiago deu as costas para Liana, mas ela não se segurou em puxar ele novamente para a sua frente.

— Estou te avisando, Thiago... — Ameaçou mais uma vez e o soltou.

Thiago aproveitou a brecha e saiu correndo como um cãozinho assustado. Aquela reação dele fez com que um sorriso aparecesse no rosto de Liana. Sensação de vitória e recado dado, entendido e registrado na mente insana de Thiago.

Realmente era uma sensação de bem-estar maravilhosa.

As pessoas que estavam ali, assistiram à cena e ainda foram cumprimentar Liana. Nenhum cidadão de bem, que conhecia a história da cidade e o que havia passado entre Bia, Thiago e Ricardo, se atreveria a dar o seu sagrado voto a ele.

E antes de encerrar a sua manhã, ligou para Bia. Precisava saber o que ela faria ao saber que ela tinha visto Thiago, e conversado amigavelmente com ele. Aquele seria o teste final, se Bia ficasse completamente preocupada, ou interessada no que Thiago tinha feito e falado, aquele relacionamento dela com o irmão seria apenas fachada, mas se demonstrasse desinteresse a história era outra.

Por isso que Liana mentiu, precisava aumentar a história a ponto de Bia se interessar pelo assunto. E não pensou duas vezes antes de narrar e mentir descaradamente. O máximo que ela poderia ganhar com aquela história toda era um processo de Thiago e mais um para Sérgio cuidar. E se Bia correspondesse ao seu julgamento, teria a certeza de que Ricardo estava em boas mãos.

Ela precisava escutar aquelas palavras de Bia, e se escutasse o que correspondesse a sua aceitação, até mesmo pediria desculpas à amiga pela briga do dia anterior.

Para Liana, o que realmente interessava era a felicidade de Ricardo. Seu irmãozinho, retardadinho do seu coração. Por ele valia a pena ter um processo de ameaça nas costas.

Capítulo 47

Bia alisou a camisa branca de Ricardo após terminar o nó perfeito no seu lenço, vermelho, no pescoço.

— Pronto. — Novamente ela alisou o que já não poderia estar mais liso. — Nervoso?

Ricardo olhou para ela e sorriu.

— Nenhum pouco.

— É... eu sei. Me lembro das nossas apresentações, tu era o mais calmo de todos. Só pensava em comer depois de acabarmos.

— O sentimento continua o mesmo. Este cheiro de churrasco ao fundo está me deixando com fome.

Bia sorriu e arrumou, milimetricamente, o lenço vermelho em Ricardo. Era bem notável que ela estava bem mais nervosa que o próprio concorrente.

— Ok. O primeiro concorrente tocou no bastão, e o segundo estava com a pilcha toda desalinhada. — Ela cochichou para que os outros participantes não a escutassem.

— Bia.... — Ricardo a abraçou, não se importando que amassasse a sua camisa. — Eu estou aqui para me divertir, não para concorrer. Nem sei como passei de fase e estou em uma das finais por região.

— Tu estás aqui porque é ótimo no que faz, treinou até a exaustão e no fundo gosta sim de ganhar. Agora fica quieto e não te suja ou te amassa.

— Sim, treinadora. — Ricardo só não bateu continência porque Bia estava arrumando o que ele havia estragado no abraço.

— Vou me sentar ali na frente. — Ela suspirou.

— Meus olhos encontrarão os teus. — Ricardo se aproximou e a beijou de leve.

Desde que realmente começou a ensaiar para a apresentação de chula, Bia o acompanhava. Era uma coisa que ambos gostavam de fazer, Ricardo de dançar e Bia de observar. Ver Ricardo treinando, fazia com que aquele momento em que eles eram jovens e Bia perdidamente apaixonada por ele, voltasse à tona. E agora, com Ricardo correspondendo o sentimento, fazia questão de dançar, buscando sempre os olhos dela, já que não poderia olhar para o bastão aos seus pés. Era uma forma de motivação inspiradora.

— Eu sei, por isso vou estar na frente. Boa sorte, meu peão. Te concentra e mostra para todos quem manda aqui.

— Obrigado, minha prenda. Em breve vou te tirar para dançar comigo.

Ricardo sorriu, meneando a cabeça e tocando na aba do seu chapéu, e Bia se afastou com um sorriso bobo no rosto. Desceu as escadas, segurando a barra do seu vestido de prenda favorito e caminhou em direção à mesa onde todos estavam assistindo.

— Como está o “dançador” — Sérgio questionou.

— Ótimo, nenhum pouco nervoso e dizendo que o cheiro de churrasco está matando ele de fome. — Bia sentou ao lado de Jonathan.

— Eu também estou morrendo de fome. — Inácio reclamou novamente. — Posso comer um pastel?

— Não. — Fernanda falou antes mesmo de Sérgio puxar a carteira.

— Deixa, Gorda. O coitadinho está com fome.

— Vai lá, Inácio e já pega outra bebida para a tia Li.

— O Inácio não vai pegar bebida para ninguém — Fernanda olhou feio para Liana, que nem deu bola para o olhar mortal da cunhada. — Se ele quiser, vai buscar o pastel dele e quem quer beber que busque a sua bebida.

— Eu vou — Jonathan levantou-se. — Minha cerveja está quente e eu detesto bebida quente. Quem mais quer? — Sérgio e Liana automaticamente se anunciaram. — Vamos, Inácio.

Jonathan caminhou até o local em que estavam vendendo as coisas e esperou ser atendido junto com Inácio. Ele estava bem, gostava da família de Ricardo, e era recebido como se fosse um membro dela. Liana sempre dizia que seu irmão e cunhada adoravam adotar os amigos problemáticos deles. E Jonathan sentia-se grato por esta adoção por tabela. Ficar junto com a família de Ricardo, era o mais próximo que ele tinha de referência familiar.

E como todo membro, ele não ficou de fora quando a apresentação de Ricardo, valendo uma vaga na grande final estadual, chegou. Ricardo emprestou uma muda de pilcha para o amigo, que lavou duas vezes antes de colocar, e só não lavou a terceira porque o tempo não colaborou, e veio apreciar a apresentação.

Era espetacular sentar ao lado de Sérgio para beber e conversarem. O irmão mais velho de Ricardo era quase um ídolo para o isolado Jonathan. Ser bem tratado por Fernanda era o mais próximo do que uma mãe que ele tinha, mesmo os dois tendo quase a mesma idade. Aguentar Liana era uma tarefa fácil, Jonathan reclamava menos do que Ricardo sobre ela. E Inácio, quase seu sobrinho. Jonathan nunca pensou que iria gostar tanto de criança, como gostava de Inácio. E tinha uma pequena queda pela Sofia, que a qualquer momento poderia nascer. Fernanda estava cada vez maior.

Com Bia e Ricardo, já com alguns meses juntos, era como se Bia fosse sua amiga de infância também. Jonathan tinha mais amigos do que nunca teve na sua isolada infância no colégio interno, ou em todos os anos em que frequenta a faculdade, contando a sua graduação, pós, mestrado, doutorado e agora como professor. Realmente ele estava feliz com o pouco, mas ao mesmo tempo, gigante avanço com sua expansão significativa de interações sociais. Miguel tinha o parabenizado por tais feitos.

Era claro que ainda muito para evoluir. Miguel tinha planos gigantescos para a própria fé de Jonathan. E ainda ele riu do médico quando disse que queria ser convidado para o primeiro aniversário do filho de Jonathan. Nem mesmo a pessoa mais otimista do mundo contaria com este tal avanço.

Jonathan ajudou Inácio a pegar aquele pastel gorduroso, mas com um ótimo aspecto, que se não fosse as predileções gastronômicas, altamente rigorosas e abstendo de qualquer substância

não certificada por órgãos de fiscalização, pegaria um para si. Porém, ficou somente com a cerveja de marca conhecida, já era um adendo muito grande incluir o churrasco que seria servido após o concurso de chula.

Voltou para a mesa e uma pequena agitação estava montada. Não que isso fosse alguma novidade para Jonathan, já estava acostumado com as agitações repentinas. Era uma coisa que ele achava muito divertida.

— O que aconteceu? — Questionou Bia.

— Fernanda está com dores. Não duvido que não sejam contrações e....

— Ainda falta duas semanas para o parto! O médico me disse ontem e.... — Fernanda fechou os olhos e segurou a mão de Sérgio.

— Ahhhhhh, mulher que tem força na mão. — Sérgio gemeu.

— Vou marcar aqui no relógio. — Liana olhou para o pulso onde usava um fino relógio dourado, que era de sua mãe.

— Parem de escândalo, não é nada! — Fernanda se recuperou, respirou fundo e sorriu. — Viu só....

— Inacinho também nasceu uns dias antes do previsto, Gorda. Quem sabe...

— Cala a boca, Sérgio. Minha mãe me mataria se não participasse de mais um nascimento de um neto.

— Pelo menos dessa vez temos telefone. — Liana entronou o seu copo de bebida, servida por Jonathan. — E eu não vou precisar dormir no banco do hospital.

— E nem eu. — Sérgio bebeu a dele e o locutor anunciou mais um competidor.

Bia se ajustou na cadeira quando anunciaram o nome de Ricardo e seu “histórico” nas danças tradicionalistas. Sorriu na menção do primeiro peão do estado, em que ela era sua parceira e nas outras conquistas em que esteve ao seu lado.

Era ótimo estar naquele ambiente. Bia sentia-se praticamente em casa dentro de um galpão de CTG, com seu vestido de prenda e apreciando a boa cultura do seu estado. E mais perfeito ainda, olhar Ricardo sorrindo e fazendo o que melhor sabia fazer.

Nestes meses que estavam juntos, Bia tinha aprendido muito com Ricardo. E a cada dia que passava, sentia-se mais feliz do que nunca imaginou. Até mesmo os dias em que ele estava par abaixo, eram um aprendizado e a certeza de que tudo iria passar. Menos o sentimento que ela compartilhava com ele. Era evidente a todos que os conheciam de que estavam perdidamente apaixonados.

Ricardo encontrou o olhar de Bia e piscou em sua direção. Ela sorriu em resposta e começou a ficar apreensiva com a apresentação. Se na sua cidade, no CTG deles, Bia já tinha ficado com o coração na mão. Quem dirá em um CTG desconhecido e valendo uma vaga na grande final daqui uns meses.

Ricardo ajustou o bastão no chão, milimetricamente, e quando se deu por satisfeito com a posição, acenou para a banda que estava postada no palco para começar a tocar.

Ele respirou fundo, encontrou o olhar de Beatriz, e seu corpo se incendiou. Bia era o fogo que a sua alma tão gélida e solitária precisava e tanto necessitava. A força era tanto, que Ricardo só passou a reconhecê-la quando sua alma silenciou um pouco seus gritos de angústia, medo e dor.

A música começou e Ricardo, mantendo o contato visual constante com Bia, começou a dançar. Bia percebia a leveza nos passos e nos centímetros que tirava do bastão sem o tocar. Era incrível, puramente física, brincava Ricardo quando ela a elogiava depois de mais uma sessão de treinos. A cada passo, cada movimento e cada gesto, Bia via a mente aguçada de Ricardo e o seu corpo executando com perfeição.

Quando a apresentação chegou ao final, ela aplaudiu com tanta força e sorrindo tanto, que nem percebeu o que acontecia a sua volta.

— Bia! — Liana a empurrou, a trazendo da sua condição de focada em Ricardo.

— Ele foi perfeito! — Bia sorriu para a amiga e quando se virou para ela, percebeu que este não era a resposta que a amiga pretendia ouvir.

— A bolsa da Fernanda estourou! — Jonathan falou a inteirando do assunto. — No meio da apresentação do Ricardo.

— Ai, meu Deus! — Sérgio estava em pé, tentando pegar Fernanda no colo.

— Sai da minha volta e me deixa respirar. — Ela afastou o marido. — Só a bolsa arrebentou e algumas dores. Estou ótima, não precisa me pegar no colo.

— Vamos para o hospital agora mesmo. — Sérgio passou a mão sobre os cabelos, como se estivesse quase tendo um colapso.

— Seria uma ótima ideia. — Jonathan concordou.

— Não sei chegar daqui no hospital — Liana falou quase aos gritos. Eles estavam em uma região afastada do centro.

— Nem eu. Vou achar um táxi! — Sérgio disse.

— Eu levo vocês. — Jonathan se prontificou. Levantou pegando a chave do seu carro.

— Ok. Sem táxi, Liana vem com a gente e...

— Bia, Kado e Inácio, ficam. — Fernanda estipulou. — Já basta tu para eu me preocupar, Sérgio. O Ricardo precisa saber em que posição ficou, se é primeiro ou em primeiro. Vamos, Jonathan?

— É claro. — Jonathan, educadamente, deu o braço para Fernanda se apoiar.

Sérgio ainda continuava a passar as mãos sobre o cabelo, quase grisalho e um pouco atordoado. Se não fosse Liana empurrar o irmão, ele não teria acompanhado.

Bia sorriu e olhou para Inácio. O pequeno estava muito entretido com o seu pastel gigante e um copo de refrigerante.

— Em breve a Sofia vai chegar! — Comentou com Inácio.

— Eu sei. Vai ser minha irmãzinha, para eu cuidar dela.

Bia era encantada por Inácio e sempre quando ele falava aquelas coisas fofas, ela se encantava mais. O ajudou, limpando a pequena bagunça na sua roupa de comida e ficaram esperando Ricardo. Fernanda estava em boas mãos com Liana, Jonathan e até mesmo o pai atrapalhado, Sérgio.

Em breve todos estariam em volta da Fifi.

Capítulo 48

Jonathan estava em pé, esperando alguma notícia. Detestava estar em um hospital. Só em pensar em todos os tipos de germes que encontrava ali era assustador.

Mas ali estava ele e nem pensava em se retirar, ainda mais que Sérgio tinha entrado para a sala de parto junto com Fernanda. Era de boa-fé, respeito e amizade que ele se manteria ali. Ou até alguém chegar e assumir o posto. E Jonathan achava que nem se Ricardo chegasse, junto com Bia, ele se afastaria.

Estava acompanhado de Liana, que tinha se enfiado na cafeteria do hospital em busca de alguma coisa para comer, já que o churrasco no CTG havia sido abruptamente cancelado para a família Chiarelli, e Jonathan de anexo.

Jonathan consultava seu relógio e via que já passava da meia noite e que Sérgio e Fernanda estavam na sala de parto há mais de uma hora. Quanto tempo duraria um parto? Fernanda estava reclamando de dores e disse que na gestação de Inácio tinha sido completamente indolor, tanto que ela teve que ir para a cesárea porque o Inacinho não queria sair. Ao contrário do irmão, Sofia estava apressada para nascer.

Jonathan sentiu as pernas começarem a doer, mas não se deixou perder para o seu medo por germes. Na sua cabeça mirabolante, já traçava planos de se livrar daquela roupa contaminada e em como entrar no seu carro sem contaminá-lo. Talvez desse uma passada no banheiro masculino e, se tivesse sorte, encontraria algum dispensador de papel toalha. Poderia forrar o acento do carro e ir para casa em paz. Lavaria a roupa de Ricardo diversas vezes e entregaria elas quase em um estado esterilizado.

Pegou-se rindo do comentário, já que ficaria bem mais aliviado se estivesse dentro de uma das salas de cirurgia e o seu ambiente completamente limpo.

Ricardo entrou no hospital e foi logo encaminhado para a ala da maternidade. Encontrou Jonathan em pé, com as mãos no bolso e completamente perdido no seu mundo alternativo.

— Oi. — Ele se aproximou e acordou Jonathan. — Tudo bem?

— Olá. Sim, Fernanda foi encaminhada para a sala de parto e o Sérgio entrou junto. Liana está comendo na cafeteria e eu estou aqui. Como foi o teu resultado? Não entendo muito de dança tradicionalista, mas pelo o que escutei a tua família comentando, tu foi o melhor. A não ser que algum outro candidato tenha se saído melhor, já que não fiquei até o final da apresentação.

— Fiquei em primeiro lugar. Os depois de mim foram péssimo. Obrigado por trazer o mano e a Fernanda para cá. Vim o mais rápido que pude, coloquei a Bia e o Inácio em um táxi para casa.

— Não foi nada. Me sinto muito bem na presença da tua família, por mais estranho que possa ser. — Jonathan encabulou-se e acrescentou. — Considero eles mais minha família do que os meus pais e irmão. Me sinto mais à vontade, e bem recebido, na tua casa do que na dos meus pais.

Ricardo encarou o amigo e ficou sem palavras. Sabia como aguentar a sua família era um pouco complicado. E também, que havia famílias que era completamente disfuncionais. A de

Jonathan era uma.

— Estamos sempre a tua disposição quando precisar de uma família grande, que não cala a boca, se mete em tudo e te apoia em cada momento em que precisa.

— Obrigado. Isso é muito importante para mim.

Ricardo queria abraçar Jonathan, mas sabia que se tentasse alguma aproximação seria empurrado.

Liana apareceu depois de alguns instantes assumindo o posto e deixando os dois amigos comerem. Ricardo e Jonathan foram até a cafeteria e quando voltaram, encontraram um Sérgio, ainda vestido da sala de parto abraçado em Liana.

— Ela é linda. — Os olhos não negaram que já havia chorado um pouco. — Perfeita, mãozinhas e pezinhos minúsculos e o nariz arrebitado igual ao da Fernanda.

— Parabéns, mano! — Ricardo abraçou Sérgio que já tinha voltado a chorar.

— Acho que nunca fiquei tão feliz na minha vida. Tenho uma filha! Uma pequena Fernandinha!

— Parabéns, Sérgio. — Jonathan disse e não teve tempo de se esquivar do abraço gigante em que foi preso.

— Obrigado, Jonathan! Por tudo! Se não fosse tu nos trazer de carro até aqui....

Jonathan ficou imóvel com a demonstração de gratidão de Sérgio. Sua cabeça entrou em parafuso. A última pessoa que o tinha abraçado daquela forma tinha sido seu avô há muitos anos. Muitos anos mesmo. Ricardo até pensou em falar alguma coisa, mas notou a expressão de Jonathan, e a sua tímida tentativa em retribuir.

— E como está a Fernanda?

Sérgio largou Jonathan, que ainda continuava estático, e limpou as lágrimas que escorriam do seus olhos.

— Ótima, foi cesárea, de novo. De novo sem dilatação e desta vez com dor. O médico disse que não seria bom esperar para ver se a dilatação iria aparecer. Está na sala de recuperação e pela manhã já vai para o quarto junto com a Fifi.

— Não vou aguentar até amanhã para ver a minha afilhada. Ela deve chegar em breve à maternidade. — Liana começou a falar e indo em direção aos vidros, de onde se podia ver as crianças nos berços. — Se o Richard estivesse aqui, ele me faria entrar lá dentro.

Os três seguiram Liana e quando se colocaram na frente do vidro, encontraram Sofia no berço mais próximo de todos. Eram quatro pessoas apaixonadas por uma menina pequena que dormia profundamente.

— E novamente saímos de casa e voltaremos com um bebê. — Sérgio passou o braço pela cintura de Liana e se escorou na irmã. — Novamente sem roupa nenhuma.

— Como sempre. — Liana suspirou. — Me dá o teu cartão que eu e a Bia fazemos um enxoval rapidinho.

— Ainda bem que a Bia vai estar junto. Senão meu cartão ia estourar.

Ricardo voltou para casa junto com Liana, depois de babarem muito na pequena Sofia por detrás daquele vidro. Tomou um banho rápido e quando entrou no seu quarto descobriu que teria que dormir no sofá. Inácio estava bem esparramado no seu lugar na cama ao lado de Bia.

— Kado? — Bia murmurou baixinho. — Como foi lá?

Ricardo se aproximou de Bia, sentou ao seu lado na cama e beijou seus cabelos.

— A Sofia é linda, a cara da Fernanda, ainda bem.

— E como a Fernanda está?

— Ainda na recuperação. Só amanhã para falarmos com ela, mas estava muito bem. O mano estava rindo sozinho e nem estava bêbado para fazer isso.

Bia riu baixinho.

— O Inácio disse que ia esperar o Sérgio acordado. Igual a um irmão mais velho tinha que fazer, como ele disse. Tomou um banho, porque sem condições dele dormir naquela sujeira e trouxe ele aqui para o quarto. Quando eu voltei do banho já estava dormindo.

— Acho que vou dormir no sofá. Vou ter mais espaço do que na cama.

— Ah, pensei que ia dormir com o futuro vencedor estadual de chula. — Bia fez um beicinho fofo, que Ricardo não conseguiu não beijar.

— Pensa pelo lado positivo, vai dormir com o futuro peão do estado. Daqui uns anos vai ser a vez do Inácio. — Ricardo a beijou novamente e foi para o sofá dormir.

Já em casa, depois de tomar um banho com aquele composto que só o ele consegue fazer, Jonathan olhava para o teto do seu quarto. Estava insone e pensando demais sobre o que tinha passado hoje.

Percebeu que nunca tinha visto um bebê tão fofo quanto Sofia. E aquilo realmente havia mexido com ele de uma forma estranha. Nunca tinha tido proximidade com crianças, somente com Inácio e ele já era maior. Mas ver a pequena ali era realmente mágico.

Só conseguiu dormir depois de muito pensar e chegar à conclusão de que no outro dia, bem cedo, iria ao hospital vê-la novamente. Depois de passar no shopping e comprar algum presente. Ele achava que as regras de etiquetas básica aprovariam o seu gesto.

E logo após Fernanda voltar ao quarto, Jonathan estava lá novamente. Era uma coisa realmente estranha, segunda ida ao hospital em dois dias. E dessa vez ele estava munido com uma muda de roupa extra que estava por baixo da sua que usava. Antes de chegar ao carro, ele as tiraria e poderia sentir-se bem melhor.

— Desculpa, não queria incomodar e acho que cheguei cedo demais. — Sentiu-se envergonhado por encontrar somente Fernanda no quarto.

— Capaz, meu querido. — Fernanda sorriu para ele. — Fico muito grata em ter a tua companhia aqui. O Sérgio foi atrás de um café. Daqui a pouco está aqui me incomodando e me perguntando a cada cinco minutos se eu estou bem.

— Trouxe um presente. Fiquei sabendo que vocês não trouxeram nada e...

Jonathan estendeu a sacola a Fernanda que a recebeu alegremente.

— Não precisava, Jonathan! Ainda mais por tudo que fez por nós ontem à noite. Eu e a Sofia agradecemos de todo o coração.

— Não há de que. — Respondeu baixinho. — Como eu disse ao Ricardo, me sinto mais à vontade com vocês do que com a minha própria família.

— E nós te consideramos da família também. E por isso temos um convite a te fazer. — A porta se abriu e Sérgio entrou. — Bem na hora, Sérgio. Já estava quase contando para ele. Olha o que a Fifi ganhou.

Sérgio cumprimentou Jonathan daquela forma sempre afetiva e ajudou a esposa a abrir os presentes.

— Fraldas sempre são bem-vindas e isso aqui, vai ser a roupa que ela vai sair daqui usando. — Sérgio olhava para o menor vestido com o símbolo do Grêmio que poderia existir.

— O primeiro presente do Inácio foi uma camiseta do Grêmio, agora o da Sofia também. Obrigada, Jonathan. — Fernanda sorria daquela forma que fazia com que Jonathan realmente sentia-se em casa.

— Jonathan — Sérgio rompeu o momento entre eles. — Estamos com um problema de logística. Minha querida sogra, não vai deixarmos a Sofia ser batizado só quando o Richard voltar, daqui a dois anos. Então está sobrando uma vaga para padrinho junto com a Liana.

— A gente ficaria muito feliz se tu aceitasse o cargo. — Fernanda olhou para Sérgio e continuou — O que acha?

Capítulo 49

Ricardo, Bia, Liana e Inácio, chegaram ao hospital cedo. Não tão cedo como Jonathan, é claro. E tiveram que passar uma cantada no pobre segurança do hospital, que não queria liberar a entrada de todos. Liana era mestre em passar a conversa de que eles eram do interior e vieram só para conhecer a Sofia. Não tinha pessoa no mundo que resistisse ao charme interiorano de Liana.

Subiram e quando chegaram, encontraram Jonathan com a pequena Sofia nos braços. Ricardo nem reconheceu o amigo, de tão feliz que ele estava.

— Pelo visto já contaram a novidade para ele, não é? — Liana se avançou no coitado de Jonathan e quase arrancou a criança dos seus braços.

— Sim, perguntamos ao Jonathan se ele aceita ser padrinho da Fifi e ele aceitou. — Fernanda falava animadamente.

— Não teria como não aceitar — Jonathan sorria. — Será um prazer enorme.

— Não te agita demais, Gorda. — Sérgio murmurava baixinho.

— Eu pari uma criança, é óbvio que estou agitada. Quando uma criança sair de dentro de ti a gente conversa. Me deixa, Sérgio. Eu estou ótima! E morrendo de saudade do meu Inacinho!

Inácio não precisou de outro convite melhor para se atirar nos braços da mãe. Sérgio teve que catar ele quase no ar para que não caísse em cima de Fernanda e machucassem ambos.

A família Chiarelli estava completa naquele pequeno quarto, envolta de Sofia. Sérgio não poderia estar mais feliz naquele momento do que nunca. A vida era boa para eles, apensar de todos os pesares, que aflige todas as famílias do mundo.

Olhando, calmamente, para seus irmãos, Ricardo e Liana, pode perceber que seus pais estariam orgulhosos e contentes com o que ele havia feito para eles. Tinha os encaminhado para uma vida boa.

Ricardo ainda era um estudante, apesar de faltar pouco para concluir o seu doutorado. Como seu pai ficaria feliz em dizer que tinha um doutor na família. Doutor Ricardo, doutorado em física. Uma coisa que a grande maioria da cidade nem saberia explicar o que significava. Professor em uma grande faculdade da capital, com um ótimo salário e uma vida boa pela frente. Sim, ainda tinha os seus problemas psicológicos, mas todos concordavam que a chegada de Bia a sua vida tinha amenizados os medos e receios de Ricardo, bem como a preocupação nata de Sérgio. O irmão mais velho até conseguia pegar melhor no sono ao saber que Ricardo estava bem.

E quanto a Liana...

Ela continuava a mesma que sempre havia sido. Um pouco mais complicada de lidar do que Ricardo. A única época que Sérgio teve paz com a irmã mais nova, foi quando Richard era seu namorado. Sérgio não tinha ido com a cara dele de primeira, mas aos poucos o jovem médico conquistou o cunhado e logo se tornou um aliado para cuidar Liana. Ela era um perigo para ela mesma e todos que estavam ao seu redor. Somente Richard e Sérgio para conseguirem domar a fera. Mas ao mesmo tempo, ninguém era tão mais preocupado com a família do que Liana. Bastava uma vírgula sendo mal colocada em referência aos Chiarelli que ela não hesitava em

tomar a frente e resolver a situação, mesmo que fosse na escola de Inácio e ela não sendo nem chamada para resolver, ia por conta própria e se deixasse, ameaçava as crianças que brigavam com ele.

E no meio daquele turbilhão de família, irmãos e um mercado em constante crescimento, havia Fernanda. Sua pequena, doce e linda Fernanda. Sérgio ainda se achava muito burro por nunca ter notado ela na cidade ou não se declarado antes. Era uma coisa quase humanamente impossível acreditar que eles moravam na mesma cidade e nunca tivessem se visto, e mais loucura ainda, que levou um bom tempo para que Sérgio abrisse os seus olhos e se visse apaixonado por ela. Mas isso era águas passadas, hoje eles estavam juntos. Casados, criando Inácio e agora Sofia, arrumando as bagunças de Liana, observando Ricardo e, acima de tudo, se amando.

Sim, Sérgio ainda era completamente apaixonado pela sua gordinha. Fazia tudo por ela e, se ela pedisse a coisa mais impossível, ele daria um jeito. E era recompensando com os melhores sorrisos, abraços, beijos e agora, com mais uma filha. A Fifi. Um bebê sonhado a dois e tão aguardado desde o dia em que descobriram que ela se desenvolvia dentro de Fernanda.

Talvez Sérgio tivesse a certeza naquele momento que era o homem mais sortudo de todos. Tinha uma abençoada família, dois filhos lindos, amorosos e saudáveis, uma esposa perfeita para ele e dois irmãos, opostos um do outro, mas que se amavam e lutavam pela família.

E ao sair do quarto, junto com Jonathan e Ricardo, deixando as meninas cuidarem da Sofia, com a ajuda do incansável irmão mais velho Inácio, Sérgio precisava externar todo aquele “saber de pai” que havia nascido junto com Inácio e agora multiplicava-se por Sofia.

Os dois sentaram no banco da parte arborizada do hospital, e Jonathan estava em pé ao lado.

— Um dia vocês vão sentir tudo isso que eu estou sentindo.

Jonathan e Ricardo se entreolharam, sem entender o que Sérgio queria dizer. Ricardo até tinha boas chances de ter filhos, ele estava namorando com Bia já tinha uns meses e havia chances reais de isso acontecer, apesar da precaução que tomavam.

— Ser pai é a melhor coisa e mais assustadora de todas.

Os dois continuavam a se olhar apavorados. Realmente não queriam saber nada do que Sérgio estava passando e sentindo naquele momento.

— Sem contar nas responsabilidades.

— A gente sabe, mano. — Ricardo tentou cortar a onda sentimentalista de Sérgio, mas não foi eficaz.

— Não sabem nada. Vocês são homens e eu senti muita falta desta conversa quando foi a minha vez de ser pai, ok? Minha tarefa aqui é dar alguns conselhos.

— Não dá para esperar a gente, sei lá... ser pai primeiro.

— Não está nos meus planos de curto, médio e longo prazo essa possibilidade. — Jonathan revelou.

Ricardo já esperava uma resposta daquelas vindo de Jonathan. Já tinham discutido, há

muito tempo, sobre a questão. Ricardo, sempre foi sonhador demais, até tinha pretensão de algum dia de ser pai. Mas Jonathan era irredutível.

— Por que? — Sérgio quis saber, abismado. — Ser pai é uma dádiva. É a melhor coisa na vida de um homem.

— Sou realista demais para saber que não tenho esta aptidão. Não sou sociável, gosto de crianças, mas não a ponto de ter uma para mim. — Jonathan falou e deu de ombros no final, como se cogitasse uma adoção, não um relacionamento com outra pessoa.

Sérgio ficou sem palavras com o que escutou.

— Não desenha a tua vida assim, Jonathan.... Ela pode rir de ti e ainda aprontar. Mas voltando ao assunto....

Sérgio ficou quase uma hora falando sobre as responsabilidades de um pai e um bom marido para os dois. Ricardo, se não estivesse tão controlado naquele momento, tinha entrado em uma sala do hospital, pegado um bisturi e cortado os próprios pulsos naquele momento. Blasfêmia à parte. E Jonathan era educado demais para cortar Sérgio, ainda mais depois do convite para ser padrinho da Sofia.

Para a sorte de ambos, Liana e Bia apareceram os salvando do discurso infinito de Sérgio e os arrastaram para o shopping afim de comprarem algumas roupas para Sofia, Bia ainda se prontificou de lavá-las e trazê-las limpas no final da tarde, já que as duas ainda passariam o dia de amanhã no hospital.

Inácio, o prestativo irmão, não via a hora de realmente poder exercer o seu papel. E ainda ficou muito bravo quando Ricardo e Bia apareceram no final da tarde para levar as roupas novas e leva-lo para o apartamento para passar a noite. Foi preciso um pouco de suborno infantil, jantar com batata-frita, para convencer Inácio a sair do posto de guardião principal da princesa Sofia.

No final da noite, já deitado com Bia ao seu lado, Ricardo narrou a conversa com Sérgio e ainda riu nas principais partes.

— Sempre tive a certeza de quem um dia seria pai. Mas nunca imaginei que receberia o sermão antes mesmo de cogitar a ideia.

— Nada supera o sermão que eu e a Liana recebemos da Fernanda quando começamos a namorar. Aquele sim foi épico dos traumas da minha adolescência. Nem com a minha mãe foi tão constrangedor assim.

— Sério? Por que ela fez isso?

— A Fernanda conhece a Liana que tem em casa, sabia que se não assustasse bastante a coisa poderia ser bem séria. Então usou de todas as palavras que poderia para nos fazer querer nem sentar perto de nenhum guri para não engravidar.

— E adiantou alguma coisa?

Bia começou a rir.

— Nenhum pouco. Mas claro que nem por isso engravidamos e...

Bia parou de falar de repente. Ricardo estranhou o fato e perguntou se estava tudo bem.

Não estava.

— Que dia é hoje? — Bia remexia na sua bolsa a procura da sua agenda.

Ricardo respondeu e Bia gemeu alto. Aquilo não poderia estar acontecendo! Não agora!

— O que aconteceu? — Ricardo a observava sem entender nada.

— Meu remédio. Eu esqueci de marcar na agenda a data e não lembrei mais.

O rosto óbvio de Ricardo mostrou que ele não estava entendendo mais nada. Por que Bia daria um pulo daqueles por um remédio. Ele sabia que ela, como bioquímica e farmacêutica, levava a sério qualquer tipo de remédio, suas dosagens e horário. Mas não se lembrava dela nem estar doente ou fazendo algum tratamento a longo prazo para tal alarde.

— Ricardo, meu anticoncepcional! Fiquei tão focada junto contigo com os ensaios de dança que acabei esquecendo completamente. — Bia andava pelo quarto, sem conseguir entender como tinha sido tão esquecida.

Na época em que namorava Thiago, ele a ajudava a lembrar. Principalmente depois do pequeno susto, onde a menstruação de Bia tinha atrasado por cinco dias. Tinha sido um escândalo entre eles, a briga durou até a menstruação de fato aparecer. Thiago disse que era inaceitável uma criança naquele momento, iria atrapalhar todos os planos e ambições políticas de Thiago. Como ele poderia ser assessor de um grande deputado com uma criança a tira colo?

Aquele deveria ser o princípio dos sinais de que Thiago não era a pessoa que Bia imaginava que ele fosse. Se tivesse prestado a atenção naquele momento, a sua história com ele poderia ter sido diferente.

Ricardo percebeu a distância que Bia tinha tomado naquele momento, mas não gostou nenhum pouco. Caminhou até ela, a puxou e a sentou na cama ao seu lado.

— Está tudo bem, Bia. Foram poucos dias. — Ele a beijou de leve. — Amanhã tu recomeça a tomar e quando perceber vai ver que foi só um alarme falso.

Ricardo a abraçou e Bia tentou relaxar. Mas não conseguiu.

Realmente estava preocupada.

Capítulo 50

Beatriz não sabia se limpava as lágrimas do rosto ou o vômito que escorreu pelo seu queixo, entre uma onda e outra que seu estômago mandava a cada segundo.

OuvIU a porta abrir e alguém se ajoelhar ao seu lado. Seu cabelo foi puxado para longe da zona de alcance dos jatos e um pano molhado colocado em volta ao seu pescoço. Realmente ela gostaria de morrer naquele instante, tanto da forma literal como a de vergonha por Ricardo estar presenciando aquela cena deprimente.

Não havia sido difícil chegar àquele patamar de enjoo, apenas uma ligação para Jonathan e uma garrafa de vodca que ele havia trazido consigo. Quando Ricardo chegou em casa, encontrou o amigo limpando os vidros da janela, quase pelo lado de fora, e Bia enrolada no sofá tonta. A festa dos dois tinha sido completa.

— Eu sou uma idiota. — Conseguiu falar depois que seu estômago deu uma trégua. O suficiente para ela voltar e voltar a vomitar.

— Acho bom tu parar de vomitar, depois a gente conversa, Bia. Eu vou lá ver se o Jonathan não caiu da janela e está atirado na calçada lá em baixo. — Ricardo a deixou sozinha e novamente, Bia levou a cabeça ao vaso e vomitou.

Ricardo sabia que Bia estava em um conflito interno muito grande. Ele mesmo estava em uma situação semelhante. A bomba que ela havia dito para ele, dias atrás, ainda mexia com a sua mente e outros aspectos.

Era claro que ambos estavam assustados com a possibilidade de Bia estar grávida, aquela notícia era como se fosse um divisor de águas na vida conturbada de Ricardo. Tinha perdido o sono completamente depois da possibilidade vir à tona e, mesmo com nada confirmado, o medo dentro dele falava mais alto do que tudo.

— Ricardo.... Kado.... Kadinho. — Jonathan ainda não havia caído da janela e estava escorado na mesa, virando mais uma dose de vodca. — A Bia me contou, não acredito que....

— Cala a boca, Jonathan. — Ricardo pegou a garrafa de vodca e pensou duas vezes antes de virar ela dentro da pia. Beber não levaria a nada e ainda poderia fazer mal pela mistura com seus remédios.

— Meus parabéns, posso ser padrinho também? — O amigo tentou caminhar, mas cambaleou a ponto de Ricardo ter que ajudá-lo. — Não toca em mim, eu estou ótimo.

— Se bêbado como um gambá for ótimo, imagina o que não seja. Me responde por que tu trouxe uma garrafa de vodca aqui para casa?

Jonathan deu os ombros deselegantemente.

— A Bia me ligou, disse que queria beber, mas não sair de casa. Então comprei uma garrafa de vodca e trouxe para cá. Encomendamos algumas coisas para comermos e agora tu chegou. Vocês vão ter um bebê!

Ricardo começou a contar de trás para frente, sempre teve uma vontade patológica em bater em Jonathan, parecia que hoje o sonho seria realizado. Respirou fundo e quase o deixou

sozinho enquanto iria verificar Bia. Apressou o passo quando escutou o barulho do chuveiro sendo ligado. Era um sinal de que ela havia parado de vomitar, ou o seu nível de enjoo havia alcançado um patamar além do vaso sanitário.

— Está tudo bem? — Entrou no banheiro e fechou a porta. Bia estava embaixo da água e balançou a cabeça. — Quer ajuda?

Ela choramingou alguma coisa e Ricardo não precisou de outra frase para se juntar a ela no banho. Tirou a roupa, a dobrou meticulosamente e Bia se atirou nos seus braços antes mesmo dele conseguir entrar por completo no box.

— Eu não posso estar grávida, Kado! — Beatriz se desesperou e deixou o álcool falar aquelas coisas que a estavam engasgando. — Não estou pronta para isso.

A água do chuveiro se misturava as lágrimas dela.

— Até poucos meses atrás eu estava noiva do Thiago e agora eu estou aqui contigo e grávida. Isso não pode estar acontecendo! Eu não consigo...

— Tu ainda não sabe se está...

— Estou sim. — Ela o atropelou e Ricardo percebeu que a quantidade de álcool que ela havia ingerido havia sido bem maior do que ele realmente tinha pensado. — Já comecei a sentir meu corpo diferente. Meus seios estão maiores e doloridos. E eu acabei de vomitar aqui.

— Acho que essa parte foi pelo álcool em si, não por causa da suposta gestação. Ainda é cedo demais, Bia.

— Não é não... — E se agarrou em Ricardo chorando mais alto ainda. — Eu não posso, Ricardo. Não quero estar grávida!

Ricardo fez a única coisa que poderia fazer naquele momento, amparou Bia, a consolou nos seus braços o tempo que ela precisou. A situação estava confusa demais para a sua cabeça tão além do agora. Ricardo ainda mantinha a esperança de ser um alarme falso, um pequeno aviso para nunca mais esquecerem de se protegerem e não deixar a responsabilidade toda para Bia. Ela também tinha uma enorme parcela naquela culpa.

E se tudo desse certo, nos próximos dias a menstruação de Bia apareceria e nada passaria de um alarme falso, um susto enorme, mas que nunca mais se repetiria.

Ricardo não estava nenhum pouco pronto para ser pai. Via como Sérgio agia com Inácio, a pequena Sofia e até mesmo com ele e Liana. Simplesmente não se via como um pai, um homem de família e uma criança no meio dele e de Bia. Ricardo não conseguia nem conviver com ele, diariamente, quem dirá com uma criança tão dependente.

Conviver e manter um relacionamento com Bia já era considerado muito para ele. Um passo tão ousado para a sua vida tão regulada, que às vezes ele acordava no meio da noite e ainda se assustava com a presença de Bia ao seu lado. Era quase utópico e além das suas expectativas estar com ela. Namorar, morar junto, dividirem seus momentos de ócio e até mesmo transar.

Se o Ricardo do futuro viesse falar para ele que em poucos meses sua vida daria uma guinada daquelas ele não acreditaria. E tinha a pela consciência que ninguém que o conhecia apostaria naquele futuro em que ele estava vivendo. Nem Miguel, tão otimista e a pessoa que

mais inventava possíveis cenários para os próximos meses de Ricardo. Meses aqueles que nem ele mesmo sabe se está vivo ou se vai ser traído pela própria alma e a vontade de acabar com a sua vida de uma hora para outra.

Ele não pensava em suicídio havia algum tempo, mas a ideia sempre esteve a um piscar de olhos do seu alcance. E era nas horas de maior desespero que ela poderia surgir.

Ricardo abraçou Bia mais forte para espantar aqueles pensamentos. Aquela não era hora, e muito menos o momento, para eles retornarem. É apenas um alarme falso, logo os dois estariam rindo daquele momento e vendo que o papel de desespero deles havia sido ridículo.

— Está tudo bem, Bia. — Falou tirando os cabelos molhados dela do rosto. Distribuiu alguns beijos doce para ver se animava Bia em algum sentido.

Mas foi em vão.

Bia estava certa demais do que estava acontecendo. Ela estava grávida, sabia disso e sua mente não a enganaria. Era tudo muito diferente do alarme falso que teve com Thiago há alguns anos.

Saíram do banho depois de Jonathan começar a esmurrar a porta dizendo que a Bia já estava grávida, e que não precisavam mais praticar. Realmente ele estava muito inconveniente aquela noite e Ricardo queria jogar ele da janela do apartamento. Só não fez isso porque Bia estava dependente demais dele. Apenas enxotou Jonathan para o quarto vazio e deixou o amigo sozinho, ele que se virasse com os seus problemas e o seu medo por germes alheios. Ricardo tinha mais com o que se preocupar do que as paranoias de Jonathan....

Deitou Bia, depois de secar um pouco os cabelos dela e viu ela pegar no sono rapidamente ao seu lado. Novamente Ricardo pensava nas palavras que ela proferiu minutos atrás.

Ela não queria estar grávida. E ele também, era óbvio, mas Ricardo nunca conseguiria proferir aquelas palavras com tanta veemência que o álcool fez com Bia.

Sabia que se não fosse um alarme falso — apesar de saber que era — a vida dos dois haveria de mudar por completo. Uma criança em casa fazia uma diferença aterrorizante, principalmente para Ricardo. Aquilo era mais do que ele poderia suportar. Se Bia dizia que não conseguiria, quem dirá ele, que mal conseguia cuidar de si mesmo sem ter inúmeras pessoas a sua volta enchendo o seu saco diariamente.

O que sua família iria achar se Ricardo fosse pai? Um absurdo, era claro. Sérgio e Fernanda eram capazes de pedirem para que Ricardo voltasse para casa e abandonasse sua vida acadêmica, ou pior ainda, pediriam para que Bia deixasse a criança com eles para que os dois pudessem continuar suas vidas. Era claro que este era um ramo completamente ilusório, Sérgio nunca faria uma coisa dessas. Simplesmente ficaria feliz em ter um sobrinho(a), desejando toda a felicidade que ele tinha como pai para seu irmão e daria dicas de como lidar com uma criança.

A mente de Ricardo viajava tão rápido como a velocidade da luz. Ideias tão absurdas como a de tirarem a criança dele, se misturava com outras mais mirabolantes e ilógicas que outras. Realmente aquela história toda não estava fazendo nenhum pouco bem para o seu estado psicológico.

E acima de tudo, estava deixando Bia em um estado que ela nunca tinha visto, nem mesmo

quando eram apenas amigos. Ela estava nervosa, ansiosa e temerosa pelo seu futuro. Por mais que Ricardo tivesse uma vida financeira estável, a de Bia não era lá essas coisas. Sua única fonte de renda era o acordo que tinha com Thiago.

Uma renda altamente volátil. Pois não tinha a mínima ideia de até quando iria se prolongar. Principalmente depois da última agressão e o processo que Bia autorizou Sérgio a representa-la. Aquela ajuda de custo para com a sua educação poderia ser cortada a qualquer momento e a vida financeira de Bia estar acabada por completo. Ela não tinha coragem de pedir para os pais bancarem a sua pós-graduação e muito menos aceitar a ajuda que Ricardo se propôs a dar. Seria demais para o orgulho que ainda restava em Beatriz.

Era um dilema que, em conjunto com a suposta gravidez, havia desencadeado aquela bebedeira sem nexos. Bia estava desesperada. Desesperada por sentir que estava grávida, que poderia perder o que tinha conquistado até ali, de não conseguir nenhum emprego na sua área, tendo até mesmo sondado Jonathan, para saber se ninguém na área de química precisava de um auxiliar de laboratório. Ou mesmo como continuaria o seu relacionamento com Ricardo após a confirmação que ela já sabia que viria em breve.

Ela era realista a ponto de saber que, se para ela a gravidez já era desesperadora, quem dirá para Ricardo, que no olhar ela já sabia que estava em um conflito constante.

Realmente Bia e Ricardo estavam vivendo dilemas diferentes, mas ao mesmo tempo tão próximos. Estavam com medo das suas próprias decisões e o que elas acarretariam para ambos. A vida que levavam juntos, de tão calma e pacífica que estava indo, de uma hora para outra virou de cabeça para baixo e sem deixar nada no seu devido lugar.

Capítulo 51

— Amor, pode trazer uma camisa limpa para mim, por favor? Tem uma no banco de trás do carro, obrigado.

Ricardo escutou a conversa entre Miguel e sua esposa, a secretária, e ficou inexpressivo ao ver o médico tentando se limpar com o café que havia derramado em si e na sua mesa. Ele havia engasgado no momento em que Ricardo havia mencionado que Bia poderia estar grávida.

— Me queimei com o café. — Miguel tentou disfarçar, mas Ricardo o conhecia bem a ponto de perceber a mentira.

Apenas balançou a cabeça como quem concordava com a situação.

— Uau, grávida, a Bia... — Miguel recompõe-se rapidamente. — Foi uma notícia no mínimo chocante. E acredito que para todas as pessoas envolvidas tanto em primeiro como em segundo plano. Mas e tu, como está lidando com a situação em si e a possibilidade de ser pai.

Ricardo deu os ombros enquanto ajustava a manga da sua camiseta social, do consultório ele iria direto para a faculdade onde tinha uma palestra sobre física para alunos do mestrado. Uma formalidade que não gostava nenhum pouco de fazer.

— Ainda não está confirmado. — Respondeu calmamente observando algum ponto invisível nas suas calças sociais. — Pode ser um alarme falso.

— Mas a possibilidade existe, não é? Pelas nossas últimas conversas vocês dois andaram muito pelo...

— Sim — Ricardo o bloqueou —, temos muitas possibilidades.

Miguel assentiu, recostou-se na sua cadeira reclinável e esperou que Ricardo continuasse com a palavra.

— A Bia está diferente, por assim dizer. Um pouco mais ansiosa do que o normal, distante e tendo algumas ações diferentes. Estes dias ela chamou o Jonathan lá para casa e os dois tomaram um porre juntos.

— Bom falar no Jonathan, tenho que ligar para ele e marcar uma consulta. Ele desmarcou a última e disse que entraria em contato em breve para remarcar, mas não fez. Mas continue falando....

Ricardo deu os ombros, como se encerrasse o assunto ali. Miguel o observou por alguns instantes e começou a falar.

— Esta gravidez, ou possível — se corrigiu antes de Ricardo comentar — veio como uma bomba em cima de vocês dois. É normal cada um destes aspectos que a Bia está sentindo. A vida dela deu uma volta enorme em poucos meses. E tu, com certeza, deve estar perdendo o sono pensando em mil e uma coisas, não é?

Ricardo não precisou confirmar. Apenas acrescentou um detalhe.

— Estou com muitos pesadelos também. Minhas noites de sono estão horríveis.

Miguel assentiu e anotou alguma coisa na ficha de Ricardo.

— A Bia me falou uma coisa. — Ricardo se remexeu na cadeira, desconfortável.

— E o que foi?

Ricardo não sabia como colocar aquilo em palavras sem soar uma coisa tão nefasta e perturbadora. Apenas respirou fundo e tomou coragem em falar.

— De que ela não quer o bebê. — Disse rapidamente e logo emendou uma desculpa, protegendo Bia. — Ela estava bêbada quando me disse isso, tinha acabado de vomitar e eu estava a ajudando no banho.

A vontade de Ricardo era de chorar naquele momento. Ele estava apavorado com a possibilidade de Bia realmente não querer o bebê deles. Era claro que uma parte, racional, de Ricardo não acreditava naquelas palavras ditas no furor do alcoolismo. Mas e se ela realmente não quisesse a criança?

Aquele dilema estava cravado na mente de Ricardo, repetindo aquelas palavras desde o momento em que ele a ouviu dos lábios trêmulos de Beatriz.

— É muito fácil falar isso da boca para fora, Ricardo. Ainda mais sem ter a real confirmação da gravidez em si. Se a minha esposa vier me dizer que acha que está grávida neste momento — Miguel ainda bateu na madeira três vezes — é claro que eu vou responder automaticamente que não quero bebê nenhum. Já temos um em casa, que não é tão bebê assim, e vale por vinte. Mas depois que a confirmação vir e vocês, individualmente da opinião que tenham neste momento, verem uma ecografia, ou até mesmo o característico som dos batimentos cardíacos, a história é outra.

Ricardo continuou a focar em nada.

— Meu medo é ela me abandonar por causa disso. — Admitiu, por fim.

— Por que ela faria isso no momento em que mais vai precisar de ti?

— Porque ela sabe que eu não sou de confiança. Que posso não aguentar a pressão e desistir de tudo. Qual a garantia que eu não possa fazer alguma coisa em pouco tempo? Ou de que vou aguentar a pressão de ser pai neste momento? Todo mundo sabe que eu não sou nenhum investimento a longo prazo. Ela pode simplesmente assumir a criança e não deixar eu chegar perto, ou então, me deixar com a criança sozinho.

— Vamos parar de colocar a carroça na frente dos bois por um momento? — Ricardo se calou e tomou uma respiração profunda. — Pelo que conheço da Bia ela não faria nenhuma dessas coisas, Ricardo. Lembra quando ela veio aqui saber de ti? Percebi que ela se preocupa contigo em um nível bem acima do que tu está me relatando nessas hipóteses fantasiosas. Vai com calma, Kado. Vamos ver se a gravidez se confirma primeiro, depois tu pensa em todas essas possibilidades e se elas vão ser fundamentadas ou não, ok?

Ricardo saiu da consulta ainda carregando o peso do mundo nas suas costas. Miguel havia o ajudado a distribuir o peso e a deixar um pouco de lado, alguns não mereciam serem carregados naquele momento. Cargas pequenas e uma de cada vez, havia dito o médico no final da consulta. Só que deixá-las pelo caminho não era uma tarefa tão fácil assim.

Dirigiu até a faculdade e entrou no departamento de exatas, onde iria ocorrer a sua palestra. A sua sorte é que Ricardo já tinha toda ela na sua cabeça, semanas antes de tudo acontecer. Era

bem mais fácil se desligar dos problemas e focar na matemática em si. Lá pelo menos as respostas sempre eram exatas.

Bia não demorou a chegar, saiu da aula e se enfiou no prédio de Ricardo. Sentou na última fila e rezou para não chamar a atenção. Nunca tinha assistido uma palestra ou aula de Ricardo, e Jonathan lhe garantiu que era um deleite que poucas pessoas poderiam apreciar da forma exata. Então ali estava ela, esperando a hora de ver Ricardo no palco e mostrando o que de melhor ele sabia fazer. Além de muitas outras coisas que Bia já sabia.

Avistou Ricardo ao longe, conversando com alguns alunos do mestrado e com o seu orientador do doutorado. Aquela cena fez Bia sorrir para o nada. Realmente Ricardo era bonito, alto e charmoso. Fazia com que as mulheres a sua volta se deslumbrassem com a sua presença e educação. Novamente ela suspirou e sentiu-se um pouco envergonhada pelo papelão que havia feito àquele dia à noite. Acordou no outro dia com uma dor de cabeça e outra na alma ao ver o que tinha feito.

Nada justificava aquela ação sem noção de Beatriz. Era claro que ela estava apavorada, aquela notícia e a grande possibilidade de estar grávida havia pego ela de surpresa. Mas não era a justificativa para encher a cara e falar todas aquelas besteiras para Ricardo.

Não era culpa dele. Não era culpa dela. A culpa não era de ninguém e muito menos do ser que poderia estar se desenvolvendo dentro do seu útero naquele instante. E Bia se arrependia amargamente de toda a quantidade de álcool que havia ingerido deliberadamente e sem pensar no que estava fazendo. A sua sorte foi quando contou para Jonathan e ele tirou a garrafa de vodca perto dela, mas já não adiantava mais, o estrago já estava feito.

Ela percebeu que Ricardo tinha levado cada uma daquelas palavras ao pé da letra, mas não conseguiu achar palavras suficientes para se desculpar e retirar cada uma delas. Ontem tinham se visto muito pouco para abordarem aquele tema tão confuso e complexo. Ela estava ali hoje para corrigir o seu erro com Ricardo e, conseqüentemente, com o possível bebê. Havia tomado a decisão de esquecer o que havia acontecido e focar em um futuro.

Pelas suas contas, sua menstruação ainda demoraria mais uns dias para descer e mais outros para fazer o exame e ter a resposta definitiva. Enquanto esse quase mês não passava, Bia iria manter a sua vida como se nada tivesse acontecendo e não houvesse a possibilidade de estar grávida. E como Ricardo havia comentado, poderia ser apenas um alarme falso.

Escutou a palestra de Ricardo, sem entender nenhuma palavra que ele falava, mas com a mesma admiração de todas as pessoas que ali estavam. Ricardo se destacava em um palco, falando com perfeição e clareza sobre assuntos que dominava com maestria. Era emocionante ver ele ali. Esperou o movimento dos alunos e professores a sua volta diminuir e foi ao seu encontro. Caminhou lentamente e quando Ricardo percebeu a sua presença, foi como se todo o mundo ao redor de Bia tivesse parado. Ricardo focou seus olhos nos dela e isso a fez sentir como a mulher mais poderosa e amada de todas. Coisas que Ricardo a fazia sentir e, de tão forte que era o sentimento, Bia realmente portava-se como tal.

— Não sabia que tu estava aqui. — Ricardo ignorou algumas alunas que estavam na sua volta desde o início da palestra e focou em Bia.

— Estava lá atrás, escondida e te admirando. Parabéns, Kado, a palestra foi perfeita. —

Ele sorriu daquela forma que fazia com que Bia perdesse a fala desde os treze anos.

— Obrigado. — Agradeceu e a beijou de leve, para o desespero das outras alunas que ali estavam. — Vamos jantar em algum lugar? Ou tu ainda tem aula por hoje?

— Posso faltar algumas para te acompanhar.

Saíram da faculdade, depois de se livrarem de Jonathan, que estava louco por uma discussão sobre a palestra de Ricardo. Entraram em um restaurante mais sofisticado que os *fast-food* que sempre acabavam e fizeram seus pedidos. Bia ignorou a carta de vinhos com educação e aceitou a água gelada oferecida no lugar.

— Precisamos conversar, Ricardo. — Bia começou enquanto via ele alisando os guardanapos de linho em cima da mesa.

Ela suspirou e tocou a sua mão de leve por cima da mesa. Percebeu a ansiedade e nervosismo dele. Tudo culpa de Beatriz e as ideias idiotas que ela possui!, pensou.

— Primeiro eu queria te pedir desculpas — murmurou, sem querer chamar a atenção das pessoas que jantavam ao lado. — Fui muito estúpida nos últimos dias. Começando com a bebedeira, depois o que eu falei e ontem ficando sem coragem de ter essa conversa.

Bia sentiu como se Ricardo tivesse relaxado um pouco e aquilo a deu mais coragem de continuar a falar. Depois de aberta a comporta, tudo saía mais fácil.

— Eu sei que não temos culpa com o que estamos passando, mas nem por isso posso tomar a liberdade de fazer o que eu fiz. Foi uma atitude egoísta e sem precedentes. Se não fosse o Jonathan me parar quando eu falei que poderia estar grávida, nem sei o que poderia ter acontecido comigo. Fiquei assustada, com medo de realmente estar grávida e ter posto tudo a perder. Não pensei em ti e nem mesmo em mim mesma.

A vergonha dela era notável para quem olhasse a mesa dos dois. A sorte era que as pessoas eram muito egocêntricas para repararem na mesa ao lado. Seus olhos encheram de lágrimas, mas ela se esforçou para não deixá-las cair, aí sim sua ruína seria completa.

Ricardo observava Bia com o coração na mão. Via seu arrependimento genuíno. Segurou a mão dela e a apertou.

— Está tudo bem, Bia. Tudo está confuso entre nós. Mas só te peço para não se distanciar de mim, parece que tudo fica sem cor quando tu te distancia dessa forma.

— Desculpa, Kado. Minha intenção não era essa. Era apenas conseguir pensar com clareza e eu acabei fazendo tudo errado. Como sempre.

Ele riu timidamente. Se Bia fazia tudo errado, o que sobrava para ele?

— Vamos continuar como estávamos, ok? Temos quase um mês até eu fazer o exame e vermos o que faremos. Não adianta ficarmos nos remoendo com uma coisa que nem temos certeza.

Ricardo assentiu e o assunto foi cortado quando os pratos chegaram. Jantaram esquecendo de tudo ao redor deles. Comentaram sobre a palestra de Ricardo, o curso de Bia e de como os professores estavam gostando do trabalho dela. Voltaram para casa e no escuro do quarto, quase antes de dormirem, Ricardo questionou baixinho.

— Tu quer o bebê, se caso der positivo?

Bia nem se mexeu nos seus braços, apenas precisou de alguns segundos para formar a sua resposta.

— Se eu estiver grávida, é claro que vou querer. É nosso filho, Kado. Eu estava bêbada quando falei aquilo, me arrependi do que falei no momento em que acabei a frase. Não considera ela, por favor, ok?

Ricardo beijou o rosto de Bia diversas vezes.

— Vamos ser bons pais, se for necessário. Essa criança vai ser amada por nós e pela nossa família. Já imaginou o Sérgio, Fernanda e Liana na volta dela? E os meus pais então? — Bia riu. — Se eu já era mimada por eles, quem dirá um neto.

Ricardo suspirou aliviado, Bia se aconchegou mais perto dele e finalmente ambos puderam dormir em paz.

Capítulo 52

Aquele mês que Bia havia dado de prazo para fazer o exame tinha passado rápido demais. E eles aproveitaram de todas as formas possíveis, sem se preocuparem com qualquer tipo de resultado que poderia vir futuramente.

Passaram o máximo de tempo que podiam juntos. No cinema, o lanterninha até já os conhecia, foram ao bar, e Bia se mantendo sóbria em todas as vezes. E até mesmo uma escapada para a serra, aproveitando uma convenção de física que uma faculdade da região estava oferecendo. Foram dias excelentes. Para Ricardo e Beatriz deixarem na memória para sempre.

Ambos estavam felizes no patamar em que se encontravam no momento. Era claro que a sombra da gravidez ainda os perseguiam, mas os dois estando juntos e plenamente de acordo com o que conversaram faziam com que os medos parecessem menores e tudo mais real.

Bia já tinha previsto que estava grávida, já nos primeiros dias depois de perceber a falta do medicamento. Poderia ser impressão dela, mas seu corpo já tinha mudado completamente. Até mesmo Ricardo tinha notado certas coisas.

E quando o dia da menstruação não veio, Bia apenas deu os ombros quando Ricardo perguntou. Aquele momento foi que perceberam que seriam pais de verdade. E nenhum dos dois conseguiu segurar o sorriso e as lágrimas de felicidade misturada com inúmeros sentimentos.

Fazer o exame era só uma questão de formalidade, pensou Bia ao deixar o seu café da manhã no banheiro de casa. Seu estômago estava em pleno acordo. Mas mesmo assim, não hesitou ao deixar uma colega colher o seu sangue no laboratório da faculdade. Ao pegar o papel com o resultado, no outro dia, não teve coragem de abrir sem estar na presença de Ricardo.

Encontrou ele no refeitório da faculdade, sentado na mesma mesa de sempre e Jonathan gesticulando animadamente sobre alguma coisa que havia passado nas últimas horas. Ricardo parou de prestar a atenção no amigo quando percebeu a presença de Bia se aproximando.

— A Bia chegou, não é? — Jonathan nem precisou se virar para confirmar. — Tu fica com essa cara de babaca quando ela chega assim.

— Também estava com saudades, Jonathan. — Bia se aproxima dele e o beija na bochecha, para o seu desespero.

Jonathan parecia aquelas crianças mimadas que não poderiam chegar perto, e muito menos uma menina dar um beijo. Não pensou duas vezes ao puxar um lenço umedecido do bolso e limpar onde Bia havia o beijado.

— O Inácio fazia isso quando tinha o que... uns cinco anos? — Ricardo sorriu para Bia quando ela veio o beijar.

— Eu acho. Mas acho que os dois devem bater a mesma idade mental. — Bia concluiu enquanto Jonathan se limpava e Ricardo ria.

Sentou ao lado de Ricardo e o fitou. Seu sorriso falava mais alto do que qualquer coisa.

— Abriu? — Questionou curioso, Bia negou com a cabeça.

— Estava esperando a gente chegar em casa, como todo mundo na nossa volta.

— Meu Deus! Não, Bia. Pelo menos quero estar preparado para contar lá em casa a novidade.

Bia não conseguiu segurar o riso, e também concordar com a opinião de Ricardo. Chegar com a novidade já quase digerida para os dois seria bem mais fácil de lidar do que contar a toda a novidade para a família Chiarelli e a sua.

— Está aqui na minha bolsa. O que acha de abirmos hoje à noite? Posso fazer um jantar especial e....

— Abram essa coisa de uma vez! — Jonathan se meteu. — Até eu já estou ansioso para saber o resultado.

— E quem disse que vamos abrir contigo aqui junto? — Ricardo olhou para Jonathan que parecia que o assunto nem era com ele.

— Sou amigo de vocês, estive presente desde o primeiro beijo ao desastre da vodca. Vou ser padrinho da criança e quero saber. — Falou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Ele tem razão. — Bia disse e Ricardo tinha implicância quando ela ficava do lado dele.

Bia abriu a bolsa e tirou o envelope com o logotipo da faculdade e o símbolo da farmácia e bioquímica, entregou para Ricardo o papel que mudaria a vida dos dois.

— Vocês sabem como funciona o teste? — Jonathan interrompeu Ricardo que abria o envelope.

— Agora não, Jonathan.... — Advertiu.

— Os níveis de hormônios da Bia....

— Sou bioquímica, Jonathan, sei como funciona o exame.

— Pois então — Jonathan se entusiasmou e se aproximou de Bia. — Poderia me explicar o porquê...

— Jonathan... — Ricardo começou a perder a paciência com o amigo. — Agora não. Especialmente agora. — Ricardo tirou o papel dobrado do envelope ainda olhando para ele. — Depois a Bia te dá uma aula sobre esse exame e tira toda as tuas dúvidas. Só fica quieto nesse momento, ok?

Jonathan não se deu por vencido, mas calou-se, exalando a sua indignação para ambos ouvirem. Não surgiu o efeito que ele esperava.

Ricardo desdobrou o papel e sentiu Bia se aproximando mais dele. Naquele papel estava o seu destino. Um pequeno valor que mudaria a sua vida para sempre. A partir daquele momento, poderia receber a maior notícia de sua vida.

Sentiu o seu peito apertar um pouco por perceber que seu pai não estaria ao seu lado para compartilhar aquele momento único. Ele tinha Sérgio para auxiliá-lo, mas não seria a mesma coisa do que ter o seu pai ali.

Ricardo tentou afastar o pensamento, mas não teve muito sucesso. A saudade falou mais alto do que qualquer coisa. E o notável, era que Ricardo não sentia, em muitos anos, a culpa por ser o responsável pela morte prematura dele. Era simplesmente um dos sentimentos mais cru e

bonito que alguém poderia sentir.

Bia percebeu a hesitação momentânea de Ricardo e tocou a sua mão que carregava o papel que continha uma das respostas mais importantes da sua vida.

— Está tudo bem? — Sussurrou somente para ele.

Ricardo limpou a garganta e disse um sim muxoxo.

Bia tocou o rosto dele e fez com que Ricardo olhasse para ela. Sorriu de leve e o beijou delicadamente.

— Quer abrir em casa, sozinhos?

— Não... — Ricardo endireitou a coluna e respirou fundo. — Apenas percebi que queria o meu pai aqui do meu lado. — Ele deu os ombros, como se aquilo tudo fosse uma tremenda besteira. — Bateu a saudade.

Bia compreendia com todas as suas forças. Estando com Ricardo, começou a compreender toda a dor que ele carregava dentro de si, mesmo depois de todos aqueles anos. Era notável que os anos tinham passado e dor tinham fases. Conforme os dias de Ricardo ela voltava com força total ou distanciada.

Aquilo doía o seu coração, profundamente. Bia tinha a uma estimativa de que poderia o ajudar quando os dias de mais dor aparecia. Ela conseguia perceber a mudança que conseguia fazer na vida de Ricardo, nem que fosse aquele sorriso fraco que tanto fazia o seu coração acelerar.

Ela esperava que essa criança, que ela já tinha a certeza que estava dentro de si, viesse para somar nesta luta que ela estava ao lado de Ricardo. Ele seria um ótimo pai, o melhor e único que Bia poderia escolher para um bebê que ela carregaria.

Viu ele se empertigar, como se tivesse tomando coragem para os próximos segundos e abrir o papel.

Ela se aproximou dela e foi direto em busca do número que confirmava a sua condição de grávida. E quando o achou, seu mundo mudou.

— E então? — Jonathan não teve cerimônia em se levantou e inclinou-se em direção ao exame nas mãos de Ricardo.

Ricardo demorou um pouco para entender a referência e o resultado final. E quando entendeu o que o papel dizia, Bia já estava o abraçando. O papel caiu em cima da mesa e Jonathan o pegou e leu o resultado em voz alta.

— É positivo! Meu Deus! — Ele ria e olhava para os dois que se abraçavam. — Vamos ter uma criança aqui!

Bia começou a chorar de felicidade no mesmo instante. Ser mãe nunca foi um sonho tão forte seu. Primeiro era o casamento, uma cerimônia bonita e especial. Depois de casada é que ela começaria a pensar na possibilidade de ser mãe.

Como o sonho de se casar foi arrancado de si, dolorosamente por Thiago, nunca mais pensou na possibilidade. E agora, já sabendo que seria mãe, a força que floresceu em si falava mais do que qualquer coisa.

Não existia mais Thiago e o passado que Bia tinha vivido com ele.

Não existia mais agressões por parte dele dias antes do seu casamento.

Nada mais era importante para a Bia.

Tudo agora se resumia em Ricardo e no bebê.

A história havia mudado e Bia sabia que tudo que viria seria para o melhor.

Capítulo 53

Ricardo e Sérgio estavam concentrados embaixo do capô do antigo Opala de Ricardo. Pela conversa dos irmãos, provavelmente o motor teria que ser refeito e muitas peças teriam de ser compradas. Mais uma pequena dor de cabeça para Ricardo.

Estavam em casa desde o dia anterior, aproveitando o feriado prolongado. Jonathan tinha vindo junto, já que o batizado de Sofia seria no outro dia. Ele estava tão animado, que nem tinha reclamado sobre o curso de padrinho que tinha feito ao lado de Ricardo e Bia no início da semana. Curso este que Bia se escorou no ombro de Ricardo e tinha até dormindo e, segundo ele, babado um pouco, de tão bom que estava. A única pessoa ativa era Jonathan.

— A Nara adora quando o Jonathan vem junto. — Comentou Sérgio, enquanto limpava as mãos sujas de graxa em um pano velho. — Coloca o guri para dar explicação sobre limpeza dos balcões e da cozinha do mercado.

— O Jonathan vai à loucura quando começa a dar palestra sobre limpeza. Nem parece a mesma pessoa.

— A Fernanda está encantada com o modo que a Sofia se grudou nele. — Ricardo suprimiu um sorriso. Segundo a justificativa de Jonathan, ele estava treinando para quando o bebê dele e de Bia nascesse.

E por falar na gestação de Bia, ambos estavam esperando o famoso churrasco de domingo para contarem a novidade. Seria após o batizado de Sofia, e a família de Bia estaria presente. Ricardo estava até um pouco apreensivo quando a reação de Sérgio e Fernanda sobre o fato, e não podia negar que um pouco receoso quanto a reação de Liana. A irmã mais nova ainda estava sensível por causa da sua mudança para o seu próprio apartamento, tanto que não deixou Ricardo dormir no seu quarto habitual e pediu para que dormisse no que estava sobrando com ela.

Liana estava se sentindo abandonada dentro daquela casa estranha. Dormir era um martírio sem fim, todos aqueles barulhos estranhos, o quarto diferente e toda a disposição dos móveis. Liana sabia andar na antiga casa de olhos vendados sem topar em nada, agora estava com suspeita de ter quebrado um dos dedos dos pés no pequeno caminho do seu quarto até o banheiro durante a madrugada.

Ricardo, como todo o bom, adorável e inegável irmão, tinha sucumbido ao desejo de Liana e estava instalado na nova casa dela. Realmente era estranho, mas como tinha tomado seus remédios antes de dormir, no momento em que o efeito bateu, ele nem se lembrava mais em que mundo estava. Esse era um efeito dos medicamentos que ele realmente gostava.

Acordou no outro dia agitado por não se recordar de onde estava. Levou umas duas piscadas de olhos para se recordar que não estava em casa e sim na nova casa de Liana. Encontrou a irmã ainda dormindo, se arrumou e foi para o mercado, ao lado da casa onde encontrou Inácio já com a corda toda no meio dos corredores, sendo expulso da padaria por Nara com um saco de pão e cheio das guloseimas que estavam quentinhas.

Não demorou muito para Sérgio aparecer com o seu habitual chimarrão do escritório e mais tarde Fernanda, com Jonathan trazendo Sofia no seu colo para o passeio da manhã, Liana foi a última a chegar com uma cara de sono inegável. Passaram a manhã na volta do mercado e à

tarde tiraram uma folga em casa.

Sérgio fechou o capô do carro enquanto Ricardo arrumava as ferramentas nos seus devidos lugares. E quando acabaram Sérgio o colocou contra a parede.

— Está tudo bem?

Ricardo arregalou os olhos e encarou o irmão.

— Sim.... — Sérgio percebeu a hesitação. — Está tudo ótimo. — Ricardo desviou o olhar e limpou a garganta em sinal de desconforto.

— Sei... E tu e a Bia, tudo certo?

— Na melhor ordem possível. — Ricardo evitava de olhar para o irmão, sabia que se ele o pressionasse demais acabaria revelando e torcia para que Fernanda não se juntasse a essa prensada.

Ricardo não teria escapatória nenhuma se a cunhada se aliasse ao irmão.

Saiu apressado, quase perdendo a metade das ferramentas pelo meio do caminho em direção ao lugar que elas eram guardadas. Voltou para casa depois de alguns minutos, para que Sérgio esquecesse do assunto e quando retornou, foi direto para o seu quarto e tomou um banho. Desceu as escadas, já tendo esquecido a conversa com Sérgio e quando atendeu o telefone, que estava tocando incessantemente, era Bia.

— Tu ainda não contou nada, não é? — Questionou depois das saudações, frases de saudade e todo o relatório do dia até aquele momento.

— Não. Apesar do mano ter me prensado na parede há pouco.

— Vou juntar ele e a minha mãe então. Não tive muito como evitar, já que o cheiro do almoço me deixou enjoada e tive que sair da mesa correndo para o banheiro.

— Por que não me ligou?

— Porque enjoos são normais e não foi nada de mais. Depois me deu uma dor de cabeça leve e eu fui dormir. Acordei não faz muito.

— A dor de cabeça passou? — Ricardo questionou um pouco preocupado, não era comum Bia relatar dores.

— Passou. Não era tão forte nem para tomar remédio, Ricardo. E se fosse o caso eu te ligaria.

— Ok. — Ele relaxou. — Quando voltarmos para casa vamos marcar uma consulta com um médico para ter acompanhamento, certo?

— Sim, senhor! Senhor preocupado demais. Bom... só liguei para saber como tu estava e dizer que estou com saudades, é complicado dormir sozinha agora. Já me acostumei contigo ao meu lado.

Ricardo concordou pelo fato de ser romântico, já que como ele mesmo sabia, e Bia também, o mundo poderia cair ao seu redor que ele não acordaria tão fácil, quem dirá notar se estava sozinho ou não na cama.

Se despediram e Ricardo foi para a sala onde o resto da família se encontrava. Sofia dormia calmamente no colo de Sérgio e Fernanda estava radiante conversando, animadamente, com Jonathan. Era claro que o amigo de Ricardo adorava toda aquela atenção familiar que recebia de Fernanda e Sérgio. Jonathan parecia tão criança como Inácio nestas ocasiões.

Ricardo não era burro e, muito menos, egoísta ao privar o amigo daquela experiência. Bem pelo contrário, ficava em silêncio observando toda a sua família focarem todas as suas preocupações em outra pessoa que não fosse Ricardo. Era libertador e um pouco de folga aos olhares atentos de Fernanda e a falta de jeito de Sérgio perante esses assuntos.

A fome do jantar bateu depois de quase uma hora de todos conversando. Jonathan, Sérgio e Inácio foram os responsáveis por providenciá-la, Liana estava mais interessada em usar o computador e falar com Richard e Fernanda aproveitou o sono de Sofia para tomar um banho.

Ricardo ficou na sala sozinho, acompanhado da sobrinha que acordou depois de alguns minutos, talvez estranhando o total silêncio a sua volta, e ele ficou completamente sem reação ao ver ela choramingando no seu carrinho.

Pensou consigo mesmo e percebeu que teria que fazer alguma coisa, e que, em alguns meses aquela seria uma situação corriqueira na sua vida. Seria pai junto com Bia e ambos teriam que se revezar para cuidar da criança. Agora Ricardo começava a entender do porque as ligações de Sérgio pela manhã estavam bem mais tarde do que as habituais, o irmão também passava boas horas da noite envolvido com Sofia para que Fernanda dormisse.

Se aproximou do carrinho e, com todo o cuidado que ele poderia ter, retirou Sofia do seu carrinho quente e a aproximou do seu peito. Foi uma descarga emocional tão potente, que ele se deu por feliz por ter sentado rapidamente antes que ela chegasse. Não saberia responder se teria forças nas pernas para suportar a realidade que estava lhe batendo a porta naquele momento.

Ricardo seria pai.

A sua ficha ainda não tinha caído desde a confirmação. Apenas com Sofia nos seus braços, abrindo aqueles olhos tão iguais ao da sua mãe, foi que a percepção de Ricardo tinha mudado por completo.

Seria responsável por uma vida inocente que Bia gestaria por nove meses. Nasceria uma criança perfeita aos seus olhos e coração. Amaria ela com tanta força, que Ricardo nem saberia de onde ela surgiria para demonstrá-la como seu filho mereceria.

Sua vida não seria mais sua. Teria alguém para se preocupar além das coisas banais que até então sua vida se ocupava. Nada mais seria certo ou errado, tudo se voltaria para aquele pequeno ser que se desenvolvia dentro de Bia.

Como ele, ou ela, seria ainda era um mistério para Ricardo e Bia. Mas ele tinha a concepção de que seria um ser espetacular. Dotado de uma inteligência única e que aos seus olhos não poderia encontrar outra pessoa tão perfeita para cuidar, amar, proteger e ensinar.

Ricardo não tinha uma memória muito fiel ao que seus pais lhe ensinaram quando era pequeno. Muito tempo já havia se passado desde as suas mortes, mas de uma coisa tinha certeza.

Queria ser tão importante na vida do seu filho como o seus pais eram até hoje para ele.

Se o mundo lhe permitisse, ficaria mais tempo com ele do que seus pais haviam ficado consigo. Tentaria ser o melhor pai de todos, sabia que não era uma tarefa fácil, acompanhara seu irmão se esforçando ao máximo para Inácio, e agora Sofia, e sempre escutou ele falando que poderia fazer mais do que fazia.

Ricardo não sabia se estava pronto para tal responsabilidade. Sabia dos seus limites, seu estado psicológico para certos assuntos, e, principalmente, sua tendência autodestrutiva. Mas faria o que estivesse ao seu alcance para burlar cada um dos seus medos, receios, bloqueios e tendências. Se fosse preciso se afastar e ficar internado em uma clínica novamente para se resguardar e parar um pouco, faria, imploraria para que Miguel o fizesse.

Queria ser perfeito. Precisava disso para que provasse para ele mesmo, para sua família, Bia e até mesmo a criança que nasceria, que seria um bom pai. Que daria conta do recado e não surtaria com a responsabilidade nas suas mãos. Até porque o seu problema não teria que ser extensivo para a criança. Era somente dele e Ricardo teria que o vencer, diariamente, para o resto da sua vida.

Jonathan apareceu na sala depois de alguns instantes e observou o amigo tão compenetrado olhando para Sofia no seu colo. Aquilo foi um baque e tanto para ele. No fundo, bem no fundo do seu ser, Jonathan tinha uma pequena inveja de Ricardo.

Ricardo tinha tudo que ele mais queria. Por mais excêntrico, antissocial, diferente e saber de cada um dos seus defeitos e aceita-los com uma mestria ímpar, Jonathan sonhava, utopicamente, em alcançar cada um dos patamares de Ricardo.

E não, Jonathan não entrava no mérito acadêmico e profissional do amigo, isso ele já tinha conquistado primeiro que Ricardo. Jonathan focava na vida pessoal e convívio familiar que o amigo tinha. E o que era mais difícil de digerir, era que a sua condição de vida e a mente focada no que vivia, não lhe davam margem e nem percepção de que um dia seja a sua vez de conviver amorosamente com alguém e até mesmo a possibilidade de filhos. Jonathan era ciente destes fatos.

— Treinando? — Sorriu ao perceber que Ricardo tinha visto sua entrada na sala depois de alguns segundos.

— Não sei, acho que sim. — Ricardo sorriu, bem mais do que queria realmente expressar sobre o assunto.

Jonathan assentiu e alegrou-se também, pois o máximo que ele chegaria de crianças, famílias e amor, era na presença de Ricardo e abusando da boa vontade e hospitalidade de sua família o recebendo de braços abertos como se fosse um membro vitalício.

Capítulo 54

O batizado tinha transcorrido com toda a rotina normal. A única pessoa completamente empolgada e que sabia todos os passos da missa e do batismo era Jonathan.

— Estudei mais de dez anos em colégio interno extremamente católico, se me derem uma batina posso realizar uma missa perfeita. — Ele deu de ombros quando Liana mandou ele parar quieto e de apontar as falhas no sermão do padre.

E na hora de batizarem Sofia, ele foi o primeiro a se prontificar a segurá-la no colo, não deixando espaço para Liana que ficou emburrada o resto da cerimônia. Já Ricardo e Beatriz, estavam mais concentrados no assunto deles do que na cerimônia em si.

— Foi só uma dor de cabeça normal, Ricardo. Não precisamos ficar em alerta ou ligar para um médico.

— A primeira gestação e o primeiro mês é o mais sensível de todos. — Justificou sua preocupação.

Bia não deu continuidade ao assunto para que a sua dor de cabeça não volte. Ricardo segurou a sua mão e a beijou, chamando a atenção de quase todos os presentes da missa dominical da pequena cidade.

Ricardo não tinha percebido a tensão no ar depois do fato ocorrido, mas Bia sentiu até as bochechas esquentarem e os cochichos começarem ao seu respeito.

Sim, ela e Thiago ainda eram o assunto favorito de todas as rodas de conversa e chimarrão da cidade. Os moradores não poupavam palavras e teorias sobre o acontecimento do ano. Ainda estavam divididos entre culparem Bia e Thiago sobre a agressão e o processo que ainda corria.

Agora, com aquela demonstração de afeto de Ricardo com Bia, a situação alcançaria outro nível. Era claro que os boatos que os dois amigos estarem juntos na capital não eram poucos, mas com a confirmação em pleno evento mais dotado de moradores e, de quebra, fofoqueiros da cidade.

Se com um beijo na mão dentro da igreja a situação alcançaria novos fatos, quem dirá daqui uns meses quando a gravidez de Beatriz fosse mais evidente. Com toda a certeza do mundo a matemática será esquecida e Bia será a culpada de tudo aquilo, pois estava de caso com Ricardo enquanto estava com Thiago e, por fim, ele era apenas uma vítima de toda aquela armação de Bia e revidou na hora do desespero.

Bia não duvidava que Thiago usaria aquele fato para se enaltecer e utilizar a fantasia de homem traído e abandonado. Seria o mártir perfeito.

Bia balançou a cabeça levemente e tentou se concentrar na missa, ou então em Liana e Jonathan, para que os dois não resolvessem se agredir no meio da missa.

Acabado a celebração, todos foram em direção a casa dos Chiarelli. Sérgio já tinha deixado tudo encaminhado ao sair da cama no início da manhã. A junção das famílias de Ricardo e Bia era o evento perfeito para anunciarem a gravidez inesperada.

Bia estava mais nervosa do que realmente aparentava, pensava na reação, principalmente

dos pais. Era filha única e todos os esforços deles para a sua educação e um futuro perfeito, às vezes parecia que não estavam dando frutos. Era claro que Beatriz não tinha grande culpa nesta parcela, grande parte dos seus sonhos tinham se esvaído junto com a sua relação com Thiago e agora, depois de tudo acabado entre eles, ela apenas focava em viver. Não tinha um futuro tão planejado e perfeito como antigamente, limitava-se em viver o hoje e se preocupar com o amanhã quando fosse para cama.

Tinha um pequeno medo de desapontá-los com aquela notícia bombástica. Deixar que os dois se abalassem e perdessem a esperança e todo o trabalho que haviam investido em Bia. Porém agora ela não tinha mais escapatória, estava grávida e decidida quando a sua nova função. Havia feito as contas, estaria com a pós concluída no momento em que a criança nascesse. Ficaria em casa por um ano, ou o tempo que o bebê precisar para se acostumar e depois voltaria para a faculdade com um mestrado. Tentaria concursos para a sua área e quem sabe mesmo até uma farmácia que precisasse de seus serviços ou algum laboratório.

Bia daria um jeito. Ela e Ricardo conseguiriam manter a relação, uma criança recém-nascida e ainda uma casa completa. Era só uma questão de adaptação, trabalho e esforço. Coisas que sabia que ela e Ricardo conseguiriam certo.

— Está tudo bem? A dor de cabeça voltou? Realmente eu estou preocupado, Bia. Não quer que eu te leve ao pronto socorro?

Bia sorriu. Se aproximou de Ricardo e o beijou de leve.

— Está tudo bem, Kado. Não estou com dor de cabeça e nem enjoada. Só um pouco nervosa em contar para os meus pais que...

— Contar o que? — Liana apareceu de repente de algum lugar misterioso. — O que vocês estão escondendo? E não adianta me enganarem, até o mano e a Fernanda já notaram. — Ricardo vacilou o olhar. Realmente ele era péssimo em mentir e desviar assuntos.

— Não é nada, Li é que....

— Temos uma notícia para contar para todos e estamos discutindo em qual vai ser a melhor abordagem. — Bia o interrompeu.

Liana encarou o irmão, que desviou o olhar, e Bia, que ainda a encarava de igual para igual. Só foram interrompidas quando Sérgio chegou e entregou uma lata de cerveja para Liana.

— Ok, o Ricardo eu já aguento e tolero com essa cara de quem está escondendo alguma coisa, mas agora eu estou intrigado com a tua também, Bia. O que aconteceu? O Thiago está na volta de novo e te procurou? Se tiver que me contar alguma coisa que seja antes de acontecer para eu estar preparado. O que são mais alguns fios de cabelo branco para quem já nem encontra um mais na cor natural.

— É verdade. — Fernanda gritou do outro lado de onde estava.

Ricardo encarou Bia e todos os outros presentes olharam para os dois. Aquela era a hora da verdade. Trocaram um olhar que não precisava de nenhuma palavra para ambos entenderem. Ricardo tomou uma respiração profunda e Bia arrumou a postura para ficar um pouco mais alta, não fazendo muita diferença do seu tamanho perto de Ricardo.

— Eu e a Bia temos uma notícia para todos vocês.

— A melhor de todas — Jonathan se intrometeu com Sofia no seu colo dormindo. — Ricardo olhou para o amigo e com o olhar mandou que ele calasse a boca.

— Vocês não estão se separando, não é? — A mãe de Bia foi a primeira a chutar alguma coisa para a tal revelação.

— Não, mãe. Acho que bem pelo contrário.

— Casando? — Dessa vez foi o pai de Bia, um pouco receoso com a resposta que a filha poderia dar. Um casamento fracassado ele achava que já estava de boa conta para ela, não queria ver ela daquela forma novamente.

Bia e Ricardo se entreolharam, ele deu um pequeno dar de ombros e Bia desviou o olhar sorrindo.

— Não, pai.

Fernanda observava os dois de onde estava. Conhecia Ricardo desde que começou a trabalhar naquela casa, foi ele quem abriu a porta para que Fernanda entrasse na casa dos Chiarelli e sempre nutriu um carinho especial por ele e Liana. Passou diversas crises durante aquele tempo todo ao lado de Ricardo, segurou a sua mão no hospital depois da sua tentativa de suicídio na adolescência, secou as suas lágrimas na recuperação quando voltou para casa e o abraçou sempre que teve oportunidade, ocupando um lugar quase materno ao seu lado.

Podiam ter poucos anos de diferença, mas o amor que Fernanda sentia por Ricardo era tão igual ao que sentia por seus dois filhos. E quando o viu, no início do feriado, sabia que ele estava escondendo alguma coisa. Sérgio também tinha notado, mas o marido ainda continuava muito ingênuo, para não dizer burro, a respeito de Ricardo e Liana. Ela sabia de todos os medos que a irmã do meio passava no seu novo apartamento e a saudade estarrecedora que ela sentia de Richard, não pelo lado amoroso, mas sim do amigo incondicional que Liana havia encontrado no ex-namorado.

E com Ricardo, a situação não poderia ser diferente. Notou um brilho no olhar, quase sempre tão cometido, que ele portava. Era diferente, era notável e era esperançoso.

Queria saber o que aquilo significava, e também, qual o envolvimento de Bia na questão. Sabia que a guria tinha boa parte, senão toda, de contribuição para aquela mudança em Ricardo. Agora era chegada a hora dela descobrir e ter a certeza de que seria uma coisa ótima.

Observou Jonathan com Sofia no seu colo. O amigo de Ricardo estava nas nuvens com a nova afilhada e agora estava além delas com a anunciação de algo tão especial. A melhor de todas, como Jonathan mesmo havia se referido segundos atrás. E juntando as peças do quebra-cabeça que só um Chiarelli poderia distribuir, Fernanda colocou a mão sobre o seu coração.

— Ai meu Deus! — Exclamou e isso chamou a atenção de todos que ali estavam presentes. — Bia...

Beatriz percebeu naquele momento que Fernanda havia entendido tudo. Largou a mão de Ricardo, que em algum momento ele tinha pego e apertado e colocou sobre a sua barriga lisa.

— Tu está grávida! — Fernanda exclamou e sorriu.

Bia não conseguiu mais segurar as lágrimas e acenou a cabeça concordado enquanto as

limpava. O silêncio tomou conta da família, sendo quebrado apenas segundos depois com Fernanda se aproximando de Bia e a abraçando. Ricardo caminhou até elas e beijou a testa de Bia enquanto Fernanda o puxava para um abraço triplo.

— Como é que é? — Liana foi a primeira a questionar. — Como isso foi acontecer?

Jonathan se aproximou e quando abriu a boca para responder Liana o travou.

— Tu cala a tua boca que o assunto não chegou aí.

— Liana! — Fernanda soltou Bia e Ricardo e olhou para ela. — Não fala assim com o Jonathan!

As duas começaram um pequeno bate boca, mas ninguém prestou a devida atenção, já que estavam focados em Bia e Ricardo.

— É sério, minha filha? — Sua mãe se aproximou e a abraçou. — Mas tão cedo assim?

— Aconteceu, mãe... — Tentou encontrar respostas para o inexplicável.

— Que essa criança venha com muita saúde e traga felicidade aos dois. — Seu pai a abraçou quase a retirando do chão.

Soltou a filha e apertou a mão de Ricardo, que estava um pouco amedrontado pela possível reação do sogro.

— Parabéns, Ricardo. — Segurou a mão firme dele. — Uma criança é sempre bem-vinda. Principalmente para apagar um passado tão conturbado.

Os dois continuaram a se encararem por alguns segundos, até o pai de Bia limpar a garganta e continuar a falar, já com os olhos marejados.

— E obrigado por cuidar da nossa princesa. Apesar de ser uma coisa recente e tão inesperada, não poderia pedir um pai para um neto meu melhor do que tu.

Ricardo não teve tempo de agradecer as palavras do sogro, pois foi acometido pela mãe de Bia em um abraço tão apertado que ele não conseguia nem respirar normalmente. A família de Beatriz estava aparentemente contente com a revelação. Sabiam que a filha estava bem melhor do que quando estava com Thiago. Ricardo realmente era o genro perfeito que eles sonharam por tantos anos para Bia às escondidas.

Após conseguir sair do encalço da mãe de Bia, Sérgio estava parado a sua frente. Não escondia as lágrimas que apareceram no seu rosto e o semblante cansado e, ao mesmo tempo, orgulhoso do que Ricardo estava se transformando.

— Mal me acostumei com a ideia de se pai novamente e tu vai e me faz uma surpresa dessa? — Sérgio abraçou Ricardo plenamente. — Se o pai estivesse aqui estaria tão feliz com essa notícia. E a mãe então.... Estaria nas nuvens. Dois netos em poucos meses de diferença? Não há coração que aguento.

Sérgio largou Ricardo, mas ainda continuou segurando a sua cabeça e focando nos olhos do irmão. Poderia parecer um pouco exagero da parte dele, mas considerava o seu irmão do meio como se fosse seu próprio filho mais velho e vê-lo se tornar pai era emocionante demais.

— Meu Kadinho vai ser pai. — O abraçou de novo. — Meu irmãozinho que andava

correndo pelo pátio só de fralda quando era pequeno.

— Meu deus, Sérgio... — Ricardo reclamou com um sorriso no rosto.

— Agora estou aceitando o fato de que eu estou ficando realmente velho, só falta a Liana me dar uma surpresa dessa, aí eu infarto de uma vez.

— Deixa o Richard voltar da especialização dele que a gente pensa em te dar essa notícia fatídica. Agora, dá para soltar o Ricardo para eu bater nele?

Sérgio soltou o irmão e foi cumprimentar Bia, aquela menina que ele viu crescer e também correr só de fralda por aquele pátio em que se encontravam. Liana se voltou para Ricardo e ele logo foi se defendendo.

— Tu engravidou a minha melhor amiga! — Ela deferiu um tapa forte no seu ombro, Ricardo apenas se encolheu e sorriu.

Bateu de novo, e mais uma vez, antes de o abraçar-lo com toda a força que ela possuía.

Aquela criança seria amada por tantas pessoas que não haveria palavras para descrever como.

Capítulo 55

Após o anúncio oficial da gravidez de Bia, o churrasco de batismo de Sofia tinha virado uma festa completa, de tão animada, Sérgio teve que abrir o mercado e assaltar as geladeiras com bebida gelada. Sérgio, o pai de Bia, Jonathan e Liana só pararam de beber quando Fernanda ameaçou o marido de mandar ele dormir no sofá da sala. Ela não passaria a noite inteira acordada por causa de Sofia e Sérgio ao mesmo tempo.

Aguentar Jonathan bêbado e sozinho era uma coisa, agora ele bêbado e acompanhado era outra coisa. Principalmente se Liana ficasse na sua volta o incomodando. A situação ficava impossível, e piorou quando Liana queria se abraçar nele. Para evitar o caos, Ricardo teve que intervir e tirar o amigo afetado pelo álcool de circulação. O levou para o quarto de hóspedes e o largou em cima da cama depois de um banho gelado.

— Sabe que eu te amo, não é, Kado? — Jonathan balbuciava no meio da escada. — Eu fico tão feliz em poder ver as tuas vitórias assim de camarote. Até parece que elas são minhas.

— Ok, amigo, só deita e dorme agora. Amanhã a gente continua a comemorar tudo isso.

Ricardo nem terminou a frase e Jonathan já dormia profundamente. Foi até seu quarto e esperou Bia sair do banho para entrar. Tomou um demorado e deitou-se ao lado de Bia, que não demorou muito para deitar em cima do seu peito, no escuro do quarto dele. Viajariam de volta para a capital no início da próxima manhã e depois de tudo que já tinha acontecido, não havia o porquê de Bia não poder passar a noite na casa dele.

Aquele tempo que estavam tendo a sós, e sem ninguém para chegar de surpresa para conversarem, era uma dádiva devidos aos últimos acontecimentos e revelações bombásticas.

— Acho que tudo saiu melhor que o esperado. — Ricardo comentou depois de relembrares alguns fatos icônicos do dia.

— Sim. — Bia suspirou e se aproximou mais dele. — Pensei que meu pai ia me dar uma bronca e a minha mãe me deserdar, mas acho que eles ficaram mais felizes por o filho ser teu do que neto deles.

Ricardo riu.

— Estou falando sério. Acho que a meus pais são mais apaixonados por ti do que eu. Se eu me descuidar, capaz dos dois me deserdares e te adotarem. Aguentei os dois falando o feriado inteiro sobre como estavam felizes que eu estava contigo e mais inúmeras coisas.

— Bom, eles estavam bem animados hoje. Teu pai um pouco preocupado com o meu salário na faculdade e se eu conseguiria manter uma família.

— Sério que ele falou isso? — Ricardo confirmou.

— Meu salário da faculdade é ótimo, e quando eu acabar o doutorado ele vai quase duplicar. Tenho plano de saúde, filhos e esposas dependentes. E sem contar o Sérgio se intrometendo no meio da conversa e dizendo que poderia nos bancar até a faculdade do bebê, e que o gasto não chegaria perto do que ele gastou com a Liana, consultório e casa agora. Eu estou com moral com os dois.

— Que bom que soube escolher bem então. — Bia suspirou e logo depois começou a rir.

Ricardo adorava aqueles momentos que tinha Bia só para si. Um pouco egoísta da sua parte, mas completamente aceitável. Beatriz não ficava atrás quando o assunto era ficar deitada com Ricardo e ambos conversando sobre tudo e todos os assuntos que podem surgir em momentos como aqueles.

Ele encarava-os como quase uma segunda terapia. Aos poucos conseguia se abrir com Beatriz sobre coisas que ele apenas conversava com Miguel nas suas inúmeras sessões com o médico. O próprio Miguel o incentivava a conversar mais, dar nomes aos seus sentimentos e, principalmente, expressá-los de alguma forma que Bia pudesse entendê-los. Era uma tarefa complicada e que exigia um grau de comprometimento de Ricardo além do que ele esperava.

E assim iam indo. Aprendendo a cada dia que se passava como se ajustarem um ao outro e se amarem daquela forma que começou tão inocentemente, talvez há muitos anos, e agora refletia em um futuro promissor e repleto de alegrias pela frente.

O tempo entre Ricardo e Beatriz passou quase como em um piscar de olhos. Olhos estes que nesse meio tempo derramaram algumas lágrimas de felicidade.

Como na primeira ecografia que fizeram, e na segunda, quando escutaram um coraçãozinho acelerado batendo com força. Nos primeiros presentes que chegaram, de ambos os lados da família, ou de um certo padrinho e uma camiseta de futebol.

No momento em que Ricardo subiu ao palco da final estadual de chula adulta e foi considerado o vencedor. Uma vitória comemorada com a família e amigos em um dos maiores e mais respeitáveis CTG do estado. Sendo lembrado toda a glória e satisfação em ser o melhor do estado em uma das danças tradicionais. Ricardo foi exaltado e cumprimentado pelos maiores tradicionalistas e sentia-se feliz por mais uma conquista no ramo artístico da tradição gaúcha. Só faltava o prêmio principal, melhor invernada adulta ao lado de Bia. Uma promessa para breve, já que sempre que tinha oportunidade alfinetava Bia para voltarem a dançar. Acreditava que ela estava quase cedendo aos seus encantos.

E algumas lágrimas de tristeza, já que nem sempre a vida é feita de felicidade constante. Principalmente quando Bia teve que encarar Thiago em uma das audiências do processo de agressão que ela o acusava. Tinha sido um dia terrível para ela e Ricardo, que estava preocupadíssimo com a saúde de Bia e a do bebê, principalmente depois de algumas dores incomuns e um princípio de sangramento que ela havia tido algumas semanas antes.

Beatriz era teimosa, disse para Ricardo e Sérgio que tinha que encarar Thiago mais uma vez, para colocar uma pedra pesada em cima de toda aquela história toda. Ele precisava ver como ela estava feliz, gestando uma criança de Ricardo e, novamente, bem mais feliz do que era ao lado dele. E não houve santo e promessa que fizesse a ideia de Beatriz mudar.

Encarou Thiago de cabeça erguida, não deixando se intimidar pelo seu olhar e as palavras que escutou nos corredores do fórum quando entrava de mãos dadas com Ricardo. Sem contar as fofocas que começaram a se formar na cidade, como ela previu que aconteceria quando anunciou a sua gravidez para as famílias. Bia não era mais vista como uma vítima de agressão e quase estupro por parte de Thiago, e sim uma vadiazinha que se aproveitou do glamour da família de Thiago o quanto pode e logo depois começou um caso com Ricardo. A família Chiarelli já era

um alvo certo para escândalos daquele tipo, um a mais não era problema.

Quando Bia e Fernanda estão juntas no mercado, ou em qualquer parte da pequena cidade, a conversa paralela sobre ambas corre solta. Tem vezes que Bia pensa em oferecer um papel de boca para o veneno parar de escorrer das línguas afiadas. Fernanda já era vacinada, apenas pegava no braço de Bia e continuavam a caminhar.

A audiência não se mostrou de nenhum efeito mirabolante. Thiago apenas foi informado de que continuaria a pagar os estudos de Bia por ora, não poderia chegar perto dela por alguns metros e mais a doação de algumas cestas básicas, que ele daria um jeito de desviar o foco de uma multa para uma boa ação para a comunidade pobre da cidade. Bia continuaria de boca fechada do primeiro acordo e só faltarem apertarem as mãos e trocarem beijinhos amigáveis no final de tudo.

Ricardo e Bia ficaram um pouco decepcionados com a resolução de tudo, principalmente Ricardo. Ele gostaria de uma pena mais dura e que servisse de exemplo para outras pessoas covardes como Thiago. Sérgio tinha advertido os dois que a pena poderia ser branda e bem suave como tinha sido, mas Ricardo não aceitava e por pouco Sérgio não teve que dar uns “paratiquieto” no irmão no meio da audiência.

Pelo visto, a carreira política de Thiago, assim como a de todos os políticos, tinha sido recolocada no mesmo patamar de quando ele e Bia estavam juntos. Agora ele ainda poderia fazer a cara de santo abandonado no altar para que as senhoras se compadecessem do seu infortúnio. E até mesmo algumas pobres moças se atirarem em sua direção, prontas para ocuparem o espaço vazio ao lado de Thiago. A vontade de Bia era pegar aquelas fotos que Liana tinha feito e escondido em casa e mostrar como o seu rosto tinha ficado poucos dias antes do seu casamento.

— Para de te estressar com isso, Bia. — Ricardo beijou os seus cabelos um dia quando ela revelou este sonho. — Vamos esquecer do Thiago e focar em nós, ok? Estou muito ansioso em saber se alguém vai se revelar amanhã. — Ricardo tocou na barriga um pouco saliente de Bia para desviar do foco dela.

— Só disse que tenho vontade, mas não vou ser louca a ponto de fazer uma coisa dessas. Posso pedir para a Liana. Ela vai adorar esse trabalho.

Ricardo encarou Bia e revirou os olhos. Conhecia bem a irmã para aceitar ser este tipo de informante. Ainda faria o serviço com um sorriso macabro no rosto.

Ricardo, apensar da constante preocupação com Bia e o bebê, estava muito bem, obrigado. Um pouco cansado pela reta final do trabalho final do doutorado, com o semestre chegando ao final e os alunos cada vez mais desesperados por notas e qualquer coisa que ele pudesse oferecer por 0,01 na nota final. Jonathan chamava esta mendigação de vender a alma ao diabo acadêmico, os estudantes topavam qualquer coisa que fosse solicitada.

Mas tirando suas preocupações supérfluas, ele estava realmente bem. Notável pela sua família e até mesmo Miguel. Um milagre, como enfatizava Ricardo, já que nestes anos que se tratava, nunca o viu tão contente com o rumo do tratamento dele.

Era claro que aquela felicidade era fruto do que Ricardo estava vivendo. Ele estava realmente feliz ao lado de Bia e curtindo a gestação como ela deveria ser curtida por um casal. Era um momento mágico. Ver uma vida se desenvolver tão de perto era a experiência mais forte

e afetiva positivamente que ele já tinha presenciado em toda a sua vida. Neste contexto não entravam as ruins. Acariciar a barriga de Bia todos os dias, medir a circunferência toda a semana e anotar. Sentir os primeiros movimentos e ainda ficar emburrado quando só a Bia conseguia senti-los. Porém não durava muito, Ricardo não conseguia ficar muito tempo longe e nem chateado com Beatriz, parecia contraproducente demais.

E, além de tudo, estar com Bia dava o toque final para todo aquele conjunto. Era como se tudo que tivesse passado na sua vida até a sua chegada, fosse uma provação para que se tornasse merecedor de toda aquela felicidade que estava vivendo atualmente.

Tinha dias que Ricardo deitava, esperando seus medicamentos fazerem efeitos e ficava pensando se tudo aquilo que ele estava vivendo não era um sonho. Se fosse um, não queria acordar de maneira nenhuma. Não conseguiria encarar a vida real sem Beatriz ao seu lado. Se se achava viciado nos seus remédios, é porque nunca tinha experimentado viver ao lado dela até então.

Era de uma paz de espírito tão grande, que até mesmo as vozes interiores de Ricardo, que clamavam por uma coisa indecifrável para ele, tivessem se calado por completo. O mar agitado que era os seus pensamentos estava tão calmo como uma lagoa no verão calmo.

Tudo fazia parte de um complexo de coisas que mantinham os pés de Ricardo fincados na vida. Ele nem sabia, mas ansiava por aquela vida de amor e calma desde que seus pais haviam morrido por sua causa. Finalmente ele tinha a encontrado.

Capítulo 56

Ricardo estava ansioso, até demais para o normal. Estava em pé na recepção do consultório médico e observando tudo ao seu redor, principalmente o olhar assassino em sua direção que Bia mandava.

Ela estava sentada, no meio de duas grávidas e seus respectivos maridos/namorados, esperando o médico chamar e comendo uma barrinha de chocolate que Ricardo havia comprado na noite anterior. Tudo especialmente pensado para que o bebê pudesse se revelar nesta ecografia. A esperança era mínima, mas Ricardo estava confiante.

Entraram no consultório do médico alguns minutos depois. Ricardo sempre fora bastante empolgado em cada uma das consultas de Bia, tanto que às vezes chegava a ficar eufórico e um pouco inconveniente, mas nunca que Bia poderia privar Ricardo de qualquer passo que pudesse tomar nesta gestação.

Ela sentia-se bem. Muito bem aliás, tirando as recorrentes dores de cabeça e um pouco de inchaço nas pernas. Tinha sua mãe e Fernanda para recorrer sempre que tinha alguma dúvida relacionada à gestação, e ambas não privavam nenhum comentário, ou dica infalível.

Relatou ao médico, o mesmo que Richard havia indicado para Fernanda consultar quando estava grávida da esperta Sofia, e sempre tinha sido muito bem atendida e com todas as dúvidas, dos dois, sanadas por completo. E desta vez não poderia ser diferente.

Bia deitou-se, com a ajuda de um Ricardo muito prestativo, na maca de exame e o médico espalhou aquele gel, que deveria manter no freezer de tão gelado que era, em cima da sua barriga e começou o exame conversando com os dois sobre amenidades.

— Como está a Fernanda e a Sofia?

— Ótimas. Fifi é o encanto da casa, principalmente quando começa a rir e não para mais até ficar com soluço.

O médico começa a apertar a barriga de Bia com a haste do aparelho de ecografia e Ricardo se aproxima da tela, levando um pequeno tapa de Bia, pois havia ficado na sua frente. Teve que se afastar para que ela pudesse ver o pequeno milagre se desenvolvendo ali na tela.

Conforme o tempo e as ecografias eram feitas, o bebê tomava mais forma. Já conseguia-se distinguir a cabecinha, tronco, bracinhos e perninhas nitidamente. O coração batia acelerado e forte, ecoando na sala como se fosse o próprio coração de Bia e Ricardo naquele momento. E se perguntassem aos dois, ambos diriam que sim, aquele era o coração deles batendo junto.

— Alguém está agitado hoje — Bia sorriu ao escutar o médico falando, afastando as suas lágrimas que sempre surgiam quando ela via na tela seu bebê em perfeita saúde.

— E dá para saber o que é? — Ricardo novamente colocou a cabeça na frente da tela, fazendo com que recebesse outro puxão.

— Acredito que sim, querem saber, ou esperar mais um pouco? Está na moda alguns pais esperarem nascer para descobrirem.

— Do jeito que está as nossas famílias, é capaz deles mesmos fazerem um exame na Bia

para descobrirem. — Ricardo comentou.

— Aposto que o Sérgio comanda a matilha, não é? Ele ficou me questionando desde a primeira ecografia da Fernanda.

— O Sérgio e a minha mãe. — Bia ainda não tinha conseguido tirar os olhos da tela escura. — Mas também estamos ansiosos para começar a comprar as roupinhas e decorar o quarto.

Bia sorriu quando Ricardo pegou a sua mão e beijou. Era um momento mágico e sem precedentes para os dois.

— Ok, vamos ver o que este bebê vai nos mostrar. — Bia sentiu o médico aprofundar a haste na sua barriga e apertou a mão de Ricardo mais forte. — Vocês já têm nomes escolhidos?

— Felipe se for menino. — Bia falou.

— Manuela se for menina. — Ricardo complementou.

O médico assentiu e sorriu.

— Então podemos dar um oizinho ao Felipe.

Ricardo ficou paralisado com a revelação. Era claro que a reação seria a mesma se fosse uma menina, mas nem por isso deixava de ser estimulante. Sua cabeça já pensou em anos à frente, ensinando o filho a mexer em um motor de carro velho junto com Sérgio e Inácio, alguns jogos de futebol domingo com seu irmão e Jonathan, que já tinha avisado independente do sexo que levaria a criança ao estádio, e até mesmo dançando no CTG com Sofia. Seriam anos incríveis.

E Bia não poderia estar mais emocionada do que agora, suas lágrimas escorriam livremente sobre suas bochechas. No fundo ela sempre soube que era um menino, um mini-Ricardo para ela amar o resto da sua vida. Se a sua existência já estava perfeita com a existência de apenas um Ricardo, agora com a chegada de outro, estava completa.

Limpou-se do gel que o médico havia colocado em cima de sua barriga e apertado Felipe, e Ricardo a ajudou descer da maca e se vestir após outros exames complementares.

Sentaram-se a frente do médico escutando as recomendações do mês e Bia comentou sobre as dores de cabeças recorrentes e o inchaço nas pernas. O médico percebeu que precisava ser franco com eles.

— Bia, desde a tua última consulta, percebi um leve aumento na pressão arterial. Coisa pouca, mas que pode se tornar agravante na reta final da gestação, principalmente se não for bem controlada.

Beatriz olhou para o médico e depois para Ricardo. Ele apertou a sua mão e previu que a conversa com o médico era séria.

— A pressão alta na gravidez pode colocar em risco a tua vida e a do bebê. No momento ainda é cedo para alardes e intervenções. Ainda quero analisar se são picos momentâneos, causados pela consulta, ou constante. Quero que tu faça um acompanhamento diário de pressão. Se tiver aparelho para aferir em casa, mede duas, três vezes por dia, anota e me traz. Senão, pode ser na farmácia perto de casa ou posto de saúde, escolhe uma hora do dia e verifica sempre no mesmo horário. Quero te ver em quinze dias com as anotações e descartamos isso, ok?

Bia engoliu as lágrimas ao se despedir do médico. Aquilo não poderia acontecer com ela. Não na sua gestação! Esperou Ricardo, tão atordoado como ela naquele momento, remarcar a consulta e ir embora.

No carro, o silêncio foi quebrado com o choro de Beatriz no momento em que fechou a porta. Ricardo não precisou esperar outro segundo passar para abraçá-la e beijar diversas vezes os seus cabelos.

Até ele mesmo deixou algumas lágrimas escaparem sorrateiramente enquanto consolava Bia. Era mais forte do que os dois.

— É só uma suposição — Ricardo sussurrou para ela, ainda inconsolável. — Daqui duas semanas vamos voltar aqui com os dados e descartamos a ideia.

Bia saiu do abraço dele e Ricardo entregou um lenço que Jonathan havia deixado ali, para situações que precisasse. Bia limpou as lágrimas, nada delicadamente e assoou o nariz, nenhum pouco elegante na frente de Ricardo.

— Eu sei. — Enfim disse, amassando o papel na mão inúmeras vezes. — É só que eu não consigo imaginar uma situação desta. Agora que eu estou bem e feliz, pronta para ser mãe, tudo pode ser colocado fora. E a culpa ainda é toda minha. — Choramingou.

— A culpa não é de ninguém, Bia. O médico mesmo disse que o bebê está bem. O Felipe, nosso filho, está bem e se desenvolvendo. É isso que importa agora, certo?

As mãos de Ricardo tremiam e ele começou a respirar fundo. Fazia anos que não tinha uma crise de pânico, sinceramente, nem lembrava de como tinha se desencadeado a última, mas não queria que uma chegasse agora. Bia estava inconsolável e ele precisava agora ser forte para apoiar ela, não ser um estorvo e a deixar mais preocupada do que já estava. Contou de trás para frente e fingiu um sorriso ao encará-la novamente. A confusão, preocupação e ansiedade poderiam se instalar na sua mente, lá todas as suas sensações e sentimentos poderiam brigar à vontade. Exteriormente Ricardo tinha a obrigação de se manter forte, impenetrável, confiável e responsável por tudo.

Em primeiro lugar Beatriz e o bebê, que agora passaria a se chamar Felipe e criara uma nova áurea para a sua vida. Era como se denominá-lo de verdade fosse um passo a mais para a sua humanidade. Personalidade já começando se formar e tomando forma de uma vida real. E era nessa vida, assim como a de Bia, que Ricardo se importava. A sua era apenas secundária.

Voltaram para casa logo após passarem em uma farmácia e comprarem um aparelho de pressão. Ricardo não queria que ela comprasse, sabia que Bia ficaria aferindo a cada cinco minutos e que não ficaria tranquila se a pressão não se normalizasse naquelas duas semanas em que monitoraria. Seria mais tranquilo para ambos se cada vez que saíssem do apartamento, atravessassem a rua e medissem na farmácia que ali tinha. Porém, Bia não aceitou aquela proposta e comprou mesmo assim o aparelho. Mediria ela mesma quando Ricardo não estivesse em casa.

Chegaram em casa e logo o telefone começou a tocar desesperadamente. Ao atender, Ricardo nem teve tempo de respirar quando Sérgio, e Fernanda em outra linha paralela, começaram a fazerem milhares de perguntas sobre a consulta de Bia. Para um irmão mais velho, Sérgio estava tão animado quanto os pais de Bia, logo, estava fazendo mais o papel de um avô do

que tio.

Ricardo e Bia trocaram um olhar e decidiram não contar nada sobre a possível hipertensão. Possível era uma palavra grande e com grandes variáveis. Ser o apoio de Bia naquele momento já era uma grande tarefa para Ricardo e demandava quase o seu limite de autocontrole antes do seu próprio mundo ruir, aguentar Sérgio, Fernanda e, em pouco tempo, Liana, era quase uma tarefa hercúlea. Ricardo não tinha porte atlético e nem mental para suportar tal demanda.

— Foi tudo ótimo — falou enquanto Bia se aproximava dele e descansava a sua cabeça no seu peito, escutando a conversa deles.

— E já deu para ver o sexo? — Fernanda questionou animadamente.

— Sim. — Bia respondeu perto do bocal do telefone.

— E então...? — Os segundos de mistério instaurado por Bia e Kado foi rompido por um Sérgio animado além do normal e, se tivesse uma escala de animação, a dele ultrapassaria o nível do saudável.

Ricardo e Bia trocaram um olhar e um sorriso. Respiraram fundo e anunciaram em uníssono.

— É um menino!

Sérgio exclamou um palavrão animado e Fernanda começou a rir.

— Parece que eu ganhei uma aposta aqui em casa. — Revelou depois de muitos parabéns e felicidade de Sérgio em saber que o sobrenome Chiarelli continuava vivo por mais uma geração e com um grande reforço para Inácio com a chegada de Felipe.

— Não estou sabendo de aposta nenhuma, **Gorda**. — Sérgio quis desviar do assunto e não lembrar que agora, além de descarregar as coisas dos caminhões, também conferiria as notas por uma semana. Na cabeça de Sérgio, Ricardo seria pai de uma linda menina, para mimar assim como fez com Liana e agora com Fifi, mas pelo visto, seria outro menino, para ser tão mimado igual como foi Inácio.

Sérgio soltou uma respiração profunda ao desligar o telefone. Depois de anos de preocupações com Ricardo, estava chegando o dia que seu irmãozinho se tornasse pai.

Capítulo 57

Ricardo olhou para Jonathan e a caixa gigante que ele tinha carregado até o apartamento. Bia apareceu na sala e ficou com a mesma expressão de Ricardo, alternando o olhar entre os dois, um sério Ricardo e um alegre Jonathan.

— Tenho até medo de perguntar o que tem dentro desta caixa aí. — Revelou ela e foi se deitar no sofá enquanto os dois a traziam para dentro.

— É um presente para o Felipe. — Anunciou Jonathan, trazendo Bia de volta à conversa.

Ricardo e Bia se entreolharam, ele deu os ombros e ela se atracou em cima da caixa gigante, para descobrir o que era. Bia tinha uma curiosidade nata quando se tratava dos presentes de Felipe. Nenhum dos recebidos até agora passaram pelas humildes mãos de Ricardo, e ele nem se atreveria em abrir um que recebesse sem a presença de Bia.

Bia rasgou a caixa como se não fosse nada, sentou-se no chão, dobrando as pernas e deixando a barriga bem saliente, um fato que chamava a atenção de Ricardo e o fazia sonhar acordado com o pouco tempo que faltava para o bebê nascer e ele estar nos braços deles.

— Um carrinho? — Bia olhou animada para Jonathan, como se o presente fosse para ela. — Ai, meu Deus! Obrigada, Jonathan! Acredita que hoje mesmo estava olhando alguns nas lojas?

Bia se levantou, com a ajuda de Ricardo e foi correndo em direção de Jonathan. Ele ainda tinha algumas ressalvas quando ao contato físico com outras pessoas, Ricardo respeitava isso com toda a ênfase que necessitava, já Bia não compactuava com isso. Abraçou o amigo com toda a força, e a distância que a barriga já possuía e beijou a bochecha de Jonathan com um estalo exagerado. Bia adorava deixar ele desconfortável e vermelho.

Jonathan limpou a garganta sem jeito e voltou a falar, enquanto limpava o beijo de Bia. Ela sabia que era mais forte que ele aquela vontade, nem se estressava ou se magoava com o gesto tão típico dele.

— Azul, com detalhes em preto e branco.

— Existe a possibilidade de a criança ser colorada e torcer para o internacional? — Brincou Ricardo, mas Jonathan não levou nenhum pouco na brincadeira.

— Nenhuma! — Exclamou como se aquilo fosse uma blasfêmia sem menor possibilidade de acontecer. — Eu e o Sérgio vamos dividir a mensalidade da carteira de sócio dele.

Ricardo assentiu, um pouco preocupado até, com a falta de escolha no próprio time de futebol do filho. Bia franziu o cenho em direção ao amigo e ficou sem palavras. Voltou-se para o presente e começou a tirar as peças de dentro da caixa.

Ricardo a ajudou com as partes mais pesadas e percebeu que teria uma boa dose de quebra-cabeça para aquela noite. Era tudo que ele precisava para se distrair por algumas horas e limpar a cabeça antes de enfrentar a estrada pela parte da manhã do outro dia ao lado de Bia e de Jonathan, falando sem parar.

Levou as peças para o quarto de hóspedes abandonado do apartamento, onde algumas

coisas do bebê estavam depositadas até a hora de arrumar o quarto chegar. Algumas coisas já começavam a se empilhar no velho guarda-roupa com os presentes recorrentes de Jonathan, pais de Bia e a família Chiarelli em peso. Agora o carrinho, dado por Jonathan, faria companhia ao berço desmontado, à banheira de plástico, as fraldas que Ricardo tinha ganhado dos alunos em solidariedade (e também por um trabalho extra no final do semestre para melhorarem as notas) e tantas outras coisas em tons neutros.

Sentou-se no chão escutando ao fundo as risadas de Jonathan e Bia. Suspirou feliz e abriu o manual de instrução de montagem. Começou a separar as peças quando uma sombra atrapalhou a sua visão. Jonathan estava parado em frente a Ricardo com um copo de bebida na mão. Como estava indo todos os finais de semana junto com os dois, Jonathan já mantinha até um pequeno estoque de bebidas na geladeira de Ricardo.

— Está tudo bem? — Jonathan tirou uns dos seus lenços do bolso e estendeu no chão formando uma grande área para se sentar ao lado de Ricardo no chão.

— Na medida do possível, sim. — Jonathan assentiu. — Como eu suspeitava, a Bia fica aferindo a pressão de hora em hora. E vendo que está oscilando conforme a hora do dia não é uma coisa bem aceita.

Jonathan ficou em silêncio por alguns segundos. Reuniu as palavras que buscava e falou baixinho.

— Nunca fui de me importar muito com as pessoas ao meu redor, além do meu avô. O Miguel explica que pode ter sido por causa da minha criação, fui enviado ao colégio interno, longe dos meus pais e do meu irmão, só o meu avô eu ia me visitar e me buscava nas férias. Então eu não desenvolvi muito afeto a pessoas alheias. — Ele tomou um pouco da sua bebida enquanto via Ricardo empenhando em montar o carrinho do filho. — Mas então eu te conheci e fui aceito pela tua família, isso despertou certos sentimentos em mim que eu nunca conheci.

Ricardo olhou para o manual, para ver qual seria a próxima peça, mas no meio do caminho encarou o amigo.

— E é por isso que eu sinto tudo isso que está acontecendo com vocês. Sinto como se fosse comigo mesmo. — Jonathan largou o copo ao seu lado no chão e ficou o encarando por alguns instantes.

— Obrigado, Jonathan. — Ricardo agradeceu de coração. Sabia que o amigo estava o escutando, sem reclamar, nenhuma vez de tão repetitivo Ricardo andava sendo em função de toda a situação da possível hipertensão de Bia na reta final da gestação.

Era as únicas vezes em que Ricardo podia se expressar conforme seu coração estava se sentindo. Completamente despedaçado e preocupado com a possibilidade de acontecer alguma coisa. Ainda não havia nada comprovado de que poderia evoluir ou regredir aquela suspeita, mas Ricardo não tinha a pretensão de se exaltar na frente de Bia. Estava usando Jonathan e Miguel como a sua válvula de escape e sabia que os dois poderiam manter segredo quanto as suas crises momentâneas.

— Acredito que não vai ser nada de mais, — continuou Jonathan — apenas um susto para que nada aconteça até o Felipe nascer. Pesquisei alguns tópicos sobre hipertensão na gestação e conversei com um médico, professor da faculdade mesmo, e pelo que vi, a situação pode ser

controlada com remédios ou repouso. A Bia está ótima, tanto fisicamente, como na gestação e até mesmo nas aulas, o máximo que pode acontecer é ela se afastar e perder algumas matérias da pós. E isso eu posso mexer os meus pauzinhos com os professores dela e conseguir trazer tudo que ela precisa e ainda aplicar as provas aqui mesmo.

Ricardo assentiu enquanto tomava uma respiração profunda e continha as lágrimas que sempre teimavam em aparecer quando ele tocava naquele assunto. O auge foi em uma consulta com Miguel, que até queria aumentar um pouco a dosagem de remédios de Ricardo para que ele relaxasse, ou pelo menos dormisse melhor, mas ele negou. Não queria estar dopado demais para esquecer os seus problemas e viver uma falsa-felicidade. E se alguma noite Bia precisasse dele e Ricardo estivesse apagado por conta dos remédios? Descartou esta possibilidade com o médico, junto com a promessa de que não esqueceria de tomar os seus, tentaria relaxar e não focaria tanto em um problema que ainda nem sabiam se realmente existisse.

Era claro que falar e prometer para Miguel uma coisa assim era bem mais fácil do que realmente fazer. E ele tentava. Quando estava com Bia, somente ela e Felipe importavam. Não havia sombra de hipertensão, riscos ou nada que atrapalhasse a felicidade naquele momento. Ricardo se entregava de corpo e alma a mulher que amava e fazia o seu mundo cada vez melhor e seu filho, eu em breve estaria nos seus braços, fazendo com que Ricardo fosse o homem mais feliz e realizado de toda a face da terra.

Ele se permitia pensar quando estava sozinho, principalmente antes de dormir ou quando tinha Jonathan ao seu lado para desabafar. O amigo estava se saindo melhor do que a encomenda. Ricardo encontrou em Jonathan uma qualidade que nunca conseguiu aflorar em Sérgio. Enquanto o irmão faria um escândalo, levaria Bia para outros médicos e encheria o saco de Richard para saber o que ele acharia de todo o quadro clínico de Bia, Jonathan era mais sensato e pé no chão, toda hora lembrava Ricardo de que tudo era apenas uma suposição, sem nenhuma confirmação e, por isso, não era necessária toda aquela preocupação antecipada. Ricardo nunca imaginaria que acharia Jonathan mais sensato que alguém em nenhuma outra situação.

E no meio daquele turbilhão todo estava Bia. Ricardo poderia muito bem disfarçar o seu estado, mas Beatriz não era totalmente indiferente. Ela havia percebido o modo dele agir, mas não imaginava que ele externava quase nada do que realmente sentia. Ela também estava mexida com toda aquela história da suposta hipertensão que o médico havia mencionado.

Bia não era burra, havia estudado muito para chegar aonde estava e sabia um pouco sobre o que o médico havia falado na última consulta. Não era uma coisa comum e banal, sabia dos sérios riscos que ela e Felipe poderiam passar, se caso fosse confirmado o quadro. Tinha conversado com algumas colegas que já eram mães e até mesmo feito uma pequena pesquisa na biblioteca da faculdade, enquanto esperava Ricardo para voltarem para casa.

Sim, todo aquele material tinha deixado ela apavorada, e não conseguiu esconder sua reação ao encontrar Ricardo. Desmoronou assim que o viu e agradeceu por ele estar mais centrado que ela, mesmo que fosse uma mentira muito bem projetada e externada por Ricardo. Se nada desse certo na carreira acadêmica, Ricardo poderia tentar as artes cênicas.

Aquilo o machucava mais do que ninguém, Ricardo sabia que poderia aguentar tudo aquilo sem desmoronar, o problema era o quanto ele conseguia suportar e por quanto tempo carregaria todo aquele peso nas costas.

Era uma resposta que ele temia descobrir e por isso contava com Jonathan e Miguel sempre quando necessário. Com os amigos poderia ser ele mesmo, cheio de dúvidas, medos, receios e, principalmente, temor do que poderia acontecer em um futuro tão próximo.

Jonathan e Ricardo montaram o carrinho depois de muito apanharem do manual de montagem. Não desistiram, até porque não seria um carrinho que venceria um doutorado e um doutorando. Seria humilhante demais para ambos.

Voltaram para a sala, onde Bia olhava algum filme se sentindo na TV, empurrando o carrinho azul, preto e branco com um orgulho masculino acima da média. Bia não queria estar perto quando a montagem do quarto realmente começasse, os dois não iriam suportar tanto ego em um quarto tão pequeno.

Jantaram depois de algum tempo deliberando qual seria o cardápio da noite, Bia sempre tinha vantagem nestes embates, principalmente agora, quando dizia que a escolha era de Felipe, não dela. Dormiram tarde e acordaram cedo para encararem a viagem até a casa da família Chiarelli.

Ao chegarem, já pararam direto no mercado, onde Sérgio já os esperava na frente, como sempre, com um misto de ansiedade acima da média. Não esperou Ricardo nem terminar de estacionar ao abrir a porta de Bia.

— Felipe chegou! — Gritou e alguns segundos depois, Fernanda e Sofia apareceram na porta do mercado.

Jonathan desceu do carro sem nem olhar para ninguém, apenas esticou os braços e Fifi sorriu ao ver o padrinho. Aquele era o momento mágico da vida de Jonathan e ninguém seria maluco o bastante para interromper.

Liana apareceu minutos depois, implicando com Inácio sobre alguma coisa alheia e logo a recepção se tornou praticamente pública, com todas as pessoas que passavam no centro da cidade observando a família Chiarelli comemorando a chegada de mais um descendente.

Capítulo 58

A noite estava calma e agradável. Ricardo estava sentado à beira da piscina de casa, com Bia ao seu lado. A casa estava em silêncio, já que Sérgio e Fernanda haviam ido à escola de Inácio para alguma daquelas apresentações para os pais. Jonathan estava na sala, cuidando de Sofia, ou melhor, estava lá, fazendo alguma coisa insignificante só para ficar ao lado dela enquanto ela dormia.

Bia havia passado o dia em casa, com seus pais. Era ótimo estar em casa, ser mimada e escutando as piadas do pai, dizendo que ela estava quase do mesmo tamanho de uma melancia. Era engraçado e um pouco acolhedor. Era como se todas as preocupações de Bia ficassem do lado de fora de casa quando chegava.

E como os pais tinham um compromisso na igreja aquela noite, Bia não perdeu tempo em dizer que passaria a noite na casa de Ricardo. Não queria ficar sozinha com os seus pensamentos se poderia ficar com Ricardo.

— Isso foi um chute? — Ricardo se assustou, já que os dois estavam conversando sobre tudo e nada já havia um bom tempo. E como de praxe, Ricardo sempre estava tocando a barriga de Bia.

— Foi. Às vezes eu até me assusto quando recebo uns assim do nada.

— Se o Jonathan sabe destes chutes, já vai começar a agendar testes para o juvenil do Grêmio assim que o Felipe aprender a caminhar.

Bia riu de uma forma descontraída que fez Ricardo se sentir o cara mais feliz de toda a face da Terra naquele momento. Seu coração, que há tanto tempo era castigado por seus próprios pensamentos, estava mais leve e mais completo.

— Quero saber como vai ser o meu estado daqui há algumas semanas. Já comecei a ficar sem roupas para usar. Ainda bem que as minhas aulas estão terminando este semestre.

— Sempre tem alguma roupa para usar, Bia. Pode usar os sacos de batatas do mercado. — Ricardo começou a rir e mais ainda quando Bia lhe deu um tapa no ombro de leve.

— Vou te dar, saco de batatas.... Foi tu que me deixou neste estado de melancia média, quando eu passar a ser uma gigante, tu vai ver, Ricardo!

— Vou sim, — Ricardo espalmou mais ainda a barriga de Bia — vou ver a mulher mais bonita carregando um filho meu.

— Engraçadinho. Não adianta vir me bajular depois. — Bia o encarou e Ricardo se aproximou e a beijou de leve.

— Adianta sim. — Beijou novamente. — Agora vamos falar sério. — Bia se endireitou e se encostou em Ricardo. — Como foi a medição hoje?

Bia suspirou alto. Sabia que, apesar de toda a folga que o final de semana em casa sempre trazia, era chegada a hora em que a realidade se fazia presente em todos os aspectos.

A única pessoa que sabia da possível complicação que a gestação poderia ter, era Jonathan. E, por mais incrível que poderia parecer, ele estava suportando a barra de portar aquele segredo

de Ricardo e Beatriz de uma forma que ambos não imaginavam. A lealdade aos seus amigos valia muito para Jonathan.

— Medi escondida da mãe hoje, e sempre na mesma. Às vezes quatorze, outras dezesseis, mas nada que ultrapassasse o que já estava acompanhando em casa.

Ricardo assentiu e a abraçou pelos ombros um pouco mais forte do que o necessário.

— Esta semana já vamos tirar essa história a limpo de uma vez. Não vai ser nada. Apenas uma coisa para a gente lembrar daqui uns anos e vermos como éramos pais de primeira viagem e assustados com tudo.

— Que assim seja... E por falar em pais em primeira viagem, vou lá ver como a Fifi está. A Fernanda disse que eu poderia treinar com ela quando precisasse.

— Principalmente na parte das fraldas? — Ricardo levantou e ajudou Bia a se pôr em pé. — Ela me fez trocar umas três fraldas da Fifi hoje com este mesmo motivo. E como a sorte nunca é favorável, em três tentativas, uma foi premiada. — Beatriz riu. — Tu ri porque não era tu que não sabia o que fazer, se limpava o estrago ou dizia para o Jonathan que se ele vomitasse, ele iria limpar. O Sérgio ficou na porta rindo da nossa cara e achando a coisa mais hilária do mundo. Jonathan deu graças que sempre trazia luvas dentro da sua mochila.

Caminharam o pequeno espaço entre o pátio e a sala, e se depararam com a cena incomum: deitado em um dos sofás, Jonathan, dormindo tranquilamente com a pequena Sofia aninhada no seu peito, igualmente ferrada no sono dos anjos.

— Quem vê os dois juntinhos assim, dormindo, nem parece um esquisitão e um bebê que chora sempre que a sua mãe não está por perto. — Ricardo analisou a cena e Bia suspirou.

— Se com a Sofia ele é assim, imagina quando o Felipe nascer?

— Pelo menos não vamos precisar gastar com babá. Capaz do Jonathan mudar o horário da faculdade dele só para ficar com o bebê.

— Que a tua sentença se realize... — Pediu Bia. Antes deixar o filho com o dindo maluco, mas que seria louco por ele, do que com uma estranha dentro de casa.

Brigaram por uns instantes, porque Beatriz queria pegar Sofia no colo e Ricardo achava muito peso para que ela carregasse. Bia quase mandou Ricardo pegar um saco de batata no mercado para ela vestir ao invés de a incomodar. Ela estava grávida, não inválida.

Se aproximou dos dois dorminhocos e, com cuidado, tirou Sofia dos braços de Jonathan, que se acordou em um susto tão grande que imaginou que tinha deixado a bebê cair no chão.

— Vocês estão loucos? — Sussurrou Jonathan, com medo de gritar e acordar Sofia. — Pensei que ela tivesse caindo dos meus braços. — Ele colocou a mão no coração acelerado. — Quando o Felipe nascer vou invadir a casa de vocês e roubar assim, do nada, para ver como é bom.

Jonathan levantou daquele sofá tão rápido e saiu em direção à cozinha, dizendo que iria beber alguma coisa para se acalmar. Sofia ainda dormia calmamente nos braços de Bia, como se a situação toda nem tivesse o nome dela envolvida. Para não dizer que estava completamente desinteressada, suspirou ruidosamente, esfregou os olhinhos com as mãos e voltou a dormir.

profundamente.

— Realmente ela é parente da Liana. — Ricardo sorriu ao ver a cena que seu coração se enchia de alegria toda a vez que presenciava.

Bia com Sofia no colo era indescritível para os sentimentos de Ricardo. Era como se fosse mais um balde de água fria, ao se dar conta que em breve aquela cena seria realidade, mas ao invés de Sofia, seria Felipe. Seu filho com Beatriz, nos braços dela e o fazendo o cara mais sortudo de todo aquele planeta, e de tantos outros que existiam no universo afora.

— Pelo horário, daqui a pouco ela vai começar a resmungar de fome. — Bia falou o tirando daquele estado embasbacado em que Ricardo se encontrava.

— Mais uma vez, comprovando que é parente da Liana.

Ricardo olhou para Bia e ela lhe entregou o pequeno pacote dorminhoco. Ricardo beijou a cabeça da afilhada algumas vezes, evitando se prolongar, para que a sua barba de dois dias não arranhasse aquela pele tão fina e perfeita que Sofia tinha. E também, sentiu a fralda dela esquentar rapidamente.

— Acho bom entregarmos o pacote completo, como recebemos, não é? Alguém acabou de fazer xixi.... A tia Bia está louca para aprender a trocar umas fraldas, não é Fifi? Quando o primo chegar, a tia Bia e o tio Kado já vão estar expert no assunto.

Bia não gostou muito da ideia. Preferia encarar a realidade quando Felipe já estivesse nos seus braços. Ricardo percebeu a sua hesitação e quando Jonathan chegou à sala, com um copo de bebida, ambos deram uma aula para Bia de como os exercícios com aulas práticas enriqueciam qualquer teoria que poderia haver.

— Exatamente. — Jonathan entregou uma fralda limpa, que retirou do arsenal que ficava em cada canto da casa, para os momentos de emergências com produtos químicos. — Meus alunos aprendem bem mais quando eu os levo ao laboratório de química. Eles adoram, principalmente nos novatos, para conhecerem e verem os ácidos correndo as coisas.

— E os meus quando eu dou aula sobre pêndulos? Parece que eu estou dando aula para o jardim de infância, de tão malucos que eles ficam.

— Ok, já entendi o ponto de vocês. Também ficava animada com as aulas nos laboratórios, e ainda guardo o meu primeiro exame de sangue que eu fiz. — Contrariada, Bia pegou a fralda da mão de Jonathan, que sorria para ela ironicamente.

Ricardo se ajoelhou no chão, colocou Sofia no sofá delicadamente e os dois se aproximaram. Até mesmo Jonathan, que de tão abismado com a perfeição de Sofia, nem percebeu que estava realmente sentado no chão sem primeiro limpá-lo adequadamente.

— Ok, e lá vamos nós.

Os acompanhantes de Bia seguraram o riso por alguns instantes e a estrela principal de todo essa trama, ressonava. Com um pouco de dificuldade, Bia conseguiu tirar a fralda velha e fez o melhor possível para limpar Sofia com os comentários de Jonathan e Ricardo ao seu ouvido.

— Pelo menos ela está dormindo — Jonathan virou mais um pouco do seu copo. — Nós

não tivemos esta sorte. Ela passou o tempo todo se mexendo quando o Ricardo estava fazendo o trabalho sujo. — E fez uma cara de nojo ao se recordar da cena.

— E sem contar que a Fernanda disse que ela é calminha, o Inacinho na idade da Fifi adorava fazer xixi quando tiravam a fralda. Ela disse que é coisa de guri.

— Ou seja, estejam preparados para quando o Felipe nascer e jatos de xixi no rosto de vocês.

— Vocês dois como ajudantes são ótimos conselheiros. — Bia olhava a fralda tentando encontrar o mecanismo básico por trás dela. E ainda diziam que as mulheres eram equipadas com um instinto para estas coisas...

Com uma ajuda de Ricardo, ela conseguiu colocar a fralda, fechar e ainda vestir Sofia adequadamente. Era claro que Fernanda assim que chegasse, teria que colocar outra fralda, mas isso era coisas que Beatriz e Ricardo aprenderiam com o tempo, e como ela, agora já as trocava até no escuro e Sérgio mais dormindo que acordado.

Bia encerrou o processo e suspirou junto com Sofia. Jonathan e Ricardo a parabenizavam por ter vencido uma barreira importante. Ela queria mandar os dois para um lugar que a fralda suja conhecia muito bem.

Mas por um momento parou de escutar o que os dois falavam nas suas costas e admirou Sofia. Nem parecia verdade que dentro dela um bebê, como ela, se desenvolvia diariamente. Dava chutes doloridos, tinha um coração acelerado batendo, que ecoava na sala em cada ecografia que ela fazia e, principalmente, ocupava um espaço tão grande no seu coração, junto com Ricardo, que Bia não sabia se ainda existia espaço para ela mesma.

Capítulo 59

Ricardo estava impaciente a espera de Miguel na frente do seu consultório. Olhou no seu relógio, pela quinta vez no mesmo minutos, caminhando pelo corredor. Dois minutos depois o elevador apareceu no andar e Miguel saiu dele calmamente.

— O que te traz ao meu consultório, me privando do meu horário de almoço? Já te aviso que vou estar comendo enquanto tu fala.

Ricardo nem prestou atenção ao que o médico falava, sua apreensão chamou a atenção de Miguel abrindo a porta. Entrou e passou direto para o consultório, sentou e esperou Miguel chegar.

— Ok, o que aconteceu, Ricardo?

Ricardo suspirou pesadamente. Nem sabia por onde começar, na verdade. Estava virado da noite, cansado e ainda não tinha ideia de quando poderia ir para casa e descansar. Ou se um dia poderia voltar a fazer isso.

— Está tudo bem com a Bia? — Miguel tirava um sanduíche da sacola que estava trazendo e não viu a expressão atordoada de Ricardo ao tocar no nome dela.

Tudo tinha acontecido rapidamente. Nem ele sabia a velocidade das ocorrências e assimilado o que havia de fato transcorrido.

Há duas semanas Ricardo e Bia entraram no consultório do obstetra levando as anotações de Bia do controle da sua pressão arterial e entregaram ao médico. Levou alguns segundos para ela analisar e olhar para os dois, com um ar cansado e de quem já estava trabalhando demais para aquele momento da semana e largou a seguinte sentença: Bia estava com um início de hipertensão gravídica e poderia evoluir para uma pré-eclâmpsia. Condição em que a pressão arterial continuava elevada, podendo levar à eclâmpsia, causando convulsões e até mesmo coma.

Naquele momento Ricardo sentiu que quilos foram amarrados aos seus pés e o puxavam para baixo, como uma legítima ação da gravidade. Por mais que tentasse se segurar em alguma coisa ao seu redor, nada era forte o suficiente para sustentar o seu peso, mais os adicionais que a notícia trazia. Apenas poderia fechar os olhos, respirar fundo e abraçar Bia que já tinha lágrimas escorrendo pelas suas bochechas.

A consulta foi demorada, o médico teve que acalmar os dois e dizer que o caso de Bia era inicial. Poderia ser combatido com remédios, repouso e uma dieta balanceada para uma vida mais saudável. E claro, alertou os dois quanto aos riscos se a hipertensão se agravasse. Ricardo nem lembrava desta parte da conversa, o ritmo em que caia naquele poço sem fundo, estava atrapalhando até mesmo a sua audição. Apenas o que o segurava o seu corpo físico naquele lugar era o fato de Bia estar ali, segurando a sua mão, e precisando de Ricardo ao seu lado.

Vendo a reação dos dois, o médico pediu que Bia se arrumasse para mais uma ecografia, uma prova física de que Felipe estava bem, e o efeito de verem na tela o bebê e escutarem o seu coração batendo era o bastante por ora. E ainda os disse que eram para manter a calma acima de tudo, todo o estresse, ansiedade e problema que Bia poderia enfrentar, era um desencadeante para a pressão arterial subir e agravantes surgirem.

Saíram daquela consulta de mãos dadas e em silêncio pelo resto do caminho. Ricardo ligou para a faculdade e pediu para que um colega o cobrisse naquele dia, não tinha condições físicas e nem mentais para encarar um turno inteiro com alunos falando enquanto Bia ficava em casa sozinha.

Chegaram ao apartamento e o abraço que trocaram foi o que acalmou o coração de ambos. Bia estava arrasada consigo mesmo, não poderia compreender como seu próprio corpo poderia a trair daquela forma. Simplesmente não era do seu entendimento como poderia fazer mal ao seu bebê daquela forma e ainda ser tão impotente a ponto de não poder controlar as suas próprias emoções para que nada desencadeasse um pico de hipertensão.

Era claro que a culpa não era dela. Simplesmente não tinha uma explicação lógica para que a hipertensão aparecesse daquela forma. Apenas acontecia e agora a meta era burlá-la e manter a gestação no mesmo ritmo e tranquilidade que Bia precisava cultivar a todo o custo. Se precisasse virar um vegetal em casa, só levantando da cama para ir ao banheiro em casos extremos, faria. Se tivesse que passar o resto da gestação no hospital, ligada à máquinas e medicamentos, não pensaria duas vezes ao arrumar a sua mala e só voltar para casa quando Felipe estivesse, são e salvo, nos seus braços.

E sabia que Ricardo estaria ao seu lado. Via que ele tinha ficado tão transtornado com a notícia como ela. Ele já era o pai perfeito para o seu filho. Mesmo antes de nascer Bia notava o quanto Ricardo se esforçava para ser o melhor pai que pudesse, escutou ele dizendo, tantas vezes, que seria igual ao seu para Felipe, ou como Sérgio era para Inácio e Sofia. Ricardo conversava com Felipe todas as noites, distribuía beijos doces pela extensão da barriga de Bia e ela sentia como o bebê ficava feliz ao escutar a voz do pai. Vibrava e distribuía chutes. Não via a hora de ver seu filho nos braços do pai, sendo embalado pela voz doce de Ricardo, escutando a risada dos dois, as brincadeiras, ensinamentos e tudo mais que Ricardo se esforçaria ao máximo por Felipe.

Sabia que o que acontecesse dali para frente, Ricardo estaria ao seu lado.

Seguindo as instruções do médico, Bia começou a se alimentar melhor, dormir mais cedo e se acostumar com os remédios, ainda que preventivos e fracos, diariamente. Suas pernas continuavam a inchar no final do dia e as dores de cabeça sempre constante no início da noite. Seu curso estava na reta final, faltava apenas a apresentação do trabalho final em poucos dias, mas não era um problema, já que tinha sido bem orientada e estava tudo pronto. Nem correções precisava mais. E para a felicidade de Bia, o professor principal do departamento havia concedido uma bolsa para que Bia engatasse em um mestrado assim que pudesse. Sabia da condição gravídica da aluna e, em posse do potencial de Bia, assegurou que a bolsa não tinha prazo de validade. Assim que ela se encontrasse apta a voltar para a faculdade, ela estaria lá a sua disposição. E ainda deixou subentendido que se ela continuasse naquela empolgação, inteligência e entusiasmo de sempre, o doutorado era uma questão de tempo e, quem sabe, até mesmo uma vaga no quadro docente da faculdade. Ocuparia o mesmo cargo que Ricardo e Jonathan naquela faculdade que havia recebido de braços tão abertos enquanto ela passava por toda aquela transição de vida.

Quanto ao seu futuro acadêmico e profissional, Bia não precisava se preocupar, tudo estava certo e organizado para quando ela voltasse.

Contudo, a situação de Bia havia piorado no início daquela semana. No final de semana, tinha retornado para casa e, em uma grande reunião à lá família Chiarelli e a sua, Bia e Ricardo confidenciaram às famílias sobre a condição da gestação. Era fundamental o apoio de ambas, Bia e Ricardo eram jovens demais para passarem por tudo aquilo em tão pouco tempo. Cada família sabia o que a sua parte da história estava/havia passado e poderiam finalmente apoiá-los da melhor forma.

Voltaram para casa com a alma mais leve e um pouco do peso do mundo dividido entre mais pessoas. E claro, com isso tudo, os telefonemas, que já eram diários, passaram a serem praticamente por turnos e longos. E logo depois de um desses telefonemas que sua mãe tinha dado, Bia começou a sentir-se diferente.

A dor de cabeça tinha aumentado consideravelmente e estava tonta, além das leves vertigens que sentia ao levantar rápido demais do sofá. Ricardo estava por perto e notou a diferença em Bia. A amparou quando ela vacilou e a colocou sentada no sofá enquanto procurava o aparelho de pressão de Bia. Ao medirem, perceberam que estava bem acima do “normal” para ela, que já era alterado. E tudo ficou pior quando sentiu uma fisgada na barriga e a mancha de sangue minúscula que apareceu no forro da sua calcinha.

Ricardo nunca foi imprudente no trânsito, mas aquele dia ele teve de ser. Chegaram ao hospital em estado de pânico total. Bia estava cada vez pior e Ricardo estava fazendo o possível, e até o impossível, para que ela chegasse ao hospital e tudo se resolvesse.

Bia entrou no hospital e logo levada ao setor de maternidade, a parte onde todos os casos de gestação e suas decorrências eram atendidas com prioridade. Ligou para o médico dela, que por sorte, estava de plantão em outro setor e logo chegou para atendê-la.

Confirmou o quadro de hipertensão e disse que aquele poderia ser o primeiro e desencadeante de uma pré-eclâmpsia. Ficaria em observação por um dia ou dois e voltaria para casa, onde o cuidado seria extremo.

Acalmar Bia tinha sido uma tarefa difícil. Foi preciso Ricardo intervir, quase suplicar que ela se acalmasse, pois, o estresse do momento poderia desencadear outro quadro de pressão alta e aumentando o pequeno descolamento de placenta que ela havia tido. Ricardo era paciente e estava sendo o pilar para que Bia se apoiasse naquele momento.

Medicaram Bia e ainda adicionaram uma pequena dose de calmante, nada muito forte, apenas que ela relaxasse e pudesse dormir melhor. Tudo que ela precisava naquele momento era de umas horas de sono e muita tranquilidade para lidar com a situação.

Já Ricardo, que ficou ao seu lado o tempo todo, não conseguiu relaxar por um instante que fosse. Além de estar sem os seus próprios remédios, passou a noite em uma cadeira ao lado da cama de Bia, zelando pelo seu sono tranquilo. Acariciava seus cabelos, beijava seu rosto com delicadeza, e quando Bia se mexia na cama, a acalmava, dizendo que estava ao seu lado e que dali não sairia.

Aquela noite foi uma das piores da sua vida, e olha que Ricardo tinha muitas noites que entravam naquela lista enfadonha. Mas, com certeza, esta estava em primeiro lugar. Sua cabeça era a sua maior traidora de todas, e ele sabia que ela tinha esse poder contra si mesmo. Era desconcertante, altamente tóxico e perigosa os cenários que a sua cabeça, e porque não, doentia

mente, lhe proporcionava em momentos de altos estresses como aquele em que estava vivendo. Era mais perigoso ainda quando estava sozinho e sabia que não tinha como se desviar dos pensamentos e das reações que eles traziam ao seu corpo.

Ricardo apenas precisava ser forte. Ser a rocha que Bia precisava, mesmo que ele também necessitasse de uma naquele momento, e sabendo que não teria ninguém para apoiá-lo naquele momento. Poderia vir Sérgio, Fernanda, Liana, Inácio e Sofia, ninguém poderia acalmar o coração e mente de Ricardo. Nem mesmo Miguel e suas palavras categóricas e precisas poderiam fazer aquele milagre. Ou mesmo Jonathan, que mesmo lutando contra si mesmo por entrar em um hospital, não hesitou em aparecer lá e ficar ao lado de Ricardo e Bia, quando o horário de visitas inicial. Aliás, Ricardo foi visitar Miguel, por alguns minutos, como Jonathan mesmo havia dito, no meio do caminho para casa para buscar algumas roupas e utensílios de higiene, mas nada era consolador o suficiente.

A única pessoa possível para apaziguar a angústia de Ricardo era Beatriz, mas como ela conseguiria fazer uma coisa que também precisava? Ricardo era inteligente o bastante para perceber aquilo e não cobrar nada, apenas estar ali, ser a pessoa perfeita para aquele momento. A pessoa que faria de tudo que estivesse ao seu alcance, e longe dele, para Beatriz e o seu filho. Ainda faltava umas boas semanas para que Felipe pudesse nascer com saúde e sem riscos.

Depois que ele nascesse e Bia estivesse bem, Ricardo poderia se transbordar no amor, compreensão e felicidade que os dois trariam as suas vidas. No momento, ele precisava ser forte e, pela primeira vez, parar de pensar na sua própria condição e ser a pessoa que Bia necessitava ao seu lado.

Capítulo 60

Bia acordou com o barulho da porta fechando. Com dificuldade, olhou para o suporte do soro e percebeu que era apenas a enfermeira do turno trocando o frasco. Se ajeitou na cama e escutou um gemido baixo ao seu lado.

Sorriu de leve ao ver Ricardo encolhido naquela cadeira desconfortável, que ele jurava que era melhor que a cama deles. Uma mentira óbvia que ela percebia todos os dias ao ver ele sair dela todo torto e com as mãos nas costas.

Novamente ele se mexeu, desconfortável, e Bia esticou a mão, sem o acesso do soro, em direção a dele. Ricardo abriu os olhos, um pouco assustado.

— Está tudo bem? Precisa de alguma coisa?

— Sim, — respondeu ela — que tu vá para casa e descanse um pouco.

Ricardo passou a mão pelos cabelos rebeldes e desceu passando pelas bochechas, já com uma barba crescida. Bia nunca tinha visto ele sem se barbear por mais do que dois dias, ver aquela sombra no rosto dele trazia um charme a mais.

— Eu estou bem, Bia. — Ricardo puxou a mão dela e a beijou.

— Não está não. Fico com dor nas costas só de te olhar dormindo nesta cadeira horrível.

— Ela não é tão horrível assim.

— É sim, e ela foi feita para pessoas normais, não girafas como tu.

Ricardo sorriu e o pequeno gesto aqueceu o coração de Bia.

— Deita aqui comigo, a cama é grande e suporta nós três.

— Até mesmo girafas? — Desdenhou Ricardo.

— Especialmente elas. — Bia o encarou com uma expressão brincalhona.

Ricardo suspirou, pensou um pouco e levantou, com um pouco de dificuldade. Pelo horário em que estavam, a próxima enfermeira só viria quando o sol nascesse. Ainda daria umas três horas de um sono melhor do que naquela cadeira dura e que ele não conseguia acomodar seu corpo.

Bia cedeu um pouco do espaço para ele e Ricardo deitou-se ao seu lado, passou um dos braços por cima do ombro dela e Bia se aconchegou no seu peito. Suspirou, contente e sentiu Ricardo beijando seus cabelos.

— Se a enfermeira me ver aqui ela vai me correr.

— Ninguém vai ousar em me contrariar, posso ficar muito nervosa e a minha pressão subir. Felipe também quer o pai por perto um pouco. — E como quem estivesse escutando tudo, Bia foi recompensada com uma mexida leve na sua barriga.

— O papai sempre está por aqui, filho....

Sim, Bia tinha certeza e que Ricardo sempre estaria ao seu lado, como estava desde o dia em que baixou o hospital. O máximo de tempo em que saía, era para comer alguma coisa e

buscar roupas limpas em casa. Não ficando nenhum segundo a mais do que o necessário para estas ações. Dormia naquela cadeira horrível e, mesmo quando a mãe de Bia veio para cuidar a filha, não deixou que a sogra dormisse ali. Todos os dias a colocava em um táxi de volta ao apartamento para que ela descansasse e voltasse no outro dia.

Era claro que Bia queria a presença dele em todos os minutos que estivesse dentro daquele hospital, porém já começava a notar as olheiras, as recorrentes dores no corpo e o semblante cansado. E uma dúvida surgiu para Bia.

— Kado... — murmurou.

— Hmmm...

— Tu tem tomado os teus remédios?

Bia sentiu Ricardo se remexer em baixo dela.

— Ricardo... — O pressionou de leve.

Ele suspirou pesadamente e falou a verdade.

— Não. Não me sinto bem tomando eles e apagando aqui, e se tu precisar de mim no meio da noite, como para ir ao banheiro ou outra coisa. Não posso ficar aqui ao teu lado e desmaiado.

Bia escutou aquelas palavras e o encarou.

— Tu não devia ter feito isso! Há quantos dias tu não toma?

Ele deu de ombros indiferente. Bia presumiu que desde que ela estava no hospital, há três noites. Ricardo desviou o olhar fechando os olhos, como quem quisesse encerrar o assunto.

— Kado.... Olha para mim, por favor. — Sussurrou aquela última parte se aproximando mais dele.

Ricardo abriu os olhos e a encarou desconfortável.

— Não faz mais isso, ok? Se eu preciso de medicamentos aqui, tu também precisa dos teus. Principalmente tu. Não fico nenhum pouco despreocupada com o fato de que tu não está te cuidando para ficar ao meu lado. Nós estamos em um hospital, e tudo que eu faço é monitorado de perto. Não precisa ficar assim comigo, te mandei para casa todas as noites para que tu voltasse para mim descansado e bem.

— Eu não conseguiria voltar para casa sabendo que tu está aqui em um hospital e cuidando do Felipe sozinha.

— Ah, meu amor.... — Bia o beijou de leve nos lábios, sentindo a aspereza da barba desalinhada. — Tu nunca vai me deixar sozinha, e o Felipe está bem aqui. — Ela pegou a mão dele e a levou para a sua barriga, por baixo do pijama que Ricardo havia trazido de casa. — Precisamos de ti bem ao nosso lado.

Ricardo a encarou e sentiu o leve movimento do filho dentro de Bia. Ele estava realmente cansado. Não dormia e nem comia bem naquele hospital. Por sorte Jonathan vinha todas as manhãs e trazia escondido um pouco de comida diferente para Ricardo no meio das roupas que ele levava para lavar todos os dias. Fora isso, Ricardo passava o dia ao lado de Bia, zelando, cuidando e ajudando no que podia para deixar aquela estada mais confortável possível.

Sinceramente, ele havia esquecido de pegar seus remédios quando foi buscar a primeira leva de roupas em casa. E também não acreditava que ficariam tantos dias assim. Por fim, até gostou de não tomar aqueles dias, assim, ficaria mais alerta caso alguma coisa acontecesse com Bia no meio da noite.

Porém, agora já começava a sentir a falta deles no seu organismo. A abstinência já começava a cobrar o seu preço com alguns sintomas como as tonturas, pequenos tremores, um pouco de irritabilidade, a sensação de que tudo a sua volta era alheio, insônia acima da média e os pesadelos mais vívidos que o comum. Quando percebeu os sintomas sentiu-se impotente nas suas obrigações como pai e namorado. Nem para cuidar da mãe do seu filho, com risco de uma doença grave que poderia colocar a sua vida e a Felipe em risco Ricardo servia!

Tudo na sua vida parecia que dependia daqueles comprimidos, que pareciam até doces infantis. As tais cápsulas da felicidade, como um colega desinformado de Ricardo as apelidou quando viu ele tomando um dia na faculdade. Naquele dia escutou um sermão de um professor antiquado que achava que Ricardo não era doente, e simplesmente um boçal que nunca tinha trabalhado para conquistar nada e sempre ganhou tudo de mão beijada.

— Na minha época não tinha isso! — Apontou para os comprimidos na mão de Ricardo. — Nada destas baboseiras que os jovens de hoje tomam para sentirem-se felizes. Trabalhávamos antes do sol nascer e só íamos para casa quando ele se punha. Nossas cabeças eram preenchidas com trabalho e não com pensamentos de como éramos tristes e sem nada para fazer!

Desde aquele dia Ricardo resolveu tomar seus medicamentos em casa, para evitar outra palestra daquele tipo e que o deixasse vulnerável e encabulado em meio a outros professores tão inteligentes e superiores ao simples estudante de doutorado que era um professor novato.

Ser dependente de remédios era quase considerado um crime para algumas pessoas, pessoas fracas, que não conseguiam suportar uma crise sem recorrer a fórmulas químicas para induzir a felicidade artificial enquanto o mundo caía sobre as suas cabeças ocas e ilusórias.

Bia sabia que tudo isso era mentira, como tal estudante de farmácia e bioquímica, entendia que a história não era bem assim. Compreendia que a necessidade de remédios controlados, como os que Ricardo consumia, não era apenas um capricho, para que ele ficasse feliz enquanto tudo se desmoronava a sua volta. A complexidade do assunto ia além de tudo o que estes entendidos supostamente sabiam. E saber que Ricardo estava negligenciando a sua saúde por causa dela era demais. Ela não poderia deixar aquilo se estender por mais tempo. Uma crise de abstinência não era fácil de lidar, quem dirá com Ricardo ansioso e nervoso com a situação em que estavam passando.

— Promete uma coisa para mim, Kado...? — A voz dela parecia uma brisa em um dia de calor escaldante.

Ricardo esfregou o rosto dele sobre o dela, indicando que estava a escutando.

— Uma promessa para a vida toda, ok? — Ele apertou a mão dela no ponto onde se tocavam, sobre a barriga dela e em cima de Felipe. — Nunca mais para de tomar os teus remédios, a não ser que o Miguel te peça.

Ricardo não respondeu ou se manifestou fisicamente. Como ele queria, naquele momento, e no resto de toda a sua vida, ser uma pessoa normal, sem a ajuda de medicamentos

para ser produtivo. Apenas normal já bastaria. Daria até a sua inteligência a aptidão às exatas. Nem que para isso, trabalhasse descarregando caixas de verduras no mercado da família ao invés de pisar em uma faculdade e ter um diploma de doutorado em física.

— Eu não posso lidar com tudo isso sozinha, Kado. — Bia notou a hesitação dele em falar. — Preciso de ti ao meu lado todos os dias para o resto da minha vida. Me ajudando com a gestação, com o Felipe e me deixando te amar. Eu só vou conseguir se tu estiver ao meu lado, completamente ao meu lado...

Ela não conseguiu falar mais, pois se abrisse a boca novamente as lágrimas viriam junto. Bia não podia se emocionar demais e por isso se controlou. Apenas se aproximou de Ricardo o máximo que ela podia naquele momento, deitados em uma cama de hospital, isolados do resto do mundo e zelando pela coisa mais bonita que ambos já tinham feito na vida: Felipe.

Ricardo compreendeu cada palavra que ela disse e todas as outras que deixou subentendida. E entendendo o significado, ele não pode deixar de novamente sentir-se impotente, porém, ao mesmo tempo, um pouco mais aliviado. Bia o amava e sabia da importância dos medicamentos na vida de Ricardo. Uma aceitação além da que Ricardo pedia.

— Eu prometo, Bia. Prometo para vocês dois. — Respondeu depois de algum tempo em silêncio.

Bia não respondeu, pois parecia que já havia pegado no sono novamente. Mas ela não precisava escutar. Sua compreensão ia além do que as palavras soavam.

Capítulo 61

— Isso vai ser emocionante! — Bia fechou o cinto de segurança com um pouco de dificuldade, seu diâmetro estava bem aumentado.

Ricardo se apoiou no carro de Jonathan e pediu para que Bia abaixasse o vidro.

— Quando chegar lá te ligo, ok? Espero estar em casa no meio da tarde de amanhã.

— Sem pressa, Kado. — Bia olhou para ele com carinho. — Dirige com cuidado e amanhã também.

Ricardo se abaixou e a beijou com a porta do carro os separando. Deixar Bia por uma noite aos cuidados de Jonathan era um pouco perturbador, mas de jeito nenhum deixaria Bia sozinha em casa por uma noite. E ela, mais teimosa ainda, não queria que sua mãe viesse, ou que Ricardo a deixasse na cidade deles e depois fizesse todo o caminho até a serra, onde teria uma palestra em uma faculdade parceira, sobre a sua pesquisa do doutorado.

A única solução era deixar Jonathan de olho em Bia, e aliado ao fato de que o quarto de hóspedes, futuro quarto de Felipe, estava em reforma e o cheiro da tinta a deixava com dor de cabeça e ânsia de vômito. Então Jonathan iria levar Bia para o seu apartamento e ser os olhos de Ricardo naquela noite.

Bia estava animadíssima por poder sair de casa e Ricardo afrouxar um pouco as rédeas com ela. Ele andava tão preocupado, que não deixava Bia nem colocar o nariz para fora de casa sozinha, quem dirá uma noite e meio dia. E também pelo fato de que, finalmente, ela conheceria o apartamento de Jonathan. Sim! Depois de mais de quase ano de amizade deles, Bia iria conhecer o lugar sagrado de Jonathan. Sua curiosidade sobre onde ele passava os seus dias era maior do que saber que ficaria longe de Ricardo.

— Pegou os remédios, o aparelho de pressão e o número do médico, do meu hotel e...

— Sim, Kado! — Ela revirou os olhos vendo a preocupação dele. Ricardo tocou-lhe a face de leve e a beijou novamente. — Vamos ficar bem, nós três.

— Meu medo é não conseguir salvar o Jonathan depois dessa noite, isso sim.

Jonathan olhou para Ricardo e deu os ombros, colocou a bolsa de Beatriz com uma muda de roupa no banco de trás do carro e Ricardo caminhou até ele.

— Não sei se te agradeço ou me desculpo por tudo que a Bia vai te perguntar essa noite.

— Não é nada de mais. — Deu um meio sorriso sem graça. — Vocês são meus amigos e o Felipe vai ser meu afilhado, nada mais justo do que ajudar com o que eu posso.

Ricardo quis remendar e dizer que Jonathan já tinha feito bem mais do que um amigo e um padrinho. Nos dias que Bia ficou internada no hospital, em recuperação, Jonathan visitava os dois todos os dias, e quando sobrava tempo, aparecia outra vez para ver se não precisavam de nada. Levava roupas limpas, comidas escondidas e tantas outras coisas mais que Jonathan se disponibilizava a fazer pelos dois, ou melhor, três.

Ricardo se despediu dos dois sentindo o seu coração se apertar mais do que o normal.

Bia estava emocionada e não parou de falar um minuto que fosse, fazendo Jonathan rir em

alguns momentos.

— Qual é o mistério de conhecer o meu apartamento? Ele não tem nada de extraordinário. Um quarto, um banheiro e uma sala que é dividido com a cozinha. O básico para eu sobreviver.

— Tu é o cara mais reservado e cheio de manias que eu conheço, e olha que eu moro com o Ricardo. As junções sempre são lá em casa e ninguém conhece onde tu te entoca.

— Realmente é uma toca de tão pequeno.

— Aposto que dá para comer no chão de tão limpo e vou ter que tirar os meus sapatos quando chegar lá.

— Não para o primeiro, seria anti-higiênico demais, e sim para o segundo.

— Sabia. Vou fazer tanta bagunça que tu vai levar um ano arrumando.

Bia percebeu o assombro de Jonathan e desatou a rir, para que ele visse que era uma brincadeira.

Passaram no mercado, compraram algumas coisas que Bia estava com desejo e chegaram ao prédio de Jonathan logo depois.

— Agora sei porque o teu apartamento é pequeno, só um metro quadrado do teu deve ser o preço do Kado.

Jonathan não respondeu, pois, a conta não era em toda errada, apenas um pouco exagerada. Acionou o portão eletrônico e estacionou na sua garagem. Saíram para o elevador e Bia ainda brincou se tinha que prender os cabelos para que nenhum fio ousasse macular aquele piso perfeitamente encerado e reluzente.

— Se um dia teu espelho quebrar, pode se barbear com o reflexo do chão.

Jonathan sorriu para ela, cumprimentou o porteiro com um aceno rápido de cabeça e subiram para o seu andar.

Como Bia desconfiou, o apartamento de Jonathan era um mistério profundo. Completamente diferente do que ela imaginava. Pequeno, mas repleto de coisas variadas.

— Uau. — Foi a única palavra decente que conseguiu expressar naquele momento enquanto retirava os sapatos e tentava captar todos os detalhes daquele ambiente diferente.

— Viu só, nada de mais, apenas um apartamento simples e funcional.

Bia saiu, descalça mesmo, nem esperando Jonathan abrir a sua bolsa e retirar o par de chinelos que ela havia trazido, começou a explorar o que mais lhe chamava a atenção. Milhares de fotos, de um Jonathan em diversas idade, sozinho ou acompanhado por um senhor ao seu lado em inúmeros lugares.

— Teu avô? — Ele acenou que sim.

— Vim morar com ele quando acabei o internato, não quis morar com meus pais e irmão. — Ele pigarreou. — Como tu deve ter percebido, eu não me dou bem com eles.

— Sim. Ainda quero escutar esta história... — Bia se perdeu novamente ao ver algumas camisetas enquadadas e Jonathan se apressou em explicar.

— Camisetas do Grêmio da Libertadores de 83, mundial e libertadores de 95. Era as relíquias do meu avô, todas assinadas pelos jogadores da época. Restaurei e enquadrei.

Bia sorriu ao ver as fotos de um bebê loiro acompanhado do seu avô sorridente, um Jonathan na idade de Inácio, vestido com o uniforme do time e no meio do campo, segurando uma bola, em alguns pontos turísticos do mundo e até mesmo ingressos de shows internacionais cobiçados.

— Meu avô gostava de viajar e topava qualquer coisa que aparecia na sua frente, nossa maior loucura foi ir ao show do Queen na França e também do Metallica e AC/DC nos Estados Unidos. — Ele apontou para as fotos e os ingressos.

— Nunca imaginei que tu seria um aventureiro de shows.

— Eu não era, ele sim. — Jonathan sorriu em saudades do avô. — Eu só o acompanhava e me divertia junto. Meu pai detestava quando a gente saía nessas viagens sem rumo e sempre que o vô tinha uma oportunidade me arrastava.

— Avô por parte de pai?

— Não, mãe. — Ele suspirou fundo. — Minha mãe se casou com o meu pai porque ele a engravidou. Estava mais interessado no dinheiro que ela tinha do que qualquer coisa, como ela ou eu e o meu irmão. Meu avô ficou muito chateado na época, pelo que me contava, acabou se distanciando deles, e quando percebeu que eu era diferente dos meus pais e irmãos, meio que me adotou. Foi a melhor época da minha vida.

Aquela frase fez Bia ter que engolir algumas lágrimas, ainda mais aliado ao fato de que qualquer coisa fazia ela chorar. Ricardo já tinha vetado Bia olhar propagandas no meio dos filmes que passavam na TV, toda vez que os comerciais começavam, Bia começava a chorar, principalmente aqueles com mensagens tocantes.

Jonathan se sentiu desconfortável com ele mesmo depois daquelas pequenas revelações a Bia. Não era muito de falar da sua vida pessoal do passado e a sua atual não tinha mistério nenhuma, pois quase não existia mesmo.

— Vou tomar um banho e preparar o nosso jantar. — E saiu correndo em direção ao seu quarto deixando Bia sozinha na sala.

Ela caminhou por toda a pequena extensão, tentando compreender como aquele jovem Jonathan, sorrindo nas fotos ao lado do avô, se tornou um recluso e cheio de manias. Bia começou a perceber que gostaria de ver mais aquele lado de Jonathan e que precisava fazer alguma coisa para que ele voltasse a sorrir daquela forma, como nas fotos.

Jonathan não demorou muito para voltar, Beatriz não tinha nem chegado a parte dos cd's dele para bisbilhotar, tinha parado na parte dos jogos de vídeo-game e Jonathan prometeu que depois que jantassem iriam jogar um pouco.

Ele fez o jantar com ela ainda questionando algumas das viagens da sua adolescência e o porquê alguns diplomas e menções honrosas em química tinham o nome do meio diferente.

— Troquei de nome quando fiz 20 anos. Era Jonathan Eliseu Dering Bastos. Tirei o nome e sobrenome do meu pai e adotei o nome do meu avô e o sobrenome dele.

— Jonathan Ramiro Dering? — Bia sorriu quando ele concordou. — Combina mais que Jonathan Eliseu.

Jantaram e logo após Ricardo ligou. Como Bia esperava, milhares de perguntas de como ela e Felipe estavam, e se não estavam incomodando Jonathan a ponto dele a largar sozinha no meio da cidade. Jonathan negou a intenção de fazer uma atrocidade dessas com Bia e Ricardo conseguiu se acalmar um pouco. Desligaram o telefone e foram jogar vídeo-game, uma péssima ideia depois de alguns minutos.

— Realmente não tem graça jogar contigo, Jonathan! O Kado deixa eu ganhar ou me dá vantagem quando jogamos. E ele faz isso desde que somos crianças.

— E que graça isso teria? Jogar com ele é ótimo, temos o mesmo nível de dificuldade nos jogos. — Novamente ele faz alguma coisa que acaba matando o personagem de Bia.

— Desisto!

Ela largou o controle e ficou observando Jonathan jogar em silêncio por alguns instantes, até ele terminar a partida sozinho e perceberem que já estava na hora de dormirem.

— Eu durmo no sofá, sem problemas. — Disse Bia após o pequeno impasse de ter apenas uma cama em casa.

— Mas o sofá não é para dormir, é para sentar.

— Ultimamente o Felipe não me dá muita escolha de como eu gostaria de dormir, qualquer lugar que eu caia e ele goste de posição é bem-vinda. — Bia percebeu o tremor de Jonathan. Ele era certinho demais para dormir em um sofá e cavalheiro para deixar que ela dormisse.

Bia suspirou e olhou para ele.

— Ok, eu durmo do teu lado, mas já aviso que me mexo a noite toda e levanto toda hora para ir ao banheiro.

— Acho que o Ricardo não gostaria que eu dormisse ao teu lado. Não seria certo, ainda mais tu sendo mulher dele.

Bia respirou fundo, e colocou a mão sobre a sua barriga.

— O Ricardo não está aqui e tu é meu amigo, confio completamente no teu bom senso de não se aproveitar de mim enquanto eu durmo.

Aquelas palavras chocaram Jonathan de uma forma até que bonitinha.

— Eu... E... Eu nu-nunca faria nada, Bia. — Gaguejou.

— Eu sei, Jonathan, por isso mesmo. — Ela o puxou em direção ao quarto e deitou na cama dele.

Sem muita opção Jonathan se deitou do outro lado e ficou imóvel. Completamente sem reação ao que estava acontecendo. Bia notou que estava ao lado de uma estátua.

— Até parece que tu nunca dividiu a cama com alguém. — Debochou, mesmo sabendo que esta possibilidade era realmente alta. E o silêncio de Jonathan confirmou suas suspeitas.

Bia lembrava do espanto quando descobriu que Ricardo era virgem quando os dois começaram a namorar. Liana já tinha dito para a amiga aquele fato, mas ela não acreditava. Era impossível demais. E agora, ao lado de Jonathan, e vendo o estado que ele havia ficado ao deitar do seu lado, percebeu que a virgindade em homens com mais de vinte anos, ou quase trinta, como no caso de Jonathan, não era tão raro como ela imaginava.

— Posso te fazer uma pergunta, Jonathan? — Ela não esperou a resposta para fazê-la. — Tu pensa em namorar com alguém um dia?

Ele não respondeu, e o silêncio deu brecha para Bia continuar a falar.

— Jonathan, tu é um cara legal, educado, gentil, inteligente e se eu não fosse apaixonada pelo Kado desde que me conheço como gente, teria me atirado para os teus braços. Mas o Ricardo sempre teve preferência no meu coração adolescente. — Ela debochou e isso fez com que Jonathan olhasse para ela. — Mas é verdade, tu merece encontrar alguma pessoa que te faça feliz, que te faça sorrir como aquele Jonathan nas fotos das paredes. Como eu gostaria de ver um lado devasso do certinho Jonathan...

— Eu não consigo, Bia. — Ele confessou depois de alguns instantes. — Só em pensar em encostar em alguém....

— Tu encostou em mim e eu estou deitada ao teu lado.

— É diferente, já conheço teus hábitos de higiene e sei que apesar dos pesares, é mais fácil eu me limpar perto de ti do que outras pessoas. E só de imaginar fazer certas coisas, me enjoa.

— Beijar e transar? — Bia fez uma cara estranha. — Se pararmos para pensar são duas coisas bem nojentas mesmo, mas no sentido de fazer a amor e carinho em quem gostamos é diferente.

Bia se virou na cama e encostou no braço de Jonathan de leve.

— Quando tudo isso passar e eu e o Felipe estivermos em casa, vou começar a procurar uma namorada para ti, Jonathan.

Ele sorriu de leve.

— Eu agradeço, mas não valo o investimento.

— Então eu posso fazer alguma coisa, para ver aquele Jonathan sorrindo nas fotos novamente?

Jonathan parou e pensou um pouco. Sim, havia uma coisa que Bia poderia ajudar ele, e já que a noite estava sendo de revelações, ele revelaria mais uma parte da sua essência.

— Quando eu briguei com o meu pai e sai de casa para morar com o meu avô, ele disse que eu tinha me libertado. Criado asas como um anjo e voado para longe do que me fazia mal. Até meu avô morrer, ele ficou me chamando de anjo, por causa disso. — Ele suspirou de leve. — Realmente eu acredito que tenha criado asas e fugido de tudo que me fazia mal. E agora, de onde eu estou, consigo perceber que realmente eu consegui. Me formei, consegui meu doutorado e sei que sou um dos melhores na minha área.

— Tuas asas de anjo te levaram na direção certa.

— Sim, e eu quero tatuar elas nas minhas costas, me falta coragem de ir até um estúdio de tatuagem e fazer. Tenho medo de sair tudo errado, de pegar uma hepatite e outras doenças. Preciso de alguém que me ajude a escolher o local e tatuador, o desenho e que esteja ao meu lado quando eu começar e terminar o desenho. É a única coisa que eu quero e desejo na minha vida. Uma tatuagem de asas de anjo nas minhas costas.

Bia sorriu ao olhar para aquele Jonathan tão sonhador e distante. Se aquele era o desejo dele, seria atendido. E não, Bia não descansaria até ver Jonathan feliz novamente.

Capítulo 62

Jonathan acordou com uma sensação estranha. A noite, ao lado de Bia tinha sido completamente atípica para ele. Ele só conseguiu dormir mesmo nas altas horas da madrugada, quando o seu corpo não aguentou mais. A cada mexida na cama de Bia, ele acordava apavorado. Sem contar nas vezes que ela encostava nele.

Saiu da cama, cambaleando ainda, sem se lembrar de que ela ainda continuava dentro do seu apartamento e quando chegou à porta do banheiro, sentiu o cheiro de café.

— Bom dia, dorminhoco. — Bia apareceu ao seu lado, do nada, beijando a bochecha de Jonathan, o pegando completamente despercebido. — Estava quase indo te acordar, Belo Adormecido. Fiz o café, espero que tu goste.

Bia entrou no banheiro, sem nem dar oportunidade de Jonathan chegar até ele. E vendo que tinha ficado sem usar, caminhou até a sua pequena e funcional cozinha, onde Bia tinha preparado o café.

Por morar sozinho, e nunca ter a possibilidade de visitas, Jonathan não tinha muitas louças, e percebeu que Bia tinha usado a sua enquanto dormia. Era a primeira vez que alguém se intrometia na sua intimidade. No fundo, Jonathan estava bem incomodado com o fato, mas se recriminava ao se lembrar que era de Bia que estava pensando. Bia e Ricardo eram as únicas pessoas no mundo com que Jonathan se importava e sabia que ambos se importavam com ele, como uma família deveria ser.

Contar sobre a sua vida antes de conhecer Bia e Ricardo era bem complicado, um assunto recorrente sempre nas conversas entre Jonathan e Miguel. Ele não fazia questão nenhuma de revelar seu passado e tudo que tinha vivido até os dias de hoje. Era reservado demais para tal audácia. Porém, Bia o fez falar mais do que ele realmente pretendia. Principalmente quando já estavam na cama, uma coisa que Jonathan achou excessivamente íntima e não esperava compartilhar ela com mais ninguém futuramente. Uma única experiência, quase traumática, com Bia era o suficiente. Com certeza iria passar ainda boas noites se acordando no meio da madrugada com a sensação de Bia encostando suas pernas lisas nas de Jonathan.

Lavou a louça, excessivamente e observou o café que ela tinha feito. Poderia muito bem despejar na pia e fazer o seu próprio, e quando estava para fazer tal sacrifício, a porta se abriu e Bia sorrindo questionando o que ele tinha achado com um sorriso no rosto curiosa. Ele poderia ser um germofóbico, antissocial e estranho, mas nunca faria uma desfeita para Bia, ou qualquer mulher que cruzasse o seu caminho. Foi educado em uma escola de católicos, com padres rigorosos e freiras maléficas, qualquer deselegância da parte de alunos era rechaçada com força total.

— Está ótimo — bebeu um pouco querendo não lembrar das implicações que aquele ato poderia fazer ao seu corpo.

— Mentiroso, mas aprecio que saiba mentir para agradar uma garota. — Bia passou por ele o tocando o braço. — Acho bom te arrumar de uma vez que temos um horário marcado.

Jonathan olhou para ela sem entender o que significava. Recordava de tudo que Ricardo havia falado antes de sair ontem, e não tinha nenhum comentário sobre consultas de Beatriz, ou

algum outro compromisso relevante.

— Aonde vamos? — Questionou duvidando da sua capacidade de reter informações daquele tipo. A noite passada tinha sido estranha a ponto dele esquecer das suas tarefas?

Bia olhou para ele enquanto olhava para a blusa que usava e percebeu que tinha manchado ela com pasta de dente. Um pequeno contratempo, já que a barriga ocupava mais espaço do que ela estava acostumada, causando certos problemas como aquele.

— Acordei cedo, já falei com o Kado e acalmei os seus ânimos sobre a noite. Disse que tu tinha me amarrado na cama e realizado diversas fantasias comigo.

Jonathan, que com a menção de saírem e ainda estar ocupando a sua mente buscando informações que revelassem aquela saída, derramou café nele mesmo, que tomava sem mesmo lembrar da sua origem, manchando o seu pijama favorito de café.

— Estou brincando, Jonathan. Mas falo sério que temos que sair. Depois que falei com o Kado, liguei teu computador e fiquei procurando estúdios de tatuagens na cidade. Liguei para um que gostei do site e marquei um horário para que possamos começar a discutir a tua. O cara me pareceu bem acessível e está nos esperando.

Jonathan estava parado no lugar, sem saber se limpava-se do café derramado ou se fazia alguma coisa.

— Como é que é....? — Foi a única frase coerente que saiu naquele momento.

Bia caminhou até sua mala, ignorando o pequeno surto de Jonathan e percebeu que a única camiseta que havia sobrado, e que servia nela, era uma de Ricardo que ela gostava de usar. Teria que bastar por ora.

— Tua tatuagem de asas, Jonathan! Eu disse que te ajudaria a fazer, e como estamos aqui sem nada para fazer, por que não começarmos agora?

— Por que isso é uma loucura? — Jonathan nem conseguia se mexer após escutar aquela revelação bombástica que Bia tinha preparado.

Bia suspirou e se voltou para Jonathan.

— Não vem me falar de loucuras, passei anos da minha vida com alguém que eu imaginava que seria meu marido, cheguei a quase me casar com ele, mas por um ato de crueldade, minha vida virou uma loucura. E olha onde eu estou agora. Prefiro a minha loucura de hoje do que a previsibilidade da minha antiga. Se não fosse isso, não estaria grávida, nem com o Ricardo ou te conhecido. A vida é feita de loucuras e está na hora de tu começar algumas. Ou recomçar, já que com o teu avô tu fazia algumas.

Jonathan abriu a boca para fazer alguma objeção, mas Bia já tinha entrado no banheiro novamente para se trocar. E quando retornou, nem deixou ele falar, apenas enxotou Jonathan para o banheiro se arrumar, eles teriam que sair em breve.

E ele só pode voltar a falar quando perguntou o endereço à Bia, já dentro do carro. Ele realmente poderia falar mil coisas para ela no caminho, mas não teve coragem suficiente. Nunca ninguém tinha feito nada por Jonathan como Bia estava fazendo naquele momento.

Desceram do carro e entraram no estúdio de tatuagens. Jonathan estava inquieto e colocado

as mãos nos bolsos, com medo de encostar em alguma coisa e se contaminar. Vai lá saber qual tipo de doenças um estúdio de tatuagens poderia oferecer?

Entraram em uma sala, Bia sentou-se e colocou uma revista em cima da barriga para olhar as imagens diversas que ali tinha em exposição, para escolherem seus desenhos. Um homem entrou e Jonathan engoliu em seco.

— Olá — Bia apressou-se em dizer e se levantar. — Eu que liguei e agendei um horário para o meu amigo aqui. — Ela sorriu para Jonathan que estava mais parado do que uma estátua.

O cara encarou Jonathan e Bia recomeçou a falar.

— Como eu disse pelo telefone, meu amigo aqui é um pouco paranoico com algumas coisas. — O tatuador assentiu.

— Claro. — Apesar de gigante e coberto por desenhos indecifráveis, Jonathan viu ele sorrir amigavelmente para Bia. Somente ela faria uma coisa daquelas com um brutamontes.

Jonathan estava apavorado demais para notar que o tatuador estava com uma pasta na mão. Só percebeu quando ele a entregou.

— Aqui está todos os alvarás sanitários necessários. Renovamos este mês, então está tudo em perfeita ordem. Testes das autoclaves, para esterilizar o material e certificados das tintas que usamos.

Bia chegou a bater palmas de animação, para desconcerto total de Jonathan. Aquele sorriso dela, o mesmo que Ricardo dizia que fazia o mundo girar ao contrário se ela quisesse, era perturbador. Jonathan percebeu que estava em uma emboscada. Principalmente quando Bia começou a perguntar sobre ideias sobre o desenho e como seria feito a tatuagem.

Ao começarem a olhar os desenhos, Jonathan teve que concordar que o cara era realmente bom. E quando teve que tirar a camisa para que pudesse medir o tamanho de desenho, voltou a ficar preocupado.

O tatuador pedir algumas horas para que pudesse desenhar, depois dos três conversarem e chegarem a um acordo sobre o desenho. Foram para o shopping mais próximo para almoçarem e Bia não poderia estar mais animada do que estava, fazendo com que Jonathan pedisse para que ela se acalmasse e não fizesse a sua pressão subir.

— Relaxa, Jonathan. Estamos bem. — Ela falou ao retirar o aparelho do pulso e guardar na bolsa novamente. — Tem uma loja de roupas de bebês aqui que quero dar uma olhada, vem...

Ela o puxou, sem direito a protesto nenhum, e ficaram lá até a hora combinada para retornarem chegasse.

A pior parte da primeira sessão, já que a tatuagem seria dividida em duas partes, era Jonathan deitar na cadeira depois do estêncil com o desenho ser aplicado na sua pele e aprovado por ele e Bia. Beatriz estava com vontade de sentar em cima de Jonathan para que aquilo começasse de uma vez. Sem contar que a hora que estava marcada para eles saírem de lá era bem além a estipulada para que Ricardo voltasse para casa. Com toda a certeza do mundo Ricardo surtaria um pouco ao saber que os dois tinham fugido e não avisado ninguém dos seus paradeiros.

Após muita conversa, Jonathan deitou na mesa e finalmente o tatuador pode começar o seu trabalho. O barulho da máquina era incomodativo nos primeiros minutos, a ardência não era nada atrativa e a previsão de ficar horas naquela posição muito menos.

Bia estava sentada a sua frente, sorrindo e conversando como uma tagarela. Jonathan apenas fechou os olhos e tentou fazer a mente viajar para longe, era isso que fez durante quase toda a sua infância quando estava na presença dos pais e do irmão mais velho. E, mesmo com o passar dos anos, ainda se lembrava de como fazer tal viagem sem sair do lugar.

Pensou no seu avô e no espírito livre que ele tinha. Como aqueles anos em que Jonathan morou com ele era diferente de todos os outros. O avô de Jonathan fazia questão de incluir o neto em todas as suas atividades, idas ao estádio do Grêmio, jogos, desde os de competições importantes aos de menor expressão, e todos com o sentimento de torcedor igual. As viagens marcadas com antecedência de meses, ou as que ele inventava em cima da hora e levava Jonathan como seu acompanhante. Das aventuras que fizeram em países de idioma desconhecido para ambos e aos roteiros básicos. Jonathan gostava daquela sensação de novo, o frio na barriga de não saber o que o amanhã traria, já que seu avô era imprevisível, e sempre mudava o roteiro em cima da hora.

Jonathan sentia falta da imprevisibilidade, mas ao mesmo tempo, gostava da sua organização extrema. Talvez o que ele realmente sentisse falta, e também não admitia nem para si mesmo, era de uma companhia.

Mas agora não era hora de pensar profundamente naquilo, principalmente quando o tatuador começou a trabalhar em uma região que era muito dolorida.

Capítulo 63

Ricardo analisava a cena à sua frente, ainda incrédulo.

— Estou com febre. — Jonathan reclamou tirando a camiseta.

— Febre local, Jonathan, para de choramingar que mês que vem temos outra sessão. Vem aqui de uma vez!

Jonathan sentou na cama de Ricardo, ainda murmurando alguma coisa inaudível e Bia mandou ele parar de reclamar.

Era trágico, se não fosse um pouco cômico.

Ricardo havia ficado completamente maluco quando chegou em casa e não encontrou os dois, como o combinado. Esperou, pacientemente, por alguma notícia que nunca chegava. Começou a suar frio quando inúmeras hipóteses, uma mais maluca que a outra, surgiram na sua cabeça iluminada por tentações.

Tentou se acalmar, ligando para a casa de Jonathan, e ninguém atendia o telefone. E quando estava quase ligando para os médicos e hospitais, ouviu a chave na fechadura e conversar do outro lado da porta.

Finalmente os dois haviam regressado e Jonathan estava com uma cara péssima, enquanto Bia estava com aquele sorriso de quem tinha conseguido uma coisa que queria muito. Ela sempre usava com Ricardo aquele sorriso, e ele sempre se rendia.

Pelo visto Jonathan também tinha se rendido.

Ricardo não acreditou quando o amigo contou tudo que tinha acontecido naquele dia. Simplesmente só percebeu que era verdade quando Jonathan tirou a camiseta e mostrou o contorno da tatuagem de asas nas suas costas, ainda embrulhado em um plástico e escorrendo sangue de algumas áreas.

Sentiu pena de Jonathan. Ele tinha advertido que Bia, principalmente agora grávida, estava impossível. Com um jeitinho sorrateiro, conseguia tudo que queria e mais um pouco. Realmente um perigo em cima de mentes fracas e vulneráveis como a de Jonathan.

O desenho realmente era bonito e bem feito, mas pela cara de Jonathan, ele tinha pago todos os seus pecados, e ainda tinha uma boa margem para os que cometeria pelo resto da sua vida.

Viajaram para a cidade natal de Ricardo e Bia com Jonathan reclamando o tempo todo. E quando estavam para dormirem, Bia pegou a pomada indicada pelo tatuador e começou a espalhar em cima da tatuagem, mesmo sobre longos protestos de Jonathan. A dor era mesmo insuportável.

— Estou todo queimado nas costas. Parece que cai dentro de uma churrasqueira. Não consigo me mexer e nem dormir direito.

— Eu disse para ti não colocar pijama aqui em cima, abafou e doeu mais. Dorme sem nada hoje e com o ar-condicionado ligado. Vai estar bem melhor amanhã.

Ricardo abriu a boca para dizer que não seria tão rápido a cicatrização. Lembrava-se de

Richard reclamando da dele, primeiro da dor, depois da coceira a aflição quando começou a descascar. Bia olhou para ele não mencionar nada e Ricardo voltou a fechar a boca. Apenas se questionou se Jonathan aguentaria todo aquele processo e ainda terminar a tatuagem.

— Não posso dormir sem pijama, seria uma coisa completamente errada, já que ele existe para esta função específica.

— Cala a boca ou vou te bater com o rolo do plástico como eu fiz hoje cedo. — Bia terminou de espalhar a pomada e Ricardo a ajudou a embalar Jonathan.

— Estou me sentindo uma múmia.

— Pelo menos é uma múmia tatuada. — Jonathan teve vontade de responder alguma coisa que poderia ferir sua honra e decência, o qual só faria Beatriz rir. Acabou optando por sair do quarto, aproveitando a brecha que Sofia tinha choramingado no andar de baixo.

A porta bateu e Bia se atirou na cama para trás.

— Finalmente a sós. — Ricardo deitou-se ao seu lado e Bia não perdeu tempo em se agarrar nele.

Ricardo a beijou, com a vontade de dois dias reprimidos pela distância e a sua família que insistia em deixar os dois separados por aquelas horas em que já se encontravam em casa.

— Como foi a palestra? — Questionou Bia acariciando o rosto de Ricardo.

— Boa, mas cansativo demais. — Respondeu com seus olhos castanhos vidrado nos delas, brilhantes. — Senti a tua falta na minha cama ontem.

— Eu dormi com o Jonathan, apesar de jurar que era uma estátua, eu me mexia e ele dava um pulo gigantesco ao meu lado. — Ela revirou os olhos em tom de brincadeira, o fazendo rir.

— E ainda levou ele para fazer uma tatuagem? Meu Deus, Bia, me admiro ele ainda estar falando com a gente. Ele te lança uns olhares mortais pelas costas.

Bia desdenhou da situação.

— Ele me xinga, mas no fundo me ama. — Bia se aconchegou mais ao lado de Ricardo. — Conheci um lado do Jonathan que nunca imaginei. Ele parece tão solitário. — Ela suspirou.

Ricardo prestou atenção enquanto ela contava as histórias que Jonathan tinha revelado, falou das suas angústias com o amigo e como aquelas palavras fizeram ela sentir uma compaixão acima do normal.

— Agora eu entendo porque ele gosta tanto de ficar com a gente e vir para cá. Imagina ter apenas um familiar que se preocupa contigo e ele morrer. Já imaginou passar tudo o que passamos sem ninguém?

Ricardo teve uma ponta de remorso ao escutar aquelas histórias. E também, sentiu-se desconfortável por todas as vezes que pediu um pouco de paz, longe da sua família preocupada com o seu bem-estar e sufocante.

— Uma vez a Liana me disse que eu não conseguiria ficar solteira por muito tempo, e hoje eu concordo com ela. Estou feliz contigo e agora com o bebê, não imagino a minha vida mais sozinha, sem tu ao meu lado todos os dias, e até mesmo essa barriga gigante aqui, que passou a

tarde toda me chutando.

Ricardo sorriu. Ele também se sentia da mesma forma. Ter Bia ao seu lado era a ansiedade de buscar alguma coisa sem saber o que realmente era. Somente quando ela chegou, foi que Ricardo pode perceber o que procurava.

Os poucos minutos de paz se encerraram quando Liana chegou, entrando no quarto do irmão sem nem se pronunciar ou bater à porta.

— A gente poderia estar ocupado, Liana!

— Ocupado com o que? A Bia está tão gorda que nem consegue colocar os sapatos sozinhas. Ia ser bem complicado vocês tentarem alguma coisa com ela nesta situação.

— Hey! Eu ainda consigo calçar os sapatos, amarrar é outra história. — Falou, cheia de razão enquanto Ricardo e Liana ainda trocavam algumas farpas fraternais.

Desceram as escadas, encararam um Jonathan, com Sofia no colo, olhando de forma mortal para Bia. Sérgio e Inácio brincando com alguma coisa que envolvia dar socos e gritos no meio da sala e Fernanda administrando tudo com a mesma determinação de sempre, apenas não deixando o caos reinar.

— Todos aqui — disse Liana com a animação tão empolgante como uma extração de siso incluso.

— Reunião da família Chiarelli, e agregados — Fernanda olhou para Jonathan e Bia — iniciando.

E logo o caos se instaurou com conversas paralelas, brigas, risos e conversas sem sentido.

Ricardo olhou para tudo aquilo e agradeceu aos céus por ter uma família, um pouco confusa, mas perfeita para ele.

Capítulo 64

Ricardo observava Bia dormindo no sofá e só voltou à realidade quando Jonathan o chamou diversas vezes.

— Está tudo bem? — O amigo questionou ao vê-lo daquela forma encarando Bia com um semblante preocupado.

Ricardo suspirou e percebeu que não sabia responder aquela pequena grande pergunta que Jonathan havia feito. Nem ele sabia o que poderia classificar como bom ou não naquela situação.

Saíram da cozinha onde estavam e foram até o quarto desarrumado de Felipe, o berço estava quase montado e ainda faltava colocar algumas prateleiras. Ricardo sentou-se no chão e Jonathan ficou receoso em fazer o mesmo, então decidiu ficar em pé mesmo bebendo.

— Desde ontem a Bia se queixa de dor de cabeça e está muito inchada. — Falou Ricardo. — Ligamos para o médico hoje pela manhã, ele disse para monitorarmos a pressão regularmente e qualquer coisa levar ela correndo para o hospital.

Ele olhou para o manual de instruções de montagem e continuou a falar enquanto pegava as peças.

— A Bia está com a pressão acima da recomendável e isso pode ser perigoso para ela e o Felipe. Realmente eu estou bem assustado com a situação, Jonathan.

Jonathan olhava para o seu copo em silêncio. Não conseguia compreender ao certo os sentimentos que Ricardo estava sentindo, mas poderia compará-los quando estava com seu avô no hospital. A preocupação falava mais alto do que qualquer coisa, principalmente com a impotência de não poder fazer nada para acalmar os corações aflitos.

— Às vezes me pego pensando em coisas que não deveria, eu sei. — Jonathan poderia ser considerado uma pessoa indiferente ao extremo sobre sentimentos alheios, mas sabia que enquanto Ricardo falava, as lágrimas chegavam aos olhos do amigo. — E se tudo der errado? E se a Bia entrar em coma e não resistir.... Como eu vou sobreviver a isso?

Jonathan acabou por sentar na poltrona que Bia havia escolhido com ele em uma tarde em que Ricardo estava na faculdade. Os dois haviam saído do estúdio de tatuagem onde o tatuador tinha avaliado o seu trabalho inicial e marcando a segunda sessão para o outro mês, dando tempo suficiente para Jonathan recriar coragem e encarar mais uma tortura.

Olhou para as costas de Ricardo, percebendo o movimento dos braços de quem limpava algumas lágrimas que escorreram.

— Quando o meu avô morreu — Jonathan falou mexendo o que havia ficado no fundo do seu copo — eu pensei que a minha vida iria acabar naquele momento. Foi uma dor tão grande, um vazio tão imenso que eu ainda não sei como consegui sobreviver com aquele peso em cima da minha alma. Não foi fácil....

Ricardo agradeceu por estar de costas para Jonathan, pois as lágrimas escorriam livre sobre o seu rosto, de uma forma como ele nunca tinha visto, apensar de todos os seus anos lidando com as suas angústias, receios e medos.

— Não sou tão forte assim, Jonathan. Eu me conheço para saber que não vou conseguir lidar com isso. Experimentei a felicidade plena ao lado da Bia, e agora do Felipe, como eu nunca sonhei que um dia poderia ser. Não vou conseguir suportar perder os dois desta forma.

Ricardo não precisava colocar em palavras o que estava falando, e Jonathan era mais que inteligente para perceber sobre o que Ricardo estava tentando dizer.

— Isso não é uma saída, Ricardo — Jonathan falou um pouco apavorado. — É um ato de covardia e...

Ricardo levantou-se de supetão assustando Jonathan. O amigo era uns bons centímetros maior que ele e a expressão de Ricardo deixava Jonathan com mais medo.

— Covardia? — Limitou-se a falar baixo para que Bia não acordasse. — Covardia é eu correr o perigo de perder a minha mulher e meu filho para uma doença que não conseguimos combater. Covardia é ver eles sofrendo enquanto eu não posso fazer absolutamente nada para poder mudar isso.

Jonathan engoliu à seco.

— Tu nunca chegou perto de ter o que eu estou tendo nesse momento. Tu nunca teve ninguém com quem te preocupar além de ti mesmo. Não me venha falar de covardia. Um dia, se tu chegar a ter um décimo do que eu tenho com a Bia a gente conversa, ok? Mas enquanto isso não acontecer, tu não pode me acusar de ser covarde. Prefiro me cortar de novo, me entupir de medicamentos, ou dar um tiro na minha própria cabeça a viver sem eles comigo.

Ricardo cuspiu as palavras em cima de Jonathan e se afastou. Colocou as mãos sobre a cabeça e se resignou a chorar copiosamente, pouco se lixando para que o amigo pensasse dele. Ricardo estava em pânico, e o pavor de não saber como lidar com aquela situação era mais desesperador do que qualquer sentimento que ele poderia ter naquele momento.

Jonathan pensou em ir embora. Pegar a chave do seu carro, ir para o seu apartamento e ficar recluso por um bom tempo. Realmente ele poderia fazer isso, sem problema nenhum. Mas algo o impedia. Um sentimento diferente daquele que havia experimentado com o seu próprio irmão de sangue.

Levantou, caminhou em direção de Ricardo, que olhava um porta-retratos que Bia havia colocado ali, os dois, com Ricardo por trás de Bia e com as mãos sobre Felipe na praia de algumas semanas atrás.

O amigo estava inconsolável ao extremo, e quando Jonathan tocou nas suas cosas, Ricardo se virou e foi abraçado por Jonathan. Um ato tão incomum, mas preciso, que Ricardo se rendeu ao abraço do amigo como se aquilo pudesse o puxar para um novo fôlego, longe daquele mar que o puxava para baixo cada vez mais.

— Está tudo bem, Ricardo. — Jonathan disse calmamente, se outra pessoa de fora dissesse que ele estaria daquela forma com Ricardo, nem ele mesmo acreditaria.

Ricardo era seu amigo, e Bia também. Jonathan foi recebido de braços abertos por toda a família Chiarelli. Tinha um senso de honra e amizade que defenderia para com eles pelo resto da sua vida. E agora, não poderia deixar o amigo sozinho em uma hora daquelas. Jonathan não era dotado de sutileza, leveza ou até mesmo tato para lidar com sentimentos ou mostrar o quanto se

importava com alguém, mas por Ricardo, ele faria o que fosse necessário para ajudá-lo.

— Desculpa. — Ricardo murmurou entre um soluço e outro de choro. — Me perdoa... Não quis te magoar ou te ofender.

Os dois se separaram e Ricardo continuou a balbuciar desculpas.

— Está tudo bem, Kado. — Jonathan assentiu. — Eu sei que não tenho como compreender o que tu está passando e sentindo. Nunca tive a perspectiva de ter uma mulher ou mesmo um filho. São duas coisas impossíveis de acontecer comigo, e eu entendo a tua preocupação.

Jonathan tentou esboçar um meio sorriso em sinal de que tudo estava bem. Ricardo tinha razão em certos pontos, Jonathan não tinha a menor ideia da confusão de sentimentos que o amigo passava, e, muito menos, o fato dele ver tudo aquilo de camarote acontecendo a sua frente sem poder interferir em nada.

Era como se Ricardo tivesse revivendo toda aquela culpa que carregou durante anos, e ainda carregava, sobre a morte dos seus pais. Por mais que tivesse anos de terapia intensiva com Miguel, Ricardo nunca deixaria de se culpar pela morte deles. Nem de ter trazido toda aquela nuvem de intensa turbulência para a vida de Liana e Sérgio. E agora, novamente, Ricardo era responsável por mais uma quase tragédia.

E se acontecesse alguma com Bia? Seria culpa dele novamente. Se não tivesse se envolvido com ela, ou pelo menos tivesse ficado mais atento aos métodos contraceptivos alternativos, nada daquilo estaria acontecendo. Bia não correria um grande risco de vida, Felipe, o inocente ser desta história toda, não sofreria desde a sua concepção ao seu nascimento, Ricardo não precisaria passar por toda aquela apreensão toda e o medo real de perder ambos, ou um deles.

Tudo que ele queria, desde pequeno, era uma vida calma e tranquila. Viver os seus dias sem a sombra de uma catástrofe acontecer em função do seu nome envolvido no meio, causando estragos além dos calculados para todos que estavam ao seu redor.

Ricardo sentia-se como uma bomba ambulante, por onde passava e tocava, deixava rastros de destruição.

Pensamentos de como a vida de todas as pessoas ao seu redor ficariam melhor sem a sua presença começaram a serem bem mais recorrentes do que há meses. A vida de Ricardo sempre parecia uma montanha-russa sem fim, quando ele pensava que estava no alto, sendo feliz, realizado profissionalmente, vivendo ao lado de Bia uma vida normal, sua família contente e não pegando tanto no seu pé, alguma coisa acontecia e a queda era enorme. Parecia aquele ditado antigo, quanto mais se subia, mais alta era a queda.

Ricardo estava em queda, sem o amparo de qualquer coisa para a sua queda iminente. E, acima de tudo, tinha que se manter o mais forte possível para Bia.

Ela precisava de um Ricardo íntegro, sem expressar o seu desespero por fora. Bia não necessitava de mais um problema para se preocupar e tirar a sua pouca paz que restava. Ricardo não queria ser um estorvo para ela. Precisava se manter na linha e o mais sereno possível.

Permitiu-se apenas desesperar-se neste momento, pois sabia que Bia estava dormindo e longe do quarto em que Jonathan e Ricardo se encontravam.

Passado o momento de desespero inicial, Ricardo limpou as lágrimas e voltou a trabalhar no berço de Felipe.

— Falta pouco para eu terminar o berço, me ajuda depois a colocar as prateleiras? — Falou para Jonathan e soltou um suspiro, como se um pouco do peso do mundo estivesse saído dos seus ombros, nem que fosse por alguns minutos.

— É claro. — Jonathan respondeu e saiu do quarto em busca de mais bebida.

Passou pela sala e Bia se espreguiçou demoradamente em cima do sofá.

— Já acabaram o berço? Eu dormi quanto tempo?

— Falta pouco. — Jonathan sorriu ao ver o tamanho de Bia. Realmente ele nunca tinha visto uma barriga tão grande como a dela e isso que ainda faltava algumas semanas para o parto chegar.

Bia assentiu, ainda estava meio dormindo e quando Jonathan se virou, depois de ter enchido o seu copo, Beatriz já estava dormindo novamente.

Capítulo 65

Bia queria se controlar, mas não conseguia.

Ao seu lado percebia a presença de inúmeras pessoas, mas a única que ela procurava era Ricardo. Precisava da presença dele naquele momento tão crítico que estava passando. Olhou para os lados, e só via pessoas de branco correndo de um lado para o outro, com suas vozes confusas e manuseando o seu corpo. Sentiu uma fisgada no braço dolorida e tentou chamar pelo nome de Ricardo em vão, sua voz não era escutada por ninguém.

Queria pegar a mão dele, ouvir novamente que tudo estava sob controle e logo a crise de pressão estaria normalizada. Ricardo era o anjo da paciência que ela precisava. Era o ponto de apoio que Bia queria para saber que tudo realmente estava bem com o bebê. Nem se importava com o que poderia vir acontecer com ela, tudo o que realmente importava era a vida de Felipe.

Se Bia pudesse voltar ao tempo e mudar alguma coisa, com toda a certeza do mundo, seria aquelas palavras horríveis que disse quando descobriu a sua gravidez. Não mudaria nada mais, deixava sua vida do mesmo jeito que estava, os anos que conviveu com a paixão por Ricardo na adolescência, o tempo com Thiago, as agressões, tudo... A única coisa que realmente se arrependia em toda a sua breve vida era aquela frase em que disse que não queria o bebê.

Talvez tudo aquilo que estivesse passando fosse uma reação àquelas palavras horríveis que disse. Uma força divina estava cobrando o preço por proferir cada uma daquelas palavras horríveis.

Estava desesperada e com todos os fatos que a palavra implicava. Sabia que daquela noite não passaria. Aceitaria o fato que não sobreviveria, desde que Felipe ficasse a salvo. Estava completamente indefesa, sem poder decidir nada do que aconteceria naquelas próximas horas. Sua consciência estava falhando, os olhos enevoados e o último pensamento antes de apagar completamente era de que Ricardo fosse forte para criar o filho deles com todo o amor que ele poderia dar.

— A pressão está alta demais — o médico falou ao fundo. — Arrumem a sala de cirurgia, vamos fazer esse parto agora mesmo.

Ricardo estava no corredor, sozinho e surtando, sem saber o que estava acontecendo com Bia ou Felipe naquele momento.

Tudo tinha começado naquela manhã, a dor de cabeça, enjoos e todos aqueles sintomas que já estavam perseguindo Bia havia alguns dias. Ricardo estava atento a cada segundo, ligou para o médico e não hesitou quando ele disse que estava de plantão e esperando ela no setor obstétrico. Era somente mais uma crise...

Contudo, dentro de Ricardo, ele sabia que desta vez era diferente. Tudo estava demasiado acentuado. Diferente de todas as outras vezes, as outras crises e sustos. Bia também estava sentindo a diferença no seu corpo e no que estava passando. Ambos se olharam e ela começou a chorar.

A vontade de Ricardo era de fazer a mesma coisa. Sentar no sofá de casa e derramar as suas lágrimas por sua mulher e filho. Ligar para Sérgio e Fernanda e deixar que os dois

tomassem conta da situação, como sempre fizeram, deixassem Ricardo sozinho com a sua dor e só o acordassem quando tudo estivesse sobre controle e passado.

Só que essa não era uma realidade para ele. Era Bia que estava ali, junto com o seu filho Felipe. Ricardo não tinha opção, a não ser encerrar aquilo de frente e ser forte o bastante para suportar aquelas horas sem notícias e sem saber o que o futuro reservaria para os três.

Chegaram ao hospital minutos depois, Bia já estava quase sem forças, teve que ajudá-la a sair do carro e pedir auxílio aos enfermeiros que ali passavam, para trazerem uma cadeira de rodas. A levaram sem nem esperarem pela ficha de atendimento que Ricardo fazia na recepção.

Não deu tempo nem deles se despedirem. Vetaram a entrada dele assim que acabou de preencher a papelada.

Novamente as lágrimas de Ricardo estavam em evidência para quem cruzava aquele corredor. Tudo que ele queria naquele momento era beijar ela novamente, repetir que ela era a mulher da sua vida e não existiria outra mulher tão perfeita como ela para Ricardo. Dizer que era a pessoa mais feliz do mundo desde que começou a se relacionar com ela, que sua vida não era mais a mesma e que não via a hora de Felipe nascer e começarem uma família. Pediria desculpas por todos os seus problemas, ela não tinha culpa de nenhum deles, mas mesmo assim se desculparia por todos os dias em que estava desatento e alheio ao que acontecia a sua volta. Queria voltar cada um destes dias para repetir tudo o que gostaria de falar.

Queria ter Bia ao seu lado mais uma vez. Passar outro dia com ela. Dançar mais uma vez em algum baile do CTG. Fazer aquele doce que ela tanto gosta e ver ela gemer ao começar a comer. Queria ela ao seu lado na cama, no auge do inverno, grudada nele para se aquecer, ou no ápice do verão, o empurrando para que não ficasse com calor.

Ricardo limpou as lágrimas, para que novas chegassem e tomasse o seu lugar. Levantou quando o médico chegou e o encarou com uma cara de péssimas notícias.

— Estamos levando a Bia para a cesárea. A pressão dela está muito elevada e ela está correndo grandes riscos.

Ricardo assentiu, com os joelhos fraquejando. Ele não conseguia colocar em palavras o que precisava saber, mas o médico havia entendido o recado.

— O bebê não está totalmente formado, não tenho como dar garantias. A UTI neonatal está de prontidão. — Ricardo sentiu a mão do médico no seu ombro. — Eu sinto muito.

Ele não conseguiu esboçar um agradecimento, simplesmente caiu sentado no banco atrás de si e sentiu as lágrimas escorrendo pelo seu rosto novamente.

Jonathan sabia que alguma coisa estava errada, e quando Ricardo e nem Bia atenderam a campainha do apartamento saiu correndo em direção ao hospital em que Bia sempre ficava. Encontrou Ricardo em um estado quase catatônico sentado naquele mesmo banco ainda, sem saber quanto tempo estava ali esperando.

— Minha vida está acabando — ouviu o amigo murmurar.

— O médico ainda não falou nada, Kado. Ainda pode e vai dar tudo certo, ok? Quer que eu ligue para o Sérgio e os pais de Bia?

Ricardo já tinha se perdido no seu mundo novamente e Jonathan interpretou como um passe livre para ele fazer o que quisesse. Ricardo só iria acordar do seu transe quando o médico chegasse com notícias, e Jonathan esperava que elas fossem promissoras, pois não saberia lidar com Ricardo caso o pior acontecesse, ou a vida de um deles fosse perdida.

Jonathan foi o portador das más notícias. Ligou primeiro para Sérgio. Não foi uma conversa agradável e produtiva, nem ele sabia dos detalhes que estavam acontecendo e temia por Ricardo. Sérgio não era um poço de tranquilidade também, e Fernanda teve que assumir o telefone para escutar o resto das notícias e ainda se encarregar de avisar os pais de Bia.

— Só vou jogar algumas roupas numa bolsa e pegar algumas coisas para a Fifi. Estaremos aí o mais rápido que conseguirmos. — A voz de Fernanda já não era tão forte e alegre como Jonathan sempre tinha conhecido. — Obrigada, Jonathan. Fico com o meu coração mais tranquilo em saber que o Kado não está sozinho neste momento.

Encerrou a ligação e voltou para o lado de Ricardo, inconsolável. O tempo passou tão devagar que Sérgio, Fernanda, Liana, Sofia, Inácio e os pais de Bia tinham chegado e nenhuma notícia ainda de Bia ou de Felipe.

— Liguei para o Richard — Liana contou depois que se afastou um pouco. — Ele está quase pegando um avião e vindo para cá. Disse que tem uns dias de folga e férias, só vai falar com os chefes dele.

— Pode dizer para ele vir, Li. — Sérgio limpou a garganta, sentado ao lado de Ricardo — Se ele precisar de dinheiro eu pago as passagens.

— Já tinha disto isso para ele. E também, o Richard disse que vai ligar para os médicos que ainda tem contato aqui para saber como está o estado da Bia e do Felipe.

Ricardo escutava tudo a sua volta, mas estava um pouco alheio ao que realmente acontecia, como se sua mente o tivesse blindado para alguns assuntos superficiais e focasse somente no que realmente importava: notícias de Bia e seu filho.

A noite chegou, Sofia estava irritada por não ter dormido direito e cansada de estar parada no meio do corredor do hospital, e Inácio estava impaciente. Liana se despediu de Ricardo com um beijo no seu rosto e um abraço forte quando foi levar os três para o apartamento, restando assim somente os pais de Bia, reclusos e rezando diversas vezes pela saúde da filha e neto, Sérgio, ao lado de Ricardo sendo o seu âncora naquele momento e Jonathan, tão preocupado como todos naquela sala.

A madrugada seria longa para eles.

Capítulo 66

O tempo havia passado, Ricardo estava ciente disso por motivos óbvios e acadêmicos, mas não sabia exatamente o quanto havia transcorrido desde que ele e Bia tinham chegado ali.

Percebeu o movimento a sua volta, mas não registrava nada. Estava ali apenas de corpo, sua alma estava em algum lugar junto com a de Bia e a acompanhando na hora da cirurgia. Ele tinha certeza disso.

Possuía vagas lembranças de pessoas a sua volta, sua família, Jonathan e os pais de Bia. E uma conversa de Richard estar voltando? Não tinha tanta certeza daquele último fato. Até porque somente tinha acordado quando o médico apareceu para dar notícias.

Era de se esperar que todos avançassem no coitado sedentos por informações, encurralaram o pobre médico e ele teve que se impor dizendo que só falaria com Ricardo em particular. O fato trouxe indignação a todos os presentes.

O médico caminhou junto com Ricardo até um consultório vago, para um pouco de privacidade e depois que ambos sentaram começou a falar.

— A pressão da Beatriz chegou a níveis alarmantes, ela convulsionou. Conseguimos converter e estabilizá-la para darmos continuidade ao parto. — O médico suspirou cansado para Ricardo. — Não foi fácil a operação, Bia estava muito debilitada e o risco de ter outra convulsão era alto.

Ricardo assentiu com atenção, sabia que o pior estava por vir.

— O bebê nasceu e foi levado para a UTI imediatamente, estava tão concentrado em Bia que não pude observar como ele estava. O médico da UTI neonatal deve estar aqui em breve.

— E a Bia? — Murmurou Ricardo sentindo as lágrimas chegando.

— Ela teve outro quadro de convulsão enquanto estava na mesa de cirurgia. Conseguimos reverter a tempo de a situação ficar pior, mas infelizmente ela entrou em coma.

O mundo de Ricardo desabou sobre os seus pés. Aquilo não poderia estar acontecendo! Era para a gravidez de Bia ser tranquila, o parto com a maior naturalidade possível e em poucos dias Felipe ir para casa com eles. Este sim era o esperado para a vida dos dois, não a sucessão de notícias ruins e desastres.

— O coma é uma caixa de surpresa, infelizmente não tenho como te dizer se ela vai acordar daqui algumas horas, amanhã ou... — as palavras ficaram subentendidas no ar. — Vamos monitorar as frequências cerebrais para ver se ainda há respostas ou não. Sei que estou adiantando alguns passos, mas já vi ambos os quadros na situação de Bia. Delas acordando depois de alguns dias, ou o cérebro acabar desistindo e morrendo. Só quero te deixar a par da situação e para quando a hora chegar tu estar pronto para decidir o que será feito.

Ricardo chorou.

Não havia mais nada que ele pudesse fazer naquele momento a não ser isso. A reação primitiva de tristeza e desespero, que tanto o acompanhou durante aqueles anos havia voltado com uma força além do suportável para Ricardo. Ele não queria tomar aquela decisão que o

médico estava sugerindo. Não queria que a possível morte de Bia também passasse pelas suas mãos, já bastava a dos seus pais.

— Não está nada concreto ainda, Ricardo. Ela pode acordar a qualquer momento. — Ricardo assentiu em silêncio enquanto limpava suas lágrimas.

— Eu posso vê-la? Ou o Felipe?

— A Beatriz ainda está na sala de recuperação, ainda vão transferir ela para um quarto... E quanto ao bebê, posso te levar até a UTI neonatal para conversar com o médico.

— Obrigado.

Ricardo teve que juntar os seus cacos espalhados pelo pequeno consultório e seguir o médico, que tinha perguntado se ele gostaria de falar com seus familiares antes de seguir. Ricardo balançou a cabeça negando, não queria falar com ninguém ainda, simplesmente não sabia como colocar aquilo tudo em palavras sem se sentir culpado pelo que estava acontecendo.

Novamente tudo era culpa de Ricardo! Se ele tivesse ficado na dele, sem se envolver com Bia nada daquilo estaria acontecendo. Estaria em casa, quieto no seu canto, observando sua vida passar por diante dos seus olhos, mas em compensação Bia estaria viva e um bebê inocente não teria nascido já em sofrimento.

O médico o deixou na porta da UTI neonatal, não muito distante de onde a família Chiarelli comemorou a chegada de Sofia. E agora estava ali Ricardo, querendo saber a notícia de seu filho e, principalmente, se ele sobreviveria ao parto prematuro.

Não demorou muito para outro médico chegar e cumprimentar Ricardo.

— Ele é pequeno, não pesa muito, um pouco mais de um quilo e os pulmões não estão completos. — Falou o médico depois de convidar Ricardo a entrar. — Começamos a antibioticoterapia e outros tratamentos.

Ricardo estava começando a ficar um pouco tonto de tanto escutar aquelas palavras e quase nenhuma solução. Eram apenas notícias e ele teria que ter uma paciência, acima do normal, para que as coisas acontecessem. Fossem elas boas ou não.

— Posso vê-lo?

O médico olhou para Ricardo, sabia que Felipe ainda não era aquele modelo de bebê esperado pelos pais depois de meses de ansiedade em querer conhecer o filho, mas também entendia que aquele contato primordial era importante para o desenvolvimento do bebê na incubadora.

— Vou fazer o possível. Não é recomendável entrar em uma UTI neonatal, o risco de infecção nos bebês é alto. Mas me acompanhe, por favor.

— Obrigado. — Agradeceu Ricardo.

Entraram em um ambiente diferente e Ricardo foi aconselhado a tirar a roupa, passar por baixo de um chuveiro e colocar o que eles lhe deixaram no cabide. De baixo da água corrente, chorou mais um pouco. Queria que a água que caia sobre seu corpo levasse toda aquela angústia e desse força para que Ricardo aguentasse tudo aquilo que estava vivendo no momento.

Precisava ser forte para quando fosse ver Felipe e Bia também. Tinha que tirar coragem de

qualquer lugar do seu corpo para suportar toda aquela ansiedade e a espera por notícias de ambos. E, orava para que não precisasse tomar nenhuma decisão que pudesse se arrepender pelo resto da sua vida.

Trocou-se e saiu em direção à sala onde uma enfermeira o esperava. Escutou os detalhes finais enquanto ele colocava uma máscara cirúrgica. A enfermeira abriu uma porta e Ricardo entrou na UTI neonatal em apenas dois passos. Os passos mais difíceis que ele já tinha dado na sua vida.

— É o do fundo. — A enfermeira apontou e Ricardo agradeceu com um aceno rápido de cabeça.

Caminhou até a caixa de vidro no canto, ligada a um aparelho gigantesco ao lado. Se aproximou e pensou que tivesse na incubadora errada, pois não via nada, somente quando chegou mais perto é que percebeu um pequeno ser, ligado a tantos fios, que se emaranhavam em algum ponto.

Ricardo pensou que já tinha sentido a pior dor da sua vida anos atrás quando percebeu que tinha sido o causador da morte dos pais. Porém, nenhum destes eventos, ou dos futuros, seriam comparação para o que ele sentiu ao ver Felipe deitado, indefeso e com tantas coisas ligadas a um corpo tão pequeno.

A visão destruiu Ricardo por completo. As lágrimas já nem eram problemas, os soluços muito menos, toda a dor que um corpo poderia aguentar estava em posse de Ricardo.

Tocou o vidro enquanto observava seu filho, tão pequeno, lutando pela vida daquela forma. Era injusto demais que um bebê tivesse que passar por todo aquele tormento com apenas algumas horas de vida. Ele não poderia se comunicar ou explicar seus medos e dores como um adulto, simplesmente não compreendia o que se passava na sua volta e nem poderia dizer se estava confortável na posição em que estava. Ricardo lembrou de Fernanda explicando para Inácio do porquê que Sofia chorava tanto.

— É o único modo que ela tem de comunicar que não está tudo bem com ela. — Fernanda falou para o filho mais velho depois de um acesso de cólica de Sofia. — Tu sabe falar e pode nos dizer onde está doendo, se está com frio, calor, fome ou entediado. A Fifi não, ela só sabe chorar, cabe a nós descobrirmos o que ela tem e ajudá-la. — Ele ainda lembrava do sorriso de Fernanda ao falar aquelas palavras.

E agora ele estava ali, percebendo que seu filho, o bebê dele e de Bia, que os dois tanto conversaram, brincaram e fizeram planos, sem poder nem chorar para se comunicar com as pessoas que estavam ali fora.

Queria romper aquele vidro e pegar seu filho no colo. Tocar em toda a pequena extensão do seu corpinho, beijar o rosto diminuto, as mãozinhas e os pezinhos, que de tão pequenos, pareciam um brinquedo de altíssima qualidade. Queria sentir a maciez da pele de Felipe, os finíssimos cabelos que quase nem existiam embaixo de tantos fios colados em sua cabecinha.

Queria ver Bia com ele no colo. Olhando para Felipe e depois sorrindo para Ricardo, dizendo como era lindo o filho que os dois fizeram. Sussurrando histórias e cantigas de ninar, embalando-o nos seus braços e Ricardo sendo o expectador de todas estas cenas, e muito mais que viriam com o passar dos dias, quando Felipe fosse para casa com os dois.

Queria ver ele no seu berço, que Ricardo e Jonathan montaram com muita dificuldade, vestindo as roupinhas que todos presentearam, até mesmo as pequenas bombachinhas que Sérgio havia comprado e dado de presente, ou o uniforme do Grêmio de Jonathan.

No fundo Ricardo sabia que estava sendo um pouco superficial com seus pedidos, tudo que ele realmente queria é que Felipe saísse daquela UTI e ficasse com saúde. Felipe seria o melhor filho de todos e Ricardo seria o melhor pai que sonharia em ser.

Ficou todos aqueles minutos olhando para a pequena perfeição em sua frente. Tiveram que pedir que Ricardo saísse depois de algum tempo, o horário de visita já tinha passado há muito tempo. Abriam aquela exceção para que ele conhecesse o filho e tivesse a certeza de que Felipe foi a melhor coisa que Ricardo havia feito em toda a sua vida.

Talvez sendo pai, finalmente ele entendesse o que os seus próprios tinham feito por ele há muitos anos. Ricardo teria que compreender que amor de pai vai além do seu próprio bem-estar.

Além mesmo de sua própria vida.

Capítulo 67

Ricardo entrou no quarto de Bia e fechou a porta rapidamente. Olhou para as flores que estavam ao lado da cama dela e percebeu que precisaria trocá-las, tinha certeza que Jonathan chegaria ali com outras.

Abriu a janela, para que o sol pudesse entrar e iluminasse o quarto inteiro, nada de luzes artificiais naquele recinto. Bia não iria gostar de desperdiçar um sol daqueles com uma janela inoportunamente fechada.

Aproximou-se da cama e observou Bia no seu sono interrupto. Já estava assim há três dias e a esperança de Ricardo nunca se perdeu. Nem mesmo quando o exame de atividade cerebral, feito no dia que se passou, corria o risco de não apresentar nada. Ouvir as palavras do médico, que ainda havia atividade cerebral e que poderiam tirar o respirador, foi a melhor notícia que ele tinha recebido nos últimos três dias.

E quanto a Felipe, ele ainda continuava a lutar pela sua vida, com inúmeros exames, manipulações e remédios no seu pequeno e indefeso corpinho. Continuava isolado em uma incubadora especial, ao qual Ricardo tinha acesso duas horas por dia, em dois momentos distintos para a visita. Momento ao qual ele sentava ao lado do filho e conversava com ele, assim como fazia com Bia.

— O dia está lindo hoje, igual àqueles que pegamos na praia nas férias. Se tu estivesse aqui concordaria comigo. — Ricardo acariciou os cabelos dela e beijou o seu rosto.

Bloqueou as lágrimas, nestes dias tinha aprendido como respirar fundo e esquecer do choro incessante. Chorar não iria fazer Bia acordar ou Felipe reagir como os médicos esperassem.

Já estava começando a conhecer a rotina do hospital e não se espantou quando uma enfermeira de branco entrou no quarto.

— Bom dia! — Disse alegremente. — Como passamos a noite?

— Ótimos. — Mentiu Ricardo.

Desde que haviam saído de casa, Ricardo não tinha colocados os pés no apartamento. Não que não houvesse pedidos de sua família, ou até dos pais de Bia, para que ele fosse para casa, tomasse um banho, fizesse a barba e dormisse uma noite inteira em uma cama e não em uma cadeira para crianças. Mas ele simplesmente não conseguiria cruzar a porta de casa e encontrá-la do mesmo modo quando eles a deixaram.

Ricardo não era tão confiante em sua força em caminhar pela casa, ver as fotos da gestação que foram tiradas em cima da mesa, onde Bia estava arrumando em um álbum especial, entrar no banheiro e sentir o cheiro do shampoo especial que ela e Jonathan haviam feito em um dia no laboratório da faculdade, ou abrir o seu guarda-roupa e ver as roupas delas ocupando o seu espaço. Muito menos passar pelo corredor e ver o quatinho de Felipe montado, apenas o esperando chegar em casa.

Não. Ricardo se conhecia muito bem para saber que se entrasse em casa, não saberia como sair de lá íntegro. Ou até mesmo vivo.

A obscuridade dentro da sua alma estava tomando conta cada vez mais do seu corpo. A

mesma aflição que sentiu anos atrás. O mesmo medo de não ver nenhuma saída à sua frente, somente os problemas que o assustavam de uma forma desesperadora.

Ricardo queria ser mais forte. Bem mais do que estava sendo. Apenas o suficiente para tomar as rédeas da situação, ser otimista o bastante para enxergar um futuro além aquele hospital e com Bia e Felipe ao seu lado. Mas não, Ricardo estava perdendo as forças de ver uma solução feliz para aquilo que estava vivendo.

A situação de Bia e Felipe eram críticas e nenhum dos médicos poderia dar esperança para ele a longo prazo. Precisamos esperar os medicamentos agirem, dizia o médico de Felipe. Precisamos monitorar para ver se ainda há resposta encefálica, respondia o de Bia. E no meio deles havia Ricardo e o seu coração, que nunca foi lá essas coisas de completo, se despedaçando a cada boletim que recebia de algum deles.

Era frustrante estar de mãos amarradas e sem poder fazer nada. A única coisa que poderia realmente fazer, era estar ali, presente em todo o tempo possível, ajudando as enfermeiras a deixarem Bia confortável, zelando por Felipe no tempo em que poderia chegar do seu filho. Dizendo para si mesmo que aguentaria somente aquele dia e repetindo isso sempre que acordava pela manhã.

Ajudou a enfermeira do plantão a dar o leve banho de leito, penteou os cabelos dela e trocou seu pijama. Sentou-se ao lado da cama de Bia e a porta se abriu com Sérgio entrando com uma térmica e cuia na mão.

— Quase tive que subornar o porteiro para conseguir entrar. — Ricardo olhou para o irmão e tentou esboçar alguma reação além da melancolia e tristeza.

Mas era óbvio que não conseguiu.

Estava muito agradecido a presença de toda a sua família ali naquele momento. Fernanda, Fifi e Inácio haviam voltado para casa, Sérgio tinha permanecido e ontem Ricardo conseguiu convencer os pais de Bia a voltarem para casa. Não adiantava ficarem todos naquela expectativa vinte e quatro horas por dia. Pelo menos em casa, todos poderiam ocupar suas cabeças com trabalho e suas rotinas. Porém Ricardo sabia que a mãe de Bia voltaria a qualquer momento.

Até mesmo Richard havia voltado do exterior para acompanhar Felipe. Liana estava com ele no seu apartamento esquecido. Richard não estava estudando para ser um pediatra com especialidade em UTI neonatal, mas com a cirurgia pediátrica, tinha grandes noções e poderia ajudar Felipe, além de ser o seu médico quase que particular na ocasião.

E sem contar Jonathan. Que no meio de tudo isso, tinha encontrado uma função para ajudar. Levava as roupas de Ricardo e Bia para lavarem e trazia sempre limpas e ainda estava segurando as pontas na faculdade para Ricardo.

Sérgio e Ricardo ficaram tomando chimarrão por quase toda a manhã. Sérgio fez o irmão comer alguma coisa e caminhasse um pouco pela área externa do hospital. Tomar um pouco de ar puro faria bem para ele.

Ricardo saiu, mesmo que a contragosto. Não queria deixar o lado de Bia, era sua obrigação estar lá em todos os momentos e se assegurar de que ela estava sendo muito bem tratada. Contudo, não tinha mais forças para brigar com Sérgio, acabou saindo para evitar problemas e

estresse. Tudo que Ricardo não precisava naquele momento era qualquer tipo de rusga com o irmão.

Sentou em um dos bancos da área externa do hospital, ao lado de um pequeno jardim. Observou o fluxo de funcionários do hospital e alguns pacientes que tinham a liberdade de frequentar a área. Respirou fundo algumas vezes, bebeu o café horrível que conseguiu comprar na lanchonete e esperava ficar ali por no máximo dez minutos. Já era muito tempo para ele ficar longe de Bia, ainda mais que a visitação na UTI neonatal estava quase chegando.

Enquanto pensava no seu sofrimento eminente, nem percebeu uma pessoa se aproximar e sentar ao seu lado.

— Kado? — Richard o chamou. — Estava atrás de ti, fui no quarto da Bia e o Sérgio me disse que te encontraria aqui. Ele te expulsou do quarto, não é?

Ricardo ficou sem reação ao ver Richard a sua procura e com uma cara de cansado. Pensou no pior antes e avaliar a condição física do ex, ou atual cunhado, que ainda não tinha tido tempo de dormir adequadamente desde que colocou os pés para fora do avião.

— Estava conversando com o médico do Felipe. Ele foi meu professor na faculdade de pediatria. — Relembrou Richard. — Um excelente profissional, colocaria a vida do meu filho nas suas mãos, se tivesse um. — Ele limpou a garganta. — Bom... Estávamos conversando e vendo que o Felipe não estava reagindo aos medicamentos como esperávamos.

Ricardo assentiu. Seu coração estava tão apunhalado que uma facada mais ou a menos já nem fazia diferença.

— Eu tive boas aulas sobre o assunto nos últimos meses. Novos medicamentos, formas de administração e dosagens. Não vou entrar nos termos médicos que não veem ao caso. Só quero te informar que vamos mudar a medicação dele e ver se há alguma mudança no seu quadro. Ele é tão pequeno que tive medo de manusear ele e quebrá-lo. — Admitiu.

— Esses remédios vão.... — Ricardo não precisou terminar a frase. Estava tão cansado e estraçalhado que não tinha nem coragem de pronunciar algumas palavras.

— Não sabemos, Ricardo. É uma coisa complicada e indefinida. Nossos recursos estão acabando e estamos mudando tudo para ver se vemos alguma mudança. Não queria te trazer essas notícias, mas prefiro eu te contar do que o médico. Te conheço e sei como tu deve estar sofrendo, e a tua família também. Considero todos eles como minha própria família e, por isso, não hesitei em pedir as minhas férias em cima da hora e vir para cá o mais rápido que pude.

Ricardo suprimiu um soluço na sua garganta, que de tão apertada, ele duvidava que algum dia pudesse voltar a respirar novamente em plenos pulmões.

Agradeceu a Richard por toda a sinceridade e apoio naquele momento. Ricardo nunca poderia retribuir um afeto tão grande que estava recebendo de todos.

Os dois levantaram e Richard colocou Ricardo dentro da UTI neonatal mais cedo. Ricardo se aproximou do berço especial e observou o pequeno e indefeso Felipe, tão minúsculo em uma cama tão grande. Ficou todo aquele tempo sem saber o que fazer, se despedia-se do seu filho ou dizia um até o próximo horário de visita.

Era claro que não queria se despedir do seu filho. Era demais para o seu coração fazer

aquilo, por mais que sempre tivesse a sensação de que fosse necessário. Simplesmente não queria que aquela fosse a hora. Não queria que fosse a última vez que visse o filho com vida. E que a sua única recordação da sua breve vida fosse dentro de uma incubadora, cheio de fios e tão frágil.

Ricardo voltou para o quarto de Bia sem conseguir expressar todos sentimentos por Felipe. Aquelas vãs palavras que murmurava ao lado do seu berço não eram nada comparáveis com o que ele realmente sentia. Não havia modo de conseguir falar tudo que queria. Queria mais tempo! Precisava de mais momentos com Felipe. Vê-lo crescer e se desenvolver como pessoa. Seria inteligente como o pai, mas com a desenvoltura de Bia, era claro. Ricardo não queria as suas esquisitices no seu filho. Essa parte seria de Bia. Felipe seria um menino feliz, que colocaria o terror na casa dos Chiarelli junto com Sofia e com a orquestra regida por Inácio, ou até mesmo Liana.

Ricardo entrou no quarto de Bia desesperado. O ambiente estava vazio e ele não conseguiu se controlar. Precisava de Bia ao seu lado para enfrentarem aquilo juntos. Ter ela ao seu lado faria tudo ficar mais fácil, assim ele pensava.

— Por favor, Bia.... — Falou por entre as lágrimas e soluços incessantes. — Por favor, volta para mim.

Segurou as mãos dela e as apertou. Estavam quentes e macias.

— Preciso de ti. O Felipe também. Não sou tão forte o quanto eu pensava que conseguiria ser. Estar aqui, sem tu ao meu lado, está sendo impossível. Tenho medo de mim mesmo. De que aconteça alguma coisa contigo ou com o Felipe e eu não vá aguentar. Eu sei que não vou suportar perder vocês. Não vou conseguir me manter vivo sabendo que perdi as pessoas que mais amo nessa minha vida inútil.

Ricardo apertou a mão de Bia e não obteve nenhuma resposta.

Aquela espera era excruciante demais. Ricardo não aguentava mais esperar que alguém batesse a porta e anunciasse o inevitável. Felipe estava frágil demais, Richard havia dito que não sabiam mais o que fazer para que ele reagisse, já estavam esgotando as opções. E Bia trancada em seu sono profundo, inerte a qualquer coisa que acontecesse ao seu redor.

— Porquê comigo? — Disse para as paredes, ou as flores murchas ao lado da cama de Bia. — Por que eu tenho que passar sempre pelas piores coisas? Já não basta perder meus pais daquela forma e me culpar até hoje? O que a Bia e o Felipe fizeram para serem castigados desse jeito? O culpado de tudo que acontece sou eu, não eles! Não descontem em quem não merece ser maltratado desse jeito!

Gritou para o nada. Para o vazio. Para a sua alma, que a cada minuto que se passava, se fechava mais a ponto de quase não existir.

Ricardo abraçou Bia em um ato de quase desespero. E nada fez efeito, ela ainda continuava dormindo, alheia ao que acontecia ao seu lado. A ajeitou na cama novamente, deixando as lágrimas dele molharem o lençol livremente. Deitou a cabeça ao lado do seu corpo quente enquanto segurava a sua mão.

O pânico passava em sua cabeça, cada vez mais forte. Tão forte que não sentiu o leve

aperto em sua mão, e pensou que estava delirando ao escutar o breve sussurro de sua acompanhante.

— Kado...

Capítulo 68

Bia estava flutuando em algum lugar muito distante. Sentia-se fora do seu próprio corpo e desapegada de qualquer coisa que possuísse. Não conseguia falar, se movimentar ou fazer qualquer coisa além do simples fato de existir.

Não sabia quanto tempo ficou naquele estado imaterial e inexpressivo. Talvez fossem apenas alguns segundos, talvez horas e quem sabe até dias. Não tinha consciência para calcular e saber com exatidão o que estava acontecendo com ela.

No momento certo, apenas sentiu como se caísse de uma altura considerável sem direção nenhuma. Apenas a força da gravidade, em modo exagerado, empurrando o seu corpo, ou seja lá o que ela tinha naquele momento, e pousando com um baque único.

Escutou a lamúria de Ricardo ao longe, parecia que em outra sala, outra casa e até mesmo outra cidade, de tão distante que era. Tentou mexer alguma parte do seu corpo em vão, cada célula sua deveria pesar uma tonelada. Abrir os olhos era quase uma tarefa hercúlea. Queria encontrar a voz de Ricardo, questionar o porquê daquele choro e os soluços infinitos. Nunca tinha ouvido Ricardo daquela forma, a situação parecia alarmante e ela precisava encontrar uma forma de encontrá-lo para o consolar.

Lutou, com todas as suas forças, usando reservas que ela nem sabia que continha dentro de si para falar alguma coisa. Levou um tempo, mas conseguiu pronunciar alguma coisa. Um leve sussurro. Mas para quem o escutaria, seria o paraíso na Terra.

Ricardo não estava enxergando direito por causa das lágrimas em abundância que escorriam dos seus olhos. Bia tinha murmurado seu nome, surdo ele sabia que não era.

— Bia... — Se aproximou dela e tocou o seu rosto. — Eu estou aqui, meu amor. Volta para mim.

Beijou seu rosto, sua boca e toda a extensão de pele que encontrasse a sua frente. Adorava acordar Bia dessa forma e sorrir quando ela se esquivava do seu ataque matinal.

— Bia.... Bia... Bia... — Sussurrava carinhosamente.

E quando começou a achar que realmente estava ficando louco, mesmo teoricamente tomando seus remédios, pulando algumas doses, percebeu o leve movimentar das suas pálpebras.

Tudo doía em Bia, o esforço de ir em direção de Ricardo era demais. Insuportável. Contudo um mal necessário. Queria estar ao seu lado novamente, secar as suas lágrimas e abraçá-lo novamente.

Sentia-se como se precisasse atravessar uma parede intransponível. Como se estivesse se afogando e precisasse voltar à superfície para respirar novamente. Estava com medo de perder as forças e voltar à estaca zero. Teria que fazer mais esforço que conseguiria.

Tudo por Ricardo.

Ele era a sua felicidade em forma de outra pessoa. Se Bia era feliz hoje, era por causa de Ricardo. Seu modo quieto e contido, a educação acima da média, inteligência, humor, inocência e até mesmo o modo como ele ficava recluso nos seus próprios pensamentos. Bia amava todas as

facetas de Ricardo, reconhecia cada uma delas e todas eram perfeitas. Perfeitas para Bia e somente ela.

Tentou mais uma vez sair daquele estado de torpor e começava a sentir-se cada vez mais distante ao invés de perto. Queria chorar, espernear, gritar ou fazer qualquer coisa que pudesse destravar o seu corpo. Queria alcançar Ricardo. Por ele todo o esforço valia a pena.

— Volta para mim, meu amor. — Escutou as palavras dele se esvaindo no ar.

Bia se deixou cair novamente, mas apenas por alguns segundos para retornar com força total, recuperar as forças momentaneamente para usar de tudo que possuía para atender o pedido de Ricardo.

E quando fez, pode sentir uma luz entrando no seu corpo, como se estivesse perto demais do sol e ele a elevasse de uma forma luminosa, lhe dando forças. Tentou outra vez e foi consumida por ela.

— Bia! — Ricardo viu os olhos delas se abrirem de leve.

Demorou uma eternidade para ela, e segundos para Ricardo, que a sua visão se adequasse ao quarto do hospital.

— B...Bia. — Soluçou Ricardo ao ver ela abrir os olhos e piscar algumas vezes. — Tu voltou para mim!

Ele não se conteve em abraçá-la. Queria a manter aquecida nos seus braços por toda a sua vida, e além dela. Nunca mais soltaria Bia se pudesse.

Beatriz estava zozza demais, tudo ao seu redor girava em uma velocidade absurda. Demorou um pouco para conseguir pensar novamente e enquanto isso, Ricardo soluçava, chorava e a abraçava. Era tão bom estar ali, que ela ficaria o resto da sua vida, e além, nos seus braços.

Tentava entender o que ele falava aos prantos, mas era impossível, tinha um zumbido forte nos ouvidos a impedindo de escutar corretamente. Era como um rádio fora da estação, tentando se sintonizar na estação mais próxima.

Ricardo a soltou e começou a apertar a campainha para que alguém viesse rapidamente. Ainda estava com pressionando diversas vezes quando Richard apareceu na porta correndo.

— O que hou... Bia!

Richard se apressou em chegar mais perto dela enquanto diversas enfermeiras chegavam ao quarto.

— Chamem o médico dela e um neurologista! — Gritou e algumas saíram em direções opostas em busca dos médicos.

— Ela me chamou! — Ricardo começou a explicar enquanto Richard olhava os monitores. — Pensei que estava ficando louco e depois vi que ela tentou abrir os olhos e conseguiu...

Richard puxou o seu estetoscópio do pescoço e começou a auscultar o coração de Bia e pulmões. Dera sorte por estar passando pela ilha de enfermagem e ver o chamado desesperado no quarto de Bia. Correu como se não houvesse amanhã para ver o que estava acontecendo. Graças aos céus a notícia era boa.

Bia ainda estava meio aérea, via as pessoas a sua volta, mas não conseguia conectar todos os sentidos para tudo tomasse forma ao seu redor. Via Ricardo, pessoas estranhas e até mesmo Richard. Estaria ela sonhando?

Os médicos chegaram e Richard tirou Ricardo do quarto em direção à área externa novamente.

— Ela acordou, vai ficar tudo bem agora, não é?

Richard via a preocupação genuína, desesperada de Ricardo em relação à Bia. Conhecia Ricardo desde a sua última tentativa de suicídio, fora Richard que auxiliou o médico no seu caso enquanto era estagiário. Através dele que havia conhecido Liana e se apaixonado pela irmã mais nova dos Chiarelli. Conhecia Bia também, era a melhor amiga de Liana. Quando soube do relacionamento dos dois, ficou contente. Sabia que era uma coisa boa para ambos.

Por isso que não hesitou em voltar para cá quando Liana ligou, aos prantos, dizendo tudo que estava acontecendo. Richard só teve tempo de ligar para o seu orientador da especialização em pediatria cirúrgica, o hospital onde residia e limpar a sua conta bancária para comprar as passagens. Pela família Chiarelli ele faria tudo que estivesse ao seu alcance e além. Eles eram a única família que Richard tinha naquele mundo, desde que a mãe morreu e o deixou com o seu genitor.

Richard não ousava chamar aquele homem que o colocou no mundo de pai. Fora tratado como um lixo pelo excelentíssimo doutor Matzembecker, sua digníssima esposa e ilustríssimos irmãos. Richard era um bastardo e era tratado como tal.

Porém a sua história com a família era passado. Ele havia superado cada um dos problemas que enfrentou sozinho, com Liana ou até mesmo com os Chiarellis, que o receberam, e ainda recebem, como um filho. Sérgio foi mais pai de Richard que o seu próprio, e desde a morte da mãe, Richard nunca tivera outra pessoa tão especial como Fernanda. E por consideração, Ricardo era como um irmão que ele estimava com todo o seu ser.

E com todo esse sentimento que tinha pela família, Richard estava a par de todos os tratamentos de Bia e de Felipe. Trabalhou naquele hospital desde os estágios da faculdade federal de medicina e pós formando. A diretoria ainda esperava o seu retorno quando acabasse os seus estudos no exterior, sua vaga de trabalho estava garantida antes mesmo dele sair.

Conhecia todas as alas e médicos do prédio. Richard era uma ótima pessoa e por onde passava deixava uma excelente impressão e todos reconheciam o seu trabalho. Não foi difícil se entranhar novamente e ficar tão à vontade por aqueles corredores, prescrevendo para Felipe e Bia o que eles necessitavam e ajudando outros médicos que vinham até ele pedindo opiniões.

Tento esse livre acesso a tudo, Richard também tomou para si ser o porta voz de cada um dos passos que eram dados com os dois. Sabia que toda a família Chiarelli era quando se tratava de algum deles e como eles poderiam reagir a cada notícia recebida.

— Só podemos saber depois que fizerem alguns exames, Kado. — Disse e sua expressão sentia muito em tirar aquela pequena alegria de Ricardo. — Temos que esperar um pouco.

Ricardo assentiu e se apegou ao único fio de esperança que tinha naquele momento. Bia tinha acordado, isso tinha que valer por alguma coisa. Teria sua Bia de volta.

Sua prenda.

Sentou ao lado de Richard e esperou por notícias.

Capítulo 69

Beatriz se demorou para entender o que estava acontecendo ao seu redor. Ainda tonta, tentava conectar as imagens com os sons das pessoas estranhas que ali estavam. Colocaram uma luz forte sobre seus olhos sensíveis e ela se esquivou.

Respirou fundo e abriu novamente os olhos, com tudo mais em foco e parando de rodar.

— Beatriz? — Um homem de branco falava o seu nome. — Está nos escutando?

— Sim... — Murmurou.

— Sabe quem eu sou? — Aquela pergunta fez Bia parar e pensar.

De fato, conhecia aquele homem, mas não de onde. Teve que olhar bem para o seu rosto e quando a verdade lhe apareceu, Bia começou a entrar em pânico.

Felipe!

Percebeu algumas coisas estranhas em seu corpo, começando pela falta da sua companheira barriga, que a impossibilitava de fazer algumas coisas básicas, como amarrar os tênis. Ricardo tinha que se ajoelhar no chão e fazer isso para ela. E agora, onde ela estava?

E a dor e desconforto na região abdominal que estava sentindo? Parecia que estava na adolescência de novo e havia passado por nova cirurgia de apêndice.

A junção dos sintomas levou Bia à uma conclusão fatídica: ela havia passado por uma cesárea. E não lembrava de como havia chegado àquele ponto. Olhou para o quarto e não encontrou nenhuma resposta para o seu dilema. Lembrava de ter visto o quarto de Fernanda quando Sofia nasceu, tinha coisas que davam a indicação que de acabara de ter uma criança. E Bia não via nada disso ao seu redor.

— O que aconteceu? — Questionou.

— Lembra quem sou eu, Beatriz? — Voltou a questionar o médico.

— Sim, meu obstetra! O que aconteceu comigo? Cadê o Ricardo, e o que houve com o meu bebê?

A angústia começou a tomar conta do seu peito. Tentou levantar da cama, mas foi barrada pelo médico.

— Me deixa sair daqui! Quero ver o Ricardo e o meu filho!

— Bia, me escuta. — O médico a tentava conter delicadamente. — Tu teve uma crise de pressão muito forte. Tivemos que fazer uma cesárea de altíssimo risco para ti e o bebê. Tu ficou em coma por três dias.

Ela não dava bola para nenhuma daquelas palavras. Tudo que necessitava saber era notícias do que tinha acontecido, pelo visto, nos últimos três dias. Mas a sua fraqueza física e a força do médico falavam mais alto que Bia naquele momento. Teve que se dar por vencida, já que ficou tonta novamente.

— Precisamos te levar para fazer alguns exames e... — Beatriz não ouviu mais nada pois havia apagado novamente.

Ricardo foi chamado às pressas para ser informado que Bia tinha sido levada para fazer exames. Estava impaciente demais, queria ver Bia novamente, abraçá-la e jurar que nunca mais iria sair do seu lado, e se não fosse Richard o segurar, teria se avançado no médico.

— Fica aqui, ok? — Richard falou e esperou que Ricardo tivesse entendido o recado. — Estou indo para a UTI ver o Felipe.

— Está...?

— Não sei, por isso estou indo para lá. Te espero no horário de sempre e... — A porta se abriu e Jonathan apareceu — Pelo menos não vai ficar sozinho aqui. Cuida dele, doutor em Química...

Richard passou por Jonathan e saiu do quarto.

— Aconteceu alguma coisa? — Jonathan largou a mochila, com roupas, comidas e outras coisas básicas em cima da cama de Bia. Somente depois do ato que percebeu que ela estava vazia. — Cadê a Bia? Aconteceu alguma coisa?

Ricardo limpou a garganta e olhou para o amigo. Estava cansado, cansado demais, a ponto de querer deitar naquela cama vazia e esquecer da vida.

— A Bia acordou. Estava aqui com ela, pedindo para que ela voltasse para mim, para nós, e ouvi ela chamando o meu nome. Quando eu vi, ela estava de olhos abertos. Chamei o médico e agora levaram ela para fazer exames.

— Isso é ótimo. — Sorriu Jonathan animado. Até ele estava cansado daquela situação toda. Estava passando dos seus limites com o fato de entrar no hospital e só sair quando terminasse o horário de visita.

Era um sacrifício e tanto para Jonathan, ainda mais com seus medos e receios com todas as doenças que pode vir a pegar por ficar tanto tempo naquele hospital. Mas era Bia, Felipe e Ricardo que ali estavam e se precisassem ficaria o tempo que necessitavam para ver os amigos saírem daquela situação toda.

— Estou aqui esperando pelos exames ficarem prontos para conseguir chegar perto dela. Preciso da Bia ao meu lado, Jonathan! Preciso dela aqui comigo para me ajudar neste momento.

O amigo via a angústia nos olhos de Ricardo. Sabia que não era fácil o que ele estava passando. Jonathan não conseguia se colocar no lugar do amigo, o que ele vivia com Bia e muito menos com Felipe. Mas compreendia que era uma força maior do que qualquer uma que a física pudesse explicar. Ou mesmo uma ligação tão intensa que a química desconhecia.

— Acho bom então tu estar apresentável quando a Bia voltar, Kado. Trouxe roupas limpas, uma lâmina de barbear e outras coisas. Te ver com essa barba desleixada está me dando pânico de ficar ao teu lado.

Ricardo nem tinha forças de contrariar Jonathan. Agradeceu o amigo pelas coisas, o ombro

para ouvir seus lamentos, e, acima de tudo, a amizade verdadeira e sincera.

Beatriz escutou vozes ao longe e percebeu que não era um sonho. Estava realmente vivendo toda aquela situação. E para o seu desespero ficar completo, não sabia nenhuma notícia de Felipe e Ricardo.

Viu as enfermeiras andando ao seu lado e questionou elas. Queria qualquer notícia que fosse, até mesmo as ruins seriam bem-vindas, melhor do que aquela escuridão toda que estava a rodeando. Viu o médico aparecer e a saudar com uma felicidade extrema. Realmente ela não estava nenhum pouco preocupada com o que ele dizia, como seu prognóstico e se tinha ficado com alguma sequela. Tudo o que importava naquele momento era saber notícias de Ricardo e do filho deles.

— Por favor, me levem para o quarto. Podermos conversar sobre isso depois que eu ver o Ricardo e saber sobre o meu filho.

Ela nem deu importância ao tópico de não se estressar. Só de escutar a voz do médico já a estressava profundamente. Uma alma caridosa a levou de volta para o quarto e quando ela chegou, e viu Ricardo e Jonathan naquele pequeno cômodo, sentiu-se feliz.

— Bia! — Ricardo levantou-se rapidamente e foi em sua direção.

Não deixou nem a enfermeira a colocar na cama. A pegou nos seus braços e a abraçou, como se a sua vida dependesse disso. E realmente dependia.

— Meu amor.... — Ricardo voltou a chorar novamente. — Eu senti tanto medo...

— Kado... — Bia murmurou enquanto se agarrava nele como se fosse a âncora que a mantivesse neste plano.

Soltaram-se, apenas para focar um nos olhos do outro e terem a certeza de que a vida não seria a mesma sem aquela pessoa ao seu lado. Tudo agora tinha outro significado. Mais intenso, mais real, mais do que qualquer sentimento que poderá haver na face da terra.

A enfermeira foi deixada de lado e ninguém notou a sua saída. Jonathan podia contar as vezes que tinha chorado na sua vida, e agora poderia incluir esta vez. Ele também saiu do quarto, sabia que era um momento só dos dois.

— O que aconteceu?

Ricardo acariciava o rosto de Bia, memorizando cada centímetro do lindo rosto dela. Focava nos seus olhos e na cor que carregava a luz da sua vida.

— Tu teve uma crise de pressão altíssima. Tiveram que fazer o parto às pressas. — Ricardo ainda focava nos olhos dela. Não queria perder aquela luz na sua vida nunca. — Tu entrou em coma e ficou assim por três dias. Até hoje. Meu Deus.... Foram os piores dias da minha vida.

Ricardo não conseguiu se conter. A abraçou novamente e a beijou.

— Promete para mim que nunca vai me deixar de novo. Por favor...

Bia consolou Ricardo da melhor forma que podia naquele momento, mas precisava saber de Felipe. O beijou e quando focou nos seus olhos, soube que a promessa que Ricardo pedia era a mesma que ela desejava. Nunca mais queria ficar sem Ricardo ao seu lado.

— Como está o Felipe? Por que ele não está aqui com a gente?

— Ele está na UTI. O Richard voltou e está cuidando dela para nós.

— E como ele está?

Ricardo não conseguia dizer aquelas palavras para Bia. Simplesmente não suportaria ver ela passando pela mesma apreensão que ele estava sentindo. Se tivesse um modo de fazer com que Bia não precisasse saber e apenas Ricardo passasse por aquilo, ele daria um jeito. Sofreria em dobro, mas ficaria tranquilo em saber que Bia não estava da mesma forma que ele.

— Eu não sei. — Admitiu. — O Richard me disse que estão fazendo tudo o que podem, mas ele é muito pequeno e as opções estão se esgotando rápido demais. Não sabemos se....

Ricardo não precisou falar mais nada, Bia já tinha entendido tudo.

Agora seriam os dois sofrendo pelo filho.

Capítulo 70

Bia estava irritada e percebendo que todos estava a tratando como uma criança, que não podia saber de toda a verdade que se passava a sua volta. Como se sua idade mental não fosse suficiente para entender o que todos cochichavam.

Seu quarto estava cheio. Não demorou muito para que o hospital fosse tomado pela família Chiarelli em peso e a sua, apesar da proibição do médico responsável por ela. Richard teve que assumir todos riscos, mesmo estando direto na UTI ao lado de Felipe, acompanhando seu progresso, ou assim Ricardo esperava que o filho estivesse tendo.

Era complicado estar naquela situação toda. Por mais que o quarto estivesse cheio de pessoas que ele amava e que o amavam, Ricardo sentia-se vazio e flutuante. Queria o silêncio e apenas Bia ao seu lado, de preferência com ela acordada. Ricardo nunca mais perderia seu sono a observando dormir. Viu seus olhos fechados durante três dias e a partir de agora, preferiria ver Bia com seus olhos bem abertos, nem que fosse olhando para outra direção, mas consciente de tudo que acontecia.

Sentiu alguém se aproximar, sentando ao seu lado, e Fernanda pegou na sua mão, fria como um gelo.

— Estamos felizes por estarmos aqui, estaríamos mais se tivéssemos notícias melhores do Felipe. Mas já é uma grande coisa a Bia estar acordada e bem. — Ricardo sentiu o beijo na bochecha da cunhada. — Estamos indo para o apartamento e deixar vocês descansarem, ok?

Sim, Fernanda era um anjo e somente ela para tirar Sérgio e Liana de cima de Ricardo e Bia naquele momento. Apenas ela conseguiria aquele feito sem ser xingada por Liana de uma forma nada educada e arrastar o lobo alfa da família sem nenhum outro problema. Os pais de Bia entraram na onda de Fernanda e se retiraram minutos depois. Eles ainda estavam emocionados demais com a situação da filha, porém entendiam que ela precisava descansar para se recuperar mais rápido.

Até mesmo Jonathan estava no quarto, sendo quase um móvel de tão quieto e imperceptível que estava. Depois que todos foram embora é que perceberam a presença dele ali.

— Acho que é a minha deixa para ir embora também. — Disse ele ao se levantar da cadeira em que estava, forrada com inúmeras toalhas de papel.

— Tu é o único que pode ficar, Jonathan. Pelo menos fica em silêncio e não em cima de mim, como se eu fosse voltar a entrar em coma a cada piscada que eu der. — Bia estendeu a mão para ele que, sem hesitar, a apertou.

— Eu entendo o medo da família de vocês. E também sei que precisa descansar. Eu volto amanhã para trazer mais algumas coisas.

— Obrigado, Jonathan. — Ricardo se levantou e olhou para o amigo. Se ele fosse dado a afeto, seria a hora perfeita para Ricardo abraçá-lo. Porém o olhar de Jonathan já era o suficiente para entender a intenção, ser recebida de bom grado e por pensamento.

Depois que a porta fechou, Ricardo suspirou de alívio. Até mesmo uma pequena dor de cabeça havia se criado após tanta movimentação. Bia o encarava enquanto ele fazia o pequeno

trajeto até sua cama. Sentou-se ao seu lado e a puxou para um beijo rápido.

— Nunca mais quero passar por isso. — Disse e a puxou novamente para um beijo.

— Estou cansada. — Bia confidenciou e Ricardo via nos seus olhos o cansaço. Era o mesmo que ele apresentava. — A enfermeira disse que quando eu tomasse banho era para avisar que ela vinha para trocar o meu curativo.

— Eu te ajudo. O Jonathan trouxe roupas limpas. — Ricardo fez menção de se levantar, mas Bia o segurou pelo braço.

Ele entendia como Bia estava sentindo-se. Estavam com a mesma aflição. Bia poderia ter acordado, mas era apenas metade do problema. Ainda faltava Felipe para a equação estar perfeita. E ela, mais do que Ricardo, já que tinha conhecido o filho, queria ver com seus próprios olhos ele.

— Quero ver o Felipe, Kado. Antes de qualquer coisa. Preciso ver o nosso filho.

Aquela súplica, tão simples e poderosa, desarmou Ricardo de qualquer coisa que ele poderia sentir naquele momento. Era simplesmente o amor incondicional que um pai, ou mãe, sentia por um filho falando mais alto. Mais alto até mesmo que a própria saúde, bem-estar e qualquer situação que poderá surgir em decorrência.

Bia precisava colocar seus olhos em Felipe. De qualquer forma, nem que fosse por apenas segundos. Precisava daquele contato visual mais do que o próprio ar que respirava. Havia sofrido para dar ele a chance de viver e precisava conhecer seu filho, nem que fosse para ter uma pequena lembrança para caso ele não sobrevivesse. Precisava agarra a possibilidade enquanto ela ainda existia.

— Não sei se vão te deixar entrar. O médico não queria nem que o pessoal entrasse aqui, quem dirá te levar a uma UTI, Bia. Tem todo um processo de banhos e roupas para conseguir entrar e agora nem é horário de visitação. As ordens são bem rígidas aqui. Eu mesmo só posso entrar nos horários permitidos, e pulei o da tarde para ficar ao teu lado.

Aquela decisão havia pesado bastante. Ricardo não queria negligenciar aqueles pequenos instantes ao lado de Felipe, mas àquela hora era necessário. Bia tinha acabado de ir para o quarto e Ricardo precisava ficar ao lado dela, vê-la com os seus próprios olhos e, principalmente, ver os olhos dela focado nos seus para ter a certeza de que ela estava acordada.

Ricardo olhou ara Bia e suspirou. Sabia que o pedido dela era justo e necessário.

— Vou ligar para a UTI e tentar falar com o Richard. Ele está usando toda a influência dele para nos ajudar, vamos ver se ele consegue isso também. Não prometo nada, mas vou tentar. Qualquer coisa amanhã tu vai no horário da manhã. — Ricardo acariciou a face de Bia delicadamente, sentindo a sua textura quente, tão diferente da fria de horas atrás.

Graças aos céus.

Bia observou Ricardo ligar para o setor e falar com Richard. Só o fato de que ele estava tentando era promissor. Ela sabia que era um pedido quase que impossível, mas não eram as

mães as últimas a desistirem de alguma pelos filhos? Beatriz sabia que isso se aplicaria a ela, pelo resto da sua vida.

Lutaria por Felipe até suas forças, ou as deles, se esvaírem. E estar presa naquela cama era um pouco desesperador. Ela queria estar lá dentro, ao lado dele em todos os momentos. Assim como sabia que Ricardo também gostaria e tinha estado lá algumas vezes quando era permitida a sua entrada. Era claro que ele estava dividido entre Bia e Felipe enquanto ela estava em coma. E compreendia o quanto aquela situação era insuportável para ele. Ricardo estava dividido em dois corações, sem saber para qual lado pendia mais. Agora Bia estava acordada, Ricardo e ela estavam com todas as suas energias e pensamentos para Felipe. A única coisa que faltava, era estarem na presença dele naquele momento.

A ligação ficou presa por alguns minutos. Torturantes minutos para Bia e também Ricardo. Richard era bem quisto por todos no hospital, mas tinha coisas que nem ele conseguiria burlar ou alterar. Ricardo já era grato por tudo que Richard estava fazendo por eles, e entenderia se a entrada de Bia fosse negada naquela hora. Era apenas uma tentativa baseada que o não era o máximo que eles receberiam.

— Eu realmente não deveria fazer isso, mas o médico responsável da noite não vai com a cara do meu pai e vai com a minha. É um ponto a nosso favor. — Richard comentou ao telefone. — Consigo uns dez, no máximo quinze minutos, colocar vocês aqui, ok? Não mais do que isso e nem me peçam por mais nenhum minuto.

— É o suficiente! — Ricardo animou-se. — Obrigado, Richard.

— Não há de quê. — Suspirou o jovem médico, não parecendo mais tão jovem assim. — Me encontrem na entrada da UTI com a Bia em uma cadeira de rodas.

Ricardo respondeu mais um agradecimento e sorriu ao encarar Bia, aflita na sua cama.

— Vou até a enfermaria pegar uma cadeira de rodas para ti não ter que caminhar e encontramos o Richard lá na entrada. Temos quinze minutos, Bia.

— É o suficiente. — Mentiu, mas agradecida com o breve tempo que teria com o seu filho. Antes aqueles poucos minutos do que nada.

Ricardo encontrou a cadeira de rodas e colocou Bia sentada nela o mais confortável que conseguia a deixar. A levou para a entrada da UTI neonatal e ambos aguardaram por Richard. E quando ele apareceu, os ajudou a entrarem.

— Ainda bem que todos gostam de mim aqui, já vi os médicos negarem coisas bem menores do que essas para familiares.

— Obrigada, Richard. — Bia segurou a mão dele. — Não temos palavras para te agradecer.

Richard apenas sorriu com o agradecimento de Bia e os encaminhou até a área de esterilização. Com dificuldade, Ricardo ajudou Bia a trocar de roupas e a passar por baixo do chuveiro especial. Uma cadeira de rodas da UTI a esperava e Ricardo a levou até a incubadora que Felipe se encontrava.

A primeira impressão que Bia teve ao observar a UTI neonatal era de que não parecia que havia pacientes naquele setor. As incubadoras eram gigantes para pacientes tão pequenos e indefesos, eles quase sumiam em meio a tantos fios e tubos ligados aos seus pequenos corpinhos indefesos. Alguns eram maiores do que os outros, mas nem por isso deixavam de chamar a atenção para a situação em que estavam. Era uma sensação de impotência enorme para Bia ver aqueles bebês, tão pequenos e expostos, lutando pelas suas vidas desde que deram os primeiros suspiros.

Richard os acompanhava e comentava brevemente sobre o estado de saúde de Felipe.

— Começamos com os novos medicamentos e doses que eu sugeri, conforme tinha te avisado, Kado. Estamos monitorando todas as atividades dele e vendo se tem alguma melhora ou piora desde que começamos. A notícia que eu posso adiantar no momento é que ele está estável. Não melhorou e nem piorou nas últimas horas.

— Isso é uma notícia boa, não é? — Indagou Ricardo.

Richard estava dividido, desde que havia pisado naquele hospital e assumido o quadro de Felipe. Noticiar certas coisas para pais era uma tarefa extremamente complicada e dolorida para ele, quem dirá quando os pais são tão conhecidos dele como Ricardo e Beatriz. Seu ex cunhado e a melhor amiga da sua ex namorada. Pessoas que ajudaram Richard a ser o que ele era hoje.

Em todos os seus anos de médico, pediatra e agora quase um cirurgião pediátrico, essa era a tarefa mais difícil que a sua profissão lhe obrigava a fazer.

Richard já tinha perdido pacientes em estado melhor que Felipe, assim como salvo outros mais complicados. Fazer uma média dos seus casos e tirar uma resposta daquela situação era impossível. A medicina não era uma coisa exata, mudava de pessoa para pessoa, de quadro para quadro. A única coisa que não mudava eram os sentimentos dos pais e familiares que acompanhavam de perto e estavam de mãos amarradas para a situação. Eles não poderiam fazer nada além de acompanharem de longe e suas preces, energias e solidariedade.

— Não sabemos — admitiu por fim, impotente.

Capítulo 71

Bia escutava vozes ao seu redor. Longe o bastante para que ela não prestasse atenção no que era proferido. E nem dava importância por ser Richard e Ricardo conversando. Nada naquele momento importava mais do que ela conhecer o seu filho.

Se bebê, aquele que Bia carregou dentro de si por quase oito meses. Que chegou de surpresa. Tanta surpresa que Bia chegou até a falar palavras absurdas, onde não queria o bebê. Ela se arrependia de todas as letras que saíram da sua boca. Depois de pensar com mais calma e estar com a cabeça mais limpa, se apaixonou completamente pela ideia de ser mãe ao lado de Ricardo.

A situação com a sua saúde a preocupou consideravelmente, por mais que Ricardo e todos ao seu redor dissesse que tudo que o médico falava era o máximo que poderia acontecer, e se acontecesse. Mas no fundo ela sabia que alguma coisa iria interferir naquele sonho todo que ela estava vivendo.

Mesmo com a situação toda, Bia mantinha a esperança viva de que tudo não passaria de apenas suposições, nada de ruim aconteceria e curtiu a sua gestação como pode. Todas as consultas com o médico era uma ansiedade só. Cada ecografia, uma emoção quase insuportável de tão perfeita que era. Cada imagem que tinha de Felipe era armazenada no seu coração e gravadas como tatuagem nele, assim como a de Jonathan, que Bia acompanhou de perto. Cada movimento que sentia dentro de si, era motivo de felicidade extrema para Bia. Era uma vida se formando dentro dela, fruto do amor dela e Ricardo.

Simplesmente a melhor coisa que Bia já tinha feito na sua insignificante vida até agora. Nada do que ela tinha vivido/passado até se descobrir grávida tinha importância. Nada era maior do que aquele momento todo. Nenhuma outra história era maior do que aquela. Nenhum sentimento era mais potente que o amor de uma mãe crescendo por seu filho, assim como ele crescia dentro dela.

Agora ela estava impotente naquela cadeira de rodas estúpida e Ricardo não a empurrava com a velocidade que ela gostaria. Tinham poucos minutos para aquele encontro e estava sendo desperdiçado em um trajeto tão curto. Se pudesse, assim que tivesse aberto os olhos estava ao lado de Felipe. Mas não. Teve que aguentar os médicos a virando por todos os ângulos e depois sua família e a família de Ricardo. Ela sabia que estava sendo egoísta, mas naquele momento não importava nada.

Ricardo diminuiu a velocidade, mais ainda, e os três chegaram até a incubadora onde Felipe estava. Bia teve o impulso, quase um reflexo automático, de se levantar daquela cadeira de rodas, mas foi barrada por Richard e Ricardo.

— Acho bom não abusar, Bia.... — Recomendou Richard.

Bia nem escutava nada ao seu redor, já que o seu mundo se resumiu aquele pequeno ser dentro daqueles vidros.

Do lado de fora, Bia tocou o vidro frio e se aproximou o máximo que podia. Estava na mesma altura que Felipe e pode contemplar as feições dele com perfeição. Além dos inúmeros fios e tubos ligados ao seu pequeno corpinho indefeso.

Sentiu as lágrimas escorrendo pelas suas bochechas ao ver o seu filho daquela forma. Tão pequeno e inocente, e, ao mesmo tempo, tão guerreiro. Seu coração se apertou de uma forma inexplicável. Se pudesse, Bia voltava para o seu coma se isso fizesse com que Felipe saísse daquela incubadora e ficasse saudável instantaneamente. Ela nem acordaria se fosse necessário.

Faria de tudo para que Felipe melhorasse. Daria seu corpo, sua alma e sua vida para que o filho pudesse viver.

Ricardo estava atrás da cadeira de rodas de Bia, observando o filho novamente. Estava satisfeito, até certo ponto. Tudo que ele queria era juntar Bia e Felipe, nem que fosse pelo mínimo de tempo possível os dois para ter na sua memória aquela cena. Sua mulher e seu filho no mesmo cômodo, na mesma situação e presentes. Era a única coisa que ele pedia. Não queria que Bia acordasse e ele tivesse que dar a notícia que o filho tinha voltado para o céu como o anjo que Felipe era.

Já Richard estava com o coração na mão vendo aquela situação toda. Realmente era uma fraqueza dele, mas não conseguia evitar. Ver Bia e Ricardo naquela situação toda era dolorida demais para o médico. Sabia que estava burlando todas as regras e protocolos do hospital, mas não conseguia evitar. Em todos os seus casos a sua empatia falava mais alto do que normas e regras. Richard se colocava no lugar de cada pai e mãe que passavam pelas suas mãos. Novamente se viu naquela posição e percebeu que teria que fazer alguma coisa antes que acontecesse o pior e sua consciência pesasse.

— Eu.... — Richard limpou a garganta — Eu não deveria fazer isso — suspirou pesadamente — mas vou dar a oportunidade de vocês pegarem ele no colo um pouco.

Bia olhou para Richard e mais lágrimas inundaram seus olhos. Ela não conseguia nem agradecer por tudo aquilo que Richard estava fazendo por eles. O médico se afastou enquanto lavava as mãos. Calçou um par de luvas estéreis e encaminhou Ricardo para fazer o mesmo procedimento.

Sentou Ricardo em uma cadeira ali perto e abriu a pequena incubadora onde Felipe estava. Pegou o bebê, com todo o cuidado que os anos de medicina, pediatria e agora cirurgia pediátrica o ensinaram. Felipe não era mais pesado do que o ar praticamente. E nem reclamou quando foi tirado do seu ambiente aquecido especial. Richard o levou até Ricardo e, com todo o cuidado para não deslocar nenhum fio, o colocou sobre os braços do pai.

Bia observava a movimentação emocionada com a aproximação de Felipe e Ricardo. Se ela estava abalada, quem diria Ricardo com todos os seus problemas que ele já carregava consigo.

Felipe era minúsculo nos braços desajeitados de Ricardo, e quente. Sobre a luva estéril, Ricardo pode acariciar o filho e ver ele agarrar seu dedo fragilmente.

Talvez naquele momento Ricardo tinha entendido um pouco do que seus pais haviam feito por ele naquele assalto. Com Felipe nos braços, Ricardo pode ter a dimensão do que significava dar a vida pelo seu filho. Naquele momento único, percebeu que se alguém apontasse uma arma para ele, Ricardo se colocaria na frente para defender Felipe.

Richard aproximou a cadeira de rodas de Bia, com ela já calçada com as luvas e a colocou ao lado de Ricardo. Bia era um mar de lágrimas em forma de pessoa naquele momento.

Colocou sua mão sobre a delicada cabecinha de Felipe e acariciou de leve, mesmo em meio aqueles cabos ligados a máquinas que apitavam ritmicamente.

— Ele é a coisa mais linda do mundo. — Murmurou ela.

— Nunca fiz uma coisa tão perfeita. — Acrescentou Ricardo, já não segurando as lágrimas.

Agora poderia dizer que a sua vontade estava completa. Todo o seu medo de passar por tudo aqui e sair de mãos vazias era inexistente.

Tinha a nítida memória de Bia ao lado de Felipe, acordada e conhecendo o filho deles e agora o calor dele perto do seu coração. Só que Ricardo era egoísta demais para admitir tal coisa. Ele queria e precisava de mais. Mais momentos ao lado de Felipe e Bia. Queria constituir a sua família com os dois.

Entregou Felipe para Bia, com auxílio de Richard e deixou que ela o embalasse pelo pouco tempo que ainda restava. Bia era mais delicada que ele nas carícias que fazia a Felipe. Cochichou palavras de amor e consolo para o pequeno que tanto já havia passado, somente uma mãe poderia fazer tais coisas.

Disse para Felipe que ele precisava ser forte, que a mamãe e o papai estavam esperando por ele para irem para casa. Que nunca iria faltar amor e carinho para ele. Que os três seriam felizes e que não teria mais dor e sofrimento quando ele melhorasse.

Era uma cena linda de se ver. Richard, se afastou um pouco, para que suas lágrimas não fossem tão visíveis e algumas enfermeiras de plantão estavam paradas observando os pais com o seu filho. Mesmo para os profissionais da área, treinados para as adversidades que uma UTI neonatal enfrentava, cada imagem como aquela era sinal de lágrimas.

Bia se despediu de Felipe com um beijo. Beijo aquele que uma mãe dá ao filho para se recuperar de um machucado ou que tira todas as dores. Um poder que uma mãe carregava dentro de si para o resto da sua vida, pois não existiam ex-mães. Uma vez que é sabido que existe uma vida dentro de si, uma mãe e seus poderes especiais se revelam. E a tendência deles é sempre aumentarem.

Richard recolocou Felipe na sua incubadora e ajudou Ricardo e Bia a saírem da UTI como o prometido. O silêncio do hospital era quase absoluto naquela volta para o quarto de Bia.

Entraram no cômodo e a vontade de ambos era se isolarem do resto do mundo e ficarem de sentinela ao lado da incubadora de Felipe. Uma coisa impossível, eles sabiam, mas tinham a certeza de que seus corações estavam presentes com o filho. Bia continuava e entoar aquelas mesmas palavras que havia dito para o filho. A parte do seu coração que havia ficado com Felipe se encarregaria de transmiti-las com a exatidão que ela a sentia.

Ricardo a ajudou a tomar um banho e a vestiu. A enfermeira veio e trocou o curativo de Bia e ambos ficaram em silêncio. O sofrimento poderia ter se amenizado com a Bia acordando, mas ainda ficaria pelo Felipe.

Capítulo 72

A rotina em um hospital é desgastante, porém nada se comparava ao fato de Bia ter alta poucos dias depois, Felipe ficar internado e sem previsão de alta.

Teoricamente era um ótimo sinal. O tratamento que os médicos, e Richard, estavam fazendo nele estava dando resultados. Um certo alívio para os corações de Bia e Ricardo. Contudo, o fato de não poder estar no mesmo ambiente que o filho os castigava demais.

Ainda munidos com aquelas duas únicas horas diárias, Ricardo e Beatriz acordavam cedo, iam para o hospital para o turno da manhã, saíam quando o horário acabava e ficavam à espera do outro turno e do horário para visitação. Não havia conforto nenhum naquelas horas em que passavam sentados na frente da UTI, ou alternando entre a lanchonete e a área aberta.

Voltavam para casa cansados. E agradeciam pela convivência harmoniosa que tinham, pois havia dias que não conseguiam nem falar um com o outro de tão cansados, desgastados psicologicamente e fisicamente.

A única pessoa que ambos conversavam assuntos banais era com Jonathan, que sempre quando não estava na faculdade, estava ao lado deles. Levava seu apoio para os amigos e tentava dar algum ânimo para ambos. Mesmo que isso fosse um trabalho quase que impossível.

E realmente era.

Bia e Ricardo estavam passando por uma coisa que não desejavam nem para os seus piores inimigos. Não era fácil ver o sofrimento deles e, principalmente, o de Felipe, que não tinha razão nenhuma para ter que suportar tudo aquilo. Bia ficava com o cora  o na mão sempre que via as enfermeiras lidando com o corpinho do filho daquela forma, o espetando, apalpando e fazendo coisas que ela nem imaginava que se poderia fazer com um bebê tão minúsculo.

E Ricardo, era quase uma casca de pessoa. Parecia que sentia todos os temores, medos e dores de Felipe na sua pele e duas vezes mais. Estava realmente dilacerado por tanta espera e angústia. Um caso tão precário que Sérgio, enquanto visitava os dois, não hesitou em pedir que Ricardo consultasse com Miguel.

— Não tenho cabeça para isso, mano. — Argumentou Ricardo enquanto fingia que se alimentava. Do outro lado da mesa Fernanda via as olheiras de Ricardo e o rosto mais fino, mesmo com a sombra de uma barba que não era feita há uns dias.

— A questão    essa, Ricardo. — Sérgio começou a falar olhando para o irmão. — Tu precisa ter cabeça para essas coisas. Está tomando teus remédios?

— Chegamos a um consenso. — Bia se intrometeu. — Ele está tomando um dia sim e outro não. Ele queria parar por completo enquanto estivéssemos de vigília com o Felipe, mas eu não concordei. Antes tomar um dia sim e outro não do que nada.

Sérgio e Fernanda observaram os dois.

Era complicado dizer que eles estavam errados e ao mesmo tempo certos. Sérgio era um que não sabia se teria a mesma fôrça que Ricardo para suportar tudo aquilo que o irmão estava passando. São o fato de imaginar Fernanda em coma por três dias já gelava a sua espinha, quem dirá acompanhar In  cio ou Sofia dentro de uma UTI por tantos dias como eles. Era por esse

motivo, e tantos outros, que Sérgio se preocupava mais com Ricardo. Sabia como o irmão era extremamente atingível por tragédias e não queria que mais alguma coisa acontecesse com ele.

— É uma hora do tempo em que tu passa sentado esperando aqui, Kado. — Sérgio voltou a falar, com mais ênfase. — Não vai fazer nenhuma diferença se tu esperar sentado na porta da UTI ou conversando com o Miguel. Se quiser posso pedir para ele vir aqui. Tenho certeza que ele não vai se opor.

Sérgio falava como o chefe da família, com aquela voz de autoritário que ele imaginava que tinha quando Ricardo era adolescente. Ricardo até respeitava ela, enquanto Liana revirava os olhos e fazia o contrário que o irmão mais velho pedia. Só que ao contrário da irmã, Ricardo sempre obedecia.

Bia olhou para Ricardo e suspirou. Sabia o que ele estava passando, também estava sentindo tudo aquilo e para ela estava sendo esmagador demais. Por alguns instantes até quis se colocar no lugar de Ricardo para imaginar como ele estaria se sentindo, mas não conseguiu. Entendia que os problemas dele eram além do que eles estavam vivendo, e se para ela não estava sendo fácil, quem dirá para ele. Por isso que eles entraram em um consenso sobre a medicação. Ricardo apagava por completo quando tomava os seus remédios, eram para isso que ele realmente os tomava, além do equilíbrio químico no seu cérebro. Sabia da importância deles para Ricardo e como a falta poderia afetar seu organismo. Ao mesmo tempo, compreendia que Ricardo queria estar presente em todos os momentos, até mesmo aqueles em que os medicamentos agiam no seu corpo. E se acontecesse alguma coisa quando ele estivesse apagado?, falava sempre quando Bia tocava no assunto. Ricardo não iria suportar estar afetado por medicamentos se alguma coisa acontecesse e ele não conseguisse estar presente de corpo e alma.

O consenso veio depois de alguns dias naquela rotina cansativa. Bia já estava acompanhando os efeitos da falta de remédio de Ricardo, e não gostou de nenhum pouco do que viu. Apelou para tudo o que estava ao seu alcance para reverter aquilo.

— Kado — disse ela tocando levemente a mão dele por cima da mesa — pode ir. Eu fico aqui te esperando. — Ricardo segurou a mão dela e a acariciou de leve.

Respirou fundo. Fitou os olhos de Bia, tão bonitos e ao mesmo tempo tão machucados e não pode negar nada que ela pedisse para ele.

Ricardo assentiu com um breve aceno de cabeça. E Sérgio, já sabendo que o irmão não teria escapatória, já tinha até marcado uma consulta com o Miguel.

Era claro que aquilo não agradou nenhum pouco Ricardo, mas por fim não teve mais o que fazer. Havia concordado e deveria ter imaginado que era uma cilada para ele. De algum modo, por assim dizer.

Se despediu de Bia quando o horário se aproximou. A deixou com uma enfermeira que auxiliavam as mães na situação de Beatriz. Algumas orientações, ajuda para quando os seios começavam a doer pelo acúmulo de leite e a tirá-lo para doar a outros bebês que precisavam, e até mesmo Felipe, que, aos poucos, começava a se alimentar por sonda e o leite de Bia era inserido.

Chegou ao consultório na hora exata, não quis que a consulta ficasse dentro das

dependências do hospital. Seria trabalho demais para Miguel se deslocar até lá, Ricardo poderia fazer aquilo tranquilamente. Cumprimentou a secretária, que lhe deu um sorriso amigável e logo entrou para o consultório do velho e bom amigo Miguel.

Foi recebido com um longo abraço pelo médico.

— Meus parabéns pelo filho, Ricardo.

— Obrigado. — Murmurou meio sem jeito.

Sentaram-se na mesma disposição de sempre. Miguel atrás da sua mesa e Ricardo à sua frente. E não foi preciso Miguel fazer a clássica pergunta “como estamos hoje, Ricardo” para ele começar a falar, como se tivesse aberto uma torneira de medos, sentimentos e aflições e perdesse o controle de como controlá-la. Escorreria até a fonte se acabar, esgotando tudo o que Ricardo tinha dentro de si.

Miguel escutou tudo com a paciência que tinha. Percebia e, principalmente, sabia que Ricardo estava sofrendo. Qual seria a pessoa no mundo que não estaria sofrendo ao ver o filho e a mulher que amava daquela forma? Era preciso que Ricardo passasse por tudo aquilo, uma prova para que ele entendesse mais sobre o processo da vida e até mesmo se conhecer. Não existe melhor forma de entendermos do que somos capazes até problemas nos atingirem. Miguel tinha a plena confiança e certeza de que Ricardo tinha toda a força necessária para superar tudo aquilo que estava vivendo. Conhecia o seu paciente e agora estava na hora de Ricardo começar a se conhecer e a perceber que era mais forte do que poderia imaginar que fosse.

Ricardo se esgotou de uma forma que só tinha visto logo depois das suas tentativas de suicídio, quando Miguel futricava naquelas feridas que ele carregava com uma lança incandescente e afiada. E sempre saía das consultas exaurido. E desta vez não tinha sido diferente.

Sua cabeça doía juntamente com seus olhos que ardiam, causados pelo choro incessante e necessário. Ricardo precisava explodir. Precisava colocar para fora todos aqueles medos que estava acumulando dentro de si desde que Bia tinha entrado naquele hospital, parido Felipe, entrado em coma por três dias e Felipe o tempo todo na UTI recebendo um tratamento intensivo para sua vida ser salva. Dentro de Ricardo estava acumulando demais coisas que não era de bom tom estarem presas dentro da sua alma tão remendada. Qualquer dano a mais naquela fina camada que ele tinha poderia ser um estrago maior do que ele já tinha passado em todos aqueles anos.

Chegou ao hospital e encontrou Bia sentada ao lado de Jonathan em frente à UTI. Já era de praxe encontrar eles ali, postados à porta, esperando por notícias, sinais ou qualquer coisa que poderiam ter a respeito de Felipe. Ricardo nem queria imaginar se não tivessem o Richard para trazer notícias de Felipe a cada hora, ou menos. Só esperava que o filho se recuperasse enquanto ele ainda estivesse por ali. Sabia que em breve o ex cunhado teria que voltar para a sua especialização.

— E aí — Bia o beijou de leve e arrumou o cabelo de Ricardo que caía sobre a sua testa.
— Como foi lá?

Ricardo sentou entre Bia e Jonathan e tentou se aprumar. Geralmente depois de cada consulta bombástica ele se encerrava no seu quarto e dormia profundamente. Agora não poderia

fazer isso e nem sabia se conseguiria dormir quando chegasse em casa com Bia. Geralmente os dois ficavam se revezando em um sono conturbado e nada produtivo. Saíam da cama como se nem tivessem deitado.

Esperava que essa noite, pelo menos, ele conseguisse dormir e descansasse para encarar o dia de amanhã. E o próximo.

Capítulo 73

Ricardo abriu os olhos e reconheceu o corredor do hospital. O mesmo tom de branco nas paredes, os azulejos brilhantes, o mesmo número que havia ontem e antes de ontem. Tudo a mesma coisa, porém completamente diferente.

Ele sentia a atmosfera diferente. Silencioso demais. Brilhante demais.

Observou as próprias roupas. A camiseta simples branca, o mesmo tom das calças soltas e os pés descalços. Franziu o cenho para tentar entender o porquê de estar com aquelas roupas, e sem sapatos, em um ambiente tão contaminado quanto o chão de um hospital. Não era preciso ser um Jonathan da vida para ter esse receio básico de higiene.

Virou para os lados a procura de Beatriz. Talvez ela pudesse explicar qual foi o acesso de loucura que levou Ricardo a se vestir de branco, sendo que ele nem tinha calças brancas no seu guarda-roupa, e estar no meio do hospital descalço. Caminhou alguns passos até a ilha de enfermagem, espiou através do vidro, para ver se encontrava alguém, mas não viu nenhuma viva alma naquele corredor tão movimentado.

Então se sentou e esperou. Apoiou a cabeça na parede do corredor e esperou que alguém aparecesse, Bia, um médico, enfermeiro, faxineiro, familiar, ou qualquer coisa viva para ele perguntar o que estava acontecendo com ele, e com o resto do hospital, pelo visto.

Fechou os olhos e respirou fundo. Sentiu o seu corpo inundado por uma paz estonteante. Uma sensação quente e agradável aos seus músculos que relaxaram de uma forma que Ricardo realmente precisava depois de tantos dias vivendo aquele tumulto todo.

Chegou até a abrir um pequeno sorriso em busca daquele nirvana que estava tomando conta do seu corpo. Era um prazer tão carnal que Ricardo se lamentou por Bia não estar ao seu lado naquele momento para sentir junto com ele. Onde será que ela estava? Será que Ricardo tinha perdido a hora da visita e Bia estava lá dentro? Ou estava com a enfermeira que ajudava ela a retirar seu leite todas as tardes?

Os pensamentos de Ricardo divagavam e se perdiam quanto mais ele se entregava ao relaxamento que estava sentindo. Era tão bom.... Tão aconchegante. Parecia aquelas lembranças cálidas que tinha da sua antiga infância. Quando Ricardo era inocente o bastante para imaginar que a sua vida seria aquela maravilha sempre. Seus pais ao seu lado, Sérgio o irmão mais velho, exemplo para Ricardo, orgulho dos pais por estar morando na capital e trilhando um ótimo caminho na faculdade, e Liana a irmãzinha calma e perfeita, legítima princesinha que ele cuidava como seu fiel guarda.

Ricardo até se permitiu ir além e recobrar alguns detalhes da infância, que geralmente ele as afastava. Lembranças principalmente que envolvia os seus pais e a felicidade deles. Ricardo era grande o suficiente para perceber que ambos eram apaixonados. Um casal de verdade. Que lutou contra as dificuldades, venceram e agora colhiam os frutos de uma vida plena e confortável com os seus filhos.

Sim, Ricardo se permitiu imaginar os pais naquelas ocasiões em que estavam vivos. Pela primeira vez em anos, pensou neles sem o remorso ou a culpa sobre os seus ombros que ele carregava por ser o responsável pelas suas mortes. A sensação de paz que ele sentia era tão forte

que o deixava pensar naquelas coisas com a consciência tão tranquila como um dia de verão na beira do mar calmo.

Por alguns minutos se perguntou como os dois estariam hoje, se ainda fossem vivos. Qual seriam as palavras que Ricardo ouviria dos seus pais a respeito de suas escolhas na sua vida, do que achavam dos caminhos que Sérgio e Liana tomaram e tudo mais referente a vida deles.

Suspirou ao deixar que aqueles pensamentos invadissem a sua mente. Era uma coisa tão boa que tais coisas não estavam lhe fazendo mal que ele decidiu se aproveitar delas pelo máximo de tempo que conseguiria. Guardaria na memória aquelas imagens.

Perdeu a noção do tempo que ficou ali com elas. E quando reabriu os olhos, com um pouco de dificuldade pela claridade em excesso em que o corredor se encontrava, assustou-se ao ver que não estava sozinho.

Deixou seus olhos se ajustarem com o ambiente e conseguiu perceber a presença de um casal com um bebê no colo. Os rostos deles ainda estavam desfocados.

— Olá. — Disse o senhor calmamente, fazendo com que a voz entrasse no fundo da sua alma. — Já faz muito tempo, Ricardo, meu filho...

Ricardo não entendeu o que estava acontecendo. Ficou completamente sem palavras ao encarar o senhor e notar certas similaridades com Sérgio e até com ele mesmo quando se encarava no espelho. Aquilo não poderia ser real....

O senhor, observando a reação do filho riu alegremente.

— Os anos podem terem passado, mas tu ainda continua com o mesmo rosto de quando não entendia alguma coisa. — a mão dele encontrou a face de Ricardo. Quente, real e viva.

— Pai...? — A única palavra que saiu da boca de Ricardo segundos depois.

Seu pai, ou seja qual representação que fosse, continuou a encarar o filho por mais alguns segundos, focando os seus olhos nos dele. Ricardo não conseguia desviar o olhar, era quase mágico, uma sensação de paz tão igual ao que ele estava sentindo quando estava aparentemente sozinho naquele corredor.

— Nós sempre estivemos ao teu lado. De ti e de teus irmãos. Todas as vezes que tomavam alguma decisão, faziam alguma coisa diferente e que formassem os seus caracteres. Estamos tão orgulhosos dos filhos que tivemos.

O senhor olhou para a mulher com o bebê no colo sorrindo. Ricardo ainda não conseguia decifrar de quem era, mas já conseguia ter uma noção de quem poderia ser.

— Vocês foram as nossas felicidades e ainda continuam sendo. E sempre vão ser. Podemos não estarmos perto o suficiente para sermos notados, mas sempre estivemos lá. Seguramos a mão de vocês quando estavam perdidos e precisando de orientações. Quando estavam felizes e queriam compartilhar conosco aquela alegria. No nascimento do Inácio, Sofia e agora de Felipe. Sempre estamos ao lado de vocês, Kado. Nunca duvide disso.

Ricardo não percebeu que estava chorando até sentir as lágrimas quentes descendo sobre o seu rosto.

— Eu sinto saudades. — Por fim falou.

Seu pai sorriu e Ricardo teve a leve impressão de que Sérgio sorria daquela mesma forma. Sempre que olhasse para o irmão sorrindo, de agora em diante, lembraria do seu pai.

— Nós também. Ainda vai chegar um dia em que estaremos todos reunidos. Mas ainda está muito longe para acontecer. Enquanto isso não chega, lembrem-se que de que somos uma família, e nunca nos abandonamos. Por mais difícil que seja o encontro, de um modo estaremos juntos.

Ricardo tinha tanta coisa para falar, mas as palavras não chegavam a sua boca. Nem mesmo seu cérebro, tão cheio de conhecimento matemático, conseguia trabalhar na velocidade que ele queria. Porém, só conseguia encarar os olhos do pai e chorar.

— Está na hora.... — a mulher finalmente havia tomado forma e Ricardo conseguia ver nitidamente o rosto da mãe. Exatamente o mesmo rosto que Liana teria naquela idade.

— Mãe...?

— Meu pequeno Ricardo. — Ela lhe sorriu. — Está tão bonito, igual quando era pequeno. Sempre soube que tu seria lindo assim. — Ricardo levantou e tocou no rosto dela. Tão quente, real e viva como a do pai.

— Des...culpa. — gaguejou no meio das suas lágrimas.

Queria o perdão da mãe por sua teimosia naquele dia do assalto. De ter se mexido e feito o ladrão reagir daquela forma, atirando primeiramente nela e depois em seu pai. A eterna culpa de Ricardo precisava ser redimida.

— Não há o que desculpar, filho. — Ela lhe disse docemente. — Estava escrito que iríamos juntos. — Ambos trocaram um olhar, o mesmo que Ricardo viu durante os anos em que viveu com os pais.

Aquele amor que superava qualquer obstáculo. Inclusive o da morte. O pai deles não sobreviveria sem sua amada ao seu lado, assim como ela não suportaria a perda de seu esposo. As forças, não aquelas que Ricardo ensinava na faculdade, eram forças além da compreensão mundana, sabiam que o casal não sobreviveria se um estivesse em outro plano. Foram generosos, no sentido de sofrimento para eles, em deixar que ambos partissem juntos. Viveriam a eternidade ao lado um do outro e em paz.

— Somos felizes onde estamos e sempre ao lado de vocês. — A mãe lhe sorriu e com um passe de mágica Ricardo entendeu tudo.

Finalmente estava livre daquela culpa que carregava nos seus ombros. Finalmente estava em paz consigo mesmo e ciente de que não tinha mais motivos para carregar a morte dos pais dentro da sua alma.

Ricardo olhou para o bebê nos braços da mãe e reconheceu Felipe. Não ficou assustado pelo fato dele estar fora da UTI, seu medo era outro.

— Por que vocês estão aqui? — Questionou com medo da resposta.

— Viemos buscá-lo. — Sua mãe respondeu tranquilamente.

Novamente as lágrimas de Ricardo apareceram.

— Não! — Disse com uma súplica do fundo do seu coração. — Por favor....

Seus pais olhavam para Ricardo com um pequeno sorriso no rosto.

— Vai doer, Kado, mas ele ficará bem conosco. Iremos cuidar dele.

— Não... — Repetiu Ricardo. — Ele é meu filho. Me levem no lugar dele. Deem a chance para que ele viva.

— Não é tão fácil assim, Ricardo. Um pedido complicado. Olha o que aconteceu contigo quando eu pedi para ir no teu lugar, filho.

Ricardo chorava.

A luminosidade do corredor se intensificou quando seus pais, junto com Felipe, começaram a caminhar. Ricardo caiu de joelhos no chão impecável e chorou mais ainda. Impotente para conseguir ir atrás de seus pais e seu filho.

A luz se intensificou mais ainda. Tudo ficou claro. Tão claro que Ricardo não conseguia mais enxergar ou se mexer.

Tudo estava acabado.

Capítulo 74

— Eu realmente nem sei o que falar para vocês, ou até mesmo explicar o que aconteceu esta noite aqui na UTI.

Ricardo e Bia se entreolharam para depois encararem Richard. O jovem médico estava realmente com uma cara de quem não havia dormido nada, ou muito pouco, naquela noite. E pelo seu rosto, os dois não conseguiam identificar se as notícias que viriam eram boas ou ruins. Instintivamente Beatriz entrelaçou a sua mão com a de Ricardo, o fazendo engolir em seco.

Seu corpo se arrepiou todo. O sonho da noite passada havia sido muito nítido e real para que fosse apenas projeções da sua mente cansada e estressada. Se esforçasse um pouco, Ricardo conseguia até mesmo sentir onde sua mãe tinha o tocado. Quente, real e vivo.

Acordou com Bia se mexendo na cama e se aconchegando para mais perto dele. A abraçou e reviveu aquele sonho, ou seja lá o que tinha sido, diversas vezes esperando o sono e acariciando as costas de Bia automaticamente, como sempre fazia.

Não conseguia acreditar que tinha sido apenas um sonho. A sensação de paz e tranquilidade ainda pairava sobre Ricardo. E também, ao mesmo tempo, não podia dizer que era uma experiência além da compreensão dos homens. As duas teorias eram completamente diferentes e opostas, e, ao mesmo tempo, impossíveis de explicarem o que Ricardo tinha presenciado.

Porém a questão já não era mais a experiência em si, mas o teor dela.

A última coisa que lembrava era de ver a sua mãe carregando Felipe nos seus braços e dizendo que estavam ali para levá-lo com eles. Para onde, Ricardo não tinha a mínima ideia, mas poderia imaginar. E a suposição o assustava mais do que qualquer vivência extracorpórea que poderia ter.

Seus pais estavam mortos. Essa era a certeza de que ele tinha. A única em quase toda a sua vida. E se os seus pais estavam levando Felipe para junto deles, significava apenas que...

Ricardo realmente gostaria de estar preparado para aquilo. Queria que o “sonho” o tivesse deixado mais forte, mais consolado pelo fato de que Felipe estaria na companhia eterna dos seus pais. Cuidariam de seu filho como cuidaram de Ricardo. Não haveria pessoas melhores para cuidarem do seu filho, e mesmo em posse desse conhecimento, Ricardo não queria acreditar.

— Fui chamado às pressas no início da madrugada. — Continuou Richard após uma respiração profunda. — Quando eu cheguei e vi o que os monitores me mostravam, percebi que não poderia fazer muita coisa. Os sinais vitais estavam muitos fracos, ele já debilitado e tudo mais que eu disse para vocês... Era como se o Felipe tivesse desistido de lutar e estava morrendo. Eu não poderia fazer mais nada. — Deu de ombros levemente.

Richard estudou Ricardo e Bia. Às vezes ele se questionava de o porquê escolher aquela área tão cheia de sofrimento quando essas coisas aconteciam. A pior parte de se lidar com a morte era com a de crianças, as famílias sempre ficavam devastadas. Era sempre injusto demais que uma criança partisse.

Contudo existia sempre o outro lado. O compensador. Depois de ver uma criança sofrer

tanto, acompanhar sua recuperação e a volta para a rotina era magnífico demais. A comprovação que Richard precisava para continuar na profissão, estudando, se aperfeiçoando para cada vez mais salvar crianças.

E agora, vendo Ricardo e Beatriz, não sabia em que aspecto Felipe ainda se encontrava.

— Eu disse para mim mesmo que seria a última tentativa. — Confidenciou.

Tudo estava sofrido demais. Felipe já tinha sido espetado tantas vezes, tantos remédios percorrendo seu pequeno corpo, tão indefeso contra o mundo externo. Os pequenos órgãos já quase não metabolizavam corretamente a quantidade de medicamentos que era inserido. E cada vez que Richard os injetava, ou mudava a fórmula, alguma coisa era sobrecarregada. Além de não estarem bem formados, eram bombardeados constantemente. Richard não era de se entregar para uma luta, mas começava a perceber que a guerra estava chegando ao seu final. O corpo de Felipe não estava suportando mais.

— Eu apliquei o medicamento e disse que era a minha última tentativa. Se ele não resistisse.... — Deixou subentendido conforme seus ombros caíam em derrota.

Bia assentiu enquanto as lágrimas começavam a se acumular nos seus olhos. Ela entendia, mais do que ninguém, como os medicamentos funcionavam e o que cada dose representava para o organismo minúsculo de Felipe. Mas o seu lado mãe não acreditava em nenhuma teoria que os médicos e farmacêuticos estudavam. Ela estava em um dilema e precisava aceitar o fato de que alguma coisa poderia acontecer. Não queria pensar naquilo, mas as provas começavam a aparecer. Bia, a farmacêutica, sabia que a guerra estava terminando, enquanto a mãe não conseguia entender aquela parte. Uma intensa briga dentro de si.

— Não fiquei ao lado dele depois que apliquei. Fui atrás do médico do plantão para informar a decisão que tinha tomado.

Olhou para Ricardo e Bia com um olhar pedindo que o perdoassem. Richard precisava colocar a razão em cima do coração. Aquela era a hora de Felipe partir se fosse o caso. Sabia na destruição que causaria naquela família, que por tabela, também era a sua.

— E quando eu voltei, alguns minutos depois... — Richard soltou a respiração junto com o peso do mundo nos seus ombros. — Os sinais vitais de Felipe tinham se estabilizado e ele estava até de olhos abertos.

Bia, no início de mais uma crise de choro, não conseguiu escutar direito o que Richard havia falado. E Ricardo, já tão imerso na sua própria dor muito menos.

— Como é que é? — Questionou ela.

— Isso mesmo que eu falei. Um milagre aconteceu em questão de minutos. Felipe estava morrendo e quando eu voltei era como se ele tivesse se recuperado milagrosamente. Nem febre teve desde então. São quase doze horas sem a temperatura dele aumentar meio grau que fosse. Realmente eu não sei o que aconteceu.

O sorriso de Richard era gigante.

— Isso quer dizer que....

— Que temos quase doze horas sem febre em um paciente que estava sempre febril. Pode

ser o início de uma recuperação. É claro que precisamos de mais alguns dias para se confirmar, mas o modo como ele se recuperou rápido, de um minuto para o outro praticamente que é o extraordinário. Nunca vi isso na minha vida de médico.

Bia apertou a mão de Ricardo, que ainda estava incrédulo demais para acreditar no que estava acontecendo. E o “sonho”? O que ele tinha significado então? Será que a mãe de Ricardo tinha feito a troca? A vida dele pela do filho, o mesmo sacrifício que ela havia feito por Ricardo anos atrás? Ou realmente aquilo tudo foi um sonho muito real?

Sinceramente? Ricardo nem se importava mais com as explicações para o que tinha passado. Agora ele apenas se sentia grato aos pais por lhe darem àquela chance. A chance de Ricardo ser feliz ao lado de Bia e de Felipe.

Não iria desperdiçar aquela oportunidade.

— A melhora é bem estranha, principalmente se eu for atrás de explicações médicas, mas eu não vou fazer isso. E vou estar preparado caso alguma coisa aconteça.

Bia e Ricardo assentiram e Ricardo questionou se poderiam vê-lo. Richard respondeu que sim e os levou para a UTI. Fizeram todo o ritual de se vestir e caminharam em direção à incubadora já conhecida.

Pela primeira vez, desde que viu Felipe pela primeira vez dentro dela, Ricardo não sentiu o seu coração pesado com o fato do sofrimento do filho. E sim, a felicidade genuína por tê-lo ali.

— Oi, meu amor. — Bia falou baixinho e os dois foram recompensados por um Felipe acordado e como se procurasse a voz da mãe através daquele vidro.

Ricardo novamente agradeceu ao grande milagre que seus pais haviam lhe concedido.

Capítulo 75

Ricardo fechou a porta delicadamente e olhou para Bia que carregava Felipe nos braços.

— Chegamos, meu amor. — Disse ela para Felipe. — Vamos conhecer a nossa casinha?

Bia começou a caminhar pela sala, passando pela cozinha e indo em direção ao quarto deles. Ricardo colocou a bolsa de Felipe em cima do sofá e foi em direção deles.

Parecia que estava sonhando que aquele momento tinha chegado. Depois de quase dois meses que Ricardo e Bia haviam saído às pressas, sem ter um futuro definido se os três voltariam, estavam em casa.

Após aquela experiência de Ricardo, tudo melhorou. Felipe tinha começado a responder aos medicamentos como era esperado. Seu corpinho começou a reagir e a melhorar significativamente, para o espanto de todos. Menos de Ricardo, ele sabia realmente o que tinha acontecido, e que também ninguém acreditaria nele se contasse.

Felipe ainda ficou quase um mês na UTI neonatal do hospital, inspirando cuidados mais específicos, porém não tão agressivos como os iniciais. Richard acompanhou a melhora dele até voltar para seus estudos, mas tinha acesso a tudo de longe e dava sua opinião aos médicos que ali estavam.

Era uma vitória cada pequeno avanço no tratamento. Uma verdadeira alegria a cada cabo desconectado e realmente uma festa quando Felipe saiu da UTI para a maternidade normal, onde Bia e Ricardo tinham livre acesso durante todo o dia, entrando quando a maternidade liberava as visitas e só saindo quando encerravam. Ricardo e Bia já eram conhecidos por entre os funcionários do hospital, e fizeram amizades com outros pais na mesma situação.

E finalmente hoje, Felipe tinha recebido a sonhada alta do hospital. As famílias queriam fazer uma festa, mas Ricardo e Beatriz vetaram. O que eles menos queriam era movimentação a sua volta e pessoas os rodeando. Queriam pegar Felipe, ir para casa e ficar em silêncio. Nem que fosse por alguns dias. Depois poderiam deixar sua família assumir tudo o que eles quisessem.

— Aqui é o quarto do papai e da mamãe. Bem do ladinho do teu, sempre vamos estar do teu lado, ok? — Bia beijou a cabecinha dele, que ainda tinha algumas marcas das veias puncionadas.

Ricardo abriu a porta do quarto reformado e pintado de azul com o nome Felipe na parede. O berço montado, um quebra-cabeça para Ricardo e Jonathan, o guarda-roupa com as minúsculas roupas, fraldas e acessórios, a bancada com o trocador e banheira, e o sofá que Bia sentou ao lado do berço.

Felipe estava deitado no berço, dormindo após a grande agitação de vir para casa, andar de carro e conhecer os cômodos. Realmente uma trajetória e tanto para ele. E enquanto dormia, Ricardo e Bia o observavam.

Era como se a última peça, e principal, se encaixasse com perfeição. Finalmente tudo estava em perfeita ordem para Ricardo e Beatriz.

— E ele está aqui. — Bia suspirou.

— Nós estamos. — Ricardo concordou.

— Parece um sonho, não é? — Bia não conseguia desgrudar os olhos de Felipe dormindo no seu berço, em seu quatinho, ao lado dos bichos de pelúcia que sua mãe tinha lhe dado combinando com a decoração do quarto.

— Parece, mas não é. — Ricardo não conseguiu esconder o sorriso que se formou em seu rosto. — É a realidade. Estamos em casa com o nosso filho.

— E ele em perfeita saúde. — Bia olhou para Ricardo e era impossível não notar as lágrimas de felicidade se acumulando nos seus olhos.

Ricardo as notou e as limpou com a mesma alegria compartilhada com Beatriz. Aquela realidade era a que ele esperou e rezou naquele hospital por todos aqueles dias, aquelas horas intermináveis e aqueles minutos sem nenhuma notícia.

Por tudo aquilo que havia passado.

Haviam vencido cada uma das dificuldades que passaram. Todas elas derrotadas e ultrapassadas. Agora era apenas viverem e serem felizes. Aproveitem aquela chance que Ricardo havia recebido dos seus pais, tanto quando morreram para que ele vivesse e no seu sonho.

— Preciso tomar um banho para tirar esse cheiro de hospital de mim.

— Parece que ouvi o Jonathan falando agora. — Riu Ricardo.

— E eu concordo com ele. Fiquem aí e se comportem. Meninos sozinhos sempre é um perigo.

Ricardo levantou as mãos se julgando inocente e Bia deixou o último sorriso antes de sair.

Ele não resistiu de tirar Felipe do seu berço e o segurar no colo. Depois de tantas semanas de privações de contato, Ricardo não hesitava quando tinha oportunidade de segurar ele mais um pouco. Aconchegou Felipe no seu colo e embalou o filho enquanto o observava.

A criação mais perfeita do mundo. A união de duas almas para formar uma nova. O milagre em seus braços... e tantos outros jargões que se escuta ao longo dos anos. Ricardo concordava com todos eles e ainda poderia adicionar mais alguns. Todos eles eram verdadeiros e o que ele sentia era real.

Agora, segurando Felipe nos seus braços, conseguia compreender seus pais melhor ainda. Colocaria a sua vida em risco para que Felipe pudesse viver. Tinha feito isso quando sua mãe lhe disse que o levaria para junto dela naquele sonho. Faria de novo e quantas vezes fosse o necessário para assegurar a felicidade de Felipe. Era como se a sua vida não valesse mais nada, além de ser o guardião e protetor de seu filho para o resto da sua vida.

Bia tomou o seu banho com uma dose extra de relaxamento. Deixou a água quente cair sobre o seu corpo cansado e chegar à conclusão de que aquele era só o início de tudo que a esperava. Finalmente estava em casa com Felipe e poderia ser a mãe que sempre sonhou em ser. Tinha todo o tempo do mundo para cuidar dele e nada a atrapalharia.

Saiu do banho, se vestiu com a primeira coisa que encontrou na sua frente e voltou para o quarto de Felipe. Ficou parada na porta olhando Ricardo e Felipe juntos. Seus meninos. Os

amores da sua vida. Ricardo, o seu primeiro e verdadeiro amor e seu filho, seu amor eterno. Seu coração se encheu de uma felicidade tão genuína que Bia teve que conter as lágrimas novamente.

Depois de tanto os dois sofrerem, individualmente e juntos, era chegada a hora de esquecerem de tudo que tinham passado e verem que nada mais importava do que eles estarem juntos. Como uma família. A família deles. Não havia mais outras pessoas, intrusos que os atrapalhariam e nem mesmo doenças para tirar o sonho. Tudo tinha passado. Eles tinham vencido e estavam juntos.

Nada seria mais forte do que os três juntos.

— Olha a mamãe ali, sabia que o papai vai levar ela para o CTG de novo? Vou tirar ela para dançar a noite toda. — Ricardo olhava para Bia enquanto conversava com Felipe que já estava acordado novamente. Eram muitas novidades para um dia só e ainda ficar dormindo.

— Papai acha que eu vou deixar a mamãe dançar a noite toda. — Bia se aproximou e pegou Felipe no colo que sorria. — Quem vai me dar de mamã? Quem vai me pegar no colo? Quem vai me exibir para causar inveja nas outras mamães por ser o gauchinho mais bonito de todos? — E ela começou a distribuir beijos nele que começou a rir.

— Tenho certeza que a Dinda Li, Fernanda e Dindo Sérgio vão fazer esse papel sem nem precisar pedir. Sem contar o vovô e a vovó.

— Sem contar o Dindo Jonathan. Mas agora é hora de as criancinhas tomarem banho, mamarem e irem dormir. E os papais encherem aquela banheira gigante que a mamãe não tem força nenhuma de levantar.

— Sim, senhora, mamãe. — Ricardo passou pelos dois, os beijou e saiu.

Tomar um banho no hospital já era uma folia e tanto para Felipe, principalmente nos últimos dias, já sem nada machucando o seu corpo, agora em casa a brincadeira era maior ainda. Tanto que Bia quase teve que entrar no banho de novo. Ricardo não teve escapatória, estava mais molhado que o próprio Felipe e logo depois que ajudou a colocar roupa nele, teve que limpar a bagunça que ficou do banho. Ele não reclamaria por escutar aquelas risadas e a felicidade de Felipe. Queria gravar cada uma daquelas cenas para a posteridade.

Bia o acalmou e o colocou para mamar nela, como foi instruída no hospital. Felipe tinha perdido um pouco do reflexo e aprendido a mamar na mamadeira, mas Bia era insistente e, por mais que doesse mais do que o suportável, ela continuaria a insistir até Felipe recuperar o instinto. Ele dormiu serenamente após toda aquela agitação. Bia o deixou no seu berço e percebeu que não conseguiria dormir com ele tão longe dos seus olhos. Pediu para Ricardo mudar o berço de Felipe para o quarto deles.

— Bia eu realmente gostaria de fazer isso, mas esse troço é mais pesado que a cadeira de dentista da Liana, que eu e o Sérgio carregamos para o consultório dela. Sozinho eu não vou conseguir.

— Então ele vai dormir no nosso meio. Não quero ele sozinho naquele quarto. Ele já ficou tempo demais dormindo sozinho. — E Ricardo percebeu que Bia seria mais felina do que a Fernanda quando Inácio e Sofia nasceram. Bem que Sérgio havia avisado que ela poderia ficar perigosa.

— Ok.... — Ricardo se limitou a falar apenas isso. Não queria criar briga com Bia logo no primeiro dia deles em casa. E lá no fundo, ele também achava que Felipe iria ficar muito distante e sozinho naquele quarto tão próximo e ao mesmo tempo tão distante.

Deram um jeito de colocarem ele no meio, como quase todo o espaço da cama para uma criança tão pequena e cada um ficou em um canto, observando ele dormir como o reizinho que era. Não viram qual dos dois dormiu primeiro, ou qual acordava com o mínimo de suspiro que Felipe dava no meio da noite.

Aquela seria apenas a primeira noite de tantas que Felipe ocupava aquele espaço entre os pais, que não ficavam nenhum pouco tristes ao terem companhia na cama.

Capítulo 76

Felipe era um anjo em casa, completamente adaptado e nem parecia mais aquele bebê que ficou por quase dois meses em um hospital. Em poucos dias se recuperou completamente, apesar do zelo excessivo que Ricardo e Beatriz mantinham em casa. E claro, uma boa dose de limpeza adicionado por seu dindo, Jonathan. Ricardo tinha uma nítida impressão que Jonathan estava quase se mudando para sua casa por causa de Felipe e toda a rotina de higienização dele e da casa.

Apesar de toda a cartilha recomendada pelos médicos ao saírem do hospital com Felipe, de não exporem ele à multidões e exageros, Bia e Kado não conseguiram se livrar da ida para a cidade natal deles. Sérgio, Fernanda, Liana e os pais de Bia estavam em alas cobrando uma viagem dos três por alguns dias para casa. Até levaram Jonathan para conterem um pouco dos excessos.

Chegaram em casa com uma pequena festa tradicional dos Chiarelli os esperando. Um belo churrasco feito por Sérgio. As duas famílias reunidas em torno do pequeno Felipe, alheio a tudo aquilo à sua volta. Era o centro das atenções e a briga entre Ricardo e Sérgio. As principais foram para que o irmão mais velho não expusesse Felipe em uma gôndola do mercado e nem o levasse para o CTG durante o baile do final de semana. Sérgio queria mostrar o novo herdeiro da família Chiarelli para toda a cidade, Ricardo queria ficar em casa, cuidando do filho em paz. Bia e Fernanda tiveram que se intrometer antes que a confusão ficasse armada. Optaram por um meio termo entre os dois.

Felipe acabou indo para o mercado, Ricardo, acompanhado de Jonathan, foi junto para cuidar do filho enquanto Bia e Liana faziam alguma coisa de mulheres, como havia sido informado. Sérgio quase deixou Ricardo maluco levando o filho em todos os cantos do mercado e apresentando para todos os clientes. Chegou a ser embaraçoso escutar o irmão contar a mesma história para todos que questionavam se era a mesma Beatriz que havia apanhado do filho do vereador da cidade. Ao que parece a história de Bia e Thiago ainda era assunto das rodas de conversa no final da tarde na cidade. E ainda rolavam teorias cada vez mais complexas em torno do assunto. Mais de um ano tinha se passado, mas era como se tivesse acontecido no mês anterior. E agora acrescentariam a história que Bia estava grávida de Ricardo e Thiago tinha descoberto que estava prestes a se casar com uma mulher grávida de outro. Praticamente um clássico da família Chiarelli.

Felipe ficou entediado de tantas pessoas à sua volta e o chamando de fofinho e bonitinho. Começou a resmungar e Ricardo teve que colocar um fim na excursão de Sérgio. Procurou por Beatriz, só ela poderia resolver o problema alimentício de Felipe, só conseguiu entregar o bebê à Liana e ser expulso pela irmã, em seu apartamento ao lado do mercado.

— Entrego ele para a Bia e nos encontramos mais tarde, quando vocês forem para o CTG.

— Mas.... — Ricardo começou a formular a frase que falava desde o dia anterior, que não iriam ao CTG aquela noite. Não iriam tirar o Felipe de casa e leva-lo até lá. Era imprudente demais.

— Já está resolvido. Só aparece aqui em casa na hora de sempre! — Liana fechou a porta na cara de Ricardo, ainda bem que ele conhecia os rompantes da irmã e muito levou portada no

nariz durante os anos. Era um milagre que nunca tivesse o quebrado.

Ricardo olhou para Jonathan que estava completamente alheio para o amigo. Estava mais focado em analisar a fachada do consultório de Liana e se perguntar se teria coragem de enfrentar ela amanhã o atendendo.

Ricardo foi para casa e se sentiu solitário quando entrou no seu quarto de infância e adolescência e o encontrou silencioso. O berço, que Sérgio fez questão de montar ao lado da cama, já que Sofia realmente não usava, o carrinho desmontado e toda aquela pequena mudança que eles haviam trazido de casa para passar o final de semana. Ricardo sempre achou estranho como o irmão e Fernanda carregavam a casa toda quando saíam com Inácio. Agora ele entendia o que aquilo tudo significava realmente.

Se deitou na sua cama e abraçou os travesseiros. Um tinha o cheiro de Beatriz e o outro de Felipe. Aquilo era realmente bom, mas nada se comparava ao fato de ter os dois ali. Ricardo percebeu que estava ficando maluco mesmo, não fazia meia hora que estava longe dos dois e estava sentindo falta de ambos. Recordou-se da época em que dava tudo por aqueles momentos de silêncio e paz, onde não tinha ninguém para o incomodar e de como o agradava o fato de estar sozinho. Agora estava agoniado por se ver naquela situação por algumas míseras horas.

Sua vida tinha mudado completamente. De uma forma que ele nunca acreditou que fosse possível. Se alguém lhe dissesse, há dois anos atrás, de que estaria com Beatriz e seria pai, Ricardo pediria para Miguel internar a pessoa, que era mais louca que ele. E agora, lá estava Ricardo, esperando pacientemente que a hora passasse, que encontrasse Bia e Felipe e que voltassem para casa com ele.

Ficou remoendo tanto aquela solidão que acabou dormindo em algum momento. Por um lado, até era bom, Felipe havia acordado na madrugada e Ricardo estado ao seu lado enquanto Bia dormia, era a noite dele acompanhar a troca de horários de Felipe. Ricardo adorava quando os dois ficavam deitados no sofá da sala, ou até mesmo na cama e com o filho em cima dele, olhando para tudo a sua volta e mexendo as mãozinhas para todos os lados. Era um momento pai e filho encantador.

Acordou com Jonathan o observando de tão perto que Ricardo pulou da cama de susto.

— Pensei que estava morto e estava me perguntando como eu contaria para a Bia e a tua família. — Disse Jonathan seriamente.

— Só estava dormindo. — Ricardo se ajeitou e sentou na cama, ainda vazia. — Onde tu te meteu a tarde toda?

— Estava no mercado com a Nara e a Fernanda. Estávamos repassando a rotina de limpeza da cozinha do mercado. — Ele deu os ombros. — E talvez eu tenha ficado um pouco mais com a Nara experimentando os alimentos, puramente por teste antes de serem postos à venda.

— Testes, sei.... Muito eu a Liana fizemos esses testes. Principalmente das tortas e doces. Sempre comíamos um para ter certeza de que estavam bons.

Jonathan nem fingiu disfarçar. Ele havia comido tanto que não sabia se conseguiria comer por um mês quando chegasse em casa. Aliás, ele não conseguia se controlar quando estava na casa de Ricardo. Toda a dieta funcional que ele tinha programado saía do roteiro completamente

quando pisava naquela casa. Até mesmo as papinhas que Fernanda dava para Sofia eram deliciosas, ele e Liana sempre brigavam quando Fernanda as fazia na companhia deles.

— Vim te acordar para dizer que tu está atrasado. — O amigo falou e saiu em direção à cozinha, era hora de Sofia comer e se desse sorte....

Ricardo ouviu a porta do seu quarto se fechar e se atirou de novo na cama. Ficou naquela preguiça pós dormir demais por mais uns dez minutos e quando escutou o barulho de Sérgio subindo às escadas e indo em direção ao seu quarto, levantou e foi atrás do irmão.

O encontrou antes que Sérgio entrasse para o banho. O irmão estava completamente sujo, despenteado e suado.

— Carregamento de banana atrasada. Era para ter chego ontem pela manhã. — Explicou o seu estado. — Mas não me esqueci do que tu me pediu. — Foi até o seu guarda-roupa, abriu a gaveta das cuecas e tirou lá de dentro o que Ricardo queria. Era se por direito agora. — Faça bom uso, mesmo que eu ache que não combine muito contigo.

Ricardo nem seu deu o trabalho de responder ao irmão mais velho.

Se arrumou e colocou o que Sérgio havia lhe dado no bolso. Foi como se a pequena caixa pesasse milhares de quilos extras. Ricardo até pensou em desistir do plano e entregar quando estivessem em casa, tranquilos e sem ninguém na volta para falar alguma coisa. Não era nada de mais, ele sabia e tinha plena consciência daquilo. Era uma formalidade da família, repetiu para si mesmo quando descobriu que o item que era seu não era exatamente aquilo que imaginava. Sempre Ricardo que ficava com as partes mais difíceis. Sérgio e Liana sempre tiravam vantagem dele, até mesmo na parte da herança!, brincou.

Respirou fundo e se encarou no espelho à sua frente. A camisa branca de linho, em perfeito estado, a bombacha bem apurhada e as botas bem lustradas. Ajeitou o cinto que usava, milimetricamente e colocou o lenço em volta do pescoço, ainda não conseguia fazer um nó em si mesmo, teria que ir atrás de Sérgio para tal serviço. Desceu as escadas e encontrou o irmão fazendo exatamente o que Ricardo estava indo atrás: fazendo o nó no lenço de Inácio e Jonathan remexia no dele.

— Não se mexe no lenço, tio Jonathan! — Inácio advertia. — Ele tem que ficar assim mesmo, não é pai?

Sérgio respondeu com um aceno de cabeça enquanto terminava o do filho. Ajustou o de Inácio e o liberou dizendo para que ele não se sujasse até saírem. Jonathan saiu atrás de Inácio, para se assegurar do pedido e Sérgio encarou Ricardo.

— Quando for a vez do Felipe eu também vou ter que dar o nó? Vou começar a cobrar por cada um que fizer. — Sorriu ao começar a trabalhar em Ricardo.

— Meu problema é me ver no espelho e fazer ao mesmo tempo, nunca fica a mesma coisa do que eu ver o que estou fazendo. O do Felipe eu mesmo vou fazer.

— Acho bom. — Sérgio sorriu com uma cara de quem sabia mais do que aparentava. — Então vamos indo, Fernanda e Sofia já foram, e eu estou morrendo de saudade da minha pequena. Não vi ela hoje à tarde gritando no mercado.

Os quatro saíram em direção ao CTG e quando chegaram Sérgio percebeu que elas já

estavam por lá. Ricardo gostaria de saber quem era o mais desesperado naquela hora. Se ele e Sérgio por Fernanda, Bia e as crianças, Inácio pela diversão que a noite prometia ao lado dos colegas de internado, ou Jonathan pela comida.

Entraram e logo que Ricardo a viu, seu mundo parou. Bia estava lá, com o vestido mais bonito de todos, Ricardo nem precisava olhar para as outras para saber. Sorrindo daquela forma que fazia o seu rosto se iluminar todo e radiante por estar onde estava. O olhar dela se encontrou com Ricardo e ele percebeu que era o homem mais feliz e completo de todo o mundo.

Caminhou até ela, ignorando tudo e todos à sua volta e quando ficaram próximos o bastante ele sorriu.

— A prenda mais bela de todas. — Ricardo pegou a sua mão e se curvou enquanto beijava a superfície.

— O peão mais belo de todos. — Ricardo voltou a sua posição e Bia não hesitou em jogar os seus braços ao redor do pescoço dele e o beijar.

— E o Felipe? — Questionou ao não ver o filho em lugar nenhum.

— Sequestrado pelos meus pais. Eles me passaram um sermão gigante sobre o fato de o Sérgio e a Fernanda ficarem mais tempo com ele do que os avós, então deixei os três em casa e nem sei se eles ouviram eu dizer que ia sair. Acredito que ele deve estar dormindo com aquele sorrisinho no rosto de quem sabe que é o rei da casa. — Ricardo concordou. Felipe era mimado por todos os lados, paparicado e bem cuidado por todos. Não duvidava que nem se lembraria dos pais com os avós cuidando de cada suspiro dele.

Ricardo e Bia então aproveitariam o momento de folga que haviam ganhando. Não reclamariam nada por aqueles momentos juntos.

— Cortou o cabelo. — Notou Ricardo ainda sorrindo. — Gostei.

— Lembra da Letícia, filha da beata da igreja? Abriu um salão de beleza onde era a casa dela e a Liana me arrastou até lá. Eu achei maravilhoso.

Ricardo não precisou concordar.

Se juntaram ao resto da família e a festa começou. Logo após o churrasco da noite ser servido o baile iniciou. Fernanda e Liana engataram em um assunto que ninguém mais estava inteirado, Sérgio e Jonathan estavam matando uma garrafa de vinho e já estavam rindo sozinhos, os quatro nem perceberam quando as músicas começaram e Ricardo e Bia saindo para a pista de dança.

Não precisaram esperar muito para começarem a dançarem como sempre faziam. Era fácil demais estar ali com a música os embalando enquanto o resto do mundo vivia normalmente, para eles, era como se tudo mais não tivesse significado nenhum. Apenas os dois e a música. Ricardo a conduzia pelo salão com uma maestria única, ele sempre foi o melhor par de dança e cobiçado por todas as prendas da cidade e região. Porém as únicas pessoas que ele dançava era a irmã e a cunhada e quando Bia estava nos seus braços, nem elas mesmo o fariam parar de dançar com Bia.

Bia era graciosa conforme se movimentava nos braços de Ricardo com o seu vestido de prenda. Era de uma leveza tão singela que muitos pares até paravam de dançar para olhar os dois.

Um espetáculo que eles protagonizavam desde que eram crianças, e agora, como um verdadeiro casal a apresentação ainda era mais graciosa.

Dançaram até Bia ficar com o rosto vermelho e ofegante. O penteado estava desfeito, os olhos brilhantes e o sorriso fácil. Bia precisava de ar puro e fresco. Ricardo a levou até a rua e lá sentaram em um dos bancos embaixo de uma velha figueira, que sempre fez parte da cena. Ricardo ainda lembrava de escalar ela junto com Bia e Liana enquanto esperavam seus pais os buscarem dos ensaios. E agora os dois estavam lá, sentados e de mãos dadas.

Ricardo percebeu que era o momento certo para presentear Bia com o que carregava no seu bolso. Tinha passado a noite inteira o procurando, para ter certeza de que não havia perdido. Ele ainda estava lá. Um dia tinha sido de sua mãe, agora seria da mãe de seu filho.

— Tenho um presente para te dar. — Anunciou.

— Não preciso de presente nenhum, Kado. Tu já me deu os melhores que eu poderia esperar. — Ela sorriu na direção dele.

E tinha completa razão. Ricardo havia lhe dado o que ela nem sabia que precisava. Tinha a acolhido em um momento que Bia mais precisou. A recebeu de braços, e coração, abertos quando ela ofereceu o que tinha no momento. Aceitou cada um dos seus fardos. A protegeu quando Bia necessitou. A amou, e ainda ama, daquele jeito tão casto e fervoroso que Ricardo conseguia. Lhe deu o dom da vida ao gerar Felipe. E esteve ao seu lado nos momentos mais difíceis que Bia passou na sua vida.

Ela não precisava de mais nada. Tinha tudo. Havia conseguido superar aquele trauma que passou com Thiago, que aliás, nem lembrava mais que ele existia. Simplesmente apagou cada um daqueles momentos da sua memória e os preencheu com novas ao lado de Ricardo. Sabia que ainda haveriam muitas outras para ocupar a sua cabeça com mais felicidade do que problemas passados.

— É uma tradição de família. — Continuou Ricardo. Ele se levantou e enfiou a mão no bolso da bombacha.

E então parou. Olhou para Bia, com aquele sorriso no rosto e percebeu que ela poderia interpretar aquilo de uma maneira errada. Ela já tinha passado por aquilo e sua experiência não havia sido nada boa. Agora Ricardo tinha receio de mostrar o presente e ela achar que fosse um novo pedido. Um pedido que ela poderia não querer aceitar.

— Eu... Eu não queria que fosse assim, ok? Mas é que pensei que fosse outra coisa... Pensei que o da Liana fosse esse e o meu o outro. Seria mais fácil se fosse a outra opção e...

— Está tudo bem, Kado. — Bia sorriu ao ver o nervosismo dele. — Vou gostar de qualquer maneira.

— Ok.... — Ele engoliu em seco. — Meu pai tinha uma tradição de presentear a minha mãe quando cada filho nascesse. Quando o Sérgio nasceu ela ganhou um cordão e quando eu e a Liana nascemos... — Ele deixou subentendido para Bia que assentiu. — E ela sempre nos disse que quando nossos primeiros filhos nascessem iríamos fazer a mesma coisa. O Inácio nasceu e o mano deu o cordão para a Fernanda, daqui uns bons anos, se a Liana ter filhos ela vai herdar o que a mãe ganhou quando ela nasceu. Acho que deu para entender, não é?

Beatriz riu confirmando.

— O problema — Ricardo percebeu que a palavra “problema” não se encaixava na situação. — Ou sei lá o que isso pode ser — se corrigiu — é que o meu presente, que a mãe recebeu quando eu nasci, foi um anel.

Ricardo retirou a pequena caixa vermelha do bolso, abriu, com as mãos tremendo e mostrou a Bia. Ali repousava um pequeno e delicado anel de ouro com uma pedra em forma de coração no seu centro.

Beatriz olhou para o anel e depois para Ricardo, um pouco em pânico com a situação toda. Seria bem mais fácil se fosse a pulseira, ainda se lamentava. Se Sérgio e Fernanda não tivessem tirados todas as joias da sua mãe de casa, por segurança, Ricardo poderia ter pegado a pulseira e dado para Bia. Deixaria o anel para Liana, ela nem ia perceber que o nome do irmão do meio estava gravada no seu interior. Ou melhor, Ricardo poderia levar o anel, tirar a gravação e entregar para o lugar dele até Liana ter um bebê, o que ele esperava que levasse uns bons anos ainda. Seria bem mais fácil, mas não! Sérgio teve que ir ao banco buscar a joia, e ele, mais do que ninguém, sabia que o anel era de Ricardo. Sérgio não faria aquela troca e aliviaria para o lado dele. Dar a pulseira para Bia seria bem menos constrangedor e alarmante.

— Eu sei que tu foi noiva e recebeu um anel assim. Não quero que tu pense que isso é um pedido de casamento, Bia. Compreendo que tu teve já foi bem desgastante e pavoroso, quase um desastre. Não quero que tu encare dessa forma, como se eu tivesse a pressionando para fazer alguma coisa que tu não queira.

Bia alternou o olhar do anel para Ricardo e viu o modo como ele estava nervoso. Nervoso por lhe dar uma joia, que havia sido da sua mãe pelo o nascimento do segundo filho e Bia encarar como um pedido de casamento.

Sim, era um fato óbvio que Bia nem pensava mais naquele assunto. Casamento era uma palavra que tinha sido abolida do vocabulário e pensamento de Beatriz desde aquela fatídica data. Há quase uma vida.

— Estou te dando ele pela representação simbólica do nascimento do Felipe e a tradição da minha família. Entendo se tu não quiser aceitar ou não usar. É um direito teu.

Beatriz sabia da história. Fernanda ainda usava o cordão que Sérgio havia lhe dado quando Inácio nasceu e após o nascimento de Sofia, um anel havia se juntado à aliança de casamento dela. Bia sentia-se honrada em participar daquele ritual todo.

— É claro que eu aceito. — Murmurou.

Bia pegou o anel da caixinha e entregou para Ricardo. Estendeu a mão direita e ele o encaixou no seu dedo. O frio do metal se esquentou com o contato com a sua pele. Bia o encarou na sua nova morada e teve uma revelação sobre si mesma que não era plausível até instantes antes.

Observou o anel e como ele caíra bem naquela posição. A mesma posição em que Thiago havia colocado um anel de noivado. O mesmo lugar onde o metal do anel nunca havia se encaixado perfeitamente ou aquecido, quase fazendo como se fosse uma peça original de seu corpo. E quando ela mirou o sorriso de Ricardo, se pegou dizendo.

— Eu aceitaria — Ricardo não entendeu o que ela havia dito e então repetiu. — Eu aceitaria se fosse um pedido de casamento teu, Kado.

Aquilo o deixou sem fala por alguns segundos. Ricardo não esperava aquela reação, até porque, já tinha em mente que nunca se casaria com Beatriz pelo o que tinha acontecido com ela. Achava que um novo pedido, um novo noivado e uma nova preparação de festa seria demais. Por ele tudo bem, não fazia diferença nenhuma o status de namorado, noivo ou marido, desde que Bia estivesse ao seu lado para o resto da sua vida. Mas vendo o modo como os olhos dela brilharam ao encaixar o anel ali, Ricardo se pegou perguntando o que nunca imaginaria que faria.

— Aceita se casar comigo, Bia?

Capítulo 77

— E então, como estamos?

Ricardo manteve o olhar fixo em Miguel e deu os ombros de leve.

— Acredito que melhor do que poderia esperar. — Disse desviando o olhar enquanto alisava o vinco que havia se formado nas suas calças durante o dia. — Um pouco cansado, mas nada que não seja suportável.

Miguel se recostou na sua cadeira um pouco mais e abriu um sorriso.

— Felipe está dando uma de pai e adora um baile no meio da madrugada. — Ricardo assentiu. — Bem-vindo às noites mal dormidas em torno de um filho. Em dez anos passa. — Brincou Miguel.

— Estou bem avisado. Sérgio faz questão de me dizer isso todos os santos dias, seja ao vivo ou por telefone nas ligações diárias dele. E ainda ri da minha cara, como se não estivesse passando as mesmas coisas com a Fifi.

— Exatamente. Todos os pais têm que sacanearem os outros. É uma forma de círculo sem fim. Meu cunhado me atazanou durante anos, agora é a minha vez de fazer isso com ele. Acredito que com o Sérgio e tu seja a mesma coisa.

Ricardo novamente assentiu e suspirou sem se dar o trabalho de conter o seu sorriso.

— O mano tem bem mais experiência que eu, então consegue me encher o saco com mais facilidade.

— Pensa pelo lado positivo, quando for a vez da Liana tu que vai incomodar ela.

— Espero que ainda leve um bom tempo para que isso aconteça de fato. — Ricardo chegou a se arrepiar com a suposição de Liana sendo mãe. Ela não tinha cabeça para isso ainda.

Ricardo e Miguel conversaram durante toda a consulta sobre coisas rotineiras. A cada nova sessão os assuntos se voltavam mais para os problemas casuais do que de Ricardo mesmo. Miguel via aquela mudança com ótimos olhos em cima do paciente.

Era um fato: Ricardo não era mais o mesmo depois que começou a se relacionar com Beatriz. Não era mais o rapaz inseguro, incerto e tão reticente quando o assunto era ele mesmo. Havia um novo Ricardo. Um novo jeito de encarar a sua vida, de vivê-la e de comportar.

Até mesmo Ricardo sentia aquela mudança em cima de si. Era mais fácil respirar fundo, era mais divertido acordar no outro dia e sair da cama, era muito mais tranquilo viver. Era como se uma algema que o prendesse a certos fatos de sua vida fosse solta e o libertado para novas vivências.

Era o sopro de vento fresco em um dia quente e sem a perspectiva de amenizar a temperatura ambiente.

Ele conseguia perceber como tudo a sua volta se tornou melhor. Até mesmo as cansativas ligações diárias de Sérgio e Fernanda eram esperadas com mais entusiasmo do que antigamente. E as voltas para casa, nos finais de semana, tão esperadas.

— Gosto de ver esse novo Ricardo a minha frente. — Confessou Miguel. — É estimulante te ver assim, Kado. Todo o nosso trabalho, durante anos está rendendo bons frutos. Estou me sentindo muito orgulhoso de toda essa tua evolução. É gratificante demais ver isso de camarote.

Ricardo sentiu-se bem ao escutar aquelas palavras. Porém conhecia bem Miguel para saber que ainda haveria mais a ser escutado.

— Contudo, — continuou o médico — isso não quer dizer que está tudo bem e que tu vai me abandonar. — Miguel se ajeitou na sua cadeira e focou em Ricardo. — Assim como um viciado em álcool, Ricardo, tu é dependente de medicamentos. E precisa ser acompanhado, independente de tão bem que tu esteja. Já tive casos de pacientes que se deram alta por conta própria e voltaram para mim depois de alguns anos em pior situação do que quando vieram da primeira vez. Principalmente quando os medicamentos são deixados de lado.

Ricardo assentiu. Ele compreendia cada uma daquelas palavras de Miguel. Sua condição psiquiátrica poderia estar estável, e isso não significava curado e muito menos que não precisava mais dos medicamentos. Bem pelo contrário. Para alcançar aquele patamar de estabilidade foram muitos anos de trabalho para serem jogados fora por estar tranquilo. A manutenção do seu bem-estar era bem mais peculiar do que o tratamento em suas fases iniciais. Cuidar para continuar daquela forma exigia tantos sacrifícios quantos o que Ricardo já tinha feito.

— Os medicamentos ainda continuam, Ricardo. Eu sei que isso é um saco e indesejado. Mas eles estão aí para te ajudarem. Sempre digo que as empresas gastam montanhas de dinheiro estudando fórmulas que nos ajudam a nos sentirmos bem, e eu não estou falando de pílulas da felicidade ou coisa parecida. Falo para pacientes que realmente têm deficiências químicas e que precisam de medicamentos para manterem tudo em ordem. Não daqueles pacientes que acham que a felicidade está escondida dentro de uma caixa. E sim de pessoas como tu, que sabe que a vida é complexa e complicada, mas que se nos mantermos fieis ao que pensamos e buscamos, conseguimos burlar aquilo que nos desequilibra. Tu é a prova real de que qualquer um é capaz de chegar lá. Tu apareceu para mim como um adolescente, desacreditado e suicida e hoje é um homem com planos para uma vida inteira e pai. E que mesmo assim, sabe que o Ricardo de antes pode aparecer em qualquer momento para ocupar o lugar do que está aqui hoje na minha frente.

Miguel ainda seguiu com a conversa até o outro paciente chegar. Se despediram com a certeza de que Ricardo voltaria daqui algumas semanas. Sorriu para o nada e percebeu que ainda havia mais um paciente seu que queria ver naquelas mesmas condições de Ricardo. Um certo professor de química chamado de Jonathan Ramiro Dering.

Ricardo era ciente da sua condição para o resto dos seus dias. E se tranquilizava em ter a certeza de que, além dele, Bia também compreendia. Para Ricardo ela estar ao seu lado valia mais do que ele mesmo. Era por ela que Ricardo se mantinha estável, era por Bia que ele tomava seus remédios diariamente. Era por sua noiva que ele ainda não tinha desistido de tudo. E agora poderia colocar Felipe também.

Por eles Ricardo faria o impossível.

Saiu do consultório de Miguel e foi direto para a faculdade, onde uma turma o esperava para mais uma aula com o professor doutor Ricardo. Considerado um dos melhores da faculdade e o mais querido entre os alunos. Sua fama na faculdade era tanta, que sempre tinha alunos de outras áreas enfiados em suas turmas para ver ele explicando. E quando o professor Jonathan se

juntava, a aula ficava bem melhor. A física e química se misturavam de uma forma que os alunos entendiam e ainda gostavam.

Passou no meio do refeitório e uma cena corriqueira chamou a sua atenção. Principalmente de alguém em pé limpando a mesa antes de se sentar para comer, acompanhando de uma bela mulher com um bebê agitado nos braços. Caminhou até lá e foi recebido por alguns gritos do bebê.

— Olha o papai, Felipe! — Bia disse ao ver Ricardo se aproximando. Ricardo a beijou e pegou Felipe no colo para o delírio dele. — Como foi como tio Miguel, papai?

— Muito bem, meus amores. O que vocês estão fazendo aqui? Vieram de carona com o dindo?

— Gostaria de saber o que eles fazem com as minhas sugestões para a melhoria desse refeitório. Nem um pau de galinheiro é tão sujo como essas mesas! — Ele mostrou o lenço que estava usando em uma cor completamente diferente do habitual. — Tenho até medo de levar isso para um microscópio e ver... sei lá, bactérias de peste negra aqui.

— Vou usar isso na tese do meu mestrado — brincou Bia. — O que podemos encontrar em uma mesa de refeitório em uma faculdade onde banho nos alunos é opcional.

— Vou te ajudar a coletar dados.

Ricardo e Beatriz não conseguiram segurar o riso, até mesmo Felipe riu do seu dindo. Bia estava radiante com a volta à faculdade e a bolsa para o mestrado, que ela tanto sonhou. Não acreditou quando foi buscar seu diploma da especialização e o professor a chamou para a sua sala. Disse que sabia que ela havia passado por maus bocados com a gestação, mas que esperava que ela voltasse assim que pudesse para a faculdade e aproveitar aquela oportunidade única.

Ricardo nem precisou escutar Bia terminar de contar para entrar em contato com o pessoal da secretaria e pedindo que mudassem os seus horários de aula. Enquanto Bia estivesse estudando ele estaria em casa com Felipe, e vice-versa. Ricardo concordava com o professor de Bia para que ela voltasse a estudar assim que se sentisse pronta para isso.

Beatriz demorou um pouco para voltar, poderia ter voltado antes, o problema era que ela não queria largar Felipe por tantas horas assim. Era apegada demais ao filho e, por mais que amasse ver ele com Ricardo e confiasse de olhos fechados nele, no fundo sentia uma pontadinha de ciúmes ao ver os dois juntos sem ela por perto. Irracional e completamente aceitável como explicou Fernanda, a quem Bia recorreu quando esse sentimento apareceu. Fernanda explicou que até hoje ainda sente ciúmes de Sérgio com as crianças. Todas as mães querem seus filhos só para si, afirmou ela para o pequeno, mas não duradouro, alívio de Beatriz.

Os quatro, ou três e meio, almoçaram juntos. Jonathan estava empolgado com algum trabalho diferenciado que estava fazendo com seus alunos, Ricardo com o andamento de suas turmas e a sensação de um semestre tranquilo, Bia entusiasmada com os trabalhos do mestrado e Felipe alegre por poder ficar ao lado dos três e passando de colo em colo conforme o agradava.

O dia transcorreu com normalidade para Ricardo, apenas com ele contando os minutos para acabar o dia e ir para casa. Era a melhor hora para ele. Deixar a faculdade, enfrentar o trânsito até chegar em casa e encontrar Beatriz e Felipe o esperando.

Era a alegria do dia, ele colocava. Não havia nada melhor do que aquilo.

Ele tinha certeza disso.

E de que nunca mudaria.

Epílogo

— Está pronto? — Sérgio olhou para Ricardo se ajeitando em cima do cavalo.

— Sim. — O cavalo se remexeu e Ricardo agarrou nas rédeas.

— Então vamos lá. — Sérgio esporeou o seu cavalo e saiu em direção de Jonathan, que parecia muito branco, em pânico em cima da égua mais mansa que havia pela região, ao lado de Richard.

Os quatro cavalgaram o pequeno caminho simbólico até onde a cerimônia seria realizada. Noivo sendo trazido a cavalo pelos padrinhos e noiva em uma charrete junto com suas madrinhas e seu pai.

Ricardo estava um pouco nervoso. Mas tentava não transparecer, até porque, não queria dar uma de noivo paranoico no dia do seu próprio casamento. Ele nem acreditava que a data finalmente havia chegado. Tanto tempo havia se passado desde aquele pedido estranho que ele tinha feito à Bia há mais de quatro anos atrás.

Quatro anos? Era isso mesmo?

Sim, se recordava ao lembrar a idade de Felipe. Quatro anos. Parecia que tinha sido ontem que todo aquele tormento do parto de Bia havia passado. Tudo tinha acontecido há um piscar de olhos.

Sua comitiva começava a se aproximar de onde os convidados estavam e seu coração a dar sinais de que não estava no seu compasso certo. Era um bom sinal, pelo menos ele esperava que fosse.

Chegou ao lugar demarcado e apeou do cavalo, ao lado dos seus padrinhos. Um olhar mais atendo ao Jonathan, mesmo com treinamento de como andar a cavalo desde que a ideia de se casarem ali foi acertada, não garantia que ele não cairia de cara no chão e saísse da festa antes mesmo dela começar para tomar um banho. Por sorte, Jonathan havia descido da sua égua com facilidade e “ninguém” percebeu ele limpando as mãos logo após isso. Ricardo tinha a certeza de que aquilo tinha sido flagrado pelas câmeras dos fotógrafos. Chegou até a abrir um sorriso tímido.

Deixou Sérgio, Richard e Jonathan tomarem a sua frente, os três pilchados com esmero, mas não tão perfeitos como Ricardo que veio logo atrás para cima do altar à espera de Beatriz e sua comitiva. Se tudo estivesse certo, em poucos minutos ela chegaria. Observou os convidados e piscou para Inácio sentado na primeira fila ao lado da mãe de Bia, já ansiosa olhando para todos os lados. Inácio estava um rapaz já, treze anos. Parecia que tinha sido ontem que Fernanda havia chegado à casa dos Chiarelli grávida dele.

Ricardo começou a pensar na sua vida e no passar dos seus anos. Principalmente naqueles últimos quatro, pós nascimento de Felipe. Quanta coisa tinha mudado desde então...

Continuava na faculdade dando suas aulas de física. Gostava de fazer aquilo, com toda a sua paixão às exatas. Adorava ver a cara de apavorado dos alunos e vê-los mudarem de expressão quando simplificava as coisas para eles. Era um dom mágico, e que agora estava começando a aflorar em Bia. Ela, como já se era esperado, terminou seu mestrado e doutorado

em farmácia e bioquímica com louvor e começou a fazer parte do corpo docente da faculdade ao lado de Ricardo e Jonathan. Era um trio difícil de ser batido em comparação aos outros professores.

Com os horários dos dois acertados, as voltas para casa nos finais de semana eram mais cedo do que antes. E por causa deste detalhe, finalmente os dois puderam voltar à ativa no CTG e a participarem da internada adulta. Era um sonho que Ricardo pode realizar ao lado de Bia novamente. Voltar a dançar era tudo que ele mais queria retornar a fazer e sabia que só teria graça se Beatriz estivesse ao seu lado.

Como era de se esperar, o entrosamento, prática e parceria dos dois adicionou muito ao desempenho artístico do grupo. Ainda havia muitos pontos a serem melhorados, mas o time estava ganhando mais visibilidade a cada apresentação que faziam. E não era qualquer grupo de internada adulta que tinham um primeiro peão e primeira prenda do estado na época juvenil e um dos recentes de chula adulta. Ricardo e Beatriz tinham um nome de peso quando o assunto era a parte artística do CTG.

E filho de peixe, peixinho é.... Principalmente quando é dos dois lados. Felipe já começava a acompanhar os pais nos ensaios e seus pais estavam loucos para colocarem ele na infantil, mas os professores só aceitariam acima dos cinco anos. Faltava pouco, mas nada impedia de Bia e Kado ensinarem para o filho alguns passos básicos em casa. Era uma graça ver aquele arremedo de gente, como dizia Sérgio, dançando sozinho ou com Sofia, que já se apresentava.

O movimento a sua volta chamou sua atenção dos devaneios de Ricardo. Sentiu a mão de Sérgio no seu ombro e olhou em direção a charrete enfeitada que trazia a comitiva de Beatriz. No meio de Fernanda, Liana, Sofia e Felipe, estava Bia sorrindo. Sorrindo daquela forma que fazia com que Ricardo se hipnotizasse. Ele nunca conseguia agir normalmente quando ela fazia aquilo.

O pai de Bia saltou da charrete e ajudou as madrinhas a descerem com seus vestidos de prenda combinando. Felipe pulou no colo do avô e Sofia desceu com toda a classe de uma pequena prendinha enquanto Fernanda arrumava o vestido da filha.

— Minhas prendas. — Ouviu Sérgio suspirar e sorrir atrás dele.

Ricardo não conseguiu se virar para o irmão, pois a sua atenção estava toda em Bia e seu vestido de prenda branco. Ela era a mais bonita em todo o estado.

Bia deu a mão para o seu pai e saiu da charrete com todo o cuidado possível. Liana apareceu ao seu lado arrumando seu vestido e o véu que descia nas suas costas.

— Ainda dá tempo de desistir. Acho que deve ter uma boa parte desses convidados esperando por isso. Alguém deve ter apostado que...

— Liana! — Fernanda chamou a atenção da cunhada.

— Que foi? Só estou comentando e... Olá Richard pilchado.... — Falou olhando para o altar com os rapazes as esperando. — Sempre gostei de como ele fica pilchado. Mais gostoso do que nunca.

— Vocês dois não... — Bia comentou, mas a amiga a parou com um olhar.

— Não pergunte se não quer saber a resposta. — Alertou Fernanda para ninguém em específico. — Nem eu me atrevo a perguntar certas coisas, Bia.

Liana sorriu culpadamente.

Bia não tinha certeza de mais nada. Era um fato de que Richard havia se mudado por completo para as peças que eram para ser um depósito de Liana, atrás de sua casa. Richard disse que não precisava de luxo na vida, um quarto, banheiro e cozinha estavam mais que suficiente, desde que ele tivesse um consultório para atender seus pacientes, estaria feliz. Estava trabalhando nas salas extras do consultório de Liana e fazendo plantões cirúrgicos no hospital em que já atendia na capital e algumas vezes no da pequena cidade em que morava agora.

Liana estava bem com o, seja lá o que Richard for, ao seu lado. Os dois estavam sempre juntos e tinham planos para os próximos anos. Planos que Sérgio sempre ficava aflito quando escutava. O projeto de os dois abrirem um bar ainda tiraria seu sono.

Bia apenas sorriu e desejou toda a felicidade do mundo para a amiga. Queria um dia que Liana experimentasse tudo que ela tem com Ricardo. Principalmente um momento mágico como um casamento.

Bia nem acreditava que finalmente estava se casando, e dessa vez com o cara certo e uma cerimônia perfeita. Do jeito que ela planejou todos os detalhes ao lado de Ricardo e as duas famílias. Um casamento simples, mas cheio de significado para os dois. Nenhum lugar seria suficiente bom para ambos como o CTG em que eles passaram, e voltaram a passar, tanto tempo juntos. Foi ali que Bia percebeu que estava apaixonada por Ricardo, mesmo ainda sendo quase uma criança. E foi ali que ela teve a certeza de que estaria ao lado dele para o resto da sua vida.

— Está pronta? — Seu pai lhe estendeu o braço.

— Sim! — Respondeu percebendo que um sorriso gigante estava estampado no seu rosto e ela nem precisava se lembrar de sorrir. Fazia isso automaticamente por realmente estar vivendo aquele momento e o sentimento.

Felipe deu a mão para a prima, Sofia, e os dois começaram a caminhar em frente de Fernanda e Liana. Seu gauchinho lindo. Bia sempre gostou de crianças, mas nada superava o fato de ter o seu próprio filho. Uma criança perfeita para ela em todos os sentidos e que era um amor em todos os sentidos.

Observou Felipe chegar ao altar junto com Sofia e Ricardo se abaixar para arrumar o lenço vermelho do filho. Ele ainda tinha grande dificuldade de arrumar o seu, mas sempre deixava o de Felipe impecável. Fazia questão de fazer isso todas as vezes em que o filho se pilchava. Bia apenas ficava assistindo à interação dos dois e suspirando. Era o pai e filho perfeito que ela sonhava para a sua vida.

Seu pai a acompanhou até Ricardo onde a entregou. Quando seus olhos se puseram nos deles, percebeu que ele estava tão feliz quanto ela. Ricardo nunca mentia pelos seus olhos, nos mais de cinco anos que os dois estavam juntos, bastava Bia olhar para os olhos de Ricardo e saber o que estava acontecendo com ele. E ainda não entendia como as pessoas não percebiam o que se passava com Ricardo só em focar nos seus olhos.

Eram as janelas para a alma dele. Quando Ricardo não estava bem, e esses dias ainda se faziam presentes, ela já sabia ao olhar para Ricardo. Largava o que estava fazendo só para estar ao lado dele e ser o que Kado precisasse. Assim como ele era tudo para ela.

Casaram na presença dos familiares e amigos. E a festa começou quando Ricardo tirou Bia para dançarem a primeira música. Não poderia ser outra senão uma tradicionalista. A mesma que dançaram tantas vezes quando menores e dançavam até hoje quando ela tocava. Aquela que rendeu os prêmios. Aquela que era perfeita para os dois. Aquela que sempre iria tocar o coração deles quando escutassem.

Dançaram como se o mundo tivesse parado por completo para eles. Dançaram sorrindo um para o outro, sabendo sempre onde se colocarem com perfeição. Se embalaram ao som das músicas que faziam os seus corações baterem mais rápido. E só pararam quando Felipe cansou de ficar olhando os pais dançando e resolveu se meter no meio deles. Dançar em trio agora era uma nova tradição para Ricardo e Beatriz.

O baile começou animado. Bia teve que pedir arrego quando suas pernas começaram a doer. Ricardo estava animado e seguiu dançando com a mãe de Bia enquanto ela descansava ao lado de Jonathan. Deitou a cabeça no ombro do amigo que nem conseguiu desviar dela.

— Por que tu está sentado aqui e não está aproveitando a festa? — Questionou ela ao padrinho do noivo, que não quis a companhia de uma madrinha ao seu lado. Bia poderia escolher uma amiga para fazer companhia a Jonathan, mas ele achou a ideia estressante demais. Teria que ficar ao lado de uma mulher que ele não conhecia.

— Estou me divertindo bastante. E bebendo.

Bia o abraçou pelos ombros. Sabia que Jonathan detestava o contato físico, mas ela não resistia. Jonathan ficava mais charmoso quando estava fora da sua zona de conforto. Vulnerável e fofinho, como Fernanda dizia.

— Estaria mais se estivesse dançando. Vai dançar uma comigo e não se pode negar nada para a noiva no dia do seu casamento. — Ameaçou.

Jonathan riu enquanto tomava um pouco da sua bebida.

— Não sei dançar, Bia. Tu sabe disso.

— E quero te ensinar, por favor, John.... Deixa eu te ensinar a dançar. Ou o Kado, ele é ótimo professor.

Jonathan não respondeu. Dançar significava ficar perto demais de outra pessoa, e ele não tolerava contato físico com estranhos. O máximo que aguentava era Bia, Liana e Fernanda, elas estavam sempre tocando Jonathan e ele achava rude demais de sua parte evitar o contato. Elas sempre foram amigas dele e por elas ele fazia uma concessão. Mas não queria dizer que ele apreciava. O único que o fazia feliz era de Felipe e Sofia, seus afilhados. Por eles Jonathan até mesmo encarava a piscina, mas depois de se certificar de que a água estava corretamente tratada. Sérgio teve que fazer uma reunião com o cara que tratava a água com Jonathan para acertarem alguns pontos. Óbvio que Sérgio avisou antes para o rapaz que não era para levar em consideração a metade o que Jonathan falava.

Bia beijou a bochecha de Jonathan e ainda disse que resolveria a situação dele um dia. Jonathan não compreendeu completamente o que ela havia falado, e seguiu tomando a sua bebida.

Ricardo apareceu novamente com Felipe no colo e Beatriz se encheu de felicidade em ver

os seus meninos.

— Alguém está dormindo em pé e tenho certeza de que ele se encontra em algum lugar por baixo de toda essa sujeira.

— Coitadinho, não tirou o cochilo da tarde de tão empolgado. — Bia afagou os cabelos do filho, iguais ao de seu pai. Bia tinha uma grande desconfiança de que apenas sofrera e gestara Felipe, de resto ele era todo Ricardo. Desde o jeito metódico de arrumar as suas coisas, o jeito que fica vermelho quando envergonhado e o modo carinhoso de ser.

— A mãe da Fernanda já está indo, disse que não tem mais pique para as festas do CTG até o sol aparecer. O Sérgio vai levar ela e já deixar a Sofia dormindo, acho que já vou mandar o Felipe junto. O que acha?

— Ótimo, assim não precisamos ficar de olho nele o tempo todo. Vamos poder aproveitar a festa até o final.

Ricardo concordou.

Beatriz sorriu e ele teve a certeza de que não queria aproveitar a festa até o final.

Queria aproveitar a sua vida ao lado dele até o final.